MESTRES DO HORROR E DA FANTASIA

a metade negra

STEPHEN KING

Francisco Alves

A Metade Negra

Stephen King

Tradução de CATARINA HORTA SALGUEIRO

Círculo de Leitores

As vidas das pessoas — as suas verdadeiras vidas, em oposição à mera existência física — começam em alturas diferentes. A verdadeira vida de Thad Beaumont, um rapazinho nascido e criado na zona Ridgeway de Bergenfield, estado de Nova Jersey, começou em 1960. Nesse ano, duas coisas lhe aconteceram. A primeira modelou a sua vida; a segunda quase acabou com ela. Nesse ano, Thad Beaumont contava onze anos.

Em Janeiro, participou com um conto num concurso de composição literária patrocinado pela revista American Teen. Em Junho, recebeu uma carta dos editores da revista anunciando que lhe fora atribuída uma Menção Honrosa na categoria de Ficção do Concurso. A carta dizia ainda que os juízes lhe teriam concedido o segundo lugar se a sua candidatura não revelasse que ainda lhe faltavam dois anos para se tornar num genuíno "Adolescente Americano". No entanto, diziam os editores, a sua história, Do Lado de Fora da Casa de Marty, era uma obra excepcionalmente madura, devendo, por isso, ser felicitado.

Duas semanas mais tarde, um certificado de mérito chegou da American Teen. Veio por carta registrada. O certificado apresentava o seu nome escrito numa letra tão enrolada, típica do estilo Velha Inglaterra, que ele praticamente não conseguiu decifrá-la, e um selo dourado na parte de baixo, com o logotipo da American Teen gravado em relevo: as silhuetas de um rapaz com cabelo cortado à escovinha e de uma rapariga de rabo-de-cavalo a dançarem o jitterbugl.

Thad, um rapaz sossegado e sério, que parecia nunca conseguir segurar o que quer que fosse e que tropeçava com freqüência nos próprios pés grandes, foi arrebatado pelos braços da mãe e coberto de beijos. O pai não ficou impressionado.

— Caramba, se foi assim tão bom, porque é que não lhe deram algum dinheiro? — resmungou ele das profundezas da sua poltrona.

— Glen...

— Deixa estar. Talvez aqui o nosso Ernest Hemingway me possa ir buscar uma cerveja depois de acabares de o apaparicar.

A mãe de Thad nada mais acrescentou... mas levou a emoldurar a carta original e o certificado que se lhe seguiu, tendo pago o trabalho com o dinheiro para os seus alfinetes e pendurado a moldura no quarto de Thad, por cima da cama. Sempre que recebia a visita de familiares ou de outras pessoas, levava-os a ver a moldura. Thad, dizia ela à sua visita, iria ser um grande escritor dali a alguns anos. Ela sempre sentira que o seu destino era vir a ser famoso, e aqui estava a primeira prova. Apesar de isto envergonhar Thad, ele amava demasiado a mãe para assim lhe dizer.

Envergonhado ou não, Thad decidiu que a sua mãe tinha, pelo menos, em parte razão. Não sabia se possuía ou não dentro de si aquilo que fazia de alguém um grande escritor mas, custasse o que custasse, Thad iria ser uma espécie de escritor qualquer.

Porque não? Ele era bom nisso. Mais importante ainda, sentia prazer em fazê-lo.

Quando as palavras saíam bem, gostava muito daquilo que fazia. E não teriam sempre a possibilidade de lhe recusarem o dinheiro por causa de um mero aspecto técnico. Thad não teria eternamente onze anos.

A segunda coisa importante que lhe aconteceu em 1960 teve início em Agosto. Foi quando começou a ter dores de cabeça. Ao princípio, não eram assim tão más, mas, quando a escola reabriu no início de Setembro, as dores moderadas e latentes nas têmporas e por detrás da testa tinham-se transformado em terríveis e colossais maratonas de sofrimento físico. Ele nada podia fazer quando essas dores de cabeça o mantinham preso nas suas garras exceto deixar-se ficar deitado na penumbra do quarto, à espera da morte. No final de Setembro, ele tinha esperanças de que fosse morrer. E, em meados de Outubro,

as dores tinham aumentado de tal forma que Thad começou a temer que não morreria.

O início destas dores de cabeça horríveis era habitualmente assinalado por um som fantasmagórico que só ele conseguia ouvir e que se assemelhava ao chilrear longínquo de milhares de passarinhos. Por vezes, Thad imaginava que quase conseguia ver estes pássaros, que acreditava serem pardais, agrupados às dezenas sobre as linhas telefônicas e os telhados, tal como faziam na Primavera e no Outono. A mãe levou-o ao Dr. Seward.

Este examinou os olhos de Thad com um oftalmoscópio, e abanou a cabeça. De seguida, correndo mais as cortinas e desligando a luz do teto, pediu que Thad olhasse para um ponto em branco da parede da sala de consultas. Utilizando uma lanterna elétrica, ligou e desligou rapidamente um círculo de luz clara, enquanto Thad fitava a parede.

— Isto não te faz sentir esquisito, rapaz?

Thad abanou a cabeça.

— Não te sentes tonto? Como se fosses desmaiar?

Thad tornou a abanar a cabeça.

— Não te cheira a nada? Talvez a fruta podre ou a trapos queimados?

— Não.

— E quanto aos teus pássaros? Ouviste-os quando a luz piscou?

— Não — respondeu Thad, perplexo.

— São os nervos — disse mais tarde o pai de Thad, depois de este ser levado para a sala de espera no exterior. — O raio do rapaz está uma pilha de nervos.

— Penso que são enxaquecas — explicou-lhes o Dr. Seward. — Pouco habituais em alguém tão jovem, mas não propriamente invulgares. E ele parece ser um rapaz muito... sério.

— E é — replicou Shayla Beaumont, não sem deixar transparecer uma certa aprovação.

— Bem, talvez algum dia se descubra uma cura. Para já, receio que ele ir ter de sofrer até elas passarem. — Sim, e nós com ele — acrescentou Glen Beaumont.

Mas não eram os nervos, e não eram enxaquecas, e não passaram.

Quatro dias antes da Noite das Bruxas, Shayla Beaumont ouviu um dos miúdos com quem Thad costumava esperar pela carrinha da escola todas as manhãs começar aos gritos. Olhou pela janela da cozinha e viu o filho deitado na estrada, em convulsões. A lancheira encontrava-se a seu lado, com o conteúdo de fruta e sanduíches espalhado pela superfície quente da estrada. Shayla correu para fora de casa, enxotou as outras crianças e, de seguida, ficou debruçada sobre o filho, impotente, com medo de lhe tocar.

Se o grande autocarro amarelo com o Sr. Reed ao volante tivesse chegado um pouco mais tarde, Thad poderia ter morrido exatamente ali, à beira da estrada. Mas o Sr. Reed tinha sido médico na Coréia. Assim, soube inclinar a cabeça do rapaz para trás e deixar entrar um pouco de ar antes que Thad morresse sufocado com a própria língua. Uma ambulância levou-o para o Hospital do Município de Bergenfield e, por mero acaso, na altura em que o rapaz foi levado para dentro numa maca, um médico chamado Hugh Pritchard encontrava-se na sala de urgências, a beber café e a trocar piadas sobre golfe com um colega. E também por mero acaso, Hugh Pritchard era apenas o melhor neurologista do estado de Nova Jersey.

Pritchard mandou que se efetuassem radiografias e examinou-as. Mostrou-as aos Beaumont, pedindo-lhes que olhassem com particular atenção para a sombra difusa que marcara a lápis de cera com um círculo amarelo em seu redor.

— Isto — disse. — O que é isto?

— Como é que havemos de saber? — perguntou Glen Beaumont. — O senhor é que é o maldito médico.

— Muito bem — replicou Pritchard, secamente.

— A patroa disse que parecia que ele tivera um ataque — afirmou Glen.

— Se com isso — disse o Dr. Pritchard — o senhor pretende dizer que ele teve uma crise convulsiva, sim, é verdade. Se com isso o senhor pretende dizer que ele teve um ataque epiléptico, estou absolutamente certo de que não o teve. Um ataque tão grave como aquele que acometeu o seu filho teria realmente que ser um grande mal e Thad não mostrou qualquer tipo de reação ao teste à luz. Na verdade, se ele sofresse de epilepsia não precisariam de um médico para lhe dizer isto. Acabaria por se pôr a dançar o watusis no tapete da sala de estar sempre que a imagem do vosso aparelho de televisão ficasse desregulada.

— Então o que é aquilo? — inquiriu Shayla, timidamente.

Pritchard virou-se para as radiografias presas diante do expositor iluminado.

— O que é isto? — corrigiu ele, tornando a bater ao de leve na área delimitada pelo círculo. — O aparecimento repentino das dores de cabeça, associado a uma ausência total de ataques prévios, sugere-me que o vosso filho tem um tumor cerebral, provavelmente ainda pequeno, e esperemos que benigno.

Impassível, Glen Beaumont fitou o médico, enquanto a sua mulher se mantinha a seu lado e chorava, escondendo o rosto num lenço. Shayla chorava sem fazer qualquer barulho. Este choro silencioso era o resultado de anos de treino matrimonial. Os punhos de Glen eram rápidos e dolorosos e quase nunca deixavam marcas. Após doze anos de sofrimento em silêncio, era provável que ela não conseguisse chorar alto, mesmo se o quisesse fazer.

— Isto tudo quer dizer que o senhor doutor quer cortar os miolos do miúdo? — perguntou Glen, com o seu tato e delicadeza habituais.

— Eu não poria as coisas nesses termos, senhor Beaumont, mas penso que será necessária uma intervenção cirúrgica exploratória, sem dúvida alguma. — E pensou: "Se Deus realmente existe, e se Ele realmente nos fez à Sua imagem, nem sequer gosto de pensar na razão pela qual existem tantos homens horríveis como este, que andam por aí com os destinos de outros tantos nas mãos."

Durante um longo instante Glen permaneceu silencioso, cabisbaixo e com a testa franzida, concentrado a pensar. Por fim, levantou a cabeça e fez a pergunta que, no fundo, mais o preocupava.

— Diga-me a verdade, senhor doutor: quanto é que tudo isto vai custar?

A auxiliar de enfermagem da sala de operações foi a primeira pessoa a ver.

Na sala de operações, onde os únicos sons nos últimos quinze minutos tinham sido as ordens murmuradas do Dr. Pritchard, o assobio dos volumosos aparelhos de manutenção da vida, e o gemido curto e agudo da serra Negli, o grito lançado soou estridente e dissonante.

Aos tropeções, a enfermeira deu alguns passos para trás, bateu num tabuleiro de rodas Ross sobre o qual estavam cuidadosamente dispostos quase duas dúzias de instrumentos cirúrgicos e atirou-o ao chão. O tabuleiro bateu no chão de ladrilhos com um baque que ecoou por toda a sala, a que se seguiu uma série de tinidos mais pequenos.

— Hilary! — gritou a enfermeira-chefe, com a voz perpassada de choque e surpresa, perdendo de tal modo o controlo sobre si mesma que acabou por dar um passo na direção da mulher em fuga na sua esvoaçante bata verde.

Com um dos pés enfiados num dos protetores de calçado, o Dr. Albertson, que se encontrava a assistir à cirurgia, deu um ligeiro pontapé na barriga da perna da enfermeira-chefe.

— Lembre-se de onde está, por favor.

— Sim, senhor doutor. — Virando imediatamente as costas, a enfermeira-chefe nem sequer olhou para a porta da sala de operações quando esta foi aberta com estrondo por Hilary, que saiu da sala a correr, tendo virado à esquerda, ainda a gritar como um carro de bombeiros desembestado.

— Ponha os instrumentos no esterilizador – ordenou Albertson. — Imediatamente. Toca a andar.

— Sim, senhor doutor.

Ofegante, a enfermeira-chefe começou a recolher os instrumentos, claramente perturbada mas já com total domínio sobre si mesma.

O Dr. Pritchard parecia não ter reparado em nada disto. Olhava com uma atenção arrebatada para a janela que tinha sido esculpida no crânio de Thad Beaumont.

— Incrível — murmurou. — Absolutamente incrível. Este é mesmo um daqueles casos para os livros. Se não estivesse a ver com os meus próprios olhos... — O assobio do esterilizador pareceu despertá-lo, tendo olhado para o Dr. Albertson. — Quero aspiração — ordenou de forma ríspida, olhando de soslaio para a enfermeira. — E que raio é que você está a fazer? As palavras cruzadas do Times de domingo? Mexa-me mais esse cu e traga-me os instrumentos!

A enfermeira aproximou-se, levando os instrumentos numa vasilha limpa.

— Quero aspiração, Lester — pediu Pritchard a Albertson.

— Imediatamente. Já. Depois, vou mostrar-te uma coisa que nunca viste a não ser numa feira de aberrações da natureza.

Ignorando a enfermeira-chefe, que deu um salto para trás, se desviou do caminho e equilibrou os instrumentos com destreza, Albertson empurrou a

bomba de aspiração até junto de Pritchard. Pritchard estava a olhar para o anestesista.

— Dá-me uma boa pressão arterial, meu amigo. Uma boa pressão arterial é tudo quanto peço.

— Ele tem um-zero-cinco sobre setenta e oito. Estável como uma rocha.

— Bem, a mãe dele diz que temos o futuro William Shakespeare deitado à nossa frente, portanto, mantém esses valores. Aspiração com ele, Lester. Não lhe faças cócegas com a maldita coisa!

Albertson aplicou a aspiração, limpando o sangue. Como pano de fundo, o apito do aparelho de monitorização mantinha-se regular, monótono e reconfortante. Foi então que Albertson passou a aspirar a própria respiração. Foi como se alguém lhe tivesse dado um murro bem forte na barriga.

— Oh, meu Deus! Oh, Jesus Cristo! — Por um instante, Albertson recuou... depois, aproximou-se e inclinou-se. Por cima da máscara e por detrás dos óculos de aros de osso, os olhos abriram-se como uma repentina curiosidade cintilante. — Que é isto?

— Penso que estás a ver aquilo que é – respondeu Pritchard. — Só que levamos alguns segundos a nos habituarmos. Já li coisas sobre isto mas nunca esperei ver realmente alguma.

O cérebro de Thad Beaumont tinha a cor da orla da concha de um búzio: um cinzento nem muito escuro e nem muito claro, com uma ligeiríssima tonalidade rosa. Saliente na superfície macia da dura-máter, via-se um único olho humano, cego e disforme. O cérebro batia ligeiramente e o olho batia juntamente com ele. Era como se estivesse a tentar lançar-lhes uma piscadela. Fora isto — a impressão do olho a piscar — que levara a auxiliar de enfermagem para fora da sala de operações.

— Meu Deus, que é isto? — perguntou Albertson mais uma vez.

— Nada — replicou Pritchard. — Em tempos, talvez tivesse feito parte de um ser humano vivo e saudável. Agora, não é nada. A não ser um contratempo, e nada mais. E, por acaso, trata-se de um contratempo que nós sabemos como resolver.

O anestesista, Dr. Loring, perguntou:

— Dá-me licença que veja, doutor Pritchard?

— Ele ainda está regular?

— Sim.

— Então, vá lá. Esta é uma daquelas coisas que vai contar aos seus netos. Mas seja rápido. — Enquanto Loring observava, Pritchard virou-se para Albertson. — Quero a Negli — ordenou. — Vou abri-lo um pouco mais. Depois, examinamos com a sonda. Não sei se consigo tirar tudo, mas vou tirar tudo aquilo que puder.

Agora na qualidade de instrumentista principal da sala de operações, Les Albertson passou a sonda de novo esterilizada para a mão enluvada de Pritchard quando este a pediu. Pritchard — que, neste momento, cantarolava baixinho o tema principal da série televisiva Bonanza — explorou a abertura cirúrgica com rapidez e praticamente sem esforço algum, recorrendo apenas ocasionalmente ao espelho do gênero dentário montado na extremidade da sonda. Pritchard trabalhava essencialmente com base no tato. Mais tarde, Albertson diria que nunca assistira a uma intervenção cirúrgica tão emocionante e instintiva em toda a sua vida.

Além do olho, encontraram parte de uma narina, três unhas e dois dentes. Um dos dentes continha uma pequena cavidade. O olho continuou a bater e a tentar piscar até ao momento em que Pritchard utilizou o bisturi com ponta de agulha para, primeiro, perfurá-lo e, de seguida, extirpá-lo. Na sua totalidade, a operação, do exame inicial com a sonda à extirpação final, demorou apenas vinte e sete minutos.

Com um som de chape, cinco nacos de carne foram depositados, ainda úmidos, na tigela de aço inoxidável sobre o tabuleiro Ross, ao lado da cabeça rapada de Thad.

— Penso que estamos limpos — afirmou Pritchard por fim. — Todo o tecido estranho parecia estar ligado por meio de gânglios rudimentares. Mesmo que existam outros nacos, creio que o mais provável é que os tenhamos morto.

— Mas... como isso pode ser se o miúdo ainda está vivo? Isto é, faz tudo parte dele, não é? Será que lhe faltam unhas? — perguntou Loring, confuso.

Pritchard apontou para o tabuleiro.

— Encontramos um olho, alguns dentes e umas unhas na cabeça deste miúdo e o senhor acha que isto fazia parte dele? Viu se lhe faltava alguma unha? Quer verificar?

— Mas até mesmo o cancro constitui apenas uma parte do paciente...

— Isto não era nenhum cancro — replicou Pritchard, pacientemente. As suas mãos continuavam a trabalhar enquanto falava. — Meu caro amigo, em muitos partos onde uma mãe dá apenas à luz uma criança, essa criança começou, na verdade, a sua existência como irmão gêmeo. É até possível que isso chegue mesmo a acontecer duas vezes em cada dez casos. Que acontece ao outro feto? O mais forte absorve o mais fraco.

— Absorve-o? Está a querer dizer que ele o come? — perguntou Loring, aparentando um ar um pouco amarelado. — Será que estamos a falar aqui de canibalismo in utero?

— Chame-lhe o que quiser; o fato é que acontece com relativa freqüência. Se alguma vez chegarem a desenvolver aquele aparelho de ecografia de que estão sempre a falar nas conferências médicas, talvez possamos descobrir com que freqüência é que isso acontece. Contudo, independentemente da freqüência ou não com que ocorre, o que aqui vimos hoje é muito mais raro. parte do gêmeo deste rapaz não foi absorvida e acabou por ir

parar ao lobo pré-frontal. Podia com toda a facilidade ter-se alojado nos intestinos, no baço, ou na espinal-medula: no fundo, em qualquer órgão. Habitualmente, os únicos médicos que têm oportunidade de ver uma coisa como esta são os patologistas. Isto aparece nas autópsias, e nunca ouvi falar de alguém a quem o tecido estranho tenha sido a causa da morte.

— Então, que aconteceu aqui? — inquiriu Albertson.

— Alguma coisa fez desencadear de novo o crescimento desta massa de tecido que, há um ano atrás, era provavelmente submicroscópica quanto ao tamanho. O relógio de crescimento do gêmeo absorvido, que deveria ter parado para sempre pelo menos um mês antes de a senhora Beaumont ter dado à luz, conseguiu, de algum modo, voltar a ter corda... e o raio da coisa começou, na verdade, a aumentar. Não há qualquer mistério naquilo que aconteceu; a pressão intracraniana era o suficiente para causar as dores de cabeça do miúdo e as convulsões que o trouxeram até aqui.

— Sim — retorquiu Loring brandamente — mas porque é que aconteceu?

Pritchard abanou a cabeça:

— Se daqui a trinta anos ainda estiver a exercer algo mais exigente do que a minha batida de golfe, pergunte-me nessa altura. Talvez tenha uma resposta. Neste momento, tudo aquilo que sei é que localizei e extirpei um tipo de tumor muito específico e raro.

Um tumor benigno. E, salvo complicações, creio que é isso que os pais têm de saber. O pai do miúdo faria o Homem de Piltdownl parecer um desses meninos-prodígios. Não me consigo ver a explicar-lhe que fiz um aborto ao filho de onze anos de idade. Les, vamos fechá-lo. — E, em gênero de remate, acrescentou, num tom jocoso, à enfermeira da sala de operações:

— Quero que aquela mulherzinha idiota que saiu daqui a correr seja despedida. Tome nota, por favor.

— Sim, senhor doutor.

Nove dias depois da intervenção cirúrgica, Thad Beaumont teve alta do hospital.

Durante os seis meses que se seguiram, a parte esquerda do seu corpo esteve confrangedoramente fraca e, de vez em quando, sempre que estava muito cansado, Thad via luzes intermitentes de padrão invulgar e pouco aleatório diante dos seus olhos.

A mãe de Thad comprou-lhe uma máquina de escrever Remington 32 como um presente de melhoras, e estes clarões de luz ocorriam com mais freqüência quando ele se encontrava debruçado sobre ela, antes de se deitar, a debater-se com o modo correto de exprimir algo ou a tentar imaginar aquilo que deveria acontecer de seguida na história que estava a escrever. Por fim, até mesmo os clarões acabaram por passar.

Aquele chilrear misterioso e fantasmagórico — o som de esquadrões de pardais a voar — desapareceu por completo após a operação.

Thad continuou a escrever, ganhando confiança e polindo o seu estilo emergente, tendo vendido a sua primeira história — à American Teen — seis anos após a sua vida ter verdadeiramente começado. Depois disso, nunca mais olhou para trás.

A única coisa que os pais de Thad ou ele próprio alguma vez souberam foi que, no Outono do seu décimo primeiro ano, lhe foi extirpado um pequeno tumor benigno do lobo pré-frontal do seu cérebro. Quando chegava a pensar nisso (o que passou a fazer com cada vez menos freqüência à medida que os anos passaram), Thad limitava-se a julgar que tivera uma enorme sorte em ter sobrevivido.

Naquele tempo, muitos doentes que eram submetidos a uma operação ao cérebro não tinham assim tanta sorte.

I - RECHEIO DOS TOLOS

Com lentidão e cuidado, Machine endireitou os clips com os dedos compridos e fortes.

— Agarra-lhe a cabeça, Jack — ordenou ao homem por detrás de Halstead. — Agarra-a com força, por favor.

Halstead percebeu aquilo que Machine pretendia fazer e começou aos gritos enquanto Jack Rangely pressionava as mãos grandes contra as têmporas da cabeça de Halstead, mantendo-a quieta. Os gritos ressoaram e ecoaram no armazém abandonado.

O amplo espaço vazio funcionava como um amplificador natural. Halstead assemelhava-se a um cantor de ópera a fazer exercícios de aquecimento da voz numa noite de estréia.

— Estou de volta — afirmou Machine.

Halstead cerrou os olhos com força, mas de nada valeu. A pequena haste de aço deslizou com facilidade através da pálpebra esquerda e, com um leve estampido, perfurou o globo ocular que se encontrava por detrás. Um líquido viscoso e gelatinoso começou a escorrer.

— Estou de volta dos mortos e não pareces nem um pouco feliz por me veres, seu filho da mãe ingrato.

A Caminho da Babilônia

de George Stark

UM - AS PESSOAS VÃO FALAR

O número de 23 de Maio da revista People era bastante típico.

A capa era adornada pela Celebridade Morta da semana, uma estrela de rock'n roll que se enforcara na cela de uma cadeia depois de ter sido presa por posse de cocaína e diversas outras drogas leves. O interior apresentava o "sortido" habitual: nove crimes sexuais por resolver na deserta zona ocidental do estado do Nebrasca; um guru de comida vegetariana que fora preso por pornografia infantil; uma dona de casa de Maryland que cultivara uma abóbora que se assemelhava um pouco ao busto de Jesus Cristo – isto era, se se olhasse para a abóbora com os olhos semicerrados e numa sala pouco iluminada; uma ousada rapariga paraplégica que se treinava para a prova de ciclismo "Bike-A-Thon" da Big Applel; um divórcio de Hollywood; um casamento da fina-flor de Nova Iorque; um praticante de luta livre em recuperação de um ataque cardíaco; um cômico que lutava na justiça por uma pensão de alimentos após o divórcio.

Havia ainda a história de um empresário do estado do Ut que estava a comercializar uma boneca novinha em folha, a última novidade do mercado, chamada "Olá Mamã! Olá Mamã!" que, supostamente, se assemelhava à "sogra preferida (?) de qualquer um".

A boneca tinha um gravador incorporado que proferia, com violência, frases típicas de um diálogo como "Querida, na minha casa, quando ele estava a crescer, o jantar nunca ficava frio" e "Quando venho passar duas semanas, o teu irmão nunca age, como se eu tivesse um hálito nauseabundo." No entanto, o verdadeiro disparate era que, em vez de se puxar uma corda nas costas da "Olá Mamã!" para esta começar a falar, era preciso dar um pontapé no raio da coisa com toda a força. "A Olá Mamã! é almofadada, inquebrável e não esburaca paredes nem mobília. E vem com garantia", afirmava o orgulhoso inventor, o Sr. Gaspard Wilmot (que, mencionava o artigo de passagem, fora em tempos acusado de evasão fiscal, tendo as acusações sido postas de lado).

E na trigésima terceira página deste número divertido e informativo da primeira revista americana em termos de divertimento e informação, surgia uma página cujo título era típico da People: poderoso, vigoroso e mordaz. BIO,

assim se chamava.

— A People — disse Thad Beaumont à mulher, Liz, sentados lado a lado na mesa da cozinha, lendo o artigo em conjunto pela segunda vez — gosta de ir direita ao assunto.

B10. Se não quiseres uma B10, passa para IN TROUBLE2 e lê tudo sobre as raparigas que estão a ser mortas e congeladas no coração do Nebrasca.

— Quando se pensa a sério nisso, não tem piada nenhuma — replicou Liz Beaumont, tendo acabado por deitar tudo por terra ao abafar uma risadinha num dos punhos fechados.

— Não é ah ah, mas é certamente peculiar – disse Thad, começando a folhear de novo o artigo. Enquanto assim fazia, coçava distraído a pequena cicatriz branca no alto da testa.

Tal como a maioria das BIOS da People, este era o artigo na revista onde se atribuía mais espaço às palavras do que às fotografias.

— Estás arrependido de o ter feito? — perguntou Liz, com um dos ouvidos em alerta para os gêmeos. Porém, até agora, eles estavam a portar-se lindamente, a dormir como uns anjinhos.

— Em primeiro lugar — respondeu Thad — eu não fiz nada. Nós fizemos. Todos por um e um por todos, lembras-te? — Thad bateu ao de leve numa fotografia na segunda página do artigo, que mostrava a esposa a oferecer-lhe uma caixa com bolinhos de chocolate, enquanto Thad se encontrava sentado diante da m quina de escrever, com uma folha de papel enrolada sob o cilindro. Era impossível ler aquilo que estava escrito no papel, se é que estava escrita alguma coisa. Provavelmente, tanto melhor, porque só poderia ser um palavreado sem sentido. Para Thad, escrever sempre fora sinônimo de trabalho árduo, não sendo o gênero de coisa que conseguisse fazer em público – sobretudo se um dos membros desse público era um fotógrafo para a revista People. Para George, fora muito mais fácil, mas para Thad Beaumont era extraordinariamente mais difícil. Liz não se aproximava de Thad sempre que este estava a tentar escrever (e, por vezes, acabava mesmo por consegui-lo).

Nunca lhe levava telegramas, quanto mais bolinhos de chocolate.

— Sim, mas...

— Em segundo lugar...

Thad fitou a fotografia de Liz com os bolinhos de chocolate e onde ele olhava para ela. Ambos estavam a fazer um sorriso forçado. Estes sorrisos são verdadeiramente singulares no rosto de pessoas que, apesar de agradáveis, são parcimoniosas a oferecer o que quer que fosse, mesmo coisas tão banais como sorrisos. Thad recordou a época que passara como guia de trilhos dos Apalaches, nos estados do Maine, New Hampshire e Vermont. Naquela época obscura, possuía um guaxinim como animal de estimação, de nome John Wesley Harding. Não que ele tivesse feito qualquer tentativa para domesticar John; o guaxinim tinha-se, pura e simplesmente, apaixonado por ele.

Também o velho J. W. gostava do seu golezinho nas noites frias e, por vezes, quando bebia mais do que a dose habitual da garrafa, o guaxinim sorria daquela maneira.

— Em segundo lugar o quê?

"Em segundo lugar, há algo de estranho no fato de um escritor, em tempos nomeado para o National Book Award', e de a sua mulher sorrirem um para o outro como um par de guaxinins bêbedos", pensou ele, não conseguindo conter uma gargalhada, que saiu do mais fundo de si.

— Thad, vais acordar os gêmeos!

Sem muito êxito, Thad tentou abafar o ataque de riso.

— Em segundo lugar, parecemos um par de idiotas e não me importo nada — afirmou ele, abraçando-a com força e beijando-a na concavidade da garganta.

No outro quarto, William começou a chorar, sendo seguido por Wendy.

Liz tentou olhar para ele de modo reprovador, mas não conseguiu. Era bom demais ouvi-lo rir. Bom, talvez, porque ele nunca ria o suficiente. Para ela, o som do riso de Thad tinha um encanto estranho e exótico. Thad Beaumont nunca fora um homem de muitas gargalhadas.

— Culpa minha — disse ele. — Eu vou lá buscá-los.

Ao levantar-se, Thad chocou contra a mesa e quase a deitou a baixo. Apesar de ser um homem cuidadoso, era peculiarmente desajeitado; aquela parte do rapaz que Thad fora em tempos ainda vivia dentro dele.

Liz conseguiu apanhar o jarro de flores que dispusera como centro de mesa exatamente antes de este escorregar até à beira da mesa e estatelar-se no chão.

— Francamente, Thad! — exclamou Liz. Mas também ela começou a rir.

Thad voltou a sentar-se por um instante. Apesar de não pegar propriamente na mão dela, acariciou-a entre as suas duas mãos.

— Ouve, amor, importas-te?

— Não — respondeu. Por breves momentos, Liz ponderou se devia acrescentar “No entanto, não me sinto à vontade. Não porque pareçamos um pouco tontos mas porque... bem, não sei porquê. Só sei que me faz sentir pouco à vontade”.

Pensou mas não o disse. Era pura e simplesmente bom de mais ouvi-lo rir. Liz agarrou numa das mãos dele, apertando-a ao de leve.

— Não — afirmou ela. — Não me importo. Acho que é divertido. E se toda esta publicidade ajudar O Cão Dourado quando finalmente decidires pôr mãos à obra e acabares o raio da coisa, melhor ainda.

Liz levantou-se, empurrando-o para baixo pelos ombros quando ele tentou juntar-se a ela.

— Da próxima vez, vais lá tu buscá-los — disse. – Quero que fiques sentado exatamente onde estás até que o teu ímpeto subconsciente de destruir o meu jarro acabe por passar.

— Sim, senhora — replicou, sorrindo. — Amo-te, Liz.

— Também te amo.

Liz foi buscar os gêmeos e Thad Beaumont recomeçou a folhear a sua B10.

Ao contrário da maioria dos artigos da People, a B10 de Thaddeus Beaumont começava não com uma fotografia de página inteira mas com uma outra que ocupava menos de um quarto da página. Independentemente disso, chamava a atenção pelo fato de o homem da tipografia, com uma certa queda para o invulgar, ter debruado a preto a imagem, que mostrava Thad e Liz num cemitério. Em baixo, as linhas datilografadas sobressaíam num contraste quase brutal.

Na fotografia, Thad empunhava uma pá e Liz uma picareta. Num dos lados, encontrava-se um carrinho de mão, contendo no seu interior outros utensílios próprios de um cemitério. Apesar de a campa propriamente dita se encontrar coberta de diversos ramos de flores, a lápide em si era perfeitamente legível.

GEORGE STARK

1975-1988

Não era um tipo muito simpático

Num contraste quase grosseiro com o local e o ato aparente (o enterro recém terminado daquele que deveria ter sido, de acordo com as datas, um rapaz no início da adolescência), estes dois falsos coveiros apertavam as mãos livres sobre os torrões de relva acabadinhos de colocar — e riam alegremente.

Claro que se tratava de uma pose. Todas as fotografias que acompanhavam o artigo — o enterro do corpo, o oferecimento dos bolinhos de chocolate, e Thad a vaguear solitariamente como uma nuvem baixa no caminho por entre as matas abandonadas de Ludlow — tinham sido encenadas. Era divertido. Nos últimos cinco anos, Liz tinha vindo a comprar a People no supermercado, e ambos faziam pouco da revista. No entanto, também ambos a folheavam, à vez, no supermercado, ou possivelmente na casa de banho se não houvesse nenhum livro bom à mão. De tempos a tempos, Thad especulava sobre o êxito da revista, perguntando-se se seria a devoção da mesma aos pormenores escabrosos das pessoas célebres que a tornava tão peculiarmente interessante, ou apenas o modo como estava disposta, com todas aquelas fotografias enormes a preto e branco e o texto a negrito, constituído na sua maioria por simples frases afirmativas. No entanto, nunca lhe passara pela cabeça perguntar-se se as fotografias seriam encenadas.

O fotógrafo fora uma mulher chamada Phyllis Myers. Phyllis informou Thad e Liz que tirara uma série de fotografias de ursinhos de pelúcia em caixões para crianças, com todos os ursos vestidos com roupas de crianças. Ela esperava vendê-las sob a forma de um livro a uma das grandes editoras de Nova Iorque. Só no segundo dia da sessão de fotos-e-entrevista é que Thad se apercebeu de que a mulher o estava a sondar sobre a possibilidade de escrever um texto. A Morte e os Ursinhos de Pelúcia, afirmava ela, seria "o comentário final e perfeito sobre a forma tipicamente americana de morrer, não acha, Thad?"

À luz dos seus interesses bastante macabros, Thad admitira que não era de todo surpreendente o fato de aquela mulher Myers ter encomendado a lápide de George Stark e de a ter trazido com ela desde Nova Iorque. Era feita de papier-machê.

— Não se importam de apertar as mãos em frente disto, pois não? — perguntara Phyllis com um sorriso nos lábios que era, ao mesmo tempo,

lisonjeiro e complacente. — Vai ficar uma foto maravilhosa.

Liz olhara para Thad, interrogando-o, um pouco chocada. De seguida, os dois tinham olhado para a lápide falsa que viera da cidade de Nova Iorque (sede de todo o ano da revista People) até Castle Rock, no estado do Maine (casa de Verão de Thad e Liz Beaumont), com um misto de espanto e admiração perplexa. Era da inscrição que os olhos de Thad não se conseguiam desviar. Não era um tipo muito simpático

No essencial, a história que a People queria contar aos infatigáveis fãs das celebridades da América era bastante simples. Thad Beaumont era um escritor bem visto, cujo primeiro romance, Os Dançarinos Inesperados, fora nomeado para o National Book Award em 1972. Este tipo de coisa tinha algum peso na crítica literária, mas os infatigáveis fãs das celebridades da América estavam-se absolutamente nas tintas para Thad Beaumont, que, desde essa altura, só publicara um outro romance com o seu nome. O homem que interessava realmente a muitos deles não era, afinal de contas, um homem real. Thad escrevera um enorme best-seller e três outros romances extremamente bem sucedidos logo de seguida sob um outro nome. O nome, está claro, era George Stark.

Jerry Harkavay, que constituía todo o pessoal de Waterville da Associated Press, fora o primeiro a vir a lume com a história de George Stark depois de o agente de Thad, Rick Cowley, a ter dado a conhecer a Louise Booker, da Publishers Weekly, com a aprovação de Thad. Nem Harkavay nem Booker tinham conseguido a história toda. Por um lado, Thad era inflexível quanto a nem sequer fazer uma alusão àquele imbecil de modos melífluos do Frederick Clawson. Ainda assim, não deixava de ser bastante bom alcançar uma maior tiragem do que aquela que quer o serviço noticioso da AP quer o mercado de revistas da indústria de livros publicados alguma vez conseguiriam proporcionar. Clawson, dissera Thad a Liz e a Rick, não era a história: ele era apenas o idiota que estava a forçá-los a tornarem a história pública.

No decurso daquela primeira entrevista, Jerry inquirira-o sobre o gênero de tipo que era George Stark. “George”, replicara Thad, “não era um tipo muito simpático.” A citação fora colocada no início do artigo de Jerry, tendo dado àquela mulher Myers a inspiração para encomendar, de fato, uma lápide falsa com essa mesma frase gravada.

Mundo esquisito. Mundo, mundo esquisito. Subitamente, Thad rebentou novamente de riso.

No campo a negro por debaixo da fotografia de Thad e de Liz num dos melhores cemitérios de Castle Rock, surgiam duas linhas datilografadas a branco.

"O ente querido desaparecido era extremamente intimo destas duas pessoas", dizia a primeira.

"ENTÃO, PORQUE ESTÃO ELAS A RIR?"— interrogava a segunda.

— Porque o mundo é um lugar terrivelmente estranho — afirmou Thad Beaumont, soltando uma gargalhada que tentou abafar com uma mão fechada.

Liz Beaumont não era a única que se sentia pouco à vontade com esta peculiar explosãozinha de publicidade. Ele próprio também se sentia pouco à vontade. Mesmo assim, Thad não conseguia cessar de rir. Parava por alguns segundos, mas sempre que os olhos pousavam de novo naquela linha ("Não era um tipo muito simpático"), uma nova enxurrada de gargalhadas ruidosas irrompia de dentro dele. Tentar parar era como procurar tapar os buracos de uma barragem de barro mal construída: mal se conseguia parar uma fuga, logo uma nova surgia num outro ponto qualquer.

Thad suspeitava que havia algo de errado com um riso tão incontrolado: era uma forma de histeria. Sabia que só muito raramente é que a boa disposição tinha alguma coisa a ver com tais ataques, se é que alguma vez chegava a ter. Com efeito, a causa tinha tendência para ser algo que era exatamente o oposto do engraçado. Provavelmente, era algo a temer.

"estás com medo do raio de um artigo na revista People? É nisso que estás a pensar? Burro! Com medo de ficar envergonhado, que os teus colegas do Departamento de Inglês olhem para estas fotografias e pensem que perdeste de vez os poucos pirulitos que ainda tinhas?"

Não. Ele nada tinha a temer dos colegas, nem mesmo daqueles que já lá estavam desde a época em que os dinossauros caminhavam pela Terra. Finalmente, fora reconhecido, e tinha também dinheiro suficiente para viver a vida como por favor, toque de trombetas! — um escritor a tempo inteiro, se assim o desejasse (Thad não tinha a certeza se era isso que queria; apesar de não se preocupar muito com os aspectos burocráticos e administrativos da vida universitária, ele até gostava de ensinar).

Também nada havia a temer porque há já alguns anos que deixara de dar muita importância ao que os colegas pensavam dele. Ele dava, sim, importância ao que os amigos pensavam, e em alguns casos, os seus amigos, os amigos da Liz, e os amigos em comum acabavam por ser seus colegas. No entanto, Thad acreditava que estas pessoas tinham também tendência para pensar que tudo isto era engraçado. Se havia algo a temer, era...

"Pára", ordenou-lhe o espírito no tom seco e severo, habitualmente responsável pela palidez e silêncio até do aluno mais ruidoso das turmas de calouros de Inglês. "Pára imediatamente com esse disparate. " De nada valia. Por mais eficaz que pudesse ser quando utilizada para com os seus alunos, esta voz não exercia qualquer poder sobre o próprio Thad.

Thad tornou a baixar a cabeça e a fitar a fotografia e, desta vez, os olhos não prestaram qualquer atenção ao seu rosto e ao da sua mulher, a fazerem caretas disparatadas um ao outro como dois miúdos num ritual de iniciação.

GEORGE STARK

1975-1988

Não era um tipo muito simpático

Era isso que o punha pouco á vontade.

Aquela lápide. Aquele nome. Aquelas datas. Acima de tudo, aquele epitáfio impertinente, que o fazia rir às gargalhadas, mas que, por alguma razão, por debaixo desse riso, nada tinha de engraçado. Aquele nome. Aquele epitáfio.

— Não interessa — sussurrou Thad. — O filho da mãe já morreu.

Mas a apreensão não desaparecia.

Quando Liz voltou com os dois gêmeos, cada um enroscado num braço, de fraldas mudadas e já vestidos, Thad estava de novo debruçado sobre a história.

— Será que o matei?

Pensativo, Thaddeus Beaumont, aclamado em tempos como o romancista mais promissor da América e nomeado, em 1972, para o National Book Award com a obra Os Dançarinos Inesperados, repete a pergunta. Parece um pouco perplexo.

— Matei — repete mais uma vez com cuidado, como se esta palavra nunca lhe tivesse ocorrido... apesar de a sua “metade sombria”, como Beaumont chama a George Stark, só pensar praticamente em matar.

Do frasco de boca larga ao lado da sua antiquada máquina de escrever Remington 32, Thad retira um lápis Berol Black Beauty (na opinião de Beaumont, aquilo que bastava a Stark para escrever) e começa a mordiscá-lo ao de leve. Pelo aspecto da outra dúzia de lápis ou mais no frasco, roer é um hábito.

— Não — diz ele por fim, voltando a colocar o lápis de novo no frasco. — Não o matei. — Olha para cima e sorri. Apesar de ter trinta e nove anos, quando Beaumont sorri desse modo franco, é fácil ser confundido com um dos seus alunos da universidade. – George morreu de causas naturais.

Beaumont diz que George Stark foi idéia da mulher. Elizabeth Stephens Beaumont, uma loura descontraída e encantadora, recusa-se a ser a única a colher os louros.

— Tudo o que fiz — afirma — foi sugerir que ele escrevesse um romance sob um outro nome para ver o que podia acontecer. Thad estava a passar por um grave bloqueio e precisava de um empurrão. E, — na verdade ri — George Stark esteve sempre presente. Já vira sinais dele em algumas das coisas inacabadas que Thad fazia de tempos a tempos.

Tratava-se apenas de fazê-lo sair do escuro.

De acordo com muitos dos seus contemporâneos, os problemas de Beaumont iam um pouco mais além de um mero bloqueio típico dos escritores. Pelo menos dois escritores famosos (que recusaram ser diretamente citados) afirmam que, durante aquele período crucial entre o primeiro e o segundo livro, partilharam de uma certa preocupação pela sanidade mental de Beaumont. Um diz acreditar que Beaumont talvez tenha tentado suicidar-se após a publicação de Os Dançarinos Inesperados, que lhe trouxe um maior reconhecimento por parte dos críticos do que direitos de autor.

Quando indagado sobre se alguma vez pensara em suicidar-se, Beaumont limita-se a abanar a cabeça e a afirmar: “Que idéia tão estúpida. O verdadeiro problema não era a aceitação por parte do público, era o bloqueio sentido. E a causa de morte dos escritores mortos é precisamente essa.”

Entretanto, Liz Beaumont continuou a exercer um certo lobby — nas palavras do próprio Beaumont – a favor da idéia do pseudônimo.

— Ela dizia que, caso quisesse, esta era a oportunidade que eu tinha para, por uma vez na vida, me divertir à grande. Escrever qualquer coisa que me viesse à cabeça sem ter o New York Times Book Review sempre à perna durante todo o tempo em que estivesse a escrever. Ela dizia que eu podia sempre escrever um western, uma história de mistério ou de ficção científica. Ou que podia até escrever um romance policial. — Thad Beaumont sorri de forma irônica. — Creio que ela deixou esse para último lugar de propósito. Ela sabia que eu tinha andado às voltas com umas idéias para um romance policial, apesar de não ter conseguido dar-lhes a forma que queria.

“Para mim, a idéia de um pseudônimo tinha este chamariz engraçado. De certa forma, transmitia a sensação de liberdade, como um alçapão secreto para onde pudesse escapar, se é que me entende.”

“Mas também havia algo mais. Algo que é muito difícil de explicar.” Beaumont estica uma mão na direção dos lápis Berol cuidadosamente afiados e colocados no frasco e, de seguida, afasta-a. Olha na direção da vidraça da parede na parte de trás do seu escritório, com vista para uma Primavera magnífica de árvores verdejantes.

— Pensar em escrever sob um pseudônimo era como pensar em ser invisível — acaba finalmente por declarar, quase hesitante. — Quanto mais brincava com a idéia, mais sentia que estaria... bem... que estaria a reinventar-me. A mão escapa-se e, desta vez, consegue surripiar um dos lápis do frasco enquanto o seu espírito se encontra algures a vaguear.

Thad virou a página e, de seguida, olhou para os gêmeos sentados na cadeira alta de dois lugares. Os gêmeos rapaz e rapariga eram grandes companheiros... ou o irmão e a irmã tinham uma grande ligação, se não se desejava ser considerado um machista e um porco chauvinista relativamente a esse assunto. No entanto, Wendy e William eram o mais possível idênticos sem serem idênticos. A beber o biberão, William riu para Thad.

A beber o biberão dela, também Wendy riu para Thad, embora exibisse um acessório que o irmão ainda não possuía: um único dente próximo da frente, que nascera sem dores algumas, tendo-se limitado a rebentar a superfície da gengiva de forma tão silenciosa quanto o periscópio de um submarino a perfurar a superfície do oceano.

Wendy afastou uma mãozinha rechonchuda do biberão de plástico. Abriu-a, mostrando a palma rosada limpa. Fechou-a. Abriu-a. Um aceno à Wendy.

Sem olhar para ela, William afastou uma das suas mãozinhas do seu biberão, abriu-a, fechou-a, e tornou a abri-la. Um aceno à William.

Solenemente, Thad levantou uma das mãos da mesa, abriu-a, fechou-a, e tornou a abri-la. Os gêmeos riram com a boca nos biberões.

Thad tornou a baixar a cabeça e a fitar a revista. “Ah, People”, pensou

ele, “onde é que estávamos e o que é que faríamos sem ti? Este é modo americano de viver, minha gente.”

Como era evidente, o escritor expusera toda a roupa suja que havia a expor — sobretudo, a grande mancha escura de quatro anos depois de Os Dançarinos Inesperados não ter ganho o NBA — mas isso já era de esperar, e ele próprio não ficara muito incomodado com toda essa exposição. Por um lado, nem era assim tão suja e, por outro, Thad sempre sentira que era mais fácil viver com a verdade do que com uma mentira.

Pelo menos a longo prazo.

O que, está claro, levantava a questão de se saber se a revista People e “a longo prazo” teriam sequer alguma coisa a ver um com o outro. Enfim! Agora, já era tarde de mais.

Mike era o nome do tipo que escrevera o artigo. Pelo menos disso Thad lembrava-se.

Mas Mike quê? A não ser que se fosse um conde a coscuvilhar sobre a realeza ou uma estrela de cinema a coscuvilhar sobre outras estrelas de cinema, sempre que se escrevia para a People, o nome do autor só aparecia no final do artigo. Thad teve de folhear quatro páginas (duas das quais com anúncios de página inteira) para descobrir o nome: Mike Donaldson. Ele e Mike tinham ficado a pé até tarde, a dizerem disparates um ao outro, e quando Thad perguntara ao homem se alguém realmente se importava com o fato de ter escrito quatro livros sob um outro nome, Donaldson respondera algo que levara Thad a soltar uma forte gargalhada. “Os estudos feitos mostram que a maior parte dos leitores da People têm uns narizes extremamente estreitos, o que faz com que tenham dificuldades em tirar macacos do nariz. Assim, tiram todos os macacos que podem dos narizes das outras pessoas. Eles vão querer saber tudo sobre o seu amigo, George.” ele não é meu amigo”, replicara Thad, ainda a rir. De seguida, perguntou a Liz, que se tinha dirigido para o fogão:

— Está tudo bem, amor? Precisas de alguma ajuda?

— Estou bem — respondeu ela. — Estou só a preparar alguma coisa para

os miúdos comerem. Ainda não te fartaste de ti próprio?

— Ainda não — replicou Thad impudentemente, embrenhando-se de novo no artigo.

— Na verdade, a parte mais complicada foi inventar um nome — continua Beaumont, a mordiscar ligeiramente o lápis. — Mas era importante. Eu sabia que podia resultar. Sabia que podia ultrapassar o bloqueio com que me debatia... se tivesse uma identidade. A identidade correta, uma que fosse separada da minha. Como é que ele escolheu George Stark?

— Bem, existe um escritor de policiais chamado Donald E. Westlake — explica Beaumont. — E sob o seu verdadeiro nome, Westlake usa a capa do romance policial para escrever umas comédias sociais extremamente engraçadas sobre o modo de vida americano e os hábitos americanos. "Contudo, do início dos anos sessenta até cerca de meados dos anos setenta, Westlake escreveu uma série de romances sob o nome de Richard Stark, e esses livros são muito diferentes. São sobre um homem chamado Parker que é um ladrão profissional. Parker não tem passado nem futuro e, nos melhores livros, não partilha também de quaisquer outros interesses além do roubo.

"Seja como for, por razões que ter de perguntar a Westlake, este deixou de escrever romances sobre o Parker. Todavia, nunca esqueci uma coisa que Westlake afirmou depois de o pseudônimo ter desaparecido. Westlake disse que, nos dias soalheiros, era ele quem escrevia livros e que, nos dias chuvosos, era Stark quem assumia o comando.

Aquilo agradou-me porque, para mim, aqueles eram dias chuvosos, entre mil novecentos e setenta e três e o início de mil novecentos e setenta e cinco.

"No melhor desses romances, Parker é mais um robô assassino do que um homem. O ladrão roubado é um tema bastante recorrente em todos esses livros. E Parker passa por cima dos maus (quer dizer, dos outros maus), exatamente como um robô que foi programado com um único objetivo. "Quero o meu dinheiro", diz ele, e é praticamente tudo aquilo que diz. "Quero o meu dinheiro, quero o meu dinheiro." Isto não lhe faz lembrar alguém?

O entrevistador acena a cabeça. Beaumont está a descrever Alexis Machine, a personagem principal do primeiro e do último romances de George Stark.

— Se A Vontade de Machine tivesse terminado do modo como eu o começara, tê-lo-ia enfiado numa gaveta para sempre — afirma Beaumont. — Publicá-lo seria um plágio.

Mas, a um quarto do romance, o livro descobre o seu próprio ritmo, e tudo se encaixa no lugar.

O entrevistador pergunta se Beaumont está a tentar dizer que, após ter passado um bom tempo a trabalhar no livro, George Stark acordou e começou a falar.

— Sim — responde Beaumont. — É mais ou menos isso.

Thad olhou para cima, quase a soltar de novo uma gargalhada, apesar de todo o esforço envidado. Os gêmeos viram-no a sorrir e retribuíram-lhe o sorriso com a boca cheia de purê de ervilhas com que Liz lhes estava a dar de comer. O que ele realmente dissera, tal como Thad se recordava, fora: “Meu Deus, que melodramático! Até parece aquela cena do Frankenstein em que o relâmpago acaba finalmente por atingir a antena na ameia mais alta do castelo e dá vida ao monstro!”

— Enquanto não parares com isso, não vou conseguir acabar de lhes dar de comer — advertiu Liz, com uma manchinha de purê de ervilhas na ponta do nariz. Thad sentiu um impulso absurdo de a beijar para limpar esse restinho.

— Parar com quê?

— Tu ris-te, eles riem-se. Thad, é impossível dar de comer a um bebê a rir.

— Desculpa — respondeu ele de forma humilde, tendo piscado os olhos aos gêmeos.

Por um instante, os seus sorrisos idênticos orlados a verde abriram-se.

De seguida, Thad baixou os olhos e continuou com a leitura.

— Iniciei A Vontade de Machine numa noite de mil novecentos e setenta e cinco.

Inventei o nome, mas havia uma outra coisa. Quando me senti preparado para começar, enfiei uma folha de papel na máquina de escrever... e, depois, tornei a tirá-la logo de seguida. Escrevi todos os meus livros à máquina, mas, aparentemente, George Stark não era apologista de m quinas de escrever. — O sorriso lampeja de novo por breves instantes: — Talvez porque eles não tivessem aulas de datilografia em nenhum dos hotéis de pedra onde ele cumpriu uma pena de prisão. Beaumont está a referir-se à "biografia da contracapa" de George Stark, que diz que o autor tem trinta e nove anos e que cumpriu pena em três prisões diferentes por acusações de fogo posto, ataque com arma branca e ataque com intenção de homicídio. Contudo, a biografia da contracapa constitui apenas parte da história; Beaumont apresenta igualmente uma nota sobre o autor da Darwin Press, que pormenoriza a história do seu alter ego com todos os pormenores escrupulosos que só um bom romancista conseguiria criar a partir do nada.

Do seu nascimento em Manchester, estado de New Hampshire, à sua morada final em Oxford, estado do Mississipi, está lá tudo, exceto o enterro de George Stark há seis semanas atrás no Cemitério de Homeland em Castle Rock, estado do Maine.

— Encontrei um velho bloco de notas numa das gavetas da minha secretária, e usei estes aqui. — Beaumont aponta na direção do frasco dos lápis, deixando transparecer uma ligeira surpresa quando verifica que está a segurar um deles na mão que utiliza para apontar. — Comecei a escrever e só me dei conta do tempo quando Liz me veio dizer que já era meia-noite e perguntou se não me iria deitar.

Liz Beaumont tem as suas próprias recordações dessa noite. Afirma:

— Acordei às onze e quarenta e cinco e vi que ele ainda não se tinha

deitado e pensei:

“Bem, está a escrever.” Mas, como não ouvia a m quina de escrever, fiquei um pouco assustada.

O seu rosto sugere que deve ter sido mais do que apenas um pouco.

— Quando desci as escadas e vi Thad a rabiscar naquele bloco de notas, não queria acreditar nos meus olhos. — Dá uma gargalhada. — O nariz dele estava praticamente colado ao papel.

O entrevistador pergunta se Liz ficou aliviada.

Num tom cuidadoso e comedido, Liz Beaumont responde:

— Muito aliviada.

— Folheei o bloco de notas e vi que escrevera dezesseis páginas sem uma única emenda — afirma Beaumont — e que transformara três quartos de um lápis novinho em folha em aparas afiadas. — Com uma expressão que podia ser tanto melancólica como de boa disposição disfarçada, Thad fita o frasco: — Agora que George já morreu, creio que devo deitar fora estes lápis. Eu próprio não os utilizo. Tentei. Só que não funciona. Eu não consigo trabalhar sem uma máquina de escrever. As minhas mãos ficam cansadas e entorpecidas. As de George nunca ficavam.

Thad olha para cima e lança uma enigmática piscadela de olhos.

— Querida? — Thad olhou para a mulher, que se encontrava concentrada a dar de comer as últimas ervilhas a William. O miúdo parecia estar a desperdiçar bastantes no babete.

— O que é?

— Olha para aqui por um segundo.

Foi o que ela fez.

Thad piscou-lhe o olho.

— Tinha uma expressão enigmática?

— Não, querido.

— Bem me parecia que não.

O resto da história constitui um outro capítulo irônico na história mais longa daquilo a que, na opinião de Thad Beaumont, "as pessoas esquisitas chamam romance".

A Vontade de Machine foi publicado em Junho de 1976, pela pequeníssima Darwin Press (o "verdadeiro" eu de Beaumont fora publicado pela Dutton), tendo-se tornado no grande êxito-surpresa daquele ano, subindo até ao número um da lista dos livros mais vendidos, de uma costa à outra dos Estados Unidos. Foi também transformado num filme de grande êxito de bilheteiras.

— Durante muito tempo, esperei que alguém descobrisse que eu era George e que George era eu — confessa Beaumont. — Os direitos de autor foram registrados no nome de George Stark, mas o meu agente sabia, a mulher dele (agora, é a ex-mulher mas ainda uma sócia de pleno direito no negócio) e, está claro, os diretores e o tesoureiro da Danvin Press também sabiam. Este tinha de saber porque, apesar de escrever os romances à mão, George tinha um pequeno problema quando se tratava de endossar cheques. E, como é óbvio, o fisco tinha de saber. Assim, eu e a Liz passamos cerca de um ano e meio à espera que alguém batesse com a língua nos dentes, o que não aconteceu. Acho que foi mera sorte, e só prova que, quando pensamos que alguém tem mesmo de ser indiscreto, todas as pessoas se calam.

E continuaram caladas nos dez anos seguintes, enquanto o esquivo Sr. Stark, um escritor bem mais prolífico do que a sua outra metade, publicou três outros romances.

Nenhum deles chegou a repetir o êxito retumbante de A Vontade de Machine, embora todos eles tivessem subido em flecha nas listas dos livros mais vendidos.

Após uma longa e ponderada pausa, Beaumont recomeça a falar sobre as razões que acabaram por levá-lo a desmascarar a lucrativa charada.

— Não nos podemos esquecer de que, afinal de contas, George Stark não passava de uma personagem de papel. Durante um bom pedaço de tempo gostei dele... e, raios partam, o tipo estava a fazer dinheiro. Chamo-lhe o meu dinheiro "vão-se f...". Só de saber que, se quisesse, podia deixar o ensino e liquidar a hipoteca teve um efeito extremamente libertador em mim.

"Mas queria voltar a escrever de novo os meus livros, e Stark estava a deixar de ter coisas para contar. Foi tão simples quanto isso. Eu soube-o, Liz soube-o, o meu agente soube-o... penso que até o editor de George na Darvin Press o soube. Mas se tivesse mantido segredo, a tentação de escrever um outro romance de George Stark acabaria por ser demasiado grande para mim. Sou tão vulnerável ao som do dinheiro como qualquer outro. A solução parecia ser espetar uma estaca no seu coração e acabar com tudo de uma vez por todas.

"Por outras palavras, pôr tudo a descoberto, que foi aquilo que fiz. E, de fato, é aquilo que estou a fazer neste preciso momento.

Thad desviou o olhar do artigo e olhou para cima, com um sorrisinho a bailar-lhe nos lábios. De repente, a sua perplexidade perante as fotografias encenadas da People pareceu-lhe um pouco hipócrita, um pouco afetada, porque, na verdade, os fotógrafos da revista não eram os únicos que, por vezes, planeavam as coisas de forma a que as fotografias saíssem como os leitores desejavam e esperavam. Thad imaginou que a maior parte dos entrevistados também assim procedia, em maior ou menor grau. Mas pensou que ele poderia ter sido um pouco melhor a planear as coisas do que alguns; afinal de contas, ele era um romancista... e um romancista era, pura e simplesmente, um indivíduo pago para contar mentiras. Quanto maiores fossem as mentiras, maior seria o pagamento.

"Stark estava a deixar de ter coisas para contar. Foi tão simples quanto isso."

Tão direto.

Tão decisivo.

Tão cheio de bazófia.

— Querida?

— Hum?

Liz tentava limpar Wendy, que não estava lá muito contente com a idéia. Não parava de virar a cara de um lado para o outro, palrando com indignação, e Liz continuava a tentar limpá-la com um pano. Thad pensou que a mulher acabaria por apanhá-la, apesar de admitir que havia sempre a hipótese de ela se cansar primeiro. Parecia que Wendy também considerava essa possibilidade.

— Será que fizemos mal em ter mentido acerca do papel de Clawson em tudo isto?

— Nós não mentimos, Thad. Limitamo-nos a deixar o nome dele de fora.

— E ele era um imbecil, certo?

— Não, querido.

— Não era?

— Não — respondeu Liz, serenamente, começando a limpar o rosto de William. — Ele era um nojento de um patifezóide.

Thad resfolegou:

— Um patifezóide?

— Exatamente. Um patifezóide.

— Creio que é a primeira vez que ouço esse termo tão particular.

— Vi-o na caixa de uma cassete de vídeo na semana passada, quando estava na loja da esquina à procura de um filme para alugar. Um filme de terror chamado Os Patifezóides. E pensei "Fantástico. Alguém fez um filme sobre Frederick Clawson e a sua família. Tenho de contar ao Thad." Mas esqueci-me, até hoje.

— Portanto, não tens quaisquer problemas quanto a esse ponto?

— Problema nenhum — replicou ela. Com a mão a segurar o pano, Liz começou por apontar para Thad e, de seguida, para a revista aberta sobre a mesa. — Thad, já ganhaste tudo o que tinhas a ganhar com isto. A People também. Quanto ao Frederick Clawson, ganhou merda... que é exatamente aquilo que ele merece.

— Obrigado — disse ele.

Liz encolheu os ombros:

— Tudo bem. Thad, por vezes sofres demais.

— É esse o problema?

— Sim, todo o problema... William, francamente! Thad, se me pudesses dar aqui uma ajuda...

Thad fechou a revista e levou Will para o quarto dos gêmeos, atrás de Liz, que carregava Wendy. O bebê rechonchudo era quente e agradavelmente pesado, com os braços lançados ao acaso em redor do pescoço de Thad, enquanto ia arregalando os olhos a tudo com o seu interesse habitual. Liz deitou

Wendy num dos resguardos; Thad deitou Will no outro. Trocaram as fraldas molhadas por outras secas, com Liz a mexer-se um pouco mais depressa do que Thad.

— Bem — afirmou Thad — aparecemos na revista People e não se fala mais no assunto. Está bem?

— Sim — anuiu ela, sorrindo. No entanto, havia algo naquele sorriso que, na opinião de Thad, não parecia ser muito verdadeiro. Porém, ao lembrar-se do seu próprio ataque esquisito de riso, Thad decidiu não pensar mais nisso. Havia alturas em que ele pura e simplesmente não tinha a certeza das coisas — era uma espécie de correlativo mental da sua falta de jeito física — e então embirrava com Liz. Só muito raramente é que ela reagia mal a isso, mas, por vezes, sempre que ele exagerava, Thad conseguia vislumbrar um lampejo de cansaço nos seus olhos. Que dissera ela? "Thad, por vezes sofres de mais."

Thad apertou a fralda de Will com o alfinete-de-ama, mantendo o antebraço sobre a barriga do bebê coleante, mas alegre, enquanto desempenhava a sua tarefa, de forma a que Will não rolasse para fora do resguardo e se matasse, como parecia estar determinado a fazê-lo.

— Baguir! — gritou Will.

— Sim, sim — concordou Thad.

— Divit! — berrou Wendy.

Thad acenou com a cabeça.

— Isso também faz sentido.

— Ainda bem que ele morreu — afirmou Liz repentinamente.

Thad olhou para cima. Por um instante, ponderou naquilo que acabara de ouvir, acabando por acenar a cabeça. Não havia necessidade alguma de

especificar quem era ele; ambos sabiam.

— Sim.

— Nunca gostei muito dele. “Que raio de coisa para se dizer sobre o próprio marido”, quase retorquiu Thad, acabando por se conter. Não era estranho porque ela não estava a falar sobre ele. Os métodos de escrita de George Stark não tinham constituído a única diferença essencial entre eles os dois.

— Eu também não — replicou Thad. — Que temos para o jantar?

DOIS - DESFAZER A LIDA DA CASA

Nessa noite, Thad teve um pesadelo. Acordou a meio, prestes a desfazer-se em lágrimas e a tremer como um cachorrinho que é apanhado na rua durante uma tempestade de relâmpagos. No sonho, George Stark estava com ele, só que George era um agente imobiliário e não um escritor, e estava sempre por detrás de Thad. Por isso, era apenas uma voz e uma sombra.

A nota sobre o autor da Darwin Press — redigida por Thad imediatamente antes do início de A Melancolia de Oxford, a segunda criação de George Stark – declarava que Stark guiava uma pick-up GMC de 1976, que só as preces e a pintura de origem impediam que se desconjuntasse. Contudo, no sonho, eles guiavam um Toronado negro da cor da morte, e foi então que Thad se apercebeu de que se tinha enganado quanto à parte da pick-up. Isto era o que Stark guiava. Este carro fúnebre propulsionado a jato.

O Toronado tinha a traseira elevada e não se parecia nada com o carro de um agente imobiliário. Assemelhava-se, antes, ao carro que um mafioso de terceira categoria teria para dar as suas voltas. Olhando por cima do ombro, Thad observou o carro à medida que os dois se dirigiam para a casa, que, por alguma razão, Stark lhe estava a mostrar.

Ao pensar que iria ver Stark, um pingente de medo lancinante penetrou no seu coração.

Só que, agora, Stark estava exatamente por detrás do seu outro ombro (embora Thad não fizesse a mínima idéia de como ele lá tinha ido parar de forma tão rápida e silenciosa), e ele só conseguia vislumbrar o carro, uma tarântula de aço cintilante à luz do sol. No pára-choques traseiro elevado via-se um autocolante: "FILHO DA MÃE PRETENSIOSO", dizia. À esquerda e à direita, as palavras eram flanqueadas por uma caveira e uns ossos dispostos em cruz.

A casa para a qual Stark o levara era a sua casa: não a casa de Inverno em Ludlow, não muito longe da universidade, mas o pouso de Verão em Castle Rock. A baía a norte de Castle Lake abria-se sobre as traseiras da casa, e Thad conseguia ouvir o débil som das ondas a enrolarem-se na areia. Uma tabuleta com as palavras PARA VENDA fora afixada no pequeno pedaço de relva do outro lado da entrada que levava à garagem.

— Bela casa, não é? — Stark praticamente sussurrou por detrás do ombro de Thad, numa voz áspera mas ainda assim afagadora, como a lambidela de um gato.

— É a minha casa — respondeu Thad.

— Estás muito enganado. O proprietário desta casa já morreu. Matou a mulher e os filhos e, de seguida, suicidou-se. Pôs um ponto final nisso tudo. Matou e adeusinho.

Tinha aquela faceta de temperamento dentro dele. Também não era preciso fazer-se muito esforço para percebermos isso. Dir-se-ia que era bastante óbvio.

"Será que isso é para ter graça?", teve Thad a intenção de perguntar — pareceu-lhe muito importante mostrar a Stark que não estava assustado com a presença dele. A razão por que isso era tão importante era porque Thad estava absolutamente aterrorizado. Mas antes de conseguir articular as palavras, uma mão enorme que parecia não ter quaisquer linhas (apesar de ser difícil fazer uma

tal afirmação com total certeza porque o modo como os dedos estavam dobrados lançavam uma sombra entrelaçada sobre a palma) já estava a passar por cima do seu ombro e a acenar com um molho de chaves diante do rosto.

Não, a acenar não. Se tivesse sido apenas isso, ele poderia muito bem ter falado, poderia até ter afastado as chaves para o lado de forma a mostrar quão pouco temia este homem temível que insistia em permanecer atrás de si. Mas a mão estava a levar as chaves na direção do seu rosto. Thad teve de as agarrar de forma a impedir que estas lhe fossem bater no nariz.

Thad enfiou uma das chaves na fechadura da porta da frente, uma vastidão de carvalho macio, apenas entrecortada pela maçaneta e por uma aldraba de latão que se assemelhava a um passarinho. A chave rodou com facilidade, o que era estranho, dado que não se tratava de modo algum da chave de uma casa mas da tecla de uma máquina de escrever na extremidade de uma comprida haste de ferro. Todas as outras chaves presas na argola pareciam ser gazuas, do tipo das que são utilizadas pelos ladrões.

Thad segurou na maçaneta e rodou-a. Ao fazê-lo, a madeira da porta debruada a ferro enrugou e encolheu-se sobre si mesma, com uma série de explosões tão estrondosas como foguetes. Por entre as rachas novas no meio das tábuas surgiu luz. O ar encheu-se de pó. Ouviu-se um estalido agudo como se algo se estivesse a quebrar e uma das peças decorativas das ferragens caiu da porta, estatelando-se à entrada, aos pés de Thad. Thad entrou.

Thad não queria; preferia ficar no terraço da entrada e discutir com Stark. Mais! Protestar junto dele, perguntar-lhe por que é que estava a fazer isto, porque entrar na casa era ainda mais assustador do que o próprio Stark. Mas isto era um sonho, um pesadelo, e na sua opinião, a essência dos pesadelos era a falta de controlo. Era como andar numa montanha-russa que, a qualquer momento, podia galgar uma descida e lançar uma pessoa na direção de uma parede de tijolos, onde morreria de forma tão repugnante como um inseto esmagado com um mata-moscas.

O familiar átrio de entrada tornara-se estranho, quase hostil, apenas devido à ausência do tapete cor de tijolo desbotado que Liz ameaçava constantemente que iria substituir... e, apesar de, durante o próprio sonho, isto parecer ser um pormenor de menor importância, seria a ele que, mais tarde,

Thad continuaria a voltar, talvez porque fosse verdadeiramente aterrorizante — aterrorizante fora do contexto do sonho. Até que ponto é que qualquer vida podia estar segura se o desaparecimento de algo tão insignificante como o tapete da entrada podia provocar sentimentos tão fortes de separação, desorientação, tristeza e pavor?

O eco dos seus passos no chão de madeira dura não lhe agradava. O fato de os passos ecoarem pela casa como se o canalha que se encontrava por detrás dele tivesse dito a verdade — que se tratava de uma casa vazia, repleta da dor tranqüila da ausência — não era a única razão do seu desagrado. Thad não gostava do som porque os seus próprios passos pareciam perdidos e terrivelmente infelizes.

Gostaria de virar as costas e ir-se embora, mas não podia fazer isso. Porque Stark encontrava-se atrás dele e porque, de alguma forma, ele sabia que, neste momento, o outro segurava na mão a navalha de barba com cabo de madrepérola pertencente a Alexis Machine, aquela que a amante deste utilizara no final de A Vontade de Machine para retalhar o rosto do filho da mãe.

Se ele se virasse, George Stark daria um ar da sua graça e executaria alguns passos de dança.

A casa podia muito bem estar sem ninguém, mas, salvo os tapetes (o tapete cor de salmão, que na sala de estar ia de uma parede à outra também desaparecera), as mobílias ainda lá estavam todas. Um vaso de flores permanecia em cima da mesinha de pinho na extremidade do vestíbulo, onde se podia continuar em frente, em direção à sala de estar, com o seu teto de pé alto e parede de vidraça com vista para o lago, ou virar à direita, em direção à cozinha. Thad tocou no vaso e este estilhaçou-se em cacos, desfazendo-se numa nuvem de pó de cerâmica de cheiro amargo. A água estagnada escorreu para fora e, antes mesmo de caírem sobre a poça de água mal-cheirosa na mesa, a meia dúzia de rosas de jardim que aí tinham desabrochado já estava murcha e apresentava um cinzento-escuro. Thad tocou na própria mesa. A madeira soltou um estalido seco e ressequido e a mesa partiu-se ao meio, parecendo desfalecer em vez de cair no chão de madeira vazio, em duas partes separadas.

— Que foi que fizeste à minha casa? — gritou ele para o homem que se encontrava por detrás... mas sem se virar. Thad não precisava de se virar para se

certificar da presença da navalha que, antes de Nonie Griffiths a ter usado em Machine, deixando as faces do seu rosto penduradas como abas vermelhas e brancas e um olho a balançar fora da órbita, o próprio Machine empregara para esfolar os narizes dos "rivais do negócio".

— Nada — respondeu Stark, e Thad não precisava de o olhar para verificar o sorriso que perpassou pela voz do homem. — Tu é que estás a fazer, velha carcaça. De seguida, passaram para a cozinha.

Thad tocou no forno e, com um ruído insípido, este partiu-se em dois, como o clangor de um sino enorme envolvido em pó. As bobinas de aquecimento saltaram para cima e umas espirais inclinadas e engraçadas em forma de chapéu ergueram-se em rajada. Num redemoinho, um cheiro pestilento e insalubre saiu do buraco escuro no meio do forno e, espreitando lá para dentro, Thad viu um peru. Estava putrescente e fétido. Um líquido escuro repleto de pedaços indescritíveis de carne vertia da concavidade da ave.

— Aqui, chamamos a isso recheio dos tolos – observou Stark, por detrás dele.

— Que é que queres dizer com isso? — inquiriu Thad. — Que é que queres dizer com aqui?

— Endsville — respondeu Stark, calmamente. – Este é o local onde todas as linhas de comboio terminam, Thad.

Stark acrescentou algo mais mas Thad não ouviu. A carteira de Liz encontrava-se no chão, tendo Thad tropeçado nela. ao agarrar-se à mesa da cozinha para não cair, a mesa partiu-se em mil bocados, cobrindo o linóleo de serradura. Com um tinir ligeiramente metálico, um prego brilhante rodopiou em direção a um canto.

— Pára já com isto! — gritou Thad. — Quero acordar! Odeio partir coisas!

— Sempre foste o desajeitado, velha carcaça – replicou Stark, que falou

como se Thad tivesse tido muitos irmãos, todos eles graciosos como gazelas.

— Não tenho de sê-lo — informou-o Thad, numa voz ansiosa, prestes a transformar-se num gemido. — Não tenho de ser desajeitado. Não tenho de partir coisas. Quando sou cuidadoso, corre tudo bem.

— Sim. É uma pena que tenhas deixado de ser cuidadoso — respondeu Stark, com a mesma voz risonha de estou-só-a-ver-como-é-que-as-coisas-são. E agora encontravam-se de novo no vestíbulo.

Aqui estava Liz, sentada num canto com as pernas abertas, junto da porta que dava para o barracão de madeira, com um mocassin calçado e outro por calçar. Vestia umas meias de nylon, e numa delas Thad conseguia vislumbrar uma malha. A cabeça estava descaída, com o cabelo louro cor de mel ligeiramente áspero a tapar-lhe o rosto. Thad não queria ver-lhe o rosto. Tal como não precisara de ver a navalha ou o sorriso cortante de Stark para saber que ambos estavam lá, também não precisava de ver o rosto de Liz para saber que ela não estava a dormir ou inconsciente mas morta.

— Liga as luzes, conseguir s ver melhor — ordenou Stark, na mesma voz risonha de estou-só-a-passar-o-dia-contigo-meu-amigo. A mão de Stark surgiu por cima do ombro de Thad, apontando para as luzes que o próprio Thad instalara nesse local. Eram elétricas, como é óbvio, mas pareciam bastante autênticas: dois candeeiros a petróleo montados numa haste de madeira e controlados por um interruptor na parede.

— Não quero ver!

Thad tentava soar firme e seguro de si, mas isto começava a perturbá-lo. Conseguia ouvir um tom irregular e impaciente na sua voz, o que significava que estava prestes a debulhar-se em lágrimas. E, de qualquer modo, o que dizia não parecia ter qualquer importância porque estendeu a mão até ao reóstato circular na parede. Ao tocá-lo, uma chama elétrica azulada e indolor esguichou por entre os seus dedos, tão espessa que assemelhava-se mais a gelatina do que a luz. O botão redondo cor de marfim do reóstato ficou preto, soltou-se da parede com um estrondo, e voou pela sala como um disco voador em miniatura. Partiu a janelinha no outro lado e desapareceu na luz de um dia que adquirira um peculiar tom esverdeado, como cobre oxidado.

Os candeeiros a petróleo e elétricos lançaram uma luz estranhamente brilhante e a haste começou a girar, enrolando a correia que suspendia o objeto, e enviando sombras que voavam pela sala, na dança demente de um carrossel. Primeiro uma e de seguida a outra, as chaminés de vidro das lâmpadas estilhaçaram-se, inundando Thad de milhões de fragmentos.

Sem pensar, Thad deu um salto em frente e agarrou na mulher estatelada no chão, pretendendo tirá-la de onde estava, antes que a correia se quebrasse e deixasse cair sobre ela a pesada haste de madeira. O seu impulso foi de tal modo forte que Thad esqueceu tudo o mais, incluindo a sua certeza de que n„o valeria de nada pois ela estava morta: Stark podia ter arrancado o Empire State Building pela raiz e deixá-lo cair sobre Liz que não teria importância alguma. Pelo menos, não para ela. Deixara de ter.

Ao colocar os braços sob os da mulher e ao unir as mãos entre as omoplatas de Liz, o corpo desta deslocou-se para a frente e a cabeça pendeu indolentemente para trás. A pele do rosto começou a ficar coberta de fendas, como a superfície de um vaso Ming.

Subitamente, os olhos vidrados explodiram. Uma substância pegajosa verde e fétida, repugnantemente quente, esguichou para o rosto de Thad. A boca de Liz ficou entreaberta e os seus dentes espalharam-se numa tempestade branca. Thad conseguia sentir as pequenas superfícies duras a crivarem as suas faces e a testa. Sangue semi coagulado jorrou de entre as gengivas picadas. A língua desenrolou-se para fora da boca e caiu, mergulhando no colo da saia como um naco ensangüentado de cobra.

Thad começou a gritar — no sonho e não na realidade, graças a Deus, ou teria assustado muito Liz.

— Ainda não acabei contigo, cabrão – murmurou Stark atrás num tom brando. A voz deixara de ser risonha. Era tão fria como Castle Lake em Novembro.

— Não te esqueças. Não te queiras meter comigo porque quando se metem comigo...

Thad acordou com um esticão, o rosto molhado e a almofada, que apertara convulsivamente contra o rosto, também molhada. A umidade podia ter sido causada pela transpiração ou por lágrimas.

—... estão a meter-se com o melhor — rematou ele de encontro à almofada, tendo permanecido na cama, com os joelhos puxados para cima, até ao peito, tremendo convulsivamente.

— Thad? — sussurrou Liz com a voz entaramelada de algures das profundezas do seu próprio sonho. — Os gêmeos estão bem?

— Sim — conseguiu Thad articular. — Eu... nada. Volta a dormir.

— Sim, está tudo... — Liz acrescentou uma outra coisa mas Thad nada mais ouviu, tal como não ouvira aquilo que Stark proferira após dizer a Thad que a casa em Castle Rock era Endsville... o local onde todas as linhas de comboio terminam.

Thad manteve-se no espaço circundado pela sua própria transpiração no lençol, afastando-se devagar da almofada. Com o braço nu, limpou o rosto, e esperou que o sonho passasse, esperou que os tremores passassem. Passaram, mas com uma lentidão surpreendente. Pelo menos, conseguira não acordar Liz.

Ausente, Thad fitou a escuridão, não tentando conferir qualquer significado ao sonho mas apenas querendo que este se fosse embora. Algum tempo depois, um tempo que lhe pareceu infinito, Wendy acordou no quarto ao lado e começou a chorar para ser mudada. Claro que William acordou alguns instantes mais tarde, decidindo que também ele precisava de ser mudado (apesar de, ao mudar as fraldas, Thad ter verificado que estas estavam bastante secas).

Liz acordou de imediato e, sonâmbula, dirigiu-se para o quarto das crianças. Thad foi com ela, consideravelmente mais desperto e pela primeira vez agradecido por os gêmeos necessitarem de mudar de fralda a meio da noite. A meio desta noite, pelo menos. Thad mudou as fraldas de William enquanto Liz

mudou as de Wendy, trocando apenas algumas palavras entre si e, de seguida, voltaram para a cama, tendo Thad ficado grato por verificar que, mais uma vez, estava a deixar-se adormecer. Chegara a pensar que não conseguiria voltar a dormir durante o resto da noite. E quando acordara pela primeira vez, com a imagem da decomposição explosiva de Liz ainda viva atrás dos olhos, chegara a pensar que nunca mais dormiria de novo.

“De manhã, já terei esquecido, tal como acontece com todos os sonhos.”

Este foi o seu último pensamento acordado da noite, mas, quando acordou na manhã seguinte, Thad lembrava-se do sonho nos mais ínfimos pormenores (apesar de o eco perdido e solitário dos seus passos no corredor vazio ser o único que retivera toda a sua cor emocional), não tendo desaparecido à medida que os dias passaram, tal como acontece geralmente com os sonhos.

Este foi um dos raros de que Thad nunca se esqueceu, tão real como uma recordação.

A chave que era a tecla de uma máquina de escrever, a palma da mão lisa, e a voz seca, praticamente inflexível de George Stark, dizendo-lhe por detrás do ombro que ainda não acabara com ele, e que quando se metiam com este filho da mãe pretensioso, estavam a meter-se com o melhor.

TRÊS - O “BLUES” DO CEMITÉRIO

Steven Holt era o nome do homem que estava à frente da equipe de três indivíduos encarregue da manutenção e conservação dos terrenos pertencentes a Castle Rock.

Como é evidente, era conhecido como “Coveiro” por todos os habitantes de The Rock, alcunha que centenas de guardas dos terrenos públicos em centenas de vilórias da Nova Inglaterra têm em comum. Como a grande maioria, Holt tinha em mãos uma quantidade de trabalho bastante grande dado o tamanho da sua equipe. A vila possuía dois pequenos campos de futebol americano que

tinham de ser tratados: um próximo da ponta ferroviária entre Castle Rock e Harlow, o outro em Castle View; havia ainda um terreno baldio que tinha de ser semeado todas as Primaveras, ceifado todos os Verões e limpo de folhas todos os Outonos (já para não falar nas árvores que tinham de ser podadas e, por vezes, aparadas, bem como na manutenção do coreto e dos bancos em volta); por último, havia os parques da vila, um em Castle Stream, próximo da antiga serração, o outro junto de Castle Falls, onde, desde tempos imemoriais, inúmeras crianças, fruto do amor, tinham sido concebidas.

Ele podia estar encarregue de tudo isto e, ainda assim, será apenas conhecido como Steven Holt até ao fim dos seus dias. No entanto, Castle Rock tinha igualmente três cemitérios, estando a sua equipe também encarregue destes últimos. Depositar os clientes na sua última morada era o mínimo que o trabalho de manutenção dos cemitérios envolvia. Este incluía também colocar os corpos debaixo de terra, limpar a superfície e cobri-la de novo de relva. A vigilância era pouca. Depois dos dias feriados — o Memorial Day era aquele que deixava o maior monte de porcaria para limpar, embora o Quatro de Julho2, o Dia da Mãe e o Dia do Pai desse também muito trabalho — tinham de se retirar todas as flores murchas e todas as bandeiras desbotadas. Era ainda necessário apagar todos os ocasionais comentários pouco respeitosos rabiscados pelos miúdos nas sepulturas e nas lápides.

Nada disto interessava à cidade, está claro. Era a deposição dos clientes na sua última morada que granjeava a tipos como Holt a sua alcunha. A mãe batizara-o de Steven, mas "Coveiro" Holt é como ele era conhecido, "Coveiro" Holt fora sempre desde que ocupara esse lugar em 1964 e "Coveiro" Holt seria até ao final dos seus dias, mesmo que, no entretanto, arranjasse um outro emprego — o que, aos sessenta e um anos de idade, era muito improvável.

As sete da manhã de uma quarta-feira no primeiro dia do mês de Junho, um ameno e claro dia primaveril, o "Coveiro" conduziu a camioneta até ao Cemitério de Homeland, tendo saído do veículo para abrir os portões de ferro. Estes estavam presos por um cadeado que, apesar de tudo, só era utilizado duas vezes por ano — na noite de comemoração do final do curso liceal e na Noite das Bruxas. Uma vez abertos, Holt conduziu lentamente a camioneta pela alameda central acima.

Esta manhã era exclusivamente para reconhecimento. A seu lado, o "Coveiro" tinha uma prancheta onde era suposto apontar as zonas do cemitério

que tinham de ser tratadas entre esta data e o Dia do Pai. Após completar a sua tarefa em Homeland, teria de se dirigir ao Cemitério Grace, do outro lado da vila, e, de seguida, ao ossário de Stackpole, no cruzamento da Stackpole Road com a Estrada Secundária n° 3. Nessa tarde, ele e a sua equipe dariam início a todos os trabalhos que fossem necessários. Não deveria fazer nada de muito complicado; o trabalho mais pesado fora todo levado a cabo no final de Abril, considerado pelo "Coveiro" como a época da grande limpeza da Primavera.

Durante essas duas semanas, ele, Dave Phillips e Deke Bradford, que era o diretor do Departamento de Obras Públicas da vila, tinham trabalhado dez horas por dia, todos os dias, tal como faziam todas as Primaveras, a desentupirem os canos de esgoto, a cobrirem de novo de relva os locais onde o escoamento de águas da Primavera destruíra a antiga superfície, e a endireitar as lápides e os monumentos derrubados pela deslocação das camadas do solo. Na Primavera, as tarefas, grandes e pequenas, eram sempre tantas que, quando regressava a casa, o "Coveiro" quase nem conseguia manter os olhos abertos o tempo suficiente para cozinhar um jantarzinho para si e beber uma lata de cerveja antes de cair na cama. A limpeza da Primavera terminava sempre no mesmo dia: no dia em que as dores de costas constantes o levavam a pensar que iria enlouquecer de vez.

A limpeza de Junho não era, nem de longe nem de perto, assim tão m , embora fosse importante. Com a chegada do final do mês, os veraneantes começavam a chegar nos seus magotes habituais e, com eles, chegavam os antigos residentes (com os seus filhos) que se tinham mudado para zonas mais quentes ou mais favoráveis do país, mas que, ainda assim, mantinham as suas casas na vila. Eram estas as pessoas que o "Coveiro" considerava as verdadeiramente chatas, aquelas que faziam um bicho-de-sete-cabeças se uma das pás da velha nora junto à serração estivesse solta ou se a lápide do tio Reginald tivesse caído sobre a própria inscrição.

Bem, o Inverno está a chegar, pensou ele. Era este pensamento que o reconfortava em todas as estações, incluindo esta, sempre que o Inverno parecia tão distante como um sonho.

Homeland era o maior e mais bonito cemitério da vila. A sua alameda central era quase tão larga como uma estrada normal, sendo atravessada por quatro alamedas mais estreitas, apenas um pouco maiores do que uma vereda, com relva aparada com cuidado entre os dois trilhos. O "Coveiro" conduziu

alameda acima, atravessando Homeland, passou pelo primeiro e pelo segundo cruzamentos, chegou ao terceiro... e pôs prego a fundo.

— Oh, com mil diabos! — exclamou ele, desligando o motor da camioneta e saindo da cabina. Desceu a alameda em direção a um buraco irregular na relva, a cerca de quatro metros e meio para a direita da vereda, que, neste ponto, cruzava com a alameda.

Montinhos e torrões castanhos de terra estavam espalhados em redor do buraco, como os estilhaços em redor de uma granada. — Raios partam estes miúdos!

O "Coveiro" deixou-se ficar junto ao buraco, com as grandes mãos cheias de calos colocadas sobre as ancas debaixo das calças de trabalho de um verde desbotado. Que grande confusão. Em mais de uma ocasião, ele e os seus companheiros tinham-se visto na obrigação de arranjar as coisas depois de um bando de miúdos se terem convencido uns aos outros, através da bazófia ou da bebida, a partirem numa pequena incursãozinha ao cemitério à meia-noite — geralmente, tratava-se de uma espécie de ritual de iniciação ou apenas de um punhado de adolescentes tontos, excitados com o luar e com energia a mais. Tanto quanto o "Coveiro" Holt sabia, até agora, nenhum deles se atrevera a desenterrar um caixão ou, ainda pior, a exumar um dos clientes que pagavam para ali estar — habitualmente, por muito bêbedos que estes idiotas felizes pudessem estar, limitavam-se a cavar um buraco com um metro ou um metro e meio de profundidade antes de se cansarem da brincadeira e de se porem a andar. E, apesar de ser de mau gosto cavar buracos num dos cemitérios locais (isto é, a menos que se fosse um tipo como o "Coveiro", que era pago e estava devidamente incumbido de colocar os clientes na sua última morada), a confusão deixada não era tão má quanto isso. Geralmente.

Este, no entanto, não era um caso habitual.

O buraco não era definido; era apenas e tão-somente uma mancha. Com uma sepultura, de cantos quadrados bem definidos e de forma retangular, é que não se parecia de certeza. Era mais fundo do que aquilo que os bêbedos e os miúdos de liceu conseguiam fazer, embora essa profundidade não fosse uniforme, já que afunilava numa espécie de ponta cônica. No entanto, quando o "Coveiro" se apercebeu de com que é que o buraco realmente se parecia, sentiu

um arrepio desagradável subir-lhe pelas costas acima.

Era como se fosse uma sepultura onde alguém tivesse sido enterrado antes de estar morto e, depois de vir a si, tivesse aberto caminho através da terra para chegar à superfície, apenas com as mãos.

— Oh, pára com isso — sussurrou. — Maldita brincadeira, malditos miúdos.

Tinha de ser. Não havia nenhum caixão embaixo nem nenhuma lápide fora do sítio em cima, o que era perfeitamente razoável já que não havia corpo algum aqui enterrado.

Ele não precisava de voltar atrás ao barracão das ferramentas, onde estava afixado na parede um mapa pormenorizado do cemitério para saber isso. Este pedaço de terra fazia parte da zona de seis lotes, propriedade do primeiro membro do conselho municipal, Danforth "Buster" Keeton. E os únicos lotes realmente ocupados continham os corpos do pai e do tio de Buster, estando situados à direita desse ponto, com as lápides erigidas bem direitas e conservadas.

No entanto, o "Coveiro" lembrava-se bem deste lote em particular por um outro motivo: fora aqui que aquela gente vinda de Nova Iorque erigira a lápide falsa quando estava a escrever a história sobre Thad Beaumont. Beaumont e a mulher tinham uma casa de Verão aqui na vila, em Castle Lake. Dave Phillips era quem estava encarregado de tomar conta do lugar, tendo o próprio "Coveiro", no Outono passado, ajudado Dave a alcatroar a entrada, antes de as folhas caírem e as coisas ficarem de novo complicadas.

Fora então que, nesta Primavera, Thad Beaumont lhe perguntara, de forma um pouco constrangida, se um fotógrafo qualquer podia erigir no cemitério uma lápide falsa para aquilo a que se chamou "uma fotografia posada".

— Se houver algum problema, diga-me — dissera-lhe Beaumont, com uma voz mais constrangida do que nunca. — Na verdade, não é assim tão importante quanto isso.

— Faça favor — respondera o “Coveiro” de forma delicada. — A revista People, foi o que disse? Thad acenou a cabeça.

— Quem diria! É importante, não acha? Alguém daqui da vila na revista People! Não posso deixar escapar esse número!

— Eu não tenho tanta certeza assim — retorquiu Beaumont. — Muito obrigado, senhor Holt.

O “Coveiro” simpatizava com Beaumont apesar de ele ser escritor. Só conseguira ir até ao oitavo ano — e depois de ter tentado duas vezes antes de conseguir passar esse ano — e não era toda a gente da cidade que o chamava de “senhor”.

— Se pudesse, aquela gente da maldita revista até que gostaria de tirar uma fotografia ao senhor nuzinho com a velha pistola de fora e a apontar para cima, não acha?

Beaumont teve um raro acesso de riso.

— Sim, creio que é exatamente isso que eles gostariam de fazer — respondeu, dando uma palmada no ombro do “Coveiro”.

Afinal de contas, o fotógrafo acabou por ser uma mulher, do gênero a que o “Coveiro” costumava chamar “uma cadela de primeira classe vinda da cidade”. Neste caso, a cidade era, está claro, Nova Iorque. Ela andava como se tivesse um pau enfiado pelo sexo acima e um outro pelo rabo acima, girando os dois ao mesmo tempo com igual vigor. Alugara uma station wagon num dos balcões de aluguel de veículos no Aeródromo de Portland, que estava de tal modo apinhada de equipamento fotográfico que era de admirar como é que ela e o assistente ainda cabiam lá dentro. Se o carro acabasse por ficar demasiado cheio e a mulher tivesse de escolher entre desembaraçar-se do assistente ou de alguma parte do equipamento fotográfico, o “Coveiro” estava convencido de que haveria um maricas vindo da Big Apple a tentar apanhar uma boleia que o levasse de volta ao aeroporto.

Os Beaumont, que seguiam no próprio carro e que o estacionaram por detrás da station wagon, pareciam simultaneamente divertidos e constrangidos. Dado que pareciam estar de livre e espontânea vontade com a "cadela de classe alta vinda da cidade", o "Coveiro" imaginou que, apesar de tudo, o divertimento devia levar a melhor sobre eles. Ainda assim, ele aproximara-se para certificar-se de que estava certo, ignorando o olhar pretensioso da "cadela de classe alta".

— Tudo bem, senhor Bê? — perguntara ele.

— Meu Deus, não, mas creio que nos vamos safar — respondera Beaumont, piscando o olho ao "Coveiro".

Uma vez mentalizado de que era intenção dos Beaumont ir para a frente com a história, o "Coveiro" afastara-se para observar — um espetáculo grátis era tanto do seu agrado como de qualquer outra pessoa. A mulher tinha uma grande lápide falsa enfiada entre o resto das coisas que trouxera consigo, do gênero antigo, ou seja, com uma extremidade redonda no topo. Assemelhava-se mais a uma daquelas que Charles Addams costumava desenhar nas suas bandas desenhadas do que a qualquer uma das verdadeiras que o "Coveiro" colocara nestes últimos tempos. A mulher andou a volta da lápide, pedindo ao assistente para a colocar aqui e ali. Numa dada altura, o "Coveiro" aproximara-se para perguntar se precisavam de ajuda, ao que ela apenas respondera não, obrigada, à moda pretensiosa de Nova Iorque. Assim, ele afastara-se de novo.

Por fim, ela lá conseguiu colocar a lápide como e onde desejava, pondo de seguida o assistente em grande fama, desta vez com as luzes. Isso levou cerca de meia hora, mais coisa menos coisa. E, durante todo esse tempo, o Sr. Beaumont limitara-se a ficar onde estava e a observar, esfregando de vez em quando a pequena cicatriz branca na testa, naquela forma peculiar e característica que era só dele. Os olhos de Beaumont fascinavam o "Coveiro".

"O tipo está a tirar as suas próprias fotografias", pensou ele. "Provavelmente melhores do que as da tipa, e além disso com tendência a durarem mais tempo. Ele está a guardá-las para um dia as pôr num livro e ela nem se dá conta disso."

Finalmente, a mulher ficou preparada para tirar algumas fotografias. Pôs os Beaumont a apertar as mãos por cima daquela lápide uma dúzia de vezes

como se não quisesse que tirassem a fotografia de uma só vez, apesar de o dia estar bastante frio e úmido. Dava-lhes ordens, tal como fazia com aquele assistente dela esganiçado e afetado. Entre a voz esmagadora de Nova Iorque e as ordens repetidas para fazer tudo de novo porque a luz não estava bem ou porque os rostos deles não estavam bem ou talvez porque o próprio maldito rabo da mulher não estava bem, o "Coveiro" esteve sempre na expectativa de ver o Sr. Beaumont — de acordo com os mexericos que ouvira, ele não era propriamente o homem mais calmo do mundo — explodir sobre a mulher. No entanto, o Sr. Beaumont, bem como a esposa dele, pareciam estar mais divertidos do que irritados, não deixando de fazer aquilo que a "cadela de classe alta vinda da cidade" lhes pedia para fazerem, apesar de aquele dia estar bastante frio. O "Coveiro" acreditava que, se fosse ele, ao fim de um certo tempo ficaria um pouquinho irritado com a dama.

Em mais ou menos quinze segundos.

E fora aqui, precisamente aqui, onde estava aquele maldito buraco, que eles tinham erigido aquela lápide falsa. Ora, se ele inclusive precisasse de mais provas, podiam ainda ver-se as marcas redondas no torrão de relva, as marcas deixadas pelos saltos da "cadela de classe alta". Não havia dúvidas de que ela vinha de Nova Iorque; só uma nova-iorquina é que apareceria de saltos altos no final da estação das chuvas e se poria a andar para cá e para lá num cemitério com eles enfiados nos pés, a tirar fotografias. Se ISSO não era...

Os pensamentos do "Coveiro" foram interrompidos e, de novo, aquele arrepio de frio infiltrou-se na sua pele. Ele tinha estado a olhar para as marcas esbatidas deixadas pelos saltos da fotógrafa e, ao prestar mais atenção a essas marcas, ao seu olhar depararam-se outras marcas, outras mais recentes.

Pegadas? Seriam estas marcas pegadas?

"Está claro que não são. O que aconteceu foi que o idiota que cavou este buraco espalhou um pouco mais a terra para lá do que fez com o resto. É só isso." Só que não era só isso e o "Coveiro" Holt sabia que não era só isso. Antes de conseguir sequer chegar ao primeiro monte de terra na relva verde, entreviu a marca bem funda deixada por um sapato no monte de terra mais próximo do

buraco.

“Com que então são pegadas? E depois? Achavas que quem quer que tivesse feito isto andava por aí a flutuar no ar com uma pá aos ombros como o Gasparzinho?”

Há pessoas neste mundo que são bastante boas a enganarem-se a si próprias. No entanto, o “Coveiro” Holt não era uma dessas pessoas. Aquela voz nervosa e escarninha da sua cabeça não podia alterar aquilo que os seus olhos viam. Durante toda a vida, ele seguira o rasto de animais selvagens e caçara-os. Este sinal era demasiado óbvio. Ele desejava por tudo o que era sagrado que não o fosse.

Aqui, neste monte de terra próximo da sepultura, conseguia ver não apenas uma pegada mas também uma depressão circular, praticamente do tamanho de um prato.

Esta cova estava situada à esquerda da pegada. E em ambos os lados da marca circular e da pegada, ainda que mais afastados, estavam sulcos na terra que eram, claramente, marcas deixadas por dedos, dedos que tinham escorregado um pouco antes de se agarrarem a um ponto firme.

Holt afastou o olhar para lá da primeira pegada e deparou-se-lhe outra. Para lá dessa, na relva, estava metade de uma terceira, formada quando alguma terra presa ao sapato que deixara a marca caíra quando o sapato fora pousado com força. Caíra, mas, dado que a terra estava úmida, a marca ainda lá estava... e fora exatamente isso que acontecera com as outras três ou quatro pegadas que tinham atraído a sua atenção logo de início. Caso ele não tivesse chegado tão cedo, naquela maldita manhã com o toque da alvorada, enquanto a relva ainda estava úmida, o sol secaria a terra e as marcas teriam secado, desfazendo-se em pequenos fragmentos esfarelados, que nada queriam dizer.

Ele desejava ter vindo mais tarde, ter começado por ir primeiro ao Cemitério Grace, como planeara fazer quando saíra de casa de manhã. Mas não fora e agora não havia mais nada a fazer. Os fragmentos de pegadas desapareciam aos poucos e poucos, a menos de três metros e meio da (sepultura) buraco no solo. O “Coveiro” estava convencido de que a relva coberta de orvalho mais afastada podia ainda conter algumas marcas e, embora admitisse que, mais

cedo ou mais tarde, teria de se certificar, o seu desejo não era assim tão grande quanto isso. No entanto, por ora, Holt voltou a dirigir o olhar para as marcas mais próximas, aquelas que se viam no montinho de terra próximo do buraco.

Sulcos que tinham sido feitos por dedos; uma marca redonda ligeiramente à frente dos sulcos; uma pegada ao lado da marca redonda. Que história é que esta disposição das marcas contava?

Antes mesmo de ter tempo para se perguntar a si próprio, a resposta veio-lhe à cabeça, como aquela pergunta secreta no antigo programa do Groucho Marx, Pode Apostar a Sua Vida. Ele viu tudo com uma grande nitidez, como se ali tivesse estado quando tudo acontecera, e era precisamente por esse motivo que não queria ter mais nada a ver com esta história. Terrivelmente arrepiante, era o que era.

Porque, olha: aqui está um homem de pé num buraco acabado de escavar no solo.

Sim, mas como é que ele foi parar lá dentro?

Sim, mas será que foi ele quem fez o buraco ou será que foi uma outra pessoa qualquer?

Sim, mas por que carga de água é que as pequenas raízes parecem estar todas torcidas, partidas e esmagadas, como se a relva tivesse sido aberta apenas com as mãos e não cortada e afastada para os lados com uma pá?

Esquece os "mas" e os "meios mas". Esquece-os de vez. Talvez seja melhor nem sequer pensar neles. Limita-te apenas a pensar no homem que estava de pé no buraco, um buraco que é um pouco fundo de mais para alguém conseguir sair de lá de dentro com um salto. Então, o que é que ele faz? Coloca as palmas das mãos sobre o monte de terra mais próximo e, com um impulso, iça-se a ele próprio para fora do buraco.

Nenhum truque em especial, isto é, se é que estamos a falar aqui de um homem adulto e não de um miúdo. O "Coveiro" fitou as poucas marcas nítidas e

completas que conseguia vislumbrar, pensando de seguida: "Se era um miúdo, devia ter uns pés enormes. São tamanho quarenta e cinco, pelo menos."

Mãos para fora. Com um impulso, o corpo vem para cima. Durante o impulso, as mãos escorregam um pouco na terra solta; por isso, abre caminho com os próprios dedos, deixando aqueles sulcos pequenos. De seguida, c fora, deixa-se cair sobre um joelho, fazendo aquela marca redonda. Coloca, então, um pé ao lado do joelho sobre o qual todo o peso do corpo está equilibrado, desloca esse peso do joelho para o pé, levanta-se e vai-se embora. Tão simples quanto isso.

Senão, um tipo qualquer sai da própria sepultura e vai-se embora, sem mais nem menos? É só isso? Será que ficou com a barriga a dar horas aqui em baixo e decidiu atacar o Snack Bar do Nan para comer um cheeseburger e beber uma cerveja?"

— Raios te partam, não é uma sepultura, é um maldito buraco no chão! — gritou Holt bem alto, dando um pequeno salto quando um pardal retribuiu o grito.

Sim, apenas um buraco no chão — não fora isso que dissera a si próprio? Mas então, porque é que não via quaisquer marcas daquelas que geralmente se associam a uma pá?

Porque é que só via um par de pegadas a afastar-se do buraco e nenhum em seu redor, nenhum a apontar para o buraco, como deveria haver se tivesse estado ali um tipo a cavar e a pisar na própria terra de vez em quando, como tende a acontecer com os tipos que escavam buracos?

Ocorreu-lhe perguntar-se o que estava a pensar fazer quanto a tudo isto, acabando por concluir que não sabia. Tecnicamente, imaginava que fora cometido um crime. No entanto, não se podia acusar o criminoso de ter profanado uma sepultura — não quando o lote que fora escavado não continha nenhum corpo. O pior que se podia dizer era que se tratara de vandalismo. E, se havia mais alguma coisa que podia ser feita quanto a isto, o "Coveiro" Holt não estava certo de que fosse ele a querer fazê-lo.

Talvez o melhor fosse apenas tapar o buraco, pôr no lugar os restos de torrões de relva que conseguia encontrar inteiros, arranjar relva nova para acabar o trabalho e, depois, esquecer toda esta história.

"Afinal de contas", disse para si próprio pela terceira vez, "não é como se alguém tivesse estado realmente enterrado aqui."

Aquele chuvoso dia primaveril cintilou momentaneamente diante do olho da sua recordação. Meu Deus, como aquela lápide parecia tão verdadeira! Quando se via aquele assistente gracioso andar com ela para trás e para a frente, sabia-se que era uma lápide a fingir. No entanto, quando eles a colocaram no solo, com flores falsas e tudo em frente dela, até que se podia jurar que era verdadeira, e de que havia realmente alguém lá em baixo.

Os braços de Holt estavam cobertos de pele de galinha, o que lhe causava um terrível formigueiro.

"Pára já com isso", disse para si próprio de forma severa, tendo o pardal soltado um outro pio. O "Coveiro" acolheu de bom grado o seu som desagradável mas totalmente real e vulgar. "Continua a gritar que faz bem", disse, tendo caminhado até junto do último fragmento de pegada.

Para lá desta última, e como mais ou menos suspeitava, Holt conseguia vislumbrar outras marcas deixadas na relva. Estas estavam bastante espaçadas entre si. ao olhar para elas, o "Coveiro" imaginou que o tipo, apesar de não estar a correr, também não tinha de certeza perdido tempo. Trinta e seis metros mais à frente, Holt verificou que conseguia marcar a progressão do tipo num outro sentido: um grande cesto de flores fora deitado ao chão. Apesar de não conseguir ver quaisquer pegadas tão longe assim, o cesto estava, certamente, no caminho das pegadas que conseguia ver. O homem podia ter contornado o cesto, mas não o fizera; em vez disso, limitara-se a dar-lhe um pontapé, atirá-lo para o lado e continuar em frente.

Na opinião do "Coveiro" Holt, os homens que faziam este tipo de coisas não eram o gênero de homens com quem alguém gostaria de se meter, a não ser que se tivesse uma razão muito boa.

O tipo deslocara-se na diagonal ao longo do cemitério, como se estivesse a caminho do muro baixinho que o separava da estrada principal. Deslocara-se como um homem que tinha sítios para ir e coisas para fazer.

Apesar de não ser melhor a imaginar coisas do que enganar-se a si mesmo (afinal de contas, as duas coisas acabam sempre por andar de par em par), o "Coveiro" viu este homem por um instante, viu-o mesmo: um tipo grande com pés grandes, caminhando em passos largos através deste subúrbio silencioso dos mortos na escuridão, deslocando-se com confiança e firmeza sobre os seus pés grandes, afastando o cesto das flores do seu caminho com um pontapé, sem sequer abrandar o passo ao fazê-lo. Também não tinha medo — não este homem. Porque, se houvessem aqui coisas que ainda estavam vivas, como algumas pessoas acreditavam, elas teriam medo dele. Andar, caminhar, galgar, e que Deus protegesse o homem ou a mulher que se metesse no seu caminho. O pássaro soltou um grito. O "Coveiro" saltou.

"esquece isto, companheiro", disse para si próprio mais uma vez. "Tapa o maldito buraco e nem te dês mais ao trabalho de pensar nisto!"

E tapar o buraco foi o que ele fez, e esquecê-lo era o que pretendia fazer. Porém, mais tarde, nesse mesmo dia, Deke Bradford encontrou-o no ossário da Stackpole Road a tratar do solo, tendo-lhe contado a novidade sobre Homer Gamache, encontrado ao fim da manhã a menos de um quilômetro e meio de Homeland, na Estrada 35. A vila inteira andara em grande alvoroço praticamente todo o dia com os boatos e as especulações.

Foi então que, com relutância, o "Coveiro" Holt foi falar com o xerife Pangborn.

Apesar de não saber se o buraco e as pegadas tinham alguma coisa a ver com o assassinato de Homer Gamache, concluiu ser melhor contar-lhe o que sabia e deixar que, aqueles que eram pagos para isso, esclarecessem as coisas.

Q UATRO - MORTE NUMA PEQ UENA VILA

Castle Rock fora, pelo menos nos últimos anos, uma vila infortunada. Como que para provar que aquele antigo ditado sobre raio e a quantidade de vezes que ele atinge o mesmo local nem sempre está certo, uma série de coisas más tinham atingido Castle Rock nos últimos oito ou dez anos — coisas suficientemente más para serem notícia a nível nacional. George Bannerman era o xerife local quando essas coisas ocorreram, mas o "Grande" George, como fora afetuosamente chamado, não teria de se preocupar com Homer Gamache porque o "Grande" George estava morto. Sobrevivera à primeira coisa má: uma série de violações e estrangulamentos levados a cabo por um dos seus próprios agentes. No entanto, dois anos mais tarde, Bannerman fora morto por um cão raivoso na Estrada Secundária n° 3 — não "apenas morto" mas praticamente desfeito.

Ambos os casos tinham sido muito estranhos, mas o mundo era um lugar estranho. E duro. Por vezes, um lugar infortunado.

O novo xerife (já ocupava este lugar há oito anos, mas Alan Pangborn decidira que iria ser "o novo xerife" até, pelo menos, ao ano 2000 — partindo sempre do princípio, disse ele à mulher, que continuaria a concorrer e a ser eleito durante todo esse tempo) não se encontrava em Castle Rock nessa altura; até 1980, tinha estado encarregue do cumprimento da lei rodoviária numa cidade de tamanho-pequeno-a-passar-para-o-médio no estado de Nova Iorque não muito longe de Siracusa.

Ao olhar para o corpo seviciado de Homer Gamache que jazia numa vala ao lado da Estrada 35, desejou ainda lá estar. Afinal de contas, parecia que nem todo o infortúnio da vila morrera com o "Grande" George Bannerman.

"Por favor, pára com isso. É claro que não desejas estar noutro lado qualquer desta linda terra de Deus. Não digas que sim, ou o azar acabar realmente por baixar e aproveitar-se de ti. Este tem sido um ótimo lugar para a Annie e para os rapazes, e tem também sido um ótimo lugar para ti. Então, porque é que não tiras isso da cabeça?"

Bom conselho. A cabeça, descobrira Pangborn, estava sempre a dar bons conselhos aos nervos, conselhos que estes não conseguiam seguir. Respondiam: "Sim senhor, agora que falas nisso, não há dúvida de que é verdade." E lá continuavam a sobressaltar-se e a fervilhar.

Ainda assim, ele fora preparado para algo parecido com aquilo, ou não? Durante a sua ronda obrigatória na qualidade de xerife, Pangborn raspara os restos de praticamente quarenta pessoas espalhadas pelas estradas secundárias, pusera fim a inúmeras brigas, e tivera de enfrentar talvez cerca de cem casos de mulheres e crianças maltratadas — e estes eram apenas os casos que tinham sido participados. Mas todas as coisas têm uma forma de compensação; para uma vila que, não há muito tempo, apresentara o seu próprio serial killer, Pangborn passara por um período invulgarmente calmo no que se refere a assassinatos. Somente quatro, e apenas um dos criminosos escapara: Joe Rodway, após ter rebentado com os miolos da mulher. Dado que conhecera relativamente bem a senhora, Pangborn quase que sentiu pena quando recebeu um telex da Polícia de Kingston, em Rhode Island, informando que tinham Rodway sob custódia.

O outro fora um homicídio envolvendo um veículo, e os dois restantes não tinham passado de dois banais casos de homicídio não premeditado, um com uma faca e o outro com os punhos — este último, um caso de maus tratos da esposa, que, pura e simplesmente, fora longe de mais, havendo apenas um traço peculiar que o distinguia dos restantes: a mulher espancara o marido até à morte enquanto este estava morto de bêbedo, pagando na mesma moeda toda uma vida em comum durante praticamente vinte anos. Quando foi acusada, o último conjunto de equimoses da mulher ainda apresentava um amarelo vivo e fresco. Pangborn não sentira pena alguma do morto quando o juiz a absolvera, condenando-a apenas a seis meses na Penitenciária Feminina, seguidos por seis anos de pena suspensa. O juiz Pender só procedera dessa forma porque, provavelmente, não seria politicamente correto dar à mulher aquilo que ela realmente merecia, ou seja, uma medalha.

Pangborn chegara à conclusão que só em casos muito raros é que um assassinato numa vilória da vida real aparentava alguma semelhança com os assassinatos nas vilórias dos romances da Agatha Christie, onde sete pessoas apunhalavam à vez o velho e cruel coronel Storping-Goiter na sua casa de campo em Puddleby-on-the-Marsh, durante uma melancólica tempestade de Inverno. Pangborn sabia que, na vida real, quase sempre se chegava a apanhar o criminoso ainda no local do crime, a olhar para toda aquela trapalhada e a perguntar-se que raio de coisa fizera; como tudo ficara descontrolado com uma terrível rapidez mortal devido ao nervosismo. Mesmo que o criminoso se afastasse fosse dar uma volta, geralmente não ia muito longe e havia sempre duas ou três testemunhas oculares que podiam contar com exatidão tudo aquilo que acontecera, quem o fizera, e para onde fora. Habitualmente, a resposta à última pergunta era o bar mais próximo. Regra geral, o assassinato numa vilória

da vida real era simples, brutal e estúpido Regra geral.

No entanto, as regras são feitas para serem violadas Por vezes, o raio chega mesmo a atingir por duas vezes o mesmo local e, de tempos a tempos, os assassinatos que são cometidos em vilórias não são imediatamente resolvidos... assassinatos como este.

Pangborn podia ter esperado.

O agente de polícia Norris Ridgewick regressou do seu carro-patrulha, estacionado por detrás do de Pangborn. As chamadas provenientes dos dois rádios da banda da Polícia produziram estrépitos no ar quente dos últimos dias da Primavera.

— O Ray vem? — perguntou Pangborn. O Ray era Ray van Allen, o médico-legista do município de Castle.

— Sim — respondeu Norris.

— E a mulher do Homer? Alguém já a avisou?

Ao fazer esta pergunta, Pangborn sacudiu algumas moscas do rosto de Homer, que se encontrava virado para cima. Não sobrara muito, exceto o nariz adunco e protuberante.

Se não fosse pela prótese do braço esquerdo e pelo dente de ouro que outrora era visto na boca de Gamache e que agora se encontrava desfeito em mil pedaços espalhados sobre o pescoço torcido e a parte da frente da camisa, Pangborn duvidava que a própria mãe o conseguisse reconhecer.

Norris Ridgewick, que aparentava uma semelhança passageira com Barney Fife, o ajudante de xerife do antigo programa de televisão Andy Griffith Show, arrastou os pés e baixou os olhos, fitando os sapatos como se, subitamente,

estes tivessem adquirido um interesse particular.

— Bem... o John está a fazer a patrulha lá para View, e o Andy Clutterbuck em Auburn, no tribunal do distrito...

Pangborn suspirou e ergueu-se. Gamache tinha – tivera — sessenta e sete anos de idade. Vivia com a mulher numa casinha arranjada ao lado do velho depósito ferroviário, a menos de três quilômetros deste local. Os filhos, crescidos. tinham já saído de casa. Fora a Sra. Gamache quem telefonara para o gabinete do xerife logo de manhãzinha, quase debulhada em lágrimas, dizendo que acordara às sete e verificara que Homer, que por vezes dormia num dos antigos quartos dos miúdos porque ela ressonava, não regressara a casa na noite anterior. Como sempre fazia, partira para o seu bowling às sete horas da tarde anterior e deveria chegar a casa por volta da meia-noite e meia o mais tardar, mas todas as camas estavam vazias e a carrinha não se encontrava no pátio ou na garagem.

Sheila Brigham, a telefonista de dia, transmitira a primeira chamada ao xerife Pangborn, tendo este utilizado o telefone de moedas na estação Sunoco de Sonny Jackett, onde tinha estado a dar à língua, para ligar à Sra. Gamache.

Esta fornecera-lhe as informações de que ele necessitava sobre a carrinha: uma pickup Chevrolet de 1971, branca com manchas castanho-avermelhadas de aparelho nos pontos com ferrugem e uma prateleira para a arma na cabina, matrícula do Maine número 96529Q. Pangborn transmitira as informações pelo rádio para os seus agentes no terreno (apenas três, com Clut a testemunhar lá para Auburn) e informou a Sra. Gamache de que lhe diria qualquer coisa mal tivesse alguma notícia. Não ficara particularmente preocupado: Gamache gostava da sua cervejinha, sobretudo na noite da liga do bowling, mas não era completamente insensato. Se tivesse bebido de mais e não se sentisse seguro para guiar, teria dormido no sofá de uma das salas de estar dos seus companheiros de bowling.

No entanto, havia uma pergunta por responder. Se Homer tivesse decidido ficar na casa de uma colega de equipe, porque é que não teria telefonado à mulher a informá-la disso? Será que não sabia que ela ia ficar preocupada? Bem, já era tarde, e talvez não quisesse incomodá-la. Era uma hipótese. Uma hipótese mais plausível ainda, pensou Pangborn, é que ele tivesse telefonado e ela estivesse ferrada a dormir na cama, com uma porta fechada entre ela e o único

telefone na casa. E tinha ainda de se acrescentar a possibilidade de que ela talvez estivesse a ressonar como um trator.

Pangborn despedira-se da mulher aflita e desligara o telefone, pensando que o marido apareceria lá pelas onze da manhã, o mais tardar, envergonhado e com uma grande ressaca. ao chegar assim, Ellen cumprimentaria o velho libertino com uma reprimenda. Mais tarde, Pangborn faria questão em elogiar Homer — em privado — por ter tido o bom senso de não guiar os quarenta e oito quilômetros que separavam South Paris de Castle Rock sob a influência do álcool.

Cerca de uma hora depois da chamada de Ellen Gamache, ocorreu-lhe que algo não batia bem na sua primeira análise da situação. Se Gamache tivesse passado a noite na casa de um companheiro do bowling, Alan tinha a impressão de que, então, essa deveria ser a primeira vez que tal acontecia. Caso contrário, essa mesma idéia teria passado pela cabeça da própria esposa de Gamache e ela poderia, pelo menos, esperar um pouco mais antes de telefonar para o gabinete do xerife. E foi então que ocorreu a Alan a idéia de que Homer Gamache era um pouco velho de mais para mudar de hábitos. Se tivesse passado a noite anterior noutro local, já o deveria ter feito antes; contudo, o telefonema da mulher sugeria que não o fizera. Se já alguma vez tivesse apanhado uma carraspana e, ainda assim, tivesse guiado até casa nesse estado, ele teria provavelmente feito o mesmo na noite passada... mas não o fizera.

“Com que então, o burro velho sempre aprendeu um novo truque”, pensou ele.

“Acontece. Ou talvez tenha bebido mais do que a conta. Que raios, até pode ter bebido a mesma quantidade de sempre e ficado mais bêbedo do que o habitual. Bem dizem que acaba sempre por acontecer a uma pessoa.”

Pangborn tentara esquecer Homer Gamache, pelo menos por então. Tinha imensa papelada sobre a secretária, e ali sentado, a girar um lápis para a frente e para trás e a pensar naquele velho algures por aí na sua carrinha pick-up, naquele velho de cabelo branco liso e de corte à escovinha e com um braço mecânico por ter perdido o verdadeiro num sítio chamado Pusan, numa guerra não declarada, que ocorrera quando a maioria da safra atual dos veteranos do Vietnam ainda faziam xixi nos cueiros... Bem, nada disto fazia avançar os papéis sobre a secretária, e também não ajudava a encontrar Gamache.

Ainda assim, quando se dirigia para o minúsculo cubículo de Sheila Brigham, com a intenção de lhe pedir para telefonar a Norris Ridgewick para ele saber se Norris já teria descoberto alguma coisa, o próprio Norris telefonara. Aquilo que Norris tinha a participar fez aumentar o fio de água de apreensão de Alan para um ribeiro frio e regular. Correu por entre as suas entranhas e fê-lo sentir-se ligeiramente entorpecido.

Pangborn zombava daquelas pessoas que falavam de telepatia e premonição nos programas de rádio com chamadas dos ouvintes, zombava das pessoas para quem o palpite e o pressentimento se tornavam uma parte tão integrante das suas vidas que praticamente não davam por eles sempre que os utilizavam. Mas, se indagado sobre aquilo que, naquele momento, pensava sobre Homer Gamache, Alan teria respondido:

"Quando o Norris telefonou... bem, foi nessa altura que soube que o velhote estava muito mal ou morto. Provavelmente a hipótese número dois."

Por mero acaso, Norris parara no terreno dos Arsenault na Estrada 35, a cerca de um quilômetro e meio a sul do Cemitério de Homeland. Não estava sequer a pensar em Homer Gamache, apesar de a quinta Arsenault e a casa de Homer estarem situadas a menos de cinco quilômetros de distância uma da outra e caso, na noite anterior, Homer tivesse tomado o caminho lógico de volta para casa a partir de South Paris, ele teria passado pelos Arsenault. Para Norris, não parecia provável que qualquer um dos Arsenault tivesse visto Homer na noite passada porque, se o tivessem, ele teria chegado a casa são e salvo cerca de dez minutos depois.

Norris só parara na quinta Arsenault porque eles mantinham a melhor banca de produtos de beira de estrada das três vilas. Ele era um daqueles raros celibatários que gostam de cozinhar, tendo desenvolvido um gosto enorme por vagens frescas.

Ridgewick queria saber quando é que os Arsenault teriam algumas para venda. Só depois é que se lembrara de perguntar a Dolly Arsenault se, por acaso, não teria visto a carrinha de Homer Gamache na noite passada.

— Sabe, agora que fala nisso — respondera a Sra. Arsenault — até tem graça porque vi. No final da noite passada. Não... pensando melhor, foi logo de madrugada, porque o Johnny Carson ainda estava a dar na televisão, mas a chegar ao fim. Ia comer uma outra taça de gelado e ver um bocado do programa do David Letterman e, de seguida, ir para a cama. Não ando a dormir lá muito bem nestes últimos tempos, e aquele homem do outro lado da estrada pôs-me os nervos em franja.

— Que homem era esse, senhora Arsenault? – inquiriu Norris, subitamente interessado.

— Não sei, um homem qualquer. Não gostei do aspecto dele. Praticamente não o conseguia ver e não gostei do aspecto dele, que tal? Eu sei que parece mal mas aquele asilo para loucos de Juniper Hill não fica assim tão longe, e quando vemos um homem sozinho, à beira de uma estrada secundária quase à uma da manhã, isso é o suficiente para pôr qualquer pessoa nervosa, mesmo que ele esteja a usar um fato.

— Que gênero de fato é que ele estava... — começou Norris, mas não valia a pena: a Sra. Arsenault era uma típica velha tagarela do campo, tendo simplesmente passado por cima de Norris Ridgewick com uma espécie de grandiosidade implacável. Ele decidiu acompanhá-la e colher aquilo que conseguisse ao longo do caminho. Tirou o bloco de notas do bolso.

— De certa forma — continuou ela — o fato quase que me fez ficar ainda mais nervosa. Não batia certo um homem com um fato vestido àquela hora da noite, se é que me estou a fazer entender. Provavelmente, não; provavelmente pensa que não passo de uma velha tonta, mas, durante um minuto ou dois antes de o Homer surgir, tive a sensação de que o homem talvez se fosse dirigir cá para casa, e levantei-me para me certificar de que a porta estava trancada. Sabe, é que ele olhou para cá e eu vi-o a olhar. Creio que ele olhou porque, provavelmente, podia ver a janela que estava ainda com luz apesar de já ser tarde. Provavelmente também me podia ver porque as cortinas são de tecido fino. Eu não conseguia realmente ver-lhe o rosto: ontem não havia luar e não me parece que alguma vez venham a pôr candeeiros aqui tão longe, já para não falar em TV por cabo, tal como têm na vila... mas consegui vê-lo a virar a cabeça. Foi então que ele começou mesmo a atravessar a estrada... pelo menos, penso que era isso que ele estava a fazer, ou que estava a pensar fazer, se é que me está a entender, e pensei que viria até aqui, batesse à porta, dissesse que o

carro estava avariado e perguntasse se podia usar o telefone. E comecei a imaginar naquilo que responderia se ele fizesse isso, ou até mesmo se deveria abrir a porta. Acho que sou uma velha tonta porque pus-me a pensar naquele programa, o Alfred Hitchcock Apresenta, onde havia um louco que conseguia encantar os passaritos e fazê-los cair das árvores, só que usara um machado para cortar uma pessoa, sabe, e pusera os pedaços no porta-bagagens do carro, e só foi apanhado porque um dos faróis de trás estava apagado, ou qualquer coisa do gênero. Mas o outro lado da história era que...

— Senhora Arsenault, será que lhe posso perguntar...

—... não gostava de ser o Filistino, o Sarraceno ou o Gomorrense ou quem quer que fosse que tivesse passado pelo outro lado da estrada — continuou a Sra. Arsenault. — Sabe, na história do Bom Samaritano. Assim, fiquei um pouco nervosa por causa disso. Mas disse para mim mesma...

Por essa altura, já Norris esquecera tudo sobre as vagens. Finalmente, lá conseguiu interromper a Sra. Arsenault ao dizer-lhe que o homem que ela vira talvez fizesse parte daquilo a que chamou “uma investigação a decorrer. Levou-a para o princípio da história e fê-la contar tudo aquilo que vira, deixando de parte o Alfredo Hitchcock Apresenta e a história do Bom Samaritano também, se possível.

A história que ele contara, através do rádio, ao xerife Alan Pangborn era a seguinte: ela estivera a ver The Tonight Show sozinha, com o marido e os rapazes já a dormir. A cadeira estava colocada ao lado da janela que dava para a Estrada 35. O estore estava puxado para cima. Por volta da meia-noite e meia ou da meia-noite e quarenta, a Sra. Arsenault olhara lá para fora e vislumbrara um homem no lado mais afastado da estrada... ou seja, no lado que dava para o Cemitério de Homeland.

O homem teria vindo a caminhar dessa direção ou de outra?

A Sra. Arsenault não sabia dizer ao certo. Tinha a idéia de que talvez pudesse ter vindo da direção de Homeland, o que significaria que se estava a afastar da vila, embora não tivesse a certeza do que fora que lhe dera essa impressão porque olhara uma vez pela janela e só vira a estrada, e de seguida, olhara uma segunda vez antes de se levantar para ir buscar gelado e ele lá estava.

Apenas ali parado e a olhar na direção da janela iluminada — na direção dela, supostamente. Ela pensou que ele fosse atravessar a estrada ou que tivesse começado a atravessar a estrada (provavelmente deixara-se ficar onde estava, pensara Alan; o resto eram apenas os nervos da mulher a falarem), quando os faróis iluminaram o topo da colina. Ao ver as luzes aproximarem-se, o homem do fato espetou o polegar para fora no gesto intemporal e apátrida de quem pede boleia.

— Era a carrinha do Homer, sem dúvida, com o Homer ao volante — contara a Sra. Arsenault a Norris Ridgewick. — A princípio pensei que ele continuasse, como qualquer pessoa normal que vê alguém a pedir boleia a meio da noite, mas os faróis traseiros acenderam-se e aquele homem correu para a porta do lado do passageiro da cabina e entrou. — A Sra. Arsenault, que tinha quarenta e seis anos de idade mas que aparentava mais vinte, abanou a cabeça branca: — O Homer devia estar bêbedo para dar boleia a alguém tão tarde — disse ela a Norris. — Bêbedo ou distraído, e olhe que conheço o Homer há quase trinta e cinco anos. Ele não é simples. — Parou para pensar. — Bem... não muito.

Norris tentou arrancar mais alguns pormenores à Sra. Arsenault sobre o fato que o homem estava a usar, mas não teve sorte alguma. Pensou que, realmente, era uma pena que a iluminação pública acabasse nos terrenos do Cemitério de Homeland, mas as vilórias como The Rock tinham muito pouco dinheiro para se governarem.

Era um fato: disso ela tinha a certeza. Não um blusão ou um blazer masculino, e não era preto, embora isso deixasse um leque bastante grande de cores para escolher. A Sra. Arsenault estava convencida que o fato do homem da boleia não era de um branco cristalino, mas tudo aquilo que estava pronta a jurar é que não era preto.

— Na verdade, não estou a pedir-lhe que jure, senhora Arsenault — disse-lhe Norris.

— Quando alguém fala com um agente da lei sobre assuntos oficiais — replicou a interlocutora, dobrando as mãos afetadamente para dentro das mangas da camisola — acaba por ser a mesma coisa.

Deste modo, aquilo que ela sabia resumia-se ao seguinte: vira Homer

Gamache dar boleia a um homem a cerca de um quarto para a uma da manhã. Nada de tão importante assim para chamar o FBI, dir-se-ia. Este fato só se tornava perturbante quando se acrescentava o outro fato de Homer ter apanhado o seu passageiro a cinco quilômetros ou menos do próprio pátio de entrada... e de não ter chegado a casa.

A Sra. Arsenault tinha igualmente razão quanto ao fato. Ver um homem a pedir boleia num sítio tão distante, no meio de nenhures, a meio da noite, era bastante estranho — por volta de um quarto para a uma da manhã, qualquer vagabundo normal já teria arranjado um lugar para dormir num celeiro deserto ou no barracão de um agricultor qualquer — mas, quando se acrescentava o fato de que ele também usava fato e gravata ("Uma cor qualquer escura, dissera a Sra. Arsenault, "só não me peça para jurar qual era a cor escura porque não posso e não quero"), toda esta história ficava cada vez mais perturbadora.

— Que quer que eu faça de seguida? — perguntara Norris pelo rádio após ter completado o relato.

— Não saias de onde estás — respondera Alan. – Vai trocando histórias do Alfred Hitchcock Apresenta com a boa senhora até eu chegar. Eu próprio sempre gostei muito dessas histórias.

Contudo, antes sequer de ter percorrido setecentos metros, o ponto de encontro entre ele e o seu agente passou da quinta dos Arsenault para um local a cerca de quilômetro e meio para oeste. Um rapaz chamado Frank Gavineaux, no caminho para casa depois de uma pequena pescaria em Strimmer's Brook, vira um par de pernas a sair do meio das ervas altas no lado sul da Estrada 35. Correra para casa e contara à mãe. Esta telefonara para o gabinete do xerife. Sheila Brigham transmitiu a mensagem para Alan Pangborn e Norris Ridgewick. Sheila manteve o protocolo, não tendo mencionado quaisquer nomes pelo rádio — havia sempre demasiados vendedores ambulantes com grandes caminhões Cobra e Bearcat à escuta nas bandas da Polícia — embora Alan pudesse adivinhar, pelo tom perturbado da voz de Sheila, de que até mesmo ela fazia uma pequena idéia de quem seria o dono daquelas pernas.

Praticamente a única coisa boa que acontecera durante toda a manhã fora o fato de Norris ter acabado de esvaziar o estômago antes de Alan lá ter chegado e de ter mantido suficiente sangue-frio para vomitar no lado norte da

estrada, longe do corpo e de qualquer prova que pudesse estar por ali.

— Que foi agora? — inquiriu Norris, interrompendo o fio dos seus pensamentos.

Alan soltou um forte suspiro e parou de enxotar as moscas dos restos de Homer. Era uma batalha perdida.

— Agora vou ter de ir lá baixo e dizer à Ellen Gamache que a morte fez uma visitinha esta madrugada. Fica aqui com o corpo. Tenta afastar as moscas dele.

— Ora, xerife, mas porquê? Elas são tantas. E ele está...

— Morto, sim, isso eu consigo ver. Não sei porquê. Porque me parece que é aquilo que tem de ser feito. Não podemos pôr o raio do braço de volta no lugar mas, pelo menos, podemos impedir que as moscas caguem naquilo que resta do nariz.

— Está bem — respondeu Norris, respeitosamente. – Está bem, xerife.

— Norris, achas que conseguirias chamar-me Alan se te esforçasses a sério? Se praticasses?

— Claro, xerife, acho que sim.

Alan grunhiu e virou-se para dar uma última vista de olhos pela zona da vala que, quando ele voltasse, estaria, com toda a probabilidade, delimitada por uma fita de um amarelo-vivo com o dizer “CENA DO CRIME presa a varas de agrimensor. O médico legista do condado já lá estaria. O Henry Payton, da Central da Polícia Estadual de Oxford, também já lá estaria. O fotógrafo e os técnicos do Departamento de Crimes Capitais pertencentes ao procurador-geral provavelmente ainda lá não estariam — a não ser que, por acaso, dois deles já se encontrassem na zona a trabalhar noutro caso — mas chegariam pouco tempo depois. À uma da tarde, o laboratório móvel da polícia estadual também estaria aqui, apoiado por hesitantes e incessantes peritos forenses e por um tipo cujo

trabalho consistia em misturar gesso e fazer moldes das marcas dos pneus que Norris tivera a esperteza suficiente ou a ventura suficiente de não passar por cima com as rodas do próprio carro-patrulha (bastante relutante, Alan optou pela ventura). E a que é que tudo isso levaria? Ora, apenas ao seguinte: um velho meio bêbedo parara para fazer um favor a um estranho ("Sobe para aqui, rapaz, conseguia Alan ouvi-lo dizer, "só tenho mais cerca de três quilômetros para fazer mas posso deixar-te um pouco mais à frente no caminho"), e o estranho respondera espancando o velho até à morte e, de seguida, roubando a carrinha.

Alan imaginava que o homem do fato de negócios pedira a Homer para encostar o carro — o pretexto mais provável seria dizer que precisava de mijar — e, uma vez a pickup parada, esmurrara o velhote, arrastara-o para fora e...

Ah, mas foi nessa altura que as coisas ficaram negras. Terrivelmente negras.

Alan olhou pela última vez para a vala em baixo, para onde Norris Ridgewick, agachado ao lado da peça ensangüentada de carne que, em tempos, fora um homem, enxotava pacientemente as moscas daquilo que fora o rosto de Homer com a sua prancheta do formulário de intimação, e sentiu o estômago revirar-se de novo.

"Ele não passava de um velhote, seu filho da mãe. Um velhote que estava meio bêbedo e que tinha apenas um braço em bom estado para se defender, um velhote cujo único prazer que ainda lhe restava era a noite da liga do bowling. Porque é que não te limitaste a esmurrá-lo daquela primeira vez na cabina da carrinha e o deixaste em paz?

Estava uma noite quente, e mesmo que acabasse por ficar um pouco fresco, o mais provável é que ele ficasse bem. Aposto o que quiseres em como vamos encontrar imensa matéria anticongelante no sistema dele. E, de qualquer forma, a matrícula da carrinha vai ser difundida por rádio. Então, porquê tudo isto? Caramba, espero ter uma hipótese de te perguntar!

Todavia, será que a razão importava? Para Homer Gamache, era óbvio que não. Já não. Nada mais iria ter importância alguma para Homer, porque depois de o ter esmurrado daquela primeira vez, o homem da boleia puxara-o para fora da cabina e arrastara-o para a vala, provavelmente puxando pelas

axilas. Alan não precisava dos rapazes dos Crimes Capitais para interpretar as marcas deixadas pelos saltos dos sapatos de Gamache. A meio do caminho, o homem da boleia descobrira a deficiência de Homer. E, no fundo da vala, arrancara o braço protético do corpo do velhote e, servindo-se deste como uma moca, espancara-o até à morte.

CINCO

— Agarra-o, agarra-o! — ordenava em voz alta o agente estadual Warren Hamilton, do estado do Connecticut, apesar de ser o único ocupante do carro-patrulha. Estava-se na tarde de 2 de Junho, aproximadamente trinta e cinco horas após a descoberta do corpo de Homer Gamache numa vila do Maine de que o agente estadual Hamilton nunca ouvira falar.

Encontrava-se no parque de estacionamento do McDonald's da estrada Westport I-95 (direção sul). Era seu costume entrar em todos os estacionamentos das bombas de gasolina e estações de serviço quando percorria a Interestadual. Por vezes, à noite, quando se passava discretamente pela última fila dos lugares do parque de estacionamento, com os faróis apagados, faziam-se umas boas prisões. Melhor do que boas. Magníficas. Quando pressentia que podia vir a dar de caras com uma dessas oportunidades, Hamilton falava freqüentemente com os seus botões. Geralmente, estes solilóquios começavam com "Agarra-o, agarra-o", passando de seguida, para algo como "Vamos lá ver este imbecil" ou "Pergunta à mamã se ela acredita nisto". O agente estadual Hamilton gostava particularmente de perguntar à mamã se ela acreditava nisto sempre que lhe cheirava mais a esturro.

— Que temos nós aqui? — murmurou desta vez, invertendo a marcha do carro patrulha.

Passou um Camaro. Passou um Toyota, que se parecia com uma bosta de cavalo a envelhecer lentamente no clarão de cobre batido dos faróis de sódio de arco.

E... ta-DA! Uma antiga carrinha pick-up GMC que, à luz, parecia laranja,

o que significava que era — ou fora – branca ou cinzento-clara.

Hamilton agarrou no holofote e apontou-o para a placa da matrícula. Na humilde opinião do agente estadual, as placas de matrícula estavam cada vez melhores. Um a um, os estados andavam a pôr pequenas imagens nas matrículas. Assim, era mais fácil identificá-las à noite, quando as diversas condições luminosas transformavam as cores reais em todo o tipo de matizes imaginários. E a pior luz de todas para identificar as matrículas eram estas malditas lâmpadas laranja de alta intensidade. Apesar de não saber se elas impediam violações e assaltos, tal como era o seu propósito, Hamilton tinha a certeza absoluta que dificultavam a tarefa de polícias trabalhadores como ele próprio a identificar placas de matrícula em carros roubados e em veículos fugidos sem número.

Os desenhozinhos constituíam um grande avanço para corrigir esta falha. Uma Estátua da Liberdade era uma Estátua da Liberdade tanto em plena luz do dia como sob o foco uniforme destes estupores de laranja-acobreado. E, qualquer que fosse a cor, a Dama Liberdade significava Nova Iorque.

Tal como a porra daquele lagostim sobre o qual o foco estava apontado neste preciso momento significava o estado do Maine. Já não era necessário esforçar os olhos para ler VACATION LAND, ou tentar adivinhar se aquilo que parecia rosa ou laranja ou azul-elétrico era realmente branco. Bastava procurar a porra do lagostim. Era realmente uma lagosta, Hamilton tinha consciência disso, mas a porra de um lagostim com um outro nome continuava a ser a porra de um lagostim. O agente estadual preferia engolir merda saída diretamente do rabo de um porco do que pôr o raio de um daqueles lagostins na sua boca; ainda assim, ele estava imensamente contente por eles existirem.

Sobretudo quando tinha um mandado sobre uma matrícula com um lagostim, como acontecia esta noite.

— Pergunta à mamã se ela acredita nisto — murmurou, estacionando o carro-patrulha no parque. Tirou a prancheta do imã que a prendia ao centro do tablier, exatamente acima da protuberância do eixo motor, passou para trás a folha do formulário de intimação em branco que todos os polícias mantinham como uma espécie de escudo sobre a folha que realmente interessava (não havia necessidade alguma que o público em geral ficasse embasbacado a olhar para os

números das matrículas em que os polícias se encontravam particularmente interessados quando o agente a quem a folha pertencia estivesse a segurar um hambúrguer ou a tomar um café expresso na bomba de gasolina mais à mão), e correu a unha do polegar ao longo da lista.

E aqui estava. 96529Q; estado do Maine; terra da porra dos lagostins.

A primeira passagem do agente estadual Hamilton pela fila de carros mostrara-lhe que ninguém se encontrava na cabina da carrinha. Havia uma prateleira para espingarda, mas estava vazia. Era possível — não provável, mas possível — que pudesse estar alguém na caixa aberta da carrinha. Era até mesmo possível que essa pessoa na caixa aberta da carrinha pudesse ter consigo a espingarda que cabia na prateleira. Mais provável ainda era que o condutor há já muito que se tivesse ido embora ou que estivesse a comer um hambúrguer lá dentro. Ainda assim...

— Polícias velhos, polícias ousados, mas não polícias velhos e ousados — sussurrou o agente estadual Hamilton em voz baixa. Desligou repentinamente o holofote e, devagar, percorreu a fila de carros. Parou mais duas vezes, ligando o holofote em ambas as vezes, apesar de não se dar sequer ao trabalho de olhar para os carros que estava a iluminar.

Havia sempre a possibilidade de que o Sr. 96529Q tivesse visto Hamilton a projetar o holofote sobre a carrinha roubada ao voltar do restaurante-estrumeira, e se visse que o carro do polícia tinha passado para o início da fila e estava a examinar outros carros, poderia não se ir embora.

— O seguro morreu de velho e isso é tudo o que sei, pelo grande Deus-Sol! — exclamou o agente estadual Hamilton. Esta era uma outra das suas favoritas, ainda que não estivesse ao mesmo nível daquela de perguntar à mamã se ela acreditava nisto, mas quase. Hamilton enfiou o carro num lugar vazio de onde conseguia observar a pick-up.

Chamou a sede, que era a menos de seis quilômetros e meio estrada acima, e disse-lhes que encontrara a carrinha GMC do Maine procurada num caso de homicídio. Pediu unidades de apoio e foi informado de que estas chegariam daí a pouco.

Hamilton verificou que ninguém se aproximou da carrinha, e decidiu que não seria demasiado ousado aproximar-se do veículo com cuidado. Na verdade, seria considerado um banana se, quando as outras unidades chegassem, ele continuasse ali sentado na escuridão, uma fila acima da pick-up.

Saiu do carro-patrulha, passando com os dedos pela correia que prendia a arma, ainda que não a tirasse do coldre. No cumprimento do dever, só sacara a arma por duas vezes, nunca tendo sequer disparado. E não era agora que desejava fazer nem uma coisa nem outra. O agente estadual aproximou-se da carrinha por um ângulo que lhe permitia observar tanto a carrinha — sobretudo a sua caixa aberta — como quem vinha do Mickey D's. Estacou quando uma mulher e um homem saíram do restaurante e se dirigiram para um Ford Sedan estacionado cerca de três filas mais perto do edifício, tendo continuado a andar quando eles se meteram no carro e se dirigiram para a saída.

Mantendo a mão direita na coronha do revólver de serviço, Hamilton deixou cair a mão esquerda sobre a anca. Na humilde opinião de Hamilton, os cintos de serviço estavam também a ficar cada vez melhores. Tanto durante a sua juventude como agora, Hamilton sempre fora um grande fã do Batman, também conhecido como o Homem Morcego. Na verdade, ele suspeitava de que o Batman tinha sido uma das razões pela qual se tornara polícia (este era um pequeno fato que Hamilton n„o se dera ao trabalho de declarar na sua candidatura à força policial). O seu acessório preferido do Batman nunca fora o Batpole ou o Batarang, nem mesmo o próprio Batmóbill, mas o cinto multifuncional do Homem Morcego. Aquele maravilhoso artigo de vestimenta era como uma boa loja de lembranças: tinha algo para todas as ocasiões, quer fosse uma corda, um par de óculos com visão noturna ou algumas cápsulas de gás de atordoamento. O seu cinto de serviço não era, de modo algum, tão bom, mas, no lado esquerdo apresentava três presilhas que prendiam três peças extremamente úteis. Um era um cilindro movido a pilhas, comercializado sob o nome de Deitação! Quando se carregava no botão vermelho em cima, o Deitação emitia um assobio ultrassônico que transformava até mesmo pit-bulls em fúria em cordeirinhos mansos. Ao lado encontrava-se uma lata de pressão de maze (a versão da polícia do estado do Connecticut do gás de atordoamento do Batman) e, ao lado deste, uma lanterna elétrica de quatro células.

Hamilton desprendeu a lanterna da presilha, ligou-a e, de seguida, esticou a mão esquerda para tapar parcialmente o feixe de luz. Fez isto sem nunca afastar a mão direita da coronha do revólver. Polícias velhos; polícias ousados;

nenhum polícia velho e ousado.

O agente estadual percorreu o feixe de luz ao longo da caixa aberta da carrinha pickup.

Via-se um pedaço de lona lá dentro, mas nada mais. A caixa da carrinha estava tão vazia como a cabina.

Durante todo esse tempo, Hamilton mantivera-se a uma distância prudente da GMC com as placas de matrícula dos lagostins — este hábito estava de tal modo arraigado que ele nem sequer se apercebeu disso. De seguida, dobrou-se e apontou o foco de luz para debaixo da carrinha, o último lugar onde alguém que lhe quisesse fazer mal poderia estar escondido. Era pouco provável mas, quando ele acabasse por bater as botas, Hamilton não gostaria que o pastor começasse o seu panegírico dizendo: "Caros amigos, encontramo-nos aqui hoje reunidos para manifestar o nosso pesar pelo improvável falecimento do agente estadual Warren Hamilton." Isso seria tão vulgar.

Com o raio de luz, varreu com rapidez o solo por debaixo da carrinha, da esquerda para a direita, e nada vislumbrou para além de um amortecedor ferrugento que iria cair num futuro próximo – não que o condutor fosse sentir uma grande diferença quando isso acontecesse, pelo aspecto dos buracos no amortecedor.

— Penso que estamos sozinhos, querida — disse o agente estadual Hamilton. Pela última vez, examinou a zona circundante à carrinha, prestando uma atenção especial ao lado virado para o restaurante. Não deu por ninguém a observá-lo e, assim, aproximou-se da janela do lado do passageiro da cabina e apontou a luz lá para dentro.

— Raios me partam! — murmurou Hamilton. — Pergunta à mamã se ela acredita nesta grande merda. — Subitamente, ficou muito contente com o fato de as lâmpadas cor de laranja que enviavam o seu foco de luz intenso através do parque de estacionamento e para dentro da cabine transformarem o que ele sabia ser castanho-avermelhado numa cor que era praticamente preto, fazendo o sangue assemelhar-se, antes do mais, a tinta. — Ele guiou o carro neste estado? Meu Deus, veio todo o caminho desde o Maine a guiar o carro neste estado? Pergunta à mamã...

Hamilton inclinou a lanterna elétrica para baixo. O assento e o chão da GMC eram uma autêntica pocilga. Viu latas de cerveja e de refrigerantes, pacotes de batatas fritas vazios e semi vazios, caixas que continham Big Mac's e Whoppers. Uma bola daquilo que parecia ser pastilha elástica estava esborrachada no tablier de metal acima do buraco onde outrora existira um rádio. No cinzeiro, podia ver-se uma série de beatas de cigarros sem filtro.

Acima de tudo, havia sangue: vestígios e manchas de sangue no assento. O volante estava encardido de sangue. Podia ver-se um salpico de sangue seco sobre o anel da buzina, ocultando praticamente o símbolo inteiro do Chevrolet aí gravado. Via-se sangue na pega de dentro da porta do condutor e sangue no espelho: esta mancha era um pequeno círculo que pretendia ser oval, e Hamilton pensou que o Sr. 96529Q talvez tivesse deixado uma impressão digital quase perfeita do polegar no sangue da vítima ao ajustar o espelho retrovisor. Via-se ainda um grande salpico de sangue coagulado numa das caixas de um Big Mac. Este dava a impressão de poder ter alguns cabelos presos.

— Que foi que ele disse à rapariga da estação? — murmurou o agente estadual entre dentes. — Que se cortou a fazer a barba?

Hamilton ouviu uma raspadela atrás de si. Rodopiou, sentindo-se demasiado lento, tendo a certeza absoluta de que, apesar das precauções habituais, fora demasiado ousado para ter conseguido chegar a velho, porque não havia nada de habitual nisto, não senhora, o tipo estava por detrás dele e, daqui a pouco, haveria ainda mais sangue na cabina da velha Chevrolet pick-up, o sangue dele, porque um tipo que conduzia um matadouro portátil como este desde o Maine até praticamente à fronteira do estado de Nova Iorque era um psicopata, o gênero de pessoa que mataria um agente estadual sem pensar duas vezes, como se estivesse a comprar um quarto de leite.

Hamilton tirou o revólver pela terceira vez na sua carreira, puxou o cão da arma para trás e esteve prestes a disparar um tiro (ou dois, ou três) em direção a nada exceto escuridão. Mas não estava ninguém ali.

Pouco a pouco, baixou a arma, com o sangue a latejar-lhe nas têmporas.

Uma brisa soprou na noite. Tornou a ouvir o mesmo som. No chão, viu uma caixa de Filet-O-Fishl — deste mesmo McDonald's, sem dúvida, que esperto que você é, Holmes, de nada, Watson, era realmente elementar — deslocar-se a roçar pelo pavimento, percorrendo um metro e meio ou dois ao sabor da brisa e, de seguida, parar de novo.

Hamilton deixou escapar um suspiro longo e trêmulo e, com cuidado, deixou cair o cão sobre o revólver.

— Estiveste prestes a fazer uma figura tristíssima, Holmes — disse ele numa voz bastante irregular. — Quase que te enfiaste num CR-14. — Um CR-14 era o formulário correspondente a "tiro(s) disparado(s)".

Hamilton pensou em voltar a colocar a arma de novo no coldre já que, agora, não duvidava de que só podia disparar contra uma caixa vazia de sanduíches de peixe. No entanto, o agente estadual decidiu mantê-la na mão até ver as outras unidades chegarem.

Sabia bem ter a arma na mão. Era reconfortante. Porque não era apenas o sangue, ou o fato de o homem procurado por homicídio por um polícia do Maine ter percorrido de carro cerca de seiscentos e quarenta quilômetros no meio daquela porcaria toda. Em redor da carrinha, sentia-se um cheiro fétido que, de certo modo, era parecido com o cheiro fétido que se sente numa estrada secundária quando um carro bate e esmaga uma doninha. Hamilton não sabia se os agentes que estavam a chegar também o sentiriam ou se seria só ele, mas isso também não lhe interessava. Não era um cheiro a sangue, ou a comida podre, ou odor corporal. Era apenas, pensou ele, o cheiro do mal. De algo muito mau. Suficientemente mau para que ele não quisesse guardar o revólver, apesar de ter quase a certeza absoluta de que o dono daquele cheiro já se tinha ido embora, provavelmente há horas atrás: Hamilton não ouviu nenhum dos ruídos curtos e regulares que provêm de um motor quando este ainda está quente. Não importava. Não alterava aquilo que sabia: durante um certo tempo, a carrinha fora o covil de algum animal terrível, e ele não iria correr o mais pequeno risco de que o animal pudesse voltar a encontrá-lo desprevenido. E a mamã poderia escrever um livro sobre aquilo.

Hamilton deixou-se ficar onde estava, com a arma na mão e os cabelos a provocarem comichão na parte de trás do pescoço. Pareceu-lhe que só muito

tempo depois é que as unidades de apoio acabaram por aparecer.

SEIS - MORTE NA GRANDE CIDADE

Dodie Eberhart estava irritada, e quando Dodie Eberhart estava irritada, havia uma tipa na capital da nação com quem ninguém se quereria meter. Subiu as escadas do edifício de apartamentos da L Street com a impassibilidade (e praticamente o volume) de um rinoceronte a atravessar uma extensão aberta de pasto. O vestido azul-marinho estendia-se e espalhava-se sobre um peito que era grande de mais para ser simplesmente qualificado de amplo. Os braços carnudos balouçavam como pêndulos.

Há muitos anos atrás, esta mulher fora uma das mais espetaculares call-girls de Washington. Naquela época, tanto a sua altura — um metro e oitenta — como a boa aparência fizeram dela mais do que apenas um bom pedaço de mulher; Dodie era tão procurada que uma noite passada com ela quase equivalia a um troféu no gabinete de um desportista. Se se observasse com cuidado as fotografias de diversas fêtes e soirées em Washington tiradas durante a segunda Administração Johnson e a primeira Administração Nixon, era possível descobrir Dodie Eberhart em muitas delas, geralmente de braço dado com um homem cujo nome aparecia com freqüência em artigos e ensaios políticos de peso. Só por causa da sua altura era difícil não reparar nela.

Dodie era uma prostituta com o coração de um banqueiro e a alma de uma barata gananciosa. Dois dos seus clientes habituais, um senador democrático e um representante republicano já de uma certa idade deram-lhe a ganhar dinheiro suficiente de forma a poder reformar-se do negócio. Não fizeram isso propriamente de livre e espontânea vontade. Dodie estava consciente de que o risco de contrair a doença não estava propriamente a diminuir (e os funcionários mais altos do Governo são tão vulneráveis à sida e a diversas outras doenças venéreas menores — mas ainda assim preocupantes — como o mais comum dos mortais). A idade dela também não estava a diminuir. Do mesmo modo, Dodie também não estava inteiramente convencida de que estes cavalheiros lhe fossem deixar algo nos respectivos testamentos, como ambos lhe haviam prometido. “Lamento imenso, dissera-lhes ela, “mas, sabem, já não acredito no Pai Natal ou na Fada Madrinha. A Dodizinha está totalmente entregue a si mesma.

Com esse dinheiro, a Dodizinha comprou três edifícios de apartamentos. Os anos passaram. Os quarenta e dois quilos que haviam feito ajoelhar homens fortes a seus pés (geralmente diante dela enquanto se mantinha nua à frente deles) tinham agora passado para cento e doze quilos. Os investimentos, que haviam corrido bem em meados dos anos 70, tinham azedado nos anos 80, quando parecia que todas as outras pessoas no país com dinheiro na Bolsa de Valores se estavam a safar bem. Dodie tivera dois excelentes corretores na sua pequena lista de clientes bem até ao final da fase ativa da sua carreira; alturas houve em que se arrependeu de não ter ficado com eles após se ter retirado.

Um edifício fora-se em 1984; o segundo em 1986, após uma auditoria desastrosa por parte das Finanças. Ela agarrara-se a este situado na L Street de uma forma tão desesperada como um jogador vencido num jogo implacável do monopólio, convencida de que se encontrava num bairro prestes a estar na "moda". Mas ainda não ficara na "moda" e Dodie tinha a sensação de que não viria a estar na "moda" durante os próximos um ou dois anos... se é que alguma vez iria a estar. Quando isso acontecesse, ela pretendia fazer as malas e mudar-se para Aruba. Por ora, a senhoria, que em tempos fora a puta mais procurada da cidade, teria de continuar a aguentar-se como podia. Que fora o que sempre fizera. Que era o que tencionava continuar a fazer. E que Deus ajudasse quem se metesse no seu caminho. Como Frederick "Espertalhão" Clawson, por exemplo.

Dodie chegou ao patamar do segundo andar. Os Guns n'Roses bramiam do apartamento dos Shulman.

— BAIXEM A MERDA DESSE GIRA-DISCOS! — berrou ela a plenos pulmões... e quando Dodie Eberhart aumentava a voz até atingir o nível máximo de decibéis, as janelas partiam-se, os tímpanos das criancinhas rebentavam e os cães caíam mortos para o lado.

De um momento para o outro, a música passou de um grito para um sussurro. Dodie podia sentir os Shulman a tremerem de medo, agarrados um ao outro como um par de cachorros assustados numa trovoada e rezando que não fossem eles que a Bruxa Má de L Street viera ver. Eles tinham medo dela. Não era errado sentir isso. Shulman era advogado de direito empresarial numa firma poderosa, mas que estava ainda a duas úlceras de distância de se tornar suficientemente poderoso para assustar Dodie. Caso ele se cruzasse no seu caminho nesta fase inicial da sua vida, ela faria dele gato-sapato, e ele sabia disso, o que era extremamente satisfatório.

Quando as contas no banco e a carteira de investimento atingem o ponto mais baixo, é necessário procurar satisfações onde estas se encontram.

Sem abrandar o passo, Dodie dobrou a esquina e começou a subir as escadas que levavam ao terceiro andar, onde Frederick "Espertalhão" Clawson vivia num esplendor solitário. Caminhou com aquele mesmo passo regular de rinoceronte-a-atravessar-a-savana, não ficando de modo algum sem fôlego apesar do seu peso, tendo as escadas abanado ligeiramente apesar da sua solidez. Ela estava ansiosa por isto.

Clawson não se encontrava sequer no degrau mais baixo de uma escada de direito empresarial. Neste preciso momento, não se encontrava sequer nessa escada. Como todos os estudantes de Direito que alguma vez conhecera (a maioria como inquilinos; nunca fora para a cama com nenhum durante aquela época que agora via como a sua "outra vida"), Clawson era basicamente feito de grandes aspirações e fundos curtos, ambos a flutuar sobre uma camada generosa de tretas. Regra geral, Dodie não confundia qualquer um destes elementos. Na sua cabeça, cair na conversa de um estudante de Direito era tão mau como fazer um favor sexual de graça. No momento em que começasse a agir dessa forma, mais valia calçar as pantufas. Figurativamente falando, está claro.

Ainda assim, Frederick "Espertalhão" Clawson deitara abaixo parte das suas defesas.

Já por quatro vezes seguidas se atrasara com o pagamento da renda, tendo Dodie permitido tal coisa porque ele a convencera de que, no caso dele a aborrecida história de sempre era realmente verdade (ou poderia acabar por ser): ele estava verdadeiramente à espera de dinheiro.

Ela não teria ido na conversa dele se Clawson lhe tivesse dito que, na realidade, Sidney Sheldon era Robert Ludlum, ou que Victoria Holt, era, na realidade, Rosemary Rogers, porque ela estava-se absolutamente nas tintas para essas pessoas ou para os seus mil e um pseudônimos. Ela gostava era de romances policiais, e se fossem verdadeiros romances policiais de forte intensidade, tanto melhor. Dodie imaginava que devia haver imensa gente por aí a preferir as lamechices românticas e as merdas de espionagem, se é que a lista dos livros mais vendidos do jornal Post Sunday tinha algum valor, embora ela já lesse Elmore Leornard muitos anos antes de este chegar às listas e de ter

igualmente formado laços muito estreitos com Jim Thompson, David Goodis, Horace McCoy, Charles Willeford, e o resto desses tipos. Para falar curto e grosso, Dodie Eberhart gostava de romances onde os homens assaltavam bancos, disparavam uns contra os outros e demonstravam o quanto amavam as suas mulheres, principalmente espancando-as com toda a força.

Na opinião dela, George Stark era — ou fora — o melhor deles todos. Dodie fora-lhe uma fã dedicada desde A Vontade de Machine e A Alelancolia de Oxford até A Caminho da Babilônia que parecia ser o último deles.

Da primeira vez que aparecera para cobrar a renda (daquela vez, Clawson ainda só estava três dias atrasado, mas, como é óbvio, quando se dá a mão, eles querem logo o braço), o espertalhão do apartamento do terceiro andar encontrava-se rodeado de notas e romances de Stark. Após ter tratado daquilo que a levara até lá e de ele lhe ter prometido que entregaria um cheque até ao meio-dia do dia seguinte, ela perguntara-lhe se, agora, a leitura das obras completas de George Stark era um requisito para uma carreira na advocacia.

— Não — replicara Clawson, de sorriso vivo, alegre e francamente predatório — embora possam vir a financiar uma carreira.

Fora o sorriso, mais do que qualquer outra coisa, que a fisgara e a levara a esquecer o caso dele quando sempre lidara com rudeza e brutalidade em todos os outros. Ela já vira aquele sorriso muitas outras vezes antes diante do próprio espelho. Nessa altura, Dodie acreditara que um tal sorriso não podia ser falso e, se é que interessa para alguma coisa, ainda acreditava nele. Clawson conseguira realmente a prova de culpabilidade de Thaddeus Beaumont; o seu erro fora ter acreditado com tanta confiança que Beaumont iria concordar com os planos de um espertalhão como Frederick Clawson. E esse fora também o erro dela.

Após a explicação de Clawson sobre aquilo que descobrira, Dodie lera um dos dois romances de Beaumont — Névoa Púrpura — tendo chegado à conclusão de que se tratava de um livro primorosamente estúpido. Apesar da correspondência e das fotocópias que o "Espertalhão" lhe mostrara, ela achara difícil, ou até mesmo impossível, acreditar que ambos os escritores fossem um só homem. Só que... aproximadamente a três quartos da leitura, num ponto em que ela se encontrava prestes a lançar o livro chatíssimo para a outra ponta da sala e a pôr o assunto de lado, deparou-se-lhe uma cena em que um lavrador mata um

cavalo. O cavalo tinha duas pernas partidas e havia que abatê-lo. No entanto, o que chamava a atenção era o fato de o velho lavrador John se deleitar com isso. Na verdade, ao encostar o cano da arma à cabeça do cavalo, o lavrador masturbara-se, tendo apertado o gatilho no momento do clímax.

Era como se, pensou ela, Beaumont tivesse saído para ir buscar uma chávena de café quando chegara àquela parte... e George Stark tivesse entrado e escrito a cena, como um Bimbambolor literário. Era certamente a única pepita de ouro naquela merda específica de feno.

Bem, nada disso importava agora. Apenas provava que ninguém se encontrava imune para sempre a tretas. O espertalhão lá de cima levara-a a dar uma volta, mas, pelo menos, fora uma volta pequena. E agora acabara.

Dodie Eberhart chegou ao patamar do terceiro andar, com a mão desde já a dobrar-se sobre si mesma, naquela espécie de punho apertado que usava sempre que chegava à altura, não de bater à porta com delicadeza, mas com força. Foi então que viu que não seria necessário bater à porta com força pois a porta do espertalhão encontrava-se entreaberta.

— Jesus chorou! — sussurrou Dodie, com os lábios encrespados.

Aquele não era um bairro de drogados, mas, quando se tratava de limpar o apartamento de um idiota qualquer, os drogados estavam mais do que desejosos de atravessar as linhas fronteiriças. O tipo era ainda mais estúpido do que ela pensara. Dodie bateu ao de leve na porta com os nós dos dedos e esta abriu-se.

— Clawson! — chamou ela numa voz que prometia condenação e perdição.

Não ouviu resposta alguma. Ao levantar os olhos para o pequeno corredor, Dodie apercebeu-se de que os estores da sala de estar estavam corridos e que o candeeiro do teto estava aceso. Um rádio tocava com o som baixo.

— Clawson, quero falar contigo! Começou a atravessar o pequeno

corredor... e estacou. Uma das almofadas do sofá estava no chão.

Era tudo. Nenhum sinal de que o sítio tivesse sido devastado por um drogado esfomeado. Contudo, os seus instintos estavam ainda alerta e, num instante, Dodie chegou a uma conclusão. Cheirava-lhe a alguma coisa. Apesar de ser um cheiro muito tênue, estava lá. Um pouco como quando a comida fica estragada mas ainda não está podre. Não era esse o cheiro, mas era o mais parecido de que ela se conseguia recordar.

Será que já sentira aquele cheiro alguma vez? Dodie imaginou que sim.

E podia sentir também outro cheiro, apesar de ter a certeza que não era o seu olfato que a tornava consciente deste último. Dodie reconheceu imediatamente aquele cheiro.

Ela e o agente estadual Hamilton, do Connecticut, teriam concordado num abrir e fechar de olhos do que é que se tratava: era o cheiro do mal.

Dodie deixou-se ficar onde estava, à porta da sala de estar, a olhar para a almofada caída no chão e a ouvir o rádio. Aquilo que a subida de três lances de escadas não conseguira fazer conseguira-o uma almofada inocente: o coração batia rapidamente sob o enorme seio esquerdo e a respiração saía com dificuldade da boca. Havia algo que não batia bem ali. Que não batia mesmo nada bem. A questão era saber se ela se tornaria ou não parte de tudo aquilo se se deixasse ficar.

O bom senso aconselhava-a a ir-se embora enquanto o podia fazer, e o bom senso era muito forte, contudo, a curiosidade dizia-lhe que ficasse e espreitasse... e este sentimento era ainda mais forte.

Esticando o pescoço, Dodie espreitou pela entrada da sala de estar, olhando primeiro para a sua direita, onde podia ver uma lareira falsa, duas janelas com vista para a L Street e pouco mais. Olhou para a esquerda e, subitamente, a sua cabeça deixou de se mexer. Na verdade, pareceu ficar petrificada naquela posição. Os olhos abriram-se.

Aquele olhar fixo e petrificado não durou mais de três segundos, embora para ela lhe tenha parecido muito mais tempo. E viu tudo, até ao ínfimo pormenor; a mente de Dodie tirou a sua própria fotografia daquilo que viu, uma fotografia tão nítida e viva como aquelas que o fotógrafo da Polícia iria tirar brevemente.

Viu duas garrafas de cerveja Amste sobre a mesinha do café, uma vazia e a outra a meio, com um colar de espuma ainda no interior do gargalo. Viu o cinzeiro com CHICAGO LAND escrito sobre a superfície curva. Viu as beatas de dois cigarros, sem filtro, esmagadas no centro de brancura imaculada do cinzeiro, apesar de o espertalhão não fumar — pelo menos, não cigarros. Viu a caixinha de plástico que, em tempos, estivera cheia de tachas, deitada de lado entre as garrafas e o cinzeiro. A maioria das tachas, com as quais o espertalhão tinha o hábito de pendurar coisas no painel da cozinha, estavam espalhadas pela superfície de vidro da mesinha do café. Viu que algumas se encontravam sobre uma cópia aberta da revista People, aquela que apresentava a história de Thad Beaumont/George Stark. Dodie conseguia ver o Sr. e a Sra. Beaumont a cumprimentarem-se por cima da lápide de Stark, apesar de, do local onde se encontrava, estarem de pernas para o ar. Na opinião de Frederick Clawson, tratava-se da história que nunca seria impressa. Em vez disso, iria fazer dele um homem razoavelmente rico. Enganara-se quanto a isso. Na verdade, parecia que ele se enganara quanto a tudo.

Dodie conseguia ver Frederick Clawson, que passara de “Espertalhão” a coisíssima nenhuma, sentado numa das suas duas cadeiras da sala de estar. Fora amarrado.

Encontrava-se nu, com as roupas atiradas numa bola emaranhada para debaixo da mesinha do café. Viu o buraco ensangüentado nas virilhas. Os testículos estavam ainda no respectivo lugar, mas o pênis fora-lhe enfiado na boca. Não havia qualquer falta de espaço porque o assassino também cortara a língua do “Espertalhão”: estava pendurada na parede. A tacha fora espetada com tamanha força na carne rosada da língua que Dodie só conseguia vislumbrar uma meia-lua arreganhada amarela que era a cabeça da tacha, e também isto a sua mente fotografou implacavelmente. O sangue infiltrara-se por debaixo do papel de parede sob a língua, desenhando a forma de uma ventoinha irregular.

O assassino utilizara uma outra tacha, esta com cabeça verde, para pregar a segunda página do artigo da revista People no peito nu do ex-Espertalhão.

Apesar de não conseguir ver o rosto de Liz Beaumont — estava encoberto pelo sangue de Clawson — Dodie conseguia ver a mão da mulher, oferecendo a lata de bolinhos de chocolate para a apreciação risonha de Thad. Ela recordava-se que aquela fotografia aborrecera Clawson em particular. “Que coisa tão encenada!”! exclamara ele. “Ela detesta cozinhar; ela própria o confessou numa entrevista logo após Beaumont ter publicado o primeiro romance. Escrito a sangue e à mão sobre a língua cortada pregada à parede, encontravam-se estas sete palavras: OS PARDAIS ESTÃO A VOAR DE NOVO.

“Meu Deus”, pensou uma parte distante da sua mente, tal e qual um romance de George Stark... como alguma coisa que Alexis Machine faria.

Por detrás dela veio um ruído semelhante a uma pancada amortecida.

Dodie Eberhart gritou e virou-se. Machine aproximara-se dela com a sua terrível navalha de barbear de aço reluzente, agora coberta com o sangue de Frederick Clawson.

O seu rosto era a máscara deformada de cicatrizes, tudo aquilo que Nonie Griffiths deixara após o ter totalmente retalhado no final de A Vontade de Machine, e...

Todavia, afinal de contas, não havia ninguém ali. A porta pura e simplesmente fechara-se, como por vezes as portas fazem.

“Será mesmo isso?” perguntou a parte distante da sua mente... só que agora estava mais próxima, aumentando a voz, insistente no pavor. “Quando subiste as escadas, a porta estava entreaberta sem qualquer tipo de problema. Não escancarada, mas o suficiente para se aperceber que não estava fechada”.

Nesse instante, o seu olhar pousou de novo nas garrafas de cerveja na mesinha do café. Uma vazia. Outra a meio, com um anel de espuma ainda no interior do gargalo.

O assassino estava por detrás da porta quando ela entrara. Se tivesse virado a cabeça tê-lo-ia visto quase de certeza... e, agora, também ela estaria

morta.

E enquanto ali se encontrava, hipnotizada pelos restos coloridos de Frederick "Espertalhão" Clawson, ele fora-se simplesmente embora, fechando a porta atrás de si.

As duas pernas perderam toda a força e ela deixou-se cair de joelhos, com uma espécie de graciosidade estranha, parecendo uma rapariga prestes a comungar. Como um hamster numa roda de exercício, a mente correu freneticamente sobre o mesmo pensamento: "Oh, não devia ter gritado, ele vai voltar, oh, não devia ter gritado, ele vai voltar, oh, não devia ter gritado..." E foi então que o ouviu, o ruído surdo e calculado dos seus pés grandes no tapete do átrio. Mais tarde, convenceu-se de que os malditos Shulman tinham voltado a aumentar o volume da aparelhagem e de que ela confundira a pancada regular do baixo com passos. Contudo, naquele momento, Dodie estava convencida de que era Alexis Machine e de que ele estava de volta... um homem tão empenhado e tão mortífero que nem mesmo a morte o faria parar.

Pela primeira vez na sua vida, Dodie Eberhart desmaiou.

Veio a si menos de três minutos depois. As pernas ainda não tinham força suficiente para a segurar, e por isso, Dodie arrastou-se pelo pequeno corredor do apartamento até à porta, com o cabelo sobre o rosto. Pensou em abrir a porta e olhar lá para fora, mas não teve coragem de o fazer Em vez disso, rodou o ferrolho, prendeu a lingüeta e, de seguida, prendeu a barra no seu pé de aço. Depois de todas essas coisas, sentou-se contra a porta, arquejante, o mundo uma mancha cinzenta. Dodie estava vagamente consciente de que se trancara com um corpo mutilado, mas não era tão mau quanto isso.

Não era mesmo nada mau quando ponderava as alternativas.

A pouco e pouco, as forças voltaram e Dodie foi capaz de se pôr de pé. Dobrou a esquina na extremidade do vestíbulo e, de seguida, entrou na cozinha, onde estava o telefone. Manteve os olhos afastados daquilo que restava do "Espertalhão", apesar de este ser um exercício em vão; e continuaria a ver aquela fotografia da mente em toda a nitidez hedionda durante um longo período de tempo.

Chamou a Polícia e, quando os agentes chegaram, não os deixou entrar enquanto um deles não enfiou por debaixo da porta a sua identificação.

— Qual é o nome da sua esposa? — perguntou ela ao polícia, cujo distintivo plastificado o identificava como Charles F. Toomey Jr. A sua voz estava alta e trêmula, exatamente o oposto do tom habitual. Os amigos mais chegados (se é que ela tinha algum) não a teriam reconhecido.

— Stephanie, minha senhora — respondeu a voz do outro lado da porta, pacientemente.

— Sabe muito bem que posso telefonar para a central a confirmar se é verdade! — exclamou ela, num tom quase estridente.

— Eu sei que pode, senhora Eberhart — replicou a voz — mas não acha que se ir sentir segura muito mais rapidamente se nos deixar entrar?

E porque ela continuou a reconhecer a voz do polícia com tanta facilidade como reconhecera o cheiro do mal, desaferrolhou a porta e deixou Toomey e o colega entrarem. Uma vez com eles lá dentro, Dodie fez algo que nunca fizera antes: teve um ataque de histeria.

SETE - ASSUNTO DE POLÍCIA

Quando a Polícia chegou, Thad encontrava-se no andar de cima, no seu escritório, a escrever.

Liz estava a ler um livro na sala de estar enquanto William e Wendy faziam palermices um ao outro no enorme parque partilhado pelos dois. Liz dirigiu-se à porta, tendo, antes de abrir, espreitado para o exterior de uma das decorativas janelas estreitinhas que a franqueavam. Tratava-se de um hábito que adquirira desde aquilo que era jocosamente apelidado da “estréia de Thad” na revista People. Os visitantes — na sua grande maioria vagos conhecidos, com uma mistura generosa de habitantes da vila curiosos e até mesmo de alguns

estranhos (estes últimos unanimemente fãs de Stark) em grande número tinham adquirido o costume de lhe bater à porta. Thad chamava a isso a "síndrome-de-ver-os-crocodilos-vivos" e afirmava que iria desaparecer aos poucos, numa semana ou duas. Liz esperava que ele tivesse razão. Por ora, ela temia que um dos novos visitantes pudesse ser um caçador de crocodilos tresloucado, do gênero daquele que assassinara John Lennon, o que a levava sempre a espreitar pela janelinha lateral antes de abrir a porta. Apesar de não ter a certeza se reconheceria um louco genuíno quando visse um, Liz podia, pelo menos, evitar o descarrilamento do comboio de pensamentos de Thad durante as duas horas passadas todas as manhãs a escrever. Após esse tempo, era ele próprio quem atendia a porta, lançando-lhe com freqüência um olhar culpado de rapazinho ao qual ela não sabia como responder.

Nesta manhã de sábado, os três homens na soleira da porta da frente não eram fãs de Beaumont ou de Stark, imaginou ela, e também não eram nenhuns loucos... a não ser que alguns dos tresloucados da nova geração tivessem adquirido o hábito de conduzir carros-patrulha da polícia estadual. Liz abriu a porta, sentindo a pontada de receio que mesmo as pessoas mais inocentes devem sentir quando a Polícia aparece sem ser chamada. Imaginou que, se tivesse filhos com idade suficiente para andarem por aí aos pinotes naquela manhã chuvosa de sábado, ela já estaria a interrogar-se se eles estariam bem.

— Sim?

— A senhora Elizabeth Beaumont? — perguntou um deles.

— Sim, sou eu. Em que lhes posso ser útil?

— O seu marido encontra-se em casa, senhora Beaumont? — perguntou um segundo.

Estes dois vestiam gabardinas cinzentas idênticas e chapéus da polícia estadual, também idênticos.

"Não, é o fantasma de Ernest Hemingway que vocês ouvem lá em cima a matraquear", lembrou-se ela de dizer, mas, como é óbvio, não o fez. Primeiro foi tomada por aquele medo súbito de será-que-alguém-teve-um-acidente, a que

se seguiu a culpa ilusória que leva uma pessoa a querer sair-se com algo ríspido ou sarcástico, algo que exprimisse, quaisquer que fossem as palavras: "Vão-se embora. Ninguém os quer aqui. Não fizemos nada de mal. Vão-se embora e descubram alguém que o fez".

— Importam-se que lhes pergunte porque é que gostariam de falar com ele?

Alan Pangborn era o terceiro polícia.

— Assunto de polícia, senhora Beaumont — respondeu. — Será que podemos falar com ele, por favor?

Thad Beaumont não mantinha nada que se parecesse com um diário organizado, mas, por vezes, acabava por escrever sobre os acontecimentos na sua própria vida que o interessavam, divertiam ou assustavam. Mantinha essas notas num livro-razão encadernado, e a sua mulher não se mostrava muito interessada nelas. Na verdade, assustavam-na, embora ela nunca o tivesse confessado a Thad A maioria era peculiarmente desapaixonada, quase como se uma parte dele estivesse a relatar a sua vida, com um olhar distanciado e praticamente desinteressado. Após a visita da Polícia na manhã de 4 de Junho, Thad escreveu uma longa entrada, perpassada por uma intensa e invulgar corrente de emoção.

"Agora compreendo um pouco melhor O Processo de Kafka e 1984, de Orwell [escreveu Thad]. Um grave erro lê-lo apenas como romances políticos e nada mais.

Creio que a depressão pela qual passei após ter terminado Os Dançarinos e de ter descoberto que nada mais havia a esperar depois desse livro — salvo o aborto de Liz, isso sim constitui ainda a experiência emocional mais devastadora da nossa vida de casados, embora aquilo que hoje aconteceu pareça ser pior. Digo a mim mesmo que assim é porque a experiência ainda está recente, mas, suspeito que seja muito mais do que isso.

Dado que o meu período na escuridão e a perda daqueles dois primeiros gêmeos constituem feridas que sararam, deixando apenas cicatrizes para marcar os locais onde se encontravam, suponho, pois, que esta nova ferida também ir sarar... embora não acredite que o tempo alguma vez a apagar por completo. Deixar igualmente a sua cicatriz, uma que será mais pequena ainda que mais profunda — como a cicatriz desbotada de um corte repentino com uma faca.

Tenho a certeza de que a Polícia se comportou de acordo com o seu juramento (se é que ainda prestam juramento, e suponho que ainda o fazem). Mesmo assim, tanto naquele momento como agora, paira ainda sobre mim o sentimento de que me encontrava em perigo de ser empurrado para uma qualquer máquina burocrática sem rosto. Não homens mas uma máquina, que continuaria metodicamente com o seu processo até me desfazer por completo... porque desfazer pessoas é o propósito da máquina. O som dos meus gritos não aceleraria nem atrasaria a ação de destruição da máquina.

Quando Liz subiu as escadas e disse que a Polícia me queria ver por causa de uma coisa qualquer, embora não lhe dissessem do que é que se tratava, pude ver quanto estava nervosa. Disse-me que um deles era Alan Pangburn,o xerife do município de Castle. É possível que o tenha encontrado uma ou duas vezes antes, mas só o reconhecemos porque a sua fotografia aparece de tempos a tempos no jornal Call de Castle Rock.

Fiquei curioso e grato pela pausa na máquina de escrever, onde, na última semana, as minhas personagens têm vindo a insistir para fazer coisas que eu não quero que façam.

Se pensei em alguma coisa, suponho que pensei que deveria ser algo relacionado com Frederick Clawson, ou com alguma repercussão do artigo na People.

Não sei se conseguirei transmitir corretamente o tom do encontro que se seguiu. Não sei sequer se isso tem alguma importância; só sei que parece importante tentar.

Encontravam-se no átrio de entrada, perto da base das escadas, três homens grandes (não admira que as pessoas os chamem “bisarmas”) a pingarem água sobre o tapete.

— O senhor é Thaddeus Beaumont? — perguntou um deles: era o xerife Pangborn. Foi então que a alteração emocional que desejo descrever (ou, pelo menos, indicar) começou a acontecer. À curiosidade e ao prazer de me ver livre, ainda que por breves momentos, da máquina de escrever, juntou-se uma certa dose de perplexidade. E também alguma preocupação. O meu nome completo, mas nada de "senhor". Como um juiz a dirigir-se ao réu sobre o qual se encontra prestes a proferir a sentença.

— Sim, é isso mesmo — respondi eu — e o senhor é o xerife Pangborn. Sei porque temos uma casa em Castle Lake. — De seguida, estiquei a mão, naquele velho gesto automático do homem americano bem treinado. Ele limitou-se a olhar para a mão, tendo o seu rosto adquirido uma expressão diferente: era como se tivesse aberto a porta do frigorífico e verificado que o peixe que comprara para o jantar estava estragado.

— Não tenho intenção alguma de lhe apertar a mão — afirmou. — Portanto, talvez seja melhor voltar a colocar a mão onde a tinha e poupar a ambos uma situação constrangedora. Que raio de coisa estranha para se dizer, algo francamente grosseiro para se dizer, embora isso não me tivesse perturbado tanto como a forma como o fora dito. Era como se ele pensasse que eu estava louco. E, precisamente desta forma, fiquei aterrorizado. Ainda agora tenho dificuldade em acreditar na rapidez, na maldita rapidez com que as minhas emoções atravessaram todo o espectro habitual, passando da simples curiosidade e algum prazer na pausa da rotina habitual para um medo puro e simples.

Naquele momento, soube que eles não estavam aqui apenas para falar comigo sobre alguma coisa mas porque acreditavam que eu fizera algo e, naquele instante de horror ("Não tenho intenção alguma de lhe apertar a mão") tive também a certeza de que o tinha feito.

É precisamente isto que eu tenho de pôr para fora. No instante feito de silêncio morto que se seguiu à recusa de Pangborn de me apertar a minha mão, pensei, com efeito, que fizera tudo... e de que nada valeria não confessar a minha culpa.

Lentamente, Thad baixou a mão. Pelo canto do olho, podia ver Liz com as mãos fechadas numa apertada bola branca entre os seios e, subitamente, desejou ficar furioso com este polícia, que fora convidado a entrar de livre vontade em sua casa e que, de seguida, se recusara a apertar-lhe a mão. Este polícia cujo salário era pago, pelo menos numa pequena parte, pelos impostos que os Beaumont pagavam pela casa em Castle Rock. Este polícia que assustara Liz. Este polícia que o assustara a ele.

— Muito bem — disse Thad num tom calmo. — Já que o senhor não deseja apertar-me a mão, então talvez me possa dizer por que razão se encontra aqui.

Ao contrário dos polícias estaduais, Alan Pangborn não vestia uma gabardina mas um blusão impermeável que só chegava à cintura. Enfiou a mão no bolso de trás, tirou um cartão e começou a lê-lo. Só passados alguns instantes é que Thad se apercebeu de que estava a ouvir uma variante do aviso Miranda. — Como disse, chamo-me Alan Pangborn, senhor Beaumont. Sou o xerife do município de Castle, no Maine. Encontro-me aqui porque tenho de o interrogar relativamente a um homicídio. Far-lhe-ei estas perguntas na Central da Polícia Estadual de Orono. Tem o direito de permanecer calado...

— Oh, pelo amor de Deus, o que é que se está a passar aqui? — inquiriu Liz e, sobrepondo-se a essa pergunta, Thad ouviu-se a si próprio afirmar:

— Espere aí um minuto, espere a porra de um minuto! — Thad tivera a intenção de bramir estas palavras, mas, apesar de o cérebro ordenar aos pulmões para aumentar o volume até atingir o tranqüilizante tom elevado, apropriado para uma sala de conferências, o melhor que conseguiu foi uma ligeira objeção que Pangborn atropelou com facilidade.

—... e tem o direito a um advogado. Caso não possa pagar um advogado, este ser-lhe proporcionado.

Pangborn tornou a colocar o cartão no bolso de trás.

— Thad? — Liz comprimia-se contra ele, como uma criança pequena assustada pela trovoada. Os seus enormes olhos perplexos fitavam Pangborn. De

vez em quando, dardejavam os agentes estaduais, que pareciam ser suficientemente grandes para jogarem à defesa numa equipe de futebol americano profissional, mas, durante a maior parte do tempo, permaneciam sobre Pangborn.

— Não vou a lado nenhum com o senhor – respondeu Thad. A voz tremia, oscilando para cima e para baixo, alternando de registro como a voz de um jovem adolescente.

Estava ainda a tentar ficar furioso. — Não me parece que o senhor me possa obrigar a fazer isso. Um dos agentes estaduais pigarreou:

— A alternativa — disse — é voltarmos atrás e irmos buscar um mandado para o prender, senhor Beaumont. Com base nas informações que possuímos, isso seria extremamente fácil. O agente...

O agente olhou de relance para Pangborn. — Talvez seja conveniente acrescentar que o xerife Pangborn queria que trouxéssemos um conosco. Insistiu muito para que assim fosse, e suponho que teria conseguido o que queria se o senhor não fosse... uma espécie de figura pública.

Pangborn mostrou-se desagradado, talvez por este fato, possivelmente porque o agente estava a informar Thad desse fato, ou mesmo pelos dois. O agente estadual viu o olhar lançado por Pangborn e bateu com os sapatos molhados um no outro, como se estivesse um pouco constrangido, mas, ainda assim, continuou a falar:

— Dada a situação, não tenho problema algum em que fique ao corrente deste fato. — Olhou interrogativamente para o colega, que acenou a cabeça. Pangborn continuou a parecer desagradado. E zangado. "Ele dá a sensação", pensou Thad, "de que gostaria de me esquartejar com as unhas e de me enrolar as tripas à volta do pescoço".

— Isso soa muito profissional — replicou Thad. Ficou aliviado por ver que, pelo menos, estava a conseguir recuperar o fôlego e que a sua voz começava a voltar ao tom habitual. Thad queria ficar zangado porque a cólera iria mitigar o medo mas tudo o que conseguia sentir não passava de

desorientação. Era como se tivesse sido esmurrado. — Só que se esquece do fato de eu não ter a mais pequena idéia de que raio é que se está a passar.

— Se pensássemos que isso fosse verdade, não estaríamos aqui, senhor Beaumont — replicou Pangborn. Por fim, a expressão de aversão no seu rosto acabou por despoletar aquilo que Thad tanto queria, tendo ficado subitamente enfurecido.

— Estou-me nas tintas para aquilo que pensa! – exclamou Thad. — Disse-lhe que sabia quem o senhor era, xerife Pangborn. Eu e a minha mulher possuímos uma casa de Verão em Castle Rock desde mil novecentos e setenta e três, muito antes de o senhor ter sequer ouvido falar daquele lugar. Não sei o que está aqui a fazer, a cerca de duzentos e sessenta quilômetros do seu território, ou porque é que está a olhar para mim como se eu fosse uma cagadela de pássaro num carro novinho em folha, mas posso-lhe garantir que não irei para lado algum com o senhor enquanto não souber o que se passa. Se for preciso um mandado de captura, vá-se embora e arranje um. Mas quero que saiba que se assim o fizer, vai ficar enfiado até ao pescoço numa chaleira de merda a ferver e eu estarei por debaixo a atiçar o lume. Porque eu não fiz nada. Isto é absolutamente incrível. Apenas... absolutamente... incrível!

Nesta altura, a voz de Thad atingiu o volume máximo, e ambos os agentes estaduais pareciam um pouco desconcertados. Pangborn, não. Continuou a fitar Thad daquele modo inquietante. Na outra sala, um dos gêmeos começou a chorar.

— Oh, meu Deus — lastimou-se Liz — o que se passa? Diga-nos!

— Vai lá ver os miúdos, amor — pediu Thad desviando o olhar fixo do de Pangborn.

— Mas...

— Por favor — insistiu Thad. Por essa altura, já os dois bebês choravam. — Vai ficar tudo bem.

Liz lançou-lhe um último olhar vacilante, que perguntava “Prometes?” — e encaminhou-se para a sala de estar.

— Queremos interrogá-lo relativamente ao homicídio de Homer Gamache — afirmou o segundo agente.

Thad desviou o olhar petrificado sobre Pangborn e virou-se para o polícia.

— Quem?

— Homer Gamache — repetiu Pangborn. — Vai-nos dizer que o nome nada significa para si, senhor Beaumont?

— Claro que não — respondeu Thad, espantado. — Quando estamos na vila, é o Homer quem leva o nosso lixo para a lixeira. Também faz alguns consertos lá em casa. Perdeu um braço na Coréia. Deram-lhe a Estrela de Prata...

— De bronze — corrigiu Pangborn, friamente.

— O Homer está morto? Quem é que o matou?

Nesse momento, os agentes entreolharam-se, surpresos. Depois da dor, a surpresa talvez seja a emoção humana mais difícil de fingir com eficácia.

O primeiro agente replicou numa voz curiosamente dócil:

— Temos todas as razões para pensar que tenha sido o senhor, senhor Beaumont. Por isso é que estamos aqui.

Por um instante, Thad fitou-o com um vazio no olhar, lançando, de seguida, uma gargalhada.

— Meu Deus! Pelo amor de Deus! Isto é de loucos.

— Quer ir buscar um casaco, senhor, Beaumont? — perguntou o outro agente. — Está a chover bastante lá fora.

— Não vou a lado nenhum com o senhor — repetiu ele, ausente, não se apercebendo da repentina expressão de exasperação de Pangborn. Thad estava a pensar.

— Penso que vai — respondeu Pangborn — de um modo ou de outro.

— Terá de ser, então, do outro modo — replicou ele, acordando dos seus pensamentos.

— Quando é que isso aconteceu?

— Senhor Beaumont — disse Pangborn, falando lentamente e articulando com cuidado as palavras; era como se estivesse a falar com uma criança de quatro anos, e uma que não fosse propriamente esperta. — Não estamos aqui para lhe darmos quaisquer informações.

Liz surgiu à entrada da porta com os bebês. O seu rosto ficara sem um pingo de cor; a sua testa brilhava como uma lâmpada.

— Isto é de loucos — exclamou ele, olhando de Pangborn para os agentes e, de seguida, de novo para Pangborn. — De loucos. Não se apercebem disso?

— Ouça — disse Thad, encaminhando-se na direção de Liz e colocando o braço à volta dela — eu não matei o Homer, xerife Pangborn, embora agora já entenda porque é que está tão irritado. Venha lá acima até ao meu escritório. Vamo-nos sentar a ver se conseguimos descortinar isto...

— Quero que o senhor vá buscar o seu casaco – ordenou Pangborn. Olhou de relance para Liz. – Desculpe a minha linguagem, mas já aturei tudo o que tinha a aturar para uma manhã chuvosa de sábado. O senhor foi apanhado.

Thad olhou para o mais velho dos dois agentes estaduais.

— Será que o senhor se importa de meter algum juízo na cabeça deste homem? Diga-lhe que poder evitar uma série de situações constrangedoras e confusas se me disser quando é que o Homer foi morto — e, acrescentando de seguida — e onde. Se foi em The Rock, porque eu não consigo imaginar o que é que o Homer estaria a fazer cá para estas bandas... ora, nos últimos dois meses e meio, não saímos de Ludlow, exceto para ir à universidade.

O agente estadual refletiu por um momento, acabando por dizer de seguida:

— Desculpe-nos por uns instantes.

Os três afastaram-se até ao átrio de entrada, dando quase a sensação de que eram os agentes que conduziam Pangborn. Saíram pela porta da frente. Mal esta se fechou, Liz explodiu numa enxurrada de perguntas confusas. Thad conhecia-a bem de mais para suspeitar que o terror tivesse assumido a forma de raiva — até mesmo de fúria — contra os polícias, mais que não fosse pela notícia da morte do Homer Gamache. No ponto em que as coisas estavam, ela encontrava-se à beira das lágrimas.

— Vai ficar tudo bem — respondeu ele, beijando-a na face. E, lembrando-se depois, também beijocou William e Wendy, que estavam a começar a ficar verdadeiramente irrequietos. — Acho que os agentes estaduais já sabem que estou a dizer a verdade.

Pangborn... bem, ele conhecia o Homer. Tu também. ele está apenas extremamente irritado. – “E pelo olhar e tom de voz, deve ter em sua posse aquilo que parecem ser provas inabaláveis que me ligam ao assassinato”, pensou ele, embora não o tenha acrescentado.

Thad atravessou o átrio e espreitou pela estreita janela lateral, tal como fizera Liz. Se não fosse pela situação, aquilo que viu até podia ser engraçado. Os três encontravam-se sob o alpendre, quase mas ainda que não totalmente abrigados da chuva, a conferenciar.

Apesar de conseguir ouvir o som das vozes, Thad não conseguia destrinçar aquilo que diziam. Pensou que se assemelhavam a jogadores de beisebol a conferenciar em cima da base, durante um ataque tardio executado pela outra equipe. Os dois polícias estaduais estavam a falar com Pangborn, que abanava a cabeça e replicava acaloradamente. Thad tornou a atravessar o átrio.

— Que é que eles estão a fazer? — perguntou Liz.

— Não sei — respondeu Thad por sua vez — mas parece-me que os polícias estão a tentar convencer Pangborn à dizer-me a razão pela qual ele tem tanta certeza de que fui eu quem matou Homer Gamache. Ou, pelo menos, algumas das razões.

— Coitado do Homer — sussurrou ela. — Isto é um autêntico pesadelo.

Thad tirou William do colo dela e tornou a dizer-lhe para não se preocupar.

Cerca de dois minutos mais tarde, os polícias regressaram. O rosto de Pangborn era uma nuvem negra. Thad suspeitou que os dois polícias estaduais lhe deveriam ter dito aquilo que o próprio Pangborn já sabia, mas que não queria admitir: o escritor não apresentava nenhum dos tiques e taras geralmente associados à culpa.

— Muito bem — disse Pangborn, tentando evitar uma certa rispidez, pensou Thad, e a sair-se bastante bem. Ainda que não tivesse lá muito êxito, estava a sair-se bastante bem, considerando o fato de se encontrar na presença do suspeito número um do assassinato de um velhote com um só braço. – Estes senhores gostariam que, pelo menos, lhe fizesse uma pergunta aqui, senhor Beaumont, e assim o farei. Será que nos pode dar conta do seu paradeiro no período de tempo entre às onze da noite de trinta e um de Maio e às quatro da manhã de um de Junho?

Os Beaumont trocaram um olhar entre si. Thad sentiu libertar-se de um

grande peso à volta do coração. Ainda que não tivesse desaparecido por completo, ainda não, era como se todos os ferrolhos que sustentavam aquele peso tivessem sido abertos. Agora só faltava um valente empurrão.

— Achas que foi? — murmurou Thad para a mulher. Apesar de estar convencido que sim, parecia ser bom demais para ser verdade.

— Tenho a certeza que foi — respondeu Liz. — Trinta e um, foi o que disse? — Ela olhava para Pangborn com uma esperança radiosa. Pangborn devolveu o olhar com desconfiança.

— Sim, minha senhora. Mas temo que a sua palavra não consubstânciada não seja...

Ela ignorava-o, contando para trás com os dedos. Subitamente, sorriu como uma aluna na escola.

— Terça-feira! Terça-feira foi trinta e um! – exclamou para o marido. — Foi! Graças a Deus!

Pangborn ficou espantado e mais desconfiado do que nunca. Os agentes entreolharam-se e, de seguida, olharam de novo para Liz.

— Será que nos quer dizer o que está a passar-se, senhora Beaumont? — perguntou um deles.

— Na noite de terça-feira, dia trinta e um, demos aqui uma festa! — replicou ela, lançando a Pangborn um olhar de triunfo e de profunda aversão. — A casa estava cheia! Não foi, Thad?

— Se foi!

— Num caso como este, um bom álibi constitui em si mesmo causa de suspeita — afirmou Pangborn, ainda que parecendo abalado.

— Oh, que homem tonto e arrogante! — exclamou Liz. Cores vivas brilhavam agora nas suas faces. O medo estava a passar; a fúria vinha aí. Liz olhou para os agentes: — Se o meu marido não tem um álibi para este assassinato que vocês dizem que ele cometeu, levem-no para a esquadra! Se ele tem um álibi, este homem diz que provavelmente significa que, de qualquer modo, foi ele à mesma! De que é que têm medo? De um trabalhinho honesto? Porque é que estão aqui?

— Pára com isso, Liz — pediu Thad sobriamente. – Eles têm boas razões para estarem aqui. Se o xerife Pangborn andasse à caça de gambozinos ou tivesse vindo atrás de um palpite, penso que teria vindo sozinho.

Pangborn lançou-lhe um olhar de desagrado, tendo de seguida suspirado.

— Fale-nos lá sobre essa festa, senhora Beaumont.

— Foi em homenagem a Tom Carroll — explicou Thad. – Tom esteve no Departamento de Inglês da universidade durante dezenove anos, tendo sido o seu presidente nos últimos cinco. Reformou-se a vinte e sete de Maio, quando o ano letivo terminou oficialmente. Sempre foi um dos mais queridos do departamento, conhecido pela maioria de nós, velhos cavalos de guerra, como Gonzo Tom por causa da sua predileção pelos ensaios de Hunter Thompson. Assim, decidimos oferecer-lhe uma festa de despedida para ele e para a mulher.

— A que horas é que essa festa terminou? Thad sorriu:

— Bem, acabou antes das quatro da manhã, mas deu para o tarde. Quando se junta um grupo de professores de inglês com uma provisão praticamente ilimitada de bebidas alcoólicas, é possível passarmos todo um fim-de-semana juntos. Os convidados começaram a chegar por volta das oito e... quem foi o último, querida?

— Rawlie DeLesseps e aquela mulherzinha horrível do Departamento de História com quem ele anda desde o tempo da Maria Cachucha — respondeu ela. — Aquela que brada aos quatro ventos: “Chamem-me apenas Billie, tal como toda a gente.

— Exatamente — disse Thad, a sorrir neste momento. — A "Bruxa Má do Leste".

Os olhos de Pangborn enviavam uma mensagem clara de vocês-estão-a-mentir-e-ambos-sabemos-disso.

— E a que horas é que esses amigos se foram embora? Thad estremeceu um pouco.

— Amigos? Rawlie, sim. Aquela mulher é de certeza que não.

— Duas da manhã — respondeu Liz.

Thad acenou com a cabeça:

— Tinham de ser pelo menos duas da manhã quando os vimos pelas costas. Quase que os pusemos na rua. Tal como já disse, no dia em que entrar para o Clube de Fãs da Wilhemina Burks, há-de estar a nevar no Inferno. No entanto, teria insistido para que eles passassem cá à noite se o Rawlie tivesse ainda de conduzir mais de cinco quilômetros ou se não fosse assim tão tarde. De qualquer modo, não estava ninguém nas estradas àquela hora da noite de uma terça-feira, desculpem-me, de uma quarta-feira. Exceto, talvez, alguns veados a fazerem incursões nos jardins. — Thad fechou a boca abruptamente. No seu alívio, estava prestes a tartamudear.

Fez-se um momento de silêncio. Nesta altura, os dois agentes olhavam para o chão.

Pangborn aparentava uma expressão no rosto que Thad não conseguia decifrar — tinha a impressão de que nunca a vira antes. Não era desapontamento, embora o desapontamento fizesse parte dela. "Mas que raio de coisa é que se passa aqui?

— Bem, tudo isso é muito conveniente, senhor Beaumont — disse, por fim, Pangborn — mas está muito longe de ser algo sólido. Temos a sua palavra e a da sua mulher, ou um cálculo por alto, da hora em que esse último casal se

teria ido embora. Se são tão horríveis como os senhores parecem achar que são, só muito dificilmente é que eles serão capazes de corroborar aquilo que disseram. E se este tipo DeLesseps é realmente um amigo, ele poder dizer... bem, quem sabe?

Ainda assim, Alan Pangborn estava a perder terreno. Thad apercebeu-se disso e julgou — não, soube que os agentes estaduais também se tinham apercebido de tal. No entanto, o homem ainda não estava pronto para os largar. O medo que Thad inicialmente sentira e a raiva que se seguira estavam a transformar-se em fascínio e curiosidade. Tinha a impressão que nunca vira perplexidade e certeza tão equilibrados a debaterem-se numa guerra. A realização da festa — e ele tinha de aceitar como fato algo que pode ser confirmado com tanta facilidade — tinha-o abalado... ainda que não o tivesse convencido. Do mesmo modo, Thad podia ver que os agentes também não estavam inteiramente convencidos. A única diferença era que não tinham ido tanto aos arames. Não haviam conhecido Homer Gamache pessoalmente e, portanto, não tinham qualquer interesse pessoal no assunto. Alan Pangborn tinha os dois.

"Eu também o conheci", pensou Thad. "Assim, talvez também tenha algum interesse nisso... parte do meu pescoço, está claro".

— Olhe — disse de modo paciente, conservando o olhar fixo no de Pangborn e tentando não retribuir hostilidade — vamos pôr os pontos nos "is", como os meus alunos gostam de dizer. O senhor perguntou se podíamos provar efetivamente o nosso paradeiro...

— O seu paradeiro, senhor Beaumont — corrigiu Pangborn.

— Está bem, o meu paradeiro. Cinco horas bastante difíceis. Quando a maioria das pessoas está na cama. Graças a nada mais do que pura sorte, nós (se preferir, eu) podemos cobrir pelo menos três dessas cinco horas. Talvez Rawlie e a sua detestável companhia se tenham ido embora às duas ou talvez à uma e meia ou às duas e um quarto. Qualquer que fosse a hora, era tarde. Eles vão corroborar este fato, e aquela mulherzinha Burks não mentiria quanto ao meu álibi mesmo que Rawlie o fizesse.

Penso que se a Billie Burks me visse aflito, a afogar na praia, lançava um

balde de água sobre mim.

Liz lançou-lhe um sorrisinho estranho e afetado enquanto pegava em William, que estava a começar a contorcer-se ao colo do pai. Thad começou por não entender aquele sorriso, mas, depois, descobriu a razão. Era aquela expressão, está claro – "mentir quanto ao meu álibi". Era uma expressão que Alexis Machine, o arquivilão dos romances de George Stark, por vezes utilizava. De certo modo, era esquisito; Thad não conseguia lembrar-se de alguma vez ter usado um starkismo em qualquer conversa. Por outro lado, também nunca fora acusado de assassinato e o assassinato era um gênero de situação própria de George Stark.

— Mesmo supondo que estamos enganados em cerca de uma hora e que os últimos convidados se tenham ido embora à uma — continuou ele — e supondo ainda que saltei para o meu carro no minuto (no segundo) em que eles viraram as costas, e que depois tenha guiado como um tresloucado até Castle Rock, não teria qualquer hipótese de lá chegar antes das quatro e meia ou cinco horas da manhã. Não há qualquer auto-estrada para o leste, como sabem.

Um dos agentes começou:

— E a Arsenault disse que era cerca de um quarto para a uma quando viu...

— Não há necessidade alguma de entrarmos nesses pormenores neste preciso momento — interrompeu Alan rapidamente.

Liz produziu um som indelicado e irritado, tendo Wendy arregalado os olhos para ela de forma cômica. Na curva do outro braço, William parou de se contorcer, subitamente absorvido pela maravilha dos seus próprios dedos contorcidos. Para Thad, ela disse.

— Havia aqui ainda imensa gente à uma da manhã, Thad — disse ela. — Imensa. — De seguida, atacou Alan Pangborn; desta vez, atacou-o mesmo: — Que é que se passa consigo, xerife? Porque é que está tão obcecadamente determinado em deitar tudo isto para cima do meu marido? Será que o senhor é um homem estúpido? Preguiçoso? Mau?

Não me parece que seja nenhuma dessas coisas, mas o seu comportamento faz-me imaginar isso. Imaginar isso e muito mais. Se calhar foi à sorte. Foi? Tirou o nome dele de um maldito chapéu?

Alan recuou ligeiramente, surpreso — e desconcertado — pela sua ferocidade.

— Senhora Beaumont...

— Temo que seja eu quem leve a melhor, xerife – disse Thad. — O senhor pensa que matei Homer Gamache...

— Senhor Beaumont, o senhor não foi acusado de...

— Não. Mas é isso que pensa, não é?

Uma cor, compacta e de tom de terra, não de constrangimento, pensou Thad, mas de frustração, tinha vindo lentamente a subir nas faces de Pangborn como mercúrio num termômetro.

— Sim, senhor — respondeu ele. — Realmente penso. Apesar de tudo aquilo que o senhor e a sua esposa disseram.

Esta resposta encheu Thad de espanto. O que é que, em nome de Deus, poderia ter acontecido para aquele homem (que, como Liz dissera, não parecia nada estúpido) estar tão seguro? Tão terrivelmente seguro?

Thad sentiu um arrepio subir pela espinha acima... e foi então que algo peculiar aconteceu. Por um momento, um som fantasmagórico cobriu a mente dele — não a cabeça mas a mente. Era um som que conferia uma sensação dolorosa de déjá vu, pois a última vez que o ouvira fora praticamente há trinta anos. Era o som fantasmagórico de centenas, talvez de milhares, de passarinhos.

Thad levou uma mão à cabeça e tocou na pequena cicatriz que aí se encontrava, tendo o arrepio surgido de novo, desta vez mais forte, enroscando-se pela carne como um arame. "Mente quanto ao meu álibi, George", pensou ele. "Estou metido num aperto, por isso mente quanto ao meu álibi".

— Thad? — perguntou Liz. — Estás bem?

— Hum? — Virou-se e olhou para ela.

— Estás pálido.

— Estou bem — respondeu, e estava. O som passara. Se é que chegara realmente a existir. Virou-se para Pangborn:

— Como dizia, xerife, eu levo a melhor neste assunto. O senhor pensa que matei o Homer. Eu, no entanto, sei que não o fiz. Exceto nos livros, nunca matei ninguém.

— Senhor Beaumont...

— Compreendo a sua indignação. Ele era um velho simpático com uma mulher extremamente dominadora, um grande sentido de humor, e tinha apenas um braço.

Também eu estou indignado. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para o ajudar, mas o senhor vai ter de pôr de parte essa treta do segredo de polícia e dizer-me porque é que está aqui, que raio de coisa é que o trouxe até mim. Estou confuso.

Alan olhou para ele durante um longo período de tempo e depois disse:

— Todos os instintos no meu corpo dizem que o senhor está a dizer a verdade.

— Graças a Deus — afirmou Liz. — O homem tem algum juízo.

— Se se verificar que está a dizer a verdade – continuou Alan, fitando apenas Thad — descobrirei pessoalmente no I.R.S.E. a pessoa que se enganou nesta identificação e eu próprio o esfolarei vivo.

— Que é o I.R.S.E. e o resto? — inquiriu Liz.

— Identificação e Registros dos Serviços do Exército respondeu um dos agentes. — Washington.

— Nunca soube de ninguém de lá que se tivesse enganado antes —

prosseguiu Alan, no mesmo tom lento. — Dizem que há uma primeira vez para tudo mas... se eles não se enganaram e se esta vossa festa for realmente confirmada, eu próprio vou ficar bastante confuso.

— Será que não nos pode dizer do que é que se trata? — perguntou Thad.

Alan suspirou:

— Já que chegamos até aqui, porque não? Para ser sincero, os últimos convidados a deixarem a festa não têm, de qualquer modo, assim tanta importância. Se o senhor estava aqui à meia-noite, se houver testemunhas que jurem que o senhor estava...

— Vinte e cinco, pelo menos — disse Liz.

—... então está safo. Juntando o relato ocular da testemunha que o agente mencionou e a autópsia do médico-legista, temos quase a certeza absoluta de que o Homer foi morto entre a uma e as três da manhã de um de Junho. Foi espancado até à morte com a própria prótese do braço.

— Meu Deus — sussurrou Liz. — E o senhor pensou que Thad...

— A carrinha do Homer foi encontrada há duas noites no parque de estacionamento de uma estação de serviço na I-95, no Connecticut, próximo da fronteira de Nova Iorque. — Alan fez uma pausa. — Havia impressões digitais por todo o lado, senhor Beaumont. A maioria pertencia a Homer, mas muitas delas eram do criminoso.

Algumas das impressões do assassino conservavam-se em ótimo estado. Uma estava praticamente gravada numa bola de pastilha que o tipo tirou da boca e espetou no tablier com o polegar. Depois, acabou por endurecer. No entanto, a melhor de todas estava no espelho retrovisor. Era tão boa como uma impressão digital tirada numa esquadra de polícia. Só que, em vez de ter sido embebida em tinta, tinha sido embebida em sangue.

— Então porquê Thad? — perguntava Liz com indignação. — Com festa

ou sem festa, como é que podem ter pensado que o Thad...

Alan olhou para ela e disse-lhe:

— Quando o pessoal na I.R.S.E. introduziu as impressões digitais no computador gráfico, a folha de serviços do seu marido foi a escolhida. Para ser mais exato, as impressões digitais do seu marido foram as escolhidas.

Por um instante, Thad e Liz só conseguiram olhar um para o outro, atordoados e silenciosos. De seguida, Liz disse:

— Então, foi um erro. Como é evidente, as pessoas que verificam essas coisas cometem erros de vez em quando.

— Sim, mas só muito raramente é que são erros desta amplitude. Está claro que existem zonas cinzentas na identificação de impressões. Os leigos que cresceram a ver séries como Kofak e Barnaby Jones ficam com a idéia de que as impressões digitais constituem uma ciência exata, o que não é verdade. No entanto, a informatização afastou muitas das dúvidas na comparação das impressões, e este caso apresentou impressões extraordinariamente boas. Quando digo que eram as impressões digitais do seu marido, senhora Beaumont, estou a dizer-lhe isto com toda a seriedade. Vi as folhas saídas do computador e vi as folhas sobrepostas. O par não é apenas semelhante. — Agora, Pangborn virou-se para Thad, fitando-o com os seus olhos azuis empedernidos. — O par é igual.

Liz fitou-o boquiaberta e, nos seus braços, William começou a chorar, seguido por Wendy.

OITO - PANGBORN FAZ UMA VISITA

Quando a campainha da porta tocou de novo às sete e um quarto dessa mesma tarde, foi de novo Liz quem abriu a porta porque já acabara de arranjar William para o meter na cama e Thad ainda estava embrenhado a preparar Wendy. Apesar de todos os livros afirmarem que a função de pai era uma

capacidade inata que nada tinha a ver com o sexo do progenitor, Liz tinha cá as suas dúvidas. Thad dava o seu melhor; era, com efeito, escrupuloso quanto a fazer a sua parte, mas era lento. Era verdade que conseguia ir e vir ao supermercado numa tarde de domingo no mesmo espaço de tempo que ela levava a conseguir abrir caminho até à última prateleira, mas quando se tratava de arranjar os gêmeos para os levar para a cama, bem...

William já estava lavado, com fralda nova, enfiado no seu babygrow verde, e sentado no parque, enquanto Thad ainda se encontrava em redor das fraldas de Wendy (e não tirara todo o shampoo da sua cabecinha, como Liz podia ver, mas tendo em conta tudo aquilo por que tinham passado durante o dia, achava que, mais tarde, ela própria a limparia com uma toalha e não diria nada).

Liz atravessou a sala de estar e chegou à porta da frente, onde olhou para fora, pela janela lateral. Lá fora, viu o xerife Pangborn. Desta vez, encontrava-se sozinho, mas isso só não aliviou em muito a sua aflição.

Virou a cabeça e lançou um grito que atravessou a sala de estar e foi ouvido na casa de banho do andar de baixo, que era também utilizada para lavar e vestir os bebês:

— Ele voltou!

A voz de Liz transmitia um tom de alarme claramente discernível. Após uma longa pausa, Thad apareceu à porta, no lado mais afastado da sala de estar. Estava descalço e vestia umas calças de ganga e uma T-shirt branca.

— Quem? — perguntou ele numa voz estranha e lenta.

— Pangborn — respondeu ela. — Thad, estás bem? — Wendy estava nos seus braços, usando apenas uma fralda e nada mais, com as mãos a taparem praticamente todo o rosto dele... ainda assim, o pouco que Liz conseguia vislumbrar não lhe agradou.

— Estou ótimo. Deixa-o entrar. Vou só enfiar um babygrow na miúda. — E antes que Liz pudesse acrescentar mais qualquer coisa, Thad partiu

abruptamente.

Entretanto, Alan Pangborn continuava à espera no alpendre. Vira Liz a espreitar pela janela e não tornara a tocar à campainha. Tinha o ar de um homem que desejava estar a usar um chapéu para, assim, poder segurá-lo entre as mãos, e talvez até torcê-lo um bocado.

Lentamente, e sem qualquer espécie de sorriso de boas-vindas, Liz libertou a corrente e deixou-o entrar.

Wendy mexia-se muito e fazia muitas brincadeiras, o que tornava difícil arranjá-la.

Thad conseguiu enfiar os pezinhos pelo babygrow, depois os braços e, por fim, foi capaz de puxar as mãozinhas pelas mangas. No mesmo instante, o bebê esticou uma das mãos e, com vivacidade, tentou tocar no nariz do pai. Em vez de rir como era seu hábito, Thad afastou o rosto, tendo Wendy olhado para ele da mesa de resguardo com um ar ligeiramente espantado. Quando ia a puxar o fecho que atravessava o babygrow da perna esquerda à garganta, Thad estacou subitamente, esticando as mãos à sua frente.

Estavam a tremer. Era um estremecimento ligeiro, mas, ainda assim, perceptível.

“Mas por que raio é que estás assustado? Ou será que estás outra vez a sentir-te culpabilizado?”

Não; culpabilizado, não. Ele quase que desejava estar. O fato era que acabara de apanhar um outro susto num dia que fora repleto deles. Primeiro viera a Polícia, com a sua acusação peculiar e a sua certeza ainda mais peculiar. De seguida, aquele chilrear estranho e persecutório. Apesar de lhe ser familiar, Thad não soubera dizer do que se tratava, pelo menos com toda a certeza. Depois do jantar, surgira de novo.

Thad subira até ao escritório para rever aquilo que fizera durante o dia no novo livro, O Cão Dourado. E, subitamente, quando se encontrava debruçado sobre o maço de papéis manuscritos para proceder a uma pequena correção, o som encheu a sua cabeça.

Milhares de pássaros, todos a chilrearem e a piarem ao mesmo tempo. Só que, desta vez, uma imagem acompanhou o som. Pardais.

Milhares e milhares deles, alinhados ao longo dos telhados e acotovelando-se uns aos outros para conseguirem um lugar sobre os fios de telefone, tal como faziam no início da Primavera, quando as últimas neves de Março ainda cobriam o solo em montinhos sujos cristalizados.

"Oh, a dor de cabeça está a voltar", pensou Thad desanimado, e a voz com que aquele pensamento falou — a voz de um rapaz assustado — introduziu uma nota de familiaridade na memória. O sentimento de terror subiu-lhe pela garganta e pareceu apertar as frontes com mãos geladas.

"Será o tumor? Será que voltou de novo? Será que é maligno desta vez"?

De um momento para o outro, o som fantasmagórico — os chilreios dos pássaros — aumentou de volume, tornando-se quase ensurdecedor. Foi acompanhado por um tênue e tenebroso bater de asas. Neste momento, Thad conseguia vê-los a levantar vôo, todos ao mesmo tempo: milhares de passarinhos enegrecendo um céu primaveril imaculado.

— Vou voltar para o norte, velha carcaça — ouviu-se a si mesmo a dizer numa voz baixa e gutural, uma voz que não era a sua.

Foi então que, repentinamente, a visão e o som dos pássaros desapareceu. Estávamos em 1988, não em 1960, e Thad encontrava-se no seu escritório. Era um homem adulto com uma mulher, dois filhos, e uma máquina de escrever Remington. Nessa altura, respirou fundo e de modo entrecortado. Afinal de contas, não se seguira qualquer dor de cabeça. Nem então e nem agora. Sentia-se bem. Só que...

Só que, quando olhou de novo para o maço de papéis manuscritos, viu que escrevera algo, que cortava na diagonal as linhas direitas em grandes letras maiúsculas.

"OS PARDAIS ESTÃO A VOAR DE NOVO", escrevera ele.

Thad pusera a caneta Scripto de lado e utilizara um dos lápis Berol Black Beauty para escrever, embora não se lembrasse de alguma vez ter trocado a primeira pelo segundo. Já nem sequer usava mais os lápis. Os Berols pertenciam a uma época passada... a uma época sombria. Thad atirou o lápis que utilizara para dentro do frasco e, de seguida, enfiou tudo aquilo numa das gavetas. A mão que utilizara para assim proceder não estava propriamente firme.

Foi então que Liz o chamara para a ajudar a arranjar os gêmeos para a cama, e ele descera para lhe dar uma mão. Era seu desejo contar-lhe o que acontecera, mas verificou que um puro sentimento de terror — terror de que o tumor de infância tivesse voltado, terror de que, desta vez, fosse maligno — lhe selara os lábios. Ainda assim, poderia ter-lhe contado... mas foi então que a campainha da porta tocara, que Liz a fora atender, e que dissera precisamente a coisa errada no tom precisamente errado.

"Ele voltou!", gritara Liz, num tom irritado e desnorteado, perfeitamente compreensível, e Thad foi perpassado por uma onda de terror, como uma rajada de vento fria e transparente. Terror, e uma só palavra: Stark. No segundo antes de voltar à realidade, Thad teve a certeza de que era a ele que Liz se referira. George Stark. Os pardais estavam a voar e Stark regressara. Estava morto, morto e publicamente enterrado; na verdade, nunca chegara sequer a existir. Mas isso não importava: real ou não, ele estava na mesma de volta.

"Para com isso", disse para si próprio. "Nunca foste um homem nervoso e não há necessidade alguma para deixares que esta situação bizarra te transforme num". O som que ouviste — o som dos pássaros — é um simples fenômeno psicológico chamado "persistência da memória". Causado por stress e pressão. Por isso, controla-te.

Mas uma parte desse sentimento de terror deixou-se ficar. O som dos pássaros não provocara apenas uma sensação de déjà vú, ou seja, aquela sensação de já ter vivido algo de semelhante antes, mas também uma sensação

de presque VU. “Tretas fora do lugar, isso é que é”.

Thad esticou as mãos e olhou fixamente para elas. As tremuras tornaram-se praticamente imperceptíveis, acabando por desaparecer por completo. Quando teve a certeza de que não iria prender a pele rosadinha e lavada de Wendy no fecho do babygrow, puxou-o para cima, levou-a para a sala de estar, colocou-a no parque junto ao irmão e, de seguida, encaminhou-se para o átrio de entrada, onde Liz se encontrava com Alan Pangborn. Excetuando o fato de, desta vez, Pangborn estar sozinho, podia perfeitamente ser outra vez o encontro dessa manhã.

“Agora, esta é a altura e o local indicados para um pouco de VU de um gênero ou de outro”, pensou ele, embora não tivesse graça nenhuma. Aquele outro sentimento ainda se encontrava dentro dele... bem como o ruído dos pardais.

— Em que lhe posso ser útil, xerife? — perguntou ele, sem sorrir.

Ah! Havia ainda uma outra coisa que não era igual. Numa das mãos, Pangborn trazia uma embalagem de seis cervejas. Tendo-a levantado, perguntou:

— Será que podemos tomar uma bem fresquinha e falarmos sobre o assunto?

Tanto Liz como Alan Pangborn tomaram uma cerveja; Thad bebe uma Pepsi que foi buscar ao frigorífico. Enquanto conversavam, observavam os gêmeos a brincar um com o outro no seu modo peculiarmente solene.

— Não deveria ter vindo até aqui — afirmou Alan. — Estou a conviver com um homem que, neste momento, é suspeito, não de um, mas de dois assassinatos.

— Dois! — exclamou Liz.

— Já falarei disso. Com efeito, falarei de tudo. Acho que vou deitar tudo cá para fora.

Para já, tenho a certeza de que o seu marido tem igualmente um álibi para este segundo assassinato. E os polícias estaduais também têm essa certeza. Sem fazerem um grande alarido, andam às voltas com esta história.

— Quem foi morto? — perguntou Thad.

— Um jovem chamado Frederick Clawson, em Washington D.C. — Pangborn viu quando Liz se deixou cair na cadeira, entornando um pouco de cerveja nas costas da mão. — Vejo que conhece o nome, senhora Beaumont — acrescentou ele, sem uma ponta de ironia perceptível.

— Que é que se está a passar? — inquiriu ela, num sussurro desmaiado.

— Não faço a mais pequena idéia do que se está a passar. Estou a dar em maluco a tentar descortinar tudo isto. Não estou aqui para o prender ou até mesmo para o incomodar, senhor Beaumont, apesar de continuar a dar tratos à minha imaginação para ver se consigo entender como é que uma outra pessoa podia ter cometido estes dois crimes. Estou aqui para pedir a sua ajuda.

— Porque é que não me chama simplesmente Thad?

No seu lugar, Alan mexeu-se constrangido.

— Penso que, para já, me sentirei mais confortável com “senhor Beaumont”.

Thad acenou a cabeça.

— Como desejar. Então, Clawson morreu.

Por um instante, Thad olhou para o chão, pensativo e, de seguida, ergueu de novo o olhar para Alan.

— As minhas impressões digitais estavam igualmente espalhadas pelo local onde o crime foi cometido?

— Sim, e sob mais formas do que apenas uma. Recentemente, a revista People escreveu um artigo sobre o senhor, não foi senhor Beaumont?

— Há duas semanas — concordou Thad.

— O artigo foi encontrado no apartamento de Clawson. Parece que uma das páginas foi utilizada como símbolo naquilo que se assemelha a um assassinato altamente ritualizado.

— Meu Deus — afirmou Liz, soando tanto cansada como aterrorizada.

— Será que está disposto a contar-me o tipo de relação que mantinha com este homem? — inquiriu Alan.

Thad acenou a cabeça.

— Não existe razão alguma para não o fazer. Por acaso leu aquele artigo, xerife?

— A minha mulher costuma comprar a revista no supermercado e trazê-la para casa — respondeu ele — mas vale mais a pena dizer-lhe a verdade: só olhei para as fotografias.

Tinha a intenção de tornar a pegar nela e ler o artigo o mais brevemente possível.

— Também não perdeu muito. Contudo, Frederick Clawson foi a razão pela qual aquele artigo aconteceu. Sabe... Alan ergueu uma mão.

— Já lá iremos a ele, mas antes disso voltemos a Homer Gamache.

Tornamos a verificar junto da I.R.S.E. As impressões digitais deixadas na pick-up do Homer (e no apartamento de Clawson também, apesar de nenhuma delas ser tão perfeita como as marcas na pastilha elástica e no espelho) parecem condizer exatamente com as suas. O que significa que, se não foi o senhor, temos duas pessoas com as mesmas impressões digitais, e isso tem de ir para o Livro dos Recordes do Guinness.

Alan olhou para William e Wendy, que estavam a tentar brincar à sardinha um com o outro no parque. Pareciam estar, antes de mais, a pôr em perigo a vista de um e do outro.

— São idênticos? — perguntou ele.

— Não — respondeu Liz. — Apesar de serem realmente parecidos, são irmão e irmã. E os gêmeos de sexo diferente nunca são idênticos.

Alan acenou a cabeça.

— Nem mesmo os gêmeos idênticos têm impressões digitais idênticas — disse. Depois de uma pausa momentânea, acrescentou numa voz casual que Thad pensou ser absolutamente falsa: — Por acaso não tem um irmão gêmeo, o senhor Beaumont?

Lentamente, Thad abanou a cabeça.

— Não — replicou ele. — Não tenho quaisquer irmãos e os meus pais já morreram.

William e Wendy são os meus únicos familiares de sangue vivos. — Thad lançou um sorriso para as crianças e tornou a olhar de novo para Pangborn: — Liz teve um aborto em mil novecentos e setenta e quatro — afirmou. — Pelo que sei, aqueles... aqueles primeiros... também eram gêmeos, embora suponha que não exista qualquer forma de provar se seriam idênticos. Não quando o aborto ocorre no terceiro mês de gravidez.

E mesmo se houvesse, quem é que quereria saber?

Alan encolheu os ombros, parecendo um pouco constrangido.

— Liz estava a fazer compras no Filene's. Em Boston. Alguém a empurrou. Caiu pelas escadas rolantes abaixo, fez um corte muito feio num dos braços (se um segurança não estivesse lá e não tivesse estancado a hemorragia logo naquela altura com um torniquete, também ela teria batido as botas) e perdeu os gêmeos.

— Isso vem no artigo da People? — perguntou Alan.

De um modo sensaborão, Liz sorriu e abanou a cabeça:

— Quando concordamos em fazer a história, xerife Pangborn, reservamo-nos o direito de corrigir as nossas vidas. Como é óbvio, não dissemos nada a Mike Donaldson, o homem que veio fazer a entrevista, mas foi isso que fizemos.

— O empurrão foi deliberado?

— Não há maneira de saber — replicou Liz. Os olhos dela pousaram em William e Wendy... envolvendo-os. — No entanto, se foi um encontrão acidental, foi um raio de um encontrão muito forte. Eu literalmente voei: só toquei nas escadas rolantes quando já estava a meio do caminho. Apesar de tudo, tentei convencer-me a mim própria que foi isso que se passou. É mais fácil aceitar assim. A idéia de que alguém empurrasse uma mulher por umas escadas rolantes abaixo só para ver o que acontecia... é uma idéia que, certamente, não deixa ninguém dormir em paz.

Alan acenou a cabeça.

— Os médicos que consultamos disseram que, provavelmente, Liz nunca mais poderia voltar a ter filhos — disse Thad. — Quando engravidou de William e Wendy disseram-nos que talvez não fosse conseguir levar a gravidez a bom termo. Mas Liz singrou. E, após dez anos, consegui finalmente começar a escrever um livro novo sob o meu próprio nome. Vai ser o meu terceiro. Portanto, como o senhor pode ver, tem sido bom para nós os dois.

— O outro nome sob o qual escreveu foi George Stark.

Thad acenou a cabeça:

— Mas isso agora está acabado. O princípio do fim foi quando Liz entrou no oitavo mês da gravidez, ainda sã e salva. Decidi que, já que ia ser pai de novo, deveria também começar a ser eu de novo.

Sobreveio, então, uma espécie de compasso de espera na conversa — não foi exatamente uma pausa. De seguida, Thad afirmou:

— Confesse, xerife Pangborn.

Alan arqueou as sobrancelhas.

— Desculpe?

Um sorriso tocou os cantos da boca de Thad.

— Não digo que o senhor tivesse o cenário todo arquitetado mas aposto que o tinha, pelo menos, em traços largos. Se eu tivesse um gêmeo idêntico, talvez tivesse sido ele o anfitrião da nossa festa. Assim, eu podia ter estado em Castle Rock, morto Homer Gamache e deixado as minhas impressões digitais espalhadas pela carrinha. Mas não podia parar por aí, pois não? O meu gêmeo dorme com a minha mulher e assegura os meus compromissos enquanto conduzo a pick-up de Homer até àquela estação de serviço no Connecticut, roubo um outro carro, dirijo-me para Nova Iorque, abandono o carro roubado e, depois, apanho um comboio ou um avião para Washington D. C. Uma vez aí, apago o Clawson e apresso-me a voltar para Ludlow, mando o meu irmão gêmeo de volta para onde estava, e tanto e eu como ele retomamos o fio da nossa vida. Ou nós os três, se admitir que aqui a Liz fazia parte da trapaça. E Por um instante, Liz fitou-o e, de seguida, começou a rir. Não riu por muito tempo mas, enquanto o fez, riu de uma forma bastante intensa. Não havia nada de forçado nesse riso, mas, ainda assim, era um riso relutante: uma expressão de humor por parte de

uma mulher que fora apanhada desprevenida.

Alan olhava para Thad, franca e abertamente surpreendido. Por um instante, os gêmeos riram para a mãe – ou talvez com ela — tendo, de seguida, retomado a brincadeira de atirarem lentamente para trás e para a frente uma grande bola amarela no parque.

— Thad, isso é horrível — afirmou Liz, depois de ter ganho o domínio sobre si mesma.

— Talvez até seja — respondeu ele. — Se assim for, peço desculpa.

— ... bastante envolvente — disse Alan.

Thad lançou-lhe um sorriso:

— Presumo que não seja um fã do falecido George Stark.

— Francamente, não. Mas tenho um ajudante, Norris Ridgewick, que o é. Ele teve de me explicar qual a razão de tanto alarido.

— Bem, Stark mexeu com algumas das convenções das histórias de mistério. Nada tão tipicamente Agatha Christie como o cenário que acabei de sugerir, mas isso não significa que não possa pensar desse modo se me decidir a isso. Vá lá, xerife, será que estas idéias nunca lhe passaram pela cabeça, ou já? Se a resposta for negativa, devo realmente uma desculpa à minha mulher.

Por um instante, Alan quedou-se silencioso, com um ligeiro sorriso a aflorar-lhe os lábios e visivelmente concentrado. Por fim, disse:

— Talvez tivesse pensado nesses termos. Nada de muito sério e não apenas dessa forma, mas não há necessidade alguma de pedir desculpa à sua bela esposa. Desde esta manhã, tenho dado por mim inclinado a considerar até as possibilidades mais incríveis.

— Dada a situação.

— Dada a situação, sim.

Thad afirmou com um sorriso:

— Nasci em Bergenfield, New Jersey, xerife. Não tem de acreditar na minha palavra quando pode consultar os registros para verificar se tenho algum irmão gêmeo que eu possa ter, sabe, esquecido.

Alan abanou a cabeça e bebeu um pouco mais da cerveja.

— Foi uma idéia sem pés nem cabeça, e sinto-me um idiota chapado, embora isso não seja nada de novo. Sinto-me assim desde esta manhã, quando nos atirou com aquela da festa. A propósito, interrogamos os nomes dados. Eles confirmam.

— Claro que sim — disse Liz com uma ponta de rispidez.

— E dado que, de qualquer modo, o senhor não tem qualquer irmão gêmeo, o assunto fica encerrado.

— Suponha por um segundo — disse Thad – apenas como advogado do Diabo, que realmente aconteceu da forma como sugeri. Ia ser o raio de uma grande patranha... até certo ponto.

— Que ponto é esse? — inquiriu Alan.

— As impressões digitais. Porque é que eu me daria ao trabalho de arranjar um álibi aqui com um tipo que era igualzinho a mim... e, depois, estragar tudo deixando impressões digitais nas cenas dos dois crimes?

Liz disse:

— Aposto que o senhor vai mesmo verificar os registros de nascimentos, não vai, xerife?

Alan respondeu de modo formal:

— A base do procedimento policial é tentar até achar. Mas eu já sei o que irei encontrar se o fizer. — Após uma hesitação, acrescentou: — Não foi apenas a festa. O senhor apareceu como um homem que estava a dizer a verdade, senhor Beaumont. Já tenho alguma experiência para conseguir fazer a distinção. Pelos meus conhecimentos enquanto fui agente de polícia, são muito poucos os bons mentirosos que existem no mundo. Podem aparecer de tempos a tempos naqueles romances de mistério de que está a falar, mas, na vida real, são muito raros.

— Então, como é que se justificam as impressões digitais? — inquiriu Thad. — Isso é que me interessa. Será que está à procura de um amador com as minhas impressões? Duvido. Já lhe passou pela cabeça de que a própria qualidade das impressões possa ser suspeita? O senhor falou de zonas cinzentas. Em resultado das investigações que levei a cabo para os romances do Stark, sei alguma coisa sobre impressões digitais, só que sou realmente preguiçoso quando se trata de fazer esse trabalho: é muito mais fácil ficar apenas sentado à frente da máquina de escrever e inventar mentiras. Não têm de existir uma série de pontos de comparação antes se as impressões digitais puderem sequer ser consideradas provas?

— No Maine são seis — afirmou Alan. — Para uma impressão digital ser aceite como prova, têm de se verificar seis comparações perfeitas.

— E não é também verdade que, na maioria dos casos as impressões digitais são apenas metades de impressões ou quartos de impressões, ou apenas manchas esborratadas com algumas voltas e espirais no interior?

— Sim. Na vida real, só muito raramente é que os criminosos vão parar à cadeia com base na prova das impressões digitais.

— Ainda assim, neste caso, vocês têm uma no espelho retrovisor que o senhor descreveu como sendo tão boa como qualquer impressão tirada numa

esquadra de polícia, e uma outra, nada mais nada menos do que gravada numa bola de pastilha. Por alguma razão, essa é a que realmente me intriga. Como se as impressões digitais tivessem sido postas lá para que vocês as encontrassem.

— Isso já nos passou pela cabeça — confessou Alan. De fato, já fizera bastante mais do que isso. Este era um dos aspectos mais exasperantes do caso. O assassinato de Clawson assemelhava-se a uma clássica execução de um fala-barato por parte de um gang: língua cortada, pênis na boca da vítima, muito sangue, muita dor e, no entanto. Ninguém no prédio ouvira o que quer que fosse. Mas. Se fosse um trabalho profissional, por que carga de água é que as impressões digitais de Beaumont estavam espalhadas por todo o lado? Podia uma coisa que se assemelhava tanto a uma cilada não ser uma cilada? Não, a não ser que alguém tivesse inventado um truque novo. Entretanto, Alan Pangborn continuava fiel à velha máxima: se anda como um pato, grasna como um pato e nada como um pato, é provavelmente um pato.

— As impressões digitais podem ser forjadas? – perguntou Thad.

— Será que, além de escrever livros, lê mentes, senhor Beaumont?

— Leio mentes, escrevo livros, mas, querido, não lavo janelas.

Alan tinha a boca cheia de cerveja e o riso surpreendeu-o de tal forma que praticamente a despejou por cima do tapete. Conseguiu engolir, apesar de algum resto ter descido pela traquéia, tendo começado a tossir. Liz levantou-se e deu-lhe algumas palmadinhas enérgicas nas costas por diversas vezes. Era, provavelmente, uma coisa peculiar de se fazer, mas, na sua opinião, não era assim; a vida com dois bebês pequenos tinha-a condicionado. Do parque, William e Wendy ficaram a observar, a bola amarela parada e esquecida no meio deles. William começou a rir e Wendy aproveitou a deixa.

Por alguma razão, isto levou Alan a rir ainda mais.

Thad acompanhou-o. E, ainda a bater-lhe nas costas, Liz começou igualmente a rir.

— Estou bem — disse Alan, ainda a tossir e a rir. — A sério.

Liz deu-lhe uma ultima pancada nas costas. Como um gêiser a soltar vapor, um jato de cerveja saiu do gargalo da garrafa de Alan, tendo acabado por salpicar a braguilha das calças.

— Não há problema — disse Thad. — Temos fraldas.

E aí recomeçaram todos a rir e, algures no espaço de tempo que decorreu entre o momento em que Alan Pangborn começou a tossir e o instante em que conseguiu finalmente parar de rir, os três tinham-se tornado, pelo menos, amigos temporários.

— Tanto quanto sei ou que, pelo menos, fui capaz de descobrir, as impressões digitais não podem ser forjadas — replicou Alan, retomando o fio da conversa algum tempo depois. Neste momento, encontravam-se na segunda rodada, e a mancha embaraçosa na braguilha das calças começara a secar. Os gêmeos tinham adormecido no parque e Liz saíra da sala para ir à casa de banho. — Claro que ainda estamos a verificar porque até esta manhã não tínhamos razão alguma para suspeitar que, neste caso, uma coisa como essa pudesse sequer ter sido tentada. Sei que já foi tentado. Há alguns anos, um raptor tirou as impressões das marcas dos dedos do seu prisioneiro antes de o matar, transformou as impressões em... sim, suponho que as chamariam moldes... e imprimiuas num plástico fininho. Colocou as impressões digitais de plástico sobre as pontas dos próprios dedos e tentou deixar as impressões espalhadas por toda a cabana de montanha da vítima, de forma a que a Polícia pensasse que todo o rapto não passava de um embuste e de que o tipo estava livre.

— Não funcionou?

— Os polícias conseguiram umas impressões espantosas — respondeu Alan. — As do criminoso. A gordura natural nos dedos do tipo apagou as impressões digitais falsas e como o plástico era fino e, naturalmente receptivo até às formas mais delicadas, deixou marcadas de novo as próprias impressões do tipo.

— Talvez um material diferente...

— Claro, talvez. Isto aconteceu em meados dos anos cinqüenta e posso imaginar as centenas de tipos novos de plástico polímero que foram inventados desde então. Pode ser. Para já, tudo o que podemos dizer é que ninguém na medicina legal ou na criminologia ouviu alguma vez falar disso, e penso que seja assim que ir continuar.

Liz voltou para a sala e sentou-se, enroscando os pés debaixo de si própria como um gato e puxando a saia sobre a barriga das pernas. Thad admirou o gesto que, de alguma forma, lhe pareceu um pouco intemporal e eternamente gracioso.

— Entretanto, há outros pontos a tomar em consideração, Thad.

Thad e Liz trocaram entre si um olhar de relance, pois Alan utilizara o primeiro nome e de uma forma tão imediata que o próprio Alan nem reparara. Do bolso do lado, tirara um bloco de notas usado e estava a olhar para uma das páginas.

— Fuma? — perguntou ele, olhando para cima.

— Não.

— Deixou de fumar há sete anos — afirmou Liz. — Custou-lhe muito mas lá se agüentou.

— Há críticos que dizem que o mundo seria um lugar melhor se me limitasse a escolher um lugar e aí morresse, mas eu prefiro contrariá-los — disse Thad. — Porquê?

— No entanto, fumou.

— Sim.

— Pall Malls?

Thad levantara a lata de gasosa. Contudo, interrompeu o movimento a cerca de três dedos da boca.

— Como é que sabe?

— O seu tipo de sangue é A negativo?

— Já começo a entender porque é que esta manhã veio tão lançado para me prender — disse Thad. — Se eu não tivesse um álibi tão bom, estaria neste exato momento na prisão, não era?

— Boa pontaria.

— O senhor podia ter conseguido arranjar o tipo de sangue de Thad nos registros do exército — afirmou Liz. — Suponho que foi daí que as impressões digitais dele começaram por vir em primeiro lugar.

— Mas não fumei cigarros Pall Malls durante quinze anos — replicou Thad. — Pelo que sei, coisas como estas não fazem parte dos registros que o exército conserva.

— São coisas que têm vindo a chegar desde esta manhã — contou-lhes Alan. — O cinzeiro na pick-up de Homer Gamache estava repleto de beatas de cigarros Pall Malls.

O velhote só fumava cachimbo e muito de vez em quando. Foram também encontradas duas beatas de Pall Malls num cinzeiro no apartamento de Frederick Clawson. Este nem sequer fumava, exceto talvez um charro de tempos a tempos. Isto de acordo com a sua senhoria. Conseguimos o tipo de sangue do nosso criminoso através da saliva nas beatas. O relatório do serologista forneceu-nos também muitas outras informações.

Melhores do que as impressões digitais.

Thad deixara de sorrir.

— Não consigo compreender isto. Não consigo compreender mesmo nada disto.

— Há só uma coisa que não condiz — disse Pangborn. – Cabelos louros. Encontramos uma meia dúzia na carrinha do Homer e outros tantos nas costas da cadeira em que o assassino se sentou na sala de estar do Clawson. O seu cabelo é preto. Seja como for, não me parece que esteja a usar uma peruca.

— Não; Thad não, mas talvez o assassino estivesse — disse Liz de um modo frio.

— Talvez — concordou Alan. — Nesse caso, era feita de cabelo humano. E porquê dar-se ao trabalho de mudar a cor do cabelo se se vai deixar impressões digitais e beatas de cigarro por todo o lado? Ou este tipo é muito estúpido ou estava deliberadamente a tentar incriminá-lo. De qualquer forma, o cabelo louro não bate certo.

— Talvez ele pura e simplesmente não quisesse ser reconhecido — opinou Liz. — Não nos podemos esquecer que Thad apareceu na People há menos de duas semanas. De uma costa à outra.

— Sim, isso é uma possibilidade. Contudo, se este tipo também se parece com o seu marido, senhora Beaumont.

— Muito bem, Liz. Se ele se parece com o seu marido ficaria como um Thad Beaumont de cabelo louro, não era?

Liz olhou fixamente para Thad por um instante, tendo de seguida, soltado umas risadinhas.

— Onde é que está a graça? — perguntou Thad.

— Estou a tentar imaginar-te louro — respondeu ela, ainda a rir-se. —

Penso que ficarias parecido com um David Bowie muito depravado.

— E isso tem alguma graça? — perguntou Thad a Alan.

— Não me parece que tenha graça nenhuma.

— Bem... — disse Alan, a sorrir.

— Não importa. Tanto quanto sabemos, o tipo até podia estar a usar óculos-de-sol, um chapéu com umas antenas e ainda uma peruca loura.

— Não se o assassino era o mesmo tipo que a senhora Arsenault disse ter visto a entrar para a carrinha do Homer a um quarto para a uma da madrugada de um de Junho — replicou Alan.

— Parecia-se comigo? — perguntou Thad, inclinando-se para a frente.

— Ela não nos adiantou grande coisa, exceto que ele estava a usar um fato. Se é que vale de alguma coisa, um dos meus homens, Norris Ridgewick, mostrou-lhe hoje uma fotografia sua. Ela disse que não achava que fosse a mesma pessoa, embora não pudesse ter certeza absoluta. Disse ainda que estava convencida que o homem que entrara para a pick-up do Homer era maior. — E acrescentou secamente: — Eis aqui uma senhora que prefere errar por precaução.

— Ela conseguiu ver que os dois tinham tamanhos diferentes a partir de uma fotografia? — inquiriu Liz de forma duvidosa.

— Ela já viu Thad pela vila durante o Verão – respondeu Alan. — E realmente disse que não podia ter a certeza.

Liz acenou a cabeça:

— É claro que ela o conhece. Tanto quanto sei, conhece-nos aos dois. Estamos sempre a comprar legumes frescos na banca que ela tem. Que estúpida.

Peço desculpa.

— Não há necessidade alguma de pedir desculpa – afirmou Alan. Depois de acabar de beber a cerveja, olhou para a braguilha. Seca. Ainda bem. Era possível ver-se uma pequena mancha que, provavelmente, só a sua mulher é que repararia. — De qualquer modo, isso leva-me ao ultimo ponto... ou aspecto... ou o que quer que se queira chamar.

Duvido que tenha sequer alguma coisa a ver com isto tudo, mas não custa nada verificar. Quanto é que calça, senhor Beaumont?

Thad olhou de relance para Liz, que encolheu os ombros.

— Tenho umas patas bastante pequenas para um tipo que mede um metro e oitenta e cinco, acho eu. Calço quarenta e três, embora metade do tamanho para ambos os lados seja...

— As marcas dos sapatos que nos foram indicadas eram provavelmente maiores do que essas – retorquiu Alan. — De qualquer modo, não me parece que as marcas tenham alguma coisa a ver com isto e, mesmo que tenham, é sempre possível falsificar pegadas.

Cola-se um jornal qualquer nas solas de um par de sapatos dois ou três números acima e está feito.

— Que pegadas são essas? — perguntou Thad.

— Não interessa — respondeu Alan, abanando a cabeça

— Nem sequer temos fotografias. Penso que temos sobre a mesa praticamente tudo aquilo que pertence a este caso, Thad. As suas impressões digitais, o tipo de sangue, a marca de cigarros...

— Ele não... — começou Liz.

Alan ergueu uma mão, apaziguador.

— Antiga marca de cigarros. Suponho que as pessoas achariam que eu era louco por lhe dar a conhecer tudo isto (de qualquer modo, há uma parte de mim que diz que sou) mas, já que chegamos até aqui, não faz sentido ignorarmos a floresta enquanto olhamos para algumas árvores. O Thad está também ligado a isto de outro modo. Tal como Ludlow, Castle Rock é a sua residência legal, dado que paga impostos em ambos os locais. Homer Gamache era mais do que um mero conhecido; ele fazia... trabalhos esporádicos. Está correto?

— Sim — replicou Liz. — No ano em que compramos a casa, ele deixou de trabalhar a tempo inteiro. Agora, Dave Philips e Charlie Fortin revezam-se nessa tarefa. No entanto, ele gostava de dar uma mãozinha de vez em quando

— Se admitirmos que o homem da boleia visto pela senhora Arsenault matou Homer (e esta é a suposição que achamos correta), colocasse-nos uma questão. Será que o homem da boleia matou o Homer porque ele foi a primeira pessoa a aparecer e foi suficientemente estúpida (ou que estava suficientemente bêbeda) para lhe dar boleia, ou será que matou porque era Homer Gamache, um conhecido de Thad Beaumont?

— Como é que ele podia saber que Homer iria aparecer? — perguntou Liz.

— Porque era a noite de bouoling do Homer e o Homer é, era uma criatura de hábitos.

Era como um cavalo velho, voltava sempre para o celeiro pela mesma estrada.

— A sua primeira suposição — disse Thad — foi que o Homer não parou porque estava bêbedo mas porque reconheceu o homem da boleia. Um estranho que quisesse matar o Homer não teria sequer tentado o truque da boleia. Dessa forma, não teria hipótese alguma, se é que não seria mesmo uma causa perdida.

— Sim.

— Thad — disse Liz numa voz que não conseguia manter-se propriamente regular. — A Polícia achou que ele parou porque pensou que era Thad... não foi?

— Sim — replicou Thad, esticando a mão e segurando na dela. — Eles pensaram que só uma pessoa como eu, alguém que o conhecia, é que chegaria sequer a tentar esse truque. Até admito que o fato se ajuste. Que veste o escritor janota quando está a planear um assassinato no campo à uma da manhã? O velho blazer de tweed, está claro... aquele com as cotoveleiras castanhas de camurça cosidas ao casaco. Todas as histórias policiais de origem britânica insistem que é absolutamente de rigueur. — Olhou para Alan: — É muito estranho, não é? Tudo isto. — Alan acenou a cabeça.

— É mais do que estranho. A senhora Arsenault afirma que ele começou a atravessar a estrada ou que, pelo menos, estava prestes a fazer isso, quando o Homer apareceu a guiar com lentidão a sua pick-up. Mas o fato de Thad também conhecer este Clawson em Washington D.C. faz tornar cada vez mais provável a hipótese de o Homer ter sido morto por ser quem era, e não apenas porque estava demasiado bêbedo e parou. Por isso, falemos sobre Frederick Clawson, Thad. Fale-me dele.

Thad e Liz entreolharam-se.

— Creio — disse Thad — que a minha mulher poder fazer esse trabalho de uma forma muito mais rápida e concisa do que eu. E creio que também dirá menos palavrões do que eu.

— Tens a certeza que queres que seja eu a contar? — interrogou Liz.

Thad acenou a cabeça. Liz começou a falar, primeiro lentamente e, depois, aumentando de velocidade. Thad interrompeu-a uma ou duas vezes logo no início, tendo-se de seguida recostado, satisfeito por se encontrar apenas a ouvir. Na meia hora que se seguiu, quase não abriu a boca. Alan Pangborn tirou para fora o bloco de notas e escrevinhou algumas coisas, mas, após algumas questões iniciais, também não a interrompeu mais.

NOVE - A INVASÃO DO "PATIFEZÓIDE"

— Chamo-lhe “Patifezóide” — começou Liz. — Lamento que esteja morto... mas, apesar de tudo, era isso que ele era. Não sei se os “Patifezóides” genuínos nascem ou se são criados, mas, de qualquer modo, acabam por chegar a essa etapa viscosa da vida.

Portanto, acho que não importa. Frederick Clawson encontrava-se por acaso em Washington D.C. Foi para o maior covil de cobras jurídico à face da terra para estudar advocacia.

“Thad, os miúdos estão a agitar-se; dás-lhes o biberão da noite? E importas-te de ir buscar mais uma cerveja, por favor!”

Thad trouxe-lhe a cerveja e, de seguida, dirigiu-se para a cozinha para aquecer os biberões. Colocou uma cunha na porta da cozinha para esta poder ficar aberta e ouvir com mais facilidade... e, ao fazer isso, bateu com a rótula na porta. Isto já lhe tinha acontecido tantas vezes que Thad praticamente nem deu por isso.

“Os pardais estão a voar de novo”, pensou ele, esfregando a cicatriz na testa ao começar por encher uma caçarola com água quente e, colocando-a, de seguida, ao lume.

“Agora, se ao menos eu soubesse que raio é que isto significa.”

— Acabamos por conhecer a maior parte desta história pela boca do próprio Clawson — prosseguiu Liz — mas, como é natural, a perspectiva dele era um pouco parcial; Thad gosta de dizer que todos somos os heróis das nossas próprias vidas e, de acordo com Clawson, ele era mais um Boswell do que um “Patifezóide”... contudo, acabamos por conseguir montar uma versão mais equilibrada acrescentando coisas que viemos a saber pelas pessoas da Darwin Press, que publicou os romances que Thad escreveu sob o nome de Stark, e através das informações que Rick Cowley fez passar de mão em mão.

— Quem é Rick Cowley? — inquiriu Alan.

— O agente literário que representava Thad sob ambos os nomes.

— E que é que o Clawson, o seu “Patifezóide”, queria?

— Dinheiro — respondeu Liz secamente.

Na cozinha, Thad tirou os dois biberões (só cheios até metade para ajudar a diminuir aquelas mudanças de fralda inconvenientes a meio da noite) do frigorífico e meteu-os na panela com água. O que Liz dissera estava certo... mas estava também errado. Clawson quisera muito mais do que apenas dinheiro.

Era como se Liz tivesse lido o pensamento de Thad.

— Não que o dinheiro fosse tudo aquilo que ele queria.

— Não sei sequer ao certo se isso seria o mais importante.

Clawson queria também ser conhecido como o homem que desvendara a verdadeira identidade de George Stark.

— Como se fosse o tipo que, por fim, consegue desmascarar o incrível Homem-Aranha?

— Exatamente.

Depois de ter posto a ponta de um dedo na caçarola para verificar a temperatura da água, Thad recostou-se para trás, contra o forno, com os braços cruzados, a ouvir.

Apercebeu-se de que queria um cigarro — pela primeira vez, desde há anos, queria de novo um cigarro.

Thad sentiu um calafrio.

— O Clawson estava em demasiados sítios certos e em demasiadas alturas certas — disse Liz. — Para além de ser aluno de Direito, era também empregado de livraria em part-time. Para além de ser um empregado de livraria, era também um fã ávido dos livros de George Stark. E, provavelmente, era o único fã de George Stark em todo o país que lera também os dois romances de Thad Beaumont.

Na cozinha, Thad sorriu — não sem uma ponta de azedume — e tornou a verificar de novo a temperatura da água na caçarola.

— Penso que ele pretendia criar uma espécie de grande drama a partir das próprias suspeitas – prosseguiu Liz. — à medida que as coisas se foram desenrolando, teve de trabalhar duro para sair da mediocridade. Após ter decidido que Stark era realmente Beaumont e vice-versa, telefonou para a Darwin Press.

— A editora dos livros de Stark.

— Exato. Falou com Ellie Golden, a mulher que publicava os romances de Stark. Foi direito ao assunto e perguntou aquilo que lhe interessava: por favor, diga-me se George Stark é realmente Thaddeus Beaumont. Ellie respondeu que era uma idéia ridícula. De seguida, Clawson perguntou sobre a fotografia do autor na contracapa dos romances de Stark. Disse que queria a morada do homem na foto. Ellie disse-lhe que não lhe podia dar as moradas dos autores publicados pela editora.

"Clawson respondeu: "Não quero a morada de Stark, quero a morada do homem na fotografia. O homem que posa como se fosse Stark." Ellie disse-lhe que ele estava a ser ridículo, que o homem na foto do autor era George Stark.

— Antes disto, a editora nunca tinha vindo a público dizer que se tratava apenas de um pseudônimo? – perguntou Alan, num tom que soava a genuinamente curioso. – Adotaram desde sempre a posição de que ele realmente existia?

— Oh, sim. Thad insistiu para que assim fosse.

“Sim”, pensou ele, tirando os biberões para fora da caçarola e verificando a temperatura do leite deitando algumas gotas na parte de dentro do pulso. “Thad insistiu.

Olhando para trás, Thad pura e simplesmente não sabe porque é que insistiu; não faz, de fato, a mais pequena idéia, mas Thad realmente insistiu.”

Levou os biberões de volta para a sala de estar, evitando colidir com a mesa da cozinha que se encontrava no caminho. Entregou um biberão a cada um dos gêmeos.

Estes ergueram-nos solenemente, cheios de sono, e começaram a mamar. Thad sentouse de novo. Ouviu Liz e disse para si próprio que a idéia de um cigarro era o que estava mais distante do seu pensamento.

— De qualquer modo — disse a mulher – Clawson queria fazer mais perguntas (tinha um caminhão a abarrotar delas, suponho), mas a Ellie não foi na brincadeira. Disse-lhe que falasse com Rick Cowley e, de seguida, desligou-lhe o telefone na cara. Clawson ligou então para o escritório de Rick e foi atendido pela Miriam. É a ex-mulher de Rick.

E também a sua sócia na agência. A combinação pode parecer um pouco estranha mas eles dão-se muito bem.

“Clawson perguntou-lhe a mesma coisa: se George Stark era realmente Thad Beaumont. Segundo a Miriam, ela respondeu-lhe que sim. E também que ela era a Dolley Madison. “Divorciei-me de James”, disse ela. “Thad está a divorciar-se de Liz, e nós os dois vamo-nos casar na Primavera!” E desligou-lhe o telefone na cara. De seguida, foi imediatamente para o escritório de Rick e contou-lhe que um tipo qualquer em Washington D. C. estava a meter o nariz no assunto da identidade secreta de Thad.

Depois disso, os telefonemas de Clawson para a Cowley Associates não lhe adiantaram mais nada exceto ver o telefone desligado na cara.

Liz deu um grande gole na cerveja.

— No entanto, ele não desistiu. Cheguei à conclusão que os verdadeiros

"Patifezóides" nunca desistem. Ele pura e simplesmente concluiu que ser simpático não iria funcionar.

— E não telefonou para o Thad? — inquiriu Alan.

— Não, nem uma só vez.

— Suponho que o vosso número de telefone não vem na lista.

Thad procedeu a uma das suas poucas contribuições diretas para a história.

— O nosso número não aparece nas listas públicas, Alan, mas o telefone aqui em Ludlow aparece na Lista da Faculdade, Tem de aparecer. Sou professor e oriento alguns alunos.

— Mas o tipo nunca foi diretamente para a toca do lobo — comentou Alan admirado.

— Mais tarde entrou em contato... através de uma carta — disse Liz. — Mas já estamos a pôr a carroça à frente dos bois. Quer que eu continue?

— Faça favor — replicou Alan. — Trata-se de uma história fascinante em si mesma.

— Bem — prosseguiu Liz — o nosso "Patifezóide" precisou apenas de três semanas e provavelmente de menos de quinhentos dólares para deslindar aquilo de que tinha certeza absoluta: de que Thad e George Stark eram a mesma pessoa.

"Começou com o Literary Market Place, a que os tipos das editoras chamam apenas LMP. É uma compilação de nomes, moradas, e números de telefones de empresas de tudo quanto é alguém na área: escritores, editores,

redatores, agentes. Utilizando essa compilação e a coluna "Gente" na Publishers Weekly, Clawson conseguiu identificar meia dúzia de empregados da Darwin Press que deixaram a companhia entre o Verão de mil novecentos e oitenta e seis e o Verão de mil novecentos e oitenta e sete.

"Um deles tinha as informações e estava disposto a deitar tudo cá para fora. Ellie Golden está praticamente certa de que o culpado foi a rapariga que ocupou o lugar de secretária do tesoureiro-chefe durante oito meses, entre oitenta e cinco e oitenta e seis.

Ellie diz que ela é uma cabra saída de Vassar com maus hábitos nasais.

Alan lançou uma gargalhada.

— Thad também acredita que tenha sido ela – prosseguiu Liz — porque a arma do crime acabou por ser as fotocópias das declarações de direitos de autor para George Stark. Vieram do escritório de Roland Burrets.

— O tesoureiro-chefe da Darwin Press – acrescentou Thad, que estivera a observar os gêmeos enquanto ouvia. Estes estavam agora deitados de costas, com os pés enfiados nos babygrows muito juntinhos, e os biberões a apontarem para o teto. Os olhos estavam vidrados e distantes. Thad sabia que, em breve, eles acabariam por adormecer e dormir até de manhã... e quando assim acontecesse, fariam isso em conjunto. "Eles fazem tudo em conjunto", pensou Thad. "Os bebês estão sonolentos e os pardais estão a voar." Tornou a tocar na cicatriz.

— O nome de Thad não vinha nas fotocópias – disse Liz. — Por vezes, as declarações dos direitos de autor precedem os cheques, embora não constituam cheques em si mesmos e, por isso, o nome dele não tinha de aparecer nas cópias. Está a compreender, não está?

Alan acenou com a cabeça.

— Ainda assim, a morada do destinatário disse-lhe praticamente tudo aquilo que ele precisava de saber. Era o senhor George Stark, Apartado 1642, Brewer, Maine 04412, muito longe do Mississipi, onde era suposto Stark viver. Ao

dar uma vista de olhos pelo mapa do Maine, ele deve ter-se apercebido de que a vila imediatamente a sul de Brewer é Ludlow, e ele sabia quem era o escritor conhecido, se não mesmo famoso, que aí vivia. Thaddeus Beaumont. Que coincidência.

“Nem eu nem Thad alguma vez o vimos pessoalmente, mas ele viu Thad. Ele soube quando é que a Darwin Press enviava os cheques trimestrais dos direitos de autor a partir das fotocópias que já recebera. A maior parte dos cheques dos direitos de autor são enviados em primeiro lugar para o agente do autor. Depois, este emite um outro cheque, que reflete a quantia originária, salvo a sua comissão. No entanto, no caso de Stark, o tesoureiro enviava os cheques diretamente para o apartado do correio de Brewer.

— E a comissão do agente? — inquiriu Alan.

— Tirada à parte da quantia total na Darwin Press e enviada para Rick por meio de um cheque separado – disse Liz. — Para Clawson, deve ter sido um outro sinal claro de que Georges Stark não era quem afirmava ser... só então é que Clawson deixou de precisar procurar mais pistas. Ele queria provas concretas. E lançou-se a caminho para as arranjar.

“Quando chegou a altura da emissão do cheque dos direitos de autor, Clawson apanhou um avião e veio até cá. Durante a noite, permanecia no Motel Holiday Inn; durante o dia, passava o tempo em “marcação cerrada” nos Correios de Brewer. Foi exatamente isto que ele escreveu na carta que, mais tarde, Thad acabou por receber. Era uma marcação cerrada. Tudo muito film noir. Ainda assim, foi uma investigação bastante arriscada. Se, no quarto dia da sua estada, “Stark” não tivesse aparecido para ir buscar o cheque, Clawson teria de desmontar a tenda e partir para outras paragens. Mas não me parece que tivesse acabado por aí. Quando um “Patifezóide” genuíno prende uma pessoa pelos dentes, não a larga enquanto não arrancar um bom pedaço à dentada.

— Ou enquanto a pessoa não partir os dentes dele à pancada — grunhiu Thad, que, ao ver que Alan se virava na sua direção, com as sobrancelhas arqueadas, fez uma careta.

Má escolha de palavras. Aparentemente, alguém acabara de fazer exatamente isso ao “Patifezóide” de Liz... ou algo ainda pior.

— De qualquer modo, é uma questão discutível – retomou Liz, e Alan virou-se para ela. — Não precisou de tanto tempo. Ao terceiro dia, quando estava sentado num banco de jardim do outro lado dos Correios, viu Thad a estacionar o Suburban num daqueles parques de estacionamento para paragens de dez minutos perto do edifício.

Liz tomou um outro gole da cerveja, limpando a espuma do lábio superior. Quando a mão se afastou do rosto, ela estava a sorrir.

— E agora vem a parte que gosto — disse. – É absolutamente deliciosa, como aquele tipo maricas na série Reviver o Passado em Brideshead costumava dizer. Clawson tinha uma máquina fotográfica. Uma máquina mais do que minúscula, do gênero daquelas que cabem na palma da mão. Quando estamos prontos para tirar uma fotografia, basta abrir um pouco os dedos para não tapar a lente e, bingo! Já está. — Liz soltou uma risadinha, abanando a cabeça em face da imagem. — Na carta, Clawson dizia que a arranjara através de um catálogo qualquer que vende equipamento de espionagem: escutas telefônicas, pastas que se autodestróem, coisas assim. O agente secreto X-9 Clawson apresenta-se ao trabalho. Aposto que teria arranjado um dente oco cheio de cianeto se a sua venda fosse autorizada. Ele investia fortemente na imagem.

“De qualquer modo, Clawson tirou cerca de meia dúzia de fotografias razoavelmente aceitáveis. Nada artístico, mas era possível ver-se quem era o alvo pretendido e o que é que ele estava a fazer. Havia uma fotografia de Thad a aproximar-se dos cacifos dos correios no corredor, uma fotografia de Thad a introduzir a chave no cacifo 1642, e uma outra com ele a retirar o sobrescrito.

— Ele enviou-vos cópias dessas fotografias? – perguntou Alan. Ela dissera que ele queria dinheiro e Alan supôs que a senhora sabia do que é que estava a falar. A armadilha não cheirava só a chantagem: tresandava a chantagem.

— Oh, sim. E uma ampliação desta ultima. Conseguia ler-se parte do endereço do remetente: as letras DARW, sendo muito fácil adivinhar o cólofon que se encontrava por cima das letras.

— X-9 ataca de novo — disse Alan.

— Sim. X-9 ataca de novo. Clawson revelou as fotografias e, depois, pegou num avião e voltou para Washington. Apenas alguns dias depois, recebemos a carta dele, com as fotos incluídas. A carta era verdadeiramente maravilhosa. Apesar de nem só uma vez ter ultrapassado os limites da ameaça, Clawson andou sempre lá por perto.

— Ele estudava Direito — replicou Thad.

— Sim — concordou Liz. — Aparentemente, sabia exatamente até onde é que podia ir.

Thad pode mostrar-lhe a carta mas eu consigo parafraseá-la. Começava por dizer o quanto admirava as duas metades daquilo a que chamava a "mente dividida" de Thad.

Contava minuciosamente o que descobrira e como o fizera. Passava então para aquilo que realmente lhe interessava. Foi muito cuidadoso a mostrar-nos o anzol, mas este era bem visível. Disse que ele próprio aspirava vir a ser um escritor mas que não tinha muito tempo para escrever; que os seus estudos de Direito eram muito trabalhosos, mas isso era apenas uma parte. O verdadeiro problema, dizia, era que tinha de trabalhar numa livraria para ajudar a pagar as propinas e outras contas. Acrescentava ainda que gostaria de mostrar a Thad alguns dos seus trabalhos e, caso Thad achasse que estes eram promissores, talvez se pudesse sentir compelido a pôr em marcha um pacote de auxílio para o ajudar pelo caminho.

— Um pacote de auxílio — disse Alan, perplexo. — E assim que agora chamam a isso?

Thad lançou a cabeça para trás e lançou uma gargalhada.

— Pelo menos, foi assim que Clawson lhe chamou. Acho que consigo citar o ultimo pedaço de cor. "Sei que, numa primeira leitura, isto pode parecer-lhe um pedido muito atrevido", dizia ele, "mas tenho a certeza de que se estudar o meu trabalho, rapidamente chegar à conclusão que uma tal combinação trará vantagens para ambos."

— Durante uns dias, eu e Thad ficamos fulos com aquilo, depois rimo-nos com a situação e, em seguida, penso que voltamos a ficar fulos.

— Sim — corroborou Thad. — Não estou lá muito certo quanto à parte do riso mas lá que ficamos fulos, disso não tenho dúvidas.

— Por ultimo, acabamos por conseguir apenas falar sobre o assunto. Falamos quase até à meia-noite. Ambos reconhecemos aquilo que a carta e as fotografias de Clawson significavam, e depois de a fúria lhe ter passado...

— A fúria ainda não me passou totalmente – exclamou Thad — e o tipo está morto.

— Bem, uma vez os gritos passados, Thad ficou quase aliviado. Há já bastante tempo que se queria ver livre de Stark, e já pusera mãos à obra num livro de grande fôlego e sério, só seu. Que ainda está a escrever. Chama-se O Cão Dourado. Já li as primeiras duzentas páginas e é magnífico. Muito melhor do que as duas ultimas coisas que produziu em catadupa sob o nome de George Stark. Assim, Thad decidiu...

— Nós decidimos — corrigiu Thad.

— Está bem, nós decidimos que Clawson era uma bênção disfarçada, um modo de acelerar aquilo que já está para acontecer. O único temor de Thad era que Rick Cowley não gostasse muito da idéia porque George Stark dava a ganhar mais dinheiro à editora do que Thad, e por uma boa margem. Mas ele comportou-se de forma impecável. Com efeito, disse que poderia acabar por gerar alguma publicidade, o que talvez pudesse trazer vantagens para uma série de áreas: a lista antiga de Stark, a lista antiga do próprio Thad...

— Ou seja, os dois livros — acrescentou Thad com um sorriso.

— ... e o novo livro, quando fosse finalmente lançado.

— Desculpem-me, o que é uma lista antiga? – inquiriu Alan.

Agora com um sorriso aberto, Thad respondeu:

— Os livros antigos que já não estão colocados em destaque nas montras janotas das grandes livrarias.

— Então, veio tudo a lume.

— Sim — afirmou Liz. — Primeiro na Associated Press aqui do Maine e na Publishers Weekly, mas a história acabou por tomar proporções a nível nacional; afinal de contas, Stark era um escritor de best-sellers e o fato de nunca sequer ter existido fez do assunto um "tapa-buracos" interessante nas ultimas páginas dos jornais. E foi então que a revista People entrou em contato conosco.

"Recebemos só mais uma carta indignada e zangada da parte de Clawson, dizendonos quão maldosos, mauzinhos e ingratos nós éramos. Parecia pensar que não tínhamos direito algum de o pôr de parte, tal como fizéramos, porque fora ele quem tivera todo o trabalho e Thad nada mais fizera exceto escrever alguns livros. Após essa carta, calou a boca.

— E agora calou a boca para sempre — disse Thad.

— Não — retorquiu Alan. — Alguém calou a boca por ele... É essa é uma grande diferença.

Um outro momento de silêncio caiu sobre eles. Foi curto... mas muito pesado. Alan meditou durante vários minutos. Thad e Liz deixaram-no entregue aos seus pensamentos. Por fim, levantou os olhos e disse:

— Muito bem. Porquê? Porque é que alguém recorreria ao assassinato por causa disto? Sobretudo depois de o segredo já ter sido revelado...

Thad abanou a cabeça.

— Se tiver alguma coisa a ver comigo, ou com os livros que escrevi como George Stark, não sei quem foi nem porquê.

— E por causa de um pseudônimo? — inquiriu Alan, numa voz meditativa. — Longe de mim ofendê-lo, Thad, mas não era propriamente um documento secreto ou um grande segredo militar.

— Não me ofende nada — respondeu Thad. — De fato, não podia estar mais de acordo consigo.

— Stark tinha muitos fãs — disse Liz. — Alguns deles ficaram zangados por Thad não ir escrever mais nenhum romance como Stark. Após a publicação do artigo, a People recebeu algumas cartas, tendo Thad recebido um montão delas. Uma senhora chegou ao ponto de sugerir que Alexis Machine devesse voltar da reforma e dar cabo de Thad.

— Quem é Alexis Machine? — Alan ostentava de novo o bloco de notas.

Thad sorriu:

— Calma, calma, meu bom inspetor. Machine é apenas uma personagem de dois dos romances escritos por Stark. O primeiro e o último.

— Uma ficção por outra ficção — disse Alan, tornando a guardar o bloco de notas. — ótimo.

Entretanto, Thad parecia ligeiramente espantado.

— Uma ficção por outra ficção — disse. — Nada mau. Nada mau mesmo.

— Era aqui que eu queria chegar — afirmou Liz. – Talvez Clawson tivesse um amigo (sempre admitindo que os “Patifezóides” têm amigos) que fosse fã absolutamente fanático de Stark. Talvez ele soubesse que Clawson fora o verdadeiro responsável por a história ter vindo a público. E tivesse ficado tão furioso porque não iria ler mais nenhum romance de Stark que...

Liz suspirou, olhou por um breve instante para baixo, em direção à

garrafa de cerveja, e tornou a erguer a cabeça.

— Na verdade, isto não tem pés nem cabeça, não

— Temo bem que sim — respondeu Alan com delicadeza, tendo olhado para Thad de seguida. — Neste momento, você devia estar de joelhos a agradecer a Deus pelo seu álibi, ainda que não tivesse estado anteriormente. Tem a noção de que isto ainda o torna mais suspeito, não é?

— Suponho que, de certo modo, seja assim – concordou Thad. — Thaddeus Beaumont escreveu dois romances que praticamente ninguém leu. O segundo, publicado há onze anos, nem sequer teve críticas muito boas. Os avanços mínimos que recebeu não renderam nada; será mesmo um milagre se conseguir vir a ser publicado de novo, no pé em que o negócio se encontra. Por outro lado, Stark ganha dinheiro a rodos. Apesar de o dinheiro ganho a rodos ser relativamente discreto, os livros dão-me a ganhar quatro vezes mais aquilo que ganho a ensinar anualmente. Este tipo Clawson aparece, com a sua ameaça de chantagem cuidadosamente formulada. Recuso ceder, mas a minha única opção é ir a lume com a história. Não muito tempo depois Clawson é morto. Parece ser um grande motivo, mas, na verdade não o é. Matar um provável chantagista depois de já se ter contado o segredo seria uma estupidez.

— Sim... mas há sempre a vingança.

— Admito, até termos em conta tudo o resto. Aquilo que Liz lhe contou é totalmente verdade. De qualquer modo, Stark estava praticamente pronto para ir para o monte Edoálixo. Talvez pudesse ter havido mais um livro, mas apenas um. E uma das razões pela qual Rick Cowley foi tão impecável, como disse Liz, era porque estava ciente desse fato. E tinha razão quanto À publicidade. Por muito tonto que tenha sido o artigo da People, tem feito maravilhas às vendas. O Rick contou-me que A Caminho da Babilônia voltou repentinamente a fazer de novo parte da lista dos mais vendidos, e que as vendas de todos os romances de Stark estão bastante altas. A Dutton está mesmo a planear fazer uma nova edição d'Os Dançarinos Inesperados e Névoa Púrpura. Se virmos as coisas por este prisma, Clawson até me fez um favor.

— Então, onde é que isso nos deixa? — inquiriu Alan.

— Quem me dera saber — replicou Thad.

No silêncio que se seguiu, Liz disse numa voz suave:

— É um caçador de crocodilos. Estava precisamente a pensar neles esta manhã, é um caçador de crocodilos e é um louco varrido.

— Caçador de crocodilos? — Alan virou-se para ela.

Liz explicou a síndrome de ver-os-crocodilos-vivos inventados por Thad.

— Podia ter sido um fã louco — disse ela. — Não é assim uma idéia tão sem pés nem cabeça, não quando pensamos no tipo que matou John Lennon e no outro que tentou matar Ronald Reagan para impressionar a Jodie Foster. Eles andam por aí. E se Clawson conseguiu descobrir tudo sobre Thad, uma outra pessoa qualquer pode ter conseguido descobrir tudo sobre Clawson.

— Mas porque é que um tipo tentaria incriminar-me, se gosta tanto do meu trabalho? — perguntou Thad.

— Porque não gosta! — respondeu Liz com veemência. — é Stark que o caçador de crocodilos adora. Provavelmente, odeia-te tanto como odeia, odiava, Clawson. Tu disseste que não lamentavas o fato de Stark estar morto. Essa pode muito bem ser a razão suficiente.

— Ainda assim, não estou convencido — disse Alan. — As impressões digitais...

— O Alan disse que as impressões nunca foram copiadas ou forjadas, mas, dado que estão espalhadas pelos dois sítios, tem de haver uma forma. é a única coisa que se ajusta.

Thad ouviu-se a si próprio dizer:

— Não, estás enganada, Liz. Se realmente existe um tipo desses, ele não

adora apenas Stark. — Baixou o olhar em direção aos braços e viu que estes estavam cobertos de pele de galinha.

— Não? — inquiriu Alan.

Thad ergueu o olhar e fitou os dois.

— Já pensaram que o homem que matou Homer Gamache e Frederick Clawson pode imaginar que ele próprio é George Stark?

Nos degraus, Alan disse:

— Mantê-lo-ei ao corrente, Thad.

Numa das mãos segurava as fotocópias — tiradas na máquina do escritório de Thad — das duas cartas de Frederick Clawson. Thad pensou para si próprio que a boa vontade mostrada por Alan em aceitar fotocópias — pelo menos, para já — em vez de insistir em levar os originais como prova, era o indício mais claro de todos de que pusera de parte a grande maioria das suspeitas.

— E voltar de novo para me prender se descobrir um buraco no meu álibi? — perguntou Thad a rir.

— Penso que isso não ir acontecer. A única coisa que lhe peço é que, do mesmo modo, também me mantenha ao corrente.

— Se surgir alguma coisa de novo, é isso?

— Sim. É isso que quero dizer.

— Lamento imenso não termos podido ajudar mais.

— Ajudaram-me muito — contradisse Alan, sorrindo.

— Não sabia se havia de ficar mais um dia, o que significava mais uma noite num quarto pouco recomendável do Ramada Inn, ou voltar para Castle Rock. Graças a tudo aquilo que me contaram, vou optar pela segunda. E é para já.

Vai saber bem voltar. Ultimamente, a minha mulher Annie tem andado um pouco adoentada.

— Nada de grave, espero — disse Liz.

— Enxaquecas — disse Alan rapidamente, começando a descer o passeio. Foi então que se virou para trás. – Há ainda mais uma coisa.

Thad olhou para Liz.

— Aqui vem — disse ele. — é a deixa do velho Colombo da gabardina amarrotada.

— Nada disso — retorquiu Alan — mas a Polícia de Washington está a guardar do público uma prova física da morte de Clawson. é prática comum; ajuda a eliminar os malucos que gostam de confessar crimes que não cometeram. Havia uma coisa escrita na parede do apartamento de Clawson. — Alan fez uma pausa, tendo acrescentado, quase como que a pedir desculpa: — Foi escrito com o sangue da vítima. Se vos disser o que foi, dão-me a vossa palavra de honra que não contam nada a ninguém?

Ambos acenaram a cabeça.

— A expressão era "Os pardais estão a voar de novo". Isto diz-vos alguma coisa para algum de vocês?

— Não — respondeu Liz.

— Não — respondeu Thad numa voz indiferente após uma hesitação momentânea.

O olhar de Alan quedou-se no rosto de Thad por instantes.

— Tem a certeza?

— Absoluta.

Alan suspirou.

— Bem me queria parecer que não vos dizia nada, mas pareceu-me valer a pena tentar. Como temos tantos elos peculiares, pensei que talvez pudesse haver mais um.

Boa noite, Thad e Liz. Não se esqueçam de me contatar no caso de acontecer alguma coisa.

— Esteja descansado — disse Liz.

— Pode contar conosco — concordou Thad.

Um instante depois, os dois encontravam-se dentro de casa, com a porta fechada sobre Alan Pangborn — e sob a escuridão através da qual ele faria a sua longa viagem de regresso a casa.

Dez - MAIS TARDE NESSA NOITE

Depois de terem levado os gêmeos adormecidos para o andar de cima, eles próprios começaram a arranjar-se para se deitarem. Thad despiu-se até ficar de cuecas e de camisola interior — o seu pijama muito próprio — e dirigiu-se para a casa de banho.

Estava a lavar os dentes quando as tremuras começaram. Deixou cair a escova dos dentes, cuspiu uma boca repleta de espuma branca para dentro do

lavatório e, depois, a cambalear, deixou-se cair à beira da retrete, sem qualquer sensação nas pernas, como se tivesse umas estacas de madeira.

Tentou vomitar — um horrível som seco — mas nada saiu. O estômago começou a acalmar de novo... pelo menos temporariamente.

Quando se virou, Liz encontrava-se à entrada da porta. Vestia uma camisa de noite de nylon azul, que terminava vários centímetros acima do joelho. Olhava para ele fixamente.

— Andas a esconder-me segredos, Thad. Isso não é bom. Nunca foi.

Thad suspirou de forma desagradável e esticou as mãos diante dos olhos, com os dedos afastados uns dos outros. Ainda tremiam.

— Há quanto tempo te apercebeste?

— Desde que o xerife voltou esta noite que andas a agir de uma forma estranha. E quando ele fez aquela última pergunta... sobre aquela coisa escrita na parede do Clawson... mais valia teres um letreiro colado na testa.

— Pangborn não viu qualquer espécie de letreiro.

— O xerife Pangborn não te conhece tão bem quanto eu... mas se não o viste a olhar para ti com um ar desconfiado no fim, era porque não estavas a olhar. Até ele viu que algo não batia certo. Foi a forma como ele olhou para ti.

A boca dela descaiu um pouco, sublinhando as linhas antigas do seu rosto, aquelas que ele vira pela primeira vez após o acidente em Boston e o aborto, aquelas que se tinham aprofundado à medida que ela o via debater-se com cada vez mais força para tirar água de um poço que parecia ter secado.

Fora por volta dessa altura que Thad deixara de conseguir controlar o ato de beber.

Todas essas coisas — o acidente de Liz, o aborto, o falhanço crítico e financeiro de Névoa púrpura após o êxito gigantesco de A Vontade de Machine sob o nome de Stark, a súbita tendência para beber muito — tinham-se unido para dar origem a um profundo estado depressivo. Ele reconhecera-o como um estado de espírito egocêntrico e fechado sobre si mesmo, mas essa tomada de consciência não ajudara em nada. Por fim, com a ajuda de meia garrafa de Jack Daniels, Thad enfiara pela garganta abaixo uma mão cheia de comprimidos para dormir. Tratara-se de uma tentativa de suicídio com pouco entusiasmo... mas ainda assim uma tentativa de suicídio. Todas estas coisas ocorreram ao longo de três anos. Nessa época, parecera ser muito mais tempo. Nessa época, parecera que seria para sempre.

E, está claro, pouco ou mesmo nada disto chegara às páginas da revista People.

Neste momento, Thad via Liz a olhar para ele como costumava olhar nessa altura.

Odiava esse olhar. A preocupação só por si já era má; a desconfiança ainda pior.

Imediatamente, Thad pensou que seria mais fácil suportar o sentimento de ódio do que aquele olhar peculiar e circunspecto.

— Detesto quando me mentes — limitou-se ela a dizer.

— Eu não menti, Liz! Pelo amor de Deus!

— Por vezes, as pessoas mentem só por estarem caladas.

— De qualquer forma, ia contar-te — replicou ele. – Só estava a tentar encontrar uma forma de o fazer.

Mas seria isso verdade? Seria mesmo? Thad não sabia. Era uma coisa esquisita, absolutamente de loucos, mas não fora essa razão pela qual ele preferira mentir através do silêncio. Thad sentira necessidade de ficar calado tal

como um homem que observa uma mancha de sangue nas próprias fezes ou sente um nódulo nas virilhas pode sentir necessidade de ficar calado. Em tais casos, o silêncio é irracional... mas o medo é igualmente irracional.

E havia mais uma outra coisa: ele era um escritor, um imaginador. Thad nunca conhecera alguém — incluindo ele próprio — que tivesse mais do que uma vaga idéia da razão por que fazia alguma coisa. Por vezes, Thad acreditava que a compulsão para escrever ficção não passava de um baluarte contra a confusão, talvez mesmo contra a insanidade. Era uma necessidade desesperada de ordem por pessoas somente capazes de descobrirem esse material precioso no interior da sua mente... nunca no coração.

Dentro dele, uma voz sussurrou pela primeira vez: "Quem és tu quando escreves, Thad? Quem és tu nessa altura?" E, para essa voz, ele não tinha resposta alguma.

— Então? — perguntou Liz, num tom agudo, vacilando à beira da fúria.

Embrenhado nos seus pensamentos, Thad olhou para ela, espantado:

— Desculpa?

— Já encontraste uma forma de o fazer? Qualquer que possa ser?

— Olha — replicou ele — não percebo porque é que estás com uma voz tão irritada, Liz.

— Porque estou assustada! — gritou ela, zangada... mas agora, ele via lágrimas nos cantos dos olhos dela. – Porque escondeste isso ao xerife, e ainda me pergunto se não o irás esconder de mim! Não via essa expressão no teu rosto há...

— Ah, sim? — Agora, ele próprio começava a sentir-se zangado. — E que expressão foi essa? O que é que te pareceu?

— Parecias culpado — respondeu bruscamente. — Tinhas a expressão que costumavas ter quando dizias às pessoas que havias parado de beber e não tinhas. Quando... — Foi então que ela estacou. Thad não soube o que Liz viu no seu rosto e não tinha a certeza se queria saber mas afastou de vez a sua fúria, que foi substituída por um olhar angustiado. — Desculpa. Não fui justa naquilo que disse.

— Porque não? — retorquiu ele, algo enfadado. — Foi verdade. Durante uns tempos.

Thad voltou para a casa de banho e utilizou o desinfetante oral para remover os últimos vestígios de pasta de dentes. Era um desinfetante oral sem álcool. Como o xarope para a tosse. E o sucedâneo de baunilha no armário da cozinha. Thad não tomara uma única bebida desde que terminara o último romance de Stark.

Com suavidade, a mão de Liz tocou no seu ombro:

— Thad... estamos a ficar zangados um com o outro. Isso magoa-nos aos dois e não vai ajudar em nada a resolver aquilo que estiver errado. Disseste que poderia haver um homem por aí, um louco, que pensa que é George Stark. Já matou duas pessoas que conhecíamos. Uma delas foi parcialmente responsável pelo desvendar do pseudônimo Stark. Já te deve ter passado pela cabeça que podes estar nos primeiros lugares da lista de inimigos a abater daquele homem. No entanto, apesar disso, escondeste alguma coisa. Qual era a expressão?

— Os pardais estão a voar de novo — respondeu Thad.

Olhando para o próprio rosto na desagradável luz branca lançada pelas lâmpadas fluorescentes sobre o espelho da casa de banho. O mesmo rosto de sempre. Talvez um pouco escurecido sob os olhos, mas, ainda assim, o mesmo rosto de sempre. Thad estava contente. Não era a cara de nenhuma estrela de cinema, mas era a sua.

— Sim. Isso teve algum significado para ti. Qual foi?

Thad desligou a luz da casa de banho e colocou o braço por cima dos ombros de Liz.

Caminharam até à cama e deitaram-se nela.

— Quando tinha onze anos — explicou — fui submetido a uma operação para me extirparem um pequeno tumor do lobo frontal (penso que era o lobo frontal) do cérebro. Disto tu já sabias.

— Sim? — Ela olhava para ele, intrigada.

— Disse-te que tinha umas dores de cabeça fortes antes de o tumor ter sido diagnosticado, não foi?

— Exato.

Distraído, Thad começou a dar ligeiras palmadinhas na coxa de Liz. Ela tinha umas adoráveis pernas compridas, e a camisa de noite era mesmo muito curta.

— E sobre os sons?

— Sons? — Liz parecia intrigada.

— Bem me queria parecer que não... mas, sabes, nunca pareceu ser muito importante. Tudo isso aconteceu há tanto tempo. As pessoas com tumores cerebrais têm dores de cabeça freqüentes, por vezes têm ataques, e, por vezes, têm as duas coisas. Muitas vezes, estes sintomas têm os seus próprios sintomas. São os chamados precursores sensoriais. Os mais comuns são cheiros, aparas de lápis, cebolas acabadas de cortar, fruta bolorenta. O meu precursor sensorial era auditivo. Eram pássaros.

Thad olhou para ela fixamente, com os narizes prestes a tocarem-se. Conseguia sentir um fio solto do cabelo de Liz a fazer-lhe cócegas na testa.

— Pardais, para ser mais exato.

Thad sentou-se, não querendo ver a expressão de choque súbito no rosto da mulher.

Pegou na mão dela.

— Anda.

— Thad... aonde?

— Até ao escritório — respondeu ele. — Quero mostrar-te uma coisa.

O escritório de Thad era dominado por uma enorme secretária de carvalho. Não era nem tipicamente antiga nem do gênero moderno. Tratava-se apenas de um pedaço de madeira extremamente grande e muitíssimo útil. Erguia-se como um dinossauro sob três globos de vidro pendurados; a luz combinada que lançavam sobre a superfície de trabalho pecava apenas por falta de intensidade. Muito pouco da superfície da secretária estava visível. Manuscritos, pilhas de correspondência, livros, e provas que lhe tinham sido enviadas encontravam-se empilhados por toda a parte e por todo o lado. Na parede branca por detrás da secretária estava um poster que representava a estrutura preferida de Thad no mundo inteiro: o Edifício Flatiron em Nova Iorque. A sua forma improvável em cunha nunca deixara de o deliciar.

Ao lado da máquina de escrever encontrava-se o manuscrito do novo romance, O Cão Dourado. Em cima da máquina estava o trabalho realizado naquele dia. Seis páginas. Era o número do costume... isto é, quando estava a trabalhar como ele próprio.

Como Stark, geralmente fazia umas oito e, por vezes, chegava a escrever dez.

— Antes de Pangborn ter aparecido, era com isto que eu estava entretido — disse ele, pegando no montinho de páginas que se encontravam em cima da maquina e entregando-as a Liz. — Foi então que o som surgiu: o som dos pardais.

Pela segunda vez durante o dia de hoje, só que desta vez foi muito mais intenso. Vês o que está escrito em diagonal sobre a primeira página?

Liz permaneceu com a cabeça baixa durante um longo espaço de tempo, e Thad só lhe conseguia ver o cabelo e o cocuruto da cabeça. Quando levantou o olhar e fitou Thad, toda a cor se tinha esvaído do seu rosto. Os lábios estavam comprimidos um contra o outro numa estreita linha cinzenta.

— É a mesma — sussurrou ela. — é exatamente a mesma frase. Oh, Thad, o que é isto? O que é...?

Liz vacilou e ele inclinou-se para a frente, temendo, por um instante, que ela chegasse mesmo a desmaiar. Agarrou nos ombros dela, com os pés enredados no pé em forma de X da cadeira do escritório, e quase deitou os dois por cima da secretária.

— Estás bem?

— Não — respondeu ela numa voz sumida. — E tu?

— Não propriamente — replicou ele. — Desculpa.

O mesmo desajeitado de sempre. Como um cavaleiro numa armadura reluzente, sou ótimo para segurar uma porta.

— Escreveste isto antes de Pangborn ter sequer aparecido — disse ela, não parecendo considerar possível compreender toda esta situação na totalidade. — Antes.

— Exatamente.

— Que é que isso quer dizer? — Liz fitava-o com uma intensidade inquieta, as pupilas dos seus olhos aumentadas e negras apesar da luz clara.

— Não sei — retorquiu ele. — Pensei que talvez pudesses ter alguma

idéia.

Liz abanou a cabeça e tornou a colocar as folhas sobre a secretária. De seguida, esfregou a mão contra a curta saia de nylon da camisa de noite, como se tivesse tocado em algo de sórdido. Thad teve a impressão de que ela não estava consciente daquilo que estava a fazer, não lhe tendo dito nada.

— Agora já percebes porque é que não contei nada? — perguntou ele.

— Sim... acho que sim.

— O que é que ele teria dito? O nosso xerife prático do mais pequeno município do Maine, que deposita a sua fé nas cópias computadorizadas do R.S.E e nos testemunhos oculares? O nosso xerife que achou mais plausível eu estar a esconder um irmão gêmeo do que alguém ter, de algum modo, descoberto uma forma de duplicar impressões digitais? Que é que ele teria a dizer sobre isto?

— Eu... eu não sei. — Liz debatia-se para se recompor para se arrastar para fora da onda de choque. Ele já a vira fazer isso antes, embora esse fato não diminuísse a admiração que sentia por ela. — Não sei o que é que ele teria dito, Thad.

— Eu também não. Penso que, na pior das hipóteses, admitiria que eu já sabia de antemão que o crime ia acontecer. Era bastante mais provável que acreditasse que eu tinha corrido cá para cima depois de ele se ter ido embora esta noite.

— Porque é que farias uma coisa dessas? Porquê?

— Creio que a insanidade seria a primeira hipótese — respondeu Thad secamente. — Acho que seria muito mais provável que um polícia como o Pangborn pensasse em insanidade em vez de aceitar uma ocorrência que não parece ter uma explicação plausível fora do campo do paranormal. Mas se achas que faço mal em não contar uma coisa destas enquanto eu próprio não tiver uma hipótese de dar algum sentido a tudo isto (e pode ser que seja assim) dize-me. Podemos telefonar para o gabinete do xerife de Castle Rock e deixar-lhe uma

mensagem.

— Não sei — respondeu Liz, abanando a cabeça. – Ouvi falar (num talk-show qualquer, acho eu) em elos parapsíquicos...

— Acreditas nisso?

— De certa forma, nunca tive qualquer motivo para refletir muito sobre esse assunto — respondeu ela. — Agora já acho que tenho. — Esticou a mão e agarrou na folha de papel com as palavras rabiscadas sobre a superfície. — Escreveste isto com um dos lápis do George — disse.

— Era a coisa mais próxima à mão, é tudo — retorquiu ele com irritação. Thad pensou por uns instantes na caneta Scripto, tendo-a, de seguida, afastado do pensamento. — E não são, nem nunca foram, os lápis do George. São meus. Estou a ficar farto de te referires a ele como uma pessoa separada. Por mais pequena que fosse, já perdeu toda a graça que alguma vez pudesse ter tido.

— No entanto, ainda hoje utilizaste uma das expressões dele: "Mentir quanto ao meu álibi". Nunca te tinha ouvido dizer uma tal frase, exceto no contexto de um livro. Foi apenas uma mera coincidência?

Thad fez menção de dizer que era, que está claro que era, e parou. Provavelmente fora, mas, à luz do que escrevera naquela folha de papel, como é que podia ter tanta certeza assim?

— Não sei.

— Estavas em transe, Thad? Estavas em estado de transe quando escreveste isto?

Lenta e relutantemente, ele replicou:

— Sim. Penso que estava.

— Só aconteceu isto? Ou aconteceu mais alguma coisa?

— Não me lembro — respondeu ele, tendo acrescentado num tom ainda mais relutante:

— Acho que devo ter dito mais alguma coisa, mas, sinceramente, não me recordo.

Liz olhou para ele durante um longo espaço de tempo, após o qual afirmou:

— Vamos para a cama.

— Achas que vamos conseguir dormir, Liz?

Ela riu-se, desolada.

No entanto, vinte minutos mais tarde, quando Thad estava a deixar-se vencer pelo sono, a voz de Liz trouxe-o de volta.

— Tens de ir ao médico — disse. — Na segunda-feira.

— Desta vez não tenho tido dores de cabeça — protestou ele. — Apenas o som dos pássaros. E aquela coisa esquisita que escrevi. — Thad fez uma pausa, acrescentando de seguida, esperançoso: — Não achas que se possa tratar de uma mera coincidência?

— Não sei o que é — retorquiu Liz — mas tenho de te confessar, Thad, que "coincidência" é uma das últimas hipóteses da minha lista.

Por alguma razão, os dois consideraram isto engraçado e, deitados na cama, abraçados um ao outro, trocaram risadinhas entre si, tentando fazer o

mínimo barulho possível, de forma a não acordar os bebês. Em todo o caso, ficou de novo tudo bem entre eles: apesar de, nesta altura, Thad sentir que não podia ter a certeza absoluta de praticamente nada, esta era uma delas. A tempestade passara. O velho machado de guerra fora de novo enterrado, pelo menos por ora.

— Eu marco-te a consulta — disse ela, depois de as risadas terem passado.

— Não — retorquiu Thad. — Eu marco.

— E não vais ceder a nenhum esquecimento imaginativo?

— Não. Vai ser a primeira coisa a fazer na segunda de manhã. Prometo.

— Muito bem, então. — Suspirou: — Será um milagre se conseguir dormir alguma coisa. — No entanto, cinco minutos mais tarde, Liz respirava suave e regularmente e, não menos de cinco minutos mais tarde, o próprio Thad estava a dormir.

E sonhou de novo o mesmo sonho.

Foi o mesmo (ou, de qualquer modo, assim pareceu ser) exatamente até ao fim: Stark levava-o através da casa deserta, permanecendo constantemente atrás dele, dizendo-lhe que estava enganado sempre que Thad insistia, numa voz trêmula e agitada, que esta era a sua própria casa. Estás muito enganado, respondia Stark por detrás do ombro direito (ou seria do esquerdo? E será que isso importava?). O proprietário desta casa, repetia mais uma vez a Thad, estava morto. O proprietário desta casa estava naquele local fictício onde todas as linhas de comboio terminavam, naquele local a que todas as pessoas aqui em baixo (onde quer que aqui fosse) chamam Endsville. Exatamente tudo igual. Até que chegaram ao átrio das traseiras da casa, onde Liz já não estava sozinha.

Frederick Clawson tinha-se juntado a ela. Estava nu, coberto apenas por um incongruente casaco de cabedal. E estava tão morto quanto Liz.

Por cima do seu ombro, Stark disse de um modo ponderado:

— Aqui em baixo, isto é o que acontece aos bufos. São transformados em recheio de tolos. Agora, ele já está arrumado. Eu vou arrumar todos eles, um por um. Assegura-te apenas de que eu não tenha de te arrumar. Os pardais estão a voar de novo, Thad.

Lembra-te disto. Os pardais estão a voar.

E depois, no exterior da casa, Thad ouviu-os: não apenas milhares deles mas milhões, talvez até milhões de milhões, e o dia ficou negro à medida que o gigantesco bando de pássaros começou a atravessar o sol, que acabou por ficar totalmente eclipsado.

— Não consigo ver! — gritou Thad. Por detrás, George Stark sussurrou:

— Eles estão a voar de novo, velha carcaça. Não te esqueças. E não te metas no meu caminho.

Thad acordou, a tremer e cheio de frio por todo o corpo e, desta vez, demorou bastante mais tempo a pegar de novo no sono. Deixou-se ficar deitado no escuro, a pensar em quão absurda era a idéia que o sonho trouxera: talvez no primeiro sonho já a tivesse trazido, mas, nessa altura, não fora tão clara. Totalmente absurda. O fato de ter sempre visualizado Stark e Alexis Machine como iguais (e porque não, dado que, em termos muito práticos, ambos tinham nascido na mesma altura, com A Vontade de Machine), ambos altos e de ombros largos — homens que não pareciam ter crescido mas que pareciam ter sido, de certa forma, esculpidos a partir de blocos de cimento — e ambos louros... esse fato não alterava o absurdo da idéia. Os pseudônimos não ganhavam vida e assassinavam pessoas. Ele diria isso a Liz ao pequeno-almoço e ambos se iriam rir da idéia... bem, talvez não se rissem mesmo, considerando as circunstâncias, mas compartilhariam um sorriso pesaroso.

“Vou chamar a isto o meu complexo de William Wilson”, pensou Thad, deixando-se adormecer aos poucos. Mas quando a manhã sobreveio, o sonho não pareceu ser suficientemente importante para ser contado; não depois de tudo o resto. E, assim, Thad não contou... mas à medida que o dia ia passando, verificou

que o seu pensamento voltava sempre e sempre a ele, considerando-o uma jóia misteriosa.

ONZE - ENDSVILLE

Segunda-feira logo de manhã, antes que Liz lhe moesse o juízo por causa disso, Thad marcou uma consulta com o Dr. Hume. A remoção do tumor em 1960 fazia parte dos seus registros médicos. Thad contou a Hume que, ultimamente, tivera duas recorrências dos sons dos pássaros, que tinham pressagiado as dores de cabeça durante os meses conducentes ao diagnóstico e a ablação do tumor. O Dr. Hume quis saber se as dores de cabeça propriamente ditas tinham voltado. Thad respondeu-lhe que não.

Não se referiu ao estado de transe, ou àquilo que escrevera durante esse estado, ou ao que fora descoberto escrito na parede do apartamento da vítima de um assassinato em Washington D. C. Tudo isto já parecia tão distante quanto o sonho da noite passada. Na verdade, Thad deu por si a gozar sobre todo o assunto.

No entanto, o Dr. Hume levou tudo a sério. Muito a sério mesmo. Mandou Thad dirigir-se ao Centro Médico do Maine Oriental nessa mesma tarde. Queria tanto uma série de radiografias ao crânio como uma tomografia axial computadorizada... uma TAC.

Thad foi. Sentou-se para as radiografias e, de seguida, enfiou a cabeça no interior de uma máquina que se assemelhava a um secador de roupa de tamanho industrial. Durante quinze minutos, a máquina soltou uma série de sons estridentes, após os quais Thad foi liberto do cativeiro... pelo menos por então. Telefonou a Liz, disse-lhe que lhe entregariam os resultados lá para o fim-de-semana e acrescentou que iria ainda passar pelo gabinete na universidade, onde se demoraria um pouco.

— Já refletiste melhor quanto a telefonares ao xerife Pangborn? — inquiriu ela.

— Vamos esperar pelos resultados dos testes — replicou.

— Depois de vermos aquilo com que estamos a lidar, talvez se possa tomar alguma decisão.

Thad encontrava-se no gabinete, a libertar a secretária e as prateleiras de tudo aquilo que se acumulara ao longo de um semestre, quando os pássaros começaram a piar de novo dentro da sua cabeça. Primeiro, alguns chilreios aqui e ali que, de seguida, se uniram a outros e que, rapidamente, se tornaram um coro ensurdecedor.

Céu branco — Thad viu um céu branco entrecortado pelas silhuetas das casas e dos postes de telefone. E pardais por todo o lado. Alinhados em todos os telhados, amontoados em todos os postes, apenas à espera da ordem do mentor do grupo. Nessa altura, lançar-se-iam em direção ao céu, com um som semelhante ao produzido por milhares de lençóis a agitarem-se ao sabor de um vento tonificante.

Thad cambaleou às apalpadelas em direção à secretária e, a tatear, procurou a cadeira. Tendo-a encontrado, deixou-se cair nela.

Pardais.

Pardais e o céu branco do final da Primavera.

O som encheu a sua cabeça, uma cacofonia sem nexo, e quando puxou até si uma folha de papel e começou a escrever, Thad não estava ciente daquilo que fazia. A cabeça pendeu para trás, sobre o pescoço; vazios, os olhos fitaram o teto. A caneta voou para trás e para a frente e para baixo, parecendo mover-se sozinha.

Na sua cabeça, todos os pássaros levantaram vôo numa nuvem escura que encobriu o céu branco de Março na zona Ridgeway de Bergenfield, New Jersey.

Thad recuperou a consciência menos de cinco minutos depois de os primeiros chilreios isolados terem começado a soar na sua mente. Transpirava muito e o pulso esquerdo latejava, mas não sentia qualquer espécie de dor de cabeça. Olhou para baixo, viu o papel sobre a secretária — era o verso de uma nota de encomenda de manuais de apoio grátis para a cadeira de Literatura Americana — e, estupefato manteve o olhar preso no que aí estava escrito.

SIS CATS FOOLS FLYING AGAIN NOW SISSY PHONE MIR FOREVER FOOLS SIS ENDSVILL SIS THE CATS TERMINATE PHONE SISSY DOWN HERE THE CUTS SPARROWS RAZOR SIS MIR RAZOR AND FOREVER SISSY NOW FOREVER SIS MIR CATS STUFF SISSY SPARROW

— Não significa nada — murmurou ele, esfregando as têmporas com as pontas dos dedos, à espera que a dor de cabeça começasse, ou que as palavras rabiscadas no papel se ligassem entre si e fizessem algum sentido.

Thad não queria que nenhuma dessas coisas acontecesse... e nenhuma delas aconteceu. As palavras eram apenas palavras, repetidas vezes sem conta. Algumas tinham sido obviamente retiradas do sonho que tivera com Stark; as outras não passavam de uma amálgama sem nexo. E a sua cabeça estava ótima.

“Desta vez, não vou contar à Liz”, pensou ele. “Maldito seja se o fizer. E não apenas porque estou assustado... apesar de o estar. é extremamente simples: nem todos os segredos são segredos maus. Alguns são segredos bons. Alguns são segredos necessários. E este é tanto bom como necessário”.

Apesar de não ter a certeza se tudo isso era realmente verdade ou não, Thad descobriu algo imensamente libertador: ele não queria saber. Estava absolutamente farto de pensar e de, ainda assim, nada saber. Estava também farto de se sentir com medo, como um homem que, por uma brincadeira, entra numa gruta e, de seguida, começa a suspeitar que está perdido. “Então, pára de pensar nisso. Essa é a solução.”

Thad tinha a impressão de que era verdade. Não sabia se seria ou não capaz de o fazer... mas tencionava levar a cabo a velha tentativa do costume.

Muito lentamente, esticou-se, pegou na nota de encomenda com ambas as mãos, e começou a rasgá-la às tiras. O viveiro de palavras enroscadas no papel começou a desaparecer. Thad pegou nas tiras ao comprido, tornou a rasgá-las ao meio, e deitou os papelinhos no cesto dos papéis, onde ficaram como confetes sobre todo o outro lixo que já fora deitado lá para dentro. De seguida, sentou-se, com o olhar fixo pousado nos pedacinhos de papel durante quase dois minutos, meio à espera que se juntassem de novo e voassem de volta para a secretária, como as imagens na bobina de um filme que é corrida para trás.

Por fim, pegou no cesto dos papéis e levou-o pelo corredor fora, até um painel de aço inoxidável enfiado na parede ao lado do elevador. Por debaixo, podia ler-se o sinal INCINERADORA.

Thad abriu o painel e deitou o lixo pelo cano negro abaixo.

— Já está — disse para o invulgar silêncio de Verão do edifício de Inglês e Matemática. — Não há mais nada. “Aqui embaixo chamamos a isto recheio dos tolos.”

— Aqui em cima chamamos a isto bosta de cavalo — sussurrou ele, dirigindo-se de novo para o gabinete, com o cesto dos papéis vazio na mão.

Não havia mais nada. Pelo cano abaixo, esquecido para sempre. E até os resultados dos testes virem do hospital — ou até ocorrer um outro lapso de memória, um estado de transe, ou o raio de coisa que fosse — Thad não tencionava contar nada. Nada mesmo. O mais provável era que as palavras escritas naquela folha de papel fossem produto da própria imaginação, como o sonho de Stark e da casa vazia, e não tivessem absolutamente nada a ver com o assassinato de Homer Gamache ou com o de Frederick Clawson.

“Aqui em baixo, em Endsville, onde todas as linhas de comboio terminam.”

— Não significa nada de nada — disse Thad, numa voz regular e empolada... mas quando, nesse dia, deixou a universidade, estava praticamente em fuga.

DOZE - MANA

Ela soube que algo não estava bem quando enfiou a chave na grande fechadura Kreig da porta do apartamento e, em vez de deslizar na ranhura com a série de estalidos familiares e reconfortantes, a porta abriu-se de imediato. Não houve tempo algum para pensar quão estúpida fora, indo trabalhar e deixando a porta do apartamento destrancada atrás de si, pelo amor de Deus, Miriam, já agora porque não pendurar uma nota na porta dizendo "OLÁ, LADRÕES, TENHO ALGUM DINHEIRO A MAIS DENTRO DO WOKI NA PRATELEIRA DE CIMA DA COZINHA"?

Não houve tempo algum porque, depois de se viver durante seis meses em Nova Iorque, talvez até quatro, ninguém se esquece de tal coisa. Quando se vive no campo, e talvez só se tranque a porta uma vez por ano quando se vai para fora, em férias; quando se vive numa cidadezinha como Fargo, em Dakota do Norte ou Ames, no Iowa, talvez uma pessoa se esqueça de vez em quando de trancar a porta quando vai trabalhar; contudo, depois de se estar há já algum tempo na velha Big Apple carunchosa, tranca-se a porta mesmo quando só se vai levar uma chávena de açúcar a um vizinho no fundo do corredor. Esquecer a porta destrancada seria como expirar uma lufada de ar e esquecer de inspirar outra vez de seguida. A cidade estava repleta de museus e galerias, mas a cidade estava também repleta de drogados e psicopatas, e não se corriam quaisquer riscos. A não ser que se nascesse estúpido, e Miriam não nascera assim. Um pouco tonta, talvez, mas não estúpida.

Assim, ela soube que algo não estava bem e, apesar de ter a certeza que os ladrões que haviam assaltado o apartamento já se tinham provavelmente ido embora há três ou quatro horas atrás, levando tudo aquilo que parecesse poder ser posto no prego (já para não falar nos oitenta ou noventa dólares do wok... e talvez o próprio wok, agora que se lembrava dele; afinal de contas, será que não se tratava de um wok passível de ser penhorado?), eles podiam ainda lá estar. É uma suposição que se faz de uma forma ou de outra, tal como os rapazes que recebem as primeiras pistolas verdadeiras são ensinados, antes de mais nada, a suporem que a pistola está sempre carregada e que, até mesmo quando é retirada da caixa na qual vem da fábrica, a arma pode estar carregada.

Miriam começou a afastar-se da porta. Fê-lo de uma forma praticamente imediata, antes mesmo de a porta ter parado de se abrir ligeiramente para dentro, mas já era tarde de mais. Uma mão surgiu vinda da escuridão, disparada como uma bala por entre o intervalo de seis centímetros entre a porta e a ombreira, agarrando-lhe a mão. As chaves caíram na passadeira do corredor.

Miriam Cowley abriu a boca para gritar. O homem louro e grande mantivera-se mesmo por detrás da porta, pacientemente à espera há já quatro horas, sem beber um café ou fumar um cigarro. Queria um cigarro, e fumaria um mal tudo isto estivesse acabado, mas antes disso, o cheiro talvez a pudesse ter alertado: os nova-iorquinos são como os animais extremamente pequenos aninhados na vegetação rasteira, sempre com os sentidos alerta, à coca do perigo, mesmo quando pensam que estão a passar um bom bocado.

Antes de ter tempo sequer para pensar, ele já tinha a sua mão direita sobre o pulso direito de Miriam. De seguida, pôs a palma da mão esquerda contra a porta de forma a exercer pressão e, com um sacão, empregando toda a força que tinha, puxou a mulher para a frente. A porta parecia ser de madeira, mas, está claro, era de metal, tal como são as portas de todos os apartamentos bons na velha Big Apple carunchosa. Com uma pancada surda, a face do rosto de Miriam bateu na superfície da porta. Dois dos seus dentes partiram-se rente à gengiva e cortaram-lhe a boca. Os lábios, que se tinham comprimido um contra o outro, afrouxaram de rigidez com o choque e sangue derramou sobre o de baixo. Borrifos de sangue salpicaram a porta. O maxilar estalou como um galho.

Miriam cambaleou, semiconsciente. O homem louro largou-lhe a mão. Miriam desmaiou na passadeira do corredor. Ele tinha de ser muito rápido. Segundo o folclore nova-iorquino, todas as pessoas na velha Big Apple carunchosa estavam-se nas tintas para o que acontecia ou deixava de acontecer, desde que não fosse Com elas. Segundo esse mesmo folclore, um psicopata podia apunhalar uma mulher vinte ou quarenta vezes no passeio diante de um barbeiro com vinte cadeiras em plena luz do dia, na Sétima Avenida, que ninguém diria nada, exceto, talvez, "Será que me pode aparar um pouco mais por cima das orelhas" ou "Joe, acho que, desta vez, prescindo da água-de-colônia".

O homem louro sabia que o folclore era falso. Para os animais pequenos e acossados, a curiosidade faz parte do pacote de sobrevivência. Proteje a tua pele, sim, era esse o nome do jogo, mas um animal negligente estava propenso a ser um animal morto muito em breve. Conseqüentemente, a rapidez era vital.

Ele abriu a porta, agarrou em Miriam pelos cabelos, e arrastou-a para dentro.

Praticamente menos de um segundo depois, ouviu o ruído seco de uma tranca a ser aberta no fundo do corredor, seguido pelo estalido de uma porta a abrir-se. Ele não precisava de olhar lá para fora para ver o rosto que, neste momento, estaria a espreitar de um outro apartamento, um focinho de coelho sem pêlo, com o nariz quase a contorcer-se.

— Não a partiste, pois não, Miriam? — perguntou ele em voz alta. Mudou para um registro mais elevado, não exatamente em tom de falsete, colocando as mãos em forma de concha a cerca de dois dedos da boca para criar um som abafado, e transformou-se numa mulher.

— Não me parece. Será que me podes ajudar a apanhar? — Retirou as mãos, voltando ao tom normal da sua voz. — Claro. Só um segundo.

Fechou a porta e olhou para fora através do buraquinho. Tratava-se de uma lente de 180 graus, que proporcionava uma visão distorcida, ampla e angulosa do corredor.

Aqui, viu exatamente aquilo que esperava ver: um rosto branco a espreitar de uma porta do outro lado do corredor, a espreitar como um coelho que olha para fora da sua toca. O rosto desapareceu.

A porta fechou-se.

A porta não bateu; simplesmente fechou-se. A tonta da Miriam deixara cair uma coisa qualquer. O homem que se encontrava com ela — talvez um namorado, talvez o exmarido — estava a ajudá-la a apanhar essa coisa. Nada de muito preocupante. Tudo na santa paz do Senhor. Miriam estava a gemer, começando a vir a si.

O homem louro enfiou a mão no bolso, tirou a navalha, e abriu-a com uma sacudidela. A lamina cintilou na luminosidade esbatida da única luz que ele deixara acesa, um candeeiro de mesa na sala de estar.

Miriam abriu os olhos. Olhou para o homem, fitando o rosto dele de cabeça para baixo enquanto ele se debruçava sobre ela. A sua boca estava manchada de vermelho, como se Miriam estivesse estado a comer morangos.

Ele mostrou-lhe a navalha. Os olhos de Miriam, até então aturdidos e turvos, tornaram-se alertas e grandes. A boca vermelha e úmida abriu-se.

— Faz um único som e corto-te, mana — disse ele, e a boca dela fechou-se.

Ele agarrou de novo nos seus cabelos e arrastou-a para a sala de estar. A saia dela roçagava no chão de madeira polido, tendo o traseiro ficado preso num prego do tapete, que foi levado sobre ela. Miriam gemeu com dores.

— Não faças isso — ordenou ele. — Já te disse.

Encontravam-se agora na sala de estar, pequena mas agradável. Acolhedora. Cópias de quadros de impressionistas franceses nas paredes. Um poster publicitário emoldurado que dizia “Cats: AGORA E SEMPRE”. Flores secas. Um pequeno sofá dividido, acolchoado num tecido qualquer de cor semelhante a uma espiga de milho. Uma estante para livros. Na estante, ele conseguiu discernir os dois livros de Beaumont numa prateleira e todos os quatro livros de Stark numa outra. Os de Beaumont estavam na prateleira mais alta. Isso não estava certo, mas ele tinha de partir do princípio de que esta cabra pura e simplesmente não conhecia nada de melhor. Largou-lhe os cabelos.

— Senta-te no sofá, mana. Naquela ponta. — Ele apontou para a ponta do sofá ao lado da mesinha onde se encontravam instalados o telefone e o atendedor de chamadas.

— Por favor — sussurrou ela, não fazendo qualquer menção de se levantar. Neste momento, a boca e a face estavam a começar a inchar, e a palavra saiu como se fosse: “Por favor”. — Qualquer coisa. Tudo. O dinheiro está no wok. — O dinheiro está no wok.”

— Senta-te no sofá. Naquela ponta. — Desta vez, com uma mão,

encostou-lhe a navalha ao rosto enquanto com a outra apontava para o sofá.

Miriam trepou para o sofá e aninhou-se o mais possível no meio das almofadas, com os olhos negros muito arregalados. Com a mão, limpou a boca e, por um instante, antes de o fitar de novo, olhou de modo incrédulo para o sangue na palma.

— Que é que quer? – “Que é que quer?” Era como ouvir alguém falar com a boca cheia de comida.

— Quero que faças uma chamada, mana. Só isso.

Pegou no telefone e, utilizando a mão que segurava a navalha, bastante comprida, carregou no botão ANNOUNCE no atendedor de chamadas do telefone. De seguida, entregou-lhe o auscultador. Tratava-se de um daqueles telefones antigos que assentam num ancinho, assemelhando-se a um haltere ligeiramente derretido. Muito mais pesado do que o auscultador de um telefone marca Princess. Ele estava ciente disso e, através do tênue aperto do seu corpo quando o entregou, apercebeu-se de que ela também o estava. Um ligeiro sorriso aflorou os lábios do homem louro. Não foi visível em mais lado nenhum; apenas nos lábios. Não havia nada de poético naquele sorriso.

— Estás a pensar que me podes rebentar os miolos com essa coisa, não estás, mana? — perguntou ele. — Pois deixa-me que te diga uma coisa: esse não é um pensamento feliz. E sabes o que acontece às pessoas que perdem os pensamentos felizes, não sabes? — Como Miriam não respondeu, ele prosseguiu: — Caem do céu, é verdade. Vi uma vez num desenho animado. Por isso, mantém o auscultador do telefone no colo e concentrate em trazer de volta os teus pensamentos felizes.

Ela fitou-o, só olhos. Um fio de sangue escorria-lhe lentamente pelo queixo abaixo.

Uma gota soltou-se, indo aterrar no corpete do vestido. “Nunca vais conseguir limpar isso, mana”, pensou o homem louro. “Dizem que a mancha só sai se for rapidamente enxaguada com água fria, mas não é verdade. Eles têm maquinas. Espectroscópios.

Cromatógrafos a gás. Raios ultravioletas. Lady Macbeth tinha razão."

— Se esse pensamento mau voltar, eu consigo vê-lo nos teus olhos, mana. São uns olhos tão grandes e tão escuros. Não gostarias que um desses olhos grandes e escuros caísse pela cara abaixo, pois não?

Ela abanou a cabeça com tamanha rapidez e força que os cabelos voaram numa tempestade em redor do rosto. E durante todo o tempo em que abanava a cabeça, aqueles lindos olhos escuros nunca deixaram de fitar o rosto dele, tendo o homem louro sentido um formigueiro na perna. Mas caro senhor, será que tem uma régua desdobrável no bolso ou está apenas contente por me ver?

Desta vez, o sorriso era visível tanto nos olhos como na boca, e ele pensou que ela se descontraíra um bocadinho de nada.

— Quero que te aproximes e marques o número de telefone de Thad Beaumont.

Ela limitou-se a fixá-lo, com os olhos reluzentes e brilhantes com o choque.

— Beaumont — disse ele, pacientemente. — O escritor. vá já, mana. O tempo voa continuamente como os pés alados de Mercurio.

— A minha agenda — disse ela. Agora, a boca dela estava demasiado inchada para conseguir fechá-la sem lhe doer, e tornava-se cada vez mais difícil compreendê-la. "Mia hazenda", foi aquilo a que soou.

— "Mia hazenda"? — inquiriu ele. — Tem alguma coisa a ver com uma fazenda? Não sei de que é que estás a falar. Dize alguma coisa que faça sentido, maninha.

Cuidadosa e dolorosamente, Miriam pronunciou:

— A minha agenda. Agenda. A minha agenda dos telefones. Não me recordo do número.

A navalha voou pelo ar em direção a ela. Pareceu fazer um ruído semelhante a um sussurro humano. Provavelmente era apenas imaginação, mas, no entanto, ambos o ouviram. Miriam encolheu-se para trás, aninhando-se ainda mais nas almofadas cor de trigo, com os lábios inchados repuxados num esgar. Ele virou a navalha de forma a que a lamina apanhasse a luz baixa do candeeiro de mesa. Inclinou-a, deixou a luz correr sobre ela como água e, de seguida, olhou para Miriam como se fossem os dois loucos caso não admirassem uma coisa tão bonita.

— Não me irrites, mana. — Agora, podia detectar-se nas suas palavras uma ligeira pronúncia do sul. – Nunca queiras fazer isso, não quando estás a lidar com um tipo como eu. Agora, marca a porra desse número. — Embora ela pudesse não ter o número de Beaumont na memória, pois os negócios com este último não eram assim tantos quanto isso, ela tinha o de Stark. No mundo dos livros, era Stark quem interessava e, por mero acaso, o número de telefone era o mesmo para os dois homens.

Os seus olhos começaram a verter lágrimas.

— Não me recordo — gemeu ela. “Não me recordo.”

O homem louro aprontou-se para a golpear — não porque estivesse zangado com ela mas porque quando se deixa uma senhora como esta escapar com uma mentira, outras se seguirão — e, depois, reconsiderou. Era perfeitamente possível, concluiu, que ela tivesse perdido o controlo, temporariamente, e esquecido coisas mundanas como números de telefone, mesmo aqueles de clientes importantes como Beaumont/Stark. Ela estava em estado de choque: se lhe tivesse pedido para marcar o número da própria empresa, era igualmente muito provável que não se lembrasse.

Contudo, dado que estavam a falar de Thad Beaumont e não de Rick Cowley, ele podia ajudar.

— Muito bem — retorquiu. — Muito bem, mana. Estás perturbada. Eu

compreendo. Não sei se acreditas ou não nisto, mas eu até tenho pena de ti. E estás com sorte porque acontece que eu próprio sei o número. Sei-o tão bem quanto sei o meu, se é que assim se pode dizer. E sabes que mais? Nem sequer te vou obrigar a marcar o número, em parte porque não quero ficar aqui sentado até ao dia de São Nunca à Tarde, à espera que acertes, mas também porque tenho realmente pena de ti. Vou aproximar-me e marcar eu próprio o número. Sabes o que é que isso quer dizer?

Miriam Cowley abanou a cabeça. Os olhos escuros pareciam ter engolido a maior parte do rosto.

— Quer dizer que vou confiar em ti. Mas só até aqui; só até aqui e nem mais um bocadinho, velhota. Estás a ouvir? Estás a perceber tudo?

Miriam acenou a cabeça freneticamente, com os cabelos a voarem. Meu Deus, como ele adorava uma mulher com uma cabeleira farta!

— Ótimo. Isso é ótimo. Enquanto eu marcar o número, mana, vais ver, vais querer só manter os olhos fixos nesta lâmina: ajudar-te-á a manter os pensamentos felizes em bom estado.

Ele inclinou-se e começou a marcar o número no antiquado marcador rotativo. Ao fazê-lo, sons ampliados de estalidos sobrevinham do gravador de mensagens ao lado do telefone. Assemelhava-se a uma roda da sorte carnavalesca a abrandar de velocidade.

Miriam Cowley sentou-se com o auscultador do telefone no colo, olhando alternadamente para a navalha e para as feições lisas e grosseiras do rosto deste estranho horrível.

— Fala com ele — ordenou o homem louro. — Se for a mulher a atender, diz-lhe que é a Miriam de Nova Iorque e que queres falar com o marido dela. Sei que a tua boca está inchada, mas faz saber a quem quer que atenda que és tu. Fala por mim, mana. Se não queres acabar com a cara parecida com um retrato de Picasso, fala por mim e bem. — A última palavra soou a "Been".

— O que é... o que é que eu digo?

O homem louro sorriu. Ela era uma obra de arte não havia dúvida. Extremamente apetitosa. Todo aquele cabelo. Mais formigueiros na zona do baixo-ventre. Estava tudo a ficar muito animado por ali.

O telefone estava a tocar. Tanto ele como ela podiam ouvir através do atendedor de chamadas.

— Na altura, vais-te lembrar da coisa certa, mana.

Ouviu-se um estalido quando o telefone foi atendido do outro lado. O homem louro esperou até ouvir a voz de Beaumont e, de seguida, com a rapidez de uma cobra a atacar, inclinou-se para a frente e correu a navalha ao longo da face esquerda de Miriam Cowley, retalhando e deixando descaída uma aba de pele. Uma grande quantidade de sangue jorrou para fora. Miriam soltou um grito agudo.

— Alô! — ladrou a voz de Beaumont. — Alô, quem está aí? Raios te partam, és tu?

"Sim, é claro que sou eu, filho da mãe", pensou o homem louro. "Sou eu e tu sabes que sou eu, não sabes?"

— Diz-lhe quem tu és e o que se está a passar aqui! — gritou ele para Miriam. — Fá-lo! Não me obrigues a ter de te repetir!

— Quem está aí? — gritou Beaumont. — Que é que se está a passar? Quem é que está a falar?

Miriam soltou um novo grito. Sangue salpicou as almofadas do sofá cor de trigo.

Agora, não se via apenas uma gota de sangue no corpete do vestido; este estava ensopado de sangue.

— Faz o que te digo ou ainda te corto a porra da cabeça com esta coisa!

— Thad, está um homem aqui! — gritou ela para dentro do telefone. Na sua dor e agonia, ela estava a exprimir-se de novo com clareza. — Está um homem mau aqui! Thad, ESTÁ UM HOMEM MAU A...

— DIZ O TEU NOME — berrou ele para ela, cortando o ar com a navalha a um dedo de distância dos seus olhos. Miriam encolheu-se para trás, chorando.

— Quem está a falar? Ou...

— MIRIAM! — respondeu ela num grito. — OH, THAD, NÃO DEIXES QUE ELE ME CORTE DE NOVO, NÃO...

George Stark passou a navalha através do fio do telefone retorcido. O atendedor de chamadas lançou um latido zangado de estática e ficou silencioso.

Fora bom. Podia ter sido melhor; ele tivera vontade de saltar para cima dela, ele tivera realmente vontade de se satisfazer com ela. Há já muito tempo que não se sentia com vontade de se satisfazer com uma mulher. No entanto, apesar de se sentir assim desta vez, não iria atirar-se a ela. Tinha havido gritos a mais. Os coelhos iriam começar de novo a deitar o focinho para fora das tocas, farejando o ar à procura do grande predador que estava a cirandar algures pela selva, mesmo por detrás da luminosidade emanada pelas miseráveis lâmpadazinhas elétricas de acampamento. Ela não parara de gritar.Era óbvio que perdera todos os pensamentos felizes.

Assim, Stark agarrou de novo nos cabelos dela, puxou a cabeça para trás até Miriam ficar a olhar para o teto, a gritar para o teto, e cortou-lhe a garganta. A sala ficou silenciosa.

— Já está, mana — disse ele ternamente. Dobrou a lâmina para dentro do cabo e enfiou-a no bolso. De seguida, esticou a mão esquerda manchada de sangue e fechou os olhos de Miriam. A manga da camisa ficou imediatamente ensopada de sangue quente porque a jugular dela ainda batia, mas, como se

costuma dizer, o que tem de ser tem muita força. Quando se tratava de uma mulher, fechavam-se os olhos. Não importava até que ponto ela fora má, não importava se era uma prostituta drogada que vendera os próprios filhos para comprar droga; de qualquer modo, fechavam-se sempre os olhos.

E ela era apenas uma pequena parte de tudo aquilo. Rick Cowley era uma história diferente. E o homem que escrevera o artigo da revista.

E a cabra que tirara as fotografias, especialmente aquela com a lápide. Uma cabra, sim, uma verdadeira cabra, mas também a ela ele fecharia os olhos.

E quando tivesse tratado da saúde de todos eles, estaria na altura de falar com o próprio Thad. Sem intermediários; mano a mano! Altura de fazer Thad ver a razão.

Depois de ter despachado todos eles, ele esperava sinceramente que Thad estivesse disposto a ver a razão. Caso não estivesse, havia formas de levá-lo a ver a razão.

Afinal de contas, ele era um homem com uma mulher — uma mulher muito bonita, uma verdadeira rainha do ar e das trevas.

E tinha filhos.

Embebeu o dedo indicador no esguicho quente do sangue de Miriam e, rapidamente, começou a escrever na parede. Apesar de ter tido de voltar atrás duas vezes para conseguir sangue suficiente para escrever, a mensagem ficou pronta em três tempos, escrita por cima da cabeça pendida da mulher. Se os olhos dela estivessem abertos, Miriam conseguiria ler a mensagem de pernas para o ar. E, está claro, se ainda estivesse viva. Ele inclinou-se para a frente e beijou a face de Miriam.

— Boa noite, maninha — disse ele, deixando de seguida o apartamento.

O homem do outro lado do corredor estava de novo a espreitar à porta.

Quando viu o homem louro, alto e manchado de sangue emergir do apartamento de Miriam, bateu com a porta e trancou-a.

"Sensato", pensou George Stark, percorrendo o corredor em direção ao elevador.

"Muito, muito sensato."

Enquanto isso, ele tinha de ir andando. Não tinha tempo a perder.

Havia ainda uma outra coisa que era necessário fazer esta noite.

TREZE - PÂNICO PURO

Por vários instantes — ele nunca teve qualquer idéia de quanto tempo passara — Thad foi tomado por um pânico tão completo e absoluto que esteve literalmente incapaz de funcionar sob qualquer aspecto. Era verdadeiramente extraordinário que tivesse sido sequer capaz de respirar. Mais tarde, Thad chegaria à conclusão que a única altura em que se sentira de forma mais ou menos semelhante fora quando tinha dez anos, em meados de Maio, e, juntamente com dois amigos, decidira ir nadar. Era, pelo menos, três semanas mais cedo do que o início habitual dos banhos, mas, ainda assim, pareceu uma ótima idéia. Estava um dia sem nuvens e muito quente para o mês de Maio, em New Jersey, com as temperaturas acima dos trinta graus. Os três desceram até ao lago Davis, o nome jocoso que davam a um laguinho a um quilômetro e meio da casa de Thad, em Bergenfield. Ele foi o primeiro a despir as roupas e a vestir o fato de banho e o primeiro a entrar na água. Literalmente, como uma bala lançada por um canhão, Thad lançou-se para a água da margem do lago, e ainda hoje acredita que, nesse momento, esteve a uma unha negra da morte – quão próximo era algo que ele não desejava realmente saber. Nesse dia, o ar podia estar como em meados de Verão, mas a água estava como o último dia do início do Inverno, antes de o gelo deslizar sobre a superfície, cobrindo-a. O sistema nervoso entrou momentaneamente em curto-circuito.

A respiração ficou presa nos pulmões, o coração parou precisamente no próprio ato de bater, e quando Thad furou a superfície, era como se fosse um carro com uma bateria descarregada que precisasse de um empurrão, que precisasse com a maior urgência, e não soubesse como fazê-lo.

Thad recordava-se de quão brilhante a luz do sol parecera, produzindo mil e umas centelhas douradas na superfície azul-escura da água, recordava-se de Harry Blacke Randy Wiser, de pé sobre a margem, de Harry a puxar os calções de ginástica desbotados sobre o traseiro generoso, de Randy ali parado, nu, com o fato de banho numa das mãos, e a gritar “Como é que está a água, Thad?”, quando ele irrompeu de debaixo de água, e tudo aquilo em que conseguia pensar era: “Estou a morrer, estou neste exato momento, aqui, ao sol, com os meus dois melhores amigos e as aulas já acabaram e não tenho trabalhos de casa e o Mr. Blandings Constrói a Sua Casa de Sonho vai aparecer esta noite no programa Early Show e a mamã disse que eu podia comer em frente ao televisor, mas

nunca mais a poderei ver porque vou morrer.” O que fora uma respiração fácil e sem complicações apenas há uns segundos atrás era agora uma peúga grossa a obstruir a garganta, algo que ele não podia puxar para fora nem empurrar para dentro. O coração permanecia sob o peito como uma minúscula pedra fria. Foi então que o gelo se quebrou: Thad aspirou uma grande golfada de ar elétrico, pele de galinha cobriu todo o seu corpo, e ele respondeu a Randy com a alegria maliciosa e insensata que é apenas pertença dos rapazinhos: “A água está ótima! Nada fria!” Só muitos anos mais tarde é que lhe ocorreu que poderia ter morto um deles, ou ambos, tal como praticamente se matara a si próprio.

Era assim que Thad se sentia agora; encontrava-se exatamente debaixo do mesmo tipo de congestionamento total do corpo. Na tropa, tinham um nome para uma coisa deste gênero: um aperto de merda. Sim. Bom nome. Quando se tratava de terminologia, a tropa era ótima. Cá estava ele sentado, no meio de um grande aperto de merda.

Sentou-se na cadeira, não nela mas sobre ela, debruçado para a frente, com o telefone ainda na mão, a fitar o ecrã apagado do televisor. Thad estava ciente de que Liz aparecera na entrada da porta, que lhe perguntara primeiro quem era e, depois, o que é que se passava, e tudo decorria como naquele dia no lago Davis, exatamente como nesse dia, com a respiração como uma peúga de algodão suja presa na garganta, que não subia nem descia, com todas as linhas de comunicação entre o cérebro e o coração repentinamente cortadas, pedimos desculpa por esta paragem imprevista, retomaremos o serviço o mais rapidamente possível, ou talvez o serviço nunca venha a ser retomado, mas, de qualquer forma, esperemos que aprecie a sua estada na bela cidade de Endsville, o local onde todas as linhas de comboio terminam.

Foi então que o gelo se quebrou, tal como se quebrara daquela outra vez, e Thad respirou de modo entrecortado. Sob o peito, o seu coração deu duas batidas rápidas, aleatórias e galopantes, e, de seguida, retomou o ritmo normal... apesar de a sua velocidade estar ainda acelerada, demasiado acelerada. Aquele grito. Jesus Cristo Nosso Senhor, aquele grito.

Nesse momento, Liz atravessou a sala a correr, e Thad só se apercebeu de que ela lhe arrancara o auscultador do telefone da mão quando o viu gritar “Alô?” e “Quem está a falar?” para dentro dele vezes sem conta. De seguida, ela ouviu o zumbido habitual de uma ligação cortada e pôs o auscultador no lugar.

— Miriam — conseguiu, por fim, dizer, quando Liz se virava para ele. — Era a Miriam e ela estava a gritar. “Exceto nos livros, nunca matei ninguém.” “Os pardais estão a voar.”

“Aqui em baixo, chamamos a isso recheio dos tolos. “Aqui em baixo, chamamos a isso Endsville.”

“Vou voltar para o norte, velha carcaça. Tens de mentir quanto ao meu álibi, porque eu vou voltar para o norte Vou cortar uns bons bifinhos de vaca para mim.”

— A Miriam? A gritar? A Miriam Cowley? Thad, que é que se está a passar?

— É ele — afirmou Thad. — Sabia que era. Acho que sempre o soube, praticamente desde o início, e hoje... esta tarde... tive um outro.

— Um outro quê? — Os dedos dela comprimiam se contra um dos lados do pescoço, esfregando a pele com força. — Um outro branco? Um outro estado de transe?

— Ambos — retorquiu ele. — Mais uma vez, os pardais em primeiro lugar. Escrevi uma data de coisas sem nexo num pedaço de papel quando estava fora de combate. Deitei o papel fora, mas o nome dela estava lá, Liz. O nome da Miriam fazia parte daquilo que escrevi esta tarde quando estava fora... Thad parou, com os olhos cada vez mais arregalados.

— O quê? Thad, o que é que se passa? — Liz agarrou num dos braços dele e abanou-o.

— O que é que se passa?

— Ela tem um poster na sala de estar — disse. Thad ouviu a própria voz como se fosse a de outra pessoa, uma voz oriunda de muito longe. Através de um intercomunicador, talvez. — Um poster de um musical da Broadway. Cats. Vi-o da última vez que lá estivemos. “Cats, AGORA E SEMPRE”. Também escrevi

isso no papel. Escrevi isso porque ele estava lá, e assim eu estava lá, parte de mim estava lá, parte de mim estava a ver com os olhos dele... – Olhou para Liz. Olhou para ela com os seus olhos imensamente arregalados. — Isto não é nenhum tumor, Liz. Pelo menos, não se trata de um que esteja dentro do meu corpo.

— Não sei de que é que estás a falar! — disse Liz, praticamente aos berros.

— Tenho de telefonar ao Rick — murmurou ele. Parte da sua mente parecia estar a elevar-se, movendo-se com magnificência e falando consigo própria através de imagens e reluzentes símbolos imperfeitos. Era assim que, por vezes, Thad se sentia quando escrevia, embora, tanto quanto se lembrava, esta fosse a primeira vez que se sentia desta forma na vida real: seria a escrita a vida real? indagou-se ele, subitamente. Não acreditava que fosse. Era mais como um intervalo.

— Thad, por favor!

— Tenho de avisar o Rick. Ele pode estar em perigo.

— Thad, não estás a dizer coisa com coisa!

Não, claro que não estava. E se ele parasse para explicar, iria parecer ainda mais que não estava a dizer coisa com coisa... e enquanto fizesse uma pausa para confidenciar os seus temores à esposa, provavelmente não fazendo mais do que levá-la a interrogar-se sobre o tempo que demoraria até arranjar e preencher os devidos papéis de divórcio, George Stark poderia estar a atravessar os nove quarteirões em Manhattam, que separavam o apartamento de Rick do da ex-mulher. Sentado no banco de trás de um táxi ou atrás do volante de um carro roubado, que raios, atrás do volante do Toronado preto do seu sonho, tanto quanto Thad sabia — já que se tinha chegado a este ponto, tendo percorrido o caminho que levava à insanidade, porque não mandar tudo à fava e ir até ao fim? Ali sentado, a fumar, a preparar-se para matar Rick, tal como fizera com Miriam... Será que ele a matara?

Talvez só a tivesse assustado, tendo-a deixado a chorar e em estado de

choque. Ou talvez a tivesse magoado — pensando melhor, isso seria bastante provável. Que dissera ela? "Não deixes que ele me corte de novo, não deixes que o homem mau me corte de novo." E, no papel, ele lera "cortes". E... não lera também "exterminar"?

Sim. Sim, lera. Mas isso tinha a ver com o sonho, não era? Isso tinha a ver com Endsville, o local onde todas as linhas de comboio terminam... não tinha? Ele rezou para que tivesse.

Era necessário alguém que a ajudasse, pelo menos havia que tentar, e tinha de avisar Rick. Mas se se limitasse a telefonar para este último, se lhe telefonasse sem nenhuma razão aparente e lhe dissesse para ter cuidado, Rick iria querer saber porquê. "Que é que se passa, Thad? Que foi que aconteceu?"

E se chegasse a mencionar o nome de Miriam, Rick partiria para casa dela enquanto o Diabo esfrega um olho, porque ainda gostava dela. Ainda gostava muito, mas mesmo muito dela. E, depois, seria ele quem a encontraria... talvez desfeita em pedaços (parte do pensamento de Thad tentou afastar-se dessa idéia, dessa imagem, mas o resto do seu pensamento estava inflexível, obrigando-o a ver o aspecto da bonita Miriam, retalhada como um naco de carne no balcão de um talho).

E talvez fosse precisamente com isso que Stark estivesse a contar. O estúpido do Thad a enviar Rick para uma ratoeira. O estúpido do Thad a fazer o trabalho por Stark.

"Mas será que, durante todo este tempo, não tenho vindo a fazer o trabalho por ele? Pelo amor de Deus, não e disso mesmo que se trata um pseudônimo?"

Thad conseguia sentir a sua mente a congestionar-se de novo, estreitando-se suavemente num nó como uma câimbra, num aperto de merda, e ele não podia dar-se ao luxo de se sentir assim: era precisamente neste momento que ele não podia mesmo nada dar-se ao luxo de se sentir assim.

— Thad... por favor! Diz-me o que se está a passar!

Thad respirou fundo e, com as mãos frias, segurou nos braços frios de Liz.

— Era o mesmo homem que matou o Homer Gamache e o Clawson. Ele estava com a Miriam. Ele estava... a ameaçá-la. Espero que fosse só isso que estava a fazer. Não sei.

Ela gritou. A ligação caiu.

— Oh, Thad! Meu Deus!

— Nenhum de nós tem tempo a perder com histerias — retorquiu ele, e pensou:

"Embora Deus saiba que parte de mim quer entrar em histeria." — Vai lá acima e trazeme a tua agenda dos telefones. Não tenho o número de telefone e a morada da Miriam na minha. Penso que tu tens.

— O que foi que quiseste dizer com aquilo de sempre teres sabido desde o início?

— Liz, agora não há tempo para isso. Vai buscar a tua agenda dos telefones. Rápido. Está bem?

Liz hesitou um momento mais.

— Ela pode estar ferida! Vai!

Liz virou-se e saiu da sala a correr. Depois de ouvir os passos rápidos e ligeiros dos pés de Liz a subirem as escadas, Thad tentou pôr de novo a cabeça a funcionar. "Não telefones ao Rick. Se se trata de uma ratoeira, telefonar ao Rick seria uma péssima idéia.

Muito bem. Já chegamos a este ponto. Não é muito, mas é um começo. A quem, então?"

Ao Departamento de Polícia de Nova Iorque? Não; eles viriam com uma série de perguntas inúteis que levariam imenso tempo a responder: para começar, como é que um tipo no Maine estava a participar de um crime em Nova Iorque. Não o D.P.N.I. Uma outra idéia péssima. “Pangborn.”

A mente de Thad apoderou-se da idéia. Começaria por telefonar a Pangborn. Teria de ter cuidado com aquilo que iria dizer, pelo menos por agora. Quanto a decidir sobre aquilo que iria ou não dizer mais tarde — sobre os lapsos de memória, sobre o ruído dos pardais, sobre Stark – isso ficaria para depois. Para já, Miriam era o que importava. Se ela estivesse ferida mas ainda viva, não valeria a pena trazer elementos novos para a situação que só poderiam atrasar o procedimento de Pangborn. Era ele quem teria de telefonar para os polícias de Nova Iorque. Estes agiriam com uma maior rapidez e fariam menos perguntas se a queixa viesse de um deles, ainda que este polícia em particular se encontrasse por acaso no Maine.

Mas a Miriam em primeiro lugar. Deus queira que ela atendesse o telefone.

Liz entrou a correr na sala, com a agenda dos telefones. O seu rosto estava quase tão pálido como estivera depois de, finalmente, conseguir dar William e Wendy à luz.

— Aqui está — disse ela, a respirar rapidamente, ofegante.

“Vai correr tudo bem”, pensou Thad em dizer-lhe, mas conteve-se. Não queria dizer nada que pudesse acabar por se transformar numa mentira com a maior das facilidades... e os gritos de Miriam sugeriam que as coisas há muito que já tinham passado a fase de estar tudo bem. Sugeriam que, pelo menos para Miriam, as coisas podiam provavelmente nunca mais voltar a essa fase. “Está um homem aqui, está um homem mau aqui.”

Thad pensou em George Stark e teve um ligeiro arrepio. Ele era um homem muito mau, não havia dúvida. Mais do que ninguém, Thad sabia que isso era bem verdade.

Afinal de contas, fora ele quem criara George Stark do nada... não fora?

— Estamos bem — disse ele a Liz: pelo menos isso era verdade. “Até agora”, insistiu a sua mente num sussurro.

— Por favor, tenta controlar-te, amor. A respiração ofegante e um desmaio no chão não ajudarão em nada a Miriam.

Liz sentou-se, direita como uma vareta de espingarda, com o olhar fixo em Thad, enquanto os dentes roíam implacavelmente o lábio de baixo. Thad começou a marcar o número de Miriam. Os seus dedos, ligeiramente trêmulos, hesitaram no segundo algarismo, marcando-o por duas vezes. “Quem és tu para andares a dizer às pessoas para se controlarem?” Thad inspirou mais uma longa golfada de ar. Susteve-a, carregou na patilha que desliga o telefone, e começou tudo de novo, forçando-se a si próprio a acalmar Depois de marcar o último algarismo, escutou os estalidos cautelosos da ligação a ser estabelecida. “Deus, faz com que ela esteja bem. E se não estiver totalmente bem, se não conseguires isso, faz com que esteja, pelo menos, suficientemente boa para atender o telefone. Por favor.”

Mas o telefone não tocou. Thad só conseguia ouvir o insistente tu-tu-tu do sinal de impedido. Talvez estivesse mesmo impedido; talvez ela estivesse a telefonar para Rick ou para o hospital. Ou talvez o auscultador estivesse fora do descanso.

Contudo, havia ainda uma outra possibilidade, pensou ele ao carregar mais uma vez na patilha para desligar o telefone. Talvez Stark tivesse arrancado o fio do telefone da ficha na parede. Ou talvez (“não deixes que o homem mau me corte de novo”) o tivesse cortado. Tal como cortara Miriam.

“Navalha”, pensou Thad, e um arrepio subiu-lhe pela espinha acima. Essa fora uma das outras coisas que ele escrevera essa tarde naquele caldo de palavras. “Navalha.”

A meia hora que se seguiu foi um regresso ao surrealismo agourento em que Thad se vira envolvido quando Pangborn e os dois agentes estaduais tinham aparecido na soleira da porta para levá-lo preso por um assassinato de que não

sabia nada de nada. Thad não sentiu qualquer tipo de ameaça pessoal — pelo menos nenhuma ameaça pessoal imediata — mas a mesma sensação de estar a andar por uma sala escura repleta de fios delicados de teias de aranha que roçavam pelo rosto, primeiro fazendo cócegas, mas, em última análise, acabando por enlouquecer qualquer pessoa, fios que não se colavam mas que se esvaeciam antes que pudessem ser agarrados.

Thad marcou de novo o número de Miriam. Quando tornou a ouvir o sinal de impedido, carregou mais uma vez na patilha para desligar o telefone e hesitou apenas por um instante, dividido entre telefonar a Pangborn ou ligar para uma telefonista em Nova Iorque para verificar o telefone de Miriam. Será que eles não tinham um meio qualquer de distinguir entre uma linha que estava impedida por estar em comunicação, uma outra em que o aparelho estava fora do descanso, e ainda uma outra que tinha ficado inoperacional por uma razão qualquer? Thad estava convencido que eles deveriam ter, mas o que, obviamente, importava era que a ligação estabelecida entre ele e Miriam tinha caído repentinamente, e ele deixara de conseguir entrar em contato com ela. Ainda assim, se tivessem duas linhas em vez de apenas uma, eles poderiam descobrir o que acontecera — Liz poderia descobrir. Porque é que eles não tinham duas linhas? Era estúpido não se ter duas linhas, não era?

Apesar de estes pensamentos terem atravessado o seu espírito provavelmente em dois segundos, deram a sensação de ter demorado muito mais tempo, e Thad censurou-se por estar a fazer de Hamlet enquanto Miriam Cowley podia estar a esvair-se em sangue no seu apartamento. Nos livros, as personagens — pelo menos nos livros de Stark — nunca faziam pausas como esta, nunca paravam para se interrogar sobre algo absolutamente sem sentido como por que razão nunca tinham mandado pôr uma segunda linha de telefone no caso de uma mulher, num outro Estado, poder estar a sangrar até à morte. Nos livros, as pessoas nunca precisavam de perder tempo para pôr os intestinos a funcionar e nunca perdiam as estribeiras como agora.

O mundo seria um sitio mais eficaz se todas as pessoas tivessem saído de um romance popular, pensou ele. Nos romances populares, as pessoas conseguiam sempre manter os pensamentos em ordem enquanto saltavam com ligeireza de um capitulo para outro.

Thad marcou o número do serviço de assistência da central telefônica do Maine, e quando a telefonista perguntou:

— Que cidade, por favor?

Thad deixou-se ir abaixo porque Castle Rock era uma vila, não uma cidade mas uma vila pequena, sede ou não do município. De seguida, pensou: “Isto é pânico, Thad.

Pânico puro. Tens de controlar esse pânico. Não podes deixar a Miriam morrer porque entraste em pânico.” E até teve tempo, pareceu-lhe, para se perguntar por que razão é que não poderia deixar que isso acontecesse e para dar uma resposta a essa pergunta: ele era a única personagem real sobre a qual tinha qualquer espécie de controlo, e o pânico pura e simplesmente não fazia parte da imagem dessa personagem. Pelo menos como ele a via.

“Aqui em baixo chamamos a isso tretas, Thad, Aqui em baixo chamamos a isso recheio...”

— Está lá? — insistia a telefonista. — Que cidade, por favor?

“Muito bem. Controlo.”

Thad respirou bem fundo, pôs os malditos pensamentos em ordem e respondeu:

— Castle City. – “Meu Deus.” Fechou os olhos. E com eles ainda fechados, disse lenta e claramente: — Peço desculpa, senhora telefonista. Castle Rock. Gostaria que me desse o número do gabinete do xerife.

Thad esperou um momento, após o qual ouviu uma voz robô recitar o número. Foi então que se apercebeu de que não tinha nem lápis nem caneta. O robô repetiu o número uma segunda vez e Thad esforçou-se o mais que pôde para o decorar, mas o número atravessou a sua mente, voltando para a escuridão, não deixando sequer um tênue vestígio atrás de si.

— Se precisar de mais alguma ajuda — a voz robô prosseguia — por favor, continue em linha e uma telefonista...

— Liz — pediu ele. — Uma caneta. Alguma coisa para escrever.

Uma caneta Bic estava enfiada na agenda de telefones de Liz e esta entregou-lha. A telefonista — a telefonista humana — voltou a estar em linha. Thad disse-lhe que não conseguira anotar o número. A telefonista chamou o robô, que mais uma vez recitou o número na sua voz cantada e vagamente feminina. Thad rabiscou o número na capa de um livro e ia a desligar o telefone quando decidiu tornar a verificar se o número estava correto, escutando a segunda recapitulação programada. Esta demonstrou que ele saltara dois dos números. Oh, era claro como a água que ele estava prestes a conseguir controlar o pânico.

Thad carregou na patilha para desligar o telefone. Uma ligeira transpiração irrompera por todo o corpo.

— Vai com calma, Thad.

— Tu não a ouviste — retorquiu ele, severo, tendo marcado o número de telefone do gabinete do xerife.

O telefone tocou quatro vezes antes de uma enfastiada voz com pronúncia do norte responder:

— Gabinete do xerife do município de Castle. Daqui agente Ridgewick. Em que lhe posso ser útil?

— Sou Thad Beaumont. Estou a telefonar de Ludlow.

— Sim? — Nenhum reconhecimento. Nenhum. O que significava mais explicações.

Mais teias de aranha. O nome Ridgewick não lhe era de todo estranho. Está claro: tratava-se do agente de polícia que falara com a Sra. Arsenault e que encontrara o corpo de Gamache. Meu rico Menino Jesus, como é que ele podia ter descoberto que cá o velho Thad era suspeito de ter cometido o crime e não saber quem ele era?

— Agente Ridgewick, o xerife Pangborn veio até aqui para... falar comigo sobre o assassinato de Homer Gamache Eu tenho algumas informações sobre o caso e é importante que fale imediatamente com ele.

— O xerife não se encontra aqui — respondeu Ridgewick, não soando mesmo nada impressionado pela urgência na voz de Thad.

— Então, onde é que ele está?

— Em casa.

— Por favor, dê-me o número.

E, inacreditavelmente:

— Ah, não sei se deva. ultimamente, o xerife, isto é, o Alan, não tem tido muito tempo de folga e a patroa tem andado um bocado em baixo. Ela tem dores de cabeça.

— Eu tenho de falar com ele!

— Bem — retorquiu Ridgewick, à vontade — pelo menos é bastante claro que o senhor pensa que tem de falar com ele. Talvez até tenha. Isto é, tenha mesmo de falar. Pois deixe-me que lhe diga uma coisa, senhor Bowman. Porque é que não desembucha cá para fora aquilo que tem a dizer e a modos que me deixa ser o ju...

— Ele veio até aqui para me prender pelo assassinato de Homer Gamache, senhor agente, e outra coisa aconteceu, E se não me der IMEDIATAMENTE o número dele...

— Oh, Jesus, Maria, José! — exclamou Ridgewick. Thad ouviu uma ligeira pancada e conseguiu imaginar os pés de Ridgewick a caírem de cima da secretária, ou, mais provável ainda, da secretária de Pangborn, e a pousarem no chão enquanto ele se endireitava no lugar. — Beaumont, não Bowman!

— Sim, e...

— Oh, Deus! Louvado seja Deus! O xerife, o Alan, disse que se o senhor telefonasse, eu devia-me certificar de que entrava imediatamente em contato com ele.

— Ótimo. Agora...

— Louvado seja Deus! Sou um maldito imbecil!

Thad, que não podia estar mais de acordo, disse:

— Por favor, dê-me o número dele. — De alguma forma, apelando para reservas que ignorava possuir, conseguiu não gritar.

— Claro. Só um minuto. Hum...

Seguiu-se uma pausa excruciante. Apenas segundos, como é evidente, embora para Thad tivesse parecido que, durante essa pausa, as pirâmides poderiam ter sido construídas. Construídas e deitadas de novo abaixo. E durante todo esse tempo, a vida de Miriam podia estar a esvair-se no tapete da sua sala de estar, a oitocentos quilômetros de distância. "Eu posso tê-la morto", pensou ele, "simplesmente porque decidi telefonar em primeiro lugar para o Pangborn e apanhei este idiota inato em vez de ter ligado para o Departamento da Polícia de Nova Iorque. Ou para o 115. Era isso que eu provavelmente devia ter feito; marcado o 115 e passar-lhes a batata quente para as mãos."

Só que, até mesmo neste momento, aquela opção não parecia ser real. Era o estado de transe, supunha ele, e as palavras que escrevera enquanto nesse estado. Thad não acreditava ter previsto o ataque a Miriam... mas, de alguma forma obscura, ele testemunhara as preparações de Stark para o ataque. Os gritos fantasmagóricos daqueles milhares de pássaros pareciam fazer desta coisa de loucos algo de que ele era responsável.

Mas se Miriam morrera pura e simplesmente porque ele estava demasiado em pânico para ligar para o 115, como é que conseguiria olhar de

novo para a cara de Rick?

Que se lixe; como é que conseguiria olhar-se de novo num espelho?

Ridgewick, o "aquele Idiota de Trazer Por Casa", regressou, dando a Thad o número de telefone do xerife, soletrando cada algarismo com a lentidão suficiente para um atrasado mental o ter anotado... mas, ainda assim, Thad obrigou-o a repetir, apesar da ânsia incontrolada e profunda de se apressar. Ainda estava abalado pela facilidade com que se enganara a tomar nota do número do gabinete do xerife, e o que acontecera uma vez podia acontecer de novo.

— Muito bem — disse ele. — Obrigado.

— Ah, senhor Beaumont? Ficaria muito agradecido se o senhor não comentasse o modo como eu...

Thad desligou-lhe o telefone na cara sem uma única pontada de remorso e marcou o número que Ridgewick lhe dera. Era óbvio que Pangborn não iria atender o telefone; isso seria, pura e simplesmente, esperar demasiado na "Noite das Teias de Aranha". E quem quer que atendesse o telefone dir-lhe-ia (ou seja, após os obrigatórios minutos iniciais de rodeios verbais) que o xerife tinha saído para comprar pão e uma garrafa de leite. Provavelmente em Lacônia, New Hampshire, apesar de Phoenix não estar totalmente fora de questão.

Thad soltou uma gargalhada descontrolada, o que fez Liz olhar para ele, espantada.

— Thad? Estás bem?

Thad fez menção de responder, mas, subitamente, acenou-lhe com uma mão para mostrar que estava tudo bem dado que o telefone fora atendido do outro lado. Não era Pangborn; pelo menos quanto a esse ponto ele acertara. Era um rapazinho que parecia ter cerca de dez anos.

— Daqui residência Pangborn — disse a voz aflautada. — Todd Pangborn ao telefone.

— Olá — retorquiu Thad, vagamente consciente de que estava a segurar o auscultador do telefone com muita força, tentando, por isso, afrouxar os dedos. Estes estalaram mas não se moveram nem um milímetro. — Chamo-me Thad...

— Pangborn, quase acabou por dizer, “oh, meu Deus, isso seria ótimo, não há dúvida de que estás a conseguir controlar a situação, Thad. Faltaste à tua chamada, devias; ter sido um controlador de tráfego aéreo”. —... Beaumont rematou Thad, após a breve correção de meio curso. — O xerife está?

“Não, foi até Lodi, na Califórnia, para comprar cerveja e cigarros”.

Em vez disso, a voz do rapazinho afastou-se do bocal do telefone e chamou, num tom esganiçado:

— PAPÁ! TELEFONE!

O grito foi seguido por uma pancada pesada que fez doer o ouvido de Thad.

Um instante depois, Deus seja louvado, bem como Todos Seus Santos sagrados, a voz de Alan Pangborn disse:

— Está lá?

Ao som desta voz, a excitação nervosa de Thad desvaneceu-se.

— Daqui Thad Beaumont, xerife Pangborn. Há uma senhora em Nova Iorque que, neste preciso momento, pode estar a precisar desesperadamente de ajuda. Tem a ver com o assunto de que falamos na noite de sábado.

— Desembuche — disse Alan energicamente, apenas isso e o alívio, ah, meu Deus, o alívio. Thad sentiu-se como na fotografia a ser de novo focada.

— Miriam Cowley é o nome da mulher, a ex-mulher do meu agente. — Thad concluiu que, apenas um minuto mais, ele teria, sem dúvida alguma,

identificado Miriam Cowley. “o agente da minha ex-mulher”. — Ela telefonou-me, a chorar, extremamente perturbada. A princípio nem sequer a reconheci. Foi então que ouvi a voz de um homem no fundo. Ele mandou-a dizer-me quem ela era e o que se estava a passar. Miriam disse que estava um homem no apartamento dela e que estava a ameaçar magoá-la. – Thad engoliu em seco. — ...cortá-la. Nessa altura já tinha reconhecido a voz dela, mas o homem gritou, dizendo-lhe que se ela não se identificasse, ele lhe cortaria a porra da cabeça. Foram estas as suas palavras. “Faz o que te digo ou ainda te corto a porra da cabeça.” Depois, ela disse que era a Miriam e implorou-me... – Thad engoliu de novo em seco. Ouviu-se um estalido na garganta, tão nítido como a letra E emitida em código morse. — Ela implorou-me que não deixasse o homem mau fazer aquilo. Cortá-la de novo.

Em frente dele, Liz estava a ficar cada vez mais pálida. “Não a deixes desmaiar”, desejou ou suplicou Thad. “Por favor, não a deixes desmaiar agora.

— Acho que ele cortou o fio ou que o arrancou da parede.

Só que isso eram tudo tretas. Ele não achava nada. O fio fora cortado, sem dúvida alguma. Com navalha de barba. — Tentei telefonar-lhe de novo.

— Qual é a morada dela?

A voz de Pangborn estava ainda enérgica, ainda amável, ainda calma. Se não fosse pelo fio vivo de desordem que a voz deixava transparecer, ele podia perfeitamente estar apenas a dar um pouco à língua com um velho amigo. “Fiz bem em lhe ter telefonado”, pensou Thad. “Demos graças a Deus pelas pessoas que sabem aquilo que estão a fazer, ou, quando muito, que acreditam que sabem. Demos graças a Deus pelas pessoas que se comportam como personagens de romances populares. Se tivesse de lidar agora com uma personagem do Saul Bellow, penso que enlouqueceria.”

Thad fitou os números que se encontravam por debaixo do nome de Miriam na agenda de Liz.

— Querida, isto é um três ou um oito?

— Oito — respondeu ela numa voz distante.

— Ótimo. Senta-te na cadeira de novo. Poe a cabeça no colo.

— Senhor Beaumont? Thad?

— Perdão. A minha mulher está muito transtornada. Parece-me que vai desmaiar.

— Não me admira. Estão os dois transtornados. É uma situação transtornante. Mas estão a ir muito bem. Não perca as estribeiras, Thad.

— Sim. — Consternado, Thad apercebeu-se de que se Liz desmaiasse, ele teria de a deixar caída no chão para continuar em frente até Pangborn ter na mão as informações suficientes para avançar. "Por favor, não desmaies," pensou de novo, tornando a olhar para a agenda de telefones de Liz. — A morada é cento e nove West, Rua Oito, Quatro.

— Número de telefone?

— Já lhe tentei dizer o telefone dela não...

— Ainda assim preciso do número, Thad.

— Sim é claro que sim — Apesar de não ter a mais pequena idéia do motivo. — Peço desculpa. — Thad ditou

— Há quanto tempo é que recebeu a chamada?

"Há horas". pensou ele, e olhou para o relógio que se encontrava sobre a prateleira da lareira. O seu primeiro pensamento foi de que o relógio parara, de que tinha de ter parado.

— Thad?

— Estou aqui — retorquiu ele numa voz calma que parecia provir de uma outra pessoa qualquer. — Foi aproximadamente há seis minutos atrás. Foi nessa altura que a ligação se foi abaixo. Foi cortada.

— Muito bem, não se perdeu muito tempo. Se tivesse telefonado para o D.P.N.I., eles podiam muito bem tê-lo feito esperar três vezes esse espaço de tempo. Já lhe telefono de volta, Thad. O mais rapidamente que puder.

— Rick — disse ele. — Quando falar com a polícia, diga-lhe que o ex-marido dela pode ainda não saber de nada. Se o tipo tiver... o senhor sabe, feito alguma coisa à Miriam, Rick será o próximo da lista dele.

— Não tem dúvida alguma de que este é o mesmo tipo que matou Homer e Clawson, pois não?

— Dúvida absolutamente nenhuma. — E as palavras saíram cá para fora e atravessaram o fio antes mesmo de Thad ter sequer a certeza de que as queria pronunciar. – Penso que sei quem é.

Após uma brevíssima hesitação, Pangborn retorquiu:

— Muito bem. Não se afaste do telefone. Vou querer falar sobre isso consigo quando houver oportunidade. — Pangborn já desligara.

Thad olhou para Liz e reparou que ela se deixara afundar na cadeira, colocando-se de lado. Os seus olhos estavam arregalados e vidrados. Com rapidez, Thad levantou-se ao de leve e foi para junto dela. Endireitou-se e bateu-lhe na cara.

— De qual deles é? — perguntou ela, de voz entaramelada, proveniente do mundo cinzento da semi-inconsciência? — Stark ou Alexis Machine? Qual deles, Thad? E, após uma longa pausa, Thad respondeu:

— Penso que não há qualquer diferença.

Tinha a certeza de que eles iriam falar sobre tudo aquilo. Como é que o poderiam evitar? Mas não falaram. Durante um longo período, limitaram-se a estar sentados a olhar um para o outro por cima da asa das canecas, à espera que Alan telefonasse. E à medida que os minutos intermináveis se arrastavam, Thad começou a pensar que seria melhor não falarem — não enquanto Alan não ligasse de novo e lhes dissesse se Miriam estava viva ou morta.

"Suponhamos", pensou ele, vendo Liz a levar a caneca do chá à boca com ambas as mãos, e ele próprio a beberriar a sua, "suponhamos que, uma destas noites, estávamos aqui sentados, cada um com um livro nas mãos (para um estranho, daríamos a sensação que estávamos a ler, e poderíamos estar, um bocadinho, mas o que estaríamos verdadeiramente a fazer seria a saborear o silêncio como se de vinho particularmente bom se tratasse, tal como só os pais das crianças pequenas o sabem saborear, porque podem usufruir de tão pouco silêncio), e suponhamos ainda que enquanto estávamos a fazer isso, um meteorito colidia contra o telhado e aterrava, fumegante e reluzente, no chão da sala de estar. Será que algum de nós iria até à cozinha, encheria o balde de água, despejá-lo-ia por cima do meteorito antes de este pegar fogo ao tapete e, depois, retomaria a leitura, como se nada se tivesse passado? Não falaríamos sobre isso.

Teríamos de o fazer. Tal como temos de falar sobre isto."

Talvez começassem a falar depois de Alan ligar. Talvez até falassem através dele, com Liz a ouvir cuidadosamente à medida que Alan colocava as questões e Thad dava as respostas. Sim — talvez fosse assim que a sua conversa muito própria fosse começar.

Porque, de acordo com Thadeu, Alan era o catalisador. De uma certa forma, Thad tinha a sensação de que fora Alan quem começara toda esta coisa apesar de o xerife só ter respondido àquilo que Stark já fizera. Entretanto, eles sentaram-se e esperaram. Thad sentiu uma necessidade premente de tentar marcar de novo o número de Miriam, mas não se atreveu — Talvez Alan escolhesse precisamente aquele momento para ligar para eles, e verificaria que o número de telefone dos Beaumont estava impedido. Mais uma vez, Thad deu por si próprio a desejar, de um modo desnorteado, que eles tivessem uma segunda linha. "Bem", pensou ele, "és pobre e mal agradecido".

A razão e a racionalidade disseram-lhe que Stark não podia andar por aí, que não podia andar a calcorrear o mundo como uma espécie esquisita de cancro sob a forma humana, a matar pessoas. Como o simplório do campo na rua de Oliver Goldsmith, She Stoops to Conquer, tinha o hábito dizer, "era perfeitamente impossível, Diggory". No entanto, era ele. Thad sabia que era ele, e Liz também o sabia. Thad perguntou-se a si próprio se Alan também estaria ciente disso quando ele lhe contasse. Era de esperar e não; era de esperar que o tipo pura e simplesmente mandasse buscar aqueles simpáticos rapazes nas suas imanadas batas brancas. Porque George Stark não era real, e Alexis Machine também não o era, porque se tratava de ficção dentro de ficção. Nenhum dos dois alguma vez existiram, não mais do que George Eliot alguma vez existira; ou Twain, ou Lewis Carroll, ou Tucker Coe, ou Edgar Lox. Os pseudônimos não passavam de uma forma mais elevada da personagem fictícia.

Ainda assim, Thad tinha dificuldade em acreditar que Alan Pangborn não acreditasse, mesmo que, a princípio, o quisesse. O próprio Thad não quisera, mas, no entanto, dera por si de mãos e pés atados para pensar noutra saída. Era, desculpem a expressão, inexoravelmente plausível.

— Porque é que ele não telefona? — perguntou Liz inquieta.

— Amor, só passaram cinco minutos.

— Quase dez.

Thad resistiu a um desejo premente de lhe responder de forma abrupta — isto não era a ronda do bônus num concurso de televisão e Alan não ganharia pontos extra e prêmios valiosos por ligar para eles antes das nove da noite.

Stark não existia, continuava a insistir e a insistir parte do seu espírito. A voz era racional mas estranhamente potente, parecendo repetir esta ladainha não com base numa qualquer convicção real mas apenas maquinalmente, como um papagaio treinado para dizer "Lindo menino!" ou "Dá cá o louro!" Ainda assim, era verdade, não era? Seria suposto ele acreditar que Stark REGRESSARA DO TÚMULO, como um monstro num filme de terror? Isso seria um truque muito engraçado dado que o homem — ou não homem — nunca fora enterrado, sendo a sua placa apenas uma lápide em pasta de papel colocada sobre a superfície de um lote vazio de cemitério, tão fictício como tudo o que tinha a ver com ele...

“De qualquer modo, isso leva-me ao último ponto... ou aspecto... ou o que quer que se queira chamar. Quanto é que calça, senhor Beaumont?”

Thad tinha estado encolhido na cadeira, quase a passar pelas brasas, apesar de toda a situação. Neste momento, endireitou-se com tamanha rapidez que quase entornou o chá.

Pegadas. Pangborn dissera alguma coisa sobre... “Que pegadas são essas?”

“Não interessa. Nem sequer temos fotografias. Penso que temos sobre a mesa praticamente tudo aquilo que pertence a este caso...”

— Thad? Que é que se passa? — perguntou Liz.

Que pegadas? Onde? Em Castle Rock, está claro, ou Alan não saberia da sua existência. Será que tinham sido descobertas no Cemitério de Homeland, onde a fotógrafa neurastênica tirara a fotografia que ele e Liz tinham achado tão divertida?

— Não é um tipo muito simpático — murmurou ele.

— Thad?

Foi então que o telefone tocou, e ambos entornaram o chá. A mão de Thad mergulhou à procura do auscultador... Tendo estacado por um instante e permanecido suspensa no ar sobre o aparelho.

“E se for ele?”

“Ainda não acabei contigo, Thad. Não te queiras meter comigo porque quando se metem comigo, estão a meter-se com o melhor “

Thad obrigou a mão a descer, até próximo do telefone, e a trazê-lo para perto do ouvido.

— Está lá?

— Thad? — era a voz de Alan Pangborn. Subitamente, Thad sentiu-se muito lasso, como se o corpo se tivesse mantido unido por meio de pequenos arames duros que tinham acabado de ser retirados.

— Sim — respondeu. A palavra saiu sibilante, numa espécie de suspiro. Thad engoliu uma outra golfada de ar.

— Miriam está bem?

— Não sei — retorquiu Alan. — Dei ao D.P.N.I. a morada dela. Devemos estar a ter notícias muito em breve, embora o queira advertir que, esta noite, quinze minutos ou meia hora podem não parecer suficientemente breves para si e para a sua esposa.

— Não, não vão parecer.

— Ela está bem? — perguntou Liz. Thad tapou o bocal do telefone o tempo necessário para lhe dizer que Pangborn ainda não sabia. Liz acenou a cabeça e recostou-se para trás, ainda demasiado pálida, mas aparentando mais calma e controlo do que antes. Pelo menos agora as pessoas estavam a mexer-se, e deixara de ser apenas responsabilidades deles.

— Eles também arranjaram a morada de Mister Cowley através da companhia dos telefones...

— Ora! Eles não vão...

— Thad, eles não vão fazer nada enquanto não souberem o que aconteceu à exmulher deste senhor. Contei-lhes que estávamos a braços com uma situação em que um homem mentalmente desequilibrado podia andar atrás de uma

pessoa ou pessoas citadas no artigo da revista People, sobre o pseudônimo Stark, e expliquei-lhes a ligação que os Cowley tinham consigo. Espero que me tenha feito entender. Não percebo lá grande coisa sobre escritores e muito menos sobre agentes. Mas eles perceberam que não seria mesmo nada aconselhável se o ex-marido da senhora fosse a correr para lá antes de eles chegarem.

— Muito obrigado. Muito obrigado por tudo, Alan.

— Thad, o D.P.N.I. está demasiado ocupado com isto tudo para agora querer ou precisar de mais explicações, mas eles irão querê-las. E eu também. Como é que acha que pode ser este tipo?

— Não quero falar consigo ao telefone sobre isto. Eu até iria ter consigo, Alan, mas não quero deixar a minha mulher e os meus filhos neste preciso momento. Creio que consegue compreender. Terá de vir até cá.

— Não posso fazer isso — respondeu Alan pacientemente. — Tenho o meu próprio trabalho e...

— A sua mulher está doente, Alan?

— Esta noite ela parece estar bastante bem. Mas um dos meus delegados ficou doente e eu tenho de o substituir. É o procedimento habitual nas pequenas cidades. Estava a preparar-me para sair. O que estou a querer dizer é que esta é uma péssima altura para você pôr-se com rodeios. Thad. Diga-me.

Thad refletiu no que acabara de ouvir. Até então, sentira-se estranhamente confiante de que Pangborn iria na conversa quando a contasse. Mas talvez não ao telefone.

— Não pode dar um salto até cá amanhã?

— Claro que amanhã teremos de nos encontrar – disse Alan, com uma voz modulada e francamente insistente. – Mas preciso de ter na minha mão esta noite tudo aquilo que você sabe. O fato de os tipos em Nova Iorque irem querer uma explicação é secundário, pelo menos no que me diz respeito. Tenho o meu

próprio jardim para cuidar. Há imensas pessoas aqui na vila que querem ver o assassino de Homer Gamache imediatamente atrás das grades. Acontece que eu sou uma delas. Por isso, não me obrigue a perguntar-lhe de novo. Não é assim tão tarde quanto isso para telefonar para o procurador-geral do Município de Penobscot e pedir-lhe para o prender como testemunha de um homicídio no Município de Castle. Ele já sabe pela Polícia Estadual que você é um suspeito, com ou sem álibi.

— Faria isso? — perguntou Thad, perplexo e fascinado.

— Faria se você me obrigasse a tal, mas penso que não o fará.

Neste momento, a cabeça de Thad pareceu estar mais ordenada; na verdade, os seus pensamentos pareciam estar a ir para algum lado. Quer para Pangborn quer para o D.P.N.I. não lhes interessava realmente saber se o homem que eles procuravam era um psicopata que pensava ser o Stark, ou o próprio Stark... pois não? Thad estava convencido que não, tal como pensava que, quer fosse um ou outro, eles não conseguiriam apanhá-lo.

— Tenho a certeza absoluta que se trata de um psicopata, tal como disse a minha mulher — acabou por contar a Alan. Os olhos de Thad fitaram os de Liz, tentando enviar-he uma mensagem. E deve ter conseguido enviar-lhe alguma coisa porque Liz acenou ligeiramente a cabeça. – Faz bastante sentido, ainda que estranho. Lembra-se de me ter falado em pegadas?

— Sim.

— Foram encontradas em Homeland, não foram?

Do outro lado da sala, Liz arregalou os olhos.

— Como é que sabe? — Pela primeira vez, Alan soou desnorteado. — Eu não lhe contei isso.

— Já leu o artigo? Aquele na revista People?

— Sim.

— Foi aí que a mulher colocou a lápide falsa. Foi aí que George Stark foi enterrado.

Silêncio no outro lado da linha. De seguida.

— Oh, merda.

— Está a perceber?

— Penso que sim — respondeu Alan. — Se este tipo pensa que é Stark e se ele é louco, a idéia de começar pelo túmulo do Stark faz até algum sentido, não faz? Essa fotógrafa vive em Nova Iorque?

Thad começou.

— Sim.

— Então, talvez ela também esteja em perigo.

— Sim, eu... bem, nunca pensei nisso, mas suponho que sim.

— Nome? Morada?

— Não tenho a morada dela. — Thad recordava-se que ela lhe dera um cartão, provavelmente a pensar no livro em que tinha esperanças que ele colaborasse, mas deitara fora. "Merda." Tudo o que podia dar a Alan era o nome.

— Phyllis Myers.

— E o tipo que escreveu a história?

— Mike Donaldson.

— Também em Nova Iorque?

Subitamente, Thad deu-se conta de que não sabia responder a essa pergunta, pelo menos com toda a certeza, tendo, por isso, recuado um pouco.

— Bem, acho que limitei-me a supor que eles os dois eram de...

— É uma suposição bastante razoável. Se os escritórios da revista são em Nova Iorque, eles estarão por perto, não é?

— Talvez. Mas se um deles, ou mesmo ambos, trabalharem em regime de freelance...

— Voltemos a essa história da fotografia com pose O cemitério não era especificamente identificado, quer na fotografia quer no corpo da história, como sendo Homeland. Disso tenho a certeza. Creio que deveria ter reconhecido o cemitério devido ao pano de fundo da fotografia, mas concentrei-me apenas nos pormenores.

— Sim — replicou Thad. — Penso que não era.

— Dan Keeton, o primeiro membro do Conselho Municipal, deve ter insistido para que Homeland não fosse identificado: essa deve ter sido uma condição incontornável.

Ele é um tipo muito cuidadoso. Na verdade, bastante chato Estou a vê-lo a dar autorização para as fotografias serem feitas, mas julgo que deve ter impedido que se identificasse especificamente o cemitério, a pensar na hipótese de vandalismo... as pessoas à procura da lápide e tudo o mais.

Thad acenava a cabeça. Fazia sentido.

— Quer dizer, então, que o seu psicopata ou o conhece a si ou é oriundo

daqui — prosseguiu Alan.

Thad chegara a uma conclusão de que agora se sentia sinceramente envergonhado: de que o xerife de um pequeno município do Maine, onde existiam mais árvores do que pessoas, devia ser um imbecil. Este não era imbecil nenhum; ele estava, certamente, a passar a perna àquele romancista de renome mundial, Thaddeus Beaumont.

— É isso que temos de supor, pelo menos para já, dado que parece que ele teve acesso a informações exclusivas.

— Então, as pegadas de que falou estavam em Homeland?

— Claro que estavam — replicou Pangborn, praticamente ausente. — O que é que está a esconder, Thad?

— Que é que quer dizer com isso? — perguntou ele de forma cautelosa.

— Deixemo-nos de rodeios, está bem? Tenho de ligar para Nova Iorque com estes outros dois nomes, e você tem de pôr a sua cabecinha a funcionar para ver se existem mais alguns nomes. Editores... agentes... não sei. Enquanto isso, você diz-me que o tipo de quem andamos à procura pensa, na verdade, que é George Stark. Na noite de sábado, especulamos sobre isso, andamos lá às voltas, e hoje você diz-me que é um fato consumado. Então, para apoiar essa teoria, atira-me com as pegadas à cara. Das duas uma: ou você andou a fazer umas deduções mirabolantes com base nos fatos que conhecemos ou você sabe alguma coisa que eu não sei. Como é óbvio, inclino-me mais para a segunda alternativa. Portanto, desembuche.

Mas o que é que ele tinha? Estados de transe e lapsos de memória que eram anunciados por milhares de pardais a chilrear em uníssono? Palavras que podia ter escrito sobre uma folha manuscrita depois de Alan Pangborn lhe ter dito que aquelas mesmas palavras se encontravam escritas na parede da sala de estar do apartamento de Frederick Clawson? Mais palavras escritas numa folha de papel que fora rasgada em mil pedaços e, de seguida, deitada para o incinerador do edifício de Inglês-Matemática?

Sonhos nos quais um terrível homem nunca visto o conduzia pela sua casa em Castle Rock e tudo aquilo em que tocava, incluindo a própria mulher, se autodestruía? “Creio que poderia dizer que acredito num fato conhecido do coração e não numa intuição da mente”, pensou ele, “mas não tenho ainda qualquer prova, pois não? As impressões digitais e a saliva sugerem que se está a passar algo de muito estranho — claro! — , mas tão estranho assim?”

Thad não acreditava que assim fosse.

— O Alan rir-se-ia — disse ele lentamente. — Não; retiro o que disse porque agora já o conheço melhor do que isso. O Alan não se riria, mas, ainda assim, tenho as minhas sérias dúvidas de que acreditasse em mim. Pensei nisto vezes sem conta mas cheguei sempre à mesma conclusão: com efeito, penso que não acreditaria em mim.

A voz de Alan replicou de imediato, urgente, imperativa, difícil de resistir.

— Ponha-me à prova.

Thad hesitou, olhou para Liz e, de seguida, abanou a cabeça:

— Amanhã. Quando pudermos olhar um para o outro, olhos nos olhos. Nessa altura dir-lhe-ei. Esta noite, terá de acreditar na minha palavra de que isso não interessa, de que aquilo que lhe contei é tudo aquilo com algum valor prático que lhe posso contar.

— Thad, aquilo que lhe disse sobre mandá-lo prender como testemunha material...

— Se é o que tem a fazer, faça-o. Não ficarei minimamente ressentido. Mas, independentemente daquilo que decidir, não irei mais longe do que já fui até agora.

Silêncio do lado de Pangborn, seguido por um suspiro

— Está bem.

— Gostaria de lhe dar uma descrição em traços largos do homem procurado pela Polícia. Não estou absolutamente certo de que esteja bem, mas penso que está próxima.

De qualquer modo, suficientemente próxima para a transmitir aos polícias em Nova Iorque. Tem um lápis?

— Sim. Diga lá.

Thad fechou os olhos que Deus lhe cravara no rosto e abriu aquele que Deus lhe cravara na mente, o olho que persistia em ver até mesmo as coisas para as quais ele não queria olhar. Quando as pessoas que liam os seus livros o conheciam pela primeira vez, ficavam invariavelmente desapontadas. Tentavam esconder-lhe isso mas não conseguiam Thad não lhes guardava nenhum rancor, porque compreendia a forma como elas se sentiam... pelo menos um bocadinho. Se gostavam do seu trabalho (e algumas chegavam até a confessar que o adoravam), faziam dele uma imagem de antemão, ou seja, o tipo que era o primo direito de Deus. Em vez de um Deus, deparava-se-lhes um tipo que tinha apenas um metro e oitenta, usava óculos, estava a começar a perder cabelo, e tinha o hábito de tropeçar nas coisas. Deparava-se-lhes um homem cujo couro cabeludo era bastante escamoso e cujo nariz tinha dois buracos, tal como os deles.

Aquilo que elas não conseguiam ver era aquele terceiro olho no interior da sua cabeça. Aquele olho, a brilhar na sua metade sombria, o lado que estava constantemente na sombra... isso era como Deus e Thad ficava feliz por não o conseguirem ver. Se pudessem, Thad acreditava que muitos deles o tentariam roubar. Sim, mesmo que isso significasse arrancar o olho da própria carne com uma faca romba.

Ao olhar para a escuridão, Thad convocou a sua imagem secreta de George Stark: o verdadeiro George Stark, que não se parecia nada com o modelo que posara para a foto no livro. Thad procurou o homem-sombra que crescera silenciosamente ao longo dos anos junto dele, encontrou-o e começou a mostrá-lo a Alan Pangborn.

— É bastante alto — começou ele. — De qualquer forma, mais alto do que eu. Um metro e noventa, talvez um metro e noventa e cinco com um par de botas nos pés. Tem cabelo louro, muito curto e aparado. Olhos azuis. A visão ao longe é excelente. Há cerca de cinco anos atrás, começou a usar óculos de ver ao perto. Sobretudo, para ler e escrever.

“A razão pela qual as pessoas reparam nele não é pela sua altura mas pela sua largura. Não é gordo mas é extremamente largo. O número do colarinho talvez seja um quarenta e cinco, ou até um quarenta e cinco e meio. Tem a minha idade, Alan, mas não está a envelhecer como eu estou a começar ou sequer a engordar. É forte. Como o Schwarzenegger, agora que começou a diminuir um pouquinho de tamanho. Trabalha com pesos. Apesar de conseguir fazer um bíceps suficientemente duro para abrir a costura da manga da camisa, não é um homem musculado.

“Nasceu em New Hampshire, mas após o divórcio dos pais mudou-se com a mãe para Oxford, no Mississipi, onde foi criado. Aí viveu a maior parte da sua vida. Quando era mais novo, tinha uma pronúncia tão cerrada que parecia ter vindo do meio do mato. Na escola, muitos miúdos faziam pouco dessa pronúncia (no entanto, não à sua frente porque não se faz pouco de um tipo como este diante dele) e ele esforçou-se muito para se livrar dela. Agora, creio que a única altura em que é possível ouvir essa pronúncia na voz é quando ele fica muito zangado, e acho que as pessoas que o irritam dessa maneira não ficam, mais tarde, disponíveis para darem o seu testemunho. Tem pouca paciência. É violento. E perigoso. De fato, ele é um psicopata praticante.”

— O que é... — começou Pangborn, tendo sido imediatamente ultrapassado por Thad.

— Está bastante queimado do sol e, como os homens louros geralmente não se queimam assim tanto, este talvez possa ser um bom ponto de identificação. Pés grandes, mãos grandes, pescoço largo, ombros largos. O rosto assemelha-se ao de uma pessoa talentosa mas esculpida à pressa a partir de uma rocha dura. “Última coisa: talvez esteja a guiar um Toronado preto. Não sei de que ano. De qualquer forma, é um dos antigos com muita potência. Preto. É possível que a matrícula seja do Mississipi, mas também é provável que a tenha trocado. — Thad fez uma pausa, acrescentando de seguida: — Oh, e tem um autocolante no pára-choques traseiro. Diz “FILHO DA MÃE PRETENSIOSO”.

Thad abriu os olhos. Liz estava a olhar para ele, com o rosto mais pálido do que nunca. Seguiu-se uma longa pausa do outro lado da linha.

— Alan? Está...

— Só um segundo. Estou a escrever. — Seguiu-se uma outra pausa, desta vez mais curta. — Tudo bem — disse ele por fim. — Apanhei tudo. O Thad pode contar-me tudo isto mas não quem o tipo é ou a relação que mantém com ele ou como o conhece?

— Não sei, mas vou tentar. Amanhã. De qualquer modo, saber o nome dele esta noite não irá ajudar em nada porque ele está a usar um outro nome.

— George Stark.

— Bem, ele é suficientemente doido para se chamar a si próprio Alexis Machine, embora tenha cá as minhas dúvidas. Sim, penso que Stark é o nome. — Thad fez tenção de piscar um olho a Liz. Apesar de não acreditar verdadeiramente que o estado de espírito pudesse ser aligeirado com a piscadela de olhos ou com outra coisa qualquer, ainda tentou. Contudo, só conseguiu piscar os dois olhos ao mesmo tempo, como um mocho sonolento.

— Não existe forma alguma de o persuadir a continuar a conversa esta noite, pois não?

— Não, não existe. Peço desculpa mas não existe.

— Tudo bem. Ligar-lhe-ei assim que puder. — E desligou o telefone, sem mais nem menos, sem um "obrigado" ou um "adeus". Ao refletir sobre isso, Thad concluiu que ele não dava verdadeira importância a um obrigado.

Thad pousou o telefone e foi ter com a mulher, que continuava sentada a olhar para ele como se tivesse sido transformada numa estátua. Segurou-lhe nas mãos — estavam muito frias — e disse:

— Vai ficar tudo bem, Liz. Juro-te que vai ficar tudo bem.

— Quando falares com ele amanhã, vais contar-lhe tudo sobre os estados de transe?

Sobre o som dos pássaros? Como ouvias esse som quando eras miúdo e o que nessa altura significava? As coisas que escreveste?

— Vou contar-lhe tudo — replicou Thad. — Aquilo que ele decidir contar às autoridades... — Encolheu os ombros. – Isso é lá com ele.

— Ainda assim — afirmou ela, num fio de voz exaurido. Os olhos de Liz continuavam fixos nos dele, parecendo não ter forças para o deixar. — Sabes tanto sobre ele. Thad... como?

Thad só conseguia ficar ali ajoelhado, diante dela, a segurar-lhe nas mãos frias.

Como é que ele podia saber tanto? As pessoas estavam sempre a fazer-lhe essa pergunta. Utilizavam palavras diferentes para exprimirem o mesmo: como é que inventaste isto? Como é que puseste isto em palavras? Como é que te lembraste disto?

Como é que viste isto? — mas ia sempre tudo dar ao mesmo: como é que sabes isto? Ele não sabia como é que sabia. Sabia apenas.

— Ainda assim — repetiu ela, falando no tom de voz de alguém que está a dormir e que se encontra à beira de um sonho angustiante. De seguida, ambos ficaram silenciosos.

Continuou à espera que os gêmeos pressentissem a perturbação dos pais, acordassem e começassem a chorar; no entanto, o tique-taque constante do relógio permaneceu o único som audível. Thad tentou arranjar uma posição mais confortável no chão, ao pé da cadeira de Liz, continuando a segurar-lhe nas mãos, com a esperança de as conseguir aquecer. Quando, quinze minutos mais tarde, o telefone tocou, elas ainda continuavam frias.

Alan Pangborn foi categórico e afirmativo: Rick Cowley estava são e salvo no seu apartamento e sob proteção da Polícia. Em breve, iria pôr-se a caminho da ex-mulher, que, a partir de agora, seria a sua ex-mulher para sempre; a reconciliação de que ambos falavam de tempos a tempos, e com considerável desejo, nunca iria acontecer. Miriam morrera. Rick iria fazer a identificação formal do corpo na morgue de Manhattam na Primeira Avenida. Thad não devia esperar uma chamada de Rick esta noite nem sequer tentar ele próprio fazer uma; a ligação de Thad ao assassinato de Miriam Cowley fora escondida dos "desenvolvimentos pendentes" de que Rick fora informado. Phyllys Myers fora localizada, encontrando-se também sob proteção da Polícia. Michael Donaldson estava a ser um osso mais duro de roer, mas a Polícia esperava localizá-lo e tê-lo sob proteção até à meia-noite.

— Como é que a mataram? — perguntou Thad, sabendo perfeitamente qual seria a resposta. No entanto, por vezes, era necessário perguntar. Só Deus sabia porquê.

— A garganta foi cortada — respondeu Alan, com um tom que Thad suspeitava ser de brutalidade intencional. Um instante mais tarde, prosseguiu? — Tem ainda a certeza de que não há nada que me queira contar?

— De manhã. Quando pudermos olhar um para o outro.

— Muito bem. Não pensei que houvesse mal algum em perguntar.

— E não há. Mal nenhum.

— A Polícia de Nova Iorque tem um mandado de busca lançado sobre um homem com o nome de George Stark com a descrição que deu.

— Ótimo. — E Thad supôs que assim fosse, apesar de saber que isso era provavelmente inútil. Era praticamente mais do que certo que não o encontrariam se ele não quisesse ser encontrado e, se alguém o fizesse, Thad pensou que essa pessoa se iria arrepender.

— Nove horas — disse Pangborn. — Faça por estar em casa, Thad.

— Pode contar com isso.

Liz tomou um calmante e, por fim, adormeceu. Thad passou pelas brasas, adormecendo e acordando várias vezes, tendo-se levantado às três e um quarto para ir à casa de banho. Enquanto ali estava de pé, a urinar para a retrete, pensou ouvir os pardais. Ficou tenso, de ouvido à escuta, tendo o seu fio de água secado de imediato. O som não aumentou nem diminuiu e, alguns segundos depois, Thad deu-se conta de que eram apenas grilos.

Olhou para fora da janela e viu um carro-patrulha da polícia estadual parado do outro lado da estrada, escuro e silencioso. Talvez até pudesse ter pensado que estava vazio se não tivesse vislumbrado a intermitente cintilação da ponta de um cigarro. Parecia que ele, Liz e os gêmeos estavam também sob proteção policial.

"Ou guarda policial", pensou ele, voltando para a cama.

O que quer que fosse, parecia garantir uma certa paz de espírito. Thad adormeceu e acordou às oito, não se lembrando de ter tido algum pesadelo. Mas, como é evidente, o verdadeiro pesadelo estava ainda por aí. Algures.

QUATORZE - RECHEIO DOS TOLOS

O tipo com o estúpido bigodezinho afilado era muito mais rápido do que Stark pensava.

Stark estivera à espera de Michael Donaldson no corredor do nono andar do edifício onde ele vivia, mais exatamente no canto que se seguia à porta do apartamento de Donaldson. Teria sido tudo muito mais fácil se Stark tivesse conseguido entrar no apartamento, como fizera com a cabra, mas um único relance foi o suficiente para o convencer de que estas fechaduras, ao contrário das delas, não tinham sido montadas pelo "Zé da Esquina". Ainda assim, tudo deveria correr pelo melhor. Era tarde, e todos os coelhos da coelheira já deviam estar ferrados a dormir e a sonhar com trevo. O próprio Donaldson deveria estar lento e embriagado. Quando se chega a casa à uma e um quarto da manhã, não se vem propriamente da biblioteca pública.

Donaldson parecia estar realmente um pouco embriagado, embora não estivesse de modo algum lento.

Quando Stark dobrou a esquina e golpeou Donaldson com a navalha enquanto este brincava com o porta-chaves, era sua esperança cegar o homem de forma rápida e eficaz. Nesse momento, antes que Donaldson pudesse sequer fazer menção de soltar um grito, Stark abrir-lhe-ia a garganta, cortando-lhe a canalização ao mesmo tempo que rasgava as cordas vocais.

Stark não tentou mover-se sem fazer qualquer barulho. Ele queria que Donaldson o escutasse, queria que Donaldson virasse o rosto na sua direção. Tornaria tudo muito mais fácil.

Donaldson fez aquilo que era suposto começar por fazer: com a navalha, Stark, descrevendo um arco curto e firme, golpeou-lhe o rosto. Contudo, Donaldson conseguiu desviar-se um pouco: não muito mas demasiado para o propósito de Stark. Em vez de apanhar os olhos, a navalha abriu a testa até ao osso. Uma aba de pele descaiu enroscada sobre as sobrancelhas de Donaldson, como uma tira solta de papel de parede.

— SOCORRO! — baliu Donaldson numa voz estrangulada e semelhante à de um cordeiro, e lá se foi a discrição. Merda.

Stark deu um passo em frente, segurando a navalha diante dos seus olhos com a lâmina ligeiramente virada para cima, como um matador a saudar o touro antes da primeira corrida. Muito bem; nem sempre tudo corria de acordo com a nossa vontade.

Não cegara o bufo, mas jorrava sangue em profusão do corte na testa sob a forma de grossas gotículas, e o pouco que Donaldson conseguia ver era filtrado por uma névoa vermelha pegajosa.

Stark tentou golpear a garganta de Donaldson mas, com uma rapidez espantosa, o filho da mãe puxou a cabeça para trás quase tão depressa como uma cascavel a recuar de um ataque, e Stark deu por si a admirar um pouco o homem, com ou sem o ridículo bigode afilado.

A navalha cortou o ar apenas a dois dedos de distância da garganta do homem, tendo este gritado por socorro mais uma vez. Os coelhos, que nunca dormiam profundamente nesta cidade, nesta velha Big Apple carunchosa, iriam acordar. Stark inverteu a direção, recuando de novo a navalha, ao mesmo tempo que se punha em bicos de pés e lançava o corpo para a frente. Foi um gracioso movimento de ballet, que deveria ter posto um fim a tudo isto. No entanto, de alguma forma, Donaldson conseguiu erguer uma mão em frente da garganta; em vez de o matar, Stark limitou-se a infligir uma série de feridas compridas e superficiais, a que os patologistas da Polícia chamariam cortes de defesa.

Donaldson ergueu a mão com a palma virada para fora, tendo a navalha passado por entre a base de todos os quatro dedos. Como usava um anel bastante pesado no terceiro, esse dedo ficou incólume. Ouviu-se um breve som agudo e metálico — brinnk! — quando a lâmina passou através do anel, deixando uma minúscula cicatriz na liga de ouro.

A navalha cortou bem fundo os outros três dedos, deslizando sem esforço algum na carne, como uma faca quente desliza na manteiga. Com os tendões cortados, os dedos caíram bruscamente para a frente como fantoches adormecidos, deixando apenas bem direito o dedo com o anel como se, na sua confusão e horror, Donaldson tivesse esquecido qual o dedo que se usa quando se

pretende mandar alguém ir dar uma volta.

Desta vez, quando Donaldson abriu a boca, chegou mesmo a uivar. Foi então que Stark concluiu que não valia a pena pensar sequer em sair desta história sem ser visto ou ouvido. Dado que não era sua intenção dar a Donaldson o tempo suficiente para fazer quaisquer chamadas telefônicas, Stark acalentara a esperança de poder sair desta história sem ser notado, mas, infelizmente, tal não iria acontecer. Contudo, do mesmo modo, também não era sua intenção deixar Donaldson vivo. Uma vez iniciado o trabalho sujo, este não podia ser deixado a meio: ou era levado até ao fim ou a pessoa é que acabava por ir até ao fim.

Stark abriu caminho. Nesta altura, depois de se terem deslocado ao longo do corredor, já se encontravam praticamente à porta do apartamento seguinte.

Despreocupado, Stark sacudiu a navalha para o lado para limpar a lâmina. Um leve jato de gotas salpicou a parede cor de creme.

Mais ao fundo do corredor, uma porta abriu-se e um homem com a parte de cima de um pijama azul e o cabelo em rolos enfiou a cabeça e os ombros para fora da porta.

— Que é que se está a passar? — gritou ele numa voz mal-humorada que anunciava que lhe era indiferente se o papa ali estivesse mas que a festa tinha acabado.

— Assassinato — retorquiu Stark informalmente e, apenas por um instante, os seus olhos deslocaram-se do homem sangrento e vociferante diante de si para o homem na soleira da porta. Mais tarde, este homem diria à Polícia que os olhos do intruso eram azuis. De um azul-claro. E totalmente dementes. — Quer experimentar?

A porta fechou-se com tamanha rapidez que foi como se nunca tivesse sido sequer aberta.

Por muito em pânico que estivesse e por muito ferido que indiscutivelmente estava, Donaldson viu surgir uma oportunidade quando o olhar

de Stark se deslocou, embora a diversão tivesse sido apenas momentânea. Ele aproveitou-a. O filho da mãe foi mesmo rápido. A admiração de Stark cresceu. A rapidez e o sentido de autopreservação do papalvo eram praticamente suficientes para contrabalançar o maldito incômodo que estava a criar.

Se tivesse saltado para a frente, atacado Stark com firmeza, talvez pudesse ter passado da fase do incômodo para uma outra próxima de um verdadeiro problema. Em vez disso, Donaldson virou-se e começou a correr. Perfeitamente compreensível, mas um erro.

Com os sapatos grandes a sussurrarem no tapete, Stark correu atrás dele e deu uma facada na parte de trás do pescoço do homem, convencido de que isto iria, por fim, dar tudo por terminado.

Contudo, no segundo mesmo antes de a navalha golpear o alvo pretendido, Donaldson atirou simultaneamente a cabeça para a frente e, de certa forma, meteu-a para dentro, como uma tartaruga a esconder-se na carapaça. Stark começou a acreditar que Donaldson era telepático. Desta vez, aquilo que deveria ter sido o golpe de misericórdia limitou-se a dividir o couro cabeludo acima da protuberância protetora do osso na parte de tr s do pescoço. Apesar de sangrento, estava longe de ser fatal.

Isto era irritante, exasperante... e estava praticamente a resvalar para o campo do ridículo.

Donaldson cambaleou ao longo do corredor, andando aos bordos de um lado para o outro, chegando por vezes mesmo a bater com a cabeça nas paredes como uma pinball a bater num daqueles postes que se iluminam e onde o jogador faz cem mil pontos ou ganha um jogo grátis ou a porra de uma outra coisa qualquer. À medida que cambaleava pelo corredor, Donaldson gritava. À medida que cambaleava pelo corredor, Donaldson ia derramando sangue sobre a passadeira. À medida que cambaleava pelo corredor, Donaldson ia deixando a ocasional marca sangrenta da mão que marcava a sua progressão. Mas ainda não estava a morrer. Apesar de mais nenhuma outra porta se ter aberto, Stark sabia que precisamente neste momento em, pelo menos, meia dúzia de apartamentos, meia dúzia de dedos estavam a ligar para o 115 (ou até já tinham ligado) em meia dúzia de telefones. Donaldson cambaleou e caminhou aos tropeções em direção aos elevadores.

Sem estar zangado ou assustado, mas apenas terrivelmente exasperado, Stark caminhou a passos largos atrás dele. Subitamente, ribombou:

— Porque é que não paras com isso e TE COMPORTAS!

Nesta altura o grito de socorro de Donaldson transformou-se num guincho de choque. Tentou olhar à sua volta. Os pés enredaram-se um no outro e Donaldson deu por si estatelado no chão a três metros de distância de onde o corredor abria para dar lugar ao pequeno átrio do elevador. Stark chegara à conclusão que, até mesmo o mais ágil dos indivíduos acabava por ver esgotado todos os pensamentos felizes se o retalhassem bastante.

Donaldson ficou de joelhos. Agora que os pés o haviam traído, ele tinha, aparentemente, a intenção de se arrastar até ao átrio do elevador. Com o seu não rosto sangrento, olhou em volta para ver onde estava o atacante, tendo Stark pontapeado a cana do nariz ensopada em sangue. Stark calçava uns mocassins castanhos e pontapeou a maldita protuberância com toda a força que tinha. Com as mãos de lado, deu um ligeiro impulso para trás para manter o equilíbrio, ergueu o pé esquerdo e, de seguida, levantou-o o mais possível em arco até à altura da testa. Qualquer pessoa que já tivesse visto um jogo de futebol ter-se-ia, certamente, lembrado de um pontapé muito bom e muito forte.

A cabeça de Donaldson voou para trás, esmagando-se contra a parede com força suficiente para, nesse ponto, formar uma depressão em forma de taça no gesso, e fez ricochete.

— Finalmente desliguei-te as pilhas, não foi? — murmurou Stark, ouvindo uma porta abrir-se por detrás de si. Virou-se e viu uma mulher de cabelo preto desgrenhado e uns enormes olhos escuros a olharem para fora da porta de um apartamento praticamente ao fim do corredor. — VOLTA PARA DENTRO, SUA CABRA! — gritou ele. A porta fechou-se violentamente como se estivesse segura por uma mola.

Stark dobrou-se, agarrou no cabelo ordinário e horrível de Donaldson, virou a cabeça para trás e cortou-lhe a garganta. Acreditava que Donaldson já estava provavelmente morto até mesmo antes de a cabeça ter batido contra a parede, e com quase toda a certeza depois, mas, ainda assim, era melhor assegurar-se. E, além disso, quando se começava a cortar, acabava-se de cortar.

Lentamente, Stark deu um passo para trás, mas Donaldson não esguichou como a mulher fizera. O seu coração já o tinha abandonado ou estava a dar as últimas. Stark caminhou rapidamente em direção aos elevadores, tendo dobrado a navalha e enfiando-a de novo no bolso. Um elevador a subir parou lentamente no patamar.

Podia ser um inquilino; na cidade grande, chegar à uma da manhã a casa não era uma hora verdadeiramente tardia, mesmo para uma noite de segunda-feira. Ainda assim.

Stark deslocou-se rapidamente para perto da planta dentro de um grande vaso que ocupava o canto do átrio do elevador, juntamente com um quadro abstrato totalmente sem valor. Stark escondeu-se por detrás da planta. Todo o seu radar estava a sibilar alto.

Podia ser alguém que estivesse a voltar de um ataque pós-fim-de-semana de febre de discotecas ou o resultado bíbulo de um jantar de negócios, embora ele não acreditasse que fosse qualquer um destes casos. Stark acreditava que seria a Polícia. Na verdade, ele sabia que seria a Polícia.

— Um carro-patrulha que, por mero acaso, se encontrava na vizinhança do edifício quando um dos habitantes desta ala telefonou a informar que estava a ser cometido um assassinato no corredor? Era possível, mas Stark tinha as suas dúvidas. Parecia mais provável que Beaumont tivesse levantado a lebre, que a maninha tivesse sido descoberta, e esta fosse a proteção policial de Donaldson a chegar. Mais vale tarde do que nunca.

Com as costas contra a parede, Stark deslizou lentamente ao longo da mesma, com o blusão que ele vestia manchado de sangue a roçagar e a produzir um som rouco, semelhante a um murmúrio. Não se tratou propriamente de se esconder, ele submergiu como um submarino até à profundidade do periscópio, e o esconderijo proporcionado pelo vaso da planta era, na melhor das hipóteses, diminuto. Se olhassem à sua volta iriam vê-lo. No entanto, Stark apostava que toda a atenção dos dois seria atraída para a prova ali estendida, a meio do corredor. Pelo menos durante alguns instantes — e isso seria o suficiente.

As folhas largas e entrecortadas de veios da planta estamparam sombras em forma de dentes de serra sobre o seu rosto. Como um tigre de olho azul, Stark pôs-se à coca por entre elas.

As portas do elevador abriram-se. Ouviu-se uma exclamação abafada, santa qualquer coisa ou outra, e dois polícias em uniforme precipitaram-se para a frente. Foram seguidos por um tipo negro num par de jeans largos em cima e apertados em baixo e uns velhos e grandes tênis típicos de preto com fecho em velcro. O tipo negro vestia ainda uma t-shirt de mangas cortadas, tendo impresso na parte da frente a inscrição PROPRIEDADE DOS N. Y. YANKEES. Usava ainda um par de óculos de sol à chulo atados à volta da cabeça, e se ele não era um detetive, Stark era São Francisco de Assis.

Quando andavam à paisana, iam sempre longe de mais... e, de seguida, agiam como se estivessem conscientes disso. Era como se soubessem que estavam a exagerar, mas, pura e simplesmente, não conseguissem evitar. Então, esta era — ou, de qualquer forma, tivera o propósito de ser – a proteção de Donaldson. Não haveria nenhum detetive num carro-patrulha de passagem. Isso seria apenas um pouco demasiado fortuito. Este tipo viera acompanhar os guardas que iriam ficar à porta para, primeiro, interrogar Donaldson e, depois, fazer de baby-sitter.

“Desculpem lá, amigos”, pensou Stark. “Penso que os dias de conversa deste querido estão acabados.”

Stark impeliu os pés e contornou o vaso da planta. Nem uma única folha se mexeu.

Os seus sapatos não produziram som algum no tapete. Stark passou a menos de um metro por detrás do detetive, que se encontrava debruçado, a tirar uma 32 de um coldre na canela da perna. Se estivesse para isso, Stark podia ter-lhe dado um bom pontapé no rabo. No último segundo antes de a porta começar a deslizar e fechar-se, Stark enfiou-se no cubículo do elevador aberto. Pelo canto do olho, um dos polícias de uniforme vislumbrou um ligeiro movimento — talvez a porta, talvez o próprio Stark, mas isso não interessava realmente — e levantou a cabeça inclinada sobre o corpo de Donaldson. Stark levantou uma mão e, de modo solene, mexeu os dedos. Adeusinho. De seguida, a porta tapou-lhe a visão da cena do corredor.

O vestíbulo do rés-do-chão estava vazio, com exceção do porteiro, deitado moribundo por debaixo da secretária. Stark saiu para a rua, entrou num carro roubado e conduziu-o para longe dali.

Phyllis Myers vivia num dos novos edifícios de apartamentos da zona ocidental de Manhattam. A sua proteção policial (acompanhada por um detetive que vestia calças de fato de treino Nike, uma sweat-shirt dos New York Islanders com as mangas cortadas, um par de óculos de sol à chulo atados à volta da cabeça) chegara às dez e meia da noite de 8 de Junho para a encontrar pior que uma barata por causa de um encontro desmarcado. Ao princípio, estava mal-humorada, mas, quando ouviu que alguém que pensava ser George Stark talvez pudesse estar interessado em assassiná-la, animou-se consideravelmente. Phyllis respondeu às perguntas do detetive sobre a entrevista a Thad Beaumont — à qual ela se referia como a reportagem a Thad Beaumont — enquanto colocava rolos novos em três Máquinas e brincava com cerca de duas dúzias de lentes.

Quando o detetive lhe perguntou o que é que ela estava a fazer, ela piscou-lhe o olho e respondeu-lhe:

— Acredito no lema dos escuteiros. Quem sabe; talvez alguma coisa possa realmente acontecer.

Após o interrogatório, à porta do seu apartamento, um dos polícias de uniforme perguntou ao detetive:

— Ela está a falar a sério?

— Claro — replicou o detetive. — O único problema é que ela não acredita que mais nada seja a sério. Para ela, o mundo inteiro não passa de uma fotografia à espera de ser tirada. O que tens ali dentro é uma cabra tonta que realmente acredita que estar sempre do lado correto das lentes.

Agora, às três e meia da manhã do dia 7 de Junho, o detetive há muito que se fora embora. Cerca de duas horas antes, os dois homens destinados a

protegerem Phyllis Myers tinham recebido a notícia do assassinato de Donaldson pelos rádios da Polícia presos aos cintos. Foram aconselhados a serem extremamente cuidadosos e a estar extremamente alertas, já que o psicopata com o qual estavam a lidar demonstrara estar sedento de sangue e ser extremamente ágil de espírito.

— Cauteloso é o meu apelido — retorquiu o polícia n° 1.

— Isso é uma coincidência — disse o polícia n° 2.

— O meu é Extremamente.

Há mais de um ano que eram parceiros e davam-se bastante bem. De seguida, trocaram entre si um sorriso. E porque não? Eram dois membros armados e uniformizados da Polícia da velha Big Apple carunchosa, de pé num corredor bem iluminado e com ar condicionado, no vigésimo sexto andar de um edifício de apartamentos novinho em folha — ou talvez fosse um condomínio, quem é que saberia, pois quando os agentes Cauteloso e Extremamente eram rapazes, um condomínio era uma coisa que um tipo com um defeito na fala usava na ponta do coiso — e ninguém iria surpreendê-los vindo do nada ou saltar do telhado sobre eles ou abatê-los com uma Uzi mágica que nunca encravava ou ficava sem munições. Isto era a vida real. E não a Balada de Hill Street nem um filme do Rambo. E, esta noite, a vida real consistia num deverzinho especial, muito mais agradável do que andar por aí a percorrer as ruas no carro-patrulha, a pôr fim a lutas nos bares até os bares fecharem, e depois a pôr fim a outras lutas, até ao Sol raiar, em nojentos apartamentos sem elevadores onde maridos e mulheres bêbedos tinham concordado em entrar em desacordo. A vida real deveria consistir em ser-se sempre Cauteloso e Extremamente em corredores com ar condicionado, nas noites quentes da cidade. Ou, pelo menos, era nisso que eles acreditavam piamente.

Tendo ido até tão longe nos seus pensamentos, a porta do elevador abriu-se e o homem cego e ferido saiu da caixa do elevador e, a cambalear, entrou no corredor.

Era alto e de ombros extremamente largos. Aparentava ter cerca de quarenta anos.

Vestia um blusão rasgado e calças que não diziam com o casaco mas que, pelo menos, o completavam. Isto é, mais ou menos. O primeiro polícia, Cauteloso, teve tempo para pensar que a pessoa com visão que escolhera as roupas do cego deveria ter um gosto bastante bom. O cego usava ainda uns grandes óculos escuros que estavam colocados de lado sobre o nariz porque um dos aros fora partido. Por muitos tratos que se dessem à imaginação, não se tratavam de óculos-de-sol à chulo atados à volta da cabeça.

Pareciam-se, isso sim, com os óculos de sol usados por Claude Rains no filme O Homem Invisível.

O cego tinha as duas mãos esticadas diante de si. A esquerda estava vazia e acenava continuamente sem qualquer propósito. Na direita, o homem segurava uma suja bengala branca com um punho de borracha de guiador de bicicleta na ponta. Ambas as mãos estavam cobertas de sangue seco. Podia também ver-se manchas acastanhadas de sangue a coagular no blusão e na camisa do cego. Se os dois polícias incumbidos de protegerem Phyllis Myers tivessem, na verdade, sido Extremamente Cautelosos, tudo aquilo lhes teria parecido peculiar. O cego estava a gritar por causa de alguma coisa que, aparentemente, tinha acabado de acontecer e, pelo seu aspecto, alguma coisa tinhalhe de certeza acontecido e também não tinha sido uma coisa muito agradável, embora o sangue na pele e nas roupas já se tivesse tornado acastanhado. Isto sugeria que o sangue teria sido derramado há já algum tempo, um fato que talvez pudesse ter alertado agentes profundamente crentes no conceito de Extrema Cautela por ser um pouco invulgar.

Talvez até pudesse ter içado uma bandeira vermelha nos espíritos de tais agentes. Ainda assim, provavelmente não. As coisas aconteceram rápidas de mais, e sempre que as coisas acontecem com rapidez suficiente, deixa de ter importância se se é extremamente cauteloso ou extremamente imprudente: uma pessoa tem apenas de ir com a maré.

Num momento, os dois polícias encontravam-se à porta da mulher Myers, felizes como dois miúdos num dia em que a escola é fechada porque a caldeira explodira e, no momento seguinte, este cego sangrento estava sobre os seus rostos, a brandir a suja bengala branca. Não houve tempo algum para pensar, quanto mais para deduzir.

— Po-lííícia! — estava a gritar o homem cego antes mesmo de as portas do elevador estarem totalmente abertas. – O porteiro diz que os polícias estão no vinte e seis. Políííícia! Estão aqui?

De seguida, já estava a abrir caminho pelo corredor, a brandir a bengala de um lado para o outro, e você, batia na parede à sua esquerda, e como um chicote, lá ia de novo para trás, e você, na parede à sua direita, e todos aqueles que no maldito andar ainda não estivessem acordados iriam, em breve, estar.

O Extremamente e o Cauteloso começaram a avançar para a frente sem sequer trocarem um olhar de relance entre si.

— Po-lííícia! Po...

— Meu senhor! — ladrou Extremamente. — Cuidado. Olhe que vai cair...!

O homem cego impeliu a cabeça na direção da voz do Extremamente mas não parou. Lançou-se para a frente, a acenar a mão vazia e a brandir a suja bengala branca, assemelhando-se um pouco a Leonard Bernstein a tentar conduzir a Filarmônica de Nova Iorque depois de ter fumado um ou dois frasquinhos de crack.

— Po-lííícia! Eles mataram o meu cão! Eles mataram a Daisy! POLÍÍÍCIA!

— Meu senhor...

O Cauteloso aproximou-se do homem cego cambaleante. O homem cego cambaleante enfiou a mão vazia no bolso da esquerda do blusão e tirou para fora, não dois bilhetes para o Baile de Gala dos Cegos, mas um revólver.45, que apontou ao Cauteloso, tendo puxado o gatilho duas vezes. No corredor estreito, as detonações pareceram ensurdecedoras e dissonantes. Viu-se uma enorme quantidade de fumo azul. O Cauteloso apanhou com as balas praticamente à queima-roupa. Caiu para o chão com o peito enfiado para dentro, como um cesto partido. A sua camisa estava chamuscada e ressequida.

Extremamente fitou o homem cego quando este lhe apontou a 45.

— Pelo amor de Deus, não, por favor! – implorou Extremamente num fio de voz, soando a alguém que tivesse ficado sem fôlego. O homem cego disparou mais duas vezes. Viu-se mais fumo azul. Para um homem cego, até que atirava muito bem.

Extremamente voou para trás, para longe do fumo azul, caiu na passadeira do corredor sobre as omoplatas, foi percorrido por um espasmo repentino e trêmulo e deixou-se ficar quieto.

Em Ludlow, a oitocentos quilômetros de distância, Thad Beaumont virou-se agitado sobre o seu lado.

— Fumo azul — murmurou ele. — Fumo azul.

Do lado de fora da janela da casa de banho, nove pardais empoleiraram-se sobre um fio do telefone, sendo imediatamente acompanhados por mais meia dúzia. Os pássaros empoleiraram-se, silenciosos e invisíveis, acima dos agentes no carro da polícia estadual.

— Não vou precisar mais disto — disse Thad no seu sono.

Com uma mão, fez um movimento desajeitado como se estivesse a tocar no rosto e, com a outra, um gesto de quem está a atirar algo fora.

— Thad? — perguntou Liz, sentando-se na cama. — Thad, estás bem?

De meio do seu sono, Thad disse qualquer coisa incompreensível. Liz olhou para baixo, para os seus braços. Estes estavam totalmente cobertos de pele de galinha.

— Thad? São os pássaros de novo? Estás a ouvir os pássaros?

Thad nada respondeu. Do lado de fora das janelas, os pássaros levantaram vôo em conjunto, embrenhando-se na escuridão, embora esta não fosse a altura própria para voarem.

Nem Liz nem os dois polícias no carro-patrulha da polícia estadual repararam neles.

Stark lançou os óculos escuros e a bengala para o lado. O corredor exalava um cheiro amargo por causa do fumo da pólvora. Stark disparara quatro balas Colt Hi-Point que ele tornara extremamente potentes. Duas delas tinham atravessado os polícias e deixado buracos prateados na parede do corredor. Stark dirigiu-se para a porta de Phyllis Myers.

Estava disposto a convencê-la a vir até cá fora se assim tivesse de ser, mas ela estava precisamente ali do outro lado e, bastou-lhe ouvi-la para ter a certeza de que, com ela, seria fácil.

— Que é que se está a passar? — gritou ela. — Que foi que aconteceu?

— Apanhamo-lo, Miss Myers — respondeu Stark de forma animada. — Se quer tirar uma fotografia, vá buscar já a máquina. Mais tarde, lembre-se apenas que eu nunca lhe disse que podia tirar uma.

Quando abriu a porta, Phyllis manteve a corrente no ferrolho, mas não estava mal.

Ao colocar um olho castanho no buraco, ele enfiou-lhe uma bala.

Fechar os olhos da mulher — ou fechar o único olho ainda existente — não era uma opção. Assim, Stark virou-se e começou a encaminhar-se para os elevadores. Não se demorou mas também não correu. A porta de um dos apartamentos abriu-se — parecia que, esta noite, toda a gente lhe estava a abrir portas — e Stark ergueu a arma, apontandoa para o rosto de coelho de olhar fixo que viu. A porta fechou-se imediatamente com um estrondo.

Stark carregou no botão do elevador. A porta do cubículo em que ele subira após ter deitado abaixo o seu segundo porteiro da noite (com a bengala que roubara ao cego na Sexagésima Rua) abriu-se de imediato, tal como esperava que se abrisse — a esta hora da noite, os três elevadores não estavam propriamente a ser alvo de grande procura. Por cima do ombro, Stark lançou a arma para o chão. Esta caiu na passadeira com uma pancada surda.

— Aquilo correu tudo bem — retorquiu ele, enfiando-se no elevador, e descendo até ao átrio de entrada.

Quando o telefone tocou, o sol estava a nascer na janela da sala de estar de Rick Cowley. Rick tinha cinquenta anos, os olhos vermelhos e um ar esgazeado, e estava meio bêbedo. Com uma mão bastante trêmula, atendeu o telefone. Ele mal sabia onde se encontrava, e o seu espírito cansado e magoado não parava de insistir que tudo aquilo não passava de um sonho. Será que, há menos de três horas atrás, tinha estado na morgue distrital na Primeira Avenida, para identificar o corpo mutilado da ex-mulher a menos de um quarteirão de distância do chique restaurantezinho francês onde só levavam os clientes que eram também seus amigos? Será que os polícias que estavam do lado de fora da porta se encontravam aí porque o homem que matara Miriam poderia também querer matá-lo? Será que estas coisas eram reais? Certamente que não. Tinha, sem dúvida alguma, de ser um sonho... e talvez o telefone não fosse realmente o telefone, mas o ruído do despertador ao lado da cama. Regra geral, Rick odiava aquela maldita coisa... tinha-a lançado pelo quarto mais de uma vez. Contudo, esta manhã, ele até o beijaria. Que raios, ele até daria um beijo na boca, com língua e tudo.

Mas Rick não acordou. Em vez disso, atendeu o telefone.

— Está lá?

— Daqui fala o homem que cortou a garganta da tua mulher — disse a voz ao seu ouvido, tendo Rick ficado totalmente desperto de um momento para o outro. Qualquer esperança derradeira que pudesse ter quanto a tudo isto não passar de um sonho dissipou-se de imediato. Tratava-se do gênero de voz que só se deve ouvir nos sonhos... mas é precisamente aí que nunca é ouvida.

— Quem está a falar? — Rick ouviu-se a si próprio perguntar num fio de voz sem vigor.

— Pergunta a Thad Beaumont quem sou eu — respondeu o homem. — Ele sabe tudo sobre mim. Diz-lhe que te mandei dizer que vocês já estão todos mortos. E diz-lhe ainda que ainda não acabei de fazer o recheio dos tolos.

Rick ouviu um estalido no seu ouvido, a que se seguiu um instante de silêncio e, depois, o zumbido insípido de uma linha aberta.

Rick deixou cair o auscultador no colo, olhou para ele e, subitamente, desatou a chorar. Às nove horas dessa mesma manhã, Rick telefonou para o escritório e disse a Frieda que ela e John deveriam ir para casa: não trabalhariam nem nesse dia nem durante o resto da semana. Frieda quis saber o motivo e Rick ficou estupefato ao verificar que estava prestes a mentir-lhe, como se tivesse sido preso por algum crime grave e vergonhoso — digamos, abuso de menores — e não conseguisse admitir que o tivesse cometido enquanto o choque continuasse tão recente.

— A Miriam morreu — contou ele a Frieda. — Mataram-na ontem à noite no apartamento dela.

Frieda inspirou fundo, produzindo um breve som sibilante de comoção.

— Pelo amor de Deus, Rick! Não brinque com coisas como essas! Quando se brinca com coisas como essas, elas tornam-se verdade!

— É verdade, Frieda — retorquiu ele, verificando que, mais uma vez, estava prestes a debulhar-se em lágrimas.

E estas — as que derramara na morgue, aquelas que derramara no carro quando voltava para casa, as que derramara quando aquele homem maluco telefonara, as que tentava agora não derramar — estas eram apenas o início. Pensar em todas as lágrimas no seu futuro fê-lo sentir-se extremamente cansado.

Miriam fora uma cabra mas fora também, à sua maneira, uma cabra querida, e ele amara-a. Rick fechou os olhos. Quando os abriu, estava um homem a olhar para ele através da janela, apesar de a janela ser um décimo quarto andar. Rick sobressaltou-se, mas foi então que viu o uniforme. Um limpador de janelas. O limpador de janelas acenou-lhe do seu palanque. Rick ergueu a mão e retribuiu a saudação. O peso da mão pareceu-lhe estar próximo dos cem quilos, tendo-a Rick deixado cair junto da coxa, quase no mesmo instante em que a erguera.

Frieda estava a dizer-lhe de novo para não brincar, e ele sentiu-se mais cansado do que nunca. Como ele observou, as lágrimas eram apenas o começo. Foi então que afirmou:

— Só um minuto, Frieda — tendo pousado o telefone. Rick dirigiu-se até à janela para correr os cortinados. Ter de chorar ao telefone com a Frieda no outro lado da linha já era suficientemente mau; só lhe faltava ter o maldito limpador de janelas a vê-lo nesses preparos.

Ao chegar à janela, o homem no palanque enfiou a mão no bolso cortado do macacão para buscar alguma coisa. Rick sentiu uma repentina pontada de inquietação.

“Diz-lhe que te mandei dizer que vocês já estão todos mortos.” (“Meu Deus...”)

O limpador de janelas tirou do bolso um pequeno autocolante. Era amarelo com letras pretas. A mensagem era rodeada por estúpidos rostos sorridentes. “TENHA UM BOM DIA!” podia ler-se. Rick acenou a cabeça com cansaço. Tenha um bom dia.

Quando finalmente conseguiu convencer Frieda de que não estava a brincar, esta desfez-se em soluços sonoros e francamente verdadeiros — todos no escritório, e todos os clientes, até mesmo aquele maldito e odioso Ollinger, que escrevia os maus romances de ficção científica e que, aparentemente, se dedicara à tarefa de apalpar todos os soutiens no mundo ocidental, gostavam da

Miriam — e, como não podia deixar de ser, Rick chorou com ela até conseguir, por fim, desligar o telefone. “Pelo menos”, pensou ele, “fechei os cortinados.”

Quinze minutos mais tarde, enquanto estava a fazer café, o telefonema do homem maluco assaltou-lhe de novo o espírito. Tinha dois polícias do lado de fora da porta, e não lhes contara nada de nada. Que raio de coisa é que se estava a passar com ele?

“Bem”, pensou ele, “a minha ex-mulher morreu, e quando a vi na morgue parecia que ela tinha deixado crescer uma segunda boca quatro dedos abaixo do queixo. Talvez isso possa explicar alguma coisa.”

“Pergunta a Thad Beaumont quem sou eu. Ele sabe tudo sobre mim.”

Como é evidente, Rick tivera o propósito de telefonar para Thad. Contudo, o seu espírito estava ainda em queda livre: as coisas tinham assumido novas proporções que ele parecia, pelo menos por enquanto, não ser capaz de entender. Bem, telefonaria a Thad. Era exatamente isso que iria fazer mal se contasse aos polícias o pormenor da chamada.

Rick chegou mesmo a contar-lhes, tendo estes ficado extremamente interessados.

Um deles transmitiu a informação para a Central da Polícia através do seu walkie-talkie.

Depois de terminar, disse a Rick que o chefe dos detetives queria que ele fosse até à esquadra da polícia para conversar com eles sobre a chamada que recebera. Enquanto lá estivesse, um tipo iria até ao apartamento e equiparia o telefone com um gravador e um aparelho de localização de chamadas. No caso de haver mais telefonemas.

— Provavelmente vão haver — disse o segundo polícia a Rick. — Estes psicopatas estão geralmente apaixonados pelo som das próprias vozes.

— Devia telefonar a Thad primeiro — retorquiu Rick;

— Ele pode estar igualmente em apuros. Pelo menos foi isso que me pareceu.

— Mister Beaumont já foi colocado sob proteção especial lá no Maine, senhor

Cowley. Vamos, está bem?

— Bem, continuo a achar...

— Talvez lhe possa telefonar da esquadra. Agora, tem algum casaco?

Assim, confuso e nada seguro de que tudo isto fosse real, Rick deixou-se levar para longe dali.

Quando, duas horas mais tarde, regressaram, um dos escoltas de Rick franziu o sobrolho à porta do apartamento e disse:

— Não está aqui ninguém.

— E depois? — perguntou Rick com ar fatigado. Ele sentia-se fatigado, como se fosse uma vidraça de vidro translúcido através da qual é possível ver. Tinham-lhe feito imensas perguntas, e ele respondera a todas elas o melhor que podia: uma tarefa difícil dado que só muito poucas dessas perguntas pareciam fazer algum sentido.

— Se os tipos das telecomunicações dessem o trabalho por terminado antes de termos voltado, era suposto eles terem esperado.

— Provavelmente estão lá dentro — disse Rick.

— Um deles talvez, mas o outro deveria estar cá fora. É esse o

procedimento habitual.

Rick pegou nas chaves, baralhou-as, encontrou aquela que queria, e enfiou-a na fechadura. Quaisquer problemas que estes tipos pudessem estar a ter com o procedimento de atuação dos colegas não tinham nada a ver com ele. Graças a Deus; ele já tinha todas as preocupações que bastassem por uma manhã.

— Devia telefonar a Thad primeiro — disse ele, suspirando e sorrindo um pouco. — Ainda nem sequer é meio-dia e já me sinto como se o dia nunca fosse aca...

— Não faça isso! — gritou de repente um dos polícias, dando um salto para a frente.

— Fazer o q... — começou Rick, a virar a chave, e a porta explodiu num clarão de luz, fumo e som. O polícia cujos instintos tinham despoletado apenas um segundo tarde de mais ficou reconhecível aos familiares; Rick Cowley praticamente vaporizou-se. O outro polícia, que se encontrava um pouco mais afastado e que, instintivamente, tapara o rosto quando o parceiro gritara, foi hospitalizado por queimaduras, concussão e lesões internas. Misericordiosamente — e magicamente — os estilhaços da porta e da parede voaram em redor dele como uma nuvem, embora não o tivessem atingido. No entanto, nunca mais trabalharia para o DPNI; a explosão ensurdecera-o num instante.

No interior do apartamento de Rick, os dois técnicos das telecomunicações que tinham ido arranjar os telefones encontravam-se mortos sobre o tapete da sala de estar.

Pregada à testa de um deles com uma tacha estava a seguinte nota: OS PARDAIS ESTÃO A VOAR DE NOVO pregada à testa do outro estava uma segunda mensagem: MAIS RECHEIO DOS TOLOS. DIGAM AO THAD.

II - Starktoma o comando

— Qualquer tolo de mãos rápidas consegue apanhar um tigre pelos tomates — contou Machine a Jack Halstead. – Sabias disto?

Jack começou a rir. O olhar que Machine lhe lançou fê-lo pensar duas vezes.

— Tira-me esse sorriso estúpido da cara e presta-me atenção — ordenou Machine. — Estou aqui para te educar. Estás a prestar atenção?

— Sim, senhor Machine.

— Então ouve bem o que tenho para te dizer e nunca mais te esqueças: qualquer tolo de mãos rápidas consegue apanhar um tigre pelos tomates, mas é preciso um herói para continuar a apertá-los. E já que estou aqui, deixa-me que te diga mais outra coisa: só os heróis e os covardes é que se safam, Jack. Mais ninguém. E eu não sou covarde.

A Vontade de Machine

de George Stark

QUINZE - A INCREDULIDADE DE STARK

Cobertos por um véu de choque tão profundo e tão triste que se assemelhava a gelo, Thad e Liz sentaram-se, enquanto escutavam Alan Pangborn, que lhes descrevia o modo como tinham decorrido as primeiras horas da manhã na cidade de Nova Iorque: Mike Donaldson, retalhado e espancado até à morte no corredor do edifício do seu apartamento; Phyllis Myers e dois polícias mortos a tiro no condomínio da zona ocidental. O porteiro da noite do edifício de Myers fora atacado com algo pesado, tendo sofrido um traumatismo craniano. Os médicos afirmavam que só com bastante sorte é que alguma vez voltaria a acordar no lado mortal do céu. O porteiro do edifício de Donaldson fora abatido. Em todos os casos, o trabalho sujo fora levado a cabo ao estilo dos gangs do crime organizado, tendo-se o assassino limitado a ir ter com as vítimas e a acabar com elas.

À medida que Alan ia falando, referia-se continuamente ao assassino como Stark.

"Ele está a chamá-lo pelo nome correto sem sequer pensar nisso", divagou Thad. De seguida, abanou a cabeça, um pouco impaciente consigo próprio. Tinha de ser chamado de alguma forma, admitiu Thad, e Stark era talvez um bocadinho melhor do que "o criminoso" ou "Mr. X". Nesta altura do campeonato, seria um erro pensar que Pangborn estava a utilizar o nome por outro motivo qualquer que não um ponto de apoio conveniente.

— E o que há sobre Rick? — perguntou ele quando Alan terminara e ele próprio fora, por fim, capaz de soltar a língua.

— O senhor Cowley está vivo e bem sob proteção policial. — Eram dez e um quarto da manhã; a explosão que mataria Rick e um dos seus guardiões estava ainda a duas horas de distância.

— Também Phyllis Myers estava sob proteção policial — retorquiu Liz. No parque de grandes dimensões, Wendy dormia ferrada e William estava a deixar-se adormecer A cabeça descaía sobre o peito, os olhos fechavam... e, de

seguida, com um movimento súbito, ele lançava a cabeça de novo para cima. Para Alan, William assemelhava-se comicamente a uma sentinela que tentava não se deixar vencer pelo sono enquanto estava de serviço. Mas cada sacudidela da cabeça para cima ia diminuindo de intensidade. Ao olhar para os gêmeos, com o bloco de notas agora fechado e pousado sobre o colo, Alan reparou numa coisa interessante: sempre que William sacudia a cabeça para cima num esforço para permanecer acordado, Wendy dava um esticão enquanto dormia.

“Será que os pais já repararam nisto?”, perguntou-se a si mesmo, tendo pensado de seguida: “Claro que já repararam.”

— Isso é verdade, Liz. Ele surpreendeu-os. Sabe, a Polícia é tão propensa a ser surpreendida como qualquer um de nós; apenas é suposto que reaja melhor. No andar onde Phyllis Myers vivia, diversas pessoas ao longo do corredor abriram a porta para ver o que se estava a passar depois de os tiros terem sido disparados. Assim, temos uma noção bastante boa daquilo que aconteceu a partir das declarações dessas pessoas e daquilo que a Polícia encontrou na cena do crime. Stark fingiu que era cego. Não mudou de roupa após os assassinatos de Miriam Cowley e Michael Donaldson, que foram... peço que os dois me desculpem, mas ficou tudo numa grande porcaria. Ele sai do elevador, de óculos escuros que provavelmente comprou em Times Square ou a um vendedor ambulante de carrinho de mão, e a brandir uma bengala coberta de sangue.

Deus sabe onde ele ter arranjado a bengala, mas o DPNI pensa que ele também a utilizou para deitar os porteiros abaixo.

— É óbvio que a roubou a um cego verdadeiro – disse Thad calmamente. — Alan, não se pode dizer que o tipo seja um santo. Está claro que não. Provavelmente vinha a gritar que fora assaltado, ou talvez até que fora atacado por ladrões no apartamento dele. Seja como for, avançou na direção deles com tamanha rapidez que os polícias nem tiveram muito tempo para reagir. Afinal de contas, eram apenas um par de polícias de carrospatrulha, afastados do seu giro habitual e enfiados à porta desta mulher sem grandes explicações.

— Mas eles sabiam certamente que Donaldson também tinha sido assassinado — protestou Liz. — Se uma coisa como essa não os conseguiu alertar para o fato de o homem ser perigoso...

— Eles também sabiam que a proteção policial de Donaldson chegara após o tipo ter sido assassinado – disse Thad. — Estavam demasiado confiantes.

— Talvez até estivessem, um pouco — admitiu Alan.

Não tenho forma alguma de saber isso. Mas os homens que estão com Cowley sabem que este homem, para além de destemido e bastante esperto, é também homicida. Estão com os olhos abertos. Não, Thad, o seu agente está seguro. Pode contar com isso.

— Disse que havia testemunhas — inquiriu Thad.

— Oh, sim. Imensas testemunhas. Na casa de Miriam Cowley, de Donaldson e da Myers. Ele parecia estar-se a cagar para elas. — Alan olhou para Liz e disse: — Peço desculpa. Esta lançou um sorriso lacônico.

— Já ouvi essa expressão uma ou duas vezes antes, Alan.

Este acenou a cabeça, sorriu-lhe por um instante e virou-se para Thad.

— A descrição que lhe dei?

— Bate certa com tudo aquilo que sabemos — replicou Alan. — Ele é grande, louro, e está com um bonito bronzeado. Portanto, diga-me lá quem é ele, Thad. Dá-me um nome. Agora tenho muito mais com que me preocupar para além do Homer Gamache.

Tenho o maldito comissário da polícia de Nova Iorque à perna, Sheila Brigham (a minha telefonista-chefe) pensa que eu vou ser uma estrela da comunicação social, mas é com o Homer que me preocupo. Ainda mais do que os dois agentes de polícia mortos na tentativa de proteger Phyllis Myers, é o Homer que me interessa. Portanto, dá-me um nome.

— Já lhe dei — replicou Thad.

Seguiu-se um longo silêncio, talvez dez segundos, após o qual, num tom extremamente sereno, Alan disse:

— O quê?

— George Stark é como se chama. — Thad ficou surpreendido ao verificar como soava tão calmo, e mais surpreendido ainda ao verificar que se sentia calmo... a não ser que o choque profundo e a calma transmitissem a mesma sensação. Mas o alívio de chegar a dizer aquilo ("Já tem o nome dele; George Stark é como se chama"), era indizível.

— Creio que não estou a entendê-lo — afirmou Alan após uma outra longa pausa.

— Claro que está, Alan — replicou Liz. Thad olhou para ela, surpreendido pelo tom decidido e objetivo da sua voz. — O que o meu marido está a querer dizer é que, de alguma forma, o pseudônimo dele ganhou vida. A lápide na fotografia... aquilo que, no lugar de uma homilia ou de um versinho, está escrito naquela lápide foi algo que Thad disse ao jornalista da agência noticiosa que deu a notícia em primeira mão. "Não ERA UM TIPO MUITO SIMPÁTICO." Lembra-se disto?

— Sim, mas Liz... — Alan fitava os dois com uma espécie de surpresa indefesa, como se só agora se tivesse dado conta de que tinha estado a manter uma conversa com pessoas que haviam perdido totalmente o juízo.

— Nem mas nem meio mas — interrompeu ela no mesmo tom decidido. — Terá imenso tempo para mas e meios mas. O senhor e toda a gente. Para já, ouça-me apenas. Thad não estava a brincar quando disse que George Stark não era um tipo muito simpático.

Ele pode até ter pensado que estava a brincar mas não estava. Mesmo que ele não soubesse, eu sempre soube. George Stark não só não era um tipo muito simpático: ele era, de fato, um tipo horrível. Tornei-me uma mulher mais nervosa com cada um dos quatro livros que escreveu, e quando Thad finalmente decidiu matá-lo, subi as escadas, entrei no nosso quarto e chorei de alívio. — Liz olhou para Thad, que a fitava. Antes de acenar a cabeça, ela perscrutou-o com o

olhar. — Exatamente. Chorei. Chorei mesmo.

Apesar de o senhor Clawsson em Washington ser um “Patifezóide” insignificante e nojento ele fez-nos um grande favor, talvez o maior favor da nossa vida conjunta de casados e, apenas por essa razão, dado que não existe mais nenhuma, lamento a morte dele.Diz, não me parece que seja isso que queiras dizer...

— Não me digas aquilo que quero dizer e não quero dizer! — vociferou ela Alan pestanejou. A voz dela manteve-se regular, não suficientemente alta para acordar Wendy ou levar William a fazer mais do que apenas erguer a cabeça uma última vez antes de se deitar sobre si mesmo e deixar-se adormecer ao lado da irmã. Contudo, Alan teve o pressentimento que, se não fosse pelos miúdos, teria escutado uma voz mais alta. Talvez até uma voz no seu tom mais elevado.

Thad tem algumas coisas para lhe contar agora. Tem de ouvi-lo com muita atenção, Alan, e tem de tentar acreditar nele. Caso contrário, temo que este homem (ou o que quer que ele seja) continue a sua matança até chegar bem ao fim da sua lista de carniceiro. Tenho algumas razões muito pessoais para não desejar que isso aconteça.

Sabe, Alan, creio que eu, Thad e os nossos bebês podemos perfeitamente estar nessa lista.

— Muito bem. — A voz dele soou amena, embora os seus pensamentos girassem a uma velocidade muito rápida. Alan fez um esforço consciente para colocar de lado a frustração, a raiva e até mesmo a perplexidade, e tomar em conta esta idéia louca com todas as forças que tivesse. Não se tratava de saber se era verdade ou mentira — era totalmente impossível, está claro, considerá-la sequer verdadeira — , mas apenas de conhecer a razão pela qual, antes de mais, eles se davam ao trabalho de contar uma história como essa. Teria sido magicada para esconder alguma cumplicidade imaginada nos assassinatos? Uma cumplicidade real? Seria mesmo possível que eles acreditassem na história? Parecia impossível que um casal como este, constituído por pessoas instruídas e racionais – pelo menos até agora, pudesse acreditar nisso, mas era tal e qual como se tinha passado no dia em que viera para prender Thad pelo assassinato de Homer: eles pura e simplesmente não se libertavam do tênue mas inequívoco

perfume das pessoas que estão a mentir. “Conscientemente a mentir”, corrigiu ele para si próprio.

— Comece lá, Thad.

— Muito bem — respondeu este. Depois de pigarrear nervosamente, Thad levantou-se.

A mão dele procurou o bolso do peito e, com um sentimento de graça semi-amargo Thad deu-se conta daquilo que estava a fazer: à procura de cigarros que já lá não se encontravam há mais de três anos, Thad enfiou as mãos nos bolsos e olhou para Pangborn como olharia para um aluno aturdido que tivesse vindo dar resposta extremamente amistosa do gabinete de Thad.

— Algo de muito estranho anda a acontecer. Não: mais do que estranho. É terrível e inexplicável, mas o fato é que está a acontecer. E tudo começou, penso eu, quando tinha apenas onze anos.

Thad contou tudo: as dores de cabeça em criança, os chilreios estridentes e as visões turvas dos pardais que anunciavam a chegada dessas mesmas dores de cabeça, o regresso dos pardais. Thad mostrou a Alan a página manuscrita com “OS PARDAIS ESTÃO A VOAR DE NOVO” rabiscado na diagonal em traços de lápis escuro. Falou-lhe sobre o estado de transe em que, no dia anterior, entrara no escritório, e aquilo que escrevera (o melhor que se podia lembrar) no verso da ordem de encomenda. Explicou-lhe o que acontecera a essa mesma nota e tentou exprimir o medo e a perturbação que o tinham levado a destruir o papel. O rosto de Alan manteve-se impávido e sereno.

— Além disso — rematou Thad — , eu sei que é Stark.

Aqui. — Thad fechou a mão num punho, batendo-a ao de leve no peito.

Durante alguns instantes, Alan não abriu a boca. Tinha começado a girar a aliança de casamento no terceiro dedo da mão esquerda para trás e para a

frente, e esta operação parecia atrair toda a sua atenção.

— Emagreceu desde que se casou — observou Liz discretamente. — Se não manda apertar esse anel, Alan, vai acabar por perdê-lo um dia destes. Suponho que sim. – Alan levantou a cabeça e olhou para ela. Quando falou, foi como se Thad tivesse abandonado a sala para fazer algum recado e só lá se encontrassem es dois. — O seu marido levou-a até lá acima, ao escritório dele e mostrou-lhe esta primeira mensagem vinda do mundo dos espíritos depois de eu me ter ido embora... certo?

— O único mundo dos espíritos que conheço é, sem qualquer sombra de dúvida, a loja das bebidas a cerca de um quilômetro e meio estrada abaixo — disse Liz num tom sereno — , mas, realmente, ele mostrou-me a mensagem depois de você se ter ido embora, sim.

— Logo depois de eu me ter ido embora?

— Não: deitamos os gêmeos na cama e foi nessa altura, enquanto nos estávamos a arranjar para nos deitarmos, que perguntei a Thad o que é que ele estava a esconder.

— Entre a altura em que me fui embora e o momento em que ele lhe contou tudo aquilo sobre os brancos de memória e os sons dos pássaros, houve momentos em que ele não esteve junto de si? Instantes durante os quais poderia ter ido até lá acima e escrito a expressão que lhe referi?

— Não lhe posso responder com toda a certeza – replicou ela. — Penso que estivemos juntos durante todo o tempo, mas não lhe posso dar a certeza. Mas também não faria qualquer diferença se lhe dissesse que ele esteve sempre por perto, pois não?

— Que é que quer dizer com isso, Liz?

— Quero dizer que, nesse caso, você suporia que eu também estava a mentir, não era?

Alan soltou um suspiro profundo. Era a única resposta que qualquer um dos dois realmente precisava de ouvir.

— Thad não está a mentir sobre isto.

Alan acenou a cabeça:

— Agradeço a sua honestidade, mas dado que não pode jurar que ele nunca a deixou por alguns minutos, não posso acusá-la de estar a mentir. Fico contente por isso. A Liz admite que a oportunidade pode ter existido, e creio que também admitirá que a alternativa que nos resta é bastante louca.

Thad encostou-se contra a pedra da lareira, com os olhos a saltar de um lado para o outro, como os olhos de um homem a assistir a uma partida de tênis. O xerife Pangborn não estava a dizer nada que Thad já não tivesse previsto, estando a apontar para as incoerências da sua história com muito mais delicadeza do que seria necessário, mas Thad verificou que, ainda assim, ele estava amargamente desapontado... quase com o coração destroçado. Aquele pressentimento de que Alan acreditaria — de certa forma acreditaria quase instintivamente — provou ser tão falso como um desses frascos de remédio que dizem que curam todas as maleitas.

— Sim, admito tudo isso — retorquiu Liz no mesmo tom sereno.

— Quanto àquilo que Thad afirma ter acontecido no gabinete... não temos testemunhas algumas quer do estado de transe quer daquilo que ele afirma ter rabiscado.

De fato, ele só lhe falou sobre o incidente depois de o senhor Cowley ter telefonado, não foi?

— Sim. Não falou antes.

— E então... — Alan encolheu os ombros.

— Alan, gostaria de lhe fazer uma pergunta.

— À vontade.

— Porque é que Thad mentiria? Com que finalidade?

— Não sei. — Alan olhou para ela com franqueza total.

— Ele próprio pode não saber. — Lançou um olhar de relance a Thad, tornando a virarse e a aproximar-se de Liz.

— Ele pode até nem saber que está a mentir. O que eu estou a tentar dizer é bastante claro: isto não é o gênero de coisa que qualquer agente de polícia possa aceitar sem que haja fortes provas. E, neste caso, não temos nenhumas

— Thad está a dizer a verdade, neste caso. Compreendo tudo aquilo que disse, mas também gostaria muito que acreditasse que ele está a dizer a verdade. Gostaria com todas as minhas forças. Sabe, eu vivi com George Stark. E sei como é que Thad se foi sentindo em relação a ele à medida que o tempo passava. Vou dizer-lhe uma coisa que não estava na revista People. Thad começou a falar em livrar-se de Stark dois livros antes do último...

— Três — corrigiu Thad discretamente do seu lugar junto da prateleira da lareira. O desejo de fumar um cigarro transformara-se numa febre seca. — Comecei a falar nisso logo depois do primeiro.

— Muito bem, do terceiro. O artigo da revista dava a entender que se tratava de uma coisa bastante recente. Ora. isso pura e simplesmente não é verdade. Quero deixar esse ponto bem assente. Se Frederick Clawson não tivesse aparecido e obrigado o meu marido a abrir-se, penso que Thad estaria ainda hoje a falar sobre livrar-se dele da mesma forma. Da forma como um alcoólico ou um toxicodependente diz à família e aos amigos que, amanhã, vai deixar de beber ou de se drogar... ou no dia seguinte... ou no dia depois desse.

— Não — retorquiu Thad. — Não exatamente assim.

A igreja certa mas o banco errado.

Thad fez uma pausa e franziu o sobrolho, fazendo mais do que apenas pensar. Estava a concentrar-se. De modo relutante, Alan desistiu da idéia de que estavam os dois a mentir, ou que o pretendiam enganar por alguma razão estranha. Eles não estavam a despender todas as suas forças para tentar convencê-lo, ou para tentarem convencer-se a si próprios, mas apenas para explicarem como tudo acontecera... do mesmo modo que as pessoas tentam descrever um incêndio muito tempo depois de este ser extinto.

— Olhe — disse Thad por fim: — vamos esquecer por um minuto o assunto dos estados de transe, dos pardais e das visões premonitórias, se é isso que elas são. Se sentir que precisa, pode falar com o meu médico, George Hume, sobre os sintomas físicos. Talvez os testes à cabeça que fiz ontem mostrem alguma coisa estranha quando estiverem prontos. Mas mesmo que não mostrem, o médico que me operou quando eu era miúdo talvez ainda esteja vivo e disponível para falar consigo sobre o caso. Talvez possa saber qualquer coisa que lance alguma luz sobre toda esta confusão Não me estou a recordar do nome dele assim de um momento para o outro, mas tenho a certeza de que está na minha ficha médica. Contudo, para já, tudo isto desta merda psíquica é secundária.

Esta afirmação pareceu a Alan algo muito peculiar para ser dita por Thad... caso ele tivesse forjado aquela nota premonitória e mentido sobre a outra. Alguém suficientemente louco para fazer uma coisa dessas — e suficientemente louco para esquecer que a fizera e chegar mesmo a acreditar que as notas eram verdadeiras manifestações de fenômenos psíquicos — não quereria falar sobre mais nada, pois não? A cabeça começou a doer-lhe.

— Muito bem — retorquiu ele num tom sereno — se diz que aquilo a que chama “esta merda psíquica” é secundário, então qual é a linha principal?

— George Stark é a linha principal — respondeu Thad e pensou: “A linha que vai até Endsville, onde todas as linhas de comboio terminam.” — Imagine que um estranho qualquer se mudava para sua casa. Alguém de quem teve sempre um pouco de medo, tal como Jim Hawkins sempre temera um pouco o Velho Cão do Mar na estalagem Almirante Benbow... Leu A Ilha do Tesouro, Alan?

Este acenou com a cabeça.

— O Alan conhece então o gênero de sentimento que estou a tentar expressar. Este tipo assusta-o bastante, e Alan não gosta nada dele, mas, ainda assim, deixa-o ficar. Apesar de não ser dono de uma estalagem, como n'A Ilha do Tesouro, talvez até possa pensar que ele é um familiar afastado da sua esposa, ou qualquer coisa assim parecida. Até aqui tudo bem?

Alan assentiu.

— Até que, finalmente, um dia, após este convidado terrível ter feito uma coisa parecida com o atirar o saleiro contra a parede porque o sal não saía dos buraquinhos, o Alan diz para a sua esposa: "Durante quanto mais tempo é que o idiota do teu primo em segundo grau vai ficar por aqui?" E ela olha para si e responde: "O meu primo em segundo grau? Pensei que ele fosse o teu primo em segundo grau !"

Apesar de tudo, Alan grunhiu uma gargalhada.

— Mas será que põe o homem fora de casa? – Thad prosseguiu. — Não. Por uma simples razão: ele encontra-se em sua casa há já algum tempo e, por muito grotesco que possa parecer para alguém que não esteja por dentro da situação, é como se ele tivesse... direitos de ocupação, ou qualquer coisa assim parecida. Mas não é isso que interessa.

Liz tinha estado a assentir. Os seus olhos refletiam a expressão emocionada e grata de uma mulher a quem haviam acabado de dizer as palavras que tinham estado debaixo da sua língua durante todo o dia.

— O que interessa é o maldito medo que o Alan tem dele — disse ela. — Medo do que ele poderia fazer se lhe chegasse a dizer para sair da sua casa, que pegasse na sua tralha e se pusesse a andar.

— Aqui está — afirmou Thad. — O Alan quer ser corajoso e mandá-lo embora e não apenas porque teme que ele possa ser perigoso. Torna-se uma questão de dignidade.

Mas... passa o tempo a adiar. O Alan encontra razões para adiar essa decisão. Por exemplo, está a chover, e ele fará com certeza menor escarcéu se for posto na rua num dia soalheiro. Ou talvez depois de ter tido uma boa noite de sono. Pensamos em mil e uma razões para adiar. O Alan acaba por descobrir que, se as razões soarem suficientemente credíveis aos seus ouvidos, conseguirá conservar pelo menos algum resquício de dignidade, e alguma já é melhor do que nada. Alguma também já é melhor do que tê-la toda, se é que tê-la toda significa ter de acabar ferido, ou morto.

— E talvez não apenas o Alan.

Liz intrometeu-se de novo na conversa, falando com a voz calma e agradável de uma mulher a dirigir-se a um clube de horticultores — talvez sobre quando plantar milho, ou de como saber quando é que se deve colher os tomates.

— Quando estava... a viver conosco... ele era um homem feio e perigoso, e agora continua a ser um homem feio e perigoso. As provas sugerem que, se alguma coisa aconteceu ele ficou muito pior. É obvio que esta louco, mas, segundo a sua consciência, o que ele está a fazer é uma coisa perfeitamente razoável: ir no encalço das pessoas que conspiram para o matar e apagá-las da face da terra, uma a uma.

— Já acabou?

Espantada, Liz olhou para Alan, como se a voz dele a tivesse acordado de um profundo devaneio pessoal.

— O quê?

— Perguntei-lhe se já tinha acabado. A Liz queria dizer alguma coisa, e eu queria certificar-me de que dissera tudo.

A calma de Liz quebrou-se. Ela soltou um longo suspiro e, ansiosamente, passou as mãos pelo cabelo.

— Não acredita nisto, pois não? Nem uma só palavra

— Liz — replicou Alan — , isto é... de loucos. Peço desculpa por usar esta expressão, mas, tendo em conta as circunstâncias, penso que posso dizer que se trata da mais delicada possível. Daqui a pouco, chegarão outros polícias. O FBI, imagino eu; a partir de agora, este homem pode ser considerado um fugitivo interestadual, e isso vai metê-los ao barulho. Se lhes contarem toda esta história, com os estados de transe e a escrita fantasma, ouvirão certamente inúmeras expressões muito menos delicadas. Se me dissesse que toda esta gente tinha sido morta por um fantasma também não acreditaria.

— Thad fez menção de acrescentar algo mais, mas Alan ergueu uma mão, tendo o primeiro aquietado, pelo menos por então. – Mas até seria mais fácil para mim acreditar numa história de fantasmas do que nesta. Não estamos apenas aqui a falar sobre um fantasma: estamos a falar sobre um homem que nunca existiu.

— Como é que explica a minha descrição? — perguntou Thad subitamente. — Aquilo que lhe forneci foi a minha imagem particular do modo como George Stark se parecia, se parece. Alguns pormenores estão na nota do perfil do autor que a Darwin Press tem nos ficheiros. Outros eram apenas coisas que tinha na minha cabeça. Sabe, nunca me sentei e vizualizei deliberadamente o tipo; limitei-me a formar uma espécie de imagem mental ao longo de uma série de anos, tal como se forma uma imagem mental do locutor de rádio que se ouve todas as manhãs no caminho para o trabalho. No entanto, na maioria dos casos, se, por mero acaso, alguma vez se chega a conhecer o locutor, essa mesma imagem acaba por estar completamente errada. Parece que acertei praticamente em tudo. Como é que explica isso?

— Não consigo — respondeu Alan. — A não ser, está claro, que esteja a mentir sobre a fonte de descrição.

— Sabe que não estou.

— Não esteja assim tão convencido disso – retorquiu Alan, levantando-se e dirigindose até à lareira, onde bateu impacientemente com o atiçador na lenha de vidoeiro ali empilhada. — Nem todas as mentiras têm origem numa de Consciente Se um homem se persuadir a si próprio de que está a dizer a verdade, consegue até passar com a maior das facilidades num detector de mentiras. Foi assim que Ted Bundy fez.

— Vá lá — falou Thad com brusquidão. — Pare de se esforçar assim tanto. Isto é exatamente como aquela história das impressões digitais. A única diferença é que, desta vez não lhe posso indicar um monte de testemunhas que corroborem. A propósito, o que há sobre as impressões digitais? Quando se acrescenta uma coisa destas, será que, ao menos, isso não sugere que estamos a contar a verdade?

Alan virou-se. Subitamente, sentiu-se zangado com Thad... com os dois. Era como se estivesse a ser colocado dum modo inexorável entre a espada e a parede, e eles não tinham direito algum de o fazerem sentir assim. Era como se fosse a única pessoa na reunião da Sociedade da Terra Plana que acredita que a Terra é redonda.

— Não consigo explicar nenhuma dessas coisas... por enquanto — retorquiu ele. — Entretanto, talvez me queira dizer com toda a exatidão de onde é que este tipo verdadeiro veio, Thad. Será que o deu à luz numa destas noites? Será que ele saiu de um maldito ovo de pardal? Parecia-se com ele quando escrevia os livros que acabavam por ser lançados sob o nome dele? Como é que foi, exatamente?

— Não sei como é que ele surgiu — respondeu Thad zangado. — Não acha que se soubesse eu lhe diria? Tanto quanto sei, ou tanto quanto me consigo lembrar, era eu quando escrevi A Vontade de Machine, A Melancolia de Oxford, Tarte de Tubarão e A Caminho da Babilônia. Não faço a mais pequena idéia de quando é que ele se tornou numa pessoa autônoma. Para mim, quando estava a escrever como ele, ele parecia real, mas apenas da mesma forma como todas as histórias que escrevo me parecem iguais na altura em que estou a escrevê-las. O que é o mesmo que dizer que as levo a sério mas que não acredito nelas, só que acredito... nessa altura... — Thad fez uma pausa e rosnou uma gargalhadinha desconcertante. Toda a minha vida tenho falado sobre o ato de escrever – disse ele. — Centenas de palestras, milhares de aulas, e creio que nunca proferi uma só palavra sobre a compreensão que um escritor de ficção tem das duas realidades que existem para si: a realidade do mundo real e a outra do mundo manuscrito. Creio que nunca sequer pensei sobre isso. E agora dou-me conta de que... bem... parece-me que nem sequer sei como pensar nisso.

— Não interessa — retorquiu Liz. — Ele não tinha de ser uma pessoa autônoma até Thad ter tentado matá-lo.

Alan virou-se para ela.

— Bem, Liz, você conhece Thad melhor do que ninguém.

Quando ele estava a trabalhar nos romances policiais, passava de doutor Beaumont para senhor Stark? Batia-lhe? Ameaçava as pessoas nas festas com uma navalha?

— O sarcasmo não vai facilitar a conversa sobre este assunto — disse ela, olhando para ele com firmeza.

Alan ergueu as mãos num ato de desespero – apesar de não ter a certeza se eram eles, se era ele próprio ou até mesmo os três que o estavam a exasperar.

— Não estou a ser sarcástico; estou apenas a recorrer a um pouco de choque verbal para fazê-los ver como parecem dois loucos! Vocês estão a falar de um maldito pseudônimo que ganhou vida! Se contarem ao FBI nem que seja metade desta história, eles irão procurar as leis de Encarceramento Involuntário do Estado do Maine!

— A resposta à sua pergunta é "não" — disse Liz. – Ele não me espancava ou brandia uma navalha pelas festas e cocktails. Mas quando estava a escrever como George Stark (e, sobretudo, quando estava a escrever sobre Alexis Machine), Thad não era o mesmo.

Quando ele (abria a porta, talvez seja a melhor maneira de traduzir a idéia), quando ele fazia isso e convidava Stark a entrar, tornava-se distante. Não frio, nem sequer impassível, mas apenas distante Interessava-se menos em sair, em estar com pessoas.

Por vezes faltava às reuniões da faculdade, até mesmo aos encontros com os alunos... apesar de isso ser muito raro. Deitava-se tarde à noite e, de quando em vez, ainda se encontrava a virar de um lado para o outro na cama uma hora depois de se ter deitado.

Quando finalmente adormecia, passava o tempo inteiro a dar esticões e a

murmurar coisas, como se estivesse a ter pesadelos. Houve alturas em que lhe perguntei se era isso que acontecia e ele respondeu-me que lhe doía a cabeça e se sentia inquieto, mas se tivesse tido pesadelos, não se conseguia lembrar de como eles eram.

“Não havia uma grande alteração de personalidade... mas ele não era o mesmo. Alan, o meu marido deixou de beber álcool há já algum tempo. Não vai aos Alcoólicos Anônimos ou qualquer coisa assim, mas deixou de beber. Com uma única exceção.

Quando acabava um dos romances de Stark, apanhava uma piela. Então, era como se estivesse a livrar-se de tudo, e dizia para ele próprio. “O filho da mãe foi-se embora”.

Pelo menos por uns tempos, ele foi-se embora. George voltou para a sua quinta no Mississipi. Viva.”

— Ela disse bem — afirmou Thad. — Viva!: era exatamente assim que eu me sentia.

Deixe-me resumir aquilo que temos se deixarmos de lado os estados de transe e a escrita automática. O homem que procuram anda a matar pessoas que eu conheço, pessoas que foram, à exceção de Homer Gamache, responsáveis pela execução de George Stark... em conspiração comigo, está claro. Ele tem o meu tipo de sangue, que nem é um daqueles verdadeiramente raros, mas que, ainda assim, continua a ser um daqueles que só seis pessoas em cada cem apresentam. Bate certo com a descrição que lhe forneci, que era um apanhado da minha própria imagem daquilo a que George Stark se assemelharia se existisse. Fuma os cigarros que eu costumava fumar. E, por último, e o mais interessante de tudo, parece ter impressões digitais que são idênticas às minhas.

Talvez seis em cada cem pessoas tenham sangue tipo A com um fator Rh negativo, mas, pelo que sabemos, mais ninguém em todo este mundo de Deus tem as minhas impressões digitais Apesar de tudo isto, o Alan recusa-se a considerar sequer a minha afirmação de que Stark está, de alguma forma, vivo. Agora, xerife Alan Pangborn, diga-me uma coisa: quem é que está a trabalhar no escuro, se é que assim se pode dizer?

Alan sentiu o rochedo que, outrora, acreditara estar firme e sólido, mover-se um bocadinho. Não era verdadeira mente possível, pois não? Porém... se não tivesse mais nada para fazer durante o dia, iria falar com o médico de Thad e começaria a investigar a sua história clínica. Ocorreu-lhe que seria realmente maravilhoso descobrir que Thad não tivera nenhum tumor cerebral, que Thad mentira sobre isso... ou sonhara com isso.

Se ao menos ele pudesse provar que o homem era um psicopata, seria tudo muito mais fácil. Talvez...

Talvez uma merda. Não existia qualquer George Stark, nunca existira qualquer George Stark. Ele podia não ser nenhum menino-prodígio do FBI, mas isso não significava que fosse suficientemente crédulo para cair numa patranha destas. Talvez conseguissem capturar aquele filho da mãe maluco em Nova Iorque que ia no encalço de Cowley; talvez até o fizessem, de fato. No entanto, caso contrário, era provável que aquele psicopata decidisse ir passar umas férias no Maine, este Verão. Se ele realmente regressasse, Alan queria matá-lo. Estava convencido que acreditar nesta história da Quinta Dimensão não o ajudaria em nada se a oportunidade realmente surgisse. E, neste preciso momento, não pretendia perder mais tempo a falar sobre isto.

— O tempo o dirá, suponho eu — disse ele com um ar vago.

— Para já, aconselho-o a manter-se fiel à história que me contou ontem à noite: este é um tipo que pensa ser George Stark e que é suficientemente louco para ter começado no local mais lógico, lógico para um louco, isto é, o local onde Stark foi oficialmente enterrado.

— Se não der, pelo menos, à idéia um pouco de espaço mental, vai acabar por ficar enfiado em porcaria até às orelhas — disse Thad. — Este tipo... Alan, não é possível discutir com ele, não é possível protestar junto dele. Até seria possível implorar-lhe por misericórdia se ele lhe desse tempo, mas não valeria de nada. Se alguma vez chegar a estar ao pé dele com as suas defesas baixas, ele fará de si uma tarte de tubarão.

— Vou falar com o seu médico — retorquiu Alan — e com o médico que o operou em miúdo. Não sei se servir de alguma coisa, ou que luz poderá lançar sobre tudo isto, mas é o que irei fazer. Caso contrário, penso que terei apenas de

me arriscar.

Thad sorriu mas sem qualquer tipo de bonomia.

— Do meu ponto de vista, vejo que há aí um problema. A minha mulher e os meus filhos estaremos a arriscar-nos juntamente consigo.

Quinze minutos mais tarde, um caminhão de caixa fechada decorada a azul e branco parou na entrada da casa de Thad atrás do carro de Alan. Era semelhante a uma carrinha dos telefones, tendo-se verificado mais tarde que era isso mesmo, apesar de as palavras "polícia do estado do Maine" estarem escritas de lado em discretas letras minúsculas.

Dois técnicos dirigiram-se para a porta, apresentaram-se, pediram desculpas por terem demorado tanto tempo (uma desculpa que não tinha importância alguma para Thad e Liz, dado que eles nem sequer sabiam que aqueles tipos viriam) e perguntaram a Thad se este tinha algum problema em assinar o impresso que um deles levava numa prancheta. Thad leu-o por alto e viu que o papel lhes dava autorização para instalarem um equipamento de gravação e de localização de chamadas no seu telefone. Contudo, não lhes dava autorização total para utilizarem as transcrições obtidas em qualquer processo de tribunal.

Thad rabiscou a sua assinatura no lugar devido. Tanto Alan Pangborn como um dos técnicos (estupefato, Thad reparou que, num dos lados do cinto, pendia um aparelho de verificação de telefone e, do outro, uma.45) testemunharam a sua assinatura.

— Esta coisa da localização das chamadas funciona mesmo? — perguntou Thad alguns minutos mais tarde, depois de Alan se ter ido embora para a Esquadra da Polícia

Estadual de Orono. Parecia importante dizer alguma coisa; após o documento assinado lhes ter sido devolvido, os técnicos não tinham mais aberto a

boca.

— Sim — respondeu um deles, que pegara no telefone da sala de estar e estava a desenroscar com rapidez o casquilho interior de plástico do auscultador. – Conseguimos localizar uma chamada no seu ponto de origem em qualquer lugar no mundo. Não é como o antigo sistema de localização de chamadas que se vê nos filmes, onde se tem de manter o utente na linha até este ser localizado. Desde que ninguém desligue o telefone deste lado da linha — o técnico sacudiu o telefone, que agora se assemelhava ligeiramente a um andróide destruído por uma pistola de raios num épico de ficção científica — , conseguimos localizar o ponto de origem da chamada. O que, na maior parte das vezes, acaba por ser um telefone de moedas num centro comercial.

— E disseste muito bem — retorquiu o companheiro. Este estava a mexer na ficha do telefone, que retirara da tomada do rodapé. — Os senhores têm um telefone lá em cima?

— Temos dois — respondeu Thad, que começava a sentir-se como se alguém o tivesse empurrado de modo inclemente pela toca de coelho da Alice abaixo. — Um no meu escritório e um outro no quarto.

— Eles estão numa outra linha?

— Não: temos apenas uma linha. Onde é que vão colocar o gravador?

— Provavelmente na cave — respondeu o primeiro de forma absorta. Este encontrava-se a enfiar arames provenientes do telefone num bloco de lucite que se eriçava com bornes de mola e a sua voz era perpassada por um tom de será-que-se-importa-de-nos-deixar-fazer-o-nosso-trabalho.

Thad pôs o braço à volta da cintura de Liz e afastou-a dali, interrogando-se se haveria alguém que conseguisse compreender que nem todos os gravadores e blocos de lucite da alta tecnologia mais avançada do mundo fariam parar George Stark. Stark andava por aí, talvez a descansar, talvez já a caminho.

E se ninguém acreditasse nele, que raio iria fazer quanto a isso? Como é

que era suposto proteger a sua família? Será que havia alguma forma? Thad pensou seriamente em tudo isto e, depois de a reflexão não ter levado a nada, limitou-se a escutar-se a si próprio. Por vezes — nem sempre, mas por vezes — a resposta surgia daquela forma, sempre que não surgia da outra.

No entanto, desta vez não foi isso que aconteceu. E Thad achou graça quando, subitamente, verificou que ele próprio estava terrivelmente excitado. Pensou até em persuadir Liz a irem lá para cima — mas, foi então que se lembrou de que, daqui a nada, os técnicos da Polícia Estadual estariam lá em cima, a quererem fazer mais coisas misteriosas aos seus telefones obsoletos de uma só linha.

“Nem sequer posso ir para a cama”, pensou ele. “Então, que é que fazemos?”

Mas a resposta era bastante simples. Esperavam, era isso que faziam.

Também não tiveram de esperar muito tempo pelo seguinte acepipe horrível: afinal de contas, Stark apanhara Cowley. De alguma forma, conseguira armadilhar a porta, depois de ter emboscado os técnicos que tinham feito a mesma coisa ao telefone de Rick que aqueles homens na sala de estar estavam a fazer ao dos Beaumont. Quando Rick rodou a chave no trinco, a porta limitou-se a explodir.

Foi Alan quem trouxe as notícias. Não percorrera mais de cinco quilômetros estrada abaixo na direção de Orono quando a informação da explosão foi transmitida na rádio.

Regressara, então, de imediato.

— Mas o Alan disse-nos que o Rick estava seguro — afirmou Liz, com a voz e o olhar lânguido. Até mesmo o cabelo parecia ter perdido o brilho. – Praticamente garantiu-nos isso.

— Enganei-me. Lamento muito.

Alan sentiu-se tão chocado quanto Liz Beaumont olhava e soava, mas estava a tentar com todas as suas forças não deixar transparecer nada. Lançou um breve olhar a Thad, que estava a fitá-lo com uma espécie de tranqüilidade no olhar vidrado. Um sorrisinho triste aflorou em redor dos cantos da boca de Thad.

"Ele sabe aquilo em que eu estou a pensar neste preciso momento. " Provavelmente não era verdade, mas, para Alan, era como se fosse verdade. "Bem... talvez não TUDO, mas uma parte. Talvez até mesmo uma boa parte. Até pode ser que esteja a fazer muito mal em esconder-lhe isto, mas não creio que o problema seja esse. Penso que é ele.

— Você supôs uma coisa que acabou por estar errada, é tudo — retorquiu Thad. — Acontece aos melhores. Talvez deva voltar atrás e pensar um pouco mais em George Stark. O que é que acha, Alan?

— Que talvez você possa ter razão — respondeu Alan, afirmando para si próprio que só estava a dizer aquilo para agradar aos dois. Mas o rosto de George Stark, ainda nunca visto exceto através da descrição de Thad Beaumont, começara a espreitar por cima do seu ombro. Apesar de ainda não o conseguir ver, Alan conseguia sentir a sua presença, a olhar.

— Quero falar com esse doutor Hurd...

— Hume — corrigiu Thad. — George Hume.

— Obrigado. Quero falar com ele, por isso vou estar por aqui. Se o FBI acabar por aparecer, gostariam que, mais tarde, desse um salto até cá?

— Não sei o que o Thad pensa sobre isso mas eu gostaria muito — respondeu Liz.

Thad acenou com a cabeça.

Alan disse:

— Lamento muito tudo isto, mas o que ainda lamento mais foi ter-vos prometido que tudo iria correr bem quando, afinal, acabou por assim não acontecer.

— Numa situação como esta, creio que é fácil subestimar-se tudo — disse Thad. — Contei-lhe a verdade, pelo menos a verdade como eu a vejo, por uma simples razão. Se for Stark, penso que uma série de pessoas irão subestimá-lo antes de tudo isto estar acabado.

Alan desviou o olhar de Thad para Liz e desta de novo para Thad. Após um longo espaço de tempo, durante o qual não se ouviu um único som exceto os guardas da proteção policial de Thad a falarem um com o outro à porta de entrada (um outro encontrava-se nas traseiras), Alan acabou por dizer:

— O raio da coisa é que vocês acreditam realmente nisso, não é verdade?

— Eu, pelo menos, acredito — confirmou Thad.

— Eu não — retorquiu Liz, tendo ambos olhado para ela, espantados. — Eu não acredito. Eu sei.

Alan suspirou e enfiou as mãos bem no fundo dos bolsos.

— Há ainda mais uma coisa que eu gostaria de saber — disse ele. — Se isto que vocês dizem for verdade... eu não acredito, não consigo acreditar, presumo que se possa dizer... mas se assim for, que raio de coisa é que este tipo quer? Apenas vingança?

— Nada disso — respondeu Thad. — Ele quer a mesma coisa que eu ou o Alan quereríamos se estivéssemos no lugar dele. Quer deixar de estar morto. É só isso que quer. Quer deixar de estar morto. Eu sou o único que talvez possa conseguir que isso aconteça. E se não conseguir, ou não quiser... bem... ele pode, pelo menos, certificar-se de que não fica sozinho.

DEZESSEIS - GEORGE STARK TELEFONA

Alan saíra para ir falar com o Dr. Hume e os agentes do FBI estavam apenas a concluir o interrogatório — se é que essa é a palavra correta para algo que parecia ser tão peculiarmente cansativo e sem método — quando George Stark telefonou. A chamada chegou menos de cinco minutos depois de os técnicos da polícia estadual (que se chamavam a si próprios "os homens das linhas") se terem finalmente dado por satisfeitos com os acessórios com que haviam equipado os telefones dos Beaumont.

Tinham ficado indignados, mas, aparentemente, não muito surpreendidos, por verificarem que, sob o exterior moderno dos telefones Merlin dos Beaumont, teriam de haver com o antiquado sistema de marcação rotativo da vib X de Ludlow.

— É difícil de acreditar — observou o homem das linhas que se chamava Wes (num tom de voz que sugeria que, na verdade, não era de se esperar mais nada aqui na terra-de-ninguém).

Lentamente, o outro homem das linhas, Dave, dirigia-se para o caminhão de caixa fechada com a intenção de ir buscar os adaptadores apropriados de que pudessem vira necessitar para colocar os telefones dos Beaumont em sintonia, na lei, tal como ela existe nos últimos anos do século XX. Wes revirou os olhos, tendo, de seguida, olhado para Thad, como se este o devesse ter informado logo desde o início de que ainda estava a viver na era pioneira dos telefones.

Qualquer um dos homens das linhas limitou-se a lançar um rápido olhar de relance pelos homens do FBI que tinham voado até Bangor vindos da filial em Boston e, de seguida, atravessado heroicamente de carro a região selvagem infestada de ursos e lobos entre Bangor e Ludlow. Os homens do FBI bem que podiam existir num espectro de luz inteiramente diferente, tão invisível para os homens das linhas da polícia estadual como raios infravermelhos ou raios X.

— Todos os telefones da vila são assim — disse Thad humildemente, ciente de que estava a começar a padecer de uma azia incomodativa. Em

circunstâncias normais, teria ficado de mau humor e de trato difícil. Contudo, nesse dia, apenas se sentia cansado, vulnerável e terrivelmente triste.

Os pensamentos dele acabavam sempre por se virar para o pai de Rick, que vivia em Tucson, e para os pais de Miriam, que viviam em San Luis Obispo. Em que é que o velho Sr. Cowley estaria a pensar naquele exato momento? Em que é que os Penningtons estariam a pensar? Como é que estas pessoas, muitas vezes referidas em conversas mas nunca de fato apresentadas, estariam a enfrentar a situação? Como é que se lidaria, não apenas com a morte de um filho, mas com a morte inesperada de um filho adulto? Como é que se lidaria com o fato simples e irracional do assassinato?

Thad deu-se conta de que estava a pensar nos sobreviventes e não nas vítimas por uma razão muito simples e depressiva: sentia-se responsável por tudo. Porque não? Se não fosse ele o culpado pelo aparecimento de George Stark, quem é que seria? Bobcat Goldthwaite? Alexander Haig? O fato de o antiquado sistema de marcação rotativa que ainda se encontrava em uso nesta região tornar inesperadamente difícil a colocação de escutas nos telefones era mais uma outra coisa da qual se sentia culpado.

— Penso que está tudo, senhor Beaumont — disse um dos homens do FBI, que estivera a rever os seus apontamentos, aparentemente tão esquecido da presença de Wes e de Dave como os dois homens das linhas estavam da sua. De seguida, o agente de nome Malone fechou o bloco de notas com uma pequena sacudidela. O bloco era encadernado a couro, com as iniciais do agente discretamente gravadas a prata no canto inferior esquerdo da capa. O agente vestia um fato cinzento conservador, e o cabelo estava penteado para o lado esquerdo, dividido por uma linha que parecia ter sido feita com uma régua. — Tens mais alguma coisa, Bill?

Bill, também conhecido por agente Prebble, fechou o seu próprio bloco de notas — também encadernado a couro, mas sem iniciais — com uma sacudidela e abanou a cabeça.

— Não. Penso que é tudo. — O agente Prebble vestia um fato castanho conservador.

Também o cabelo deste estava penteado para o lado esquerdo, dividido

por uma linha que parecia ter sido feita com uma régua. — Talvez mais tarde, no decurso da investigação, possamos ter mais algumas questões, mas, para já, temos aquilo de que precisamos. Gostaríamos de agradecer aos dois pela vossa colaboração. – O agente lançou-lhes um sorriso aberto, revelando uns dentes onde tinham sido colocadas coroas ou que eram tão perfeitos que acabavam por ser estranhos. Thad refletiu: "Se fossemos cinco, penso que teria dado a cada um certificado de "HOJE FOI UM DIA DE CARA RISONHA!" para levarmos para casa e mostrarmos à mamã."

— De nada — retorquiu Liz numa voz lenta e distraída, massageando ao de leve a têmpora esquerda com as pontas dos dedos, como se estivesse no início de uma terrível dor de cabeça.

"Provavelmente", pensou Thad, "está mesmo." Olhou depois de relance para o relógio na prateleira da lareira e viu que já passava das duas e meia. Seria esta a tarde mais longa da sua vida? Apesar de não gostar de fazer juízos apressados, era isso que temia.

Liz levantou-se.

— Caso não haja problemas, creio que vou descansar um pouco. Não me sinto lá muito bem.

— Essa é uma boa... — Idéia era, está claro, o que ele pretendia dizer para rematar a conversa, mas, antes que o pudesse fazer, o telefone soou.

Olharam todos para o aparelho, e Thad começou a sentir o pescoço a latejar com força. Uma bolha fresca de ácido, quente e abrasadora, começou a subir lentamente pelo peito acima, parecendo espalhar-se pela parte de trás da garganta.

— Ótimo — disse Wes satisfeito. — Assim não precisamos de mandar ninguém à rua para fazer uma chamada de experiência.

De repente, Thad teve a sensação de que estava envolvido por um manto de ar frio, que o seguiu quando se dirigiu para o telefone, que agora partilhava a

mesa com uma engenhoca que se assemelhava a um tijolo de lucite com luzes cravadas num dos lados.

Uma das luzes acendia sempre que o telefone tocava.

“Onde estão os pássaros? Eu devia estar a ouvir os pássaros.” Mas não havia pássaros alguns; o único som audível era o toque exigente do telefone Merlin.

Wes encontrava-se ajoelhado junto à lareira, a arrumar as ferramentas numa mala preta que, com os seus trincos cromados de tamanho grande, se assemelhava à marmita de um trabalhador. Dave estava encostado à entrada da porta que separava a sala de estar da sala de jantar. Perguntara a Liz se podia comer uma das bananas que se encontravam numa fruteira sobre a mesa, estando agora a descascá-la de modo absorto, interrompendo a operação de tempos a tempos para examinar o seu trabalho com o olhar crítico de um artista que se debate com a sua criação.

— Porque é que não vais buscar o verificador do circuito? — perguntou este último a Wes. — Se for preciso alguma clarificação da linha, podemos fazer isso enquanto aqui estamos. Pode poupar-nos uma segunda viagem.

— Boa idéia — retorquiu Wes, tirando da marmita de tamanho gigante algo semelhante a uma coronha de pistola.

Ambos os homens pareciam estar ligeiramente na expectativa e nada mais. Os agentes Malone e Prebble estavam de pé, a guardar os blocos de notas e a sacudir a ponta aguçada dos vincos das pernas das calças. Na generalidade, confirmavam a primeira opinião de Thad: estes homens assemelhavam-se mais a consultores de impostos da H&R Block do que a agentes especiais com ordem para matar. Malone e Prebble pareciam nem dar pelo telefone a tocar.

Mas Liz dava. Parara de esfregar a têmpora e estava a olhar para Thad com os olhos arregalados e assustados de um animal encurralado. Prebble estava a agradecer-lhe o café e as bolachas, e parecia não estar ciente quer da sua incapacidade de lhe responder quer de o telefone estar a tocar.

“Que é que se passa com esta gente?” Subitamente, Thad teve vontade de gritar.

“Antes de mais nada, por que carga de água é que instalaram todo este equipamento?”

Estava a ser injusto, claro. Porque, de fato, seria uma grande coincidência se a primeira pessoa a telefonar para os Beaumont uns meros cinco minutos depois de a instalação do equipamento de escuta e localização de chamadas estar completa fosse o homem de quem andavam atrás... ou pelo menos era isso que diriam se alguém se tivesse dado ao trabalho de lhes perguntar. As coisas não acontecem dessa forma no mundo maravilhoso da lei tal como esta existe nos últimos anos do século XX, teriam eles dito. Thad, é um outro escritor que lhe está a telefonar para lhe falar sobre uma idéia que acabou de ter quanto a um enredo ou talvez alguém que queira saber se a sua mulher pode dispensar uma chávena de açúcar. Mas o tipo que pensa ser o seu alterego?

Nem pensar, amigo. É muito cedo, era muita sorte.

Só que era Stark. Thad conseguia cheirá-lo. E, ao olhar para Liz, apercebeu-se de que esta também sabia.

Neste momento, Wes estava a olhar para ele, sem dúvida alguma a interrogar-se por que é que Thad não atendia o telefone, agora que já possuía um aparelho de escuta novinho em folha.

“Não te preocupes”, pensou Thad. “Não te preocupes. ele vai esperar. É que ele sabe que nós estamos em casa.”

— Bem, penso que os vamos deixar em paz, senhora Beau... — começou Prebble, tendo Liz respondido numa voz calma mas terrivelmente pesarosa:

— Penso que talvez seja melhor os senhores esperarem, por favor.

Thad atendeu o telefone e gritou:

— Que é que tu queres, seu filho da mãe? Que porra é que queres?

Wes deu um salto. Dave estacou quando se preparava para dar a primeira dentada na banana. A cabeça dos agentes federais viraram-se de imediato. Thad deu por si próprio a desejar com uma intensa angústia que Alan Pangborn ali estivesse em vez de estar a falar com o Dr. Hume lá em Orono. Também Alan não acreditava em Stark, pelo menos por enquanto, mas ao menos ele era humano. Thad supôs que estes outros também pudessem ser humanos, mas tinha sérias dúvidas quanto ao fato de eles saberem ou não que ele e Liz também o eram.

— É ele, é ele! — disse Liz para Prebble.

— Oh, meu Deus — retorquiu Prebble. Ele e o outro agente intrépido da lei trocaram entre si um olhar de perplexidade: "Que porra é que fazemos agora?"

Thad ouviu e viu estas coisas mas estava longe delas. Longe até de Liz. Agora, só existiam ele e Stark. Juntos de novo pela primeira vez, como os antigos anunciantes de vaudeville costumavam dizer.

— Acalma-te, Thad — disse George Stark, que parecia divertido. — Não há necessidade alguma de te irritares assim tanto. — Era a voz que ele esperara.

Os dois homens das linhas conferenciaram entre si por um instante, tendo Dave, de seguida, desatado a correr em direção ao caminhão de caixa fechada e ao telefone auxiliar. Segurava ainda a banana na mão. Wes correu para as escadas da cave para verificar se o gravador ativado por voz estava a funcionar.

Os lacaios intrépidos do FBI ficaram no meio da sala de estar, a entreolharem-se.

Davam a impressão de que desejavam pôr os braços à volta um do outro à guisa de consolo, como bebês perdidos nas matas.

— O que é que tu queres? — repetiu Thad numa voz mais serena.

— Ora, apenas dizer-te que está tudo acabado – replicou Stark. — Apanhei o último ao meio-dia de hoje: aquela rapariguinha que costumava trabalhar na Darwin Press. E para o chefe do departamento de contabilidade? – indagou ele. — Foi ela quem começou por meter aquele rapaz, Clawson, em toda esta história — prosseguiu Stark. — Os polícias vão encontrá-la; ela tem uma casa na Segunda Avenida, no sentido de quem desce para a baixa da cidade. Uma parte dela está espalhada pelo chão; coloquei o resto sobre a mesa da cozinha. — Riu-se. — Tem sido uma semana atarefada, Thad. Tenho andado a saltitar com tanta rapidez como um coxo num concurso de pontapés no rabo. Telefonei apenas para te tranqüilizar.

— Não me parece que haja alguma coisa de tranqüilizante — retorquiu Thad.

— Bem, dá tempo ao tempo, velha carcaça; dá tempo ao tempo. Acho que vou para sul, vou fazer umas quantas pescarias. Esta cidade cansa-me muito. — Stark lançou uma gargalhada, um som tão monstruosamente animado que fez Thad ficar todo arrepiado.

Ele estava a mentir.

Thad estava tão certo disto como de que Stark esperara até o equipamento de escuta e localização de chamadas estar instalado para fazer a chamada. Poderia ele saber uma coisa como essa? A resposta era "sim". Apesar de Stark estar a telefonar de um local qualquer da cidade de Nova Iorque, os dois estavam unidos entre si pelo mesmo laço invisível mas inegável que, normalmente, liga um par de gêmeos. Eles eram gêmeos, metades do mesmo todo, e Thad estava aterrorizado ao ver que uma parte de si estava a deixar o seu corpo, a deixar-se levar através da linha telefônica, não todo o caminho até Nova Iorque, não, mas até metade; encontrar o monstro no centro deste umbigo, possivelmente no Massachussetts Ocidental, onde os dois se encontrariam e se fundiriam de novo, da mesma forma que, de algum modo, se tinham encontrado e fundido sempre que Thad colocara a capa sobre a máquina de escrever e preferido um daqueles malditos lápis Berol Black Beauty.

— Seu cabrão mentiroso! — gritou Thad.

Os agentes do FBI saltaram como se tivessem sido enrabados.

— Olha, Thad, isso não é lá muito simpático! – replicou Stark, parecendo magoado. — Pensavas que eu te ia fazer mal? Raios, não! Filho, eu estava a vingar-me por ti! Sempre soube que tinha de ser eu a fazer isso. Sei que és um grande medroso, mas não penses que fico ressentido; são preciso todo o gênero de pessoas para fazer girar um mundo tão atarefado como o nosso. Porque raio é que me daria ao trabalho de me vingar por ti se, depois, ia arranjar as coisas para tu não poderes apreciá-las?

Os dedos de Thad tinham-se aproximado da pequena cicatriz branca na testa, esfregando-a com força suficiente para ficar com a pele avermelhada. Thad deu por si a tentar — a tentar desesperadamente — agarrar-se a si mesmo. Agarrar-se à própria realidade básica.

"Ele está a mentir e eu sei porquê, e ele sabe disso, sabe que não importa porque ninguém vai acreditar em mim. Sabe como tudo isto parece estranho para eles, e sabe que eles estão a ouvir e aquilo em que eles pensam... mas também sabe como eles pensam, e isso fá-lo sentir seguro. Acreditam que ele é um psicopata que pensa que é George Stark, porque é isso que é suposto eles pensarem. Pensar de outra forma seria ir contra tudo o que aprenderam, contra tudo aquilo que são. Nem todas as impressões digitais no mundo mudarão isso. Ele sabe que se der a entender que não é George Stark, que se der a entender que finalmente descortinou isso, eles ficarão mais descansados. Não irão retirar a proteção policial... mas ele pode apressá-los."

— Sabes de quem partiu a idéia de te enterrar. Partiu de mim.

— Não, não! — disse Stark facilmente. — Estás enganado, é tudo. Quando aquele nojento do Clawson apareceu, ele deitou-te abaixo por uma insignificância: foi isso que aconteceu. Depois, falaste com aquele macaco amestrado que se auto-intitulava teu agente literário, e ele deu-te um conselho realmente mau. Thad, foi como se alguém tivesse feito uma grande porcaria na mesa da tua sala de jantar e tu tivesses telefonado para uma pessoa em quem confiavas para lhe perguntares o que havias de fazer, e essa pessoa te tivesse dito: "Não há problema nenhum; despeja um pouco de molho de porco sobre aquilo. Merda com molho de porco sabe muito bem numa noite fria." Nunca terias feito aquilo que fizeste por ti próprio. Tenho a certeza disso. velha carcaça.

— Isso é uma maldita mentira e tu sabes!

E, subitamente, Thad apercebeu-se de quão perfeito isto era, e de quão bem Stark entendia as pessoas com quem lidava. "Ele vai sair-se com essa muito em breve. Ele vai sair-se com essa e dizer que não é George Stark. E eles vão acreditar quando ele fizer isso. Vão ouvir a gravação que está a ser feita na cave neste preciso momento, e vão acreditar no que ele disser, Alan e todos os outros. Porque isso não é apenas aquilo em que querem acreditar, é aquilo em que já acreditam."

— Não sei do que é que estás a falar — retorquiu Stark muito calmo, quase amistoso. — Não te vou incomodar mais, Thad, mas, antes de ir, permite-me que te dê mais um pequeno conselho, que talvez te possa ser útil: não te ponhas a pensar que sou George Stark. Esse foi o erro que eu cometi. Tive de ir matar uma data de gente apenas para pôr a minha cabeça de novo no lugar.

Thad ouviu isto, completamente fulminado. Havia coisas que era suposto ele estar a dizer. No entanto, Thad parecia não conseguir ultrapassar aquele sentimento esquisito de separação do próprio corpo e este outro sentimento de perplexidade perante o desplante puro e perfeito deste homem.

Pensou na conversa inútil que mantivera com Alan Pangborn, e interrogou-se de novo sobre quem seria ele quando inventara Stark, que começara apenas por ser uma outra história. Onde se situava exatamente a linha da crença? Será que ele criara aquele monstro por, de algum modo, ter perdido aquela linha ou será que existia um outro fator qualquer, um fator X que não conseguia ver mas apenas ouvir nos chilreios daqueles pássaros fantasmas?

— Não sei — estava a dizer Stark com uma gargalhada fácil — , talvez, na verdade, seja tão maluco como eles costumavam dizer quando estava naquele sítio.

"Oh, ótimo, isso é ótimo, leva-o a procurar nos asilos de loucos do sul por um homem alto, de ombros largos e cabelo louro. Apesar de não os afastar a todos, já é um bom começo, não é?"

Thad segurou no telefone com mais firmeza, com a cabeça agora a

pulsar com uma raiva doentia.

— Mas não estou nada arrependido de o ter feito porque eu realmente adorava aqueles livros, Thad. Quando eu estava... lá... naquele sítio de loucos... penso que eram as únicas coisas que me mantinham são. E sabes que mais? Agora sinto-me muito melhor.

Tenho a certeza de quem sou, e isso já é alguma coisa. Penso que se pode chamar àquilo que fiz uma terapia, mas não me parece que tenha muito futuro, pois não?

— Raios te partam, pára de mentir! — berrou Thad.

— Até que podíamos falar sobre isso – retorquiu Stark. — Podíamos falar sobre isso enquanto íamos ao Inferno e voltávamos, mas iria demorar um bocado. Aposto que eles te disseram para me manteres na linha, não foi?

— "Não. Eles não precisam de ti na linha. E tu também sabes isso."

— Dá cumprimentos meus à tua encantadora mulher — prosseguiu Stark num tom que quase soou a reverência. – Toma conta dos teus bebês. E tu tem cuidado contigo, Thad.

Não te vou incomodar mais. É...

— E os pássaros? — perguntou Thad subitamente. – Ouves os pássaros, George?

Seguiu-se um silêncio inesperado na linha. Thad pareceu sentir um toque de surpresa nesse silêncio... como se, pela primeira vez no decurso da conversa, algo não estivesse a correr de acordo com o guião cuidadosamente preparado por George Stark. Ele não sabia exatamente porquê, mas era como se os seus terminais nervosos possuíssem um certo entendimento misterioso que o resto dele não possuía. Thad sentiu um instante de triunfo impetuoso: o gênero de triunfo que um pugilista amador deve sentir ao furar a guarda de Mike Tyson e, por momentos, deixá-lo perplexo enquanto é esmurrado.

— George: ouves os pássaros?

O tique-taque do relógio sobre a prateleira da lareira constituía o único som audível na sala. Liz e os agentes do FBI olhavam fixamente para ele.

— Não sei de que é que estás a falar, velha carcaça — retorquiu Stark lentamente. — Será que tu...

— Não — afirmou Thad, rindo-se desvairadamente. Os dedos continuavam a esfregar a pequena cicatriz branca na testa, cuja forma se assemelhava ligeiramente a um ponto de interrogação. — Não, tu não sabes de que é que eu estou a falar, pois não? Bem, agora vais ouvir-me por um minuto, George. Eu ouço os pássaros. Ainda não sei o que é que eles significam... mas hei-de lá chegar. E quando souber...

E foi aí que as palavras pararam de sair. Quando soubesse, o que é que aconteceria?

Thad não sabia.

Lentamente e com grande ponderação e ênfase, a voz do outro lado da linha afirmou:

— Thad, não estou interessado em saber em que é que estás a falar. Porque isto já acabou.

Ouviu-se um estalido. Stark fora-se. Thad sentiu-se como se estivesse a ser puxado através da linha do telefone a partir daquele ponto de encontro mítico no Massachussetts Ocidental, puxado não à velocidade do som ou da luz mas à do pensamento, e atirado de novo com força para trás, para o seu próprio corpo, Stark nu de novo. “Meu Deus.”

Thad largou o telefone, tendo este ido cair de lado sobre o gancho. Virou-se, caminhando sobre pernas que davam a sensação de serem andas, não se dando ao trabalho de pôr o telefone no devido lugar.

Dave entrou a correr na sala vindo de um lado e Wes de outro.

— Funcionou às mil maravilhas! — gritou Wes. Os agentes do FBI deram mais um salto. Malone lançou um gritinho, muito parecido com aquele geralmente atribuído às mulheres nas bandas desenhadas quando acabam de ver um rato. Thad tentou imaginar como é que estes dois se sairiam num confronto com um bando de terroristas ou assaltantes de banco dispostos a matar, mas não conseguiu. “Talvez esteja apenas demasiado cansado”, pensou.

Os dois homens das linhas deram um passinho de dança desajeitado, dando palmadinhas nas costas um do outro. De seguida, precipitaram-se os dois para a carrinha do equipamento.

— Era ele — disse Thad a Liz. — Ele disse que não era, mas era ele. Ele.

Liz aproximou-se do marido, tendo-o abraçado com força, e ele precisava disso — só quando ela assim o fez é que Thad se apercebeu do quanto precisava desse abraço.

— Eu sei — sussurrou ela ao ouvido de Thad, que mergulhou o rosto no cabelo dela e fechou os olhos.

A gritaria acordara os gêmeos; estavam ambos a chorar a plenos pulmões no andar de cima. Liz foi ter com eles. Thad começou a segui-la, mas voltou atrás para colocar o auscultador no lugar sobre o gancho. Este voltou a tocar. Alan Pangborn estava do outro lado da linha. Fizera uma paragem na Central da Polícia Estadual de Orono para tomar um café antes do encontro com o Dr. Hume, e estava aí quando Dave, o homem das linhas, enviara por rádio a novidade da chamada e dos resultados preliminares da sua localização. Alan parecia estar muito animado.

— Ainda não localizamos a chamada por completo mas sabemos que veio da cidade de Nova Iorque, código de área duzentos e doze — disse ele. — Mais cinco minutos e conseguimos a localização correta.

— Era ele — repetiu Thad. — Era Stark. Afirmou que não era, mas era ele. Alguém tem de ir ver o que se passa com a rapariga que ele mencionou. O nome é provavelmente Darla Gates.

— A cabra de Vassar com os maus hábitos nasais?

— Exato — respondeu Thad, embora duvidasse que Darla tivesse de se voltar a preocupar com o nariz dela, de uma forma ou de outra. Thad sentiu-se imensamente cansado.

— Vou passar o nome para o DPNI. Como é que se sente, Thad?

— Estou bem.

— E Liz?

— Ponha de parte as boas maneiras por agora, está bem? Ouviu aquilo que eu disse?

Era ele. Não importa o que ele disse, era ele.

— Bem... porque é que não esperamos e vemos o que resulta da localização?

Havia algo na voz dele que Thad nunca escutara até então. Não o gênero de incredulidade cautelosa que evidenciara quando se dera conta, pela primeira vez, de que os Beaumont estavam a falar sobre George Stark como alguém que existia realmente, mas uma espécie de constrangimento. Thad teria evitado com a maior das alegrias ter-se apercebido deste fato mas era demasiado claro na voz do xerife. Constrangimento, e de um tipo muito especial – o gênero que se sentia por alguém demasiado perturbado ou estúpido ou talvez demasiado insensato para sentir isso por si próprio. Thad sentiu uma pontada de graça amarga ao pensar nesta idéia.

— Muito bem, vamos esperar e ver — concordou Thad.

— E enquanto aguardamos e vemos, espero que se apresse. — Pangborn começou a falar sobre ter de fazer uma outra chamada antes de se ir embora, mas, subitamente, Thad deixou de se interessar. O cido estava de novo a infiltrar-se pelo estômago acima e, desta vez, era um vulcão.

"George matreiro", pensou ele. "Eles pensam que vêem através dele. Ele quer que eles pensem assim. Ele está a vê-los a olhar através dele e, quando se forem embora, quando estiverem suficientemente longe, o velho George matreiro vai chegar no Toronado preto. E que vou eu fazer para travá-lo?" Thad não sabia.

Desligou o telefone, cortando o fio de voz de Alan Pangborn, e foi até ao andar de cima ajudar Liz a mudar os gêmeos e a vesti-los para a tarde.

E não parou de pensar no modo como se sentira, como se sentira ser, de alguma forma, encurralado numa linha telefônica que atravessa por debaixo da terra a região rural do Massachussets Ocidental, encurralado aqui em baixo no escuro com o velho George Stark matreiro. Thad sentira-se como se estivesse em Endsville.

Dez minutos mais tarde, o telefone tocou de novo. Deixou de tocar a meio do segundo toque, tendo Wes, o homem das linhas, chamado Thad ao telefone. Este desceu as escadas para atender a chamada.

— Onde estão os agentes do FBI? — perguntou a Wes.

Por um instante, Thad esperou realmente que Wes dissesse "Agentes do FBI? Não vi quaisquer agentes do FBI."

— Eles? Saíram. — Wes encolheu os ombros com força, como que a perguntar a Thad se era de esperar outra coisa.

— Têm todos aqueles computadores, e se não brincam com eles, aposto que as pessoas se interrogam porque é que os computadores estão tanto tempo

desligados.

Ainda lhes faziam um corte no orçamento, ou coisa parecida.

— Eles fazem alguma coisa?

— Nadinha — replicou Wes simplesmente. — Não em casos como estes. Ou se fazem, nunca estive por perto quando o fizeram. Lá que escrevem coisas, disso não há dúvida.

Depois, põem-nas dentro de um computador num lugar qualquer. E como lhe digo.

— Compreendo.

— Eu e o Dave também nos vamos embora – informou Wes olhando para o relógio. — O equipamento funciona sozinho. O senhor nem sequer vai receber a conta.

— Ótimo — disse Thad, dirigindo-se para o telefone. — E obrigado.

— Sempre às ordens, senhor Beaumont.

Thad virou-se.

— Se quisesse ler um dos seus livros, acha que me safaria melhor com um dos que escreveu com o seu nome ou com um dos outros com o nome do outro tipo?

— Tente o outro tipo — retorquiu Thad, pegando no telefone. — Tem mais ação.

Wes acenou a cabeça, esboçou um cumprimento e saiu.

— Está lá? — disse Thad, com a impressão de que, em breve, deveria enxertar um telefone num dos lados da cabeça. Pouparia tempo e complicação. Com equipamento de gravação e localização de chamadas incorporado, está claro. E poderia andar com ele por aí numa mochila.

— Olá, Thad. Alan. Ainda estou na Esquadra da Polícia Estadual. Ouça: as notícias sobre a localização da chamada não são tão boas quanto isso. O seu amigo fez a chamada de uma cabina telefônica na Estação Penn.

Thad recordou-se daquilo que o outro homem das linhas, Dave, dissera quanto a instalar todo aquele dispendioso equipamento de alta tecnologia para localizar uma chamada numa cabina telefônica num centro comercial algures por aí.

— Está surpreendido?

— Não. Desapontado, mas não surpreendido. Continuamos à espera de um deslize e, quer acredite quer não, mais cedo ou mais tarde, geralmente conseguimos um. Gostaria de passar por aí esta noite, está bem?

— Tudo bem — anuiu Thad — , porque não? Se as coisas ficarem monótonas, podemos sempre jogar bridge.

— Esperamos conseguir ter as impressões vocais prontas.

— Então, arranjam a impressão da voz dele, e depois?

— Não é impressão. Impressões.

— Eu não...

— Uma impressão vocal é um gráfico gerado por computador que registra com toda a exatidão as qualidades vocais de uma pessoa — explicou Pangborn. — Não tem nada a ver com a fala propriamente dita: não estamos interessados nas pronúncias, deficiências da fala, dicção e esse gênero de coisas.

O computador sintetiza, sim, o registro e o tom, aquilo a que os peritos chamam voz principal, e o timbre e a ressonância, que são conhecidos como voz do peito ou da traquéia. São impressões digitais verbais e, tal como estas, ainda nunca ninguém descobriu duas que fossem exatamente iguais.

Disseram-me que a diferença entre impressões vocais de gêmeos idênticos é muito maior do que a diferença entre as impressões digitais. — Fez uma pausa. — Enviamos para o GFCL, em Washington, uma cópia de alta resolução da gravação que fizemos. O que vamos conseguir é uma comparação entre a sua impressão vocal e a dele. Os tipos aqui da Central da Polícia tiveram vontade de me dizer que eu não estava bom da cabeça.

Conseguia ler nos rostos deles, mas, depois das impressões digitais e do seu álibi, ninguém teve a lata de aparecer e dizer o que quer que fosse.

Thad abriu a boca, tentou falar, mas não conseguiu. Molhou os lábios, tentou de novo, mas continuou sem conseguir.

— Thad? Não me vai desligar o telefone de novo, pois não?

— Não — retorquiu ele e, subitamente, teve a sensação de que existia um grilo no meio das cordas vocais. – Muito obrigado, Alan.

— Não, não diga isso. Eu sei porque é que me está a agradecer mas não pretendo enganá-lo. Tudo aquilo que estou a tentar fazer não passa do procedimento de investigação habitual. Neste caso, o procedimento é, sem dúvida, um pouco esquisito porque as circunstâncias são também algo insólitas. Mas isso não significa que você faça suposições injustificadas. Está a perceber-me?

— Sim. O que é o GFCL?

— O G...? Oh. O Gabinete Federal de Cumprimento da Lei. Talvez a única coisa boa que o Nixon fez durante todo o maldito tempo em que esteve na Casa Branca. é majoritariamente constituído por bancos de computador que funcionam como uma espécie de câmara de compensação central para os

gabinetes locais de cumprimento da lei... e para os programadores que os põem a funcionar, está claro. Temos acesso às impressões digitais de praticamente todas as pessoas na América condenadas por um delito grave desde aproximadamente mil novecentos e sessenta e nove. O gabinete fornece igualmente relatórios balísticos para comparação, os tipos de sangue dos criminosos quando disponíveis, impressões vocais, e fotografias de criminosos suspeitos criadas por computador.

— Portanto, vão ver se a minha voz e a dele...?

— Sim. Devemos ter os resultados por volta das sete ou, o mais tardar, às oito, se os computadores por aqui estiverem todos a funcionar.

Thad estava a abanar a cabeça.

— Não tínhamos a voz nada parecida.

— Eu ouvi a gravação e estou ciente disso — disse Pangborn. — Vou repetir: a impressão vocal não tem nada a ver com a fala. Voz da cabeça e voz da traquéia, Thad. é disso que se trata e há uma grande diferença.

— Mas...

— Diga-me cá uma coisa. O Elmer Fudd e Daffy Duck soam de igual modo para si?

Thad pestanejou.

— Bem... não.

— Para mim também não — retorquiu Pangborn — , mas é um tipo chamado Mel Blanc que faz as duas vozes... já para não falar nas vozes do Bugs Bunny, do Tweetie e Deus sabe quantos outros mais. Tenho de ir andando. Vejo-o logo à noite, está bem?

— Sim.

— Entre as sete e meia e as nove, certo?

— Estaremos à sua espera, Alan.

— Muito bem. Qualquer que seja o desenvolvimento desta história, amanhã tenho de estar de volta a Castle Rock e lá terei de ficar, salvo no caso de algum acontecimento inesperado.

— Depois de ensinada, a criança tem de andar por si só! não é? — perguntou Thad, tendo pensado: "Afinal de contas, é com isso que ele está a contar."

— Sim: tenho muitos outros peixes para fritar. Nenhum tão grande como este, mas as pessoas do município de Castle pagam o meu salário para os apanhar. Sabe o que é que isso significa? — Para Thad, esta pareceu ser uma pergunta importante e não apenas um tapa-buracos ao longo da conversa.

— Sim, sei. – "Ambos sabemos. Eu... e o George matreiro....

— Tenho de voltar mas continuar a ver um carro-patrulha da polícia estadual parado à frente da sua casa vinte e quatro horas por dia até estar tudo acabado. Thad, esses tipos são duros. E, apesar de os polícias em Nova Iorque terem baixado um pouco as defesas, os Ursos que vão tomar conta de vocês não farão isso. Ninguém vai esquecê-lo, ou deixá-lo a si e à sua família sozinhos a lidar com este problema. As pessoas vão trabalhar neste caso e, enquanto o estiverem a fazer, outras pessoas ficarão a tomar conta de si e dos seus. Não tem dúvidas acerca disto, pois não?

— Não. Não tenho dúvidas. — E pensou: "Hoje. Amanhã. Na próxima semana. Talvez no próximo mês. Mas, e no próximo ano? Nem pensar. Eu sei isso. E ele também sabe isso. Neste preciso momento, eles ainda não acreditam totalmente naquilo que Stark disse quanto a ter voltado à razão e a ter deixado tudo para trás. Mais tarde, vão acreditar... À medida que as semanas passarem e nada acontecer, tornar-se-á mais do que prudente para eles acreditarem nisso;

tornar-se-á também mais econômico. Porque eu e o George sabemos como o mundo gira à volta do Sol na sua trilha habitual, tal como sabemos que, mal toda a gente fique ocupada a fritar outros peixes, George irá aparecer e fritar-me-á a mim".

Quinze minutos mais tarde, Alan encontrava-se ainda na Esquadra da Polícia Estadual de Orono, ainda ao telefone, e ainda à espera. Ouviu-se um estalido na linha.

Uma mulher jovem dirigiu-se-lhe num tom ligeiramente atrapalhado.

— Importa-se de esperar um bocadinho mais, chefe Pangborn?

Sabe, o computador está num dos seus dias, lentos.

Alan pensou em dizer-lhe que era xerife e não chefe, mas não se quis dar ao trabalho.

Era um erro que toda a gente cometia.

— Claro — respondeu ele.

Clique.

Alan regressou à fase da espera, aquela versão do limbo do fim do século XX.

Estava sentado num gabinetezinho apertado bem nas traseiras da esquadra; um bocadinho mais afastado ainda e teria de ir tratar dos seus assuntos no meio do matagal.

A sala estava repleta de dossiers poeirentos. A única secretária existente

era uma carteira de escola do tempo da guerra, com a superfície inclinada, uma tampa articulada e um tinteiro. Alan equilibrou-a sobre os joelhos, balançando-a indolentemente para trás e para a frente dessa maneira. Ao mesmo tempo, rodava a folha de papel sobre a carteira. Escrito no papel pela pequena e bem proporcionada mão de Alan, estavam duas informações: “Hugh Pritchard” e “Hospital do Município de Bergenfield, Bergenfield, New Jersey.”

Alan pensou na última conversa que mantivera com Thad, há meia hora atrás.

Aquela em que lhe explicara como os corajosos agentes estaduais o iriam proteger a ele e à esposa do velho psicopata mau que pensava ser George Stark, se o velho psicopata mau chegasse a aparecer. Alan perguntou-se a si próprio se Thad acreditara nisso. Tinha lá as suas dúvidas; estava convencido que um homem que escrevia ficção como ganhapão tinha um faro especial para os contos de fadas. Bem, eles tentariam proteger Thad e Liz; pelo menos isso. Mas Alan não conseguia tirar da lembrança algo que acontecera em Bangor, em 1985.

Uma mulher pedira e recebera proteção policial após o marido, de quem se encontrava separada, a ter espancado com bastante gravidade e ameaçado voltar de novo para matá-la, caso ela fosse para a frente com os papéis do divórcio. Durante duas semanas, o homem nada fizera. O Departamento de Polícia de Bangor estava prestes a retirar a proteção quando o marido apareceu, a guiar uma carrinha de lavandaria e vestido com um uniforme verde com o nome da lavandaria estampado nas costas da camisa. Dirigira-se à porta, carregando um monte de roupa lavada. Se tivesse vindo mais cedo, quando a ordem de proteção estava ainda fresca, talvez a polícia tivesse reconhecido o homem, mesmo nessa roupa de trabalho, embora isso não fosse discutível; o fato é que não o reconheceram quando ele realmente apareceu. Bateu à porta e, quando a mulher a abriu, o marido tirou uma pistola de dentro do bolso das calças e matou-a a tiro. Antes que os polícias incumbidos de a protegerem se tivessem dado totalmente conta do que acontecera, já para não falar em saírem do carro, o homem já se encontrava no alpendre com as mãos levantadas. Lançara a pistola fumegante para os arbustos de rosas.

— Não atirem — dissera ele com toda a calma. – Já acabei.

Acabou por se descobrir que a carrinha e o uniforme tinham sido emprestadas por um velho compincha de bebida, que nem sequer sabia que o criminoso estava em litígio com a mulher.

O ponto da questão era simples: se alguém queria desesperadamente matar uma outra pessoa, e se esse alguém tivesse apenas um pouquinho de sorte, conseguiria apanhá-la sem problemas de maior. Bastava pensar em Oswald; e em Chapman; bastava pensar naquilo que este Stark fizera a todas aquelas pessoas em Nova Iorque.

Clique.

— Ainda está aí, chefe? — perguntou de modo animado a voz feminina do Hospital do Município de Bergenfield.

— Sim — respondeu ele. — Ainda aqui.

— Tenho a informação que me pediu — retorquiu ela. – O doutor Hugh Pritchard reformou-se em mil novecentos e setenta e oito. Tenho uma morada e um telefone dele na cidade de Fort Laramie, Wyoming.

— Importa-se de mos dar?

Ela deu-os. Alan agradeceu-lhe, desligou o telefone e marcou o número. O telefone lançou meio toque, sendo imediatamente interrompido por um gravador de chamadas que começou a recitar para o ouvido de Alan a mensagem gravada.

— Olá, daqui Hugh Pritchard — disse uma voz aborrecida. “Bem”, pensou Alan, “pelo menos o tipo ainda não bateu as botas: isso já é um passo na direção certa.” – Eu e a Helga não nos encontramos neste momento em casa. Provavelmente estou a jogar golfe; Deus sabe o que é que a Helga andar a fazer. — Ouviu-se uma gargalhada débil, típica dos mais velhos. — Se quiser deixar alguma mensagem, por favor espere até ao sinal sonoro. Tem cerca de trinta segundos.

Bii-iEp!

— Doutor Pritchard, daqui fala o xerife Alan Pangborn — disse ele. — Trabalho para a Polícia do Maine. Gostaria de falar com o senhor sobre um homem chamado Thad Beaumont. Em mil novecentos e sessenta, o senhor extraiu-lhe um tumor do cérebro, quando ele tinha onze anos. Por favor, telefone-me a pagar no destinatário para a Esquadra da Polícia Estadual de Orono número dois, zero, sete, cinco, cinco, cinco, dois, um, dois, um. Muito obrigado.

Pangborn terminou a mensagem a transpirar ligeiramente. Falar para atendedores de chamadas sempre o fizera sentir como um concorrente no concurso Derrote o Relógio.

"Porque é que te estás a dar a todo este trabalho?"

A resposta que dera a Thad era simples: era o procedimento habitual. Contudo, o próprio Alan não podia estar satisfeito com uma resposta tão oportuna porque ele sabia que não se tratava de procedimento habitual. Até poderia ser — pelo menos concebível — se este Pritchard tivesse procedido a uma intervenção cirúrgica no homem que se chamava a si próprio Stark ("só que agora que ele diz que sabe quem ele realmente é, já não é mais Stark"), mas não tinha. Havia, sim, realizado uma intervenção cirúrgica em Beaumont e, de qualquer forma, isso ocorrera há vinte e oito anos. Então, porquê?

Porque nada disto batia certo, essa é que era a razão. As impressões digitais não batiam certo, o tipo de sangue obtido a partir das beatas dos cigarros não batia certo, a combinação de esperteza e fúria homicida patenteada pelo homem que procuravam não batia certa, a insistência de Thad e Liz em que o pseudônimo existia de verdade não batia certo. Este último ponto acima de tudo. Esta insistência dos dois não passava de um atestado de loucura de um casal de malucos. E agora ele tinha em sua posse mais uma outra coisa que também não batia certo. A polícia estadual aceitara sem qualquer sentimento de dúvida a afirmação do homem de que agora já estaria ciente de quem era na verdade. Para Alan, tudo isto tinha a autenticidade de uma nota de três dólares.

Cheirava a truque, estratagema, subterfúgio.

Alan pensou que o homem talvez ainda estivesse para aparecer.

"Mas nada disso responde à pergunta", sussurrou a mente dele. "Porque é que te estás a dar a todo este trabalho? Porque é que estás a telefonar para Fort Laramie, no Wyoming, à procura de um velho médico que provavelmente nem sequer se lembra de Thad Beaumont?" – "Porque não tenho nada de melhor para fazer", respondeu a si próprio de forma irritada. "Porque posso telefonar daqui sem ter de ouvir os malditos membros do conselho municipal a atazanar a minha cabeça por causa das tarifas das chamadas interurbanas. E porque ELES acreditam — Thad e Liz. é certamente de loucos, mas, se não fosse por esse pormenor, eles até parecem ser bastante sãos... e, raios os partam, ELES acreditam. Mas isso não significa que eu acredite."

E não acreditava.

Ou será que acreditava?

O dia passou-se lentamente. O Dr. Pritchard não telefonou, mas as impressões vocais surgiram pouco passava das oito, e eram absolutamente surpreendentes.

Não eram nada daquilo que Thad esperara.

Ele estava à espera de uma folha de papel para gráficos, coberta por montanhas e vales pontiagudos que Alan tentaria explicar. Ele e Liz acenariam a cabeça de forma sensata, tal como as pessoas fazem quando alguém explica algo demasiado complexo para ser entendido, sabendo que se fizessem perguntas, as explicações que se seguiriam seriam ainda menos compreensíveis.

Em vez disso, Alan mostrou-lhes duas folhas lisas de papel branco, cada uma atravessada ao meio por uma única linha. Podiam ver-se alguns grupos de pontos altos, sempre em pares ou trios, mas, na sua maioria, as linhas não passavam de calmas ondas senoidais (ainda que bastante irregulares). E bastava saltar de uma folha para a outra a olho nu para ver que eram idênticas ou muito

semelhantes.

— É só isto? — perguntou Liz.

— Não propriamente — respondeu Alan. — Repare. — Pangborn deslizou uma folha sobre a outra, com o ar de um mágico a desempenhar um truque excepcionalmente brilhante. De seguida, levantou as duas folhas unidas e colocou-as à contraluz. Thad e Liz fitaram as folhas duplas.

— É verdade — retorquiu Liz numa voz amena e espantada. – São exatamente iguais.

— Bem... não exatamente — afirmou Alan, apontando para os três pontos onde a linha de impressão vocal da folha de baixo surgia através de um pequeníssimo intervalo. Um destes pontos situava-se acima da linha da folha de cima e os outros dois abaixo. Nos três casos, os pontos situavam-se em locais onde a linha adquiria uma forma pontiaguda. As próprias ondas senoidais pareciam condizer na totalidade. — As diferenças estão nas impressões de Thad, e surgem apenas em pontos de tensão. — Alan assinalou os pontos um a um. — Aqui: "Que é que tu queres, seu filho da mãe? Que porra é que queres?". E aqui: "Isso é uma maldita mentira e tu sabes!" E, por último, aqui: "Raios te partam, pára de mentir!" Neste preciso momento, está toda a gente a concentrar-se nestas três diferenças mínimas porque se querem agarrar de unhas e dentes ao pressuposto de que não é possível existirem duas impressões vocais iguais.

Mas o fato é que não se verificaram quaisquer pontos de tensão por parte de Stark durante a conversa. O filho da mãe manteve-se descontraído e calmo, sempre regular.

— Sim — confirmou Thad. — Ele dava a impressão de que estava a beber uma limonada.

Alan pousou as impressões vocais numa mesa.

— Ninguém na Esquadra da Polícia Estadual acredita realmente que se tratam de duas impressões vocais diferentes, mesmo com as tais diferenças

mínimas – disse ele. — Recebemos as impressões de Washington com bastante celeridade. A razão por que me atrasei tanto foi porque, depois de o perito em Augusta as ter visto, ele quis uma cópia da cassete. Enviamo-la através de um vôo intercalar da Eastern Airlines com partida de Bangor, e eles submeteram as impressões a um aparelho chamado intensificador áudio.

Este dispositivo é utilizado para saber se alguém chegou verdadeiramente a proferir as palavras que estão a ser investigadas ou se estão a ouvir uma voz gravada.

— E ao vivo ou é Memorex? — inquiriu Thad, que se encontrava sentado ao lado da lareira, a beber uma gasosa.

Depois de ter observado as impressões vocais, Liz voltara para junto do parque, encontrando-se sentada no chão, com as pernas cruzadas, a tentar evitar que William e Wendy chocassem com as cabeças enquanto examinavam os dedinhos dos pés um do outro.

— Porque fizeram isso?

Alan levantou o polegar e apontou-o para Thad, que sorria de forma amarga.

— O seu marido sabe.

Thad perguntou a Alan:

— Com as diferenças minúsculas nos pontos altos, eles podem, pelo menos, enganarse a eles próprios e tentar acreditar que estão em presença de duas vozes diferentes, embora tenham mais do que a certeza de que não é assim. Era isso que queria dizer, não era?

— Sim, sim. Embora nunca tenha sequer ouvido falar de impressões vocais tão remotamente semelhantes como estas. — Alan encolheu os ombros. — Também é certo que a minha experiência neste campo não é tão grande como a dos tipos no GFCL que as estudam e fazem delas o seu ganha-pão, ou até

mesmo dos tipos em Augusta, que são uma espécie de clínicos-gerais: impressões vocais, impressões digitais, pegadas, marcas de pneus. Mas, Thad, eu leio a literatura e estava lá quando os resultados chegaram.

Sim, é verdade que se estão a enganar a eles próprios mas não se estão a esforçar assim tanto quanto isso.

— Portanto, têm três diferençazinhas, mas estas não são suficientes. O problema é que a minha voz estava tensa e a de Stark não estava. Então, decidiram recorrer a esta coisa do intensificador na esperança de encontrarem alguma fraude. Na esperança, de fato, de que a voz de Stark acabasse por ser uma gravação. Talvez feita por mim. – Thad lançou um olhar malicioso a Alan. — Tenho direito ao frango guisado?

— Não só isso mas vai também ganhar um conjunto de copos para seis pessoas mais uma viagem com tudo pago para Kittery.

— Isso é a coisa mais louca que já ouvi em toda a minha vida — disse Liz categoricamente.

Sem muita animação, Thad lançou uma gargalhada:

— Tudo isto é de loucos. Eles pensaram que eu pudesse ter mudado a minha voz, como Rich Little... ou Mel Blanc.

A idéia é de que fiz uma gravação com a minha voz de George Stark, deixando espaço para pausas para poder responder, em frente de testemunhas, na minha própria voz. É óbvio que teria de ter comprado um dispositivo qualquer que desse para fixar um gravador de cassetes a um telefone de moedas. Esse tipo de coisas existe, não existe, Alan?

— De certeza. Disponíveis nas melhores lojas de produtos eletrônicos, ou então basta ligar para o oitocentos que aparece no ecrã, onde uma assistente o atender .

— Exatamente. A única outra coisa de que precisaria seria um cúmplice:

alguém em quem confiasse e que fosse até à Estação Penn, fixasse o gravador a um telefone certificando-se de que não era notado por ninguém e ligasse para minha casa na hora marcada. De seguida Thad estacou. — Como é que a chamada foi paga? Esqueci-me completamente disso. Não foi paga no destinatário.

— O número do seu cartão de crédito telefônico foi utilizado — respondeu Alan. — é óbvio que o deu ao seu cúmplice.

— Sim, obviamente. Desde que esta brincadeira começou, só tive de fazer duas coisas: uma foi certificar-me de que era eu quem atendia ao telefone; a outra era não esquecer-me das deixas e enfiá-las nas pausas corretas. Não diria que fiz tudo muito bem, Alan?

— Sim. Fantástico.

— O meu cúmplice desliga o telefone quando o guião assim o indica. Desengata o gravador do telefone, enfia-o debaixo do braço...

— Raios, enfia-o dentro do bolso — corrige Alan. – As coisas que agora existem são tão boas que até mesmo a CIA compra na Loja do Rádio.

— Muito bem, enfia-o dentro do bolso e vai-se embora dali. O resultado é uma conversa onde eu sou tanto visto como escutado a falar com um homem a oitocentos quilômetros de distância, um homem que soa diferente (que aparenta, na verdade, ter uma ligeiríssima pronúncia entaramelada do sul), mas tem as mesmas impressões vocais que eu. É a história das impressões digitais de novo, só que agora mais aperfeiçoado. — Thad olhou para Alan à espera de confirmação.

— Pensando melhor — retorquiu Alan — , vai ganhar antes uma viagem com tudo pago a Portsmouth.

— Muito obrigado.

— Sempre às ordens.

— Para além de ser de loucos — afirmou Liz — , isto é absolutamente incrível. Penso que toda essa gente devia ter a cabeça...

Enquanto a atenção de Liz estava virada para outro lado, os gêmeos conseguiram finalmente chocar com a cabeça um do outro, tendo começado a chorar a plenos pulmões. Liz pegou em William enquanto Thad foi em auxílio de Wendy. Depois de a crise ter passado, Alan afirmou:

— É incrível, sim senhor. Você sabe, eu sei-o e eles também o sabem. Mas Conan Doyle pôs na boca de Sherlock Holmes algo que, pelo menos, continua a ser verdade na investigação criminal: quando se eliminam todas as explicações impossíveis, aquilo que resta é a resposta que procuramos... por muito improvável que possa ser.

— Penso que o original era um pouco mais refinado — disse Thad.

Alan sorriu.

— Vá-se lixar.

— Vocês dois podem achar muita graça a isto tudo, mas eu não acho graça nenhuma — retorquiu Liz. — Só se fosse louco é que Thad faria uma coisa desse gênero. Está claro que a Polícia pode pensar que somos ambos loucos.

— Eles não pensam uma coisa dessas — replicou Alan com ar sério — , pelo menos para já, e não pensarão assim enquanto continuarem a guardar só para vocês essas histórias malucas.

— E você, Alan? — perguntou Thad. — Já lhe demos a conhecer todas essas histórias malucas e o que é que Alan pensa sobre isso?

— Não que vocês sejam doidos. Tudo isto seria muito mais simples se eu acreditasse.

Não faço a mais pequena idéia do que se está a passar.

— O que foi que conseguiu saber junto do doutor Hume? — quis Liz saber.

— O nome do médico que operou Thad quando ele era miúdo — respondeu Alan. — Chama-se Hugh Pritchard. Este nome diz-lhe alguma coisa, Alan? Thad franziu o sobrolho e concentrou-se. Por fim, disse:

— Penso que sim... mas também posso estar apenas a enganar-me a mim próprio. Foi há muito tempo.

Liz inclinara-se para a frente, com os olhos brilhantes; seguro no colo da mãe, William olhava embasbacado para Alan.

— O que foi que Pritchard lhe contou? — inquiriu ela.

— Nada. Respondeu-me o atendedor de chamadas, o que me permite deduzir que este homem ainda está vivo, e foi tudo. Deixei uma mensagem.

Liz recostou-se para trás na cadeira, claramente desapontada.

— E quanto aos meus testes? — perguntou Thad. — O Hume contou-lhe alguma coisa? Ou não quis dizer nada?

— Disse que quando tivesse os resultados, você seria o primeiro a saber — respondeu Alan, lançando um sorriso. – O doutor Hume pareceu ficar bastante ofendido com a idéia de contar o que quer que fosse ao xerife de um condado.

— O velho George Hume de sempre — retorquiu Thad, e sorriu. — A alcunha dele é Crusty.

Alan mexeu-se no lugar.

— Quer beber alguma coisa, Alan? — perguntou Liz. – Uma cerveja, uma Pepsi?

— Não, obrigado. Voltemos àquilo em que a polícia estadual acredita e não acredita.

Eles não acreditam que algum de vocês esteja envolvido, mas reservam para si o direito de acreditar que talvez possam estar. Sabem que não lhe podem lançar as culpas pelo trabalho de ontem à noite e desta manhã, Thad. Um cúmplice, talvez, o mesmo que, hipoteticamente, teria posto o gravador a funcionar, mas não você. O Thad estava aqui.

— E o que há sobre Darla Gates? — perguntou Thad calmamente. — A rapariga que trabalhava no departamento de contabilidade.

— Assassinada. Bastante mutilada, tal como ele sugeriu, mas morta, primeiro com um único tiro na cabeça. Não sofreu.

— Isso é uma mentira.

Alan pestanejou.

— Ele não a largou assim com tanta facilidade. Não depois daquilo que fez a Clawson. Afinal de contas, ela foi a primeira delatora, não foi? Clawson acenou-lhe com algum dinheiro (não deve ter sido assim tanto, a julgar pelo estado das finanças de Clawson) e ela agradeceu-lhe dando com a língua nos dentes. Por isso, não me venha dizer que ele a matou com um tiro antes de a cortar e que ela não sofreu.

— Muito bem — replicou Alan. — Não foi assim que aconteceu. Quer saber como foi que realmente aconteceu?

— Não — respondeu — Liz imediatamente.

Seguiu-se um momento de silêncio pesado na sala. Até mesmo os gêmeos pareciam estar cientes disso; entreolharam-se com uma espécie de grande solenidade. Por fim, Thad perguntou:

— Deixe-me perguntar-lhe isto de novo: em que é que você acredita? Em que é que acredita agora?

— Não tenho nenhuma teoria. Sei que você não gravou as falas de Stark porque o intensificador não detectou qualquer sibilação própria das gravações e, quando se aumenta o som, consegue ouvir-se o alto-falante da Estação Penn a anunciar que o Peregrino para Boston está pronto para o embarque na linha número três. O Peregrino saiu realmente da linha número três esta tarde. O embarque começou às duas e trinta e seis, o que condiz com a vossa conversazinha. Mas eu nem sequer precisei disso. Se o Thad tivesse gravado as falas de Stark, mal eu me referisse ao processo de intensificação, tanto um como o outro ter-me-iam perguntado de imediato qual o resultado do teste. Nenhum de vocês o fez.

— Tudo isto, e ainda não acredita, pois não? – perguntou Thad. — Quero dizer, tudo isto fê-lo ficar hesitante, o suficiente para estar a tentar apanhar o doutor Pritchard, mas ainda não tem a certeza do que aconteceu, pois não? – Thad soou frustrado e atormentado, até para si próprio.

— O próprio tipo admitiu não ser Stark.

— Oh, sim. Aliás, ele foi também muito sincero quanto a isso — disse Thad, a rir.

— Você está a agir como se isto não fosse surpresa alguma para si.

— E não é. Para si é alguma surpresa?

— Francamente, sim. Depois de ter tido tanto trabalho para demonstrar o fato de que você e ele partilham das mesmas impressões digitais, das mesmas impressões vocais...

— Alan, pare só por um instante — pediu Thad.

Foi o que Alan fez, tendo olhado um para o outro de modo inquisitivo.

— Esta manhã, contei-lhe que estava convencido que era George Stark quem estava a fazer todas estas coisas. Não um cúmplice meu, não um psicopata que, de alguma forma, tivesse conseguido inventar um modo de ter as impressões digitais de outras pessoas, isto é, entre os seus ataques homicidas e as fugas de identidade, e não acreditou em mim. Acredita agora?

— Não, Thad. Gostava de lhe dizer o contrário, mas o melhor que consigo é isto: eu acredito que você acredita.

Alan desviou o olhar para Liz. — Que ambos acreditam.

— Eu vou optar pela verdade, dado que tudo que seja menos do que isso pode fazer com que eu seja abatido — disse Thad — , e a minha família juntamente comigo, o que é o mais provável. Dadas as circunstâncias, faz-me bem ao coração ouvi-lo apenas dizer que não tem qualquer teoria. Não é muito mas já é um passo em frente. Aquilo que lhe estava a tentar mostrar era que as impressões digitais e as impressões vocais coincidem em absoluto, e Stark sabe isso. Pode falar à vontade sobre pôr de lado o impossível e aceitar aquilo que resta, por muito improvável que seja, mas não é assim que as coisas funcionam. O Alan não aceita Stark, e ele é o que sobra quando se elimina tudo o resto.

Deixe-me pôr-lhe as coisas de outra forma, Alan: se tivesse tantos indícios como aqui de que tinha um tumor no cérebro, iria para o hospital para ser operado, mesmo que todas as probabilidades apontassem para um fim trágico.

Alan entreabriu a boca, abanou a cabeça, e fechou-a de novo com toda a rapidez.

Para além do relógio e do suave tagarelar dos gêmeos, nenhum outro som se ouvia na sala de estar, onde Thad cada vez sentia mais que passara toda a sua vida adulta.

— Por um lado, você tem provas suficientemente inequívocas para construir um sólido caso circunstancial para levar a tribunal — retomou Thad brandamente. — Por outro lado, tem a declaração não consubstanciada de uma voz ao telefone que “veio a si”, que “sabe agora quem é”. Ainda assim, vai ignorar as provas a favor da afirmação.

— Não, Thad. Isso não é verdade. Por enquanto, não estou a aceitar quaisquer afirmações: nem as suas nem as da sua mulher e, muito menos, aquelas feitas pelo homem que ligou para cá. As minhas opções estão todas ainda em aberto.

Subitamente, Thad apontou com o polegar sobre o ombro para a janela. Por detrás dos cortinados suavemente esvoaçantes, os três podiam ver o carro da polícia estadual pertença dos agentes que estavam a vigiar a casa dos Beaumont.

— E eles? As opções deles estarão todas ainda em aberto? Daria tudo para que você ficasse aqui, Alan. A sua presença seria mais importante do que um exército inteiro de agentes, porque, pelo menos, você tem um olho semiaberto. Os deles estão bem fechados.

— Thad...

— Deixe lá — retorquiu Thad. — Essa é que é a verdade. E você sabe... e ele também sabe. Ele vai esperar. E quando toda a gente decidir que está tudo acabado e que os Beaumont estão seguros, quando todos os polícias desmontarem as tendas e partirem para outras paragens, George Stark virá até aqui.

Thad deteve-se, o rosto a imagem da concentração soturna e complicada. Alan viu arrependimento, determinação e medo a debaterem-se naquele rosto.

— Vou agora contar-lhe uma coisa; contar a ambos. Sei exatamente aquilo que ele quer. Ele quer que eu escreva um outro romance sob o pseudônimo de Stark, provavelmente um outro romance sobre Alexis Machine. Não sei se o conseguiria fazer, mas se acreditasse que trouxesse alguma vantagem tentaria. Deitava para o lado O Cão Dourado e começaria esta noite mesmo.

— Thad, não! — exclamou Liz.

— Não te preocupes — disse ele. — Isso seria o meu fim. Não me perguntes como é que sei; apenas sei. Mas se a minha morte pusesse um ponto final nisto tudo, até que poderia tentar. Contudo, não me parece que pusesse.

Porque nem sequer acredito que ele seja realmente humano.

Alan ficou silencioso.

— Ora bem! — disse Thad, falando com o ar de um homem que termina um negócio importante. — É neste pé que as coisas estão. Não consigo, não farei e não devo fazer.

Isso significa que ele virá. E quando vier, só Deus sabe o que ir acontecer.

— Thad — disse Alan, constrangido — , precisa de se distanciar um pouco de tudo isto, é só. E quando assim fizer, a maior parte desta história acabará por... desaparecer. Como um dente-de-leão. Como um pesadelo ao acordar.

— Não é de distância que precisamos — disse Liz. Os dois olharam para ela e viram que estava a chorar em silêncio. Não muito, mas as lágrimas eram visíveis. — Precisamos é de alguém para acabar com ele.

Alan regressou a Castle Rock bem cedo na madrugada seguinte, chegando a casa um pouco antes das duas. Entrou em casa tentando ser o mais silencioso possível, tendo reparado que, mais uma vez, Annie se esquecera de ligar o alarme contra os ladrões.

Apesar de não gostar de a aborrecer por causa disso — ultimamente, as enxaquecas tinham-se tornado mais freqüentes — supunha que teria de fazê-lo, mais dia menos dia.

Começou a subir as escadas, com os sapatos numa mão, movendo-se com uma tal graciosidade que parecia estar praticamente a flutuar. O seu corpo possuía uma extrema agilidade, exatamente o oposto da falta de jeito de Thad Beaumont, que Alan raramente mostrava; a sua carne parecia conhecer um qualquer segredo misterioso de porte, que, de certa forma, o seu espírito via como embaraçoso. Agora, neste silêncio, não havia necessidade alguma de o esconder, e ele movia-se com uma facilidade irreal que era praticamente macabra.

A meio das escadas, Alan deteve-se... e voltou a descer as escadas. Tinha uma salinha ao lado da sala de estar, não muito maior do que uma despensa, mobiliada com uma secretária e algumas prateleiras com livros, mas o suficiente para as suas necessidades. Pangborn tentava não levar consigo trabalho para casa. Nem sempre conseguia, mas esforçava-se o mais que podia.

Fechou a porta, acendeu a luz e fitou o telefone.

"Não estás a pensar em fazer isto, pois não?", perguntou-se a si próprio. "Isto é, é quase meia-noite nas Montanhas Rochosas e este tipo não é apenas um médico reformado: ele é um NEUROCIRURGIÃO reformado. Acorda-o e ele come-te vivo."

Foi então que Alan recordou os olhos de Liz Beaumont — os olhos escuros e assustados — e decidiu que iria avante com a idéia. Talvez até acabasse por ter vantagens: um telefonema a meio da noite demonstraria o fato de que se tratava de um assunto sério e poria o doutor Pritchard a pensar. Alan poderia, então, voltar a ligar de novo, dessa vez a uma hora mais razoável.

"Quem sabe", pensou ele pouco esperançoso (mas com um resquício de humor), "talvez ele até tenha SAUDADES de receber chamadas a meio da noite."

Alan retirou um pedaço de papel do bolso da camisa do uniforme e marcou o número de telefone de Hugh Pritchard, em Fort Laramie. Fê-lo mantendo-se de pé, preparando-se para uma explosão de fúria daquela voz áspera.

Escusava de se ter preocupado; o atendedor de chamadas surgiu, como anteriormente, após o primeiro toque, tendo a voz gravada recitado a mesma mensagem.

Pensativo, Alan desligou o telefone e sentou-se por detrás da secretária. O candeeiro de pé recurvado lançava um círculo bem delimitado de luz sobre a superfície da secretária, tendo Alan começado a fazer uma série de animais-sombra a contraluz: um coelho, um cão, uma águia, até mesmo um razoável canguru. As mãos dele possuíam aquela mesma graciosidade profunda que o

resto do seu corpo revelava sempre que Alan estava sozinho e relaxado; por debaixo daqueles dedos flexíveis, os animais pareciam marchar num cortejo por entre a luz minúscula lançada pelo candeeiro coberto, um flutuando a seguir ao outro. Esta pequena diversão tivera sempre o dom de fascinar e divertir os seus filhos e, freqüentemente, descontraía o seu espírito quando este estava perturbado. Agora, não funcionou.

"O doutor Pritchard morreu. Stark também o apanhou."

Isso era impossível, está claro; Alan admitia que até engoliria histórias de fantasmas se alguém lhe encostasse uma pistola à cabeça, mas não num qualquer perverso Super- Homem fantasma que atravessara continentes inteiros num único salto. Pangborn podia pensar em diversas boas razões pelas quais alguém podia ligar o atendedor de chamadas durante a noite, não sendo de pôr de parte o fato de não querer ser incomodado por estranhos que telefonam a meio da noite, como o xerife Alan J. Pangborn, de Castle Rock, Maine.

"Sim, mas ele está morto. Ele e a esposa também. Qual era o nome dela? Helga.

"Provavelmente estou a jogar golfe: Deus sabe o que a Helga andará a fazer." Mas eu sei o que a Helga anda a fazer; eu sei o que ambos andam a fazer. Estão inundados de sangue com a garganta aberta, isso é o que eu penso, e há uma mensagem escrita na parede da vossa sala de estar, aí no Wyoming. Diz "OS PARDAIS ESTÃO A VOAR DE NOVO".

Alan Pangborn foi percorrido por um arrepio. Era de loucos, mas, de qualquer forma, não conseguiu evitar o arrepio, que o atravessou como uma corrente.

Pangborn marcou o telefone da assistente da central telefônica de Wyoming, conseguiu o número de telefone do gabinete do xerife de Fort Laramie e fez outra chamada. Desta vez, foi atendido por um despachante que aparentava estar semi-adormecido. Alan identificou-se, disse-lhe que andava a tentar entrar em contato com Pritchard, deu-lhe a sua morada e, de seguida, perguntou se eles teriam os nomes do Dr. Pritchard e da esposa na lista de férias. Se o doutor e a esposa tivessem partido de férias — e estava-se praticamente na época adequada —, teriam provavelmente informado as autoridades locais desse

fato e pedido que mantivessem a casa sob vigilância enquanto estivesse vazia.

— Bem — disse o despachante — , porque é que não me dá o seu número de telefone? Já lhe telefono a dar as informações.

Alan suspirou. Este era apenas mais um procedimento habitual de funcionamento.

Para falar curto e grosso, mais tretas. O tipo não lhe queria fornecer as informações até se certificar de que Alan era quem afirmava ser.

— Não — retorquiu ele. — Estou a telefonar de casa, e estamos a meio da noite...

— Aqui também não estamos propriamente a meio do dia, xerife Pangborn — respondeu o despachante de forma lacônica.

Alan suspirou:

— Não tenho dúvida alguma — respondeu ele — mas também não tenho dúvida alguma de que a sua esposa e os seus filhos não estão a dormir no andar de cima. Olhe, o seguinte, meu amigo: telefone para a Esquadra da Polícia Estadual do Maine em Oxford, Maine, vou dar-lhe o número, e verifique o meu nome. Eles dar-lhe-ão o meu número de identificação da LAWS. Voltarei a telefonar dentro de mais ou menos dez minutos, e aí poderemos proceder à troca de senhas.

— Diga lá, então — disse o despachante, ainda que não parecesse muito satisfeito com aquilo. Alan calculava que talvez tivesse afastado a atenção do homem do último concurso da televisão ou talvez da Penthouse deste mês.

— De que é que se trata? — inquiriu o despachante após ter repetido o número de telefone da Esquadra da Polícia Estadual de Oxford.

— Investigação de um homicídio — replicou Alan — , e dos mais

quentes. Não estou a telefonar por causa da minha saúde, meu amigo. — E desligou.

Pangborn sentou-se por detrás da secretária, fez animais-sombra e esperou que o ponteiro mais pequeno desse dez voltas em redor do mostrador do relógio. Pareceu-lhe ser muito lento. Só dera cinco voltas quando a porta do gabinete se abriu e Annie entrou. Vestia o roupão cor-de-rosa e pareceu-lhe um pouco fantasmagórica; Pangborn sentiu aquele arrepio a querer perpassá-lo de novo, como se tivesse olhado para o futuro e visto algo de desagradável. Até mesmo de terrível.

"Como é que me sentiria se fosse de mim que ele andasse atrás?", interrogou-se subitamente. "De mim, da Annie, do Toby e do Todd? Como é que se sentiria se soubesse quem ele era... e ninguém acreditasse em mim?"

— Alan? Que é que estás a fazer, aqui sentado a uma hora destas?

Alan sorriu, levantou-se e beijou-a com desenvoltura.

— À espera que o efeito das drogas passe – respondeu ele.

— Não, a sério. é o caso dos Beaumont?

— Sim. Ando a tentar ver se apanho um médico que talvez saiba qualquer coisa sobre o assunto. Como só me atendia o gravador de chamadas, telefonei para o gabinete do xerife para ver se o nome dele não estaria na lista de férias. O homem do outro lado da linha está supostamente a verificar a minha bona fides. — Pangborn olhou para Annie com uma preocupação zeloza:

— Como é que te sentes, querida? Estás com alguma dor de cabeça esta noite?

— Não — retorquiu ela — , mas ouvi-te a entrar. — sorriu. — Alan, quando o queres ser, és o homem mais silencioso do mundo, mas não podes fazer nada quanto ao teu carro.

Ele abraçou-a.

— Queres uma chávena de chá? — perguntou ela.

— Deus, não. Um copo de leite, se não te importares de ires buscá-lo.

Ela deixou-o sozinho, voltando passado um minuto com o copo de leite.

— Que tal é o senhor Beaumont? — perguntou ela. – Já o tenho visto pela vila e a mulher dele vai à loja de vez em quando, mas nunca falei com ele. — A loja era a Você Cose e Cose, de uma mulher chamada Polly Chambers, que era também a gerente.

Annie Pangborn trabalhava lá em part-time há quatro anos.

Alan refletiu sobre aquilo que a mulher acabara de lhe perguntar.

— Gosto dele — disse por fim. — A princípio não gostava; pensava que tinha sangue de barata. Mas estava a vê-lo em circunstâncias difíceis. Ele é apenas...

— Gosto muito de ambos os livros dele – interrompeu Annie.

Alan levantou o sobrolho.

— Não sabia que o tinhas lido.

— Nunca perguntaste, Alan. Depois, quando a história sobre o pseudônimo veio a lume, tentei um dos outros. — O nariz franziu-se num tom de desaprovação.

— Não era bom?

— Horrível. Assustador. Nem cheguei a acabá-lo. Nem queria acreditar que fora o mesmo homem que escrevera os dois livros.

“Sabes que mais, amor?” pensou Alan. “Ele também não acredita.”

— Devias voltar para a cama — disse ele — , ou vais acabar por acordar com uma outra dor de cabeça.

Ela abanou a cabeça:

— Acho que o “Monstro da Dor de Cabeça” se foi embora, pelo menos para já. — Annie lançou-lhe um olhar por debaixo dos olhos semicerrados: — Quando subires, ainda estarei acordada... isto é, se não demorares muito.

Através do roupão cor-de-rosa, Pangborn colocou as mãos em forma de concha sobre um dos seus seios e beijou-lhe os lábios entreabertos.

— Vou subir o mais rápido que puder.

Annie saiu, e Alan verificou que já tinham passado mais de dez minutos. Telefonou de novo para o Wyoming e foi atendido pelo mesmo despachante sonolento.

— Pensei que se esquecera, meu amigo.

— Nada disso — respondeu Alan.

— Importa-se de me dar o seu número da LAWS, xerife?

— Cento e nove, quarenta e quatro, duzentos e cinco.

— Penso que não há dúvida de que o senhor é o artigo genuíno. Desculpe ter tido de o sujeitar a este interregno a uma hora destas, xerife Pangborn, mas penso que me poder entender.

— Entendo. O que me pode dizer sobre o doutor Pritchard?

— Oh, ele e a esposa estão na lista de férias, sem sombra de dúvida — disse o despachante. — Estão no Parque de Yellowstone, a acampar, até ao final do mês.

“Aí tens”, pensou Alan. “Estás a ver? Estás tu para aqui a pensar em disparates a meio da noite. Não há gargantas cortadas. Não há nada escrito na parede. Apenas dois velhotes numa viagem de campismo.”

Ainda assim, Alan apercebeu-se de que não estava muito mais aliviado. O doutor Pritchard ia ser um homem difícil de encontrar, pelo menos nas duas próximas semanas.

— Se eu precisar de fazer chegar uma mensagem ao homem, acha que ser possível? — inquiriu Alan.

— Penso que sim — respondeu o despachante. – Podemos sempre telefonar para os serviços do parque em Yellowstone. Eles saberão onde se encontra ou, pelo menos, devem saber. Talvez leve algum tempo mas é provável que consigam dar com ele.

Encontrei-me com ele uma ou duas vezes. Parece ser um velhote bastante simpático.

— Bem, isso é bom saber — replicou Alan. – Muito obrigado pelo tempo dispendido.

— Sempre às ordens; é para isso que aqui estamos. — Alan ouviu o tênue esvoaçar de páginas, conseguindo imaginar este homem sem rosto a pegar de novo na sua Penthouse, a meio continente de distância.

— Boa noite — disse ele.

— Boa noite, xerife.

Alan desligou o telefone e deixou-se ficar sentado por um instante, olhando para a escuridão através da janelinha da pequena sala.

"Ele está algures por aí. Algures. E há-de vir ainda." Alan perguntou-se de novo como é que se sentiria se fosse a sua própria vida — e as vidas de Annie e das crianças — que estivesse em jogo. Perguntou-se como se sentiria se soubesse isso, e ninguém acreditasse naquilo que ele sabia.

"Estás de novo a trazer trabalho para casa, querido", ouviu Annie dizer no seu pensamento.

E era verdade. Há quinze minutos atrás estava convencido — pelo menos nas terminações nervosas, já que não na cabeça — de que Hugh e Helga Pritchard estavam mortos num banho de sangue. Não era verdade; esta noite, dormiam pacificamente debaixo das estrelas no Parque Nacional de Yellowstone. De nada valera a intuição; esta tinha uma forma de desaparecer lentamente do nosso corpo.

"É assim que Thad se irá sentir quando descobrirmos o que se está realmente a passar", pensou ele. "Quando descobrirmos que a explicação, por mais bizarra que possa acabar por ser, está conforme todas as leis naturais."

Será que acreditava mesmo naquilo?

Sim, decidiu: acreditava mesmo. Pelo menos na sua cabeça. As suas terminações nervosas não estavam assim tão certas disso.

Alan acabou de beber o leite, desligou o candeeiro de mesa e subiu as escadas. Annie ainda estava acordada e gloriosamente nua. Envolveu-o nos seus braços e Alan permitiu-se esquecer-se de tudo o mais com todo o prazer.

Dois dias mais tarde, Stark telefonou de novo. Nessa altura, That Beaumont encontrava-se no Mercado do Dave. Tratava-se de uma loja familiar a cerca de dois quilômetros e meio da casa dos Beaumont. Era um sítio para se ir quando correr para o supermercado em Brewer se tornava uma chatice de todo o tamanho.

Nessa sexta-feira à tarde, Thad fora até lá para comprar uma embalagem de seis garrafas de Pepsi, uns pacotes de batatas e alguns aperitivos. Um dos agentes que protegia a família foi com ele de carro. Estava-se a 10 de Junho, seis e trinta da tarde e havia ainda muita luz no céu. O Verão rumara de novo para o Maine.

O polícia deixou-se ficar no carro enquanto Thad entrou na loja. Depois de ter pegado na gasosa, Thad estava a examinar a ampla variedade de aperitivos (havia sempre com sabor a marisco, mas, caso não se gostasse, podia-se recorrer a outros à base de cebola) quando o telefone tocou.

Thad levantou de imediato a cabeça, tendo pensado:

“Oh, sim, senhora.”

Por detrás do balcão, Rosalie atendeu o telefone, disse “está lá”, escutou e, de seguida, estendeu-lhe o aparelho, como ele soubera que ela iria fazer. Mais uma vez, Thad foi engolido por aquela sensação indistinta de presque vu.

— Telefone, senhor Beaumont.

— Thad sentiu-se bastante calmo. O coração hesitara numa batida, mas apenas uma vez; estando agora a bater à velocidade habitual. Não estava a suar. E não se ouviam quaisquer pássaros.

Thad não sentiu qualquer tipo de medo ou fúria como sentira há três dias atrás. Não se deu ao trabalho de perguntar à Rosalie se era a esposa, a pedir-lhe para levar uma dúzia de ovos ou talvez até um pacote de sumo de laranja já que ali se encontrava. Ele sabia quem era.

Thad permaneceu de pé, junto ao computador Megatostões, com o seu ecrã verde que anunciava que não houvera vencedor algum na semana passada e que o jackpot da lotaria desta semana era de quatro milhões de dólares. Thad pegou no telefone que Rosalie lhe estendia e saudou:

— Olá, George.

— Olá, Thad. — O suave resquício do sotaque do sul ainda lá estava, mas a camada de pacóvio do campo desaparecera por completo: só quando se apercebeu da sua ausência é que Thad se deu conta de quão fortemente, ainda que de forma subtil, Stark conseguira transmitir aquela sensação de "Olá, olá, rapazes, posso não ser muito esperto mas lá que consegui levar a melhor sobre vocês, lá isso consegui, não acham?".

"Mas, como é óbvio, agora é só entre estes dois rapazes", pensou Thad. "Apenas um par de romancistas brancos por aí, a falarem."

— O que é que queres?

— Já sabes qual é a resposta a essa pergunta. Não há qualquer necessidade de estarmos com joguinhos, pois não? É um pouco tarde de mais para isso.

— Talvez queira apenas ouvir-te dizer alto e a bom som. — Aquela sensação voltara, aquela sensação esquisita de ser chupado para fora do corpo e puxado para dentro da linha do telefone, até um sítio qualquer, situado algures a meio do caminho entre os dois.

Rosalie afastara-se até à ponta distante do balcão, onde estava a tirar maços de cigarros de uma pilha de volumes e a encher a comprida máquina de cigarros. A forma ostentosa como fingia não estar a ouvir o que Thad estava a dizer era praticamente engraçada. Não havia ninguém em Ludlow – pelo menos nesta ponta da vila — que não soubesse que Thad estava sob guarda policial ou proteção policial ou uma maldita coisa policial, e ele não precisava de ouvir os boatos para saber que estes já tinham começado a voar. Aqueles que não acreditavam que ele fosse em breve preso por tráfico de drogas, não tinham quaisquer dúvidas de que se tratava de abuso de menores ou de maus tratos da esposa. A coitada da Rosalie estava a tentar ser simpática, e That sentiu-se grato de um modo absurdo. Tinha também a sensação de que estava a olhar para ela através da extremidade errada de um telescópio potente. Ele estava bem no fundo da linha telefônica, bem no fundo da toca do coelho, onde não havia qualquer coelho branco mas o velho George Stark matreiro, o homem que não podia estar ali, mas que, de algum modo, ali estava.

O velho George matreiro, e ali em baixo em Endsville, todos os pardais

estavam a voar de novo. Thad lutou contra essa sensação, lutou com todas as suas forças.

— Vá lá, George — disse ele, ligeiramente surpreendido pelo tom duro de fúria na sua voz. Thad estava aturdido, apanhado numa forte corrente de distância e irrealidade... mas, meu Deus, como parecia estar tão desperto e atento! — Porque é que não dizes isso agora em voz alta?

— Bem, já que insistes.

— Insisto.

— Está na altura de começar um livro novo. Um novo romance do Stark.

— Não me parece.

— Não digas isso! — A crispação daquela voz era como uma correia de chicote repleta de minúsculos grãos de chumbo. — Tenho andado a fazer-te um desenho, Thad.

Tenho andado a desenhá-lo para ti. Não me obrigues a desenhá-lo sobre ti!

— Estás morto, George. Não tens é juízo suficiente para te deitares no caixão.

A cabeça de Rosalie virou-se ligeiramente; Thad lançou uma rápida vista de olhos antes de ela virar apressadamente a cabeça para a prateleira de cigarros.

— Toma tento na língua! — Fúria verdadeira naquela voz. Mas será que havia mais qualquer coisa? Será que havia medo? Dor? Ambos ou será que estava a enganar-se a ele próprio?

— O que é que se passa, George? — escarneceu ele subitamente.

— Andas a perder alguns dos teus pensamentos felizes?

Seguiu-se uma pausa. Thad surpreendera-o, tirara-lhe o tapete debaixo dos pés, pelo menos momentaneamente. Thad tinha a certeza disso. Mas porquê? O que fora que causara isso?

— Ouve-me bem, amigalhaço — disse Stark por fim.

— Dou-te uma semana para começares o livro. Não penses que me enganas porque não consegues. — Sim, George estava aborrecido. Podia custar muito a Thad antes de tudo isto estar acabado, mas, por ora ele apenas sentia uma alegria incontrolada.

Conseguira passar. Parecia que, afinal de contas, ele não era o único que se sentia desesperado e vagamente vulnerável durante estas conversas íntimas próprias de um pesadelo; atingira Stark, e isso era absolutamente fantástico.

— Isso é bem verdade — disse Thad. Ninguém engana ninguém entre nós. Apesar de tudo o mais que possa haver, não há nada disso.

— Tu já tens uma idéia — replicou Stark. — Já a tinhas antes de aquele maldito miúdo ter sequer pensado em fazer chantagem contigo. Aquela sobre o casamento e o roubo do carro blindado.

— Deitei fora as minhas notas. Já não quero ter mais nada a ver contigo.

— Não, foram as minhas notas que tu deitaste fora, mas não importa. Não precisas das notas. Vai ser um bom livro.

— Não estás a perceber. George Stark está morto.

— Tu é que não estás a perceber — retorquiu Stark. A voz dele era suave, fatal e enfática. — Tens uma semana. E se não tiveres pelo menos trinta páginas manuscritas, irei até aí à tua procura, velha carcaça. Só que não começarei

contigo: isso seria fácil de mais. Isso seria absolutamente fácil de mais. Primeiro apanho os teus filhos e eles irão morrer lentamente. Garantirei que seja assim. Até já sei como. Eles não terão noção daquilo que lhes estará a acontecer, mas apenas que estão a morrer em agonia. Mas tu saberás, e eu saberei, e a tua mulher saberá. De seguida, vai ela... só que antes de ir ela, eu vou-me nela. Tu percebes o que quero dizer, velha carcaça. E quando tiverem morrido, acabo contigo, Thad, e morrerás como nenhum homem à face da terra morreu.

Parou. Thad conseguia ouvi-lo arquejar fortemente ao ouvido, como um cão num dia quente.

— Não sabias nada sobre os pássaros — disse Thad numa voz branda. — Isso também é verdade, não é?

— Thad, não estás a dizer coisa com coisa. Se não começares o livro o mais rapidamente possível, uma série de pessoas vão ficar magoadas. O tempo está a esgotar-se.

— Oh, estou a prestar atenção — disse Thad. — E aquilo que me pergunto é como é que podias ter escrito o que escreveste na parede do Clawson e, de seguida, na da Miriam, e não teres qualquer conhecimento disso.

— É melhor parares de dizer essas baboseiras e começares a fazer algum sentido, meu amigo — afirmou Stark, mas Thad conseguia sentir um certo desnorteamento e um certo medo indistinto sob aquela voz. — Não havia nada escrito nas paredes.

— Havia, sim, isso é que havia. E sabes que mais, George? Penso que talvez a razão pela qual não fazes a mínima idéia do que estou a falar é porque fui eu que escrevi aquilo. Creio que parte de mim estava lá. De alguma forma, parte de mim estava lá, a ver-te. Penso que, de nós os dois, sou o único que tem conhecimento dos pardais, George. Creio que talvez eu o tenha escrito. Pensa nisto... pensa bastante sobre isto... antes de começares a empurrar-me.

— Escuta-me — afirmou Stark com uma força afável. — Escuta-me bem. Primeiro os teus filhos... Depois a tua mulher... depois tu. Thad, começa um outro livro. Este é o melhor conselho que te posso dar. O melhor conselho que te

deram em toda a porra da tua vida. Começa um outro livro. Eu não estou morto. — Uma longa pausa. De seguida, suave mas deliberadamente: — E eu não quero morrer. Por isso, vai para casa e afia os lápis e, se precisares de alguma inspiração, pensa como os teus bebezinhos ficariam com as carinhas cheias de vidro.

"Não há quaisquer pássaros malditos. Esquece-os e começa a escrever.

Ouviu-se um estalido.

— Vai-te foder — murmurou Thad para dentro da linha silenciosa. Lentamente, pousou o telefone.

DEZESSETE - WENDY DÁ UM TOMBO

A situação resolver-se-ia por si de uma forma ou de outra, independentemente do que acontecesse, Thad tinha a certeza disso. George Stark não iria simplesmente desaparecer. Mas Thad acabou por sentir, e não sem justificação, que o tombo de Wendy pelas escadas abaixo dois dias após o telefonema de Stark para o Mercado do Dave veio a estabelecer o rumo que a situação tomaria até ao fim.

O resultado mais importante foi que, por fim, aquilo lhe mostrou o rumo a tomar.

Thad passara esses dois dias numa espécie de calmaria sem alento. Tornou-se difícil para ele seguir até os programas mais básicos da televisão, impossível ler, e a idéia de escrever parecia estar vagamente aparentada com a idéia de viajar mais depressa do que a velocidade da luz. A maior parte do tempo, vagueava de um quarto para o outro, sentando-se por alguns instantes e, de seguida, pondo-se de novo em movimento. Estava sempre a esbarrar com Liz e a enervá-la. Ela não se zangava com ele por causa disso, embora Thad tivesse a certeza que ela tivera de conter a língua em mais de uma ocasião para evitar lançar-lhe o equivalente verbal de um corta-papéis.

Por duas vezes teve a intenção de lhe contar tudo sobre a segunda chamada de Stark, aquela em que o George matreiro lhe dissera exatamente aquilo que lhe ia pela cabeça, tendo a certeza absoluta de que a linha não estava sob escuta e de que ninguém estava a ouvir a conversa dos dois.

Em ambas as ocasiões, Thad detivera-se, consciente de que nada podia fazer exceto aborrecê-la ainda mais.

E por duas vezes dera por si no escritório a segurar mesmo num daqueles malditos lápis Berol que prometera nunca mais usar e a olhar para uma pilha novinha em folha de blocos de notas embrulhados em celofane que Stark usara para escrever os romances.

“Tu já tens uma idéia... Aquela sobre o casamento e o roubo do carro blindado.”

E era verdade. Thad tinha até um título, e um bom: Máquina de Aço E havia ainda mais outra coisa que também era verdade: uma parte dele queria realmente escrever esse livro. O bichinho estava lá, como quando se tem uma comichão nas costas e não se consegue chegar ao sítio quando queremos coçar.

“O George coçava-o por ti.; Oh, sim. O George ficaria muito contente por coçá-lo. Mas alguma coisa lhe aconteceria porque, agora, as coisas tinham mudado, não tinham? O que é que, mais exatamente, seria essa coisa? Thad não sabia, talvez não pudesse saber, embora uma imagem assustadora não deixasse de o assaltar. Era uma imagem daquele encantador e racista conto infantil de antigamente, Little Black Sambo. Quando o negro Sambo subiu à árvore e os tigres não o conseguiram apanhar, estes ficaram tão furiosos que começaram a morder nas caudas uns dos outros e a correr cada vez mais depressa à volta da árvore até se transformarem em manteiga. Sambo recolheu a manteiga num pote de barro e levou para casa, para dar à mãe.

“George, o alquimista”; especulara Thad, sentado no seu escritório e a bater ao de leve com um lápis por afiar Berol Black Beauty contra a beira da secretária. “Palha em ouro. Tigres em manteiga. Livros em best-sellers. E Thad em... quê?”

Ele não sabia. Tinha medo de saber. Mas ele desapareceria, Thad desapareceria, disso ele tinha a certeza. Talvez pudesse haver alguém a viver aqui que se parecesse com ele, mas, por letras do rosto de Thad Beaumont, existiria uma outra mente. Uma mente doentia e brilhante.

Chegou à conclusão que o novo Thad Beaumont seria bastante menos desajeitado... e bastante mais perigoso. Liz e os bebês?

Será que Stark os deixaria em paz se ele conseguisse realmente chegar ao lugar do condutor?

Não ele.

Thad também pusera a hipótese de fugir. Enfiar Liz e os gêmeos no Suburban e partir. Mas de que é que isso serviria? De que é que serviria quando o velho George matreiro conseguisse olhar através dos olhos do velho Thad pateta? Não valeria de nada fugirem até ao fim do mundo; quando lá chegassem e olhassem à sua volta, iriam dar por George Stark a correr atrás deles na neve, num trem puxado por huskies, com uma navalha na mão.

Thad considerara também a hipótese de telefonar para Alan Pangborn, tendo-a posto de lado ainda com mais rapidez e determinação. Alan dissera-lhes onde é que o Dr. Pritchard se encontrava, e a sua decisão de nem sequer tentar enviar uma mensagem para o neurocirurgião de esperar até Pritchard e a mulher voltarem da viagem de campismo revelara a Thad tudo o que ele precisava saber sobre aquilo em que Alan acreditava... e, mais importante ainda, aquilo em que não acreditava. Se contasse a Alan que recebera uma mensagem no Mercado do Dave, Alan julgaria que ele estava a inventar toda a história. Mesmo que Rosalie confirmasse o fato de ter recebido uma chamada de alguém na venda, Alan continuaria a não acreditar. Ele e todos os outros agentes da Polícia que tinham aparecido sem convite para esta festa privada faziam ponto de honra em não acreditarem.

Assim, os dias passaram-se lentamente, tendo sido uma espécie de tempo em branco.

Logo após o meio-dia do segundo dia, Thad rabiscou no seu diário: "Sinto-me como se estivesse numa versão mental de um filme surrealista." Fora a única entrada que fizera no espaço de uma semana, tendo começado a interrogar-se se alguma vez chegaria a fazer outra. O novo romance, O Cão Dourado, mantinha-se inalterável. Isso, supunha ele, nem valia a pena dizer. É muito difícil inventar histórias quando se teme que um homem mau, um homem muito mau apareça e assassine toda a nossa família antes de tratar da nossa própria saúde.

A única altura que Thad se conseguia lembrar de se ter sentido assim tão desnorteado fora nas semanas que se seguiram ao dia em que deixara de beber depois de ter puxado a rolha da banheira de álcool em que se enfiara até ao pescoço na seqüência do aborto de Liz e antes do surgimento de Stark. Tanto nessa altura como agora, Thad tinha a sensação de que havia um problema, embora não fosse possível abeirar-se dele pois era como uma daquelas miragens de água que surgem bem ao longe numa reta plana de estrada numa tarde quente. Quanto mais corria de encontro ao problema, querendo atacá-lo com as

duas mãos, deitá-lo abaixo, destruí-lo, mais rapidamente o problema recuava, até que Thad acabava por ficar sozinho, ofegante e arquejante, com aquela ondulação falsa de água ainda a fazer pouco dele, lá longe no horizonte.

Durante essas noites, Thad dormiu mal, tendo sonhado que George Stark lhe mostrava a sua própria casa deserta, uma casa onde as coisas explodiam sempre que tocava nelas e onde, no último quarto, os corpos da sua mulher e de Frederick Clawson esperavam por si. No momento em que lá chegava, todos os pássaros começavam a voar, lançando-se em direção ao céu com um estrondo, a partir de árvores, linhas telefônicas e cabos de eletricidade, centenas deles, milhares deles, tantos que tapavam por completo o sol.

Até Wendy cair nas escadas, Thad teve a nítida sensação de que ele próprio era recheio de tolos, apenas à espera que o homicida certo aparecesse, prendesse um guardanapo à volta do colarinho, pegasse no garfo e o começasse a comer.

Os gêmeos engatinhavam ha um certo tempo e, há já cerca de um mês que se punham de pé com a ajuda do objeto mais próximo e mais estável ou, em determinados casos, instável, uma cadeira servia, tal como servia a mesinha do café, mas até mesmo uma caixa de cartão vazia serviria, pelo menos até ao gêmeo em questão colocar demasiado peso sobre a caixa, desequilibrar-se e cair para dentro dela ou transformar-se numa espécie de tartaruga. Os bebês são capazes de se meterem nas situações mais complicadas em todas as idades, embora, com oito meses, quando o gatinhar já não é suficiente e o andar ainda não foi totalmente aprendido, eles se encontrem claramente na “Idade da Criação de Complicações”.

Por volta das cinco e um quarto da tarde, Liz colocou-os no chão para brincarem e aproveitarem um pouco ainda para engatinharem de modo ousado e a porem-se de pé de modo desequilibrado (este último acompanhado por vigorosos gritos de vitória para os pais e um para o outro), William conseguiu pôr-se de pé, apoiado na beira da mesinha do café. Olhou em redor, tendo feito diversos gestos imperiais com o braço direito.

Estes gestos fizeram lembrar a Thad os antigos telejornais dos filmes que

mostravam a Duce a saudar o seu eleitorado da varanda. Foi então que William se agarrou à chávena de chá da mãe, tendo conseguido despejar sobre ele próprio as folhas, antes de cair para trás, dando um grande bate-cu. Felizmente, o chá estava frio. Porém, William agarrou-se de tal modo à chávena que esta lhe bateu com tanta força na boca que o lábio inferior sangrou ligeiramente. William começou a choramingar. Imediatamente, Wendy juntou-se a ele.

Liz pegou nele ao colo, examinou-o, revirou os olhos para Thad e levou-o para cima, para acalmá-lo e, de seguida, limpá-lo.

— Fica de olho na princesa. — pediu ela enquanto subia as escadas.

— Não te preocupes. — dissera Thad, embora já tivesse descoberto, e fosse descobrir de novo em breve, que na “Idade de Ouro da Criação de Complicações”, tais promessas significam geralmente muito pouco. William conseguira agarrar na chávena de chá de Liz mesmo debaixo do nariz desta, e Thad viu que Wendy ia cair do terceiro degrau um instante demasiado tarde para poder impedir o tombo.

Thad tinha estado a dar uma vista de olhos por uma revista de informação: não a lê-la mas a folheá-la ociosamente, prestando de vez em quando uma atenção especial a uma fotografia ou outra. Depois de ter acabado, foi até ao grande cesto de costura junto da lareira que funcionava como uma espécie de cesto de revistas, colocou-a no lugar e retirou uma outra. Wendy estava a gatinhar pelo chão, com as lágrimas esquecidas antes mesmo de estarem totalmente ocas nas suas faces rechonchudas. Tal como os dois faziam quando estavam a gatinhar, Wendy emitia entre dentes o som rum-rum-rum, um som que, por vezes, levava Thad a interrogar-se se eles não associariam todo e qualquer movimento aos carros e caminhões que viam na televisão. Thad agachou-se, colocou a revista no topo da pilha sobre o cesto, e passou os olhos pelas outras, acabando por escolher uma Harper's do mês anterior por nenhum motivo em especial. Veio-lhe à cabeça a idéia de que estaria a comportar-se um pouco como um homem no consultório de um dentista, à espera de lhe arrancarem um dente.

Thad virou-se e deu com Wendy nas escadas. Engatinhara até ao terceiro degrau e, agora, estava a pôr-se desequilibradamente de pé, segurando-se a uma das hastes que corriam entre a balaustrada do corrimão e o chão. Quando olhou

para ela, Wendy retribuiu-lhe o olhar, de modo dissimulado, oferecendo-lhe com o braço um gesto particularmente grande e eloqüente e um sorriso. O movimento impetuoso descrito pelo braço levou o corpo rechonchudo de Wendy a vacilar para a frente sobre o pequeno degrau.

Meu Deus, disse Thad baixinho, e enquanto se punha de pé, tendo os seus joelhos dado um estalido seco, ele viu-a dar um passo em frente e largar a haste. "Wendy, não faças isso!"

Thad atravessou a sala praticamente com um único salto, e quase conseguiu chegar a tempo. Mas ele era um homem desajeitado, tendo um dos seus pés ficado preso na perna da poltrona. Esta caiu e Thad estatelou-se no chão.

Wendy desequilibrou-se e caiu para a frente com um gritinho assustado. O corpo virou-se ligeiramente no ar. De joelhos, Thad tentou apanhá-la, evitando que ela fosse cair no chão, mas falhou por um palmo, pelo menos. A perna direita de Wendy bateu no primeiro degrau, tendo a cabeça batido no chão alcatifado da sala de estar com uma pancada surda.

Wendy gritou, tendo Thad tido o tempo de pensar quão apavorante era o choro de dor de um bebê. De seguida, envolveu-a nos seus braços.

Em cima, Liz gritou — Thad? numa voz sobressaltada. Nessa altura, o som dos pés descalços de Liz a descerem as escadas já era audível.

Wendy estava a tentar chorar. O primeiro grito de dor expelira cá para fora tudo menos o ar proveniente dos pulmões, seguindo-se agora o momento paralisante e eterno em que ela se debatia para desimpedir o peito e respirar fundo para lançar o próximo grito, o qual atingiria os ouvidos de qualquer pessoa quando fosse finalmente solto. Se fosse solto.

Thad segurou nela, olhando ansiosamente para o rosto retorcido e congestionado de sangue. Agora, apresentava uma cor que era praticamente arroxeada, com exceção da enorme marca vermelha semelhante a uma vírgula na testa.

"Meu Deus, e se ela desmaiar? E se ela morrer sufocada, incapaz de inspirar ar e de deitar cá para fora o grito encerrado nos seus pulmãozinhos achatados?"

— Raios, chora! — gritou ele para ela. Meu Deus, como tinha o rosto arroxeado! Como tinha os olhos protuberantes e aflitos! — Chora!

— Thad! — Desta vez, Liz soou muito assustada, mas também pareceu estar muito distante. Naqueles poucos segundos que pareceram eternos entre o primeiro grito de Wendy e a sua luta para soltar o segundo e continuar a respirar, George Stark foi completamente varrido da mente de Thad pela primeira vez nos últimos oito dias.

Wendy inspirou uma grande golfada de ar convulsiva e desatou aos berros. A tremer de alívio, Thad encostou-a ao ombro e começou a dar-lhe umas palmadinhas ligeiras, fazendo sons para a acalmar.

Liz veio a descer as escadas ruidosamente, com um William que se debatia agarrado de lado, como um pequeno saco de grão.

— Que foi que aconteceu, Thad? Ela está bem?

— Sim. Deu um bom tombo do terceiro degrau. Agora já está bem. Desde que começou a chorar. ao princípio foi como... como se ficasse presa. — Thad riu-se com uma voz trêmula e trocou Wendy por William, que estava agora também aos berros em sintonia solidária com a irmã.

— Não estavas a tomar conta dela? — perguntou Liz de modo reprovador, balançando automaticamente o corpo para trás e para a frente a partir das ancas, embalando Wendy, tentando acalmá-la.

— Sim... não. Fui buscar uma revista. Só sei que, de um momento para o outro, ela já estava nas escadas. Foi como a história do Will com a chávena de chá. Eles são tão terrivelmente... escorregadios. Achas que a cabeça dela está bem? Bateu com a cabeça na alcatifa, mas, ainda assim, foi com força.

Por um segundo, Liz afastou Wendy de si, olhou para a marca vermelha e, de seguida, beijou-a com delicadeza nesse ponto preciso. Os soluços de choro já estavam a começar a diminuir de intensidade.

— Penso que está bem. Vai ficar com um galo durante um ou dois dias, é tudo. Demos graças a Deus pela alcatifa. — Não era minha intenção saltar logo em cima de ti, Thad. Eu sei como eles são rápidos. Só que eu estou... Sinto-me como se o período me fosse aparecer, mas sinto isto todos os dias.

Os soluços de choro de Wendy estavam a transformar-se em fungadelas. Da mesma forma, William começou também a fungar. Esticou um bracinho rechonchudo e agarrou na T-shirt branca de algodão da irmã. Esta olhou à sua volta. Foi então que William palrou com ela, na sua língua muito própria. Para Thad, o seu linguajar sempre parecera um pouco estranho: assemelhava-se a uma língua estrangeira que fora bastante acelerada para não ser possível dizer exatamente de que língua é que se tratava, já para não falar em entendê-la. Wendy sorriu para o irmão, apesar de ter os olhos ainda debulhados em lágrimas e de as faces estarem molhadas. Wendy respondeu-lhe na mesma língua só deles. Por um instante, era como se estivessem a manter uma conversa no seu mundo particular: o mundo dos gêmeos.

Wendy esticou o braço e acariciou o ombro de William. Os dois entreolharam-se e continuaram a arrulhar.

"Estás bem, minha adorada?" "Sim, magoei-me, querido William, mas não muito." "Preferes ficar em casa e não irmos ao jantar dos Stadley, coração meu?" "Penso que não, embora seja muito atencioso da tua parte perguntares" "Tens a certeza absoluta, minha querida Wendy?" "Sim, querido William, nada de grave aconteceu, embora tema bastante que tenha merda nas minhas fraldas." "Oh, meu amor, que ABORRECIDO!"

Thad sorriu ligeiramente, olhando de seguida para a perna de Wendy.

— Vai ficar com uma nódoa negra. — disse ele. — Na verdade, até parece que já está com uma nódoa negra. Liz lançou-lhe um pequeno sorriso.

— Vai sarar. — disse ela. E não será a última.

Thad inclinou-se para a frente e beijou a pontinha do nariz de Wendy, pensando no modo rápido e impetuoso como estas tempestades vinham. Há menos de três minutos atrás, ele temia pela vida de Wendy, julgando que a bebê iria morrer com falta de ar e no modo rápido como ria de novo.

— Não. — concordou ele. Se Deus quiser, não será a última.

Quando, às sete horas dessa mesma tarde, os gêmeos acordaram das suas sestas vespertinas, a nódoa negra na parte de cima da coxa transformara-se num arroxeadoescuro.

Tinha uma forma nítida e estranha, semelhante a um cogumelo.

— Thad? — disse Liz do outro lado da mesa de resguardo. — Olha aqui.

Thad retirara a fralda da sesta de Wendy, ligeiramente úmida mas não totalmente molhada, deitando-a para o cesto das fraldas marcada como DELA. Levou a filha nua até ao resguardo do filho para ver aquilo que Liz queria que ele visse. Olhou para William, arregalando de imediato os olhos.

— Que é que achas? — perguntou ela serenamente. – É esquisito ou não?

Thad deixou-se ficar com os olhos fixos em William durante um longo período de tempo.

— Sim. — respondeu por fim. — é bastante esquisito

Com uma mão sobre o peito de William, Liz segurava o filho que se contorcia em cima da mesa. Foi então que fitou Thad de forma penetrante.

— Estás bem?

— Sim — respondeu Thad, surpreendido com a calma com que soou para os próprios ouvidos. Uma grande luz branca pareceu ter-se apagado, não diante dos seus olhos, como uma lâmpada portátil de uma máquina fotográfica, mas por detrás deles.

Subitamente, Thad pensou já saber qual o significado dos pássaros e qual o próximo passo a tomar. Bastou-lhe olhar para o filho e ver a nódoa negra na perna, idêntica quanto à forma, cor e localização como aquela na perna de Wendy, para compreender tudo isso. Quando William agarrara na chávena de chá de Liz e a entornara inteira sobre si, ele dera um grande bate-cu. Tanto quanto Thad sabia, William não fizera nada de nada à perna. Ainda assim, ela ali estava: uma nódoa negra solidária na parte de cima da coxa da perna direita, uma nódoa negra que tinha praticamente a forma de um cogumelo.

— Tens a certeza que estás bem? — persistiu Liz.

— Também eles partilham as nódoas negras entre os dois — disse ele, olhando para baixo e fitando a perna de William.

— Thad?

— Estou bem — replicou ele, roçando os lábios pelas faces dela — Que tal irmos vestidos de “Psico” e “Somaticamente”?

Liz desatou a rir.

— Thad, és louco — disse ela.

Ele devolveu-lhe o sorriso. Era um sorriso ligeiramente bizarro, ligeiramente distante.

— Sim — disse ele. Louco varrido.

Thad levou Wendy de novo para a mesa de resguardo e começou a pôr-lhe uma fralda nova.

DEZOITO - ESCRITA AUTOMÁTICA

Thad esperou até Liz ir para a cama antes de subir ao escritório. Durante cerca de um minuto, deteve-se à porta do quarto, escutando o fluxo e refluxo regulares da sua respiração, assegurando-se assim de que ela estava a dormir. Ele não tinha certeza alguma de que aquilo que ia tentar fazer fosse funcionar, mas, caso desse certo, podia ser perigoso. Extremamente perigoso.

O seu escritório era uma sala grande nas águas-furtadas reformuladas que fora dividida em duas zonas: a "sala de leitura", uma zona com um sofá, rodeada de livros e uma cadeira de recosto, e um candeeiro regulável e, na ponta da sala comprida, a zona de trabalho. Esta parte do escritório era dominada por uma secretária antiquada que não apresentava um único traço que a pudesse redimir da sua fealdade fora do vulgar. Era uma utilitária peça de mobiliário marcada, desgastada e sólida. Thad tinha-a desde os seus vinte e seis anos e, por vezes, Liz dizia às pessoas que ele não a largava porque, secretamente, acreditava que se tratava da sua "Fonte das Palavras". Quando ela dizia isto, ambos sorriam, como se realmente acreditassem que se tratava de uma piada.

Três candeeiros de vidro opaco pendiam sobre este dinossauro e, sempre que Thad acendia apenas estas luzes, como o fazia neste momento, os círculos de luz ferozes e sobrepostos que lançavam sobre a paisagem suja da secretária davam a sensação de que Thad iria aí jogar uma qualquer versão estranha de bilhar: era impossível dizer quais seriam as regras do jogo numa superfície tão complexa, mas, na noite após o acidente de Wendy, a tensão do seu rosto teria convencido qualquer observador de que o jogo seria levado a cabo com paradas altas, quaisquer que fossem as regras.

Thad não podia estar mais de acordo com esta idéia. Afinal de contas, precisara de mais de vinte e quatro horas para se encher de coragem para o que ia fazer.

Por um instante, Thad deteve-se diante da Remington Standard: um ligeiro alto sob a capa de resguardo com a alavanca de retorno de aço inoxidável a sobressair do lado esquerdo como o dedo de um homem a pedir boleia. Depois de se sentar à sua frente, tamborilando inquieto os dedos à beira da secretária

durante alguns momentos, Thad acabou por abrir a gaveta que se encontrava à esquerda da máquina de escrever.

Esta gaveta era tão larga quanto profunda. Após tirar o seu diário para fora, Thad abriu a gaveta até ao fim. O frasco onde guardava os Berol Black Beauty rolara bem até ao fundo da gaveta, entornando os lápis ao girar. Thad pegou no frasco, colocou-o no lugar habitual e reuniu os lápis, enfiando-os de novo lá dentro.

Fechou a gaveta e olhou para o frasco. Este fora arremessado para dentro da gaveta após aquele primeiro estado de transe, durante o qual ele utilizara um dos Black Beauty para escrever "OS PARDAIS ESTÃO A VOAR DE NOVO" no manuscrito de O cão Dourado. Era sua intenção nunca mais utilizar nenhum... no entanto, apenas há duas noites atrás, estivera a brincar com um deles e, agora, cá estavam eles, colocados onde tinham estado colocados durante cerca de uma dúzia de anos, quando Stark vivera com ele, vivera dentro dele. Durante longos períodos, Stark permanecia silencioso, praticamente inexistente. Era então que uma idéia surgia e o velho George matreiro saltava para fora da sua cabeça como um boneco louco de dentro de uma caixa: "Aqui estou eu, Thad! Vamos lá, velha carcaça! Vamos lá cavalgar!"

E todos os dias, ao longo dos três meses seguintes, Stark saltava cá para fora pontualmente às dez da manhã fins-de-semana incluídos. Saía cá para fora, agarrava num dos lápis Berol e começava a escrever todos aqueles disparates loucos e sem sentido: os disparates loucos e sem sentido que pagavam as contas que o trabalho do próprio Thad não conseguia pagar. O livro acabava por ficar pronto e George desaparecia de novo, como o velho louco que fiara palha em ouro para Rapunzel.

Thad pegou num dos lápis, olhou para as marcas dos dentes ligeiramente gravadas no cilindro de madeira e deixou-o cair de novo no frasco, fazendo um ligeiro clink sonoro.

— A minha metade sombria — murmurou ele.

Mas será que George Stark era dele? Será que alguma vez fora dele? Com exceção do estado de transe, ou o que quer que aquilo tivesse sido, ele não usara um destes lápis, nem sequer para fazer anotações, desde que escrevera "Fim" no

fundo da última página do último romance de Stark, A Caminho da Babilônia.

Afinal de contas, não houvera razão nenhuma para os utilizar. Aqueles eram os lápis de George Stark e Stark estava morto... ou pelo menos era isso que Thad supusera. Era sua convicção de que, a seu devido tempo, acabaria por deitá-los fora.

Mas agora parecia que, afinal de contas, eles iriam ter algum uso.

Thad esticou a mão na direção do frasco de boca larga, puxando-a de imediato para trás, como se a afastasse de uma fornalha que brilha com o próprio calor intenso. Do bolso da camisa, Thad tirou a caneta, abriu o diário, retirou a tampa da caneta, hesitou, e depois escreveu:

"Se William chora, Wendy chora. Mas descobri que o elo que existe entre eles é muito mais profundo e forte do que isso. Ontem, Wendy caiu das escadas abaixo e ficou com uma nódoa negra que se assemelha a um grande cogumelo roxo. Quando os gêmeos acordaram da sesta, William também tinha uma. No mesmo local, com a mesma forma." Aos poucos, Thad foi-se deixando cair no estilo da auto-entrevista que caracterizava uma boa parte do seu diário. À medida que o ia fazendo, apercebeu-se de que este modo de descobrir um caminho para aquilo em que realmente pensava, sugeria mais uma outra forma de dualidade... ou talvez fosse apenas um outro aspecto de uma única divisão na sua mente e espírito, algo que era tanto essencial como misterioso.

"Pergunta: se tirasses fotografias às nódoas negras dos meus filhos e, de seguida, sobrepusesses uma à outra,acabarias por ter em mãos aquilo que se assemelharia a uma só imagem?

Resposta: Sim, penso que sim. Creio que é como a história das impressões digitais. Creio que é como a história das impressões vocais."

Por um instante, Thad permaneceu sentado e imóvel, batendo ao de leve com a extremidade da caneta na página do diário, refletindo naquilo que escrevera. De seguida, inclinando-se de novo para a frente, começou a escrever mais depressa.

“Pergunta: O William SABE que tem uma nódoa negra?

Resposta: não, penso que não sabe.

Pergunta: será que eu sei o que são os pardais, ou o que é que eles significam?

Resposta: não.

Pergunta: Mas eu sei que EXISTEM pardais. Até aí tudo bem, não é? Independentemente daquilo em que Alan Pangborn ou outra pessoa qualquer possam acreditar, eu sei que EXISTEM pardais, e eu sei que eles estão a voar de novo, não sei?

Resposta: Sim.”

Nesta altura, a caneta deslizava a toda a velocidade sobre a página. Há meses que não escrevia de um modo tão rápido ou de uma forma tão inconsciente de si próprio.

“Pergunta: O Stark sabe que existem pardais?

Resposta: não. Ele diz que não sabe e eu acredito nele.

Pergunta: será que tenho a CERTEZA que acredito nele?”

Mais uma vez, por breves momentos, parou, escrevendo de seguida: “O Stark sabe que há ALGUMA COISA. Mas o William também deve saber que há alguma coisa: se a perna tem uma nódoa negra, deve doer. Mas a Wendy deu-lhe a nódoa negra quando caiu das escadas abaixo. O William só sabe que tem um sítio que lhe dói.

Pergunta: O Stark sabe que tem um ponto fraco? Um ponto vulnerável?

Resposta: Sim, penso que sabe.

Pergunta: Os pássaros são meus?

Resposta: Sim.

Pergunta: Isso quer dizer que quando ele escreveu “OS PÁSSAROS ESTÃO A VOAR DE NOVO” na parede de Clawson e na parede de Miriam, não estava consciente do que estava a fazer e, por isso, não se lembra de o ter feito?

Resposta: Sim.

Pergunta: Quem é que escreveu aquelas coisas sobre os pardais? Quem é que escreveu aquilo com sangue?

Resposta: Aquele que sabe. Aquele a quem os pardais pertencem.

Pergunta: Quem é aquele que sabe? Quem é aquele que possui os pássaros?

Resposta: Eu sou aquele que sabe. Eu sou aquele que possui.

Pergunta: Eu estava lá? Eu estava lá quando ele os assassinou?”

Thad fez uma outra pausa por breves segundos. “Sim”, escreveu ele, e de seguida: “Não. As duas. Eu não tive um estado de transe quando Stark matou o Homer Gamache ou o Clawson, pelo menos que me lembre. Creio que aquilo que sei... aquilo que VEJO... talvez esteja a aumentar.

Pergunta: Ele vê-te?

Resposta: não sei. Mas...”

Thad escreveu: “Ele tem de me conhecer. Ele tem de me ver. Se foi REALMENTE ele quem escreveu aqueles romances, já me conhece há muito tempo. E esse seu conhecimento, essa sua visão, está também a aumentar. Todo aquele equipamento de localização e escuta de chamadas não desconcertou nem um bocadinho o velho George matreiro, pois não? Não, claro que não. Porque o velho George matreiro sabia que o equipamento estaria lá. Não se passam praticamente dez anos a escrever ficção policial sem se ter conhecimento deste tipo de coisas. Essa foi uma das razões pela qual ele não ficou desconcertado. Mas a outra é inda melhor, não é? Quando ele quis falar comigo, falar comigo em particular, soube exatamente onde me encontrar e como me apanhar, não soube?”

Sim. Stark telefonara para casa quando quisera ser ouvido por todos e telefonara para o Mercado do Dave quando não quisera. Porque é que, no primeiro caso, quisera ser ouvido por todos? Porque tinha uma mensagem a enviar à Polícia, que ele sabia estar a ouvir: que não era o George Starke de que estava consciente de que não o era... e que não iria matar mais ninguém, que não iria atrás de Thad e da família de Thad. E havia ainda mais outra razão: ele quisera que Thad visse as impressões vocais que sabia irem ser feitas. Ele sabia que a Polícia não acreditaria naquilo que elas mostravam, por muito incontroversas que fossem... mas que Thad acreditaria.

“Pergunta: Como é que ele sabia onde eu me encontrava?”

E essa era uma pergunta bastante boa, não era? Até então, Thad só se saíra com perguntas do gênero como é que dois homens diferentes podem partilhar das mesmas impressões digitais e impressões vocais e como é que dois bebês diferentes têm exatamente a mesma nódoa negra... sobretudo quando apenas um dos bebês em questão é que magoa a perna.

Só que Thad estava ciente que mistérios semelhantes estavam bem documentados e eram aceites, pelo menos em casos que envolviam gêmeos o laço entre gêmeos idênticos era ainda mais estranho. Há mais ou menos um ano atrás, uma revista de informação trouxera um artigo sobre este assunto. Por causa dos gêmeos na sua própria vida, Thad lera o artigo com atenção.

Havia o caso de dois gêmeos idênticos que se encontravam separados por um continente inteiro, mas quando um deles partiu a perna esquerda, o outro teve

dores horríveis na própria perna esquerda sem sequer saber que algo acontecera ao irmão.

Havia ainda o caso de duas raparigas idênticas que tinham desenvolvido uma linguagem especial muito própria, uma linguagem conhecida e entendida apenas por elas em todo o mundo. Apesar dos QIs elevados e idênticos, estas duas gêmeas nunca tinham aprendido a falar inglês. O que é que o inglês lhes traria? Tinham-se uma à outra... e isso era tudo aquilo que bastava. E, contava ainda o artigo, havia o caso de dois gêmeos que, separados à nascença, se tinham encontrado de novo em adultos e descoberto que se tinham casado no mesmo dia do mesmo ano, com mulheres que tinham um primeiro nome idêntico e que eram de uma semelhança espantosa. Além disso, ambos os casais haviam dado aos primeiros filhos o nome de Robert. Os dois Robert tinham nascido no mesmo mês e no mesmo ano.

— Uma parte e a outra parte. Uma metade e a outra metade. Um lado e o outro lado.

As duas metades da mesma laranja — murmurou Thad, que se debruçou e desenhou um círculo em redor da última linha que escrevera.

“Pergunta: Como é que ele sabia onde eu me encontrava?”

Por debaixo, escreveu:

“Resposta: Porque os pardais estão a voar de novo. E porque somos gêmeos.”

Thad voltou a página do diário e pôs a caneta de lado. Com o coração a bater descompassadamente e a pele arrepiada de medo, esticou uma trêmula mão direita e tirou um dos lápis Berol de dentro do frasco. Era como se estivesse a queimar a mão com um ardor lento e desagradável. Altura de pôr mãos à obra.

Thad Beaumont curvou-se sobre a página em branco, fez uma pausa e, de seguida, escreveu “OS PÁSAROS ESTÃO A VOAR DE NOVO” em grandes letras de imprensa no cimo da folha.

Que é que, exatamente, pretendia fazer com o lápis? Também isso ele sabia. Thad ia tentar dar uma resposta à última pergunta, aquela que era tão óbvia que nem sequer se dera ao trabalho de a pôr por escrito. Será que ele conseguia induzir de modo consciente o estado de transe? Será que ele conseguia fazer com que os pardais voassem? A idéia tomou a forma de um contato psíquico sobre o qual ele lera mas que nunca vira ser demonstrado: a escrita automática. A pessoa que tenta contatar com uma alma morta (ou viva) por meio deste método segura uma caneta ou um lápis na mão, sem apertar, com a ponta sobre uma folha de papel em branco e limita-se a esperar que o espírito trocadilho o mais intencional possível o ponha em movimento. Thad lera que a escrita automática, que podia ser praticada com o auxílio de uma tábua Ouija, era normalmente considerada uma espécie de brincadeira, até mesmo um jogo, o que podia acabar por ser extremamente perigoso: que, com efeito, podia expor o praticante a uma forma qualquer de possessão.

Quando lera o artigo, Thad não acreditara nem deixara de acreditar em tudo isto" parecia ser algo tão estranho à sua vida como a adoração de ídolos pagãos ou a prática do tripano para acabar com as dores de cabeça. Neste momento, parecia ter a sua própria lógica fatal. Mas ele teria de chamar os pardais.

Pensou neles. Tentou invocar a imagem de todos aqueles pássaros, de todos aqueles milhares de pássaros, empoleirados nos telhados e nos fios de telefone sob um ameno céu primaveril, à espera do sinal telepático para levantarem vôo.

E a imagem veio... mas era insípida e irreal, uma espécie de quadro mental sem qualquer tipo de vida. Geralmente, quando começava a escrever, era assim que se passava: um exercício seco e estéril. Não, era pior do que isso. Para Thad, começar um livro sempre lhe parecera um pouco obsceno: era como beijar um cadáver na boca.

Contudo, ele aprendera que, se se esforçasse, se continuasse simplesmente a obrigar as palavras a sair ao longo das páginas, havia algo que entrava, algo que era simultaneamente maravilhoso e terrível. As palavras como unidades individuais começavam a desaparecer. As personagens, até então

trabalhadas e sem vida, começavam a adquirir agilidade, como se Thad as tivesse mantido num armáriozinho qualquer durante a noite e elas tivessem de desentorpecer as pernas antes de poderem iniciar aqueles passos de dança complicados. Algo começava a acontecer no cérebro dele. Thad conseguia praticamente sentir a forma das ondas elétricas a alterarem-se, a perderem aquela disciplina terrivelmente formalista de passo de ganso, e a transformarem-se nas flexíveis e suaves ondas delta do sono.

Thad sentou-se, então, curvado sobre o seu diário, com o lápis na mão, e tentou fazer com que isto acontecesse. À medida que os minutos se iam desvanecendo e nada acontecia, começou a sentir-se cada vez mais tolo.

Uma fala dos antigos desenhos animados Rocky and Bullwinkle veio-lhe à cabeça e recusou-se a sair: “Abracadabra, os espíritos estão prestes a falar!” Que raio de coisa que diria a Liz se aparecesse e lhe perguntasse o que é que ele estava a fazer ali com um lápis na mão e uma folha de papel em branco à frente, alguns minutos antes da meianoite?

Que estava a tentar desenhar o coelho na carteira de fósforos e ganhar uma bolsa de estudo para a Escola de Artistas Famosos em New Haven? Raios, ele nem sequer tinha uma daquelas carteiras de fósforos!

Thad fez tenção de pôr o lápis de volta no lugar, mas estacou. Como se mexera um pouco na cadeira, ficara virado para a janela, do lado esquerdo da secretária, e agora estava a olhar para o exterior.

Havia um pássaro lá fora, pousado no peitoril da janela e a olhar para ele com uns olhos escuros brilhantes. Era um pardal.

Enquanto Thad o fitava, outro pardal veio juntar-se ao primeiro.

E outro.

— Oh, meu Deus — disse Thad numa voz trêmula e fraca. Nunca se sentira tão aterrorizado em toda a sua vida... e, subitamente, aquela sensação esquisita encheu-o de novo. Era a mesma sensação de quando falara ao telefone

com Stark, só que agora era mais forte, muito mais forte.

Um outro pardal pousou, empurrando os outros três para o lado para arranjar lugar e, por detrás deles, Thad viu toda uma fila de pássaros empoleirados no telhado do barraco onde guardavam o equipamento da relva e o carro de Liz. O antigo cata-vento na única empena da garagem estava coberto deles, balançando debaixo do seu peso.

— Oh, meu Deus — repetiu Thad, escutando a sua voz a milhares de quilômetros de distância, uma voz repleta de terror e horrível espanto. — Oh, louvado seja Deus, eles são “reais”. Os pardais são reais.

Em toda a sua imaginação, Thad nunca suspeitara disto... mas não havia tempo a perder ou até mesmo cabeça para perder tempo com eles. Subitamente, o escritório desapareceu e, em seu lugar, Thad viu a zona Ridgeway em Bergenfield, onde crescera.

Encontrava-se tão silenciosa e deserta como a casa no pesadelo de Stark .Thad viu-se a si próprio a espreitar para o subúrbio silencioso num mundo morto.

Contudo, não estava inteiramente morto porque os telhados de todas as casas estavam cobertos por pardais chilreantes. Todas as antenas de televisão estavam carregadas deles. Todas as árvores estavam repletas deles. Os pardais empoleiravam-se em todos os fios de telefone. Encontravam-se pousados sobre os carros estacionados, sobre a grande caixa de correio azul que estava situada na esquina da Duke Street com a Marlborough Street, e sobre a grade para as bicicletas em frente da Loja de Conveniência da Duke Street, onde ia comprar leite e pão para a mãe quando era miúdo.

O mundo estava cheio de pardais, à espera de uma ordem para voarem.

Thad Beaumont deixou-se cair para trás na cadeira do escritório, com um fio de espuma a escorrer dos cantos da boca e os pés a contraírem-se incessantemente. Neste momento, todas as janelas do escritório estavam cobertas de pardais, que fitavam Thad como uns estranhos espectadores em forma de aves. Um som longo e gargarejante escapou da boca dele. Os olhos reviraram-se, deixando a descoberto as pupilas empoladas e brilhantes.

O lápis tocou no papel e começou a escrever. Sobre a primeira linha, Thad rabiscou

— MANA.

Desceu outras duas linhas, descreveu a marca em forma de L que marcava habitualmente um novo parágrafo nos livros de Stark e escreveu:

“L. A mulher começou a afastar-se da porta. Fê-lo de uma forma praticamente imediata, antes mesmo de a porta ter parado de se abrir ligeiramente para dentro, mas já era tarde de mais. A minha mão disparou como uma bala por entre o espaço de seis centímetros de entre a porta e a ombreira, agarrando-lhe a mão.”

Os pardais levantaram vôo. Num mesmo instante, todos eles levantaram vôo, os que penetraram na sua cabeça daquele Bergenfield de há tanto tempo atrás, e aqueles no exterior da sua casa de Ludlow, os verdadeiros. Voaram em direção a dois céus: um céu branco primaveril do ano de 1960, e um céu escuro de Verão do ano de 1988. Voaram e desaparecem numa explosão agitada de asas. Thad sentou-se muito direito... mas a mão estava ainda presa ao lápis e era empurrada ao longo da página. O lápis escrevia por si só.

“Consegui”, pensou ele aturdido, limpando a saliva e a espuma na boca e no queixo com a mão esquerda. “Consegui... e agora só desejo nunca o ter feito. Que é isto?”

Thad fitou as palavras que, em baixo, fluíam do seu pulso, com o coração a bater com tanta força que sentia a pulsação, alta e rápida, na sua garganta. As frases vertidas sobre as linhas azuis estavam escritas com a sua própria letra mas, também, todos os romances de Stark tinham sido escritos com aquela mão. “Com as mesmas impressões digitais, o gosto pela mesma marca de cigarros e, exatamente, as mesmas características vocais, seria ainda mais esquisito se se tratasse da letra de uma outra pessoa”, pensou ele.

A sua letra, como se verificara em todas as outras ocasiões, mas de onde é que estavam a vir as palavras? “Não da sua cabeça, isso era certo”. Neste preciso momento, esta não continha mais nada exceto um sentimento de terror a

que se sobrepunha um sentimento clamoroso e ensurdecedor de confusão. E Thad deixara de sentir completamente a mão. Era como se o braço direito terminasse a cerca de três palmos acima do pulso. Thad nem sequer tinha a mais remota sensação de estar a exercer pressão sobre os dedos, apesar de conseguir ver que estava a segurar o Berol com força suficiente para tornar brancas as pontas do polegar e dos dois primeiros dedos. Era como se se tivesse injetado com uma boa quantidade de novocaína. Thad chegou ao fim da primeira folha. A sua mão insensível rasgou a folha pela margem e a palma da mão insensível correu ao longo da lombada do diário, vincando uma outra folha, tendo começado a escrever de novo.

"Miriam Cowley abriu a boca para gritar. Mantivera-me mesmo por detrás da porta, pacientemente à espera há já quatro horas, sem beber um café ou fumar um cigarro.

(Queria um cigarro, e fumaria um mal tudo isto estivesse acabado, mas, antes disso, o cheiro talvez a pudesse ter alertado). Lembrei a mim próprio que tinha de lhe fechar os olhos depois de lhe cortar a garganta."

Com um pavor cada vez maior, Thad apercebeu-se de que estava a ler um relato do assassinato de Miriam Cowley... e, desta vez, não se tratava de uma mistela confusa e entrecortada de palavras mas a narração coerente e brutal de um homem que era, à própria maneira terrível, um escritor extremamente eficaz: suficientemente eficaz para levar milhões de pessoas a comprar as suas ficções.

"A estréia de George Stark no campo da não ficção", pensou ele de forma repulsiva.

Thad fizera exatamente aquilo que se propusera fazer: entrara em contato com Stark, de algum modo conseguira penetrar na mente de Stark tal como Stark conseguira, de alguma forma, penetrar na própria mente de Thad. Mas quem é que teria adivinhado que, ao fazê-lo, iria entrar em contato com forças tão monstruosas e desconhecidas?

Quem é que conseguiria adivinhar? Os pardais e a percepção de que os pardais eram reais já tinham sido terríveis, mas isto era mil vezes pior. Não era de espantar que Thad achasse que tanto o lápis como o bloco de notas

transmitiam uma sensação de ardor quando em contato com a pele. A mente deste homem era uma maldita fornalha.

E agora, meu Deus! Aqui estava! A descrever toda a história com o próprio punho! Pelo amor de Deus! "Estás a pensar que me podes rebentar os miolos com essa coisa, não estás, mana? – perguntou ele. — Pois deixa-me que te diga uma coisa: esse não é um pensamento feliz. E sabes o que acontece às pessoas que perdem os pensamentos felizes, não sabes? Agora, as lágrimas corriam-lhe pelo rosto abaixo." "Que é que se passa, George? Estás a perder alguns dos teus pensamentos felizes?"

Não era de espantar que, por um instante, Thad tivesse feito parar o horrível filho da mãe quando fizera essa pergunta. Se este fora o modo como tudo realmente se passara, Stark utilizara então a mesma expressão antes de assassinar Miriam.

"Eu ESTAVA dentro da cabeça dele durante o assassinato. ESTAVA. Por isso é que utilizei aquela expressão durante a conversa que tivemos no Mercado do Dave."

Aqui estava Stark a forçar Miriam a telefonar para Thad, a marcar o número em vez dela já que estava demasiado aterrorizada para se lembrar do número, apesar de ter havido semanas em que marcara aquele número meia dúzia de vezes. Thad considerou este esquecimento e a compreensão demonstrada por Stark tanto horrível quanto convincente. E, agora, Stark estava a usar a navalha para...

No entanto, ele não queria ler aquilo, ele não iria ler aquilo. Thad empurrou o braço para cima, erguendo a mão dormente juntamente com o braço como se de um peso bruto se tratasse. No instante em que a ponta do lápis deixou de estar em contato com o bloco de notas, as sensações voltaram a afluir à mão. Os músculos estavam com câimbras e o lado do segundo dedo doía-lhe bastante. O cilindro do lápis deixara uma marca que, agora, estava a adquirir uma cor avermelhada.

Com horror e uma espécie de admiração aturdida, Thad olhou para baixo, para a página rabiscada. A última coisa na terra que desejava fazer era voltar a baixar o lápis, para completar de novo aquele circuito obsceno entre ele e Stark..

mas ele não entrara nisto apenas para ler o relatório de Stark em primeira mão do assassinato de Miriam Cowley, pois não?

“Imagina que os pássaros voltam?”

Mas não voltariam. Os pássaros tinham servido os seus fins. O circuito que ele alcançara estava ainda completo e a funcionar. Thad não fazia a mais pequena idéia de como sabia isso, mas sabia.

“Onde estás, George?”, pensou ele. “Por que raio é que não te sinto? Será que é porque estás tão pouco consciente da minha presença como eu estou da tua? Ou será que é outra coisa? Onde raio é que ESTÁS?”

Thad manteve este pensamento diante da sua mente, tentando visualizá-lo como um sinal de néon de um vermelho berrante. De seguida, com força, apertou de novo o lápis entre os dedos e começou a baixá-lo em direção ao diário.

Mal a ponta do lápis tocou no papel, a mão ergueu-se mais uma vez e, com um movimento dos dedos, passou para uma outra folha em branco. Como já fizera uma vez, a palma da mão vincou a folha virada ao longo da lombada. Foi então que o lápis voltou ao papel e escreveu:

“Não importa — disse Machine a Jack RangeZy. — Todos os lugares são iguais. — Fez uma pausa. — Com exceção talvez da nossa casa. E saberei isso quando lá chegar.”

“Todos os lugares são iguais.” Thad começou por reconhecer aquela primeira frase e, depois, a citação inteira. Era tirada do primeiro capítulo do primeiro romance de Stark, A Vontade de Machine.

Desta vez, o lápis parara por si só. Thad levantou-o e olhou para as palavras rabiscadas, frias e incomodativas. “Com exceção talvez da nossa casa. E saberei isso quando lá chegar.”

Em A Vontade de Machine, a casa fora Flatbush Avenue, onde Alexis

Machine passara a sua infância, varrendo a sala de snooker do pai doente e alcoólico. Nesta história onde era a casa?

“Onde é a casa?” Thad pensou no lápis e, lentamente, aproximou-o de novo do papel.

O lápis fez uma série de rabiscos em forma de m. Fez uma pausa, tendo começado a mover-se de novo.

A casa é onde era o começo. — escreveu o lápis por baixo dos pássaros.

Um trocadilho. Será que aquilo significava alguma coisa? O contato ainda funcionava ou estaria ele apenas a enganar-se a si próprio? Thad não se equivocara quanto aos pássaros e tão pouco durante aquela primeira enxurrada frenética de escrita.

Isso ele sabia, mas a sensação de ardor e compulsão parecia ter-se atenuado. A mão ainda se encontrava dormente, mas a força com que segurava o lápis e era, na verdade, com muita força, a julgar pela marca no lado do dedo podia ter alguma coisa a ver com isso.

Não lera ele naquele mesmo artigo sobre a escrita automática que, muitas vezes, as pessoas se enganavam a si próprias com a tábua Ouija — que, na maioria dos casos, esta era guiada não pelos espíritos mas pelos pensamentos e desejos subconscientes do indivíduo?

“A casa é onde está o começo.” Se se tratava ainda de Stark, e se o trocadilho tinha algum significado, era aqui, nesta casa: porque George Stark nascera aqui.

Subitamente, uma parte do maldito artigo da revista People penetrou-lhe no espírito.

“Enfiei uma folha de papel na máquina de escrever... e, depois, tornei a tirá-la logo de seguida. Escrevi todos os meus livros à máquina, mas, aparentemente, George Stark não era apologista de máquinas de escrever. Talvez

porque não tivessem aulas de datilografia em nenhum dos hotéis de pedra onde ele cumpriu uma pena de prisão.”

Engraçado, muito engraçado. Mas havia apenas uma relação secundária com os fatos atuais, não havia? Não era a primeira vez que Thad contava com uma história que possuía apenas uma ligação muito tênue com a verdade, e admitiu que não seria a última (partindo do princípio que sobreviveria a isto, é óbvio). Não se tratava propriamente de mentir, nem sequer de enfeitar a verdade, rigorosamente falando. Tratava-se do ato praticamente inconsciente de ficcionalizar a própria vida, e Thad não conhecia um único romancista ou escritor de contos que não o fizesse. Não fazíamos aquilo para dar de nós uma melhor imagem do que aquela que realmente tivemos numa dada situação. Por vezes, isso acontecia, mas estávamos igualmente predispostos a relatar uma história que nos dava uma má imagem ou nos fazia parecer comicamente estúpidos. Qual era aquele filme em que um jornalista dissera: “Quando se tem a escolha entre a verdade e a lenda, imprimam a lenda”? Talvez em O Homem que matou Liberty Valance. Talvez até funcionasse para os relatos merdosos e imorais, mas funcionava também para a ficção maravilhosa. O extravasamento da ficção para a própria vida pessoal parecia ser um efeito secundário praticamente inevitável do contar histórias: era como ficar com calos nas pontas dos dedos por tocar viola ou acabar por ganhar uma certa tosse após anos a fumar.

Na verdade, os fatos do nascimento de Stark eram bem diferentes daqueles contados na versão da People. Não houvera qualquer decisão mística de escrever os romances do Stark à mão, embora o tempo o tivesse tornado numa espécie de ritual. E quando se tratava de rituais, os escritores eram tão supersticiosos como os atletas profissionais.

Os jogadores de beisebol podiam vestir as mesmas meias dia após dia ou benzerem-se antes de subir para a caixa do batedor se estivessem a jogar bem. Quando bem sucedidos, os escritores ficavam propensos a seguir os mesmos padrões até estes se transformarem em rituais, num esforço para se precaverem do equivalente literário de um falhanço com o bastão... que era conhecido como o bloqueio do escritor.

O hábito de George Stark em escrever os romances à mão começara pura e simplesmente porque Thad se esquecera de levar fitas novas para a sua Underwood no pequeno escritório da casa de Verão em Castle Rock. Dado que as

idéias eram escaldantes e demasiado prometedoras para esperar, apesar de não ter fitas para a máquina, Thad vasculhou as gavetas da pequena secretária que aí tinha até encontrar um bloco de notas e alguns lápis e...

"Naquela época, tínhamos o hábito de ir para aquela casa junto ao lago numa época bastante tardia no Verão, porque eu dava aquele curso de três semanas. Como era mesmo o nome? "Formas Criativas". Que raio de coisa tão estúpida. Nesse ano, já estávamos no fim de Junho e lembro-me de subir ao escritório e descobrir que já não tinha fitas. Raios, até me lembro de Liz se queixar de nem se quer termos café..."

"A casa é onde está o começo."

Ao falar com Mike Donaldon, o tipo da revista People, e ao contar-lhe a história semificcional da gênese de George Stark, Thad transferira a localização para a grande casa, ali em Ludlow, sem sequer se dar ao trabalho de pensar duas vezes: porque, supunha ele, era em Ludlow que se dedicava mais à escrita, sendo perfeitamente normal localizar a cena ali, sobretudo quando se está a preparar uma cena, a pensar numa cena, tal como se faz quando se está a escrever um artigo de ficção. Mas não fora ali que George Stark fizera a sua estréia. Não fora ali que usara pela primeira vez os olhos de Thad para ver o mundo, apesar de ter sido ali que escrevera a maior parte dos seus livros, tanto como Stark como quando ele próprio, fora ali que eles tinham vivido a maior parte das suas estranhas vidas duplas.

"A casa é onde está o começo."

Neste caso, casa deveria ser sinônimo de Castle Rock.

Castle Rock, que, por mero acaso, era também onde se situava o Cemitério de Homeland. O Cemitério de Homeland que era onde, no pensamento de Thad e provavelmente também no de Alan Pangborn, George Stark aparecera pela primeira vez na sua materialização física homicida, há cerca de duas semanas atrás.

De seguida, como se se tratasse da seqüência mais natural do mundo (tanto quanto ele sabia, até que podia muito bem ser), veio-lhe à cabeça uma

outra pergunta, uma que era tão básica e que surgiu de modo tão espontâneo que Thad só ouviu dizê-la em voz alta, como um fã tímido num chá para conhecer o autor:

Porque é que queres voltar de novo a escrever?

Thad baixou a mão até a ponta do lápis tocar no papel. Aquele entorpecimento característico voltou a fluir para cima dela e dentro dela, dando a sensação de que a mão estava mergulhada numa corrente de água muito fria.

Mais uma vez, o primeiro ato da mão foi erguer-se de novo e virar para uma página limpa no diário. Voltou a descer, vincando a folha virada pela lombada... só que, desta vez, a escrita não começou de imediato. Thad teve tempo para pensar que, apesar do entorpecimento, o contato, qualquer que tivesse sido, fora quebrado. Foi então que o lápis se agitou na mão, como se de uma coisa viva se tratasse... viva mas gravemente ferida. Com um sacco, rabiscou um sinal semelhante a uma vírgula na horizontal e, com um novo sacco, descreveu um travessão. Foi então que escreveu "George Stark, George Stark não há pássaros George Stark"

Antes de ficar imóvel como uma peça de maquinaria sibilante.

"Sim. Podes escrever o teu nome. E podes negar a existência dos pardais. Muito bem. Mas porque é que queres voltar de novo a escrever? Porque é que é tão importante assim? Importante o suficiente para matar pessoas?"

"Se não o fizer, morro", escreveu o lápis.

— O que queres dizer com isso? — sussurrou Thad, embora sentisse uma esperança desvairada a deflagrar na cabeça. Será que era possível ser assim tão simples? Thad admitia que podia ser assim, sobretudo para um escritor que, antes de mais nada, nem sequer tinha de existir. Meu Deus, havia muito bons escritores reais que só conseguiam viver se escrevessem, ou se sentissem que o conseguiam fazer... e, no caso de homens como Ernest Hemingway, fora tudo dar ao mesmo, não fora?

O lápis vacilou, desenhando de seguida uma comprida linha irregular por baixo da última mensagem. Peculiarmente, assemelhava-se às impressões vocais.

— Vá lá — sussurrou Thad.Que raio queres tu dizer com isso?

“A desintegrar-me”, escreveu o lápis. As letras eram afetadas e relutantes.

O lápis agitou-se e titubeou entre os dedos, que estavam brancos como a cal da parede. “Se exercer muito mais pressão”, pensou Thad, “o lápis vai acabar por estalar.” “a perder” “a perder a coesão necessária” “não existem quaisquer pássaros, NÃO EXISTEM QUAISQUER PORRA DE PÁSSAROS” “Oh seu filho da mãe sai de dentro” da minha cabeça.”

Subitamente, o braço de Thad voou. Ao mesmo tempo, a mão dormente sacudiu o lápis com a agilidade de um mágico a manipular uma carta e, em vez de o segurar entre os dedos junto à ponta do cilindro, agarrou o lápis como se de um punhal se tratasse. Thad baixou o lápis, Stark baixou o lápis e, de repente, o lápis foi espetado na teia de carne entre o polegar e o primeiro dedo da mão esquerda. A ponta de grafite, de algum modo romba pela enorme quantidade de coisas que Stark escrevera, furou praticamente toda a mão, atravessando-a de um lado ao outro. O lápis estalou. Um charco vivo de sangue encheu a depressão que a haste do lápis fizera na carne. De repente, a força que o possuíra, passara.

Uma dor terrível subiu pela mão acima, que continuava sobre a secretária com o lápis espetado e projetado para fora.

Thad lançou a cabeça para trás e cerrou bem os dentes para calar o grito agonizante que se debatia para escapar da garganta.

Ao lado do escritório havia uma pequena casa de banho. Quando Thad se sentiu capaz de andar, levou a mão monstruosamente latejante até lá, tendo examinado a ferida sob o brilho ofuscante da lâmpada fluorescente do teto.

Assemelhava-se a uma ferida causada por uma bala: um buraco perfeitamente redondo, orlado por uma mancha escura que se alastrava. A mancha assemelhava-se a pólvora e não a grafite. Thad virou a mão e viu um leve pontinho encarnado, do tamanho de uma alfinetada, no lado da palma da mão. Era a ponta do lápis.

"Foi o que deu por teres ido até ao fim", pensou.

Thad colocou a ferida debaixo da água fria até a mão ficar dormente. De seguida, tirou do armáriozinho a garrafa de água oxigenada. Como verificou que não conseguia segurar a garrafa com a mão esquerda, pressionou-a contra o corpo com o braço esquerdo para conseguir tirar a tampa. Deste modo, despejou o desinfetante sobre o buraco da mão, observando o líquido a ficar branco e espumoso, cerrando os dentes para conter a dor.

Depois de voltar a pôr a garrafa de água oxigenada no lugar, tirou um a um do armáriozinho os poucos frascos de medicamentos que aí se encontravam, examinando os rótulos. Quando, há dois anos atrás, dera uma valente queda ao fazer corta-mato em esqui, sofrera de terríveis espasmos nas costas, tendo o bom velho Dr. Hume passado uma receita de Percodan. Tomara apenas alguns e verificara que os comprimidos desregulavam o seu ciclo de sono e lhe dificultavam a escrita.

Por fim, Thad lá acabou por descobrir o frasco de plástico escondido por detrás de uma lata de creme de barbear Barbaso que devia ter, pelo menos, cem anos. Com os dentes, Thad abriu a tampa do frasco e, com uma sacudidela. deitou um dos comprimidos para fora, para o lado do lavatório. Por um segundo, ponderou no que ia fazer, decidindo não o fazer. Eles eram fortes.

"E talvez até estejam estragados. Talvez até possa acabar esta noite tão divertida com uma boa convulsão e uma viagem ao hospital. Que tal?"

Mas decidiu correr o risco. Na verdade, nem sequer podia haver dúvidas: as dores eram imensas e horríveis. Quanto ao hospital... Thad olhou de novo para a ferida na mão e pensou: "Provavelmente até devia lá ir para que um médico examinasse isto, mas raios me partam se o faço. Já estou farto de, nestes últimos dias, ver as pessoas a olharem para mim como se eu fosse um louco. Já basta."

Thad atirou mais quatro Percodans para a mão em forma de concha, enfiou-os no bolso das calças e tornou a pôr o frasco na prateleira do armário de remédios. De seguida, colocou um penso rápido sobre a ferida. Um daqueles redondos era o suficiente. "Ao olhar para aquele circulozinho de plástico", pensou ele, "ninguém faz sequer a mais pequena idéia do quanto esta maldita coisa dói. Ele armou-me uma cilada. Uma armadilha na mente dele e eu caí nela que nem um patinho."

Fora realmente isso que acontecera? Thad não sabia, não com toda a certeza, mas de uma coisa estava certo: não era seu desejo repetir a proeza.

Quando se conseguiu controlar de novo, ou algo próximo disso, Thad voltou a colocar o diário na gaveta da secretária, desligou as luzes do escritório e desceu até ao segundo andar. No patamar, deteve-se por um instante, à escuta. Os gêmeos estavam silenciosos. E Liz também.

O Percodan, aparentemente ainda dentro do prazo de validade, começou a dar sinais de vida e as dores na mão de Thad começaram a diminuir um pouco. Caso, inadvertidamente, Thad dobrasse a mão, o tênue latejar transformava-se num grito. No entanto, se fosse cuidadoso, não doía assim tanto.

"Mas, caro amigo, amanhã de manhã vai doer... e o que vais dizer à Liz?"

Ainda não sabia bem. Talvez a verdade... ou parte dela, de qualquer modo.

Aparentemente, ela especializara-se em apanhá-lo nas mentiras.

As dores estavam a passar mas os efeitos posteriores do choque repentino de todos os choqões repentinos ainda subsistiam e Thad imaginou que levaria mais algum tempo até conseguir adormecer. Assim, desceu até ao primeiro andar e, através das cortinas corridas da grande janela da sala de estar, deu uma olhadela ao carro-patrulha da polícia estadual estacionado na entrada. Thad conseguia vislumbrar a luz bruxuleante intermitente de dois cigarros no seu

interior.

“Estão para ali os dois sentados muito senhores de si”, pensou ele. “Os pássaros não incomodaram qualquer um deles. Talvez, então, não EXISTISSEM realmente nenhuns, exceto na minha cabeça. Afinal de contas, estes tipos são pagos para serem incomodados.”

Era uma idéia tentadora mas o escritório situava-se no outro lado da casa. As suas janelas não eram vistas da entrada. Do mesmo modo, a garagem também estava tapada.

Conseqüentemente, os polícias não podiam mesmo ter visto os pássaros. Não, pelo menos, quando começaram a empoleirar-se.

“Mas, e quando todos eles levantaram vôo ao mesmo tempo? Não me venham dizer que eles não ouviram isso. Tu, Thad, viste pelo menos uma centena, talvez até duzentos ou trezentos.”

Thad foi até lá fora. Mal abriu a porta de rede da cozinha, já os dois agentes se encontravam fora do carro, um de cada lado. Eram homens grandes que se moviam com a rapidez silenciosa dos felinos.

— Ele voltou a telefonar, senhor Beaumont? – perguntou aquele que saíra do lado do condutor. Chamava-se Stevens.

— Não, nada disso — retorquiu Thad. Estava a escrever no meu escritório quando tive a sensação de ouvir um bando inteiro de pássaros a levantar vôo. Fiquei um pouco assustado. Por acaso ouviram alguma coisa?

Thad não sabia como se chamava o polícia que saíra do outro lado do carro. Era novo e louro, com um daqueles rostos redondos e francos que irradiam de boa natureza.

— Ouvimo-los e vimo-los — afirmou. Apontou para o céu, onde a Lua, que já não estava propriamente a um quarto, se encontrava suspensa sobre a casa. — Atravessavam a Lua a voar. Pardais. Um bando até bem grande. Quase

nunca voam à noite.

— Faz alguma idéia de onde é que eles possam ter vindo? — perguntou Thad.

— Bem, deixe-me que lhe diga uma coisa — replicou o agente de rosto redondo: — não faço a mais pequena idéia. Chumbei na cadeira de “Vigilância a Pássaros”. Riu. O outro agente não.

— Sente-se um pouco nervoso esta noite, senhor Beaumont? — inquiriu ele.

Thad olhou para ele calmamente.

— Sim — respondeu. — Ultimamente, tenho-me sentido nervoso todas as noites.

— Podemos ser-lhe úteis em alguma coisa?

— Não — replicou Thad. — Parece-me bem que não. Estava apenas curioso com aquilo que ouvi. Passem uma boa noite.

— Boa noite — desejou o agente de rosto redondo.

Stevens limitou-se a acenar com a cabeça. Por debaixo da aba branca do chapéu do agente, os seus olhos eram brilhantes e inexpressivos.

“Aquele acha que eu sou culpado”, pensou Thad, a subir a pequena alameda. “De quê? Não sabe. Provavelmente nem se interessa por isso. Mas tem o rosto de um homem que acredita que toda a gente é culpada de alguma coisa. Quem sabe? Talvez até tenha razão.”

Thad fechou a porta da cozinha trancando-a atrás de si. Voltou para a sala de estar e olhou de novo para fora. O agente de rosto redondo retirara-se para dentro do carropatrulha, mas Stevens encontrava-se ainda de pé do lado do

condutor e, por um instante, Thad teve a sensação de que ele estava a olhar diretamente para os seus olhos. Não podia ser, está claro. Com as cortinas corridas, Stevens conseguiria apenas vislumbrar uma mancha escura indistinta, se é que chegava a ver alguma coisa. Ainda assim, a sensação subsistiu.

Thad correu os cortinados sobre as cortinas e dirigiu-se ao bar. Abriu o armário e tirou uma garrafa de Glenlivet, que fora sempre a sua bebida favorita. Durante um longo momento, deixou-se ficar a olhar para a garrafa, tendo-a, de seguida, colocado de novo no lugar. Apesar de ter um desejo enorme de beber, esta seria a pior altura da sua vida para recomeçar a fazê-lo.

Thad dirigiu-se à cozinha e encheu um copo com leite, tendo cuidado para não dobrar a mão esquerda. A ferida transmitia uma sensação de ardor e fragilidade.

"Ele surgiu de forma imprecisa", pensou ele, bebericando o leite. "Não durou por muito tempo, irritou-se de um modo tão rápido que foi assustador, mas apareceu de forma imprecisa. Penso que devia estar a dormir. Podia estar a sonhar com Miriam, mas não me parece. Aquilo onde entrei era demasiado coerente para ser um sonho. Penso que era a memória. Penso que devia ser o "Álbum de Recordações" subconsciente de George Stark, onde está tudo bem anotado e enfiado no buraco correspondente. Julgo que se ele penetrasse no meu subconsciente e, pelo que sei, talvez até já o tenha feito, iria encontrar o mesmo gênero de coisa."

A bebericar o leite, Thad olhou para a porta da despensa.

"Será que conseguiria entrar nos seus pensamentos ACORDADOS... nos seus pensamentos conscientes..."

Thad estava convencido que a resposta seria afirmativa... mas pensou também que isso o tornaria vulnerável de novo. E, da próxima vez, talvez não fosse um lápis na mão.

Da próxima vez podia ser um corta-papéis no pescoço.

“Ele não pode fazer isso. Ele precisa de mim.”

“Sim, mas ele é doido. E nem sempre as pessoas doidas salvaguardam os seus interesses.”

Thad olhou para a porta da despensa e refletiu sobre o modo de abri-la... e daí sair de novo para o exterior, para o outro lado da casa.

“Será que o consigo obrigar a fazer alguma coisa? Tal como ele me obrigou a fazer?”

A esta pergunta, Thad não soube dar uma resposta. Pelo menos por ora. E uma experiência falhada poderia matá-lo.

Acabou de beber o leite, passou o copo por água e colocou-o no escorredor da louça.

De seguida, dirigiu-se até à despensa. Ali, entre prateleiras com embalagens de comida à sua direita e prateleiras com artigos de escritório à sua esquerda, encontrava-se uma porta, semelhante às utilizadas nas cavalariças, que dava para o extenso relvado a que chamavam o quintal das traseiras. Thad desaferrolhou a porta, empurrou as duas metades para fora e viu a mesa de piquenique e o grelhador lá fora, quais sentinelas silenciosas de guarda. Saiu para o caminho de asfalto que circundava este lado da casa e acabava por ir dar ao passeio principal na entrada.

Sob a luz incerta da Lua no quarto minguante, o passeio tremeluzia como vidro escuro. Aqui e ali, a distâncias irregulares, Thad conseguia vislumbrar umas manchas brancas

“Cagadelas de pardais, para falar curto e grosso”, pensou ele.

Thad caminhou lentamente pelo caminho de asfalto até se encontrar diretamente por baixo das janelas do seu escritório. Um caminhão Orinco surgiu no horizonte e apressou-se pela Estrada 15 em direção à casa, lançando uma momentânea luz clara através do relvado e do passeio de asfalto. Sob esta luz

breve, Thad viu os corpos de dois pardais caídos no passeio: pequenos montículos de penas com patinhas trifurcadas a sair dos corpos minúsculos. Depois, o caminhão passou, ao luar, os corpos dos pássaros mortos tornaram-se mais uma vez manchas de sombra irregulares, e nada mais do que isso.

"Eles eram reais", pensou de novo. "Os pardais eram reais." Aquele terror cego e desafiante regressou, fazendo-o, de certa forma, sentir-se imundo. Thad tentou cerrar as mãos em forma de punho, tendo a mão esquerda respondido com um bramido de dor. O pouco alívio que conseguira com o Percodan já estava a desaparecer.

"Eles estiveram aqui. Eles eram reais. Como é que isso é possível?"

Thad não sabia.

"Será que fui eu quem os chamou ou será que os criei a partir do nada?"

Também isto Thad não sabia. Mas de uma coisa tinha a certeza: os pardais que haviam aparecido esta noite, os pardais reais que tinham surgido antes de ter sido engolido pelo estado de transe, eram apenas uma fração de todos os pardais possíveis.

Talvez até apenas uma fração infinitesimal.

"Nunca mais", pensou ele. "Por favor, nunca mais."

Todavia, Thad suspeitava que aquilo que ele desejava não tinha qualquer valor. Esse é que era o verdadeiro terror: entrara em contato com algum talento paranormal terrível dentro dele, mas não conseguia controlá-lo. A própria idéia de controlo era uma piada.

E Thad acreditava que, antes de tudo isto terminar, eles estariam de volta.

Foi percorrido por um arrepio e entrou de novo em casa. Como se de um ladrão se tratasse, esgueirou-se para a própria despensa, tendo fechado a porta

atrás de si e levado a mão a latejar para a cama. Antes de se deitar, engoliu mais um Percodan, empurrando-o pela garganta abaixo com água da torneira da cozinha.

Liz não acordou quando Thad se deitou a seu lado. Algum tempo depois, mergulhou em três horas de sono confuso e intermitente, nas quais os pesadelos voavam e circulavam em seu redor. mas sempre fora do seu alcance.

DEZENOVE - STARK VAI ÀS COMPRAS

Acordar não era como acordar.

Na verdade, quando nada mais interessava a não ser isso, ele tinha a sensação de nunca ter estado realmente acordado ou a dormir, pelo menos na acepção que as pessoas normais utilizam estas palavras. Em certo sentido, era como se ele estivesse sempre a dormir, só se deslocando de um sonho para outro. Nesse sentido, a sua vida, o pouco que dela se recordava, era como um jogo infinito de caixas enfiadas umas dentro das outras, ou como espreitar para um corredor interminável de espelhos.

Este sonho era um pesadelo.

Lentamente, Stark acordou do seu sono, ciente de que não tinha estado verdadeiramente a dormir. De alguma forma, Thad Beaumont conseguira tê-lo nas mãos por um instante" conseguira submetê-lo à sua vontade por um instante. Será que dissera coisas, revelara coisas, enquanto Beaumont estivera a controlá-lo? Stark tinha a sensação de que talvez o tivesse feito... mas também tinha a certeza de que Beaumont não saberia como interpretar essas coisas, ou fazer a distinção entre as coisas importantes que pudesse ter dito e aquelas outras que não interessavam. Starkacordou também do seu sono por causa das dores.

Alugara um apartamento minúsculo de duas assoalhadas na East Village, ao largo da Avenida B. Quando abriu os olhos, encontrava-se sentado na mesa da cozinha torta, com um bloco de notas à sua frente. Um regato de sangue berrante corria por entre o oleado desbotado que cobria a mesa e, apesar de tudo, não era assim tanto de admirar porque uma esferográfica Bic estava espetada na parte de trás da sua mão direita. Foi nesse instante que o sonho começou a vir ao de cima.

Fora assim que conseguira tirar Beaumont do seu espírito, a única forma por meio da qual conseguira quebrar o laço que o covarde nojento tinha, de algum modo, forjado entre eles. Covarde? Sim. Mas também ele era matreiro, e seria uma péssima idéia não tomar esse fato em conta. Uma péssima idéia,

mesmo.

Stark lembrava-se vagamente de sonhar que Thad estava com ele, na sua cama, estavam a conversar um com o outro, a falarem baixinho um com o outro e, a princípio, esta cena parecera ser tão agradável quanto peculiarmente reconfortante, como se estivesse a falar com um irmão depois de apagarem as luzes.

Só que eles não estavam apenas a conversar um com o outro, pois não?

O que eles tinham estado a fazer era a trocar segredos... ou, melhor, Thad estava a fazer-lhe perguntas e Stark dera por si a responder a elas. Era agradável responder, era reconfortante responder. Mas era também alarmante. A princípio, o alarme estava centrado nos pássaros: porque é que Thad não parava de lhe fazer perguntas sobre pássaros? Não havia quaisquer pássaros. Em tempos, talvez... há muito, muito tempo atrás... mas já não. Tratava-se apenas de um jogo mental, de um esforço patético para o tirar do sério. Foi então que, a pouco e pouco, o seu sentido de alerta se fundiu com o seu instinto de sobrevivência quase requintadamente apurado: começou a ficar mais alerta e preciso enquanto ele continuava a tentar lutar acordado. Era como se estivesse a ser mantido debaixo de água, como se o estivessem a afogar...

Fora assim, ainda naquele estado semiacordado, que Stark se dirigira à cozinha, abrira o bloco de notas e pegara na esferográfica. Thad não tivera qualquer palpite quanto a isso, porque é que haveria de ter? Não se encontrava também ele a escrever a oitocentos quilômetros de distância? A caneta não batia certo, está claro, nem sequer cabia bem na mão, mas serviria. Por agora.

“A desintegrar-me”, observara-se a si próprio a escrever, encontrando-se nessa altura muito próximo do espelho mágico que separava o sono do estado acordado, a debater-se para subjugar a caneta aos seus próprios pensamentos, para subjugar à sua vontade aquilo que surgiria e não surgiria no vazio do papel, mas era difícil, meu Deus, meu Deus, era tão terrivelmente difícil.

Stark comprara a caneta Bic e meia dúzia de blocos de notas numa papelaria logo após a sua chegada à cidade de Nova Iorque. Fizera-o mesmo antes de alugar o maldito “pardieiro”. A loja tinha lápis Berol e, apesar de querer comprá-los, não o fizera.

Porque, independentemente da mente que guiara os lápis, fora a mão de Thad Beaumont que os segurara e Stark precisava de saber se esse era um laço que teria de quebrar.

Deste modo, deixara os lápis e, em seu lugar, levara a caneta. Se conseguisse escrever, se conseguisse escrever por si só, não haveria qualquer problema e Stark não precisaria daquela criatura desprezível e choramingas lá do Maine para nada. No entanto, a caneta não tivera qualquer utilidade para ele. Por mais que tentasse, por mais que se concentrasse, a única coisa que conseguira escrever fora o seu próprio nome. Escreverao vezes sem conta: George Stark, George Stark, George Stark, até que, ao chegar ao fim da folha, estas deixaram de ser palavras identificáveis e passaram a ser meros rabiscos informes de uma criança a aprender a escrever.

No dia anterior, Stark fora a uma filial da Biblioteca Pública de Nova Iorque e alugara, por uma hora, uma das cinzentas e soturnas máquinas de escrever elétricas IBM na sala de escrita. A hora parecera durar mil anos. Stark sentara-se num cubiculozinho fechado por três lados, com os dedos a tremer sobre as teclas, e escrevera o seu nome, desta vez em letras maiúsculas "GEORGE STARK, GEORGE STARK, GEORGE STARK".

"Pára com isso!", vociferara para si próprio. "Escreve uma outra coisa, qualquer coisa, mas pára com isso!"

E assim tentara. Debruçara-se sobre as teclas, a transpirar, e escrevera: "A veloz raposa castanha saltou por cima do cão preguiçoso."

Só que quando olhou para o papel, viu que escrevera antes "O George Stark, george stark, ou por cima do starky, star." Nessa altura, sentira um impulso incontrolável de arrancar a IBM da ficha e de atravessar a sala com ela nas mãos, violentamente, brandindo a máquina de escrever como a moca de um bárbaro, a abrir cabeças e a partir pescoços: "já que não conseguia criar, ao menos que o deixassem destruir".

Porém, conseguira dominar-se (com um esforço sobre-humano) e saíra da biblioteca, tendo amarrotado a inútil folha de papel com uma mão forte

enquanto se afastava e lançado a bola para dentro de um caixote de lixo no passeio. Neste momento, com a caneta Bic na mão, recordava-se da raiva cega e total que sentira ao descobrir que, sem Beaumont, não conseguia escrever mais nada exceto o próprio nome. E o medo. O pânico.

Mas ele ainda tinha Beaumont na mão, não tinha? Beaumont bem que podia pensar que era o contrário, mas talvez... talvez Beaumont tivesse de preparar-se para uma grande e maldita surpresa.

“A perder”, escreveu ele, e pelo amor de Deus, não podia contar a Beaumont mais nada: aquilo que escrevera já era suficientemente mau. Stark fez um esforço enorme para readquirir o controlo da sua mão traidora. Para despertar.

“A Coesão necessária”, escreveu a mão dele, como que a explicitar o pensamento anterior e, subitamente, Stark viu-se a si mesmo a apunhalar Beaumont com a caneta.

Pensou: “E também o consigo fazer: não me parece que o conseguisses, Thad, porque quando se trata de ti, não passas de um menino copinho-de-leite, não é? Mas quando vamos ao que realmente interessa... sou bem capaz de segurar as pontas, seu filho da mãe. Acho que está na altura de aprenderes isso.”

E embora isto fosse como um sonho dentro de um sonho, embora ele estivesse dominado por aquela terrível sensação vertiginosa de estar fora de si, foi então que uma parte da sua autoconfiança feroz e incondicional voltou, e Stark foi capaz de perfurar o escudo do sono. Naquele momento triunfante de estilhaçamento da superfície antes de Beaumont o conseguir afogar, Stark ganhou o domínio da caneta... e, por fim, foi capaz de escrever com ela. Por um instante, e foi só por um instante, Stark teve a sensação de que existiam duas mãos a segurar dois instrumentos de escrita. A sensação era clara de mais para ser tudo menos real.

“Não existem quaisquer pássaros”, escreveu ele.

A primeira frase real que alguma vez escrevera enquanto ser físico. Era terrivelmente difícil escrever. Apenas uma criatura de determinação

sobrenatural conseguiria ter ultrapassado o sofrimento que o esforço implicava. Mas, uma vez as palavras cá fora, Stark sentiu o seu domínio fortalecer. A força daquela outra mão enfraquecera, e Stark mantinha o seu próprio poder sobre ela, sem apelo nem agravo.

"Afoga-te por uns instantes", pensou ele. "Vê se gostas."

Numa arremetida mais rápida e muito mais satisfatória do que o mais intenso dos orgasmos, escreveu: "NÃO EXISTEM QUAISQUER PORRA DE PÁSSAROS. Oh, seu filho da mãe, sai de dentro da minha CABEÇA!"

Foi nessa altura que, antes mesmo de ter tempo de pensar — pensar talvez tivesse provocado uma hesitação e tal – Stark descreveu no ar um arco curto e baixo com a caneta Bic. A ponta de aço foi espetar-se na mão direita .. e, a centenas de quilômetros a norte, conseguiu sentir Thad Beaumont a levantar no ar um lápis Black Berol Beauty e a espetá-lo na mão esquerda.

Foi então que ele acordou — que ambos acordaram de vez. As dores eram ardentes e enormes — mas eram também libertadoras. Stark gritou, encostando a cabeça a transpirar contra o braço para abafar o som, mas era tanto um grito de alegria e de satisfação como de dor.

Conseguia sentir Beaumont a conter o próprio grito no escritório lá em cima no Maine. O elo de percepção que Beaumont criara entre eles não se quebrara" era mais como se fosse um nó apertado à pressa que dava de si sob a pressão de um forte puxão final. Stark sentiu, praticamente viu a sonda que o filho da mãe traidor introduzira sorrateiramente na sua cabeça enquanto dormia a torcer e contorcer-se e a deslizar para fora do seu corpo.

Com a mente, e não fisicamente, Stark agarrou naquela ponta a desaparecer da sonda mental de Thad. Ao olho da própria mente de Stark, assemelhava-se a uma minhoca, uma larva gorda e branca, delirantemente recheada de vísceras e detritos podres.

Stark pensou em levar Thad a tirar um outro lápis do frasco e a usá-lo para se apunhalar de novo, desta vez no olho. Ou talvez o pudesse levar a enfiar a ponta do lápis bem no fundo do ouvido, furando o tímpano e cutucando à procura

da carne mole do cérebro. Quase que conseguia ouvir o grito de Thad. Esse ele não seria capaz de abafar.

Mas, nessa altura, parou. Ele não queria Beaumont morto. Pelo menos por enquanto.

Não enquanto Beaumont não o ensinasse a viver por si só.

Lentamente, Stark afrouxou o punho e, ao fazê-lo, sentiu o punho que segurava a essência de Beaumont — o punho mental, que provara ser tão rápido e impiedoso como o físico — a abrir-se também. Sentiu Beaumont, a roliça larva branca, a afastar-se, a guinchar e a choramingar.

— Apenas para já — sussurrou ele, virando a sua atenção para o outro assunto necessário. Fechou a mão esquerda em redor da caneta que saía da mão direita. Com cuidado, puxou-a para fora. De seguida, deitou-a no cesto dos papéis.

Havia uma garrafa de Glenlivet no escorredor de aço inoxidável junto ao lava-louças.

Stark pegou nela e levou-a para a casa de banho. Enquanto caminhava, a mão direita balançava a seu lado, salpicando o linóleo desbotado com gotinhas de sangue do tamanho de moedas de dez centavos.

O buraco na mão estava a cerca de dois dedos acima da crista dos nós dos dedos e ligeiramente à direita do anelar. Era perfeitamente redondo. Combinada com a hemorragia interna e a lesão, a mancha de tinta escura em redor do buraco fazia assemelhar este a uma ferida causada por um disparo de uma pistola. Stark tentou dobrar a mão. Os dedos mexeram-se... mas a lancinante onda de dores daí resultante foi demasiado intensa para experiências adicionais.

Stark puxou a pequena corrente pendurada na instalação elétrica acima do espelho do armário dos remédios, e a lâmpada de setenta watts sem quebra-luz

acendeu-se Com o braço direito, segurou a garrafa de uísque entre o braço e a cintura de forma a conseguir desenroscar a tampa. De seguida, esticou a mão ferida e abriu os dedos sobre o lavatório. Estaria Beaumont a fazer a mesma coisa no Maine? Stark tinha as suas dúvidas. Stark tinha as suas dúvidas de que Beaumont tivesse coragem para limpar a própria porcaria. Por esta altura, já devia estar, certamente a caminho do hospital. Stark entornou um fio de uísque sobre a ferida, tendo sido perpassado, do braço ao ombro, por uma descarga de dor pura e lancinante. Viu o uísque a borbulhar na ferida, viu os fiozinhos de sangue no âmbar, e teve de enterrar de novo o rosto na manga da camisa ensopada de suor. Pensou que as dores nunca abrandariam, mas, por fim, começaram a abrandar.

Stark tentou colocar a garrafa de uísque na prateleira aparafusada à parede de azulejos abaixo do espelho. Como a mão estava a tremer demasiado para esta operação ser bem sucedida, Stark depositou-a, então, no chão de estanho manchado de ferrugem da banheira. Dali a um minuto, ia querer uma bebida.

Ergueu a mão, colocando-a contra a luz, e espreitou para o buraco, conseguindo vislumbrar a lâmpada do outro lado, ainda que de modo indistinto: era como olhar através de um filtro vermelho, tornado turvo por uma espécie de muco membranoso.

Embora Stark não tivesse espetado a caneta até ao outro lado da mão, estivera lá perto.

Talvez Beaumont tivesse conseguido melhor. A esperança era a última a morrer.

Stark colocou a mão debaixo da torneira de água fria, espalhou os dedos para abrir o buraco o mais possível e, de seguida, preparou-se para as dores. A princípio, foi terrível — teve de conter um outro grito por entre os dentes, já de si cerrados, e por entre os lábios, já de si comprimidos um contra o outro numa fina linha branca — mas depois a mão ficou dormente, e doeu menos. Stark obrigou-se a permanecer com a mão debaixo da torneira durante três minutos, após o que fechou a torneira e tornou a segurar a mão à contra luz.

O brilho da lâmpada através do buraco era ainda visível, só que agora

estava esbatido e distante. A ferida começava a fechar-se. O seu corpo parecia ter um maravilhoso poder de regeneração, o que tinha bastante graça, porque, nessa mesma altura, ele estava a desintegrar-se. A perder coesão, escrevera ele. E não estava tão longe quanto isso.

Durante cerca de trinta segundos, Stark olhou fixamente para o próprio rosto refletido no espelho tremeluzente e manchado do armário dos medicamentos, acabando por dar um abanão real para voltar de novo à vida. Olhar para o seu rosto, tão conhecido e familiar e ainda assim tão novo e estranho, fazia-o sempre sentir como se estivesse a cair num estado de transe hipnótico. Stark até admitia que, se fitasse o seu rosto durante bastante tempo, isso iria acabar por acontecer.

Abriu o armário dos remédios, lançando para o lado o espelho e o rosto repulsivamente fascinante. O armário apresentava uma coleçãozinha peculiar de artigos na prateleira: duas lâminas descartáveis, uma das quais já utilizada, frascos de base, uma caixa de pó-de-arroz, diversas cunhas de esponja de grão fino, cor de marfim onde ainda não tinham adquirido um tom ligeiramente mais escuro por causa do pó-de-arroz e um frasco de aspirinas. Nenhum penso-rápido. “Os pensos-rápidos são como os polícias”, pensou ele, “nunca está nenhum por perto quando realmente precisamos de um.” Mas não havia problema, concluiu. Desinfetaria a ferida com um pouco mais de uísque (isto era depois de desinfetar as entranhas com um bom gole) e, de seguida, enrolaria um lenço à volta da mão. Não acreditava que a ferida pudesse infectar: ele parecia ser imune a infecções. Também isto ele achou ter graça.

Com os dentes, Stark tirou a tampa do frasco de aspirinas, e depois de a cuspir para dentro do lavatório, virou o frasco ao contrário e enfiou na boca uma dúzia de comprimidos. Tirou o uísque de dentro do chuveiro, empurrando as aspirinas para baixo com um trago. O álcool atingiu o estômago, abrindo aí o seu reconfortante rebento de calor De seguida, espalhou um pouco mais de uísque pela mão.

Stark dirigiu-se para o quarto e abriu a primeira gaveta de uma secretária que já vira melhores muito melhores — dias. Isso e um sofá-cama antigo eram as únicas peças de mobiliário do quarto.

A gaveta de cima era a única com alguma coisa lá dentro, com exceção

dos forros feitos com folhas do Daily News: três pares de cuecas ainda com o papel de embrulho da loja, dois pares de meias com a etiqueta do fabricante ainda à volta, um par de Levi's, e um lenço, ainda também por abrir. Com os dentes, rasgou o celofane e amarrou o lenço em redor da mão. Uísque cor de âmbar passou através do tecido fininho, seguido por uma manchinha de sangue. Stark esperou para ver se a manchinha se espalharia, mas não o fez. Ainda bem. Ainda bem mesmo.

"Teria Beaumont sido capaz de colher alguns dados sensoriais?" interrogou-se Stark.

Será que sabia que, neste momento, George Stark se encontrava albergado num tosco apartamento de East Village, num edifício escavacado, onde as baratas pareciam ser suficientemente grandes para roubar os cheqões da segurança social? Stark não estava assim muito convencido, mas não fazia sentido algum arriscar quando não precisava de arriscar. Ele prometera a Thad uma semana para tomar uma decisão e, embora estivesse agora cem por cento seguro de que Thad não tinha quaisquer planos para começar a escrever de novo como Stark, ele certificar-se-ia de que Thad desfrutasse de todo o tempo que lhe fora prometido. Afinal de contas, ele era um homem de palavra.

Talvez Beaumont fosse provavelmente precisar de um pouco de inspiração. Um daqueles pequenos maçaricos de propano que se podiam comprar nas lojas de ferragens virado para as solas dos pés dos miúdos durante uns dois segundos deveria ser o suficiente, pensou Stark, só que isso seria para mais tarde. Por ora, ele jogaria ao jogo da espera... e enquanto o fizesse, não faria mal nenhum começar a dirigir-se para norte.

Para conseguir uma boa posição no terreno, se é que se pode dizer. Afinal de contas, ele tinha o carro: o Toronado preto. Estava guardado, embora isso não significasse que tivesse de ficar guardado. Poderia deixar Nova Iorque na manhã seguinte. Mas, antes de se ir embora, havia uma compra a fazer... e, neste preciso momento, tinha de usar alguns dos cosméticos do armário da casa de banho.

Stark tirou para fora os frasquinhos de base líquida, o pó-de-arroz e as esponjas.

Antes de começar, bebeu um outro trago substancial da garrafa. As mãos

estavam de novo firmes, embora a direita estivesse a latejar com força. Este fato não o incomodava especialmente" se a mão dele estava a latejar, a de Beaumont devia estar a causar dores lancinantes.

Tornou a olhar-se no espelho. Com a mão direita, tocou no pedaço de pele em forma de arco sob o olho esquerdo, acabando por levá-la até ao canto da boca passando sobre a maçã do rosto.

— A perder coesão — murmurou ele, e por Deus, isso era sem dúvida verdade.

Quando Stark olhara pela primeira vez para o seu rosto — ajoelhado no exterior do Cemitério de Homeland, a contemplar um charco de lama cuja superfície estagnada e espumosa se encontrava iluminada pela lua redonda e branca de um candeeiro público das imediações — ficara satisfeito. Era exatamente como parecera ser nos sonhos que tivera enquanto preso nas masmorras da imaginação de Beaumont, semelhantes a um útero. Nessa altura, pudera apreciar um homem convencionalmente bonito, cujos traços eram um pouco grosseiros de mais para atrair muita atenção. Se a testa não fosse tão alta e se os olhos não fossem tão afastados um do outro, até podia ser o gênero de rosto que levaria as mulheres a virar a cabeça para olharem uma segunda vez. Um rosto perfeitamente indefinido (se é que existe tal coisa) pode atrair as atenções apenas porque não apresenta nenhum traço em especial que atraia o olhar antes de este o rejeitar e passar para outro" a sua vulgaridade completa e absoluta pode confundir esse olhar e levar uma pessoa a virar-se para dar uma nova olhadela. O rosto que Stark vira pela primeira vez com olhos reais no charco de lama escapava a esse grau de banalidade por uma margem bastante grande. Imaginara ser o rosto perfeito, aquele que, mais tarde, ninguém seria capaz de descrever. Olhos azuis... um bronzeado que poderia parecer ligeiramente peculiar em alguém com um cabelo tão claro... e era isso! Era tudo! A testemunha ver-se-ia obrigada a passar para os ombros largos, que eram, na verdade, a coisa mais distinta que havia nele... e o mundo estava cheio de homens de ombros largos.

Agora, tudo mudara. Agora, o seu rosto tornara-se inegavelmente esquisito... e se não começasse a escrever de novo o mais breve possível, tornar-se-ia ainda mais esquisito. Tornar-se-ia grotesco.

“A perder a coesão”, pensou ele de novo. “Só que tu vais pôr um ponto final a isso, Thad. Quando começares o livro sobre o carro blindado, aquilo que me está a acontecer começar a inverter-se por si só. Não sei como é que tenho tanta certeza assim, mas seio.”

Há já duas semanas que se vira a si próprio pela primeira vez naquele charco e, desde então, o seu rosto sofrera uma degeneração progressiva. A princípio, fora algo sutil, tão sutil que Stark conseguira persuadir-se a si mesmo de que não passava de imaginação... mas, à medida que as alterações começaram a acelerar-se, aquela posição tornara-se insustentável e ele fora obrigado a retroceder. Ver uma fotografia dele tirada nessa altura e uma outra tirada agora poderia levar alguém a pensar num homem que estivera exposto a um tipo de radiações esquisitas ou a uma substância química corrosiva. George Stark parecia estar a passar por uma decomposição espontânea e simultânea de todos os tecidos. Os pés-de-galinha em redor dos olhos — marcas vulgares da meia-idade que vira no charco — eram agora sulcos profundos. As pálpebras tinham decaído, tendo adquirido a textura áspera da pele de crocodilo. As maçãs do rosto começaram a apresentar também um aspecto encarquilhado e gretado. As orlas dos próprios olhos tinham-se tornado avermelhadas, o que lhe conferia o aspecto deplorável de um homem que não se apercebia de que já era altura de deixar de se entregar à bebida. Linhas profundas tinham-se sulcado por si só na carne do rosto, dos cantos dos lábios à linha do maxilar, dando à boca o aspecto perturbador da boca articulada do boneco de um ventríloquo. O cabelo louro, fino no início, tornara-se ainda mais fino, recuando das têmporas e mostrando a pele rosada da cabeça. Manchas hepáticas tinham surgido na parte de trás das mãos.

Stark poderia ter suportado tudo isto sem recorrer à maquiagem. Afinal de contas, ele só parecia uma pessoa velha, e só muito raramente é que a velhice era notada. A força parecia estar intacta. Além disso, havia aquela certeza inabalável de que mal ele e Beaumont começassem a escrever de novo — isto é, a escrever como George Stark — o processo inverter-se-ia por si só.

Só que agora os dentes estavam a ficar moles nas gengivas. E também doíam.

Stark repara na primeira na zona interna do cotovelo direito há três dias atrás: uma mancha vermelha com uma orla de pele branca morta em redor da borda. Era o gênero de mancha que ele associava à pelagral, doença que fora endêmica no interior do sul até aos anos 60. No dia anterior a este, Stark

descobrira uma outra, desta vez no pescoço, por debaixo do lobo do ouvido esquerdo. Mais duas outras ontem, uma no peito entre os mamilos, e a outra sob o umbigo. Hoje, a primeira surgira no rosto, na têmpora direita.

Não doíam. Stark sentia uma comichão indefinida e constante, mas nada mais... pelo menos no que respeitava às sensações. Só que elas espalhavam-se de forma rápida. O braço direito era agora uma mancha vermelha, indefinida e inchada, da dobra do cotovelo até metade do braço na direção do ombro. Ele cometera o erro de coçar, e a pele dera de si com uma facilidade nauseante. Uma mistura de sangue com um pus amarelado vertera para fora ao longo dos sulcos que as unhas tinham deixado, e as feridas exalavam um cheiro gasoso e horrível. No entanto, não era infecção. Ele quase podia jurá-lo. Era mais como... se estivesse a apodrecer. Se, neste preciso momento, alguém olhasse para ele — até mesmo uma pessoa formada em medicina – acabaria por chegar à conclusão de que sofria de um melanoma de evolução ultra-rápida, provavelmente causado por uma exposição a alta radiações.

Ainda assim, as úlceras não o preocupavam grandemente. Stark estava convencido de que elas iriam multiplicar-se em número, espalhar-se, ligar-se umas às outras e, eventualmente, comê-lo vivo... se ele as deixasse. Dado que não pretendia deixar que isto acontecesse, não havia necessidade alguma de se preocupar com elas. No entanto, se os traços daquele rosto se estavam a transformar num vulcão em erupção, ele deixaria de ser apenas mais um rosto na multidão. Daí a maquiagem.

Cuidadosamente, aplicou a base líquida com uma das esponjas redondas, espalhando-a das maçãs do rosto às têmporas, acabando por cobrir o caroço vermelho-escuro situado depois da extremidade da sobrancelha direita e a nova úlcera que estava a começar a empurrar a pele sobre a maçã do rosto esquerda. Stark concluíra que um homem que usa uma maquiagem às três pancadas se assemelha a uma única coisa nesta terra de Deus, e isso era a um homem que usa uma maquiagem às três pancadas. O que era o mesmo do que falar num ator de uma telenovela ou de um convidado do programa do Donahue. Mas qualquer coisa já melhorava o aspecto das feridas, e o bronzeado disfarçava um pouco aquele aspecto falso. Se permanecesse na sombra ou se fosse visto sob uma iluminação artificial, era praticamente imperceptível. Ou, pelo menos, era isso que esperava. Também existiam outras razões para permanecer longe da luz direta do sol. Stark suspeitava que, na realidade, o sol acelerava a reação química desastrosa que estava a ocorrer no seu interior. Era praticamente como se

estivesse a transformar-se num vampiro. Mas também isso não o incomodava, de certo modo, sempre fora um.

“Além disso, sou um notívago, sempre fui” essa é a minha natureza.” Isto fê-lo sorrir e o sorriso deixou os dentes a descoberto, como se fossem dentes caninos.

Stark voltou a enroscar a tampa no frasco da base líquida e começou a pôr pó-de-arroz.

“Consigo sentir o meu próprio cheiro”, pensou ele, “e, muito em breve, as outras pessoas também vão ser capazes de sentir o meu cheiro: um cheiro denso e desagradável, como uma lata de carne enlatada que ficou o dia todo ao sol. Isto não é bom, amigos e queridos corações. Isto não é mesmo nada bom.”

— Vais escrever, Thad — disse ele, a olhar para si próprio no espelho. — Mas, com um pouco de sorte, não terás de o fazer por muito mais tempo.

Lançou um sorriso mais aberto, revelando um incisivo que ficara escuro e podre.

— Eu aprendo depressa.

Às nove e quarenta e cinco do dia seguinte, a empregada de uma papelaria na Houston Street vendeu três caixas de lápis Berol Black Beauty a um homem alto e de ombros largos, que vestia uma camisa de xadrez, calças de ganga azul, e usava uns óculos-de-sol muito grandes. O homem estava também maquiado às três pancadas, observou a empregada — provavelmente os vestígios de uma noite passada a saltitar de um bar de homossexuais para outro.

E, pelo cheiro que deitava, a empregada tinha cá as suas suspeitas de que ele fizera um pouco mais do que dar apenas um mergulho na velha água-de-colônia inglesa” era como se tivesse tomado banho com ela. Contudo, a água-de-colônia não disfarçava o fato de o tipo de ombros largos cheirar muito mal. Por

breves instantes — muito breves — a empregada pensou em lançar uma graçola, mas, de seguida, pensou melhor. O tipo cheirava mal mas parecia ser forte. Além disso, a compra foi misericordiosamente breve. Afinal de contas, o paneleiro estava apenas a comprar lápis e não um Rolls-Royce Corniche. Era melhor deixá-lo sozinho.

Stark fez uma curta paragem no "pardieiro" da East 5 Village para enfiar os poucos pertences na mochila que comprara na loja do Exército-Marinha no seu primeiro dia na velha Big Apple carunchosa.

Ao subir os esboroados degraus da frente, passou pelos corpos pequenos de três pardais mortos sem sequer reparar neles.

Deixou a Avenida B a pé... mas não andou por muito mais tempo. Um homem determinado, descobrira ele, consegue sempre arranjar uma boleia se realmente precisa de uma.

VINTE - EM CIMA DO PRAZO

O dia em que a semana de graça de Thad Beaumont chegou ao fim assemelhava-se mais a um dia do final de Julho do que um dia da terceira semana de Junho. Thad guiou os cento e vinte e oito quilômetros que o separavam da Universidade do Maine sob um céu nublado de cor metálica, com o ar condicionado do Suburban ligado ao máximo, apesar do gasto de gasolina. Era seguido por um Plymouth castanho-escuro, que nunca se aproximava mais do que o espaço de dois carros e nunca se deixava ficar para trás mais do que o espaço de cinco carros. Só muito raramente é que permitia que um outro carro se metesse de permeio entre ele e o Suburban de Thad. Se, por mero acaso, num cruzamento ou na zona de escola em Veazie, algum veículo conseguia meter-se no meio do desfile dos dois, o Plymouth castanho ultrapassava-o rapidamente... e se isto não parecesse ser imediatamente exeqüível, um dos guardiões de Thad retirava a cobertura da lâmpada azul que se encontrava no tablier. Algumas luzes bastavam para conseguir o efeito desejado.

Thad guiava quase sempre com a mão direita, só utilizando a esquerda quando era absolutamente necessário. Agora, a mão já estava melhor, embora ainda lhe doesse como tudo se a dobrasse ou a flectisse de forma brusca, tendo dado por si a contar os últimos minutos da hora que antecedia a altura de poder tomar um outro Percodan.

Liz não quisera que Thad fosse até à universidade naquele dia, e os polícias estaduais incumbidos de proteger os Beaumont também se haviam oposto a que ele fosse. Para os rapazes do Estado, era muito simples: não tinham querido dividir a equipe de vigia.

Com Liz, as coisas eram um pouco mais complexas. Ela estava preocupada com a mão: “ele podia abrir a ferida ao tentar guiar”, dissera-lhe. No entanto, o que os olhos dela diziam era bem diferente: estavam repletos de George Stark.

Antes de mais, por que raio é que tens de ir à escola precisamente hoje? quisera ela saber — e esta era uma pergunta para a qual Thad tivera de se preparar porque o semestre já tinha terminado (aliás, já terminara há um certo

tempo atrás) e ele não estava a ministrar quaisquer cursos de Verão. Por último, Thad acabara por se decidir pelos dossiers do curso de especialização.

Sessenta alunos tinham-se candidatado ao curso de especialização do departamento em escrita criativa. Tratava-se de mais do dobro dos alunos que se tinham candidatado ao curso de escrita do semestre anterior, mas (elementar, meu caro Watson), no Outono passado, o mundo — incluindo aquela parte que escolhera como área principal de estudos o inglês na Universidade do Maine – não sabia que o velho e enfadonho Thad Beaumont era, por acaso, o aterrorizante George Stark.

Assim, dissera a Liz que era sua intenção ir buscar aqueles dossiers de candidaturas para começar a dar uma vista de olhos por eles e, deste modo, reduzir os sessenta candidatos a apenas quinze alunos — o máximo que podia aceitar (e provavelmente catorze mais do que aqueles que conseguiria realmente ensinar) num curso de escrita criativa.

Como não podia deixar de ser, Liz quisera saber a razão pela qual ele não podia adiar aquilo, pelo menos até Julho, recordando-lhe (também como não podia deixar de ser) que, no ano anterior, adiara até meados de Agosto. Ele voltou à desculpa do grande aumento das candidaturas, acrescentando de forma virtuosa que não pretendia que a preguiça do último Verão se transformasse num hábito. Por fim, ela deixara de protestar — não porque os argumentos dele a tivessem convencido, concluiu Thad, mas porque se apercebera de que ele iria até lá desse por onde desse. E ela sabia tão bem quanto ele que, mais cedo ou mais tarde, eles teriam de começar a sair de novo: escondidos em casa até alguém matar ou prender George Stark não era uma opção muito aprazível.

Ainda assim, os olhos dela continuariam invadidos por um medo embotado e interrogativo.

Thad beijara-a e aos gêmeos e saíra rapidamente. Ela dava a sensação de que iria desatar a chorar a qualquer momento e, se Thad ainda se encontrasse em casa quando assim o fizesse, ele ficaria em casa.

Não se tratavam das candidaturas para o curso de especialização, está claro. Tratava-se do prazo.

Esta manhã, Thad acordara totalmente possuído pelo próprio medo indefinido, uma sensação tão desagradável como dores de barriga. George Stark telefonara na noite de 10 de Junho, tendo-lhe dado uma semana para avançar no romance sobre o roubo do carro armadilhado. Thad ainda não envidara quaisquer esforços para começar... embora, cada dia que passasse, conseguisse ver cada vez com mais nitidez como seria o livro.

Até sonhara com ele umas duas vezes, o que constituía um intervalo agradável da visita que costumava fazer à sua casa deserta durante o sono e das coisas que explodiam quando tocava nelas. Contudo, esta manhã, o seu primeiro pensamento fora: "O prazo. Estou em cima do prazo."

Isso significava que chegara o momento de falar de novo com George, por muito pouco que o desejasse. Era a altura de descobrir se George estava muito zangado.

Bem... Thad acreditava que sabia a resposta a essa pergunta. Mas era perfeitamente possível que, se ele estivesse muito zangado, totalmente zangado, e se Thad conseguisse espicaçá-lo ainda mais até o levar a perder por completo o domínio sobre si mesmo, o velho George matreiro podia muito bem cometer um deslize e deixar escapar alguma coisa.

"A perder a coesão."

Thad tinha a sensação de que George já deixara escapar alguma coisa quando permitira que a mão intrusa de Thad escrevesse aquelas palavras no seu diário. Se ao menos pudesse ter a certeza do que queriam dizer. Thad tinha uma idéia... mas não a certeza. E, nesta altura, um erro podia significar mais do que apenas a vida dele.

Assim, lá se encontrava a caminho da universidade, a caminho do seu gabinete no Edifício de Inglês-Matemática. Estava a caminho, não para apanhar os dossiers do curso de especialização — apesar de também o ir fazer — mas porque tinha lá um telefone, um que não se encontrava sob escuta, e porque alguma coisa tinha de ser feita. Ele estava em cima do prazo. Ao olhar de relance para a mão esquerda, que se encontrava em baixo sobre o volante, Thad pensou (e não pela primeira vez durante esta longa semana) que o telefone não era o único modo de entrar em contato com George. Ele já provara isso... mas o

preço a pagar fora muito alto. Não se tratava apenas do sofrimento excruciante ao espetar um lápis afiado na parte de trás da mão, ou do horror de assistir a tudo isto enquanto o seu corpo descontrolado se feria a si próprio na seqüência de uma ordem de Stark – o velho George matreiro, que parecia ser o fantasma de um homem que nunca existira. Thad pagara o preço real na sua mente. A chegada dos pardais constituíra o preço real pago por ele: o terror provocado pela percepção de que as forças aqui em jogo eram muito maiores e até muito mais incompreensíveis do que o próprio George Stark.

Thad tinha cada vez mais a certeza de que os pardais significavam a morte. Mas de quem?

Estava apavorado só de pensar que talvez tivesse de pôr os pardais em risco apenas para entrar de novo em contato com George Stark.

E conseguia vê-los a vir, conseguia vê-los a chegar ao ponto mítico, a meio do caminho onde os dois se encontravam ligados, aquele lugar onde, possivelmente, teria de lutar com George Stark pelo controle da única alma que partilhavam.

Ele temia saber quem sairia vencedor de uma luta naquele lugar.

Alan Pangborn sentou-se à sua secretária nas traseiras do gabinete do xerife do Condado de Castle, que ocupava uma ala do Edifício Municipal de Castle Rock.

Também para ele esta fora uma semana de grande tensão... ainda que isso fosse bastante banal. Uma vez chegado o Verão a The Rock, já se sabia como era. Do Memorial Day ao Dia do Trabalhador, as forças da lei passavam por uma época de loucos no País das Férias.

Há cinco dias atrás ocorrera um aparatoso acidente que envolvera quatro automóveis na estrada 117, um desastre causado pela ingestão de bebidas alcoólicas, acabando por provocar duas mortes. Dois dias mais tarde, Norton

Briggs batera na mulher com uma frigideira, deitando-a abaixo no chão da cozinha. Durante os turbulentos vinte anos de casamento, Norton batera várias vezes na mulher. No entanto, aparentemente, desta vez pensou tê-la matado. Depois de escrever uma notinha, cheia de remorsos e erros gramaticais, pôs fim à própria vida com uma pistola 38.

Quando a mulher, que também não era nenhum médico, acordou e se lhe deparou o corpo frio do torturador a seu lado, acendera o fogão a gás e enfiara a cabeça lá dentro.

Os paramédicos dos Serviços de Salvamento em Oxford conseguiram salvá-la. Por uma unha negra.

Dois miúdos oriundos de Nova Iorque tinham-se afastado do chalé dos pais em Castle Lake, tendo acabado por se perder na mata, exatamente como a Maria e o João.

Foram encontrados oito horas depois, assustados mas sem problemas. John LaPointe, o segundo auxiliar de Alan, é que não se encontrava em tão boa forma: estava em casa com uma enorme alergia a toxicodendro contraída durante a busca. Houvera também uma briga desagradável entre dois veraneantes por causa do último exemplar do jornal de domingo do New York Times no Snack Bar do Nan, uma outra luta no parque de estacionamento do Mellow Tiger, um pescador de domingo arrancara metade da orelha direita ao tentar lançar a cana de pesca como um profissional para dentro do lago, três casos de roubo de lojas e uma pequena rusga de drogas no Universe, o salão de snooker e jogos de vídeo de Castle Rock.

Apenas mais uma típica semana de Junho de uma vilória, uma espécie de grande comemoração do início do Verão. Alan não tivera praticamente tempo nenhum para beber uma única chávena de café inteira em sossego. Ainda assim, dera pelo seu espírito a virar-se para Thad e Liz Beaumont uma e outra vez... para eles, e para o homem que estava a assombrá-los. Aquele homem também matara Homer Gamache. Alan fizera vários telefonemas para os polícias da cidade de Nova Iorque — por esta altura, já devia haver um certo tenente Reardon que, provavelmente, já nem podia ouvir falar dele — embora estes não tivessem nada de novo a acrescentar.

Esta tarde, Alan entrara numa esquadra inesperadamente calma. Sheila Brigham não tinha nenhum recado a dar e Norris Ridgewick estava a passar pelas brasas na sua cadeira junto à cela de detenção, com os pés encavalitados em cima da secretária. Alan devia tê-lo acordado — se Danforth Keeton, o primeiro membro do Conselho Municipal entrasse por ali a dentro e visse Norris nesse estado, ele iria ter problemas — mas não teve coragem de fazê-lo. Também para Norris fora uma semana atarefada, já que ele ficara encarregue de limpar a beira da estrada depois do desastre na 117, tendo feito um excelente trabalho, com vômitos e tudo mais pelo meio.

De seguida, Alan sentou-se por detrás da secretária, fazendo animais-sombra numa mancha de sol projetada sobre a parede... e, mais uma vez, os pensamentos viraram-se para Thad Beaumont. Após ter obtido a autorização de Thad, o Dr. Hume, em Orono, telefonara para Alan, informando-o de que os testes neurológicos de Thad eram negativos. Ao pensar nisto agora, o espírito de Alan virou-se mais uma vez para o Dr. Hugh Pritchard, que operara Thad quando Thaddeus Beaumont tinha onze anos de idade e estava muito longe de ser famoso.

Com um salto, um coelho atravessou a mancha de sol na parede. Foi seguido por um gato, um cão correu atrás do gato.

“Deixa lá isso. É de loucos.”

Claro que era de loucos. E claro que Alan não pensaria mais nisso. Daqui a pouco, haveria uma outra crise para resolver. Não era preciso ser médium para se ter a certeza disso. Era apenas e tão-somente a forma como as coisas corriam aqui, em The Rock, durante o Verão. Uma pessoa estava tão atarefada que, na maior parte das vezes, nem conseguia pensar e, por vezes, sabia bem não pensar. O cão foi seguido por um elefante, abanando uma tromba de sombra que era, na realidade, o dedo indicador esquerdo de Alan Pangborn.

— Ah, que se lixe! — disse ele, trazendo o telefone para perto de si. Ao mesmo tempo, a outra mão desenterrava a carteira do bolso de trás. Alan carregou no botão que, automaticamente, ligava para o telefone da Esquadra da Polícia Estadual em Oxford, e perguntou à telefonista se Henry Payton, o homem do Departamento de Investigação Criminal, se encontrava lá. Por acaso, até estava. Antes de Henry aparecer na linha, Alan teve ainda tempo para pensar

que, para variar, também a polícia estadual devia estar a ter um dia calmo.

— Alan! Em que é que te posso ser útil?

— Estava a pensar — respondeu Alan — se não te importavas de telefonar para o chefe dos Rangers do Parque Nacional de Yellowstone por mim. Podia dar-te o número. — Ligeiramente surpreso, Alan fitou o número. Há quase uma semana que o obtivera da assistente, tendo-o escrito nas costas de um cartão-de-visita. As suas mãos hábeis tinham-no desenterrado da carteira quase por si só.

— Yellowstone! — Henry soava divertido. — Não é por onde o Yogi Bear costuma andar?

— Não — respondeu Alan a sorrir. — Isso é Jellystone. E, de qualquer forma, o Yogi Bear não é suspeito de nada. Pelo menos tanto quanto sei. Preciso de falar com um homem que está lá acampado, a passar férias, Henry. Bem... não sei bem se preciso realmente de falar com ele ou não, mas ficaria muito mais descansado. Tenho a sensação de que há algo por acabar.

— Tem alguma coisa a ver com Homer Gamache?

Alan passou o telefone para o outro ouvido e, distraído, passou o cartão-de-visita onde escrevera o número de telefone dos Rangers de Yellowstone pelos nós dos dedos.

— Sim — replicou ele — mas se me pedires para explicar, vais achar que sou louco.

— Apenas um palpite?

— Sim. — E ficou surpreendido ao verificar que, afinal de contas, ele tinha mesmo um palpite, só que não sabia do que é que se tratava. — O homem com quem quero falar é um médico reformado que dá pelo nome de Hugh Pritchard. Está com a esposa. É provável que o chefe dos Rangers saiba onde eles estão, sei que as pessoas têm de ser registradas quando lá chegam, e está-me

cá também a parecer que se encontram provavelmente numa zona para campismo com acesso a um telefone. Já têm os dois os seus setenta anos. Se telefonares para o chefe dos Rangers, ele provavelmente enviará a mensagem ao tipo.

— Por outras palavras, achas que o ranger de um Parque Nacional pode levar muito mais a sério um pedido oficial de um agente estadual do que um pedido de um reles xerife.

— Tens uma forma muito diplomática de ver as coisas, Henry... — Henry Payton riu encantado:

— Tenho, não tenho? Olha, sabes que mais, Alan? Não me importo de fazer uma coisinha ou outra por ti, desde que não queiras que vá mais longe do que isso, desde que...

— Não, é só isto — disse Alan num tom grato. — Isto é tudo o que quero.

— Espera um minuto, ainda não acabei. Desde que percebas que não posso utilizar a nossa linha WAT aqui para fazer a chamada. O capitão está sempre em cima de nós, meu amigo. Muito em cima mesmo. E se descobrisse esta chamada, acho que gostaria de saber porque é que ando a gastar dinheiro dos contribuintes para te ajudar no teu assado. Estás a entender o que estou a dizer?

Alan suspirou de modo resignado.

— Podes usar o número do meu cartão de crédito pessoal — disse — e podes dizer ao chefe dos Rangers para o Pritchard fazer uma chamada a pagar no destinatário. Eu marco a chamada e pagá-la-ei do meu próprio bolso.

Do outro lado fez-se uma pausa e, quando Henry falou de novo, estava mais sério.

— Isto é mesmo importante para ti, não é, Alan?

— Sim. Não sei bem porquê, mas é.

Seguiu-se uma segunda pausa. Alan conseguia sentir Henry Payton a debater-se para não fazer mais perguntas. Por fim, a melhor natureza de Henry venceu. Ou talvez pensou Alan, fosse apenas a sua natureza mais prática.

— Tudo bem — disse ele. — Vou fazer a chamada e dizer ao chefe dos Rangers que queres falar com este tal Hugh Pritchard sobre uma investigação de homicídio em curso no município de Castle, Maine. Qual é o nome da mulher dele?

— Helga.

— De onde é que eles são?

— Fort Laramie, Wyoming.

— Muito bem, xerife, agora vem a parte mais difícil. Qual é o número do teu cartão de crédito?

A suspirar, Alan deu o número.

Um minuto depois, tinha de novo o desfile de sombras a marchar pela mancha de luz do sol na parede.

"O mais provável é que o tipo não me telefone", pensou ele, "e mesmo que o faça, não irá dizer nada que me possa ajudar, como é que podia?"

Ainda assim, numa coisa Henry tinha razão: ele tinha um palpite. Sobre alguma coisa. E não passava.

Enquanto Alan Pangborn estava a falar com Henry Payton, That

Beaumont estacionava o carro num dos lugares do parque de estacionamento da faculdade nas traseiras do Edifício de Inglês-Matemática. Saiu, tendo o cuidado de não atirar com a porta esquerda. Por um instante, deixou-se ficar onde estava, a apreciar o dia e a invulgar paz sonolenta do campo.

O Plymouth castanho estacionou ao lado do Suburban de Thad, e os dois homens grandes que saíram do carro dissiparam qualquer sonho de paz que pudesse estar à beira de se concretizar.

— Vou só lá acima até ao meu gabinete por uns minutos — disse Thad. — Se quiserem, podem ficar cá em baixo. – Thad observou duas raparigas que passaram por ali, provavelmente a caminho do Anexo Leste para se inscreverem nos cursos de Verão.

Uma vestia um top atado à volta do pescoço e uns calções azuis, e a outra um vestido curto praticamente inexistente, sem costas e uma bainha que estava a um palmo da protuberância das nádegas e de causar um ataque de coração. — Apreciem o espetáculo.

Os dois polícias estaduais tinham-se virado para seguir a progressão das raparigas, como se as suas cabeças estivessem montadas sobre uns suportes giratórios invisíveis.

De seguida, o polícia que mandava — Ray Garrison ou Roy Harriman, Thad não tinha a certeza de qual — virou a cabeça para trás, afirmando de modo pesaroso:

— É claro que gostávamos de ficar aqui, mas é melhor subirmos com o senhor.

— A sério, é já aqui no segundo andar...

— Ficamos à sua espera no corredor.

— Vocês nem fazem idéia do quanto tudo isto está a começar a deprimir-me.

— São ordens — disse o Garrison-ou-Harriman. Era evidente que, para ele, a depressão ou a felicidade, se é que isso interessava, de Thad não tinha importância alguma.

— Sim — replicou Thad, desistindo. — Ordens.

Thad encaminhou-se para a porta lateral. Os dois polícias seguiram-no a uma distância de doze passos, assemelhando-se mais a polícias nas suas roupas à paisana do que alguma vez se tinham assemelhado com as suas fardas, conjecturou Thad.

Depois do calor estagnado e úmido, o ar condicionado atingiu Thad como uma pancada violenta. Repentinamente teve a sensação de que a camisa estava a congelar colada à pele. O edifício, tão cheio de vida e agitação durante o ano letivo de Setembro a Maio, estava um pouco assustador nesta tarde de fim-de-semana do final da Primavera. Na segunda-feira, quando a primeira sessão estival de três semanas começasse, talvez chegasse até a recuperar um terço do grande movimento e bulício habituais. Contudo, naquele dia, Thad deu por si a sentir-se um pouco aliviado por ter a proteção policial consigo. Pensou que o segundo andar, onde se encontrava o seu gabinete, deveria estar totalmente deserto, o que, pelo menos, lhe permitiria evitar a necessidade de explicar a presença dos seus amigos grandes e vigilantes.

Thad acabou por verificar que não estava totalmente deserto, mas, ainda assim, conseguiu sair-se bem. Rawlie DeLesseps andava a vaguear pelo corredor, dirigindo-se da sala comum do departamento para o seu gabinete, deambulando à típica maneira de Rawlie DeLesseps... o que significava que parecia ter, recentemente, apanhado com um rude golpe na cabeça que dera cabo tanto da memória como do controle motor.

DeLesseps caminhava sonhadoramente de um lado para o outro do corredor, descrevendo ligeiras espirais, dando umas espreitadelas nas bandas desenhadas, poemas e avisos afixados nos quadros das portas fechadas dos colegas. Ele podia estar a caminho do seu gabinete — pelo menos era o que parecia — mas até mesmo alguém que o conhecesse bem teria, provavelmente, declinado em fazer uma tal aposta. A haste de um enorme cachimbo amarelo encontrava-se segura entre os dentes, que não estavam tão amarelos quanto o cachimbo, ainda que não estivessem muito longe disso. O cachimbo estava

apagado, estava-o desde 1985, quando o médico de Rawlie o proibira de fumar após um ligeiro ataque cardíaco.

"De qualquer forma, também nunca gostei assim tanto de fumar", costumava explicar Rawlie na sua voz delicada e distraída sempre que alguém lhe perguntava sobre o cachimbo. "Mas sem a ponta nos dentes... meus senhores, não saberia onde ir ou o que fazer se tivesse suficiente sorte para lá chegar." De qualquer modo, a maior parte das vezes, ele já dava essa impressão de não saber para onde ir ou o que fazer. Algumas pessoas conheciam Rawlie durante anos e só muito mais tarde é que descobriam que, afinal de contas, ele não era nada o louco distraído e instruído que parecia ser. Alguns nunca o chegavam sequer a descobrir.

— Olá, Rawlie — disse Thad, separando as chaves com os dedos.

Rawlie lançou-lhe uma piscadela de olhos, desviou o olhar de forma a poder perscrutar os dois homens atrás de Thad, ignorou-os e dirigiu de novo o olhar para Thad.

— Olá, Thaddeus — disse ele. — Não sabia que, este ano, estavas a ensinar nos cursos de Verão.

— E não estou.

— Então o que é que te deu para vires até aqui, de todos os locais do mundo, no primeiro dia de Verão verdadeiramente genuíno?

— Venho só buscar alguns dossiers do curso de especialização — respondeu Thad. — Acredita que não vou ficar aqui mais tempo do que o estritamente necessário.

— Que foi que aconteceu à tua mão? É uma autêntica nódoa negra bem até ao pulso.

— Bem — começou Thad, um pouco constrangido.

A história fazia-o parecer um bêbedo ou um idiota, ou ambos... mas, ainda assim, era muito mais facilmente digerida do que a própria verdade. Thad ficou taciturnamente espantado ao verificar que a facilidade como a polícia a aceitara fora a mesma com que Rawlie a aceitava agora. Ninguém fizera uma única pergunta sobre o modo ou a razão que o levara a entalar a mão na porta do roupeiro do quarto.

De modo instintivo, Thad soubera exatamente a história precisa que tinha de contar — até mesmo no seu sofrimento sabia isso. As pessoas esperavam que ele fizesse coisas desajeitadas: fazia parte da sua personalidade. De certo modo, era como contar ao entrevistador da People (Deus tenha a sua alma) que George Stark fora criado em Ludlow e não em Castle Rock, e a razão que levava Stark a escrever à mão era porque ele nunca aprendera a escrever à máquina.

Nem sequer tentara mentir à Liz... mas insistira para que ela não contasse a ninguém o que realmente acontecera, com o que ela concordara. A única preocupação de Liz fora conseguir arrancar dele a promessa de que nunca mais tentaria contatar com Stark. Ele prometera-lhe isso de bom grado, embora estivesse ciente que se tratava de uma promessa que podia não ser capaz de cumprir. Também suspeitava que, a um recanto bem escondido da mente de Liz, ela tinha igualmente consciência desse fato.

Neste momento, Rawlie encontrava-se a olhar para ele com um interesse verdadeiro.

— Na porta de um roupeiro — estranhou ele. — Fantástico. Estavas provavelmente a brincar às escondidas? Ou tratou-se de um estranho rito sexual?

Thad sorriu:

— Deixei de praticar quaisquer ritos sexuais estranhos por volta de mil novecentos e oitenta e um — disse ele. — Conselho do médico. Na verdade, eu pura e simplesmente não estava a prestar atenção ao que estava a fazer. Toda esta história é um pouco constrangedora.

— Imagino — replicou Rawlie, tendo-lhe, de seguida, piscado o olho. Tratou-se de uma piscadela muito sutil, um leve batimento de uma velha

pálpebra inchada e enrugada... mas estava lá, sem dúvida alguma. Pensara ele que conseguira enganar Rawlie? Os porcos podem voar.

Subitamente, Thad foi percorrido por um novo pensamento.

— Rawlie, ainda dás aquele seminário sobre o mito popular?

— Durante todo o Outono — respondeu Rawlie a acenar a cabeça. — Não lês o programa do teu departamento, Thaddeus? Varinhas de vedor, bruxas, mezinhas holísticas, sinais de feitiço dos ricos e famosos. Continua tão popular como sempre. Porque perguntas?

Thad descobrira que essa pergunta tinha uma resposta que dava para tudo: uma das melhores coisas em ser-se escritor era o fato de haver sempre uma resposta para uma pergunta do tipo "Porque pergunta?".

— Bem, tenho cá uma idéia para uma história – respondeu ele. — Está ainda na fase da exploração, mas tem as suas possibilidades, penso eu.

— O que é que querias saber?

— Sabes se os pardais têm algum significado na superstição ou mitos populares americanos?

A testa sulcada de Rawlie começou a assemelhar-se à topografia de um qualquer planeta extraterrestre claramente hostil à vida humana. Rawlie roeu a haste do cachimbo.

— Neste preciso momento, não me vem nada à cabeça, Thaddeus, apesar de... pergunto-me se será mesma essa a razão pela qual estás interessado nisto.

"Os porcos podem voar", pensou Thad de novo.

— Bem... talvez não, Rawlie. Talvez não. Talvez tenha apenas dito aquilo

porque o meu interesse não é algo que possa ser explicado em dois minutos. — Os olhos de Thad perscrutaram os seus cães de guarda por um instante, dirigindo-se de novo para o rosto de Rawlie. — Neste preciso momento, estou com um bocado de pressa.

Os lábios de Rawlie tremeram ligeiramente, deixando transparecer um breve sorriso.

— Acho que percebi. Pardais... uns pássaros tão comuns. Demasiado comuns para terem quaisquer conotações supersticiosas mais sérias, creio eu. No entanto... agora que penso nisso... há alguma coisa. O único problema é que os associo aos noitibós. Deixa-me verificar. Estarás ainda aqui daqui a pouco?

— Receio que não mais do que uma meia hora.

— Bem, é possível que encontre já alguma coisa no livro do Barringer Folclore da América. Não passa de um livro de cozinha de superstições, mas dá jeito. E posso sempre telefonar-te.

— Sim. Podes sempre fazer isso.

— Festa magnífica aquela que tu e Liz deram em honra de Tom Carroll — disse Rawlie. — Como é evidente, tu e

Liz dão sempre as melhores festas. A tua esposa é demasiado encantadora para ser uma esposa, Thaddeus. Ela devia ser tua amante.

— Obrigado, creio eu.

— O Tom Gonzo — prosseguiu Rawlie afetuosamente — Custa acreditar que o Tom Gonzo Carroll tenha navegado parado os portos cinzentos da reforma. Há mais de vinte anos que o ouço a dar aqueles peidos fortes, semelhantes ao toque de uma trombeta, no gabinete ao lado do meu. .

Suponho que o tipo que se lhe seguir será mais calmo. Ou, pelo menos,

mais discreto.

Thad riu.

— A Wilhelmina também se divertiu — disse Rawlie, tendo baixado as pálpebras de forma maliciosa. Ele sabia perfeitamente aquilo que Thad e Liz pensavam sobre Billie.

— Ainda bem — retorquiu Thad, que considerava Billie Burks e o conceito de divertimento mutuamente exclusivos... mas dado que ela e Rawlie tinham feito parte de um álibi desesperadamente necessário, Thad supunha que deveria ter ficado contente pela presença dela. — E se te ocorrer algo sobre aquela outra coisa...

— Os pardais e o seu lugar no mundo invisível. Sim de fato. — Com a cabeça, Rawlie cumprimentou os dois polícias que se encontravam por detrás de Thad. — Boa tarde meus senhores. — Rawlie contornou-os, continuando o caminho até ao gabinete com um andar mais determinado Não muito, mas um pouco.

Thad seguiu-o com o olhar, perplexo.

— Que era aquilo? — inquiriu Garrison-ou-Harriman.

— DeLesseps — murmurou Thad. — Gramático de profissão e etnólogo amador.

— Parece-se com o tipo de homem que talvez necessite de um mapa para encontrar o caminho de casa — disse o outro polícia.

Thad dirigiu-se para a porta do seu gabinete e destrancou-a.

— É uma pessoa mais viva do que parece — disse ele, abrindo a porta.

Só quando acendeu as luzes do teto é que Thad teve consciência de que

Garrison- ou-Harriman estava a seu lado, com uma das mãos dentro do blusão especialmente feito para tipos altos. Thad sentiu uma pontada de medo, mas, como era evidente, o gabinete estava vazio — vazio e tão arrumado, após o abrandar suave e regular da desordem de um ano inteiro, que parecia estar morto.

Por nenhuma razão que conseguisse explicar, Thad sentiu uma onda repentina e praticamente nauseante de saudades de casa, vazio e perda — um misto de sentimentos como uma mágoa profunda e inesperada. Era como o sonho. Era como se tivesse vindo até aqui despedir-se.

"Pára de ser tão estupidamente tolo", ordenou a si próprio, tendo uma outra parte da sua mente replicado de forma serena: "Em cima do prazo, Thad. Estás em cima do prazo, Thad, e creio que acabaste de cometer um grande erro ao não teres, pelo menos, tentado fazer aquilo que o homem quer que tu faças. Mais vale uma solução a curto prazo do que nenhuma solução."

— Se quiserem café, podem ir buscar as chávenas à sala comum do departamento — informou. — Se bem conheço o Rawlie, a cafeteira deve estar cheia.

— Onde é que isso é? — perguntou o parceiro de Garrison-ou-Harriman.

— Do outro lado do corredor, duas portas acima — respondeu Thad, soltando os dossiers. Virou-se e lançou-lhes um sorriso que sentiu como um esgar no seu rosto. — Penso que me ouvirão se gritar.

— Certifique-se apenas de que grita mesmo se alguma coisa acontecer — retorquiu Garrison-ou-Harriman.

— Estejam descansados.

— Podia pedir aqui ao Manchester para ir buscar o café — afirmou Garrison-ou-Harriman — mas está-me cá a parecer que o senhor está a precisar de ficar um pouco sozinho.

— Bem, sim. Agora que fala nisso.

— Tudo bem, senhor Beaumont — replicou ele, olhando para Thad de modo circunspecto, tendo-se este último subitamente recordado de que Harrison era o nome daquele agente. Tal como o antigo Beatle. Que estupidez ter esquecido o nome. — Lembre-se apenas daquelas pessoas em Nova Iorque que morreram de uma overdose de privacidade".

"Ai, sim? Pensava que Phyllis Myers e Rick Cowley morreram na companhia da polícia." Thad pensou em proferir este pensamento em voz alta, embora tivesse optado por não o fazer. Afinal de contas, estes homens estavam apenas a tentar cumprir o seu dever.

— Anime-se, agente Harrison — disse ele. — Hoje, o edifício está tão calmo que até um homem descalço faria eco.

— Muito bem. Estaremos do outro lado do corredor naquilo-que-o-senhor-chama-não-sei-como .

— A sala comum.

— Exatamente.

Os dois saíram, e Thad abriu o ficheiro marcado como CANDÓ CUR. No olho da mente, Thad não conseguia deixar de ver Rawlie DeLesseps a lançar aquela piscadela rápida e discreta. E de ouvir aquela voz a dizer-lhe que ele estava em cima do prazo, que atravessara para o lado sombrio. O lado onde estavam os monstros.

O telefone estava ali e não tocou.

"Vá lá", pensou ele, empilhando os dossiers do curso de especialização sobre a secretária ao lado da sua IBM Selectric fornecida pela universidade. "Vá

lá, vá lá, aqui estou eu, exatamente ao lado de um telefone sem qualquer tipo de escuta, portanto, vá lá, George, dá-me uma telefonadela, liga para mim, dá-me o furo jornalístico.”

Mas o telefone continuava impassível e não tocava.

Thad apercebeu-se de que estava a olhar para um armário de arrumação de ficheiros, não apenas desbastado mas totalmente vazio. Na sua inquietação, Thad tirara para fora todos os dossiers e não apenas aqueles que pertenciam aos estudantes interessados em fazer um curso de especialização em escrita criativa. Até mesmo as fotocópias dos dossiers dos alunos que queriam tirar gramática transformacional, que era a Bíblia na opinião de Noam Chomsky, traduzida por aquele decano do cachimbo apagado, Rawlie DeLesseps.

Thad dirigiu-se para a porta e olhou para fora. Harrison e Manchester encontravam-se à porta da sala comum do departamento, a beber café. Nos punhos do tamanho de presuntos, as canecas pareciam ter o tamanho de chávenas pequenas próprias para café.

Thad levantou a mão. Harrison retribuiu o cumprimento e perguntou-lhe se ainda iria demorar muito.

— Cinco minutos — respondeu Thad, tendo os dois polícias acenado com a cabeça.

Thad voltou para a secretária, separou os dossiers da escrita criativa dos outros, e começou a colocar estes últimos na gaveta dos ficheiros, fazendo-o o mais lentamente possível, dando tempo para o telefone tocar. Mas o telefone continuou impassível no mesmo lugar. Algures no fundo do corredor, Thad ouviu um toque, abafado por uma porta fechada, de certo modo fantasmagórico no inabitual silêncio de Verão do edifício.

“Talvez George tenha arranjado o número de telefone errado”, pensou ele, soltando uma gargalhadazinha. O fato era que George não iria telefonar. O fato era que ele, Thad, estava errado. Aparentemente, George tinha um outro truque na manga. Porque estava ele tão surpreendido? Os truques eram a “spécialité de lá maison” de George Stark.

Ainda assim, ele estivera tão seguro, tão incrivelmente seguro...

— Thaddeus?

Thad deu um salto, deixando praticamente cair no chão o conteúdo da última meia dúzia de ficheiros. Quando teve a certeza de que não iriam cair da mão, virou-se. Rawlie de cachimbo comprido sobressaía como um periscópio horizontal.

— Desculpa — disse Thad. — Pregaste-me cá um susto, Rawlie. A minha cabeça estava a quilômetros de distância daqui.

— Está alguém ao telefone a perguntar por ti – disse Rawlie com amabilidade. — Deve ter o número de telefone errado. Sorte eu estar lá.

Thad sentiu o coração a bater lentamente e com dificuldade: era como se tivesse um tambor de parada dentro do peito e alguém tivesse começado a bater nele com uma grande dose de energia cadenciada.

— Sim — disse Thad. — Foi uma grande sorte.

Rawlie lançou-lhe um olhar perscrutador. Os olhos azuis debaixo das pálpebras inchadas e ligeiramente avermelhadas estavam tão vivos e inquisitivos que se tornavam incomodativos, e estavam certamente a quilômetros de distância do seu feitio de professor jovial, desorganizado e distraído.

— Está tudo bem, Thaddeus?

"Não, Rawlie. Nesta altura, há um assassino louco algures por aqui, um tipo que, aparentemente, consegue tomar conta do meu corpo e me leva a fazer coisas esquisitas como espetar um lápis em mim próprio, e acho que cada dia que passo é uma autêntica vitória. A realidade está muito afastada de tudo isto, velho amigo."

— Tudo bem? Porque é que não havia de estar tudo bem?

— Pareço detectar o tênue mas inequivocamente penetrante tom de ironia, Thad.

— Estás enganado.

— Será que estou mesmo? Então porque é que te pareces com um veado encandeado por um par de faróis?

— Rawlie...

— E o homem com quem acabei de falar assemelha-se ao tipo de vendedor a quem compramos qualquer coisa pelo telefone apenas para garantir que ele nunca visite pessoalmente a nossa casa.

— Não é nada, Rawlie.

— Muito bem. — Rawlie não parecia ter ficado convencido.

Thad deixou o gabinete e começou a caminhar pelo corredor abaixo, em direção ao de Rawlie.

— Onde é que o senhor vai? — chamou Harrison atrás dele.

— Rawlie tem uma chamada para mim no gabinete dele — explicou. — Aqui, os números de telefone são todos seqüenciais. O tipo deve ter trocado os números.

— E, por uma grande sorte, conseguiu apanhar o único outro membro da faculdade que se encontrava hoje aqui? — perguntou Harrison de modo céptico.

Thad encolheu os ombros e continuou a andar.

O gabinete de Rawlie DeLesseps era desorganizado, agradável e ainda habitado pelo cheiro do cachimbo — aparentemente, dois anos de abstinência

não tinham compensado trinta anos de indulgência. Era dominado por um quadro de setas com uma fotografia de Ronald Reagan presa no meio. Um volume com o tamanho de uma enciclopédia, o Folclore da América de Frank Barringer, permanecia aberto sobre a secretária de Rawlie. O telefone estava fora do descanso, com o auscultador sobre uma pilha de cadernos de exames em branco. Ao olhar para o auscultador, Thad sentiu o velho terror apossar-se dele com as já familiares pregas sufocantes. Era como ser atado num lençol que necessita urgentemente de ser lavado. Thad virou a cabeça,certo de que veria os três — Rawlie, Harrison e Manchester — alinhados à entrada da porta como pardais numa linha telefônica. Contudo, a entrada da porta estava vazia, e de algures do fundo do corredor, Thad conseguia ouvir o murmúrio suave da voz de Rawlie. Ele detivera os cães de guarda de Thad. Este tinha as suas dúvidas de que Rawlie tivesse feito isto por acaso.

Thad pegou no telefone e disse:

— Olá, George.

— Já tiveste a tua semana — disse a voz do outro lado da linha. Era a voz de Stark, mas Thad perguntou-se se, neste preciso momento, as impressões vocais seriam tão idênticas umas às outras. A voz de Stark não era a mesma. Ficara rouca e áspera, como a voz de um homem que passara tempo a mais a gritar num qualquer evento desportivo.

— Já tiveste a tua semana e não mexeste uma palha.

— Tens toda a razão — replicou Thad, sentindo-se muito frio. Tinha de fazer um esforço consciente para não tremer. Aquele frio parecia provir do próprio telefone, exalado através dos buracos do auscultador como pingentes de gelo. Mas estava também muito zangado. — Não vou fazer, George. Uma semana, um mês, dez anos, para mim é tudo a mesma coisa. Porque é que não aceitas? Estás morto, e morto vais continuar.

— Estás enganado, velha carcaça. Se queres morrer enganado, estás no bom caminho.

— Sabes o que fazes lembrar, George? – perguntou Thad. — A de alguma

coisa que se está a desintegrar. É por isso que me pedes para começar a escrever de novo, não é? A perder a coesão, foi aquilo que escreveste. Estás a biodegradar-te, não é? Não vai demorar muito tempo até começares a desfazer-te aos bocados, como a carruagem maravilhosa da Cinderela.

— Nada disso te diz respeito, Thad — replicou a voz rouca, que passou de um zumbido áspero para um som duro, como cascalho a cair da parte de trás de um caminhão e, de seguida, para um murmúrio esganiçado (como se, no espaço de uma frase ou duas, as cordas vocais tivessem deixado totalmente de funcionar) e de novo para o zumbido. — Nada do que está a acontecer comigo te diz respeito. Para ti, camarada, isso não passa de uma distração. Tu só queres é começar a trabalhar logo à noite ou vais arrepender-te, filho da mãe. E não irás ser o único.

— Eu não...

Click! Stark fora-se. Por uns segundos, Thad olhou concentrado para o auscultador do telefone, após o que o colocou de novo no gancho. Quando se virou, Harrison e Manchester estavam à porta.

— Quem era? — perguntou Manchester.

— Um aluno — respondeu Thad. Nesta altura, não estava muito certo de que estivesse a mentir. A única coisa de que tinha realmente certeza era de que fora invadido por uma sensação horrível nas entranhas. — Apenas um aluno, como pensei.

— Como é que ele sabia que o senhor estaria aqui? — perguntou Harrison. — E por que raio é que telefonou para o telefone deste senhor?

— Desisto — replicou Thad de modo humilde. — Sou um agente russo infiltrado. Na verdade, era o meu contato. Entrego-me sem mais delongas.

Harrison não ficou zangado — ou, pelo menos, não pareceu ficar

zangado. O olhar perpassado por uma censura ligeiramente cansada foi muito mais eficaz do que a raiva.

— Senhor Beaumont, estamos a tentar ajudá-lo a si e à sua esposa. Sei que, passado um certo tempo, ter dois tipos atrás de nós para onde quer que se vá acaba por ser uma grande chatice, mas, nós estamos realmente a tentar dar-lhe uma ajuda.

Thad sentiu-se envergonhado... mas não suficientemente envergonhado para contar a verdade. Aquela sensação má perdurava, a sensação de que as coisas iam correr mal, de que talvez já tivessem corrido mal. E algo mais também: uma sensação leve e palpitante percorria a sua pele. Uma sensação de formigueiro dentro da pele. Pressão nas têmporas. "Não eram os pardais" pelo menos, não acreditava que fossem. Ainda assim, um qualquer barômetro mental de que ele nunca tivera consciência estava a descer.

Também não era a primeira vez que se sentia assim. Há oito dias atrás, a caminho do Mercado do Dave, tivera uma sensação semelhante a esta, embora não tão forte. Sentira-se assim quando se encontrava no seu gabinete a recolher os dossiers. Uma sensação ligeira e irrequieta.

"É Stark. De algum modo, ele está contigo, dentro de ti. Está a observar-te. Se disseres a coisa errada, ele vai saber. E então alguém irá sofrer."

— Peço desculpa — disse. Thad estava ciente de que, neste momento, Rawlie DeLesseps se encontrava por detrás dos dois polícias, a observar Thad com uns olhos serenos e curiosos. Agora, teria de começar a mentir, e as mentiras iriam sair de um modo tremendamente natural e suave. Mas Thad também não conhecia a razão, por que, pelo que sabia, eles bem que podiam ter sido ali colocados pelo próprio George Stark.

Apesar de não ter a certeza absoluta de Rawlie ir engolir as patranhas, agora já era um pouco tarde demais para se preocupar com isso. — Estou com os nervos à flor da pele, é tudo.

— Totalmente compreensível — disse Harrison. — Mas só quero que perceba, senhor Beaumont, que nós não somos o inimigo.

— O miúdo que telefonou sabia que eu me encontrava aqui porque estava a sair da livraria quando passei com o carro pela porta — esclareceu Thad. — Queria saber se eu iria ensinar no curso de escrita do Verão. A lista telefônica da faculdade está dividida em departamentos, estando os membros de cada departamento registrados por ordem alfabética. As folhas são muito finas, como qualquer pessoa que já a tenha utilizado poder comprovar.

— Nesse aspecto, é uma publicação muito inconveniente — concordou Rawlie em redor do cachimbo. Os dois polícias viraram-se e olharam para ele por um instante, espantados. Rawlie obsequiou-os com um aceno solene e bastante temeroso.

— Rawlie vem a seguir a mim na lista telefônica — disse Thad.

— Este ano, por acaso não temos nenhum membro da faculdade cujo apelido comece por cê. – Thad olhou de relance para Rawlie, mas este tirara o cachimbo da boca e parecia estar a inspecionar a concavidade enegrecida pelo lume com uma enorme atenção. — Em resultado disto — rematou Thad — estou sempre a receber chamadas dele e ele está sempre a receber as minhas. Disse ao miúdo que não estava com sorte, vou estar fora até ao Outono.

Bem, era tudo. Thad tinha a sensação de que talvez tivesse dado explicações a mais sobre a situação, mas a verdadeira questão punha-se quanto à altura em que Harrison e Manchester tinham chegado à entrada da porta do gabinete de Rawlie e o quanto podiam ter ouvido da conversa.

Geralmente, não se dizia a um aluno que se candidatava a um curso de escrita que ele era biodegradável e que, em breve, se iria desfazer aos bocados.

— Bem que gostava de estar fora até ao Outono – suspirou Manchester. — Já acabou o que tinha a fazer, senhor Beaumont?

Thad soltou um suspiro de alívio interno e disse:

— Falta-me apenas guardar de volta os dossiers que não irei precisar — ("e um bilhete, tens de escrever um bilhete à secretária").

“E, está claro, tenho de escrever um bilhete à senhora Fenton — ouviu-se a si próprio afirmar. Thad não fazia a mais pequena idéia porque é que estava a dizer isso” só sabia que tinha de o dizer. — Ela é a secretária do Departamento de Inglês.

— Será que temos tempo para mais uma chávena de café? — perguntou Manchester.

— Claro. Talvez até para uma ou duas bolachinhas de chocolate, se é que os bandos de bárbaros deixaram alguma — respondeu. Aquela sensação de que as coisas estavam fora de ordem, de que as coisas estavam erradas e a ficarem cada vez mais erradas, voltara e desta vez mais forte do que nunca. Deixar um bilhete para a Sra. Fenton?

Céus, isso era de loucos. Rawlie devia estar a sufocar de riso com o cachimbo.

Quando Thad deixou o gabinete deste último, Rawlie perguntou:

— Posso falar contigo por um minuto, Thad?

— Claro — respondeu ele. Era seu desejo pedir a Harrison e a Manchester para os deixarem aos dois sozinhos, dizendo-lhes que já iria ter com eles num instante, mas reconheceu, ainda que com relutância, que uma observação desse gênero não era propriamente o tipo de coisa que se dizia quando se pretendia afastar suspeitas. E pelo menos Harrison tinha as antenas de pé. Talvez ainda não exatamente até ao cimo, mas quase.

De qualquer modo, o silêncio funcionava melhor. Ao virar-se para Rawlie, Harrison e Manchester caminharam vagarosamente pelo corredor acima. Harrison falou rapidamente com o parceiro, tendo ficado à entrada da porta da sala comum do departamento, enquanto Manchester procurava as bolachas. Harrison não afastava o olhar dos dois, embora Thad pensasse que estavam longe dos seus ouvidos.

— Que grande história esta sobre a lista da faculdade — retorquiu Rawlie,

voltando a enfiar o tubo mastigado do cachimbo na boca. — Creio que tens muita coisa em comum com a raparIguinha no The Open Window de Saki, Thaddeus. A curto prazo, o romance pode vir a ser a tua especialidade.

— Rawlie, isto não é aquilo em que estás a pensar.

— Não faço a mais pequena idéia do que se trata — replicou Rawlie calmamente — e embora admita ter uma certa dose de curiosidade humana, não tenho bem a certeza de que queira realmente saber.

Thad lançou um pequeno sorriso.

— E, de fato, fiquei com a nítida sensação de que esqueceras o Tom Carroll Gonzo de propósito. Ele pode estar reformado, mas, da última vez que olhei, ainda aparecia entre nós dois na atual lista telefônica da faculdade.

— Rawlie, é melhor eu ir andando.

— Com certeza — retorquiu Rawlie. — Tens um bilhete para escrever à senhora Fenton.

Thad sentiu as faces ficarem ligeiramente ruborizadas

Althea Fenton, a secretária do Departamento de Inglês desde 1961, morrera de cancro da garganta em Abril passado.

— A única razão pela qual te retive aqui – prosseguiu Rawlie — foi para te dizer que talvez tenha descoberto aquilo que procuravas. Sobre os pardais.

Thad sentiu o pulsar do coração aumentar de intensidade. Rawlie levou Thad para dentro do gabinete e pegou no Folclore da América de Barringer.

— Os pardais, os mergulhões e sobretudo os noitibós são psicopompos — explicou, mas sem um tom de triunfo na voz. — Eu sabia que havia algo sobre os noitibós.

— Psicopompos? — perguntou Thad de modo duvidoso.

— Do grego — explicou Rawlie — que significa que são aqueles que conduzem. Neste caso, aqueles que conduzem as almas humanas para trás e para a frente entre a terra dos vivos e a terra dos mortos. De acordo com Barringer, os mergulhões e os noitibós são as "escoltas dos vivos". Diz-se que se congregam perto do local onde a morte está prestes a acontecer. Não se tratam de pássaros de mau agoiro. A sua função é guiar as almas recentemente mortas para o local apropriado na vida depois da morte.

Rawlie olhou para Thad de modo sereno.

— Os ajuntamentos de pardais são bastante mais agourentos, pelo menos na opinião de Barringer. Diz-se que os pardais são as escoltas dos mortos.

— O que significa. . .

— O que significa que a sua função é guiar as almas perdidas de volta para o mundo dos vivos. Por outras palavras, são os arautos dos mortos-vivos.

Rawlie tirou o cachimbo da boca e fitou Thad de modo solene.

— Não sei em que situação estás metido, Thaddeus, mas sugiro uma certa precaução. Uma extrema precaução. Pareces um homem que está metido em grandes sarilhos. Se houver alguma coisa que eu possa fazer, por favor, dize-me.

— Muito obrigado, Rawlie. Fizeste tanto quanto eu podia esperar tendo ficado calado.

— Pelo menos, nesse ponto, tu e os meus alunos parecem estar perfeitamente de acordo. — Mas os olhos plácidos que fitavam Thad por cima do cachimbo estavam preocupados. – Vais ter cuidado contigo?

— Sim.

— E se aqueles homens te seguem por toda a parte para te auxiliarem nessa tarefa, Thaddeus, talvez seja prudente depositar toda a confiança neles.

Seria maravilhoso se pudesse. Contudo, não era a confiança que tinha neles que estava em causa. Se, na verdade, Thad abrisse a boca, eles passariam a ter muito pouca confiança nele. E mesmo que confiasse o suficiente em Harrison e Manchester ao ponto de lhe contar tudo, Thad não se atrevia a contar o que quer que fosse enquanto aquela sensação de formigueiro no interior da pele não desaparecesse. Porque George Stark estava a observá-lo. E ele estava em cima do prazo.

— Obrigado, Rawlie.

Rawlie acenou com a cabeça, pediu-lhe mais uma vez para ter cuidado, e sentou-se atrás da secretária. Thad regressou ao seu gabinete.

“E, está claro, tenho de escrever um bilhete à senhora Fenton.”

Quando estava a pôr de novo no lugar o último dos ficheiros que tirara por engano, Thad parou e fitou a sua IBM Selectric bege. Ultimamente, parecia estar quase hipnoticamente consciente de todos os instrumentos de escrita, grandes e pequenos. Em mais de uma ocasião durante a última semana, Thad interrogara-se se não haveria uma versão diferente de Thad Beaumont no interior de cada um desses instrumentos, como gênios do mal escondidos no interior de uma série de lâmpadas.

“Tenho de escrever um bilhete à senhora Fenton.”

Contudo, nos dias que correm, era mais provável uma pessoa utilizar uma tábua Ouija do que uma máquina de escrever elétrica para entrar em contato com a falecida Sra. Fenton, que fazia um café tão forte que este quase podia andar e falar. E, afinal de contas, porque é que ele dissera aquilo? A Sra. Fenton seria a última coisa de que o seu espírito se lembraria.

Thad enfiou o derradeiro dossier no armário dos ficheiros, fechou a gaveta e olhou para a mão esquerda. Por debaixo da ligadura, a teia de carne por entre o polegar e o dedo indicador começara subitamente a causar ardor e comichão. Thad esfregou a mão contra a perna das calças, mas isso só pareceu piorar o comichão. E, agora, estava igualmente a latejar. Aquela sensação de calor profundo e sufocante intensificou-se.

Olhou para fora da janela do gabinete.

Do outro lado de Bennett Boulevard, os fios do telefone estavam cobertos de pardais.

Outros tantos encontravam-se sobre o telhado da enfermaria e, enquanto observava, uma fornada novinha em folha pousou num dos campos de tênis. Todos eles pareciam estar a olhar para Thad.

“Psicopompos. Os arautos dos mortos-vivos.”

Neste momento, um bando de pardais redemoinhou em direção ao solo como um ciclone de folhas queimadas, tendo pousado no telhado de Bennett Hall.

— Não — murmurou Thad numa voz trêmula. As costas estavam todas arrepanhadas como pele de galinha. A mão causava comichão e ardor.

A máquina de escrever.

Ele podia livrar-se dos pardais e do comichão ardente e enlouquecedora na mão utilizando apenas a máquina de escrever.

O instinto para se sentar à frente da máquina era demasiado forte para ser ignorado.

De certa forma, fazer isso parecia ser terrivelmente natural: era como enfiar a mão em água fria depois de ter sido queimada.

“Tenho de escrever um bilhete à Sra. Fenton.”

“Tu só queres é ver-te longe daqui até à noite ou ainda te vais arrepender, seu filho da mãe. E não irás ser o único.”

Aquela sensação de formigueiro e comichão sob a pele estava a ficar progressivamente mais forte. Irradiava do buraco na mão sob a forma de ondas. Os globos oculares pareciam estar a palpitar em perfeita sintonia com aquela sensação. E no olho da sua mente, a visão dos pardais intensificou-se. Estava na zona Ridgeway de Bergenfield. Ridgeway sob um ameno céu branco primaveril, estava-se em 1960 e o mundo inteiro estava morto exceto aqueles horríveis pássaros vulgares, aqueles psicopompos, e enquanto olhava, eles iam levantando vôo. O céu ficou negro com a sua grande massa giratória. Os pardais estavam a voar de novo.

Do lado de fora da janela de Thad, os pardais nos fios elétricos, na enfermaria e em Bennett Hall levantaram vôo em conjunto num ruflar de asas. Alguns alunos que atravessavam o pátio estancaram para ver o bando inclinar-se para a esquerda, atravessar o céu e desaparecer a caminho do ocidente.

Thad não viu isto. Ele viu apenas o bairro da sua infância transformado numa terra morta de um sonho. Sentou-se diante da máquina de escrever, afundando-se cada vez mais no mundo crepuscular do seu estado de transe enquanto o fazia. Ainda assim, um pensamento não se desvaneceu. O George matreiro bem que podia forçá-lo a sentar-se e a brincar com as teclas da IBM, mas ele não iria escrever o livro, desse lá por onde desse... e se se agarrasse a isso, o velho George matreiro acabaria por desintegrar-se ou, muito simplesmente, apagar-se da existência, como a chama de uma vela. Ele sabia isso.

Ele sentia isso.

A sua mão parecia estar a latejar para fora e para dentro, e Thad tinha a sensação de que, se a pudesse ver, ela assemelhar-se-ia à pata de um personagem de desenhos animados — talvez Wile E. Coiote — após ter sido esmigalhada com um martelo. Não era propriamente dor era mais como aquela sensação de em-breve-vou-ficar-louco que se tem quando se começa a ter comichão a meio das costas, precisamente naquele ponto onde nunca se

consegue chegar. Não se tratava de um prurido superficial, mas aquele comichão latejante e constante do nervo que leva uma pessoa a cerrar os dentes.

Mas até isso parecia distante e insignificante.

Thad sentou-se diante da máquina de escrever.

No momento em que ligou a máquina, o comichão desapareceu... e a visão dos pássaros juntamente com ela.

Ainda assim, o estado de transe permaneceu e, no centro deste, estava uma espécie de ordem imperativa. Havia algo que tinha de ser escrito, e Thad conseguia sentir todo o corpo a ordenar-lhe para pôr mãos ao trabalho, para fazer o que tinha de ser feito, para levar as coisas a cabo. À sua maneira, era muito pior do que a visão dos pardais ou do que o comichão na mão. Este comichão parecia emanar de um ponto bem escondido da sua mente.

Enfiou uma folha de papel na máquina de escrever e, por um instante, deixou-se ficar, sentado, sentindo-se distante e perdido. De seguida, pousou os dedos na fila do meio das teclas, a posição típica do datilógrafo profissional, apesar de ter deixado de escrever sem olhar para as teclas há anos atrás.

Por uns segundos, os dedos tremeram ligeiramente. De imediato, todos menos os dedos indicadores se afastaram. Aparentemente, quando Stark acabava por ter de escrever à máquina, fazia-o do mesmo modo que o próprio Thad: procurar a tecla com os olhos e premi-la. Também era evidente. A máquina de escrever não era o seu instrumento de escolha. Quando mexeu os dedos da mão esquerda, Thad sentiu, remotamente, um puxão de dor, mas nada mais. Apesar de os dedos indicadores escreverem lentamente, não demorou muito tempo até que a mensagem se formasse na folha branca. Era tão pequena que dava arrepios. Num redemoinho, a letra gótica produziu oito palavras em letras maiúsculas: ADIVINHA DE ONDE É QUE TE TELEFONEI, THAD?

Subitamente, o mundo tornou a adquirir uma nitidez lancinante. Thad nunca sentira tal medo, um tal horror, em toda a sua vida. Meu Deus, é evidente — era tão certo, tão nítido.

“O filho da mãe telefonou de minha casa! Ele tem a Liz e os gêmeos!”

Thad fez tenção de se levantar, sem a mais pequena idéia de onde pretendia ir. Só teve consciência do que estava a fazer quando a mão flamejou de dor, como uma tocha a arder que é agitada com força no ar de forma a criar uma florescência brilhante de fogo. Os lábios afastaram-se dos dentes e Thad produziu um ruído baixo e semelhante a um gemido. Deixou-se cair de novo na cadeira em frente da IBM, e, antes de se dar conta do que estava a acontecer, as mãos tatearam o caminho de volta para as teclas e começaram a bater nelas de novo.

Desta vez, seis palavras: DIZ A ALGUÉM E ELES MORREM

Aturdido, Thad fitou as palavras. Mal escreveu o último M, todo o resto desapareceu num ápice: era como se ele fosse uma lâmpada e alguém tivesse arrancado a ficha da tomada. Não mais dores na mão. Não mais comichão. Não mais aquela sensação de formigueiro e de estar a ser observado a percorrê-lo sob a pele.

Os pássaros tinham desaparecido. Aquela sensação indistinta de estado de transe desaparecera. E Stark havia também desaparecido.

Só que não desaparecera de vez, pois não? Não. Stark guardava a casa enquanto Thad estava fora. Apesar de terem deixado dois agentes estaduais do Maine a vigiarem o local, de nada valera. Ele fora um louco, um louco varrido, ao pensar que um par de polícias podia fazer alguma diferença. Nem um esquadrão dos Boinas Verdes da Força Delta teria feito qualquer diferença. George Stark não era um homem, ele era algo semelhante a um tanque Tigre nazi que, por mero acaso, se assemelhava a um ser humano

— Como estão as coisas? — perguntou Harrison por detrás dele.

Thad saltou como se alguém tivesse espetado um alfinete na parte de trás do pescoço... e isso fê-lo pensar em Frederick Clawson, Frederick Clawson que metera o nariz onde não era chamado... e se suicidara ao contar aquilo que sabia.

DIZ A ALGUÉM E ELES MORREM ofuscava o seu olhar vindo da folha de papel enfiada na máquina de escrever.

Thad esticou o braço, arrancou a folha do cilindro e amarrotou-a. Fez isto sem sequer se virar para ver se Harrison estava muito próximo. Esse seria um grave erro. Tentou parecer descontraído. Não se sentia nada descontraído, sentia-se demente. Esperou que Harrison lhe perguntasse o que fora que escrevera e porque estava com tanta pressa em arrancar a folha da máquina de escrever. Quando viu que Harrison não ia dizer nada, Thad disse.

— Penso que já acabei. Para o inferno com o bilhete. De qualquer modo, vou trazer estes dossiers de volta antes mesmo de a senhora Fenton saber que eles alguma vez saíram daqui. — Pelo menos isso era verdade... a não ser que, por acaso, Althea estivesse no céu a olhar cá para baixo.

Thad levantou-se, rezando para que as pernas não o traíssem e o deixassem cair de novo sobre a cadeira. Ficou aliviado ao ver que Harrison se encontrava à entrada da porta e nem sequer estava a olhar para ele. Um minuto antes, Thad teria jurado que o homem respirava sobre a parte de trás do seu pescoço. Contudo, Harrison estava a comer uma bolacha de chocolate e com o olhar fixo na janela por detrás de Thad, observando os poucos alunos que atravessavam ociosamente o pátio.

— Meu Deus, este lugar está mesmo morto — disse o polícia.

“A minha família também pode estar antes de eu chegar a casa.”

— Vamos andando? — perguntou ele a Harrison.

— Por mim tudo bem.

Thad dirigiu-se para a porta. Harrison olhou para ele, perplexo — Macacos me mordam! — disse. — Afinal de contas, talvez sempre tenha alguma coisa daquele professor distraído.

Nervosamente, Thad pestanejou os olhos, e olhou de seguida para baixo,

apercebendo-se de que ainda estava a segurar numa das mãos a bola de papel amarrotada. Atirou-a para o cesto dos papéis mas a sua mão trêmula traiu-o. A bola bateu no aro e ressaltou para fora. Antes sequer de ter tempo para se dobrar e apanhar a bola, já Harrison tinha passado por ele. Apanhou a bola de papel e começou a lançá-la de modo descontraído de uma mão para a outra.

— Vai-se embora sem os dossiers que o trouxeram até cá? — perguntou, apontando para os dossiers do curso de especialização em escrita criativa que estavam colocados ao lado da máquina de escrever com um elástico vermelho à volta a segurá-los. De seguida, continuou a atirar a bola de papel que continha as duas últimas mensagens de Stark de uma mão para a outra, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, de trás para a frente, sigam a bola saltitante. Numa das dobras do papel, Thad conseguia ver um pedaço incompleto das letras: "DIZ A ALGUÉM E ELES MORREM".

— Ah, aqueles. Obrigado.

Thad pegou nos dossiers mas quase os deixou cair. Agora, Harrison iria desdobrar a bola de papel que tinha na mão. Era isso que iria fazer e, embora neste preciso momento, Stark não o estivesse a ver — de qualquer forma, Thad tinha a certeza absoluta de que ele não o estava a ver – voltaria à carga muito em breve. E quando soubesse, faria alguma coisa indescritível à Liz e aos gêmeos.

— De nada. — Harrison lançou a bola de papel amarrotada em direção ao cesto dos papéis. Depois de dar praticamente uma volta completa em redor do aro, a bola acabou por cair lá para dentro. — Dois pontos – exclamou ele, saindo para o corredor de forma a que Thad pudesse fechar a porta.

Thad desceu as escadas com a escolta policial na sua pegada. Rawlie DeLesseps pôs a cabeça fora do gabinete e desejou a Thad um bom Verão, caso não o visse de novo. Thad desejou-lhe o mesmo numa voz que, aos seus próprios ouvidos, soava bastante normal. Sentiu como se estivesse em piloto automático. Essa sensação durou até chegar ao Suburban. ao atirar os dossiers para o assento do passageiro, o seu olhar foi atraído para a cabina pública do outro lado do parque de estacionamento.

— Vou telefonar à minha mulher — disse ele a Harrison. — Para ver se ela quer alguma coisa da loja.

— Devia ter feito isso lá em cima – retorquiu Manchester. — Teria poupado vinte e cinco cêntimos.

— Esqueci-me — explicou Thad. — Talvez tenha realmente alguma coisa daquele professor distraído.

Os dois polícias trocaram entre si um olhar divertido e enfiaram-se no Plymouth, onde podiam ligar o ar condicionado e vê-lo através do pára-brisas.

Thad teve a sensação de que todas as suas entranhas se tinham transformado em gelatina. Do bolso, pescou uma moeda e enfiou-a na ranhura. A mão tremia, tendo-se enganado a marcar o segundo número. Desligou o telefone, esperou que a moeda saísse e tentou de novo, pensando: “Meu Deus, é como na noite em que a Miriam morreu. Exatamente como naquela noite.”

Era uma espécie de déjá vu que ele dispensava de bom grado. À segunda tentativa, Thad marcou bem o número e ficou ali, com o auscultador pressionado com tamanha força contra a orelha que até doía. Consciente desse fato, Thad tentou pôr-se mais à vontade. Não podia deixar que Harrison e Manchester se apercebessem de que algo não estava a correr bem — acima de tudo, tinha de evitar isso. No entanto, não parecia conseguir relaxar os músculos Stark atendeu o telefone após o primeiro toque.

— Thad?

— Que foi que lhes fizeste? — Era como cuspir bolas secas de linho. E, ao fundo, Thad conseguia ouvir os dois gêmeos a gritar em plenos pulmões, tendo concluído que os seus gritos eram estranhamente consoladores. Não eram os gritos roucos que Wendy soltara quando caíra das escadas abaixo. Eram gritos desconcertantes, talvez até gritos zangados, mas não gritos de dor.

“Liz”, pensou ele. Onde estaria Liz?

— Nadinha — retorquiu Stark — como podes ouvir por ti próprio. Não toquei num só fio de cabelo destas cabecinhas preciosas. Ainda não.

— Liz — disse Thad, sentindo-se subitamente dominado por um terror desolador. Era como ser submergido nas ondas de rebentação compridas e frias.

— Que há com ela? — O tom provocante era grotesco, insuportável.

— Passa-lhe o telefone! — rugiu Thad. — Se estás à espera que eu escreva mais uma maldita palavra que seja sob o teu nome, passa-lhe o telefone! — E havia uma parte do seu espírito, aparentemente impassível perante um tal extremo de horror e espanto como este, que o acautelava: "Toma cuidado, Thad. Estás apenas a três quartos de distância dos polícias. Um homem não grita ao telefone quando está a ligar para casa para perguntar à mulher se ela tem ovos que cheguem."

— Thad! Thad, velha carcaça! — Stark pareceu ficar magoado, embora Thad soubesse com uma certeza terrível e enlouquecedora que o filho da mãe estava a sorrir. — Tens cá o raio de uma má opinião sobre mim, camaradazinha. Isto é, acalma-te, filho! Segura os cavalos que aqui está ela.

— Thad? Thad, estás aí? — Liz parecia estar preocupada e assustada, mas não em pânico. Não propriamente.

— Sim. Estás bem, amor? Os miúdos estão bem?

— Sim, estamos bem. Nós... — a última palavra dissipou-se um pouco. Thad conseguia ouvir o filho da mãe a dizer-lhe alguma coisa, embora não conseguisse decifrar as palavras. Ela disse "sim, está bem" e voltou de novo ao telefone. Neste momento, parecia estar prestes a chorar.

— Thad, tens de fazer aquilo que ele quer.

— Sim, eu sei.

— Mas ele quer que eu te diga que não o podes fazer aqui. A Polícia irá chegar em breve. Ele... Thad, ele diz que matou os dois polícias que estavam a vigiar a casa.

Thad cerrou os olhos.

— Não sei como foi que o fez, mas ele diz que o fez... e eu... eu acredito nele. — Agora ela estava a chorar A tentar não chorar, sabendo que isso iria preocupar Thad e sabendo que se ficasse preocupado, ele poderia fazer algo perigoso. Thad segurou bem no auscultador, encostou-o ao ouvido e tentou parecer descontraído.

Stark, de novo a sussurrar coisas ao fundo. E Thad conseguiu apanhar uma das palavras. "Colaboração." Incrível. Verdadeiramente incrível.

— Ele vai levar-nos daqui — disse ela. — Diz que sabes para onde vamos. Lembras-te da tia Martha? Diz que deves despistar os homens que estão contigo. Diz que sabe que tu consegues fazer isso, porque ele conseguiu. Quer que tu vás ter conosco esta noite. Ele diz... — Liz soltou um soluço assustado. Um outro começou a caminho, mas ela conseguiu travá-lo. — Diz que vais colaborar com ele, que com ambos a trabalharem em conjunto, vai ser o melhor livro de sempre. Ele... Sussurro, sussurro, sussurro.

Oh, como ele desejava lançar os dedos ao pescoço do perverso George Stark e sufocá-lo até os dedos perfurarem a pele e esmigalharem a garganta do maldito filho da mãe.

— Ele diz que Alexis Machine regressou do mundo dos mortos e mais forte do que nunca. — De seguida, de modo esganiçado. — Por favor, faz o que ele pede, Thad! Ele tem armas! E tem um maçarico! Um maçarico pequeno! Ele diz que se tentares alguma graça... Por favor, Thad, faz o que ele pede!

As palavras dela dissiparam-se quando Stark afastou o telefone dela.

— Diz-me uma coisa, Thad — disse Stark de novo, e agora sem nenhum som provocatório na voz. Estava terrivelmente sério. — Diz-me uma coisa e fá-

lo de modo credível e sincero, camarada, ou eles vão pagar por isso. Percebes o que eu quero dizer?

— Sim.

— Tens a certeza? Porque ela estava a dizer a verdade sobre o maçarico.

— Sim! Sim, raios te partam!

— O que é que ela quis dizer quando te pediu para te lembrares da tia Martha? Que porra de coisa é? Era alguma espécie de código, Thad? Será que ela estava a tentar passar-me a perna?

Subitamente, Thad viu a vida da mulher e dos filhos presa por um tênue fio. Não se tratava de uma metáfora, era uma coisa que conseguia realmente ver. O fio era de um azul frio, transparente, praticamente invisível no meio de toda a eternidade que pudesse existir. Agora, resumia-se tudo a duas coisas: o que ele dizia e aquilo em que George Stark acreditava.

— O equipamento de gravação está desligado?

— Claro que está! — exclamou Stark. — Por quem é que me tomas, Thad?

— Liz sabia isso quando lhe passaste o telefone?

Seguiu-se uma pausa, após a qual Stark disse:

— Bastava-lhe ter olhado. Os fios estão todos espalhados pelo raio do chão.

— Mas ela olhou? Olhou?

— Deixa-te de rodeios e vamos ao que interessa, Thad.

— Ela estava a tentar dizer-me para onde é que vocês vão sem dizer as palavras — explicou-lhe Thad, esforçando-se por aparentar um tom paciente e admoestador, paciente mas um pouco paternalista. Thad não sabia dizer se estava a conseguir convencer Stark ou não, mas tinha a sensação de que, de uma forma ou de outra, este último lhe daria a conhecer a sua decisão, e muito em breve. — Ela estava a referir-se à casa de Verão. O pouso em Castle Rock. Martha Tellford é a tia de Liz. Não gostamos dela. Sempre que telefonava a dizer que ia a caminho para nos visitar, imaginávamos que fugíamos para Castle Rock e que nos escondíamos na casa de Verão até ela morrer.

Pronto, já disse tudo, e se eles puseram equipamento de gravação sem fios no nosso telefone, George, vai cair tudo em cima de ti.

Thad esperou, a transpirar, para ver se Stark caía nesta... ou se o fio tênue, a única coisa que separava os seus queridos da eternidade, seria cortado.

— Não puseram — disse Stark, por fim. A sua voz parecia estar de novo mais descontraída. Thad lutou contra a necessidade de se encostar ao lado da cabina telefônica e fechou os olhos em sinal de alívio. “Se te vir mais alguma vez, Liz”, pensou ele, “torço-te o pescoço por te arriscares tanto.” Só que supunha que aquilo que realmente faria quando e se a visse de novo seria beijá-la até ela perder o fôlego.

— Não lhes faças mal — disse ele para o telefone. – Por favor, não lhes faças mal. Faço tudo aquilo que quiseres.

— Oh, eu sei. Eu sei que farás, Thad. E vamos fazê-lo juntos. Pelo menos para começar. Põe-te a mexer. Livra-te dos teus cães de guarda e traz-me esse cu até Castle Rock. Põe-te lá o mais depressa que puderes mas não guies tão depressa a ponto de atraíres as atenções. Isso seria um erro. Talvez possas considerar a hipótese de trocar de carro mas deixo os pormenores à tua consideração, afinal de contas, és um tipo criativo. Põe-te lá antes de anoitecer, se é que os queres encontrar ainda vivos. Não faças merda. Estás a perceber-me? Não faças merda e não tentes nada de engraçado.

— Não faço.

— Exatamente. Não farás. Aquilo que farás, velha carcaça, é seguir as regras do jogo.

Se deitares tudo a perder, quando aqui chegares só encontrarás os corpos e uma cassete com a tua mulher a amaldiçoar o teu nome antes de morrer. Ouviu-se um estalido. A chamada fora cortada.

Enquanto Thad se encaminhava para o Suburban, Manchester baixou o vidro do lado do passageiro do Plymouth e perguntou-lhe se estava tudo bem lá por casa. Pelo olhar do homem, Thad apercebeu-se de que esta não era apenas mais uma pergunta infundada. Afinal de contas, ele vira algo no rosto de Thad. Mas isso não o incomodava, Thad pensava conseguir lidar com isso. No fundo, ele era um tipo criativo e, neste momento, o seu espírito parecia deslocar-se a uma velocidade horrivelmente silenciosa muito própria, como aquele comboio de alta velocidade japonês.

A pergunta pôs-se de novo: "Minto ou digo a verdade?" E, como anteriormente, não havia muitas alternativas.

— Está tudo bem — retorquiu. O tom de voz era natural e descontraído. — Os miúdos estão mal-humorados, é só isso. E isso põe a Liz mal-humorada. — Thad deixou a voz aumentar um pouco de volume. — Desde que saímos de casa, vocês os dois parecem estar nervosos. Está a passar-se alguma coisa que eu deva saber?

Mesmo nesta situação desesperada, Thad tinha consciência suficiente para sentir uma ligeira pontada de culpa ao afirmar uma coisa desse gênero. Algo estava a acontecer, sim — mas ele era quem sabia o que estava a acontecer e não iria contar.

— Não — respondeu Harrison por detrás do volante, debruçando-se para a frente para não ficar tapado pelo parceiro. — Não conseguimos entrar em contato com Chatterton e Eddings em casa, é tudo. Devem ter ido lá dentro.

— A Liz disse que acabou de fazer chá gelado – disse Thad, mentindo levianamente.

— Então é isso — retorquiu Harrison, lançando um sorriso a Thad, que sentiu um outro rebate de consciência, ligeiramente mais forte. — Talvez ainda haja algum chá quando lá chegarmos, hem?

— Tudo é possível. — Thad fechou a porta do Suburban e enfiou a chave de ignição na ranhura com uma mão que parecia não ter qualquer sensibilidade, como se de um bloco de madeira se tratasse. As perguntas rodopiavam à volta da sua cabeça, descrevendo o seu passo de dança típico, complicado e nada particularmente encantador. Será que Stark e a sua família já tinham partido para Castle Rock? Esperava bem que sim: Thad queria que eles estivessem bem longe quando a notícia de que tinham sido seqüestrados fosse transmitida através das redes de comunicação da Polícia. Se fossem no carro de Liz e se alguém os visse, ou se ainda estivessem próximo de Ludlow ou em Ludlow, podia haver sarilhos. Sarilhos de morte. Era terrivelmente irônico que, acima de tudo, Thad desejasse que Stark conseguisse fugir sem levantar as atenções, mas essa era a posição exata em que ele se encontrava.

E, a propósito de fugas, como é que iria despistar Harrison e Manchester? Essa era uma outra pergunta muito boa. De certeza que não seria ultrapassando-os com o Suburban. Com a pintura coberta de poeira e os pneus negros como o breu, o Plymouth que estavam a guiar assemelhava-se a um cão, embora o ronco áspero do motor sugerisse que, debaixo desse disfarce, se tratava de um autêntico perna-longa. Thad imaginava que conseguiria ver-se livre deles — já tinha uma idéia de como e onde isso seria feito — mas como é que iria impedir que fosse descoberto de novo enquanto percorria os duzentos e cinqüenta quilômetros que o separavam de Castle Rock?

Thad não tinha a mais pequena idéia... apenas sabia que, de uma forma ou de outra, teria de o fazer.

"Lembras-te da tia Martha?"

Thad contara a Stark uma série de tretas sobre o que isso significava e ele caíra que nem um patinho. O acesso do filho da mãe à sua mente não era, pois, total. Martha Tellford era a tia de Liz, até aí tudo bem, e eles tinham pensado, a

maior parte das vezes na cama, em fugir dela, só que falavam em fugir para locais exóticos como Aruba ou o Taiti... porque a tia Martha sabia tudo sobre a casa de Verão em Castle Rock. Ela visitara-os nessa casa com muito mais freqüência do que os visitara em Ludlow. E o local preferido da tia Martha Tellford em Castle Rock era a lixeira. Ela era um membro de pleno direito da NRAT, com cartão e as cotas em dia, e aquilo que gostava de fazer na lixeira era alvejar ratazanas.

— Se queres que ela se vá embora — lembrava-se Thad de ter dito a Liz numa ocasião — vais ter de ser tu a dizer-lhe isso. — Aquela conversa tivera também lugar na cama, por volta do final da interminável visita da tia Martha no Verão de... terá sido de 79 ou de 80? Não importava, supunha ele. — Ela é tua tia. Além disso, temo que se for eu a dizer-lhe alguma coisa ela acabe por usar aquela sua Winchester contra mim.

E Liz retorquiu:

— Também não tenho muita certeza que o fato de um familiar consangüíneo me proteja de alguma coisa. Ela fica cá com um olhar...

Thad lembrava-se de que, a seu lado, Liz troçara dela, imitando-a. De seguida, dera as suas risadinhas e cutucara nas costelas.

— Vá lá. Deus odeia os covardes. Dize-lhe que somos contra matar os animais, mesmo quando se trata de ratos da lixeira. Thad, vai ter com ela e dize-lhe, “ponha-se a andar daqui para fora, tia Martha! Acabou de matar a última ratazana no esgoto. Faça as malas e ponha-se a andar daqui para fora!”

Como era evidente, nenhum dos dois dissera à tia Martha para se pôr a andar dali para fora”, ela continuou com as suas expedições diárias ao esgoto, onde matou dúzias de ratazanas (e algumas gaivotas quando as ratazanas fugiam para se abrigar, suspeitava Thad). Por fim, chegou o dia tão esperado quando Thad a levou até ao Aeródromo de Portland e a pôs no avião de volta a Albany. Ao portão, ela dera-lhe um aperto de mão masculino de duas sacudidelas peculiarmente desconcertantes — como se estivesse a firmar um acordo de negócios e não a despedir-se — e dissera-lhe que talvez lhes fosse fazer uma visita no ano seguinte.

— Uma ótima caçada — dissera ela. — Devo ter atingido aí umas seis ou sete dúzias daqueles minúsculos sacos de germes ambulantes.

Ela nunca mais voltara, embora tivesse havido uma ocasião em que tinham escapado por uma unha negra (aquela visita pendente fora evitada por um convite misericordioso de última hora para ir para o Arizona onde a tia Martha os informara ao telefone, ainda havia recompensas por coiotes).

Nos anos que se seguiram à sua última visita, “Lembra-te da tia Martha” tornara-se uma espécie de frase em código, como “Lembra-te do Maine”. Significava que um dos dois devia ir buscar a 22 ao barracão das arrumações e alvejar um convidado particularmente aborrecido, tal como a tia Martha alvejara as ratazanas na lixeira. Agora que pensava nisso, Thad tinha a impressão de que Liz utilizara essa mesma expressão numa ocasião, durante as sessões de entrevista-e-fotografias para a revista People. Não se tinha ela virado para ele e murmurado:

— Não achas que aquela Myers faz lembrar a tia Martha, Thad?

De seguida, tapara a boca e desatara a soltar risadinhas muito engraçadas.

Só que agora não tinha graça nenhuma. E agora não se tratava de alvejar ratazanas no esgoto.

A não ser que tivesse percebido tudo mal e que Liz estivesse a tentar dizer-lhe para vir atrás deles e matar George Stark. E se ela queria que ele fizesse isso, Liz, que chorava quando ouvia falar nos animais abandonados que eram “postos a dormir” no Abrigo para Animais Derry, era porque não deveria haver uma outra saída. Neste momento, ela devia achar que só havia duas saídas: ou a morte de Stark... ou a morte dela e dos gêmeos.

Harrison e Manchester estavam a olhar para ele com curiosidade, tendo-se Thad apercebido de que permanecera sentado atrás do volante do lento Suburban, perdido nos seus pensamentos, praticamente durante todo um minuto. Thad ergueu a mão, esboçou uma leve saudação, saiu em marcha atrás e virou em direção à Maine Avenue, que levaria para fora dos limites do campus universitário. Tentou começar a pensar na forma de se livrar destes dois antes

que eles ouvissem no rádio da banda da Polícia a notícia de que os colegas tinham sido mortos. Tentou pensar, mas só conseguia ouvir Stark dizer que se ele estragasse tudo, as únicas coisas que encontraria quando chegasse à casa de Verão em Castle Rock seriam os corpos e um cassete de Liz a amaldiçoá-lo antes de morrer.

E só conseguia ver Martha Tellford a fazer pontaria com o cano da Winchester, que era muito, mas muito maior do que a 22 que ele mantinha guardada no barracão fechado da casa de Verão, tentando alvejar as ratazanas roliças que corriam em fuga por entre os montes de lixo e as fogueiras de um laranja desbotado. Subitamente, Thad apercebeu-se de que ele queria alvejar Stark, e não com uma 22. O George matreiro merecia algo maior. Um morteiro podia ter o tamanho certo.

As ratazanas, saltando para cima da galáxia reluzente de garrafas partidas e latas esmigalhadas, com os corpos que começavam por se retorcer e depois salpicavam tudo à volta quando as tripas e a pele voavam pelo ar. Sim, ver uma coisa dessas acontecer a George Stark seria ótimo.

Thad estava a agarrar o volante com muita força, o que causava dores na mão esquerda. Na verdade, a mão parecia doer bem lá no fundo, nos ossos e nas articulações.

Thad afrouxou — ou, pelo menos, tentou — e tateou no bolso do casaco à procura do Percodan que tinha trazido com ele, acabando por descobri-lo e engoli-lo em seco.

Começou a pensar no cruzamento na zona da escola em Veazie. Aquele com o sinal de stop para as quatro faixas.

E começou também a pensar naquilo que Rawlie DeLesseps dissera. “Psicopompos”, era assim que Rawlie os chamara. Os arautos dos mortos-vivos.

VINTE E UM - STARK TOMA O COMANDO

Stark não teve qualquer dificuldade em planejar aquilo que pretendia fazer e a forma como o pretendia fazer, apesar de, na verdade, nunca ter estado em Ludlow em toda a sua vida. Nos seus sonhos, Stark estivera lá as vezes suficientes.

Tirou da estrada o vulgar Honda Civic roubado, tendo entrado para uma área de descanso a dois quilômetros e meio de distância estrada abaixo da casa dos Beaumont.

Thad fora até à universidade, o que era bom. Por vezes, era-lhe impossível dizer aquilo que Thad estava a fazer ou a pensar, embora, se se esforçasse, conseguisse quase sempre captar o tom das suas emoções.

Se verificasse ser muito difícil entrar em contato com Thad, bastava a Stark começar por segurar num dos lápis Berol que comprara na papelaria da Houston Street. Isso ajudava.

Hoje, seria fácil. Seria fácil porque, independentemente daquilo que Thad pudesse ter contado aos seus cães de guarda, ele fora até à universidade por uma única razão: porque estava em cima do prazo e imaginava que Stark tentaria entrar em contato com ele. Stark tencionava fazer precisamente isso. Tencionava, sim.

Só que não planejou fazê-lo da forma que Thad estava à espera.

E certamente não a partir de um local de que Thad estivesse à espera.

Era quase meio-dia. Podiam ver-se algumas pessoas a fazerem piqueniqões na área de descanso, embora estivessem sentadas em mesas montadas na relva ou reunidas em redor dos pequenos fogareiros de pedra para os churrascos ao pé do rio. Ninguém olhou para Stark quando este saiu do Civic e se afastou. Isso era ótimo porque se as pessoas o tivessem visto, tê-lo-iam

certamente fixado.

Ao atravessar a estrada de asfalto e, de seguida, pôr-se a caminho, a pé, estrada acima, em direção à casa dos Beaumont, Stark assemelhava-se muito ao homem invisível de H. G. Wells. Uma larga faixa de ligadura cobria toda a testa, das sobrancelhas ao contorno do couro cabeludo. Uma outra faixa cobria o queixo e o maxilar inferior. Um boné de beisebol dos New York Yankees fora enfiado pela cabeça abaixo. Usava óculos de sol, um colete axadrezado, e luvas pretas nas mãos.

As ligaduras estavam manchadas com uma substância amarelada e pegajosa que passava lenta e continuamente através da gaze de algodão como lágrimas viscosas. Essa mesma substância amarela gotejava por detrás dos óculos de sol Foster Grant. De tempos a tempos, com as luvas, que eram uma imitação barata de pele, Stark limpava a porcaria do rosto. Os dedos e as palmas destas luvas estavam peganhentas por causa da substância ressequida. Por debaixo das ligaduras, uma grande parte da pele caíra.

Aquilo que se mantinha não era exatamente carne humana, tratava-se, sim, de uma substância escura e esponjosa que estava quase sempre a exsudar. Essa substância parecia-se com pus, embora tivesse um cheiro desagradável e intenso: como uma combinação de café forte e de tinta-da-china.

Stark caminhou com a cabeça ligeiramente inclinada para a frente. Os ocupantes dos poucos carros que vieram na sua direção viram um homem com um boné de beisebol, de cabeça inclinada para baixo para se proteger da luz do Sol e com as mãos enfiadas nos bolsos. A sombra da pala do boné afastaria todos menos os olhares mais insistentes.

No entanto, se as pessoas olhassem com mais atenção, apenas teriam visto as ligaduras.

Como é evidente, os carros que vinham por detrás e passavam por ele em direção a norte apenas logravam uma boa visão das suas costas.

Mais próximo das cidades geminadas de Bangor e Brewer, este passeio teria sido um pouco mais difícil. Mais próximo, tínhamos os subúrbios e os

projetos de habitação social. A zona de Ludlow onde se situava a casa dos Beaumont estava bastante afastada, no meio do campo, podendo ainda ser qualificada de comunidade rural — não se estava no meio de nenhures mas também não era uma zona que, de forma alguma, fizesse parte das grandes vilas. As casas tinham sido edificadas em lotes suficientemente grandes que, em alguns casos, podiam ser denominados de campos. Não se encontravam separadas umas das outras por sebes, o típico exemplo da privacidade suburbana, mas por estreitas faixas de árvores e, por vezes, de sinuosos muros de pedras. Aqui e ali, antenas parabólicas assomavam impiedosamente no horizonte, assemelhando-se às posições avançadas de alguma invasão de extraterrestres Stark caminhou ao longo da berma da estrada até ultrapassar a casa dos Clark. A seguinte era a de Thad. Atravessou o pátio da frente dos Clark no seu canto mais afastado, pátio este mais coberto de ervas selvagens do que relva. Olhou de relance para a casa. Os estores tinham sido puxados para baixo, por causa do calor, e a porta da garagem estava bem fechada. A casa dos Clark não parecia ter o ar das casas vazias a meio da manhã. Tinha o ar abandonado das casas que já estão vazias há bastante tempo.

Apesar de não se ver nenhuma pilha de revistas de mexericos por dentro da porta de rede, Stark calculava que a família Clark tivesse, provavelmente, partido para umas férias de Verão adiantadas, o que para ele não podia ser melhor.

Stark penetrou no renque de árvores que se erguiam entre as duas propriedades, galgou os vestígios esboroados de um muro de pedra e, de seguida, deixou-se cair sobre um joelho. Pela primeira vez, estava a olhar diretamente para a casa do seu gêmeo teimoso. Estacionado à entrada via-se um carro-patrulha, e os dois polícias que dele faziam parte encontravam-se à sombra da árvore mais próxima, a fumar, e a falar.

Ótimo.

Stark tinha aquilo de que precisava, o resto não passava de pormenores de menos importância. Ainda assim, deixou-se ali ficar mais um momento. Apesar de não ter de si próprio a idéia de um homem imaginativo — pelo menos não fora das páginas dos livros em que tivera uma participação vital na sua criação — ou de um homem emotivo, Stark ficou um pouco surpreso com o fogo intenso de raiva e ressentimento que sentiu arder nas entranhas.

Com que direito é que aquele filho da mãe o recusava? Com que maldito direito?

Porque ele se tornara real em primeiro lugar? Porque, Stark não sabia como, porquê ou quando é que ele próprio se tornara real? Isso eram tretas. No que dizia respeito a George Stark, a antiguidade não tinha valor nenhum. Não era sua obrigação deitar-se para o chão e morrer sem um único grito de protesto, tal como Thad Beaumont parecia pensar que ele devia fazer. Stark tinha uma obrigação para com ele próprio, ou seja, sobreviver. E também não era só isso. Tinha ainda de pensar nos seus fãs leais, não tinha?

Olhem para aquela casa. Olhem bem para ela. Uma espaçosa casa ao estilo colonial da Nova Inglaterra, faltando apenas uma ala para ser considerada uma mansão. Um grande relvado com aspersores girando afanosamente para o manter verde. Uma sebe de estacas de madeira colocada ao longo de um dos lados da reluzente entrada escura – o tipo de sebe que Stark imaginava dever ser "pitoresco". Entre a casa e a garagem, havia uma passagem coberta — uma passagem coberta, pelo amor de Deus! E, no seu interior, a casa estava mobiliada num encantador (ou talvez o designassem de gracioso) estilo colonial de forma a condizer com o exterior: uma comprida mesa de carvalho na sala de jantar, cômodas altas e bonitas nos quartos do andar de cima, e cadeiras que eram delicadas e agradáveis à vista ainda que não fossem afetadas: cadeiras que se podiam admirar e, ainda assim, atrevermo-nos a sentar nelas. Paredes que não estavam forradas a papel mas pintadas e, de seguida, enfeitadas com estêncil. Stark vira todas estas coisas, vira-as nos sonhos que Beaumont nem sequer soubera que estava a ter quando se encontrava a escrever como George Stark.

Repentinamente, Stark teve um ensejo de incendiar a encantadora casa branca até aos alicerces. Deitar-lhe um fósforo — ou talvez a chama do maçarico de propano que tinha no bolso do colete que trazia — e queimá-la todinha, de uma ponta à outra. Mas não enquanto não tivesse entrado lá dentro. Não enquanto não tivesse quebrado a mobília toda, cagado no tapete da sala de estar e espalhado os excrementos por aquelas paredes cuidadosamente enfeitadas com estêncil em manchas castanhas e grosseiras. Não enquanto não enfiasse um machado naquelas cômodas tão elegantes e as reduzisse a achas para a lareira.

Com que direito é que Beaumont tinha filhos? E uma mulher bonita? Com

que direito, exatamente, é que Thad Beaumont vivia na luz e era feliz enquanto o seu irmão obscuro — que o tornara rico e famoso quando, de outra forma, ele continuaria pobre e morreria na obscuridade — morria na escuridão como um vira-latas doente num beco?

Nenhum, está claro. Nenhum direito, mesmo. Só que Beaumont acreditara nesse direito e, apesar de tudo, continuava a acreditar. Mas a crença — a inexistência de George Stark de Oxford, Mississipi — era a ficção.

— Está na altura da tua primeira grande lição, camaradazinha — murmurou Stark nas árvores. Encontrou os alfinetes que seguravam a ligadura à volta da testa, tirou-os e enfiou-os no bolso para serem usados mais tarde. De seguida, começou a desenrolar a ligadura, cujas camadas surgiam cada vez mais úmidas à medida que se aproximavam da sua estranha carne. — E é uma de que nunca te irás esquecer para o resto da tua vida.

Isso garanto-te, maldito sejas.

Não passava de uma variação do esquema da bengala branca que utilizara com os polícias em Nova Iorque, mas para Stark isso não constituía problema algum. Ele acreditava piamente na idéia de que, se uma pessoa se saísse bem num truque, este deveria continuar a ser utilizado até cansar. De qualquer modo, estes polícias não representavam qualquer problema, exceto no caso de se descuidar. Há mais de uma semana que se encontravam a fazer este trabalho, com a confiança a aumentar todos os dias: a confiança de que o tipo maluco dissera a verdade quando afirmara que ia apenas pôr as idéias em dia e voltar para casa. Liz era a única carta fora do baralho: se, por acaso, ela olhasse lá para fora, pela janela, enquanto ele matava os porcos, isso iria complicar as coisas. Mas ainda faltavam alguns minutos para o meio-dia: ela e os gêmeos deviam estar a dormir uma sesta ou a prepararem-se para tal.

Independentemente da forma como tudo corresse, Stark estava confiante de que as coisas iriam dar certo.

Com efeito, ele tinha a certeza absoluta.

O amor encontraria um caminho.

Chatterton levantou a bota para esmagar a beata do cigarro — uma vez apagada, era sua intenção colocar a ponta do cigarro no cinzeiro do carro. A polícia do estado do Maine não sujava as entradas das casas dos contribuintes — e, quando ergueu o olhar, o homem com o rosto descamado estava lá, a cambalear lentamente pela entrada acima.

Uma mão acenava lentamente para ele e para Jack Eddings, a pedir ajuda, a outra estava dobrada por detrás das costas e parecia estar partida.

Chatterton teve praticamente um ataque cardíaco.

— Jack! — gritou, e Eddings virou-se. Ficou boquiaberto.

— ... ajudem-me... — crocitava o homem do rosto descamado. Chatterton e Eddings correram na sua direção.

Se tivessem sobrevivido, talvez pudessem ter contado aos colegas de trabalho que pensavam que o homem tivera um acidente de carro ou que fora queimado numa explosão repentina de gás ou querosene, ou ainda que talvez tivesse caído, com o rosto virado para a frente, numa daquelas máquinas agrícolas que, de vez em quando, resolvem agarrar e decepar os seus proprietários com as lâminas, os dentes ou os raios das rodas cruéis e giratórios. Talvez pudessem ter contado aos colegas de trabalho todas estas coisas, mas, naquele instante, não estavam verdadeiramente a pensar em nada. A sua mente tinha ficado totalmente vazia perante o horror. O lado esquerdo do rosto do homem parecia estar praticamente a ferver, como se, depois de a pele ter sido arrancada, alguém tivesse despejado uma forte solução de ácido carbônico sobre a carne crua. Um líquido pegajoso e indescritível escorria pelos montículos de carne esponjosa e fluía por entre rachas escuras, por vezes vertendo para o chão sob a forma de medonhos jorros repentinos.

Eles não pensaram em nada, eles, pura e simplesmente reagiram.

Essa era a beleza do truque da bengala branca.

— ... ajudem-me...

Stark permitiu que os seus pés tropeçassem um no outro e caiu para a frente.

Gritando alguma coisa incoerente para o parceiro, Chatterton avançou para a frente para segurar o homem ferido antes que este se estatelasse no solo. Stark alçou o braço direito em redor do pescoço do polícia estadual e tirou a mão esquerda detrás das costas. Esta tinha uma surpresa. A surpresa era uma navalha de barbear com um cabo de madrepérola. A lâmina cintilou febrilmente no ar úmido. Com força, Stark empurrou-a para a frente, rasgando o globo ocular direito de Chatterton com um ruído audível.

Chatterton gritou e levou uma mão ao rosto. Stark lançou a mão ao cabelo do agente, puxou a cabeça para trás e rasgou-lhe a garganta de orelha a orelha. Sangue brotou do seu pescoço musculado num esguicho vermelho. Tudo isto sucedeu em quatro segundos.

— Quê? — perguntou Eddings num tom de voz baixo e peculiarmente consciencioso.

Este estava pregado ao chão, a cerca de sessenta metros atrás de Chatterton e Stark.

— Quê?

Uma das mãos caídas estava suspensa ao lado da coronha do revólver de serviço. No entanto, bastou a Stark uma rápida olhadela para se convencer de que o porco não fazia a mais pequena idéia de que a arma estava ao seu alcance, tal como não fazia a mais pequena idéia de quantas pessoas constituíam a população de Moçambique. Tinha os olhos arregalados. Ele não sabia para onde é que estava a olhar nem quem é que estaria a sangrar. "Não, isso não é verdade", pensou Stark, "ele pensa que sou eu. Ele deixou-se ali ficar e viu-me cortar a garganta do parceiro, mas pensa que sou eu quem está a sangrar porque metade

do meu rosto desapareceu. Mas, ainda assim, esse não é o verdadeiro motivo — sou eu que estou a sangrar, só pode ser, porque ele e o parceiro, eles são a polícia. São eles os heróis deste filme.”

— Olha — disse — seguras isto por mim, seguras? — E, com vigor, impeliu o corpo moribundo de Chatterton para trás, lançando-o sobre o parceiro.

Eddings lançou um gritozinho esganiçado. Tentou afastar-se mas foi demasiado tarde. O saco de oitenta quilos de peso morto que era Tom Chatterton levou-o a cambalear de encontro ao carro da Polícia. Sangue quente e descontrolado esguichou para o seu rosto virado para cima como a água de um chuveiro com uma fuga. Soltou um grito e sacudiu o corpo de Chatterton. Este girou lentamente sobre si mesmo e, com a última das forças, agarrou-se cegamente ao carro. A mão esquerda bateu no capot, deixando a marca ensangüentada de uma mão. A direita agarrou-se debilmente à antena do rádio, arrancando-a. Chatterton caiu no meio da entrada, segurando a antena diante do único olho que ainda lhe restava, como um cientista com um espécime demasiado raro nas mãos para largá-lo, mesmo in extremis.

Eddings entreviu de modo indistinto a imagem do homem descamado a aproximar-se lentamente e inexoravelmente e tentou afastar-se. Bateu no carro.

Com a navalha, Stark cortou o ar, rasgou a braguilha da farda bege ao agente estadual Eddings, rasgou o saco escrotal e, num golpe longo e flexível, lançou a navalha para cima e para fora. Os testículos de Eddings, subitamente separados um do outro, deixaram-se cair contra a parte interior das coxas, como nós pesados na ponta de uma corda desemaranhada. Em redor do fecho, o sangue manchou as calças. Por um instante, ele teve a sensação de que alguém teria atirado uma mão cheia de gelado contra as virilhas... e foi então que as dores atacaram, quentes e lancinantes. Ele gritou.

Com uma velocidade inacreditável, Stark soltou a navalha, lançando-a à garganta de Eddings. Porém, de alguma forma, este conseguiu erguer uma mão e o primeiro golpe apenas cortou a palma da mão a meio. Eddings tentou rolar para a esquerda, expondo assim o lado direito do pescoço.

A lâmina nua, de um prateado desbotado na luminosidade nebulosa do dia, tornou a cortar o ar e, desta vez, chegou onde era suposto chegar. Eddings deixou-

se cair de joelhos, com as mãos entre as pernas. As calças bege estavam praticamente todas tingidas de um vermelho-vivo até aos joelhos. A cabeça caiu para baixo e, neste momento, Eddings assemelhava-se ao objeto de um sacrifício pagão.

— Tem um bom dia, seu filho da puta — disse Stark numa voz neutra. Dobrou-se, enredou a mão no cabelo de Eddings, puxou a cabeça deste para trás, e preparou o pescoço para o golpe final. Stark abriu a porta de trás do carro-patrulha, levantou Eddings pelo colarinho da camisa do uniforme e pelo fundo sangrento das calças, e atirou-o lá para dentro como um saco de batatas. De seguida, fez o mesmo com Chatterton. Este último devia pesar quase cerca de noventa quilos, com o coldre e a 54 enfiada nele, mas Stark deslocou-o como se fosse um saco cheio de penas. Fechou a porta com estrondo e foi então que lançou um olhar cheio de curiosidade viva para a casa.

Estava silenciosa. Os únicos sons audíveis eram os grilos na relva alta para lá da alameda de entrada e o "uic! uic! uic!" baixo e insignificante das mangueiras da relva. A estes, acrescentou-se o som de um caminhão que se aproximava: um caminhão-cisterna Orinco. A sessenta quilômetros por hora, em direção a norte, aproximou-se com um estrondo. Stark retesou-se e agachou-se ligeiramente atrás de um dos lados do carro patrulha quando, por um instante, viu as grandes luzes dos travões cintilarem com uma luz vermelha. Quando se apagaram mais uma vez e o caminhão-cisterna desapareceu por detrás da colina seguinte, acelerando de novo, Stark soltou um grunhido envolto numa gargalhada. O condutor entrevira o carro-patrulha da polícia estadual estacionado na entrada dos Beaumont, verificara o conta-quilômetros e pensara que iria ser apanhado por excesso de velocidade. A coisa mais natural no mundo. Não precisava de se ter preocupado, estes nunca mais iriam apanhar ninguém.

Havia imenso sangue na entrada dos carros, mas, espalhado em pequenas poças sobre o asfalto de um preto vivo, podia passar por água... a não ser que uma pessoa se aproximasse bastante. Portanto, não havia problema. E mesmo que houvesse, não havia nada a fazer.

Stark dobrou a navalha, segurou-a numa mão pegajosa e encaminhou-se para a porta.

Não viu nem o pequeno monte de pardais mortos jazidos ao pé do

alpendre nem aqueles que estavam vivos e que agora cobriam o beiral da casa ou que estavam empoleirados na macieira ao pé da garagem, observando-o silenciosamente.

Num minuto ou dois, Liz Beaumont desceu as escadas, ainda semi-estremunhada da sua sesta do meio do dia, para atender a campainha da porta.

Ela não gritou. O grito estava lá, mas o rosto descamado que a fitava quando Liz abriu a porta cerrou-o bem dentro dela, congelou-o, negou-o, cancelou-o, enterrou-o vivo. Ao contrário de Thad, ela não se lembrava de ter tido sonhos com George Stark, mas, apesar de tudo, eles bem que podiam ter existido, enterrados na solidez da sua mente inconsciente. De fato, por todo o horror que causava, este rosto reluzente e sorridente parecia ser praticamente algo esperado.

— Olhe, minha senhora, quer comprar um pato? — perguntou Stark através da porta de rede. Sorriu, revelando uma série de dentes. A grande maioria estava podre. Os óculos escuros transformavam os olhos em grandes órbitas escuras. Uma substância peganhenta pingava das faces e do maxilar, salpicando o colete que ele trazia vestido.

Apanhada de surpresa, Liz tentou fechar a porta. Com violência, Stark enfiou um punho enluvado por entre a porta de rede, esmurrando a porta e abrindo-a de novo.

Cambaleando, Liz deu alguns passos para trás e tentou gritar. Não conseguia. A garganta estava ainda aferrolhada. Stark entrou e fechou a porta.

Liz viu-o caminhar lentamente na sua direção. Stark assemelhava-se a um espantalho em decomposição que, de algum modo, ganhara vida. O sorriso era o pior de tudo,porque a metade esquerda do lábio superior parecia estar não apenas decomposta ou em decomposição, mas mastigada. Ela conseguia ainda entrever uns dentes cinzento-escuros e as cavidades onde, até há pouco tempo, se encontravam outros dentes.

As mãos enluvadas esticaram-se na direção de Liz.

— Olá, Beth — proferiu ele, por entre aquele sorriso horrível. — Desculpa-me, por favor, a intrusão, mas como estava nas redondezas, pensei em fazer uma visitinha.

Chamo-me George Stark e tenho muito gosto em conhecer-te. Mais gosto do que possas sequer imaginar.

Um dos dedos dele tocou no queixo de Liz... acariciou-o. A carne por debaixo do cabedal preto era esponjosa e mole. Naquele momento, Liz pensou nos gêmeos, a dormirem no andar de cima, e a paralisia em que se encontrava desfez-se. Virou-se e correu para a cozinha. Algures na confusão ensurdecedora da sua mente, Liz viu-se a si mesma a arrancar uma das facas para a carne suspensa no suporte de imã sobre o balcão e a espetá-la bem no meio daquela caricatura obscena de um rosto. Ela ouviu-o a correr atrás de si, célere como o vento A mão de Stark roçou nas costas da blusa de Liz, como se a apalpasse para comprar, e escorregou.

A porta da cozinha era daquelas que estão seguras por uma mola, abrindo tanto para trás como para a frente. No entanto, neste momento, estava escancarada, segura por uma cunha de madeira. Quando passou por ela a correr Liz deu um pontapé na cunha, sabendo que se não acertasse ou se o pontapé só acertasse de viés não haveria uma segunda oportunidade. Ainda assim, com um dos pés enfiados nas pantufas, Liz bateu com toda a força na cunha, sentindo um lampejo de dor nos dedos. A cunha voou através do chão da cozinha, encerado com uma cera tão brilhante que Liz conseguia ver todo o aposento refletido nele, suspenso de pernas para o ar. Sentiu Stark a tentar apanhá-la com as mãos. Lançando uma mão para trás, Liz atirou a porta para fechá-la.

Ouviu a pancada quando a porta o atingiu. Stark berrou, furioso e surpreso, mas não magoado. Liz lançou-se às facas.

... e Stark agarrou-a pelo cabelo e pelas costas da blusa, puxando-a para trás com um safanão e fazendo-a girar sobre si mesma. Liz escutou o som áspero da roupa a rasgar-se e pensou, de modo incoerente: “Se ele me violenta, oh meu Deus, se ele me violenta, enlouqueço...”

Com os punhos, Liz bateu naquele rosto grotesco, primeiro entortando os óculos-de-sol e só depois deitando-os ao chão. A carne sob o olho esquerdo cedera e caíra como uma traça morta, pondo a descoberto toda a protuberância injetada de sangue do globo ocular. E ele estava a rir.

Stark agarrou nas mãos dela, obrigando-as a baixarem-se. Contorcendo-se, Liz conseguiu libertar uma das mãos, tornou a levantá-la e arranhou o rosto de Stark. Os dedos dela deixaram sulcos profundos dos quais começaram a escorrer, lentamente, sangue e pus. Não fazia qualquer sentido resistir, era o mesmo que ter rasgado uma peça de carne estragada. E, neste momento, Liz estava a soltar um som estrangulado — ela queria gritar, articular o seu horror e medo antes que estes a sufocassem, mas o máximo que conseguia fazer era emitir uma série de latidos roucos e aflitivos.

Ele agarrou na mão que se encontrava no ar, forçou-a a baixar-se, prendeu-lhe as duas mãos nas costas e envolveu os punhos com uma só mão. Apesar de ser esponjosa, era como uma algema. Stark levantou a mão em frente da blusa dela e colocou-a à volta de um seio. A carne dela arrepiou-se com o toque dele. Liz fechou os olhos e tentou afastar-se.

— Oh, pára com isso — disse ele. Agora, apesar de não estar a sorrir propositadamente, o lado esquerdo da boca estava fixo num esgar, congelado no seu próprio ricto em decomposição. — Pára com isso, Beth. Para o teu próprio bem. Fico excitado quando lutas. E tu não me queres excitar. Isso posso garantir-te. Penso que devemos ter uma relação platônica, eu e tu. Pelo menos para já.

Stark apertou-lhe o seio com mais força e Liz sentiu a força implacável por debaixo daquele corpo em decomposição, como uma armadura de hastes de aço articuladas engastada num plástico mole.

“Como é que ele pode ser tão forte? Como é que ele pode ser tão forte quando parece estar a morrer?”

Mas a resposta era óbvia. Ele não era humano. Ela achava que ele nem estava sequer verdadeiramente vivo

— Ou será que queres? — perguntou ele. — É isso? Queres? Queres fazer

agora mesmo?

— A língua dele, preta, vermelha e amarela, com a superfície coberta de gretas de formas invulgares como aquelas que se vêem numa planície aluvial a secar, saiu para fora da sua boca arreganhada e sorridente e serpenteou em frente dela. Nesse preciso instante, ela parou de se debater.

— Assim está melhor — disse Stark. — Agora, vou largar-te, minha querida Bethie, minha doce Bethie. Quando o fizer, aquele impulso incontrolável de correr os cem metros em cinco segundos vai apoderar-se de ti de novo É bastante natural, mal nos conhecemos e estou ciente de que não estou nos meus melhores dias. Mas antes de fazeres qualquer disparate, quero que te lembres dos polícias lá fora: matei-os. E quero que penses nos teus bambinos, a dormir tranqüilos lá em cima. As crianças precisam de descansar, não achas? Sobretudo as crianças muito pequenas, as crianças muito indefesas, como as tuas. Percebes? Entendeste tudo o que eu disse?

Muda, Liz acenou a cabeça. Nesta altura, conseguia sentir o cheiro dele. Era um cheiro horrível a carne. "Ele está a apodrecer", pensou ela. "A apodrecer bem diante dos meus olhos."

Tornara-se muito clara para ela a razão pela qual ele queria tão desesperadamente que Thad começasse a escrever de novo.

— És um vampiro — disse ela com a voz rouca. – Um maldito vampiro. E ele pôs-te a fazer dieta. E por isso entras por aqui a dentro. Aterrorizas-me e ameaças os bebês. És um maldito covarde, George Stark.

Ele largou-a e começou por puxar a luva esquerda para cima, a que se seguiu a luva direita, para ficar de novo bem apertada. Era um gesto afetado e, ainda assim, peculiarmente sinistro.

— Não me está a querer parecer que isto seja justo, Beth. O que é que farias se estivesses no meu lugar? Por exemplo, o que é que farias se estivesses encalhada numa ilha sem nada para comer ou beber? Punhas-te em poses lânguidas e a suspirar bastante? Ou lutarias? Será que me culpas mesmo por querer uma coisa tão simples como sobreviver?

— Sim! — cuspiu ela.

— Falas como uma verdadeira resistente... mas talvez mudes de idéias. Sabes, Beth, o preço a pagar pela resistência pode ser bem mais alto do que aquilo que pensas. Quando a oposição é astuta e dedicada, o preço pode subir em flecha. Talvez acabes por dar por ti mais entusiasmada sobre a nossa colaboração do que alguma vez pensaste ser possível.

— Vai sonhando, filho da puta!

O lado direito da boca dele levantou-se, o lado esquerdo eternamente sorridente levantou-se um pouco mais, e Stark obsequiou-a com um esgar de espírito maléfico que ela supunha ter por fim agradá-la. A mão, nauseadoramente gelada sob a luva fina, deslizou ao longo do antebraço de Liz numa carícia. Um dedo beliscou-lhe sugestivamente a palma da mão esquerda por um instante, antes de a largar.

— Isto não é nenhum sonho, Beth. Garanto-te. Eu e Thad vamos colaborar num novo romance de Stark... por uns tempos. Por outras palavras, Thad vai dar-me um empurrão.

Sabes, eu sou como um carro empanado. Só que em vez de bloqueio do ar, tenho bloqueio de escritor. É só isso. Creio que esse é o único problema que existe. Uma vez a andar, meto uma segunda, carrego no pedal e vruum! Cá vou eu!

— És louco! murmurou ela.

— Sim. Mas também Tolstoi o era. E Richard Nixon, e eles elegeram aquele cão sarnento para presidente dos Estados Unidos! — Stark virou a cabeça e olhou para o exterior, pela janela. Liz nada ouviu, mas, de repente, ele pareceu estar à escuta, totalmente concentrado, esforçando-se por captar o mais leve som, praticamente inaudível.

— Que é que é? — começou ela.

— Querida, fecha o biquinho por um segundo — pediu-lhe Stark. — põe uma rolha.

Indistintamente, Liz ouviu o som de um bando de pássaros a levantar vôo. O som era impossivelmente distante, impossivelmente belo. Impossivelmente livre.

Ela ali ficou especada a olhar para o outro, com o coração a bater descompassadamente, a perguntar-se se seria capaz de livrar-se dele. Stark não estava propriamente num estado de transe nem nada parecido com isso, mas a sua atenção estava certamente afastada. Talvez pudesse correr. Se conseguisse arranjar uma arma...

De novo, a mão apodrecida rodeou um dos seus pulsos.

— Sabes, eu consigo entrar para dentro do teu homem e olhar à volta. Eu consigo senti-lo a pensar. Não consigo fazer isso contigo mas posso olhar para o teu rosto e imaginar umas quantas coisas. Independentemente do que estejas a pensar neste preciso momento, Beth, é melhor lembrares-te daqueles polícias... e dos teus filhos. Faze isso, vai ajudar-te a manter na cabeça o que te disse.

— Porque é que estás sempre a chamar-me assim?

— O quê? Beth? — Riu. Era um som desagradável, como se tivesse ficado com cascalho preso na garganta. — Sabes, era o que ele te teria chamado se fosse suficientemente esperto e pensasse nisso.

— És louco...

— Louco. Eu sei. Tudo isto é fascinante, querida, mas vamos ter de adiar as tuas opiniões sobre a minha sanidade para mais tarde. Está muita coisa a acontecer neste preciso momento. Ouve: tenho de telefonar para Thad, mas não para o gabinete dele. O telefone de lá pode estar sob escuta. Ele não acredita que esteja, mas os polícias podem ter feito isso sem lhe ter dito nada. O teu homem é do gênero que inspira confiança. Eu não.

— Como é que podes...

Stark inclinou-se na direção dela e falou muito lenta e cuidadosamente, como um professor falaria a um calouro de raciocínio lento.

— Quero que pares de embirrar comigo e que respondas às minhas perguntas, Beth.

Porque se não conseguir arrancar de ti aquilo que quero, talvez o consiga arrancar dos teus gêmeos. Já me dei conta de que eles ainda não falam mas talvez os possa ensinar.

Um pouco de incentivo opera maravilhas.

Apesar do calor, Stark trazia vestido um colete axadrezado sobre a camisa, daqueles com muitos bolsos de fechos, usados habitualmente pelos caçadores e pelos caminheiros. Depois de abrir um dos fechos laterais onde um objeto cilíndrico marcava uma protuberância no acolchoado de poliéster, Stark tirou para fora um pequeno maçarico a gás.

— Mesmo que não os consiga ensinar a falar, aposto que conseguiria ensiná-los a cantar. Aposto que conseguiria ensiná-los a cantar como duas cotovias. Talvez não queiras ter de ouvir essa música, Beth.

Liz tentou afastar o olhar do maçarico mas de nada valeu. Impotentes, os seus olhos seguiam-no enquanto ele o atirava para trás e para a frente, de uma mão enluvada para a outra. Os olhos pareciam estar pregados ao bocal.

— Digo tudo aquilo que quiseres saber — afirmou, tendo pensado de seguida: "Para já."

— Ainda bem para ti — replicou Stark, enfiando o maçarico a gás de novo no bolso.

Ao fazê-lo, o colete desviou-se um bocado para o lado, e Liz viu a

coronha de uma arma de fogo enorme. — É muito sensata também, Beth. Agora, ouve-me. Hoje, há lá mais alguém no Departamento de Inglês. Consigo vê-lo com tanta clareza como consigo verte a ti neste preciso momento. Um tipo baixinho, de cabelo branco, com um cachimbo na boca quase tão grande quanto ele. Como é que se chama?

— Parece-me que é o Rawlie DeLesseps – respondeu de modo desolado, interrogando-se sobre como é que ele poderia saber que Rawlie estava lá nesse dia... e decidiu que, na verdade, não queria mesmo saber.

— Pode ser mais alguém?

Liz refletiu por breves momentos e, de seguida, abanou a cabeça.

— Tem de ser o Rawlie.

— Tens uma lista telefônica da faculdade?

— Há uma na gaveta da mesinha do telefone. Na sala de estar.

— Ótimo. — Antes mesmo de se ter apercebido de que ele estava a mexer-se a graciosidade felina e lubrificada desta peça de metal decadente fazia-a sentir um pouco doente, Stark passou a seu lado e arrancou uma das facas compridas do ímã magnético.

Liz retesou-se. Stark olhou de relance para ela e aquele som de cascalho preso na garganta surgiu de novo. — Não te preocupes que não te vou cortar. Não és tu o meu bom ajudantezinho? Vá lá.

A mão, forte mas desagradavelmente esponjosa, tornou a envolver-lhe o pulso.

Quando ela tentou afastar-se, ele limitou-se a apertá-la. Nesse instante, Liz parou de contorcer-se e deixou que ele a conduzisse.

— Ótimo — disse ele.

Ele levou-a para a sala de estar, onde Liz se sentou no sofá e abraçou os joelhos diante de si. Stark passou os olhos por ela, acenou com a cabeça para si próprio e virou a atenção para o telefone. Quando chegou à conclusão de que não havia nenhum arame que saísse de um alarme – e isso era um descuido, apenas um descuido — Stark cortou os cabos que a Polícia Estadual acrescentara: aquele que ia até ao aparelho de localização e aquele que descia até à cave, ao gravador ativado por voz.

— Tu sabes como te comportares e isso é muito importante — disse Stark para o cocuruto da cabeça dobrada de Liz. — Agora, ouve-me: vou descobrir o número deste tal Rawlie DeLesseps e ter uma conversinha com o Thad. E enquanto fizer isso, vais subir até lá em cima e pôr numa mala todas as coisas de que os teus bebês precisarão lá em baixo na vossa casa de Verão. Quando tiveres acabado, acorda-os e traga-os cá para baixo.

— Como é que sabes que eles estavam...

Perante o seu olhar de espanto, Stark lançou-lhe um ligeiro sorriso.

— Oh, eu conheço o teu horário — replicou. – Talvez até o conheça melhor do que tu. Acorda-os e prepara-os, Beth, e traga-os cá para baixo. Conheço tão bem a disposição da casa como conheço o teu horário e se tentares fugir de mim, querida, eu saberei. Não é necessário vesti-los, põe num saco tudo o que precisam e traga-os cá para baixo nos seus babygrows. Podes vesti-los mais tarde, quando estivermos na nossa feliz caminhada.

— Castle Rock? Queres ir para Castle Rock?

— Sim, sim. Mas não precisas de pensar nisso agora. Neste preciso momento, só tens de pensar que se demorares mais de dez minutos, contados pelo meu relógio, terei de subir até lá acima e ver o que te está a demorar. — Stark olhou para ela de forma calma, com os óculos escuros a criarem uns globos oculares semelhantes aos de uma caveira sob a fronte pelada e transpirada. — E subirei com o meu maçaricozinho aceso e pronto para entrar em ação. Estás a entender?

— Eu. . . sim.

— Acima de tudo, quero que te lembres de uma coisa, Beth. Se colaborares comigo, nada te acontecer . E nada acontecerá aos teus filhos. — Sorriu de novo. – Sendo uma boa mãe como tu és, tenho cá a impressão de que isso é muito mais importante para ti. Vale mais a pena saberes isto a tentares armar-te em espertinha comigo. Aqueles dois polícias estaduais estão lá fora na parte de trás da carripana, a chamarem a atenção das moscas, porque tiveram o azar de estarem nos trilhos quando o meu expresso estava a chegar. Há uma data de polícias mortos na cidade de Nova Iorque que tiveram o mesmo tipo de azar... como tu sabes tão bem. O modo de te ajudares, e aos teus filhos (e a Thad também, porque se ele fizer o que eu desejo, vai tudo correr bem), é manteres-te calada e prestável. Percebes?

— Sim — respondeu Liz com uma voz rouca.

— Podes ficar com idéias. Sei bem como isso pode acontecer quando uma pessoa sente que está entre a espada e a parede. Mas se tiveres realmente uma dessas idéias, afasta-a imediatamente do pensamento. Lembra-te disto e, apesar de eu não parecer estar muito em forma, os meus ouvidos estão ótimos. Se tentares abrir uma janela, ouvirei. Se tentares tirar uma das redes das janelas, também ouvirei isso. Bethie, eu sou um homem que consegue ouvir os anjos a cantar no Céu e os diabos a gritar nos quintos do Inferno. Tens de perguntar a ti mesma se tens coragem para te arriscares assim tanto.

És uma mulher esperta. Penso que irás tomar a decisão acertada. Mexe-te, rapariga. põe a andar.

Ele estava a olhar para o relógio, mais precisamente a cronometrá-la. E, num salto, Liz encaminhou-se para as escadas sobre pernas que pareciam estar entorpecidas.

No andar de baixo, Liz ouviu-o falar por breves instantes ao telefone. Seguiu-se uma longa pausa, após a qual ele recomeçou a falar. A voz alterou-se. Ela não sabia com quem Stark teria falado antes da pausa — talvez com Rawlie

DeLesseps — mas, quando recomeçou a falar, Liz não tinha praticamente dúvida alguma de que era Thad quem estava no outro lado da linha. Apesar de não conseguir destrinçar as palavras e de não se atrever a ir até ao telefone de extensão, Liz tinha a certeza absoluta de que se tratava de Thad. De qualquer modo, não tinha tempo para ficar à escuta. Ele pedira-lhe para ela se perguntar se tinha coragem para o irritar. E ela não tinha.

Liz enfiou as fraldas no saco das fraldas e a roupa numa mala. Meteu os cremes, o pó-de-talco para bebê, as toalhas, os alfinetes-de-ama e o resto das bugigangas para dentro de um saco à tiracolo.

No andar de baixo, a conversa terminara. Estava a dirigir-se para junto dos gêmeos, prestes a acordá-los, quando ele a chamou.

— Beth! Está na hora!

— Estou a ir! — Liz levantou Wendy, que, estremunhada, começou a chorar.

— Quero-te aqui em baixo: estou à espera de uma chamada telefônica e vocês são os meus efeitos especiais.

Ela mal ouviu estas últimas palavras. Os olhos estavam pregados à embalagem de plástico dos alfinetes das fraldas sobre a cômoda dos gêmeos.

Ao lado da embalagem, estava um par de tesouras de costura reluzentes.

Liz tornou a deitar Wendy no berço, olhou de relance para a porta e atravessou o quarto a correr, em direção à cômoda. Pegou na tesoura e em dois dos alfinetes-de-ama.

Como uma costureira a fazer um vestido, segurou os alfinetes com a boca e abriu o fecho da saia. Com estes últimos, prendeu a tesoura na parte de dentro das cuecas, tornando a fechar de novo o fecho da saia. Podia ver-se uma pequena saliência onde se encontrava o cabo da tesoura e a cabeça dos alfinetes. Liz não acreditava que um homem comum reparasse nisso, mas George Stark

não era um homem comum. Por isso, pôs a blusa para fora. Assim estava melhor.

— Beth! — Neste momento, a voz estava à beira da ira. Pior, vinha do meio das escadas, a subir, e ela nem sequer o ouvira, apesar de ter a certeza que era impossível utilizar sem produzir todo o gênero de rangidelas e estalidos a escadaria principal nesta casa antiga. Foi então que o telefone tocou.

— Traga-os imediatamente cá para baixo! — berrou ele para o andar de cima, tendo-se Liz apressado a levantar William. Como não tinha tempo para ser cuidadosa, teve de descer as escadas com dois bebês, um em cada braço, e cada um a gritar mais alto do que o outro. Estando Stark ao telefone, ela supunha que ele fosse ficar ainda mais furioso com o barulho. No entanto, pareceu ficar bastante satisfeito... e foi então que Liz raciocinou que se ele estava a falar com Thad, era evidente que devia estar satisfeito. Só muito dificilmente é que conseguiria obter um melhor resultado mesmo se tivesse trazido a sua cassete de efeitos especiais.

"O derradeiro persuador", pensou ela, sentindo um lampejo de ódio intenso por esta criatura apodrecida que não tinha qualquer razão para existir mas que se recusava a desaparecer.

Numa das mãos, Stark segurava um lápis, cuja ponta de borracha batia ao de leve na beira da mesinha do telefone.

Foi então que, com uma pontada de choque de reconhecimento, Liz se apercebeu de que se tratava de um Berol Black Beauty. "Um dos lápis de Thad", pensou. "Será que ele esteve no escritório?"

Não, era óbvio que ele não estivera no escritório e era óbvio que não se tratava de um dos lápis de Thad. Na verdade, eles nunca tinham sido bem os lápis de Thad: ele limitava-se a comprá-los de vez em quando. Os Black Beauty pertenciam a Stark. Este utilizara o lápis para escrever alguma coisa em letra de imprensa na contra capa da lista telefônica da faculdade. Ao abeirar-se dele, Liz conseguiu ler duas frases. "ADIVINHA DE ONDE É QUE TE TELEFONEI, THAD?" dizia a primeira. A segunda era brutalmente direta: "DIZ A ALGUÉM E ELES MORREM." Como que a confirmar esta última, Stark afirmou:

— Nadinha, como podes ouvir por ti próprio. Não toquei num só fio de cabelo destas cabecinhas preciosas.

Stark virou-se para Liz e piscou-lhe o olho. De certa forma, tratava-se da coisa mais hedionda de todas: como se os dois estivessem nisto juntos. Stark rodopiava os óculos de sol entre o polegar e o indicador da mão esquerda. Os globos oculares luziam no seu rosto como belindres no rosto de uma estátua de cera a derreter-se.

— Ainda não — acrescentou ele.

Stark pôs-se a escutar, sorrindo de seguida. Mesmo que o rosto dele não estivesse a decompor-se diante dos seus próprios olhos, aquele sorriso tê-la-ia chocado na mesma pelo seu caráter provocador e perverso.

— Que há com ela? — indagou Stark, numa voz que era praticamente melodiosa. Foi então que toda a raiva de Liz se sobrepôs ao medo e, pela primeira vez, pensou na tia Martha e nas ratazanas. Neste momento, Liz desejou que a tia Martha estivesse ali com ela, para tratar da saúde desta ratazana em especial. Apesar de ter as tesouras, isso não significava que ele lhe iria dar a abertura necessária para as utilizar. Mas Thad... Thad conhecia a história da tia Martha. E a idéia passou-lhe pela cabeça.

Quando a conversa terminou e Stark desligou o telefone, Liz perguntou-lhe o que é que ele pretendia fazer.

— Despachar-me o mais depressa possível — respondeu. – E a minha especialidade. — Esticou os braços. — Dá-me um dos miúdos. Não importa qual deles.

Liz esquivou-se dele, apertando de modo instintivo os dois bebês ainda mais contra o peito. Estes tinham-se aquietado, mas, com o aperto agitado da mãe, ambos recomeçaram a choramingar e a contorcer-se.

Stark fitou-a de modo paciente.

— Não tenho tempo para me pôr a discutir contigo, Beth. Não me obrigues a ter de te persuadir com isto. Bateu ao de leve sobre a protuberância cilíndrica no bolso do colete de caça. — Não vou magoar os teus filhos. Sabes, de uma certa forma, é até engraçado porque eu também sou o pai deles.

— Não digas isso! — soltou ela num grito agudo, afastando-se ainda mais dele. Prestes a fugir, Liz tremia.

— Controla-te, mulher.

As palavras saíram-lhe insípidas, inexpressivas e frias como morte, fazendo-a sentir como se tivesse apanhado com um saco de água fria na cara.

— Acalma-te, querida. Tenho de ir até lá fora e pôr o carro da Polícia dentro da tua garagem. Enquanto estiver a fazer isso, não te quero ver a correr pela estrada abaixo na outra direção. Se tiver um dos teus filhos, como parente, por assim dizer, não terei de me preocupar com isso. Estou a falar a sério quando digo que não quero fazer mal algum, nem a ti e nem a eles... e mesmo que o fizesse, de que é que me serviria magoar um dos teus filhos? Preciso da tua colaboração. E essa não é certamente a forma de o conseguir. Agora, passa-me imediatamente um deles ou ainda magôo os dois, não os mato mas magôo-os, magôo-os a sério, e tu serás a culpada.

Stark esticou os braços. O rosto em decomposição estava duro e decidido. Ao olhar para ele, Liz apercebeu-se de que nenhum argumento o demoveria, de que nenhum pedido o convenceria. Ele nem sequer a escutaria. Limitar-se-ia a fazer aquilo que ameaçara fazer.

Liz dirigiu-se para ele e, quando Stark tentou tirar Wendy, o braço dela voltou a retesar-se, frustrando o seu intento por um instante. Wendy começou a chorar com mais força. Liz afrouxou, deixando a menina ir, tendo ela própria começado a chorar de novo.

Fitou-o nos olhos e disse-lhe:

— Se lhe fizeres mal, mato-te.

— Sei bem que o tentarias — respondeu Stark solenemente. — Tenho um grande respeito pela maternidade, Beth. Pensas que eu sou um monstro e talvez até tenhas razão. Mas os monstros verdadeiros nunca são totalmente desprovidos de sentimentos. Penso que, no fundo, é isso, e não o seu aspecto, que os torna tão assustadores. Beth, não vou fazer nenhum mal a esta pequenina. Ela está segura comigo... desde que colabores.

Neste momento, Liz segurava William com os dois braços... e o círculo que os braços dela descreviam nunca tinha conferido uma sensação de vazio tão grande.

Nunca, em toda a sua vida, ela estivera tão convencida de que cometera um erro. Mas que outra coisa poderia ter feito?

— Além disso... olha! — gritou Stark, e havia algo na voz dele que a levava a não conseguir acreditar, a não querer acreditar. A ternura que julgara ouvir tinha de ser fingida, não passando de mais uma das suas provocações monstruosas. Mas ele estava a olhar para Wendy com uma atenção profunda e perturbadora... e Wendy estava a olhar para ele, embevecida, sem chorar. — A pequenina não se apercebe do meu aspecto. Ela não tem nem um pouquinho de medo, Beth, nem um pouquinho.

Num terror silencioso, Liz observou-o enquanto Stark erguia a mão direita. Ele despira as luvas, podendo Liz vislumbrar uma forte ligadura de gaze enrolada à sua volta precisamente no mesmo sítio onde Thad tinha uma ligadura sobre as costas da mão esquerda. Stark abriu o punho, tornou a fechá-lo e abriu-o de novo. Pelos maxilares cerrados, era evidente que dobrar a mão lhe causava algumas dores, mas, de qualquer forma, não deixava de fazê-la

"Thad faz isso, faz isso precisamente da mesma maneira, oh meu Deus, ele faz isso PRECISAMENTE DA MESMA MANEIRA..."

Nesta altura, Wendy parecia estar totalmente serena, fitando o rosto de Stark sobre ela, estudando-o com muita atenção, com os calmos olhos cinzentos refletidos nos turvos olhos azuis de Stark. Com a pele por debaixo a desaparecer,

os olhos dele davam a sensação de que iriam cair a qualquer momento e ficariam suspensos junto das maçãs do rosto pelos pedúnculos.

E Wendy acenou com a mão.

Mão aberta, mão fechada, mão aberta.

Um aceno à Wendy.

Liz sentiu movimento nos seus braços, olhou para baixo e viu que William também fitava George Stark com o mesmo olhar embevecido azul-acinzentado. Estava a sorrir.

A mão de William abriu-se, fechou-se, abriu-se.

Um aceno à William.

— Não — gemeu Liz, num tom praticamente baixo demais para ser ouvido. — Oh, Deus, por favor, faz com que isto não esteja a acontecer.

— Vês? — disse Stark, levantando a cabeça e olhando para ela. Sorria, com aquele sardônico sorriso congelado, e a coisa mais horrível no meio disto tudo era o fato de ela se aperceber de que ele estava a tentar ser simpático... E não conseguia. — Estás a ver? Eles gostam de mim, Beth. Eles gostam de mim.

Depois de colocar os óculos escuros, Stark levou Wendy lá para fora, para a entrada.

Liz correu para a janela, seguindo-os com o olhar, cheia de cuidados. Uma parte dela tinha a certeza de que ele pretendia saltar para dentro do carro-patrulha e fugir para longe com o seu bebê no assento ao lado e os dois agentes estaduais mortos na parte de trás.

Contudo, por um instante, ele nada fez: limitou-se a ficar junto à porta do condutor, sob um sol encoberto, com a cabeça inclinada para baixo e a bebê aninhada nos seus braços. Stark permaneceu naquela posição imóvel durante algum tempo, como se estivesse a falar de forma séria com Wendy ou talvez até a rezar. Mais tarde, quando se encontrou de posse de mais informações, Liz chegou à conclusão de que ele estivera a tentar entrar de novo em contato com Thad, possivelmente para ler os seus pensamentos e tentar adivinhar se ele pretendia fazer aquilo que Stark queria ou se tinha outros planos.

Após cerca de trinta segundos, Stark ergueu a cabeça, abanou-a com força como que para pôr as idéias em ordem e enfiou-se no carro, ligando-o. “As chaves estavam na ignição”, pensou Liz entorpecida. “Ele nem precisou de fazer uma ligação direta, ou lá aquilo que eles fazem. Aquele homem tem a sorte do diabo.”

Stark conduziu o carro-patrulha para dentro da garagem, parando o motor. Foi então que ela ouviu a porta do carro bater e ele saiu cá para fora, demorando-se o tempo suficiente para carregar no botão da garagem que levava a porta a fechar-se, com grande estrépito, ao longo das calhas. Alguns momentos depois, Stark encontrava-se de novo dentro de casa e entregou-lhe Wendy.

— Estás a ver? — perguntou. — Ela está ótima. Agora fala-me das pessoas da porta do lado. Os Clark.

— Os Clark? — inquiriu ela, sentindo-se extraordinariamente estúpida. — O que é que queres saber sobre eles? Foram para a Europa este Verão.

Stark sorriu. De certo modo, tratava-se da coisa mais hedionda até agora porque, em circunstâncias mais normais, teria sido um sorriso de prazer genuíno... É um que deixava transparecer vitória, suspeitava ela. E, por um breve instante, não sentiu ela uma pontada de atração? Uma chama invulgar? Está claro que era de loucos mas será que isso significava que ela a poderia negar? Liz estava convencida que não, acabando mesmo por chegar a compreender porque é que teria sido assim. Afinal de contas, ela casara-se com o familiar mais íntimo deste homem.

— Fantástico! — afirmou ele. — Não podia ser melhor! E eles têm um carro?

Wendy começou a chorar. Liz olhou para baixo e viu a filha a olhar para o homem com o rosto apodrecido e os protuberantes olhos vidrados, com os bracitos pequenos e agradavelmente rechonchudos esticados na direção dele. Wendy não estava a chorar porque tivesse medo dele. Wendy chorava porque queria voltar para o colo dele.

— Que querida! — exclamou Stark. — Ela quer voltar para o papá.

— Cala-te, monstro! — proferiu Liz, cheia de cólera.

O George Stark matreiro lançou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

Ele deu-lhe cinco minutos para ela pôr num saco mais algumas coisas pessoais e outras para os gêmeos. Liz disse-lhe que, naquele espaço de tempo, seria impossível reunir metade daquilo de que precisavam, ao que ele lhe respondeu que fizesse o melhor que podia.

— Nestas circunstâncias, Beth, já vais com muita sorte por eu te estar a dar mais tempo: temos dois polícias mortos na garagem e o teu marido sabe o que está a acontecer. Se queres passar esses cinco minutos a discutir esse aspecto comigo, tu é que sabes. Já só tens... — Stark olhou de relance para o relógio, lançando-lhe um outro sorriso — quatro minutos e meio.

Assim, Liz fez o que pôde, parando uma única vez enquanto enfiava boiões de comida para bebê num saco de plástico para olhar para os filhos. Os dois estavam sentados um ao lado do outro, no chão, a brincarem a uma espécie de jogo da sardinha entre si e a fitarem Stark. O maior temor de Liz era estar ciente daquilo em que eles estariam a pensar.

“Que queridos.”

Não. Ela não pensaria nisso. Ela não pensaria nisso, mas era só nisso que conseguia pensar. Wendy a chorar e a esticar os bracinhos rechonchudos. A esticá-los na direção de um estranho assassino.

"Eles querem voltar para o papá."

Stark encontrava-se à entrada da porta da cozinha, a observá-la e a sorrir. Nesse instante, Liz sentiu um enorme desejo de utilizar a tesoura. Nunca, em toda a sua vida, desejara uma coisa com tanta premência.

— Será que me podes ajudar? — gritou ela, zangada, para ele, apontando para os dois sacos e para o saco térmico que enchera.

— Claro, Beth — respondeu. Levou um dos sacos por ela. A outra mão, a esquerda, deixou-a livre.

Atravessaram o pátio lateral, percorreram a pequena faixa de relva entre as duas propriedades e caminharam pelo pátio dos Clark até chegarem à entrada. Stark insistiu para que ela andasse depressa e assim, quando pararam diante da porta fechada da garagem, Liz estava ofegante. Stark oferecera-se para levar um dos gêmeos, ao que ela se recusara.

Ele colocou o saco térmico no chão, tirou a carteira do bolso de trás e pegou numa estreita tira de metal que afunilava numa das extremidades. Foi esta ponta que enfiou na fechadura da porta da garagem. Começou por virá-la para a direita e, de seguida, para a esquerda, com o ouvido à escuta. Ouviu-se um estalido, o que o fez sorrir.

— Ótimo — disse. — até mesmo as fechaduras mais reles nas portas das garagens podem ser uma chatice. Molas grandes. É difícil dobrá-las. Contudo, esta está tão gasta como o rabo de uma puta velha ao romper do dia. Sorte a nossa. — Stark virou o manípulo e empurrou. A porta abriu com um grande estrondo ao longo das calhas.

A garagem estava tão quente como um palheiro e a carrinha Volvo dos Clark estava ainda mais quente no interior. Stark dobrou-se por debaixo do tablier, deixando a descoberto a parte de trás do pescoço quando Liz se sentou no lugar do passageiro. Os dedos dela crisparam-se: bastava-lhe apenas um segundo para tirar a tesoura, mas, ainda assim, isso podia ser demasiado tempo. Ela vira quão rapidamente ele reagia ao inesperado. De certo modo, não era de surpreender que os reflexos dele fossem tão rápidos como é os de um animal selvagem dado que era exatamente isso que ele era.

Stark arrebanhou um punhado de arames por detrás do tablier e, do bolso da frente, tirou uma navalha ensangüentada. Liz estremeceu um pouco, tendo de engolir duas vezes em seco, rapidamente, para sufocar um ensejo de vomitar. O assassino desdobrou a lâmina, tornou a dobrar-se, rasgou o isolamento de dois dos arames e uniu os fios de cobre nus. Saltou uma faísca azul momentânea, após a qual o motor começou a funcionar. Um instante depois, o carro estava a andar.

— Bem, está tudo ótimo! — vangloriou-se George Stark. — Que dizes a pormo-nos a caminho?

Os gêmeos riram-se um para o outro, acenando-lhe com as mãos pequenas. Com alegria, Stark devolveu o aceno. Ao tirar o carro da garagem em marcha atrás, Liz colocou sub-repticiamente a mão por detrás de Wendy, que estava sentada a seu colo, e tocou nos círculos que eram os buracos dos dedos da tesoura. Agora não, mas em breve.

Liz não tinha intenção alguma de esperar por Thad. Estava demasiado inquieta com aquilo que esta criatura sombria podia, no entanto, decidir fazer aos gêmeos. Ou a ela.

Mal ele estivesse bastante distraído, Liz tencionava tirar a tesoura de onde esta estava escondida e espetá-la na garganta.

III

A chegada dos psicopompos

I

— Os poetas falam sobre o amor — disse Machine, puxando a navalha para trás e para a frente ao longo da tira de couro a um ritmo regular e hipnótico — e isso também está bem. O amor existe. Os políticos falam sobre o dever e isso também está bem. O dever existe. Eric Hoffer fala sobre o pós-modernismo, Hugh Hefner fala sobre sexo, Hunter Thompson fala sobre drogas e Jimmy Swaggart fala sobre Deus Nosso Senhor Todo- Poderoso, criador do céu e da terra. Todas essas coisas existem e tudo isso está bem. Percebes o que eu quero dizer, Jack?

— Sim, parece-me que sim — respondeu Jack Rangely. Na verdade, Jack não sabia, não fazia a mais pequena idéia, mas, sempre que Machine estava com aquela disposição, só um louco se atreveria a discordar dele.

Machine virou o fio da navalha para baixo e, repentinamente, cortou a tira de couro em duas. Um pedaço comprido caiu para o chão do corredor da cozinha como uma língua cortada a meio.

— Mas eu falo sobre o Juízo Final — disse ele. — Porque, no fim de contas, o Juízo Final é só aquilo que interessa.

A Caminho da Babilônia

de George Stark

VINTE E DOIS - A FUGA DE THAD

"Imagina que é um livro que estas a escrever", pensou ele ao virar para a esquerda em direção a College Avenue, deixando o campus atrás de si. "E imagina que és um personagem desse livro."

Era um pensamento mágico. A mente de Thad estivera tomada por um pânico avassalador — uma espécie de tornado mental onde os fragmentos de um possível plano giravam sobre si como pedaços de paisagem arrancada pela raiz. Contudo, perante a idéia de poder imaginar que tudo isto não passava de uma ficção inócua, de poder guiar o destino não apenas de si próprio mas de todas os outros personagens nesta história (personagens como Harrison e Manchester, por exemplo), tal como guiara o destino das personagens no papel, na segurança do seu escritório com luzes claras presas ao teto e uma lata fria de Pepsi ou uma chávena quente de chá a seu lado... perante esta idéia, era como se, subitamente, o vento que soprava por entre as orelhas começasse a amainar por si só. A merda alheia voava juntamente com ele, deixando Thad com os restos do seu plano espalhados por aqui e por ali... restos que ele descobrira ser capaz de reconstituir com bastante facilidade. Thad descobrira ter algo que até podia vir a funcionar.

"É melhor que funcione", pensou ele. "Caso contrário, vais acabar em custódia preventiva e o mais provável é que a Liz e os miúdos acabem mortos."

Mas, e os pardais? Onde é que os pardais se encaixavam?

Thad não sabia. Rawlie dissera-lhe que eles eram psicopompos, os arautos dos mortos-vivos, e isso encaixava, não encaixava? Sim. Pelo menos até um certo ponto.

Porque o velho George matreiro estava vivo de novo, mas o velho George matreiro estava também morto... morto e a apodrecer. Por isso os pardais encaixavam... mas não até ao fim. Se os pardais tinham guiado George de volta ("da terra dos mortos") de onde quer que ele estivesse estado, como é que o próprio George não sabia nada sobre eles?

Como é que não se lembrava de escrever aquela expressão, “OS PARDAIS ESTÃO A VOAR DE NOVO”, com sangue, nas paredes de dois apartamentos?

— Porque fui eu quem a escreveu — murmurou Thad entre dentes, e a sua mente precipitou-se para trás, para as coisas que escrevera no diário enquanto estivera sentado no escritório, à beira de um estado de transe.

Pergunta: Os pássaros são meus?

Resposta: Sim.

Pergunta: Quem é que escreveu aquelas coisas sobre os pardais?

Resposta: Aquele que sabe... Eu sou aquele que sabe. Eu sou aquele que possui.

De súbito, todas as respostas vacilaram, praticamente ao seu alcance: as respostas horríveis e impensáveis. Thad escutou um som longo e débil escapar da sua boca. Era um gemido.

Pergunta: Quem trouxe George Stark de volta à vida?

Resposta: Aquele que possui. Aquele que sabe.

— Não fiz de propósito ! — exclamou.

Mas seria isso verdade? Seria-o de fato? Não houvera sempre uma parte dele apaixonada pela natureza simples e violenta de George Stark? Não houvera sempre uma parte dele que admirara George, um homem que não tropeçava nas coisas ou esbarrava nas coisas, um homem que nunca parecia fraco ou tonto, um homem que nunca teria de temer os demônios fechados no armário das bebidas? Um homem sem mulher ou filhos com que se preocupar, sem amores para o prender ou para o reter? Um homem que nunca tivera de ler até ao fim uma dissertação medíocre de um estudante ou que sofrera com a idéia de uma

reunião da comissão orçamental? Um homem que dispunha de respostas diretas e perspicazes a todas as perguntas mais difíceis da vida? Um homem que não tinha medo do escuro porque possuía o escuro?

— Sim, mas ele é um FILHO DA MÃE! — berrou Thad para o interior aquecido do seu funcional carro de fabrico americano de tração às quatro rodas.

"Certo, e uma parte de ti acha isso tão atraente, não acha?"

Talvez ele, Thad Beaumont, não tivesse verdadeiramente criado George... mas não seria possível que alguma parte ansiosa dele próprio tivesse permitido que Stark fosse recriado?

Pergunta: Se possuo os pássaros, posso utilizá-los?

Não surgiu nenhuma resposta. Desejava surgir. Thad conseguia sentir o seu desejo premente. Mas a resposta dançava fora do seu alcance e, repentinamente, Thad receou que ele próprio — alguma parte de si apaixonada por Stark – pudesse estar a mantê-la a distância. Alguma parte que não queria que George morresse.

"Eu sou aquele que sabe. Eu sou aquele que possui. Eu sou aquele que traz."

Thad parou nos sem foros de Orono, após o que seguiu ao longo da Estrada 2, em direção a Bangor, deixando Ludlow para trás.

Rawlie fazia parte do seu plano uma parte do qual ele tinha, pelo menos, compreendido. O que é que faria se conseguisse, realmente, despistar os polícias que o seguiam e acabasse por verificar que Rawlie já deixara o seu gabinete? Thad não sabia.

O que é que faria se Rawlie lá estivesse mas se recusasse a ajudá-lo?

Também isso ele não sabia.

“Quando e se me deparar esses problemas, então pensarei neles.”

E deparar-se-lhe-iam bem depressa.

Neste momento, Thad estava a passar pelo Gold's, a sua direita. O Gold's era um edifício comprido e tubular em placas de alumínio pré-fabricadas. Estava pintado num tom azul-esverdeado particularmente desagradável e rodeado por um enorme terreno coberto por carros abandonados. Os pára-brisas destes últimos cintilavam a luz do sol encoberta, formando uma galáxia de brancos pontos estrelados. Era sábado à tarde. Há cerca de vinte minutos que já o era. Liz e o seu raptor sombrio deviam estar a caminho de Castle Rock. E, apesar de haver um empregado ou duas casas de peças para automóveis abertas ao fim-de-semana para os incidentes casuais no edifício pré-fabricado onde Gold's fazia o seu negócio, era uma esperança razoável supor que o ferro-velho em si estivesse vazio. Com quase cerca de dois mil carros em diversos estados de decomposição, dispostos em dezenas de filas ziguezagueantes, ele deveria conseguir esconder o Suburban... e tinha mesmo de o esconder. Alto, quadrado, cinzento com frisos laterais encarnados, sobressaía como um polegar inchado.

“ABRANDE – ESCOLA”, dizia o sinal que se aproximava. Thad sentiu uma moinha quente nas entranhas. Era aqui.

Para se certificar, olhou pelo espelho retrovisor e viu que o Plymouth continuava atrás dele, com dois carros de permeio. Não era tão bom quanto desejava, mas era, provavelmente, o melhor que conseguia arranjar. Quanto ao resto, teria de contar com um pouco de sorte e de surpresa. Eles não estavam à espera que ele fosse quebrar a rotina. Porque haveriam de estar? E, por um instante, Thad pensou em não fazê-lo.

Suponhamos que, em vez disso, se limitava a encostar o carro e a parar? E quando eles encostassem e parassem o carro atrás dele e Harrison saísse cá para fora para perguntar o que se estava a passar, responderia: “Tudo. Stark tem a minha família. É que, sabe, os pardais ainda estão a voar.”

“Thad, ele diz que matou os dois polícias que estavam a vigiar a casa. Não sei como o fez, mas ele diz que o fez... e eu... eu acredito nele.”

Também Thad acreditava nele. E isso é que era o pior. E era essa razão pela qual ele não podia, pura e simplesmente, parar o carro e pedir ajuda. Se tentasse alguma graça, Stark saberia. Thad não acreditava que Stark conseguisse ler os pensamentos dele, pelo menos não da maneira como os extraterrestres lêem os pensamentos nos livros aos quadradinhos e nos filmes de ficção científica, mas conseguia "entrar em sintonia" com Thad... conseguia ter uma boa idéia daquilo que ele andava a fazer. Ele até podia ser bem capaz de preparar uma surpresazinha para George — isto e, se conseguisse pôr as idéias em ordem sobre os malditos pássaros — mas, para já, Thad pretendia jogar de acordo com o guião. Isto é, se conseguisse.

Aqui estava o cruzamento da escola, com paragem obrigatória para as quatro vias diferentes. Como sempre, encontrava-se atafulhado de trânsito. Durante anos, ocorreram inúmeras pequenas colisões neste cruzamento, a maioria causada pelas pessoas que, pura e simplesmente não conseguiam compreender a idéia de uma paragem obrigatória nas quatro vias. Em vez disso, toda a gente virava para onde queria e chocava com outros para abrir caminho. Uma enxurrada de cartas, a maioria escrita por pais preocupados, pedindo que o município colocasse sem foros no cruzamento, surgia na seqüência de cada um dos acidentes, a que se seguia uma declaração dos membros do Conselho Municipal de Veazie dizendo que a hipótese de um sem foro "estava a ser tomada em linha de conta"... e, de seguida. O assunto acabava por ficar esquecido até a colisão seguinte .

Thad juntou-se à fila de carros que queriam atravessar o cruzamento em direção a sul, certificando-se de que o Plymouth castanho estava ainda a dois carros de distância.

De seguida, pôs-se a observar a habitual troca de mesuras no cruzamento — agora passo eu, agora passas tu... Viu um carro repleto de senhoras de cabelo azul que quase chocou com um casal jovem num Datóun Z, viu a rapariga no Z bradar para as senhoras de cabelo azul, e viu que ele próprio atravessaria de norte para sul antes de um comprido caminhão-cisterna do fabricante de lacticínios Grant's Dairy atravessar de leste para oeste. Que oportunidade tão inesperada.

O carro à sua frente atravessou e, agora, era a vez de Thad. A moinha quente atacou de novo o estômago. Por uma última vez, Thad olhou pelo espelho retrovisor. Harrison e Manchester continuavam a dois carros de distância.

Alguns automóveis entrecruzaram-se à sua frente. À esquerda, o caminhão-cisterna de leite colocou-se em posição. Thad respirou fundo e, mantendo a velocidade, conduziu o Suburban através do cruzamento. Uma carrinha pick-up, que se dirigia para norte, em direção a Orono, passou por ele na outra faixa.

Do mais fundo de si, Thad foi tomado por um ímpeto praticamente irresistível — uma necessidade — de carregar no acelerador até ao fundo e de arrancar com o Suburban pela estrada fora. Em vez disso, continuou a conduzir a uma velocidade serena e perfeitamente legal para uma zona de escola, ou seja, a vinte e cinco quilômetros a hora, com os olhos colados no espelho retrovisor. O Plymouth estava ainda à espera na fila para atravessar, a dois carros de distância.

“Olha aqui, caminhão do leite!” pensou, concentrando-se, fazendo mesmo pressão física, como se conseguisse fazer com que as coisas acontecessem pela simples força de vontade... como levava as pessoas e as coisas a entrarem e saírem do romance pela simples força de vontade. “Vá lá, caminhão do leite!”

E o caminhão foi mesmo, atravessando o cruzamento numa dignidade lenta e prateada, como uma viúva mecanizada.

No segundo em que o caminhão tapou o Plymouth castanho-escuro no espelho retrovisor, Thad pôs prego a fundo no pedal do Suburban.

A meio do quarteirão seguinte, havia uma curva para a direita. Thad dobrou-a e, bramindo, subiu pela pequena rua acima a sessenta, rezando para que nenhum miúdo decidisse escolher este instante exato para ir a correr atrás da bola de borracha para o meio da estrada.

Quando lhe pareceu que se tratava de um beco sem saída, assolou-o uma sensação desagradável. Foi então que se apercebeu de que, afinal de contas, podia fazer uma outra curva a direita: a rua transversal fora parcialmente bloqueada pela sebe alta que pertencia à casa da esquina.

No entroncamento em forma de T, Thad parou bruscamente o carro, acabando por guinar para a direita, tendo os pneus chiado ligeiramente. Cento e cinqüenta metros mais acima, tornou a virar a direita e acelerou o Suburban até ao cruzamento dessa rua com a Estrada 2. Conseguira voltar de novo a estrada principal, desta vez a cerca de quinhentos metros para norte do cruzamento das quatro vias. Se, tal como esperava, o caminhão do leite tivesse tapado a curva que fizera para a direita, o Plymouth castanho estaria ainda a dirigir-se para sul pela Estrada 2. Talvez ainda nem se tivessem apercebido de que algo de errado se estava a passar, embora Thad tivesse sérias dúvidas de que Harrison fosse assim tão estúpido. Manchester talvez, mas não Harrison.

Thad virou à esquerda, acelerando de tal modo para o meio do trânsito que levou o condutor de um Ford na faixa em direção a sul a travar a fundo. O condutor do Ford mostrou o punho a Thad quando este se atravessou à sua frente e se dirigiu de novo para o Ferro-Velho Gold's, mais uma vez com prego a fundo. Se, por um mero acaso, um polícia a pé o visse não apenas a ultrapassar o limite de velocidade, mas, aparentemente, a tentar desintegrá-lo, isso seria muito mau. Thad não podia dar-se ao luxo de demorar.

Ele tinha de tirar este automóvel, que era demasiado grande e brilhante, do meio da estrada o mais depressa possível.

Até ao ferro-velho de automóveis faltavam quinhentos metros. Thad conduziu a maior parte desta distância com os olhos pregados no espelho retrovisor, em busca do Plymouth. Quando virou para a esquerda, em direção ao Gold's, nem sinal dele.

Com lentidão, Thad conduziu o Suburban através de um portão aberto na vedação composta por elos de corrente. Um aviso, com letras vermelhas desbotadas sobre um fundo branco sujo, dizia “ENTRADA RESTRITA A EMPREGADOS!” Num dia de semana, teria sido imediatamente topado e haveria que retroceder. No entanto, estávamos num sábado e, neste momento, bem a meio da hora do almoço, o que tornava ainda mais improvável ser apanhado.

Thad guiou ao longo de um caminho, delimitado de um lado e do outro por carros destruídos, empilhados uns em cima dos outros, por vezes com dois ou até com três de altura. Os que estavam em baixo tinham perdido a sua forma

original, parecendo estarem lentamente a derreter-se e a fundir-se com o solo. A terra estava de tal forma enegrecida com óleo que qualquer pessoa pensaria que nada conseguiria crescer neste chão. Contudo, ervas daninhas verdes e viçosas e girassóis enormes e silenciosamente inclinados brotavam do chão em ramalhetes vistosos, como os sobreviventes de um holocausto nuclear. Um girassol gigantesco crescera por entre o pára-brisa partido de um caminhão de pão, deitado de costas como um cão morto. O seu caule verde e peludo enroscara-se como um punho enredado à volta da estrutura de uma roda, e um segundo punho enredara-se no símbolo do capot de um Cadillac antigo que se encontrava por cima do caminhão. Parecia estar a fitar Thad com o olho preto e amarelo de um monstro morto.

Tratava-se de uma necrópole grande e silenciosa, própria de Detroit, o que dava arrepios a Thad.

Virou à direita e, de seguida, à esquerda. Subitamente, Thad conseguia ver pardais por todos os lados, empoleirados nos telhados, nos ramos das árvores e nas máquinas gordurosas decepadas. Viu um trio de passarinhos a banharem-se numa tampa repleta de água. Quando Thad se aproximou, os pássaros não voaram, embora tivessem parado de fazer o que estavam a fazer, fitando-o com os olhinhos pretos e brilhantes. Pardais cobriam a parte de cima de um pára-brisas, inclinado contra o lado de um Plymouth antigo. Thad passou a cerca de um metro deles, levando-os a bater nervosamente as asas, embora se mantivessem na mesma posição.

“Os arautos dos mortos-vivos”, pensou Thad, levando a mão à pequena cicatriz branca na testa, que começou a esfregar nervosamente.

Ao passar por um Datóun e ao olhar através daquilo que parecia ser um buraco feito por um meteoro no pára-brisas, Thad vislumbrou uma grande mancha de sangue seco no tablier.

“Não foi um meteoro que fez aquele buraco”, pensou, e o seu estômago começou, lenta e vertiginosamente, a dar voltas.

Uma congregação de pardais sentou-se no banco da frente do Datóun.

— Que é que vocês querem de mim? — perguntou com uma voz rouca. — Em nome de Deus, o que é que vocês querem?

E, na sua mente, Thad pareceu ouvir uma resposta mista. Na sua mente, pareceu-lhe ouvir a voz una e esganiçada da sua inteligência aviária: "Não, Thad — o que é que TU queres de NÓS? Tu és aquele que possui. Tu és aquele que traz. Tu és aquele que sabe."

— Não sei peva — murmurou Thad.

No fim desta fila de carros, havia espaço diante de um Cutlass Supreme último modelo: alguém arrancara a parte inteira da frente. Em marcha atrás, Thad arrumou o Suburban nesse lugar e saiu. Olhando de um lado para o outro do caminho estreito, sentiu-se um pouco como uma ratazana num labirinto. O lugar cheirava a óleo e ao odor mais intenso e mais acido do liquido de transmissão. Os únicos sons audíveis eram o ronco distante dos carros na Estrada 9 .

Os pardais observavam-no de todos os cantos: uma pequena assembléia de passarinhos castanho-escuros.

De repente, abruptamente, todos eles levantaram vôo ao mesmo tempo: dezenas deles, talvez centenas. Por um instante, o ar adquiriu um ruído estranho com o som produzido pelas asas. Os pardais atravessaram o céu em bando, virando de seguida para leste — na direção da localização de Castle Rock. E, abruptamente, Thad começou a sentir de novo aquela sensação de formigueiro... não tanto sobre a pele mas dentro dela.

"Estamos a tentar dar uma espreitadelazinha, George?"

Baixinho, Thad começou a cantar uma canção de Bob Dylan:

— "John Wesley Harding... era amigo dos pobres... viajava com uma arma em cada mão..."

Aquela sensação de formigueiro e de comichão pareceu aumentar. Assentou e centrou-se no buraco da mão esquerda. Ele podia estar totalmente

enganado, de tal modo estava concentrado em desejar uma coisa com todas as suas forças e nada mais, mas Thad parecia conseguir pressentir ódio... e frustração.

“Ao longo do telégrafo... o seu nome ressoava...” Thad cantava baixinho. Diante de si, caído no solo oleoso como o vestígio contorcido de uma qualquer estátua de aço que, antes de mais, nunca ninguém quisera realmente ver, estava o suporte enferrujado de um motor. Thad apanhou-o do chão e dirigiu-se de novo para o Suburban, ainda a cantar trechos de John Wesley Harding baixinho e a recordar-se do seu velho companheiro guaxinim do mesmo nome. Se conseguisse camuflar o Suburban fazendo-lhe umas boas amolgadelas, se conseguisse dar a si próprio umas duas horas de avanço, isso poderia significar a diferença entre a vida e a morte para a Liz e para os gêmeos.

— “Por todo o campo”... desculpa lá, amigão, isto dói-me mais a mim do que a ti... “abriu muitas portas...”

Thad lançou o suporte do motor contra o lado do condutor do Suburban, fazendo uma amolgadela tão funda como uma bacia. Tornou a pegar no motor, contornou o Suburban e postou-se diante da parte da frente do carro, tendo-o atirado contra a grade, com força suficiente para deslocar o ombro. Pedaços de plástico fragmentaram-se e voaram. Thad abriu o capot e ergueu-o um pouco, conferindo ao Suburban o sorriso de um crocodilo morto que parecia ser a versão Gold's da haute couturei automóvel.

— “... mas nunca ninguém soube que ele tivesse magoado um homem honesto...”

Thad tornou a pegar no motor, dando-se conta de que, ao fazê-lo, sangue fresco começara a manchar a ligadura que envolvia a mão ferida. Não havia nada que, neste momento, pudesse fazer quanto a isso.

— “... com a sua dama junto de si, tomou uma posição.....

Thad atirou o motor pela última vez, lançando-o através do pára-brisas com um grande estrépito, o que — por muito absurdo que pudesse parecer — lhe doeu bem fundo no coração.

Thad concluiu que, nesta altura, o Suburban já se assemelhava o suficiente com os outros carros destruídos para passar despercebido. Começou a subir pela fila acima. No primeiro cruzamento, virou à direita, dirigindo-se de novo para o portão e para a loja de venda de peças por detrás. Quando entrara a conduzir o carro, Thad vira uma cabina telefônica na parede junto à porta. A meio do caminho, parou de andar e parou de cantar. Empertigou a cabeça. Parecia-se com um homem a esforçar-se para escutar o mais ínfimo som. Mas aquilo que estava realmente a fazer era a ouvir o seu corpo, a perscrutá-lo.

O comichão e o formigueiro haviam desaparecido. Os pardais tinham desaparecido, e George Stark também, pelo menos por enquanto.

Esboçando um leve sorriso, Thad começou a andar mais depressa.

Após dois toqões, Thad começou a transpirar. Se Rawlie ainda lá estivesse, já deveria ter atendido o telefone. Afinal de contas, os gabinetes no Edifício de Inglês- Matemática não eram assim tão grandes. A quem mais poderia ele telefonar? Quem mais é que estaria lá? Thad não conseguia lembrar-se de ninguém.

A meio do terceiro toque, Rawlie atendeu o telefone do seu gabinete.

— Daqui DeLesseps.

Perante o som daquela voz enrouquecida pelo tabaco, Thad fechou os olhos e, por um instante, encostou-se contra o metal frio da parte lateral da loja de peças.

— Está lá?

— Olá, Rawlie. Daqui Thad.

— Olá, Thad. — Rawlie não pareceu muito surpreendido por ouvir a voz

dele. —

Esqueceste-te de alguma coisa?

— Não. Estou metido em apuros, Rawlie.

— Sim. — Apenas isso e nem uma única pergunta. Rawlie disse a palavra e ficou à espera.

— Sabes aqueles dois... — Thad hesitou por um instante... aqueles dois tipos que estavam comigo?

— Sim — retorquiu Rawlie calmamente. — A escolta policial.

— Despistei-os — afirmou Thad, olhando de relance por cima do ombro ao ouvir o ruído de um carro a entrar no monte de porcaria que servia de parque de estacionamento para os clientes do Gold's. Por um instante, Thad teve a certeza absoluta de que vira realmente o Plymouth castanho... porém, era um carro qualquer estrangeiro e aquilo que, à primeira vista, ele tomara como castanho era um encarnado-escuro esbatido pela poeira da estrada, e o condutor estava apenas a fazer a curva. — Pelo menos espero tê-los despistado. — Fez uma pausa. Thad chegara ao ponto onde a única escolha era saltar ou não saltar, e não havia tempo para atrasar a decisão. No fundo, nem havia sequer uma decisão a ser tomada porque não havia qualquer escolha a fazer. — Preciso de ajuda, Rawlie. Preciso de um carro que eles não conheçam.

Rawlie permaneceu silencioso.

— Disseste que se houvesse alguma coisa que pudesses fazer por mim, era só pedir.

— Estou ciente daquilo que disse — replicou Rawlie numa voz serena. — Também me lembro de te ter dito que se aqueles dois homens andavam atrás de ti com a missão de te protegerem, talvez fosse sensato dar-lhes toda a ajuda possível. — Fez uma pausa. — Penso que posso inferir que escolheste não seguir o meu conselho.

Thad esteve prestes a dizer: “Não podia, Rawlie. O homem que tem a minha mulher e os nossos bebês limitar-se-ia também a matá-los.” Não se tratava do fato de não se atrever a contar a Rawlie o que se estava a passar, de que Rawlie pudesse pensar que ele estava louco se o fizesse. Os professores universitários tem opiniões muito mais flexíveis sobre a questão da loucura do que a maioria das outras pessoas e, por vezes, não tem sequer uma opinião sobre esse assunto, preferindo ver as pessoas como monótonas (massas), bastante excêntricas (massas) ou muito excêntricas (mas ainda bastante sãs, meu caro). Thad manteve-se calado porque Rawlie DeLesseps era um daqueles homens tão virados para o interior que, provavelmente, não haveria nada que pudesse dizer para o persuadir... e tudo o que pudesse sair daquela boca, provavelmente só iria prejudicar o seu caso. Mas, virado para o interior ou não, o gramático tinha um bom coração... à sua maneira, era corajoso... e Thad acreditava que Rawlie estava mais do que um bocadinho interessado naquilo que se estava a passar com ele, com a escolta policial e com o seu peculiar interesse por pardais. No fundo, Thad simplesmente acreditava – ou apenas esperava — que, no seu melhor interesse, era melhor manter-se calado. Ainda assim, era difícil esperar.

— Está bem — disse Rawlie por fim. — Empresto-te o meu carro, Thad.

Thad fechou os olhos, tendo de esticar os joelhos para impedir que estes dessem de si. Passou a mão pelo pescoço, debaixo do queixo, e esta surgiu úmida com a transpiração.

— Mas espero que tenhas a decência de pagar todos os consertos se o carro regressar... amolgado — afirmou Rawlie. — Se és um fugitivo da justiça, tenho cá as minhas dúvidas que a seguradora pague alguma coisa.

Um fugitivo da justiça? Porque tinha escapado de debaixo das asas dos polícias que não poderiam, de forma alguma, protegê-lo? Thad não sabia se isso o tornava ou não um fugitivo da justiça. Era uma questão interessante sobre a qual teria de ponderar mais tarde. Mais tarde, quando não estivesse meio louco de preocupação e de medo.

— Sabes que o faria.

— Tenho uma outra condição — disse Rawlie.

Thad tornou a fechar os olhos. Desta vez em sinal de frustração.

— Qual é?

— Quando tudo isto acabar, quero saber a história toda — retorquiu Rawlie. — Quero saber porque é que estavas tão interessado em conhecer o significado dos pardais na mitologia e porque ficaste tão branco quando te contei o que eram os psicopompos e o que é suposto eles fazerem.

— Fiquei branco?

— Como a cal da parede.

— Conto-te a história toda — prometeu Thad, esboçando um leve sorriso. — Talvez até consigas acreditar numa parte.

— Onde é que estás? — perguntou Rawlle.

Thad disse-lhe. E pediu-lhe que viesse o mais rapidamente possível.

Thad desligou o telefone, tornou a atravessar o portão na vedação composta por elos de corrente e sentou-se no pára-choques comprido de uma carrinha de escola que, por alguma razão, fora cortada ao meio. Era um bom sitio para esperar, já que esperar era aquilo que tinha de ser feito. Apesar de estar escondido da estrada, bastava-lhe inclinar-se para a frente para ver a zona suja do parque de estacionamento da loja de peças.

Olhou em seu redor, à procura de pardais, mas não viu nenhum: apenas um corvo grande e gordo a debicar, com indiferença, pedaços brilhantes de cromados num dos corredores entre os carros abandonados. A idéia de que terminara a sua segunda conversa com George Stark apenas há pouco mais de meia hora fê-lo sentir-se ligeiramente irreal. Parecia que, desde então, tinham passado horas. Apesar do nível regular de ansiedade em que se encontrava sintonizado, Thad sentia-se sonolento, como se já fosse hora de ir para a cama.

Cerca de quinze minutos após a conversa com Rawlie, aquela sensação de formigueiro e de comichão começou a invadi-lo de novo. Thad cantou aqueles trechos de John Wesley Harding de que ainda se recordava e, após um ou dois minutos, a sensação passou.

"Talvez seja psicossomático", pensou, embora soubesse que isso não passava de tretas. A sensação era produzida por George a tentar abrir um buraquinho na sua mente e, à medida que Thad foi ficando mais ciente disso, também se tornou mais sensível a ela. Thad supunha que isso também funcionaria ao contrário. E supunha que, mais cedo ou mais tarde, talvez tivesse de tentar fazer com que isso funcionasse ao contrário... mas isso significava tentar chamar os pássaros de novo e não era algo que desejasse por aí alem. E havia também ainda uma outra coisa: a última vez que ele conseguira espreitar para dentro de George Stark, acabara com um lápis espetado na mão esquerda.

Os minutos passaram com uma terrível lentidão. Após vinte e cinco minutos, Thad começou a temer que Rawlie pudesse ter mudado de idéias e não fosse ter com ele.

Deixou o pára-choques do autocarro desconjuntado e postou-se junto ao portão, entre o cemitério de automóveis e a zona de estacionamento, sem se importar com que o vissem da estrada. Começou a interrogar-se se não se atreveria a pedir boleia.

Em vez disso, decidiu voltar a ligar para o gabinete de Rawlie, encontrando-se a meio do caminho em direção ao edifício pré-fabricado de venda de peças quando um carocha poeirento entrou no parque. Thad reconheceu-o de imediato, tendo desatado a correr, pensando, com alguma graça, nas preocupações de seguro de Rawlie. Ele estava convencido que era possível pagar o VW e ainda os danos feitos com a tara de uma caixa de garrafas de gasosa.

Rawlie parou o carro ao lado da extremidade do edifício de venda das peças e saiu.

Thad ficou um pouco surpreso ao ver que o cachimbo estava aceso e a deitar umas grandes baforadas daquilo que, numa sala fechada, poderia ser considerado um fumo extremamente desagradável.

— Não devias estar a fumar, Rawlie — foi a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— E tu não devias estar a fugir — retorquiu Rawlie de voz séria.

Entreolharam-se por um instante, tendo os dois, de seguida, desatado a rir, um riso de surpresa.

— Como é que vais para casa? — perguntou Thad. Agora que já chegara a este ponto — bastava saltar para dentro do carrinho de Rawlie e seguir a longa e sinuosa estrada até Castle Rock — parecia-lhe não restar mais nada no seu armazém de tópicos de conversa exceto non sequiturs.

— Penso que vou chamar um táxi — respondeu Rawlie, observando as colinas e os vales cintilantes de carros abandonados. — Creio que devem vir até aqui com muita freqüência buscar tipos que se juntam aos Grandes Sem Montada.

— Deixa-me dar-te cinco dólares...

Thad tirou a carteira do bolso de trás, mas Rawlie fez-lhe sinal com a mão de que não queria.

— Para um professor de Inglês no Verão, estou carregado — disse. — Ora, devo ter mais de quarenta dólares. Até é de admirar que a Billie me deixe andar por aí sem um guardacostas.

— Com um grande prazer, Rawlie puxou uma grande baforada do seu cachimbo, tirou-o da boca e sorriu para Thad. — Mas vou pedir um recibo ao taxista e, na altura devida, dou-te. Não temas porque não me esqueço .

— Já tinha começado a pensar que não ias aparecer.

— Parei numa loja dos trezentos — disse Rawlie. — Comprei duas coisas

que pensei que te deviam fazer falta, Thaddeus. — Debruçou-se para a parte de trás do carocha (que descaiu nitidamente para a esquerda sobre uma mola que estava partida ou em breve o estaria) e, após algum tempo a rebuscar, a resmungar e a lançar nuvens de poluição, tirou cá para fora um saco de papel, que entregou a Thad. Este olhou lá para dentro e viu um par de óculos de sol e um boné de beisebol dos Boston Red Sox, que, felizmente, cobriria na quase totalidade o seu cabelo. Thad olhou para Rawlie, disparatadamente emocionado.

— Muito obrigado, Rawlie.

Rawlie acenou uma mão e lançou a Thad um sorriso matreiro e malicioso.

— Talvez seja eu quem te deva agradecer — disse. – Nos últimos meses, tenho andado à procura de uma desculpa para deixar vir ao de cima o velho calhorda de sempre. Os motivos surgiam de vez em quando: o divórcio do meu filho mais novo, a noite em que perdi cinqüenta dólares a jogar pôquer na casa de Tom Carroll, mas nada parecia ser bastante... suficientemente apocalíptico.

— Não há duvida alguma de que isto é apocalíptico — retorquiu Thad, estremecendo ligeiramente. Olhou para o relógio. Era quase uma da tarde. Stark tinha, pelo menos, uma hora de vantagem sobre ele, talvez até mais. – Tenho de ir andando, Rawlie.

— Sim. é urgente, não é?

— Temo bem que sim.

— Tenho mais uma outra coisa, enfiei-a no bolso do meu casaco para não a perder.

Esta não veio da loja dos trezentos. Descobri-a na minha secretária.

Rawlie começou a rebuscar metodicamente os bolsos do velho blusão de xadrez que vestia no Inverno e no Verão.

— Se a luz indicadora do óleo começar a acender, para num sítio qualquer e arranja um frasco de óleo Sapphire — disse ele, ainda à procura. — Isso é que é coisa reciclada.

Ah! Aqui está! Já estava a pensar que, afinal de contas, talvez a tivesse deixado no gabinete.

Do bolso, Rawlie tirou uma peça tubular de cortiça. Tinha mais ou menos o tamanho do dedo indicador de Thad e era oca. Um pequeno entalhe fora gravado numa das pontas. Parecia velho.

— Que é isto? — inquiriu Thad, pegando no objeto quando Rawlie lho entregou. Mas ele já sabia a resposta, e sentiu um outro bloco da coisa impensável que andava a planejar encaixar no lugar devido.

— É um chamariz para pássaros — respondeu Rawlie, perscrutando-o por cima da concavidade brilhante do seu cachimbo. — Se achas que terás oportunidade de o usar, quero que fiques com ele.

— Muito obrigado — retorquiu Thad, colocando o apito dentro do bolso do peito com uma mão que não estava propriamente firme. — Talvez possa vir a ser de alguma ajuda.

Por debaixo da cerca entrelaçada das suas sobrancelhas, os olhos de Rawlie arregalaram-se e este tirou o cachimbo da boca.

— Duvido de que venhas a precisar dele — disse numa voz baixa e hesitante.

— O quê?

— Olha atrás de ti.

Thad virou-se, sabendo aquilo que Rawlie vira antes mesmo de ele próprio ter visto.

Agora, não se viam dezenas de pardais ou até mesmo Centenas. Os carros e caminhões velhos empilhados nos dez acres de terreno do Ferro-Velho Gold's e da venda de peças estavam atapetados de pardais. Estes encontravam-se por toda a parte... e Thad ouvira a chegada de um só. Com quatro olhos, os dois homens fitaram os pássaros. Os pássaros devolveram-lhes o olhar com vinte mil... ou talvez quarenta mil olhos. Não fizeram um único ruído. Limitaram-se a ficar empoleirados nos capot, janelas, tejadilhos, tubos exaustores, grelhas, blocos de motor, juntas universais e armações.

— Meu Deus — exclamou Rawlie com voz rouca. – Os psicopompos... o que é que isto quer dizer, Thad? O que é que isto quer dizer?

— Creio que só agora é que estou a começar a entender — replicou Thad.

— Meu Deus — repetiu Rawlie, erguendo as mãos por cima da cabeça e dando uma palmada com força. Os pardais não se mexeram. E não tinham qualquer interesse em Rawlie, era só para Thad Beaumont que estavam a olhar.

— Descubram George Stark — ordenou Thad numa voz serena: na verdade, não passava de um sussurro. – George Stark. Descubram-no. Voem!

Numa nuvem negra, os pardais ergueram-se no céu encoberto, com as asas a agitarem-se e a produzir um som que era semelhante a um relâmpago transformado na renda mais fina, as gargantas a chilrearem. Dois homens que se encontravam dentro da loja de peças correram para fora, para verem o que se estava a passar. No céu, o único grupo negro inclinou-se e virou-se, tal como o outro grupo mais pequeno fizera, e dirigiu-se para o ocidente.

Thad olhou para cima, para eles, e, por um instante, esta realidade fundiu-se com a visão que marcava o início dos seus estados de transe, por um instante, passado e presente eram um só, entrelaçados num qualquer rabicho estranho e fabuloso.

Os pardais desapareceram.

— Deus Todo-Poderoso! — bramia um homem num fato-macaco de

mecânico cinzento. — Viram aqueles pássaros? De onde é que todos aqueles malditos pássaros vieram?

— Tenho uma pergunta melhor — disse Rawlie, a olhar para Thad. Tinha de novo o domínio sobre si mesmo, mas era evidente que este fora fortemente abalado. — Para onde é que eles vão? Sabes, não sabes, Thad?

— Sim, é claro que sei — murmurou Thad enquanto abriu a porta do VW. — Também eu tenho de ir, Rawlie, tenho mesmo de ir. Ficar-te-ei eternamente grato.

— Tem cuidado, Thaddeus. Tem muito cuidado. Nenhum homem controla os agentes da vida depois da morte. Não por muito tempo e há sempre um preço a pagar.

— Terei todo o cuidado que puder.

A dura alavanca das mudanças do VW protestou mas, por fim, cedeu e deixou entrar uma mudança. Thad fez uma pausa suficientemente grande para colocar os óculos de sol e o boné de beisebol, acenando de seguida a mão para Rawlie e arrancou.

Ao virar para a Estrada 2, viu Rawlie a caminhar penosamente até a mesma cabina telefônica que ele próprio utilizara, tendo pensado: “Agora, TENHO de manter Stark fora disto. Porque agora tenho um segredo. Talvez não consiga controlar os psicopompos, mas, por breves momentos, sou, pelo menos, aquele que os possui — ou são eles que me possuem — e ele não pode saber disso.”

Thad meteu a segunda e o Volkswagen de Rawlie DeLesseps começou a tremer ao entrar no reino vastamente inexplorado da velocidade acima dos sessenta quilômetros por hora.

VINTE E TRÊS - DUAS CHAMADAS PARA O XERIFE PANGBORN

A primeira das duas chamadas que lançaram Alan Pangborn de novo para o meio da história surgiu pouco passava das três horas, enquanto Thad estava a deitar três quartos de óleo Sapphire Motor no sedento Volkswagen de Rawlie numa estação de serviço de Augusta. O próprio Alan estava a caminho do Nan's para ir tomar um café.

Sheila Brigham deitou a cabeça fora do gabinetezinho e gritou:

— Alan? Chamada a pagar no destinatário para si. Conhece alguém chamado Hugh Pritchard?

Alan deu imediatamente meia volta.

— Sim! Atenda a chamada!

Alan voltou a entrar rapidamente no escritório e pegou no telefone, ainda a tempo de ouvir Sheila a aceitar os custos da chamada.

— Doutor Pritchard? Doutor Pritchard, está aí?

— Sim, estou aqui. — A ligação estava bastante boa, mas, ainda assim, Alan teve um momento de hesitação: este homem não soava ter setenta anos. Quarenta, talvez, mas não setenta.

— O senhor é o doutor Hugh Pritchard que costumava exercer a sua profissão em Bergenfield, New Jersey?

— Bergenfield, Tenafly, Hackensack, Englewood, Englewood Height... raios, examinei cabeças todo o caminho até Paterson. O senhor é o xerife Pangborn que tem tentado entrar em contato comigo? Eu e a minha mulher estávamos muito longe e tínhamos ido até Devil's Knob. Acabamos de chegar.

Até as minhas dores estão com dores.

— Sim, peço desculpa. Quero agradecer-lhe por me ter telefonado, doutor. O senhor tem uma voz muito mais jovem do que eu esperava.

— Bem, nada mal — replicou Pritchard — mas devia ver o resto da minha pessoa.

Assemelho-me a um crocodilo que anda em duas pernas. Em que lhe posso ser útil?

Alan já refletira sobre esta hipotética pergunta, tendo optado por uma abordagem cuidadosa. Assim, segurou o telefone entre o ouvido e o ombro, recostou-se para trás na cadeira e o desfile de animais-sombra na parede teve início.

— Ando a investigar um crime que ocorreu aqui no município de Castle, no Maine — explicou. — A vítima era um homem da terra chamado Homer Gamache. Talvez exista uma testemunha que tenha presenciado o crime, mas eu encontro-me numa situação muito delicada com esse homem, doutor Pritchard. E isso por duas razões: em primeiro lugar, ele é famoso; em segundo, apresenta sintomas com os quais, em tempos, o senhor esteve familiarizado. Digo isto porque o senhor operou-o há vinte e oito anos atrás. Tinha um tumor cerebral. Temo que o tumor tenha reaparecido e, assim, o seu testemunho pode não ser muito credível.

— Thaddeus Beaumont — interrompeu Pritchard de imediato. — E quaisquer que sejam os sintomas que apresenta,tenho cá as minhas sérias dúvidas de que se trate de uma recorrência daquele tumor antigo.

— Como é que sabia que se tratava de Beaumont?

— Porque em mil novecentos e sessenta lhe salvei a vida — retorquiu Pritchard, acrescentando com uma arrogância inconsciente: — Se não fosse eu, ele não teria escrito um único livro porque, antes mesmo de fazer doze anos, já estaria morto. Desde que esteve prestes a ganhar aquele National Book Award

com o primeiro romance, tenho seguido a carreira dele com algum interesse. Dei uma vista de olhos à fotografia na capa e apercebi-me de que era o mesmo tipo. O rosto mudara mas os olhos continuavam os mesmos. Olhos invulgares. Sonhadores, era assim que os classificaria. E, está claro, sabia que ele vivia no Maine por causa do artigo recente na revista People. O artigo foi publicado mesmo antes de irmos para férias.

Pritchard fez uma pausa momentânea, acabando por afirmar algo tão extraordinário e, ainda assim, de uma forma tão casual, que, por um instante, Alan não encontrou qualquer resposta.

— O senhor diz que ele pode ter presenciado um homicídio? Tem a certeza absoluta que não suspeita mesmo que tenha sido ele quem o cometeu?

— Bem. . . eu. . .

— Estava só a indagar — prosseguiu Pritchard — porque, geralmente, as pessoas com tumores cerebrais fazem coisas muito estranhas. A estranheza dos seus atos parece aumentar em proporção direta com a inteligência do homem ou mulher atacados por este mal. Mas, o senhor sabe, o rapaz não tinha nenhum tumor cerebral, pelo menos não na acepção geralmente aceite do termo. Foi um caso invulgar. Extremamente invulgar.

Desde mil novecentos e sessenta só soube da existência de três casos semelhantes, dois dos quais depois de me ter reformado. Ele já foi fazer os testes neurológicos habituais?

— Sim.

— E?

— Deram negativo.

— Não me surpreende. — Por alguns instantes, Pritchard manteve-se silencioso, acabando por dizer de seguida: — Está a ser menos do que honesto comigo, não está, meu rapaz?

Alan parou de fazer animais na sombra, sentando-se muito direito na cadeira.

— Sim, creio que sim. Mas desejo muito saber o que e que o senhor queria dizer quando afirmou que Thad Beaumont não tinha um tumor cerebral na "acepção geralmente aceite do termo". Estou ciente da regra da confidencialidade na relação médico-paciente e não sei se o senhor pode confiar num homem com quem está a falar pela primeira vez (e, ainda por cima, ao telefone), mas espero que acredite em mim se eu lhe disser que, neste caso, estou do lado de Thad. Tenho ainda a certeza que seria o desejo de Thad que o senhor me contasse tudo aquilo que quero saber. E não tenho tempo para lhe pedir para ele telefonar ao senhor e lhe dar autorização, doutor. Preciso de saber agora.

E Alan ficou surpreso ao aperceber-se de que isto era verdade, ou que, pelo menos, acreditava ser verdade. Uma certa tensão bizarra começara a apoderar-se de Alan, uma sensação de que as coisas estavam a acontecer. Coisas de que ele não tinha conhecimento... mas que em breve teria.

— Não tenho quaisquer problemas em lhe contar o caso — retorquiu Pritchard calmamente. — Em muitas ocasiões, já pensei que deveria entrar em contato com o próprio Beaumont, nem que fosse só para lhe contar aquilo que se passou no hospital pouco tempo depois de ele ter sido operado. Sempre pensei que deveria ter algum interesse para ele.

— E que foi que aconteceu?

— Garanto-lhe que já lá chegaremos. Não contei aos pais dele aquilo que a operação dera a conhecer porque não interessava (não num sentido prático) e não queria ter mais nada a ver com eles. Sobretudo com o pai dele. Aquele homem deveria ter nascido numa gruta e passado a vida inteira a caçar mamutes peludos. Naquela altura, decidi contar-lhes aquilo que eles queriam ouvir e afastar-me deles o mais depressa possível.

Depois, como é óbvio, o próprio tempo tornou-se um fato. Uma pessoa perde o contato com os doentes. Quando a Helga me mostrou aquele primeiro livro, pensei em escrever-lhe e, desde então, tenho considerado essa hipótese em diversas ocasiões, mas tenho também a sensação de que ele não acreditaria em

mim... ou não se interessaria... ou que podia pensar que eu era um louco idiota. Apesar de não conhecer nenhuma pessoa famosa, tenho pena delas. Creio que devem ter de levar uma existência defensiva, desorganizada e assustadora. Pareceu-me mais fácil deixar as coisas como estavam. E agora isto. Como os meus netos costumam dizer, foi uma má experiência.

— Que há de errado com Thad? Que foi que o levou até ao senhor?

— Transes. Dores de cabeça. Sons fantasmagóricos. E, por último...

— Sons fantasmagóricos?

— Sim, mas, xerife, tem de me deixar contar as coisas à minha maneira. — Mais uma vez, Alan escutou aquela arrogância inconsciente na voz do homem.

— Muito bem.

— Por último, houve um ataque. Os problemas estavam todos a ser causados por um pequeno tumor no lobo pré-frontal. Operamo-lo, partindo do principio de que era um tumor. Afinal de contas, este acabou por ser o gêmeo de Thad Beaumont.

— O quê!?

— Sim, é um fato — retorquiu Pritchard, dando a sensação de que o choque genuíno que a voz de Alan deixava transparecer lhe agradava bastante. — Isso não é totalmente invulgar: muitas vezes, os gêmeos são absorvidos in utero e, em casos raros, a absorção é incompleta. Contudo, a localização era invulgar, tal como o foi o crescimento repentino do tecido estranho. A maior parte das vezes, esse tipo de tecido permanece sempre inerte. Creio que os problemas de Thad podem ter sido causados pelo início precoce da puberdade.

— Um momento — interrompeu Alan. — Espere aí um momento. — Por uma ou duas vezes, Alan lera a expressão “a sua mente girou à volta” em livros, mas esta era a primeira vez que ele próprio experimentava uma sensação dessa

natureza.

— O senhor está a querer-me dizer que Thad tinha um gêmeo mas que... de alguma forma... de alguma forma ele comeu o irmão?

— Ou irmã — corrigiu Pritchard. — Mas creio bem que devia ser um irmão porque penso que a absorção é muito mais rara nos casos de gêmeos de sexo diferente. Não é um fato comprovado mas baseia-se na freqüência estatística e eu acredito nisso. E dado que os gêmeos idênticos são sempre do mesmo sexo, a resposta à sua pergunta é sim.

Penso que o feto que Thad Beaumont foi em tempos, comeu o irmão no útero da mãe.

— Meu Deus — murmurou Alan em voz baixa, não se recordando de alguma vez ter ouvido uma coisa tão horrível, ou tão estranha, em toda a sua vida.

— O senhor parece chocado — disse o Dr. Pritchard animadamente — mas, de fato, não há razão para tal. Uma vez inserido o assunto no contexto devido. Não estamos a falar de Caim a revoltar-se e a matar Abel com uma pedra. Não se tratou de um ato de homicídio. Foi apenas algum imperativo biológico, que nós não compreendemos, que acabou por funcionar. Talvez um mau sinal, desencadeado por algo no sistema endócrino da mãe. Em termos exatos, não estamos sequer a falar em fetos. Na altura da absorção, deviam existir duas formações de tecido no útero da senhora Beaumont, provavelmente ainda nem sequer humanóides. Se quiser, anfíbios vivos. E um deles, o maior, o mais forte, pura e simplesmente atacou o mais fraco, envolveu-o... e incorporou-o.

— Soa a uma coisa de insetos — sussurrou Alan.

— Acha? Admito que sim, um pouco. De qualquer modo, a absorção não foi completa. Um restinho do outro gêmeo manteve a sua integridade. Essa matéria estranha (não consigo pensar numa outra forma de o dizer) acabou por ficar emaranhada no tecido que se tornou o cérebro de Thaddeus Beaumont. E, por uma dada razão, começou a ficar ativa não muito tempo depois de o rapaz

fazer onze anos. Começou a crescer. Não havia espaço na estalagem. Conseqüentemente, era necessário extirpá-la como se de uma verruga se tratasse. Foi o que fizemos e com muito êxito.

— Como uma verruga — repetiu Alan, enjoado e fascinado.

Todo o gênero de idéias atravessavam o seu espírito. Eram idéias sombrias, tão sombrias como morcegos num campanário de igreja vazio. Apenas uma era totalmente coerente: “Ele e dois homens, ele SEMPRE foi dois homens. É isso que qualquer homem ou mulher que ganha a vida a inventar histórias deve ser. Aquele que existe no mundo normal... e aquele que cria mundos. Eles são dois. Sempre, pelo menos, dois.”

— Por muito que acontecesse, nunca me esqueceria de um caso tão invulgar — prosseguia Pritchard – mas antes mesmo de o rapaz acordar, aconteceu uma outra coisa possivelmente ainda mais invulgar. Algo que sempre me intrigou.

— Que foi isso?

— O jovem Beaumont ouvia pássaros antes de cada uma das dores de cabeça — explicou Pritchard. — Em si só não se trata de algo invulgar. Trata-se de uma ocorrência bem documentada nos casos de tumores cerebrais ou de epilepsia. Chama-se a “síndrome do precursor sensorial”. Contudo, pouco tempo depois da operação, ocorreu um incidente estranho com pássaros verdadeiros. O hospital do Município de Bergenfield foi, na verdade, atacado por pardais.

— Que é que quer dizer com isso?

— Parece absurdo, não parece? — Pritchard parecia estar bastante satisfeito consigo próprio. — Nem se trata do gênero de coisa que eu chegaria sequer a contar. No entanto, foi um acontecimento extremamente bem documentado. Apareceu até um artigo sobre isso na primeira página do jornal de Bergenfield, o Courier, com uma fotografia.

Exatamente às duas da tarde de vinte e oito de Outubro de mil novecentos

e sessenta, um bando extremamente grande de pardais voou contra a ala oeste do hospital do município. Essa era a ala onde, naquele tempo, estava a Unidade de Cuidados Intensivos e, está claro, era onde o jovem Beaumont se encontrava após a operação.

"Inúmeras janelas ficaram partidas e, após o incidente, as mulheres da limpeza varreram mais de trezentos pássaros mortos. Se bem me lembro, o artigo do courier citava um ornitólogo que afirmava que a ala oeste do edifício era praticamente toda feita de vidro e punha a hipótese de que os pássaros pudessem ter sido atraídos pela luz clara do sol refletida no vidro."

— Isso é de loucos — replicou Alan. — Os pássaros só voam de encontro ao vidro quando não o conseguem ver.

— Creio que o jornalista que conduzia a entrevista referiu esse fato mas o ornitólogo afirmou que os pássaros em bando parecem partilhar entre si de uma telepatia de grupo que une as suas mentes (se é que se pode dizer que os pássaros tem mentes) numa só.

Um pouco como as formigas. Disse que se um dos pássaros do bando decidisse esbarrar contra o vidro, o resto limitar-se-ia a segui-lo. Quando aquilo aconteceu, não me encontrava no hospital. Tinha acabado de operar o Beaumont, certificara-me de que os vitais estavam estabilizados...

— Vitais?

— Os sinais vitais, xerife. Depois, fui jogar golfe. Mas, pelo que me contaram, aqueles pássaros pregaram um susto de morte a todos os que se encontravam na Ala Hirschfield. Duas pessoas ficaram cortadas com estilhaços de vidro. Eu até podia ter aceitado a teoria do ornitólogo mas ela não me entrava na cabeça... porque, como sabe, eu conhecia o precursor sensorial do jovem Beaumont. Não eram apenas pássaros, mas uns pássaros específicos: pardais.

— Os pardais estão a voar de novo — sussurrou Alan numa voz ausente e horrorizada.

— Desculpe?

— Nada. Continue.

— Um dia depois, perguntei-lhe sobre os sintomas. Por vezes, após uma operação que extirpa a causa dos precursores sensoriais, o doente sofre de uma amnésia localizada quanto a esses mesmos precursores. No entanto, neste caso, não foi o que aconteceu. Ele lembrava-se de tudo nos mais ínfimos pormenores. Ele via os pássaros tão bem quanto os ouvia. Pássaros por todo o lado, dizia ele, em todas as casas e relvados e ruas de Ridgeway, que era a zona de Bergenfield onde vivia.

"Fiquei suficientemente interessado para verificar os gráficos dele e compará-los com os relatos do incidente. O bando de pardais atacou o hospital cerca das duas e cinco. O rapaz acordou às duas e dez. Talvez até um pouco mais cedo. — Pritchard fez uma pausa, acabando por acrescentar: — Na verdade, uma das enfermeiras dos cuidados intensivos disse ter impressão de que fora o som de vidros partidos que o acordara.

— Meu Deus — disse Alan de forma branda.

— Sim — retorquiu Pritchard. — Meu Deus está bem. Ha anos que não falo neste assunto, xerife Pangborn. Será que lhe é de alguma ajuda?

— Não sei — respondeu Alan com honestidade. — Talvez. Doutor Pritchard, talvez o senhor não tenha tirado tudo, isto e, se não o fez, talvez tenha voltado a crescer de novo.

— O senhor disse que ele fez testes. Um deles foi uma TAC?

— Sim.

— E, como é óbvio, tirou radiografias.

— Sim, sim.

— Se esses testes deram negativo, é porque não há nada para ver. Quanto a mim, penso que tiramos realmente tudo.

— Muito obrigado, doutor Pritchard. — Pangborn estava com uma certa dificuldade em formar palavras. Os lábios pareciam dormentes e estranhos.

— Quando tudo estiver resolvido, será que me pode contar aquilo que aconteceu mais em pormenor, xerife? Fui muito franco com o senhor e este parece ser um pequeno favor a pedir em retribuição. Estou muito curioso.

— Se puder, assim o farei.

— É tudo o que peço. Agora, vou deixá-lo voltar para seu trabalho e eu vou voltar para as minhas férias.

— Espero que o senhor e a sua esposa estejam a passar um bom tempo.

Pritchard suspirou.

— Na minha idade, tenho de me esforçar cada vez mais para passar apenas um momento sofrível, xerife. Antigamente, adorávamos fazer campismo mas creio que, para o próximo ano, iremos ficar em casa.

— Bem, agradeço-lhe muito ter-se dado ao trabalho de´responder à minha chamada.

— De nada. Sabe, xerife Pangborn, tenho saudades do meu trabalho. Não da mística da cirurgia, nunca me importei com isso, mas do mistério. O mistério da mente. Isso era extremamente excitante.

— Imagino que sim — concordou Alan, pensando que seria um homem muito feliz se, neste preciso momento, houvesse um pouco menos de mistério mental na sua vida. —

Entrarei em contato com o senhor se e quando as coisas... se

esclarecerem.

— Muito obrigado, xerife. — Fez uma pausa e depois acrescentou: — Este é um assunto de grande preocupação para o senhor, não é?

— Sim. é, sim, senhor.

— Lembro-me que o rapaz era encantador. Assustadiço, mas encantador. Que gênero de homem é ele agora?

— Um bom homem, penso eu — respondeu Alan. — Talvez um pouco frio, talvez um pouco distante, mas, no fundo, um bom homem. — E repetiu: — Penso eu.

— Muito obrigado. Vou deixá-lo em paz para tratar dos seus assuntos. Adeus, xerife Pangborn.

Ouviu-se um estalido na linha e, lentamente, Alan colocou o auscultador no descanso. Recostou-se para trás na cadeira, dobrou as mãos ágeis e fez um grande pássaro preto bater lentamente as asas ao atravessar o remendo de sol na parede do escritório. Veio-lhe à cabeça uma fala do Feiticeiro de Oz, que não parou de ressoar no seu espírito: “Eu acredito realmente em fantasmas, eu acredito realmente em fantasmas, eu acredito, acredito, acredito, realmente em fantasmas!”. Fora o Leão Covarde que o dissera, não fora? A questão era saber em que é que ele acreditava.

Para Alan, era mais fácil pensar nas coisas em que não acreditava. Alan não acreditava que Thad Beaumont tivesse assassinado quem quer que fosse. Também não acreditava que Thad tivesse escrito aquela frase criptica na parede de ninguém. Nesse caso, como é que lá fora parar?

É muito simples. O velho doutor Pritchard apanhara um avião em Fort Laramie em direção ao leste, matara Frederick Clawson, escrevera “OS PARDAIS ESTÃO A VOAR DE NOVO” na parede deste último, em Washington, apanhara um outro avião para Nova Iorque, abrira a fechadura de Miriam Cowley com o seu bisturi favorito e fizera-lhe a mesma coisa. Operava-

os porque tinha saudades do mistério da cirurgia.

Não, está claro que não. Mas Pritchard não era o único que sabia da existência do — como é que ele o chamara? — precursor sensorial de Thad. Era um fato que não aparecera na revista People, mas...

“Estás a esquecer-te das impressões digitais e das impressões vocais. Estás a esquecer-te da afirmação serena e assertiva de Thad e de Liz de que George Stark é real, de que este está disposto a cometer assassinatos de forma a MANTER-SE real. E, neste momento, estás a esforçar-te ao máximo para não investigares o fato de estares a começar a acreditar que talvez tudo isto possa ser verdade. Disseste-lhes que era de loucos acreditar não apenas num fantasma vingador mas, ainda por cima, no fantasma de um homem que nunca existiu. Mas talvez os escritores CONVIDEM fantasmas.

Juntamente com os atores e artistas, eles constituem os únicos médiuns totalmente aceites da nossa sociedade. Inventam mundos que nunca existiram, povoam-nos com pessoas que nunca existiram e, depois, convidam-nos a juntarmo-nos a eles nas suas fantasias. E é isso que fazemos, não é? Sim. Nós PAGAMOS para o fazer.”

Alan apertou as mãos com força, esticou os dedos rosados e, de seguida, lançou um pássaro muito mais pequeno a voar através da parede banhada pelo sol. Um pardal.

“Não é possível explicar os pardais que atacaram o Hospital do Município de Bergenfield há quase trinta anos, tal como não é possível explicar o fato de dois homens poderem ter as mesmas impressões digitais e vocais. Mas, agora já sabes que Thad Beaumont partilhou o útero com uma outra pessoa. Com um estranho.”

Hugh Pritchard mencionara o início precoce da puberdade.

Subitamente, Alan Pangborn deu por si a perguntar-se se o crescimento daquele tecido estranho não coincidiria com outra coisa.

Perguntou-se se não teria começado a crescer na mesma altura que Thad Beaumont se iniciara na literatura.

O intercomunicador na sua secretária soou, assustando-o. Era Sheila de novo.

— O Fuzzy Martin na linha um, Alan. Ele quer falar consigo.

— O Fuzzy? Mas que raio é que ele quer?

— Não sei. Não me quis dizer.

— Meu Deus — replicou Alan. — Era só o que me faltava hoje.

Fuzzy possuía uma vasta porção de terreno lá para os lados da Estrada Secundária 2, a cerca de sete quilômetros de Castle Lake. Em tempos, a quinta Martin fora uma florescente leitaria, mas isso acontecera na época em que Fuzzy era ainda conhecido pelo nome de batismo, Albert, e conseguia ainda segurar a garrafa de uísque e não o contrário. Os filhos estavam crescidos, a mulher abandonara-o há dez anos considerando-o um caso perdido e, agora, Fuzzy dirigia sozinho mais de vinte e sete acres de campos que, lenta mas regularmente, iam voltando ao seu estado selvagem. No lado oeste da propriedade, por onde a Estrada Secundária 2 entrava por ali adentro em direção ao lago, erguiam-se a casa e o celeiro. Este último, que outrora albergara quarenta vacas, era um edifício gigantesco, com o telhado agora bastante inclinado para trás, a pintura a estalar e a maioria das janelas tapadas com quadrados de caixotes de cartão. Há mais de quatro anos que Alan e Trevor Hartland, os chefes do Departamento de Bombeiros de Castle Rock, se encontravam à espera que a casa Martin, ou celeiro Martin ou ambos pegassem fogo.

— Quer que lhe diga que não está? — perguntou Sheila. — O Clut acabou de chegar.

Podia passar-lhe a chamada.

Por um instante, Alan ponderou nesta hipótese, acabando por suspirar e abanar a cabeça.

— Eu falo com ele, Sheila. Obrigado.

Alan pegou no auscultador e susteve-o entre o ouvido e o ombro.

— Chefe Pangborn?

— Sim, é o xerife que está a falar.

— Daqui Fuzzy Martin, na Número Dois. Talvez tenha um problema aqui, chefe.

— Ah, sim? — Alan puxou o segundo telefone na secretária para junto dele. Este era a linha direta para os outros gabinetes no Edifício Municipal. A ponta do dedo patinou em redor do botão quadrado com o número 4 gravado. Bastava-lhe levantar o auscultador e carregar no botão para falar com Trevor Hartland. — E que tipo de problema é esse?

— Bem, chefe, que eu seja cego, surdo e mudo se sei ao certo. Se fosse um carro que conhecesse, chamaria a isso o Grande Roubo do Carro. Mas não era. Nunca o tinha visto em toda a minha vida. Mas, ainda assim, saiu de dentro do meu celeiro.

Alan empurrou o telefone que ligava aos outros gabinetes para o lugar habitual. Deus ajudava os loucos e os bêbedos — um fato que Alan aprendera nos seus muitos anos de trabalho na Polícia — e parecia que, apesar do hábito de Fuzzy em lançar beatas acesas de cigarro aqui, ali e por onde quer que passasse sempre que se encontrava bêbedo, a casa e o celeiro ainda se mantinham de pé. “Agora, a única coisa que posso fazer”, pensou Alan, “É ficar muito bem sentadinho enquanto ele desbobina o problema, seja ele qual for. Depois, vou concluir — ou tentar concluir — se o problema faz parte do mundo real ou se está apenas dentro daquilo que ainda resta da cabeça do Fuzzy.”

Alan deu por si com as mãos a voarem em forma de pardal através da parede, fazendo-as parar.

— Que carro foi esse que saiu de dentro do teu celeiro, Albert? — perguntou Alan pacientemente. Quase toda a gente na Rock (incluindo o próprio) o tratava por Albert Fuzzy, e mesmo o próprio Alan poderia tentar fazê-lo depois de estar na vila mais outros dez anos. Ou talvez vinte.

— Já lhe disse que nunca o tinha visto antes – retorquiu Fuzzy Martin, num tom que deixava transparecer com tanta clareza as palavras "oh, seu grande idiota" que mais valia ele tê-las dito. — Por isso é que lhe estou a telefonar, chefe. Um dos meus é que não era de certeza.

Por fim, começou a formar-se uma imagem no espírito de Alan. Com a partida das vacas, dos filhos e da esposa, Fuzzy Martin não precisava assim tanto de dinheiro — quando herdara a terra do pai, esta passou para ele sem quaisquer encargos, exceto os impostos. Todo o dinheiro a que Fuzzy conseguia deitar a mão provinha das fontes mais estranhas. De fato, Alan acreditava, tinha praticamente a certeza, de que todos os dois meses ou coisa assim, um fardo ou dois de marijuana iam fazer companhia à palha na parte de cima do celeiro de Fuzzy, e esse era apenas um dos esquemazitos deste último.

De vez em quando, Alan pensava que devia fazer um esforço a sério para prender Fuzzy por posse de droga com intenção de venda, mas tinha as suas sérias dúvidas de que Fuzzy chegasse a fumar o material, quanto mais a ter miolos suficientes para o vender.

O mais provável é que, de tempos a tempos, ganhasse cem ou duzentos dólares a arranjar espaço para guardar o material. e mesmo numa cidadezinha como Castle Rock, havia coisas mais importantes a fazer do que prender bêbados por arrecadarem erva. Um dos outros serviços de armazenamento de Fuzzy — este, pelo menos, legal — era guardar carros no celeiro para os veraneantes. Quando Alan chegou à cidade, o celeiro de Fuzzy era um parque de estacionamento habitual. Era possível entrar-se lá dentro e ver até quinze carros — a maioria dos quais carros de Verão pertencentes a pessoas que tinham casas junto ao lago — arrumados onde as vacas costumavam passar os Invernos. Fuzzy deitara abaixo as divisórias para construir nesse espaço uma grande garagem, onde os carros de Verão ficavam guardados durante os longos meses de Outono e

Inverno na doce penumbra do cheiro a palha, com as superfícies brilhantes embotadas pela queda regular de palha velha do andar de cima, e estacionados pára-choques contra pára-choques e lado contra lado. Com o decorrer dos anos, o negócio da garagem de carros de Fuzzy decaíra radicalmente. Alan estava convencido que o hábito descuidado de fumar de Fuzzy se espalhara pela vila, tendo deitado tudo a perder. Ninguém deseja perder o carro no incêndio de um celeiro, mesmo quando se trata de uma carripana antiga que ainda se utiliza de vez em quando para fazer recados quando o Verão chega.

A ultima vez que fora à quinta de Fuzzy, Alan vira apenas dois carros no celeiro: o TBird de 59 — um carro que seria um clássico se não tivesse tanta ferrugem e não estivesse tão maltratado — de Ossie Brannigan, e a velha carrinha Ford Woody de Thad Beaumont.

Thad de novo. Hoje, parecia que todas as estradas iam dar de volta a Thad Beaumont.

Alan empertigou-se na cadeira, puxando inconscientemente o telefone para mais junto de si.

— Não seria o velho Ford de Thad Beaumont? — perguntou de seguida a Fuzzy. — De certeza?

— Claro que tenho a certeza. Não era nenhum Ford e, raios me partam, mas também não era nenhuma carrinha Woody. Era um Toronado preto.

Uma outra chama acendeu-se na mente de Alan... mas este não tinha bem a certeza do motivo. alguém lhe contara algo sobre um Toronado preto, e há bem pouco tempo.

Pangborn não se conseguia recordar de quem fora ou quando tinha sido, pelo menos não agora... mas acabaria por lhe vir à cabeça.

— Eu estava por acaso na cozinha, a arranjar para mim uma limonada bem fresquinha — prosseguia Fuzzy — quando vi aquele carro a sair do celeiro, em marcha atrás. A primeira coisa em que pensei foi que não tinha guardado

nenhum carro como aquele. A segunda coisa em que pensei foi como é que, antes de mais nada, alguém tinha conseguido lá entrar, quando existe um grande aloquete Kreig na porta do celeiro e eu tenho preso no meu anel a única chave que o abre.

— E as pessoas que tem os carros guardados lá dentro? Elas não têm chaves?

— Não senhor! — Fuzzy pareceu extremamente ofendido apenas com a idéia em si.

— Por acaso não fixaste o número da matrícula, pois não?

— Pode ter bem a certeza que a fixei! — gritou Fuzzy. — Então não tenho o maldito binóculo Jeeúly aqui no parapeito da janela da cozinha?!

Alan, que estivera no celeiro acompanhado por Trevor Hartland em visitas de inspeção mas nunca na cozinha de Fuzzy (e, muito obrigado, mas não pretendia fazer uma visita desse tipo tão brevemente), retorquiu:

— Ah, sim. O binóculo. Tinha-me esquecido dele.

— Pois eu não! — retorquiu Fuzzy com uma ferocidade alegre. — Tem aí um lápis?

— Claro que sim, Albert.

— Chefe, porque é que não me chama apenas Fuzzy, como todas as pessoas?

Alan suspirou.

— Muito bem, Fuzzy. E já que estamos nisto, porque é que não me chamas apenas xerife?

— O que quiser. Agora, quer o número da matrícula?

— Desembucha.

— Em primeiro lugar, era uma matrícula do Mississipi — explicou Fuzzy com um certo tom de triunfo na voz. — Que raio é que me diz a isto?

Alan não sabia muito bem o que dizer a isso... só sabia que uma terceira chama se acendera algures na sua cabeça, esta ainda mais intensa do que as outras. Um Toronado.

E o Mississipi. Havia alguma coisa sobre o Mississipi. E uma cidade. Oxford? Seria Oxford? Como aquela a duas vilas de distância daqui?

— Não sei — respondeu Alan. De seguida, suponho que era aquilo que Fuzzy queria ouvir, afirmou: — Parece bastante suspeito.

— E tem toda a razão! — exultou Fuzzy, acabando por pigarrear e adotar uma voz grave, como se estivesse a fazer um negócio. — Muito bem. Matrícula seis, dois, dois, oito, quatro do Mississipi. Apanhou, chefe?

— Seis, dois, dois, oito, quatro.

— Seis, dois, dois, oito, quatro, e bem pode levar isto para o maldito banco. Suspeito! Nem diga mais! Foi exatamente isso que eu pensei! Jesus comeu uma lata de feijões!

Perante a imagem de Jesus a engasgar-se com uma lata de feijões Alan teve de cobrir o bocal por um outro breve instante.

— Então — perguntou Fuzzy — diga-me lá que ações é que vai tomar?

“Vou tentar acabar esta conversa com a minha sanidade intacta”, pensou Alan. “Essa é a primeira coisa que vou fazer. E vou tentar lembrar-me de quem foi que referiu...”

Foi então que lhe veio tudo à cabeça, num lampejo de esplendor frio que fez os braços ficarem cobertos de pele de galinha e a pele na parte de trás do pescoço ficar tão esticada e retesada quanto um tambor.

Ao telefone com Thad. Não muito tempo depois de o psicopata ter telefonado do apartamento de Miriam Cowley. Na noite em que a febre homicida começara verdadeiramente.

Ela ouvira Thad dizer: "Ele mudou-se de New Hamphshire para Oxford, no Mississipi com a mãe... perdeu toda a pronúncia do Sul exceto um único traço."

Que mais contara Thad quando descrevera George Stark ao telefone?

"Última coisa: talvez esteja a guiar um Toronado preto. Não sei de que ano. De qualquer forma, é um dos antigos que deitava imenso fumo por debaixo da capota. Preto. É possível que a matrícula seja do Mississipi mas também é provável que a tenha trocado."

— Penso que deve ter andado bastante ocupado para ter tempo para fazer isso — murmurou Alan. A pele de galinha cobria ainda todo o seu corpo, com os seus milhares de pezinhos.

— Que foi que disse, chefe?

— Nada, Albert. Estava a falar sozinho.

— A minha mãe costumava dizer que isso significava que se ia ganhar algum dinheiro. Talvez também eu deva começar a fazer isso.

Subitamente, Alan lembrou-se de que Thad acrescentara algo mais — um pormenor final.

— Albert...

— Chame-me Fuzzy, chefe. Já lhe disse.

— Fuzzy, o carro que viste tinha algum autocolante no pára-choques? Talvez tenhas notado...

— Como é que sabe uma coisa dessas? Tem algum interesse por esse motor, chefe? — perguntou Fuzzy, ansioso.

— Deixa lá as perguntas, Fuzzy. Trata-se de um assunto de polícia. Conseguiste ver o que dizia?

— Está claro que sim — respondeu Fuzzy Martin. – "FILHO DA MÃE PRESUNÇOSO", era o que dizia. Acredita numa coisa destas?

Lentamente, Alan Pangborn desligou o telefone, acreditando naquilo, mas dizendo para si mesmo que isso nada provava, nada mesmo... exceto talvez que Thad Beaumont estava com os pirulitos trocados. Seria totalmente estúpido pensar que aquilo que Fuzzy vira provava que alguma coisa... bem, alguma coisa sobrenatural, na falta de melhor palavra... se estava a passar.

Pensou então nas impressões vocais e nas impressões digitais, pensou nas centenas de pássaros a chocarem contra as janelas do Hospital do Município de Bergenfield County e, por fim, foi totalmente subjugado por um ataque de arrepios intensos que durou praticamente um minuto inteiro.

Alan Pangborn não era um covarde nem um provinciano supersticioso que se benzia na presença de corvos, mantinha as grávidas longe de leite fresco por temer que elas o azedassem. Não era um pacóvio do campo. Não era susceptível às lisonjas dos finórios da cidade que queriam vender pontes famosas por um preço barato. Alan Pangborn não nascera ontem. Acreditava nas explicações lógicas e razoáveis. Assim, esperou que o ataque de arrepios passasse e, de seguida, puxou o Rolodex para diante de si e encontrou o número de telefone de Thad. Com uma graça forçada, verificou que o número no cartão

e o número que tinha na cabeça condiziam.

Aparentemente, o eminente "tipo escritor" de Castle Rock ficara arraigado na sua cabeça com bastante mais firmeza — pelo menos uma certa parte — do que Alan imaginara.

Tinha de ser Thad quem estava naquele carro. Se se eliminar a parte maluca, que outra alternativa é que se tem? Ele descreveu-o. Como é que se chamava aquele concurso antigo da rádio? "Diga o Nome e é Seu".

O Hospital do Município de Bergenfield fora, de fato, atacado por pardais.

E havia outras perguntas. Demasiadas perguntas.

Thad e a família estavam a ser protegidos pela Polícia Estadual do Maine. Se tivessem decidido fazer as malas e fossem até ali passar o fim-de-semana, os rapazes da Polícia deviam ter-lhe dado uma telefonadela. Em parte para o avisarem, em parte como um gesto de cortesia. Mas a polícia estadual teria tentado dissuadir Thad de fazer essa viagem, agora que, lá em Ludlow, a vigilância de proteção se transformara um pouco numa rotina. Mas se a viagem tivesse sido decidida num impulso, os esforços para fazerem Thad mudar de idéias deveriam ter sido ainda mais persistentes.

Depois havia aquilo que Fuzzy não vira — nomeadamente, o carro ou carros de proteção que teriam sido atribuídos aos Beaumont se, de qualquer modo, eles tivessem decidido levar a viagem avante... como o podiam muito bem ter feito. Afinal de contas, eles não eram prisioneiros.

"Geralmente, as pessoas com tumores cerebrais fazem coisas muito estranhas."

Se se tratava do Toronado de Thad, e se este se deslocara à quinta do Fuzzy para o ir buscar, e se tivesse ido sozinho, isso levava a uma conclusão que Alan considerava ser muito desagradável porque ele até gostava de Thad. Era a seguinte: que ele se livrara deliberadamente tanto da família como dos protetores.

“Ainda assim, se foi esse o caso, a polícia estadual devia ter-me telefonado. Deviam ter lançado um aviso pois sabiam perfeitamente que este era um dos sítios prováveis para onde ele deveria vir.”

Alan marcou o número de telefone dos Beaumont. Ao primeiro toque, foi atendido.

Uma voz que não conhecia veio ao telefone. O que era o mesmo que dizer que era uma voz à qual sabia atribuir um nome. Que estava a falar com um agente de polícia foi algo que descobriu logo à primeira sílaba.

— Estou? Daqui residência dos Beaumont.

Cauteloso. Pronto a introduzir uma resma de perguntas na pausa seguinte se, por acaso, a voz fosse a correta... ou a errada.

“Que foi que aconteceu?” interrogou-se Pangborn, e logo de seguida: “Eles estão mortos. Quem quer que ande por aí matou toda a família, com a mesma rapidez, facilidade e crueldade que mostrou com os outros. A proteção, os interrogatórios, o equipamento de localização das chamadas... tudo isso para nada.”

Ao responder, nem um só sinal destes pensamentos transpareceu na sua voz.

— Daqui Alan Pangborn — disse energicamente. – O xerife do município de Castle.

Estou a telefonar para falar com Thad Beaumont. Posso saber com quem estou a falar?

Seguiu-se uma pausa, após a qual a voz respondeu:

— Daqui Steve Harrison, xerife. Polícia Estadual do Maine. Ia agora mesmo telefonar-lhe. Já o devia ter feito há pelo menos uma hora atrás. Mas,

aqui, as coisas... aqui as coisas estão todas de pernas para o ar. Posso saber porque e que telefonou?

Sem um intervalo para pensar — isso teria certamente alterado a sua resposta — Alan mentiu. Fê-lo sem se perguntar a si próprio porque é que o teria feito. Isso viria mais tarde.

— Telefonei para saber como estava o Thad — respondeu. – Já passou algum tempo e queria saber como é que iam as coisas. Presumo que tenha havido problemas.

— Problemas tão grandes que nem vai acreditar — retorquiu Harrison de forma severa.

— Dois dos meus homens morreram. Temos a certeza absoluta de que foi Beaumont.

"Temos a certeza absoluta de que foi Beaumont."

A estranheza dos seus atos parece aumentar em proporção direta com a inteligência do homem ou mulher atacados por este mal.

Alan teve a sensação que um certo deja vu estava não apenas a insinuar-se na sua mente mas também a marchar sobre todo o seu corpo como um exército invasor. Thad, ia tudo sempre dar a Thad. Era óbvio. Era inteligente, era peculiar e, de acordo com o que o próprio admitira, estava a evidenciar sintomas que sugeriam um tumor cerebral.

"Mas, o senhor sabe, o rapaz não tinha nenhum tumor cerebral."

"Se esses testes deram negativo, é porque não há nada para ver."

"Esquece o tumor. É nos pardais que queres pensar neste preciso momento — porque os pardais estão a voar de novo."

— Que foi que aconteceu?

— Ele praticamente cortou Tom Chatterton e Jack Eddings em postas, foi isso que aconteceu! — gritou Harrison, espantando Alan com a intensidade da sua raiva. – Levou a família com ele e eu quero aquele filho da mãe!

— Que foi... como é que ele fugiu?

— Não tenho tempo para entrar nesses pormenores — replicou Harrison. — É uma história terrível, xerife. Ele estava a guiar um Chevrolet Suburban vermelho e cinzento, uma maldita baleia sobre rodas, mas cá para nós ele desfez-se dele e arranjou um outro carro. Ele tem uma casa de Verão aí. Conhece o local e o traçado da casa, não conhece?

— Sim — respondeu Alan, com a cabeça a cem à hora.

Olhou para o relógio e viu que passava cerca de um minuto das três e quarenta.

Horas. No fundo, ia tudo dar às horas. E foi então que se deu conta de que não perguntara a Martin Fuzzy que horas eram quando ele vira o Toronado a sair do celeiro.

Naquela altura, não parecera importante. Agora já parecia. — A que horas é que o perderam, agente Harrison?

Alan teve a sensação de conseguir sentir Harrison a deitar fumo com essa pergunta mas, quando este respondeu, fê-lo sem raiva e sem estar na defensiva.

— Por volta do meio-dia e meia. Deve ter levado algum tempo a trocar de carro, se foi isso que fez, e depois dirigiu-se para a casa dele em Ludlow...

— Onde é que ele estava quando o perderam? Estava muito distante da casa dele?

— Xerife, teria todo o gosto em responder a todas as suas perguntas, mas não temos tempo. O fato é que, se ele se dirigiu para a casa que tem aí (parece improvável mas o tipo é maluco, portanto nunca se sabe), ainda não pode ter chegado, mas estará aí muito em breve. Ele e a maldita família. Seria muito agradável se o senhor e dois dos seus homens estivessem presentes para lhes dar as boas-vindas. Se alguma coisa acontecer, basta chamar Henry Payton por rádio na esquadra da Polícia Estadual de Oxford e enviaremos mais reforços do que alguma vez viu em toda a sua vida. Não tente prendê-lo sozinho sob nenhuma circunstância. Estamos a partir do princípio de que a mulher foi feita refém, se é que já não está morta, e o mesmo acontece com os miúdos.

— Sim, ele teria de ter levado a mulher a força se realmente matou os agentes em serviço, não era? – Alan concordou e deu por si a pensar: "Mas, se pudesses, contar-lhes-ia tudo, não era? Porque já decidiste o que vais fazer e não vais fazer nenhuma concessão. Raios, homem, nem sequer vais pensar, de forma racional ou de outra forma, até o sangue secar nas veias dos teus amigos."

Havia dúzias de perguntas que gostaria de fazer, e as respostas a essas primeiras dariam provavelmente azo a outras quatro dúzias. Mas, num ponto, Harrison tinha razão. Não havia tempo a perder.

Por um instante, Alan hesitou, desejando ansiosamente perguntar a Harrison sobre a coisa mais importante de todas, desejando fazer a pergunta do jackpot: tinha Harrison a certeza de que Thad teria tido tempo para voltar a casa, matar os homens que estavam a vigiá-la e fugir com a família, tudo isto antes da chegada dos primeiros reforços?

Porém, fazer essa pergunta seria tocar na ferida com que, neste preciso momento, esse tal de Harrison se estava a debater, porque, subjacente a essa questão, estava aquela condenação censuradora e irrefutável: "Vocês perderam-no. De alguma forma, vocês perderam-no. Tinham um trabalho a cumprir e lixaram tudo."

— Posso confiar em si, xerife? — inquiriu Harrison, e agora a sua voz não parecia zangada mas apenas cansada e devastada, e a compaixão de Alan foi ao seu encontro.

— Sim. Vou mandar cobrir o lugar de polícias imediatamente.

— Ótimo. E vai manter-se em contato com a Central de Oxford?

— Sem dúvida. Henry Payton é um amigo.

— Xerife, Beaumont é perigoso. Extremamente perigoso. Se ele aparecer por aí, tenha cuidado.

— Terei.

— E mantenha-me informado. — Harrison desligou o telefone sem se despedir.

O seu espírito — pelo menos naquela parte que se preocupava com o protocolo — despertou e começou a colocar uma série de questões... ou a tentar. Alan concluiu que não havia tempo a perder com o protocolo. Sob nenhuma das suas formas. Iria simplesmente manter todos os circuitos possíveis abertos e ir em frente. Alan tinha a sensação de que as coisas haviam chegado ao ponto em que alguns desses circuitos começariam, em breve, a fechar-se sobre si mesmos de acordo com a própria vontade.

"Pelo menos chama alguns dos teus homens."

Mas Alan considerava que também isso ele ainda não estava preparado para fazer.

Norris Ridgewick, aquele que teria preferido, tinha o seu dia de folga e ausentara-se da cidade. John LaPointe estava ainda acamado devido a uma intoxicação. Seat Thomas estava de patrulha. Andy Clutterbuck estava lá, mas Clut era um noviço e este era um trabalho complicado e sujo.

Teria de fazer o trabalho sozinho, pelo menos por enquanto.

“Estás louco!”, berrou o protocolo na mente dele.

— Talvez esteja a chegar a esse ponto — retorquiu Alan em voz alta. Procurou o número de Albert Martin na agenda e telefonou-lhe para fazer todas as perguntas que deveria ter feito logo da primeira vez.

— A que horas é que viste o Toronado a sair do teu celeiro em marcha atrás, Fuzzy? — perguntou quando Martin atendeu o telefone, tendo pensado: “Ele não sabe. Raios, tenho sérias dúvidas de que ele saiba sequer ver as horas.

Mas Fuzzy provou de imediato que Pangborn era um mentiroso.

— Passava uma merdinha de nada das três, chefe. — De seguida, após uma pausa ponderada: — Desculpe lá o meu francês.

— Mas só telefonaste às... — Alan passou os olhos pela folha do dia, onde apontara a chamada de Fuzzy sem sequer se dar ao trabalho de pensar nela. — às três e trinta e oito.

— Tive de pensar no assunto — explicou Fuzzy. – Um homem deve sempre olhar antes de saltar, chefe. Pelo menos e assim que vejo as coisas. Antes de lhe telefonar, desci até ao celeiro para ver se a pessoa que tinha levado o carro estava a preparar mais alguma por lá.

“A preparar mais alguma”, pensou Alan, perplexo. “Já que lá estavas, foste mas foi provavelmente verificar o fardo de erva que estava no sótão, não foi, Fuzzy?”

— E estava?

— Estava a quê?

— A preparar mais alguma.

— Não me parece.

— Em que condições é que estava a fechadura?

— Aberta — respondeu Fuzzy com vigor.

— Forçada?

— Não. Apenas segura pelo ferrolho com o braço aberto.

— Achas que usaram chave?

— Não sei de onde é que a chave poderia ter vindo. Acho que o tipo a deve ter aberto com uma gazua.

— Ele estava sozinho no carro? — inquiriu Alan. — Tens a certeza?

Fuzzy fez uma pausa, refletindo.

— Não tenho a certeza absoluta — disse por fim. – Sei em que é que está a pensar, chefe: se eu fui capaz de fixar a matrícula e ler aquele autocolante espertinho na traseira do carro, devia ser capaz de dizer quantos tipos é que estavam lá dentro. Mas o sol estava a bater nos vidros e, de qualquer forma, também me quer parecer que não eram vidros normais. Acho que tinham uma ligeira tonalidade. Não muita mas um niquito.

— Muito bem, Fuzzy. Obrigado. Vou verificar tudo isso.

— Bem, ele foi-se embora daqui — disse Fuzzy, acrescentando num lampejo brilhante de dedução: — Mas tem de estar em algum lado.

— Não tenhas dúvidas — replicou Alan. Prometeu contar a Fuzzy “em

que é que aquilo iria dar" e desligou o telefone, afastando-o para longe de si na secretária. De seguida olhou para o relógio.

"Três", dissera Fuzzy. "Passava uma merdinha de nada das três, desculpe lá o meu francês."

Na falta de uma viagem de foguetão, Alan estava convencido que não havia forma nenhuma de Thad ir de Ludlow a Castle Rock em três horas, sobretudo quando teria ainda de fazer uma viagem de volta até sua casa – uma viagenzinha durante a qual, acidentalmente, raptara a mulher e os filhos e matara dois agentes estaduais. Talvez conseguisse se tivesse vindo direto de Ludlow, mas vir de um outro lugar qualquer, parar em Ludlow e, depois, chegar a Castle Rock a tempo para abrir uma fechadura com uma gazua e ir-se embora num Toronado que, por mero acaso, tinha convenientemente escondido no celeiro de Martin Fuzzy? Nem pensar. Mas, e supondo que uma outra pessoa tivesse morto os agentes na casa dos Beaumont e levado a família de Thad? alguém que não tivesse de andar para aí a tentar despistar a escolta policial, a trocar de carros e a fazer viagens de ida e volta? alguém que se limitara a enfiar Liz Beaumont e os gêmeos num carro e partira para Castle Rock?

Alan acreditava que eles podiam ter chegado ali a tempo e a horas para Fuzzy Martin os ver pouco depois das três da tarde. Podiam perfeitamente ter conseguido isso se fosse preciso andar na esgalha.

A polícia — leia-se o agente estadual Harrison, pelo menos para já — pensava que tinha de ser Thad. Contudo, Harrison e os seus compadres não sabiam nada sobre o Toronado. Matrícula do Mississipi, dissera Fuzzy.

De acordo com a biografia fictícia do homem criada por Thad, Mississipi era o estado natal de George Stark. Se Thad era suficientemente esquizofrênico para pensar que era Stark, pelo menos durante uma parte do tempo, podia muito bem ter arranjado para si próprio um Toronado preto para aumentar a ilusão, ou fantasia, ou o que quer que fosse... mas, para conseguir arranjar a matricula, teria não só de ter visitado o Mississipi como ainda de provar que lá residia.

"Isso é uma estupidez. Ele podia muito bem ter roubado uma matrícula do Mississipi. Ou comprado uma antiga. Fuzzy não disse nada quanto ao ano da matricula — de qualquer forma, talvez não conseguisse ver isso de onde estava,

nem mesmo com o binóculo.”

Mas não se tratava do carro de Thad. Não podia ser. Liz saberia, não saberia?

“Talvez não. Se ele é suficientemente maluco, talvez não.”

Depois havia a porta fechada à chave. Como é que Thad teria conseguido entrar no celeiro sem forçar a fechadura? Ele era um escritor e um professor, não um arrombador.

“Uma chave dupla”, murmurou o espírito de Alan, embora este não estivesse muito convencido disso. Se Fuzzy guardava realmente, de vez em quando, uma espécie esquisita de tabaco, Alan tinha a certeza de que ele seria suficientemente cuidadoso para não deixar as chaves espalhadas por aí, por muito descuidado que fosse com as beatas dos cigarros.

E, uma última pergunta — o assassino: como é que Fuzzy não vira aquele Toronado preto antes, se este se encontrava guardado no seu celeiro desde sempre? Como é que isso podia ser?

“Tenta o seguinte”, sussurrou uma voz na parte de trás do seu espírito enquanto Alan pegava no chapéu e deixava o gabinete. “Alan, esta é uma idéia bastante engraçada.

Vais rir-te. Vais rir-te a bandeiras despregadas. Suponhamos que Thad Beaumont esteve sempre certo desde o inicio? Suponhamos que existe mesmo um monstro chamado George Stark à solta por aí... e os elementos da sua vida, os elementos que Thad criou, passam a existir sempre que ele precisa deles? SEMPRE que precisa deles mas nem sempre ONDE precisa deles. Porque eles acabam sempre por aparecer nos locais relacionados com a vida primeira do seu criador. Deste modo, Stark teria de ir buscar o carro à garagem onde Thad guarda o dele, tal como teve de começar a partir do cemitério onde, simbolicamente, Thad o enterrou. Não achas isto maravilhoso? Não é de gritos?”

Alan não achava nada daquilo maravilhoso nem de gritos. Nem sequer

era remotamente engraçado. Lançava um risco ameaçador, não apenas sobre tudo aquilo em que acreditava, mas também sobre o modo como fora ensinado a pensar.

Alan deu por si a recordar-se de algo que Thad dissera. "Quando escrevo, não sei quem sou eu." Não eram bem essas palavras mas estava lá próximo. "E o que é mais espantoso ainda é que só agora me dei conta disso."

— Tu eras ele, não eras? — perguntou Alan de forma branda. — Tu eras ele e ele eras tu e foi assim que o assassino cresceu, e a história começou.

Alan foi percorrido por um arrepio e Sheila Brigham levantou os olhos da máquina de escrever sobre a sua secretária a tempo de ver.

— Está muito calor para isso, Alan. Deve estar a chocar uma gripe.

— A chocar alguma coisa, creio eu — respondeu Alan.

— Mantenha-se atenta ao telefone, Sheila. Todas as coisas pequenas que surgirem passe para o Seat Thomas. Todas as coisas grandes para mim. Onde está o Clut?

— Estou aqui! — A voz de Clut veio do interior dos lavabos.

— Espero estar de volta daqui a cerca de quarenta e cinco minutos! — gritou-lhe Alan.

— Fica a tomar conta disto até eu voltar!

— Aonde é que vai, Alan? — Clut saiu da casa de banho dos homens, a meter a camisa cor de caqui para dentro das calças.

— Ao lago — respondeu Alan de modo vago, saindo antes de Clut ou Sheila terem tempo de fazer mais perguntas... ou antes que ele próprio tivesse tempo de pensar naquilo que estava a fazer. Ir-se embora sem um destino

predeterminado numa situação como esta era uma péssima idéia. Era estar à espera de mais do que apenas sarilhos: era estar à espera de ser morto. Mas aquilo em que ele estava a pensar. ("os pardais estão a voar de novo") não podia, pura e simplesmente, ser verdade. Não podia. Tinha de existir uma explicação mais razoável.

Alan estava ainda a tentar convencer-se deste fato quando conduziu o carro-patrulha para fora da vila, rumo ao pior sarilho da sua vida.

Existia uma área de serviço na Estrada 5, a cerca de quinhentos metros de distância da propriedade de Fuzzy Martin. Alan virou o carro e entrou nessa zona, seguindo algo que era um misto de palpite e de capricho. A parte do palpite era bastante simples: com ou sem Toronado preto, eles não podiam ter vindo de Ludlow até ali num tapete mágico. Tinham de ter vindo num carro. O que significava que deveria haver um carro abandonado algures por aí. O homem de quem ele andava atrás abandonara a carrinha de Homer Gamache numa zona de estacionamento na berma da estrada quando por lá passara, e o que um criminoso faz uma vez, torna a fazer de novo.

Alan podia ver três veículos estacionados no parque: um caminhão de cerveja, um Ford Escort novo e um Volvo coberto de poeira da estrada.

Ao sair do carro-patrulha, um homem num fato-macaco verde saiu da casa de banho dos homens e dirigiu-se para a cabina do caminhão de cerveja. Era baixo, de cabelo escuro e ombros estreitos. Não era George Stark.

— Senhor guarda — disse ele, cumprimentando Alan ao de leve. Este acenou a cabeça e caminhou em direção ao local onde se encontravam três senhoras mais idosas, sentadas numa das mesas de piquenique, a beber café de um termo e a falar.

— Olá, senhor guarda — interpelou uma delas. – Podemos ser-lhe útil em alguma coisa? – "Ou será que fizemos algo de errado?" perguntaram os olhos momentaneamente ansiosos.

— Só queria saber se o Ford e o Volvo ali estacionados pertencem a alguma das senhoras — explicou Alan.

— O Ford é meu — retorquiu uma segunda. – Viemos todas nesse carro. Não sei nada quanto a esse Volvo. É por causa daquela coisa do autocolante? Aquela porcaria do autocolante caiu de novo? É suposto o meu filho tomar conta disso mas ele é tão esquecido! Com quarenta e três anos de idade, e eu ainda tenho de lembrar que...

— Não há problema nenhum com o seu autocolante, minha senhora — respondeu Alan, tentando dar o seu melhor sorriso “O Polícia é Seu Amigo”. — Nenhuma das senhoras viu por acaso o Volvo a entrar aqui para dentro, pois não? As três abanaram a cabeça.

— Nos últimos minutos, viram alguém que possa ser o dono do carro?

— Não — respondeu a terceira senhora, que o fitou com uns olhinhos vivos de gerbo. — Anda na pegada, senhor guarda?

— Desculpe?

— Isto é, se anda atrás de algum criminoso.

— Oh — exclamou Alan, sentindo um instante de irrealidade. O que é que ele estava exatamente a fazer ali? O que é que estava exatamente à espera de encontrar ali? — Não, minha senhora. É que eu gosto de Volvos. — Meu Deus, como ele soava a inteligente. Soava precisamente a... um maldito... presunçoso.

— Ah! — exclamou a primeira senhora. — Bem, não vimos ninguém. Gostaria de tomar café, senhor guarda? Creio que temos precisamente o suficiente para uma chávena.

— Não, muito obrigado — respondeu Alan. — Tenham um bom dia, minhas senhoras.

— O senhor também, senhor guarda — responderam as três em coro, numa sintonia quase perfeita, que fez com que Alan se sentisse mais irreal do que nunca.

Alan voltou a caminhar em direção ao Volvo. Tentou abrir a porta do lado do condutor. Esta abriu. O interior do carro transmitia a sensação de um sótão abafado. Há já algum tempo que ali estava parado. Alan olhou para o banco de trás e viu um pacotezinho, um pouco maior do que um pacote de adoçante, no chão. Debruçou-se por entre os assentos e apanhou-o.

HANDI-WIPET, dizia o pacote, e Pangborn teve a sensação de que alguém deixara cair uma bola de bowling no estômago.

"Não quer dizer nada", ergueu-se de imediato a voz do Protocolo e da Razão. "Pelo menos, não necessariamente. Sei em que é que estás a pensar: estás a pensar em bebês.

Mas, Alan, pelo amor de Deus, eles dão estas coisas nas tendas à beira da estrada que vendem frango."

Ainda assim...

Alan enfiou o Handi-Wipe num dos bolsos da camisa da farda e saiu do carro. Estava prestes a fechar a porta quando se debruçou de novo para dentro do carro. Tentou olhar para debaixo do tablier mas não conseguia fazê-lo de pé. Teve de pôr-se de joelhos.

Alguém deixou cair uma outra bola de bowling. Alan soltou um som abafado — o som de um homem a quem tinham batido com força.

Os fios de ignição estavam suspensos, com o isolamento de cobre afastado e ligeiramente retorcido. O nó, sabia Alan, era justificado pelo fato de os fios terem sido retorcidos em conjunto. O Volvo pegara por meio de ligação direta e, pelo aspecto, fora uma ligação direta muito eficaz.

O condutor agarrara nos fios acima dos arames nus e separara-os de novo para parar o motor quando aqui tinham estacionado o carro.

Então, sempre era verdade... pelo menos uma parte. A grande questão era saber que parte. Alan começava a sentir-se como um homem cada vez mais

próximo de uma queda potencialmente fatal.

Regressou ao carro-patrulha, ligou-o e tirou o microfone do suporte.

"Qual é verdade?" sussurram o Protocolo e a Razão. Meu Deus, que voz tão irritante.

"Que alguém se encontra na casa do lago dos Beaumont? Sim, isso até pode ser verdade. Que alguém chamado George Stark saíra de marcha atrás com o Toronado preto do celeiro de Fuzzy Martin? Vá lá, Alan."

Dois pensamentos atravessaram a sua mente quase de imediato. O primeiro foi que, se ele contatasse Henry Payton na Esquadra da Polícia Estadual em Oxford, tal como Harrison lhe pedira para fazer, podia nunca vir a saber como tudo aquilo acabara. Lake Lane, onde se situava a casa de Verão dos Beaumont, era um beco sem saída. A Polícia Estadual ordenar-lhe-ia que não se aproximasse da casa sozinho — não um agente sozinho, não quando eles suspeitavam que o homem que tinha Liz e os gêmeos presos era culpado de, pelo menos, doze mortes. Eles iriam querer que ele bloqueasse a estrada e nada mais enquanto enviavam uma frota de carros-patrulha, talvez até um helicóptero, e, tanto quanto Alan sabia, alguns contratorpedeiros e aviões de caça. O segundo pensamento foi sobre Stark.

Eles não estavam a pensar em Stark, eles nem sequer sabiam da existência de Stark.

— Mas, e se Stark for real?

Se fosse esse o caso, Alan estava prestes a concluir que enviar um grupo de agentes estaduais que não conheciam nada de Lake Lane seria como mandar carne para canhão.

Alan pôs o microfone de volta no suporte. Ele iria até lá, e iria até lá sozinho. Talvez estivesse enganado, provavelmente estava, mas era isso que faria. Alan conseguia viver com o pensamento da sua própria estupidez. Deus sabia que já tinha feito isso anteriormente. No entanto, não conseguiria viver com a

possibilidade de ter causado as mortes de uma mulher e de dois bebês por causa de uma chamada por rádio para pedir reforços sem conhecer a verdadeira natureza da situação.

Alan conduziu o carro para fora da área de serviço e dirigiu-se para Lake Lane.

VINTE E Q UATRO - A CHEGADA

A caminho, Thad evitou a auto-estrada com portagem (Stark ordenara a Liz para seguir por essa direção, ganhando assim meia hora de avanço), tendo por isso de ir por Lewiston-Auburn ou por Oxford. L. A., como aqueles que de lá eram oriundos chamavam, era uma área metropolitana muito maior... mas a Esquadra policial Estadual era em Oxford. Thad escolheu Lewiston-Auburn.

Encontrava-se à espera num sem foro em Auburn e a olhar constantemente pelo retrovisor no caso de surgirem carros da Polícia quando a idéia que começara por dominá-lo enquanto falava com Rawlie na sucata de automóveis tornou a apanhá-lo de surpresa. Desta vez não era apenas um comichãozinho, era algo como um murro forte dado com o punho aberto.

“Eu sou aquele que sabe. Eu sou aquele que possui. Eu sou aquele que traz.”

“Estamos a lidar aqui com magia”, pensou Thad, “e qualquer mágico digno desse nome tem de ter uma varinha mágica. Toda a gente sabe isso. Felizmente, sei onde é que se pode comprar um artigo desse gênero. Onde, na verdade, eles são vendidos às dúzias.”

A papelaria mais próxima situava-se em Court Street, tendo Thad feito um desvio nessa direção. Estava certo de que tinha alguns lápis Berol Black Beauty na casa em Castle Rock, e tinha também a certeza de que Stark levara a sua própria provisão, mas não era esses que queria. Os lápis que queria eram aqueles em que Stark nunca tocara, tanto como parte de Thad como entidade separada. Cerca de meio quarteirão abaixo da papelaria, Thad encontrou um lugar para estacionar o carro, desligou o motor do VW de Rawlie (desligou-se lentamente, com uma respiração ofegante e diversas engasgadelas), e saiu. Sabia bem afastar-se do fantasma do cachimbo do Rawlie e ir para o ar livre por algum tempo.

Na papelaria, Thad comprou uma caixa de lápis Berol Black Beauty. O empregado disse-lhe para estar à vontade quando Thad lhe perguntou se poderia

utilizar o aparalápis fixo na parede. Thad usou-o para afiar seis dos Berols, que colocou no bolso do peito, forrando-o de um lado ao outro. As pontas ficaram viradas para cima como as ogivas de pequenos mísseis mortíferos.

“Abracadabra e já está!”, pensou. “Que comecem os festejos.”

Thad encaminhou-se para o carro de Rawlie, entrou e, por um breve instante, deixou-se ficar sentado, a transpirar no calor e a cantar baixinho John Wesley Harding. Quase todas as palavras tinham vindo à memória. Era verdadeiramente espantoso aquilo que a mente humana podia fazer sob pressão.

“Isto pode ser muito perigoso”, pensou, acabando por chegar à conclusão que, se fosse só por ele, nem se importava muito com isso. Afinal de contas, fora ele quem trouxera George Stark para o mundo, e supunha que isso o tornava responsável por este último. Não parecia ser muito justo. Thad não acreditava ter criado George com má intenção. Apesar daquilo que podia estar a acontecer à mulher e aos filhos, não se conseguia ver a si próprio como qualquer um daqueles médicos abomináveis, os Drs. Jekyll e Frankenstein. Ele não se propusera a escrever uma série de romances que lhe dariam uma grande quantia de dinheiro e, certamente não se propusera a criar um monstro. Limitara-se a tentar encontrar uma solução que o levasse a contornar o rochedo que caíra no seu caminho. Limitara-se a querer descobrir uma forma de escrever uma outra história boa, porque isso fazia-o feliz.

Em vez disso, apanhara uma espécie de doença sobrenatural. e existiam doenças, imensas mesmo, que se alojavam no corpo de pessoas que nada tinham feito para as merecer — coisas engraçadas como a paralisia cerebral, a distrofia muscular, a epilepsia, a doença de Alzheimer — e, uma vez apanhadas, uma pessoa tinha de se haver com elas.

Como é que se chamava aquele antigo concurso de rádio? “Diga o Nome e é Seu”?

Isto pode ser muito perigoso para a Liz e para os miúdos, ainda que, insistia o seu espírito, fosse um perigo bastante razoável.

Sim. Uma operação à cabeça podia também ser perigosa... mas se uma

pessoa tinha um tumor a crescer nesse local, que outra opção tinha?

"Ele vai estar a olhar. A espreitar. Os lápis são bons" ele pode até ficar lisonjeado.

Mas se pressentir aquilo que planejas fazer com os lápis, ou se descobre alguma coisa quanto ao chamariz para pássaros... se adivinha alguma coisa sobre os pardais... raios, se adivinha sequer que há alguma coisa para adivinhar... estás metido em muito maus lençóis."

"Mas pode resultar", sussurrou uma outra parte do seu espírito. "Raios te partam, tu sabes que pode resultar."

Sim, sabia. e porque a parte mais recôndita da sua mente insistia que não havia realmente mais nada a fazer ou a tentar, Thad ligou o VW e encaminhou-o em direção a Castle Rock.

Quinze minutos mais tarde, deixara Auburn para trás e estava de novo no campo, rumando a Oeste, em direção à região dos lagos.

Nos últimos sessenta e cinco quilômetros da viagem, Stark falou com regularidade sobre Máquina de Aço, o livro em que ele e Thad iriam colaborar. Ajudou Liz com os bebês — deixando sempre uma mão livre e suficientemente próxima da pistola enfiada no cinto para a manter em respeito — quando esta abriu a porta da casa de Verão com a chave e os deixou entrar. Liz tinha esperanças de encontrar carros estacionados em, pelo menos, algumas das entradas das casas que ladeavam o caminho para Lake Lane, ou de ouvir os sons de vozes ou de serras elétricas, mas tivera de contentar-se com o zumbido sonolento de insetos e o ronco surdo e forte produzido pelo motor do Toronado. Parecia que o filho da mãe tinha a sorte do próprio diabo.

Durante todo o tempo em que estiveram a descarregar as coisas e a levá-las para dentro de casa, Stark continuou a falar. Não parou sequer enquanto utilizava a navalha para destruir todas as fichas do telefone, exceto uma. E o livro

prometia. E isso é que era, na verdade, o mais horrível de tudo. Efetivamente, o livro tinha qualidade. Prometia um êxito semelhante a A Vontade de Machine — talvez até maior.

— Tenho de ir à casa de banho — disse ela, depois de a bagagem estar toda dentro de casa, interrompendo-o a meio da sua lenga-lenga.

— Muito bem — replicou ele calmamente, virando-se para olhar para ela. Uma vez chegados a casa, ele tirara os óculos-de-sol e, neste momento, Liz teve de virar o rosto para o lado para se desviar dele. Aquele olhar fixo, ofuscante e mutilado, era superior às suas forças. — Vou contigo.

— Quando faço as minhas necessidades, gosto de um pouco de privacidade. Tu não?

— De certa forma, tanto se me dá como se me deu — respondeu Stark com uma jovialidade serena. Este era o estado de espírito em que se encontrava desde que tinham saído da auto-estrada em Gates Falls: Stark possuía o ar inequívoco de um homem que sabe que as coisas vão correr bem.

— Mas a mim não — replicou Liz, como se estivesse a falar com uma criança particularmente obtusa. Sentiu os dedos enroscarem-se em forma de garras. Na sua mente arrancava, de um momento para o outro, aqueles globos oculares arregalados das cavidades frouxas... e quando correu o risco de olhar para ele e se lhe deparou um rosto divertido, Liz apercebeu-se de que ele sabia em que é que ela estava a pensar e como é que se estava a sentir.

— Fico à entrada da porta — disse com uma humildade escarnecedora. — Prometo que vou ser um bom menino Não vou espreitar.

Os bebês andavam atarefados a gatinhar pelo tapete da sala de estar. Estavam contentes, palradores e cheios de gênica. Pareciam encantados por se encontrarem ali, onde só tinham estado uma única vez, durante um fim-de-semana comprido de Inverno.

— Não os podemos deixar sozinhos — disse Liz. – A casa de banho

pertence ao quarto principal. Se os deixarmos aqui, vão meter-se em sarilhos.

— Tudo bem, Beth — replicou Stark, levantando-os do chão sem qualquer esforço, um debaixo de cada braço. Ainda esta manhã, Liz estava convencida de que, se alguém, que não ela ou Thad, tentasse fazer uma coisa desse gênero, William e Wendy desatariam aos berros. Contudo, quando Stark fez isso, os dois soltaram umas risadinhas alegres como se fosse a coisa mais engraçada do mundo.

— Vou levá-los para o quarto, e ficarei a tomar conta deles no teu lugar. — Stark virou e fitou-a com frieza momentânea. — Também eu vou ficar de olho neles. Não quero que nada lhes aconteça, Beth. Gosto deles. Se alguma coisa lhes acontecer, não será por culpa minha.

Liz foi até a casa de banho e Stark permaneceu junto a porta, de costas viradas para ela tal como prometera, a observar os gêmeos. Ao levantar a saia, baixar as cuecas e sentar-se na retrete, Liz rezou para que ele fosse um homem de palavra. Não seria o fim do mundo se ele se virasse e a visse agachada na retrete... mas se visse a tesoura de costura presa dentro da roupa interior, talvez pudesse vir a ser o fim do mundo.

E, como habitualmente, sempre que estava muito aflita, a bexiga aguentou-se teimosamente. "Vá lá, vá lá", pensou ela com um misto de medo e irritação. "Que é que se passa, achas que vamos ganhar juros com esta coisa?" Finalmente. Que alívio.

— Mas quando eles tentam sair do celeiro – estava Stark a dizer — Machine deita fogo à gasolina que, durante a noite, eles tinham despejado na vala em redor. Não vai ser o máximo? E também vai ter um filme, Beth. Os idiotas que fazem filmes adoram incêndios.

Liz usou o papel higiênico e, com extremo cuidado, puxou as cuecas para cima.

Enquanto compunha a roupa, não descolando os olhos das costas de Stark, só rezava para que ele não se virasse. Não o fez. Stark estava profundamente absorvido pela própria história.

— Westerman e Jack Rangely esquivam-se lá para dentro, planejando usar o carro para passarem exatamente pelo meio do fogo. Mas Ellington entra em pânico e...

Subitamente, Stark calou-se, com a cabeça empertigada para um lado. De seguida, virou-se para ela, enquanto Liz endireitava a camisa.

— Fora! — ordenou abruptamente, sem mais nenhum vestígio da boa disposição de há pouco. — Sai já daí!

— Mas...

Com uma força brutal, Stark agarrou no braço dela e, aos safanões, empurrou-a para dentro do quarto. Dirigiu-se para a casa de banho e abriu o armário dos remédios.

— Temos companhia, e é muito cedo para ser Thad.

— Eu não...

— O motor de um carro — disse ele rapidamente. – Um motor forte. Pode ser um carro da Polícia. Estás a ouvir?

Com um estrondo, Stark fechou a porta do armário dos remédios e, com uma sacudidela, abriu a gaveta à direita do lavatório. Encontrou um rolo de adesivo e separou o aro de lata da caixa. Liz não ouviu nada e assim disse.

— Deixa estar — replicou Stark. — Eu ouço pelos dois. põe as mãos atrás das costas.

— O que é que vais fazer?...

— Cala-te e põe as mãos atrás das costas!

E foi o que ela fez e imediatamente os pulsos ficaram presos. Stark entrecruzou o adesivo, para trás e para a frente, para trás e para a frente, descrevendo uma espécie de oitos apertados.

— O motor acabou de parar — informou ele. – Talvez a cerca de quatrocentos metros estrada acima. Há alguém que está a tentar armar-se em esperto.

Liz teve a sensação de que, no último instante, talvez tivesse realmente escutado o barulho de um motor, mas podia não passar de mera sugestão. Ela estava ciente de que não teria ouvido nada caso não estivesse à escuta com toda a atenção. Meu Deus, como os ouvidos dele eram apurados!

— Tenho de cortar o adesivo — disse ele. — Peço desculpa por violar a tua intimidade por um segundo ou dois, mas não temos tempo a perder com delicadezas.

E antes de ela própria se aperceber do que ele estava a fazer, Stark metera a mão por baixo da parte da frente da saia. Um instante depois, tirou a tesoura cá para fora. Nem sequer lhe picou a pele.

Stark olhou de relance para ela, enquanto se debruçava para trás e utilizava a tesoura para cortar o adesivo. Parecia estar de novo a divertir-se.

— Tu viste-a — disse ela entorpecida. — Afinal de contas, sempre viste a saliência na minha saia.

— A tesoura? — Riu-se. — Eu via-a, mas não a saliência. Eu via-a nos teus olhos, querida Betie. Via-a lá em Ludlow. Soube que ela aqui estava no minuto exato em que desceste as escadas.

Stark ajoelhou-se diante dela, de forma absurda – e agourenta — como um pretendente a pedir uma mulher em casamento. Virou então os olhos para cima, em direção a ela.

— Não te ponhas com idéias em me dar um pontapé ou coisas desse

gênero, Beth.

Não tenho bem a certeza mas está-me cá a parecer que é um polícia. e por muito que pudesses gostar, não tenho tempo para brincar contigo. Portanto, fica quieta.

— Os bebês...

— Vou fechar as portas — disse Stark. — Eles não são suficientemente altos para chegarem aos puxadores, nem mesmo quando se põem de pé. Penso que o pior que lhes pode acontecer é comerem algum do cotão que está debaixo da cama. Estarei de volta daqui a pouco.

Agora, o adesivo descrevia uma série de outros oito em redor dos tornozelos de Liz. Stark cortou-o e voltou a pôr-se de pé.

— Porta-te bem, Beth — ordenou ele. — Vê lá não percas os teus pensamentos felizes.

Terias de pagar por uma coisa dessas... mas, antes disso, obrigava-te a vê-los pagar por isso.

De seguida, depois de fechar a porta da casa de banho e a porta do quarto, Stark foi-se embora. Desapareceu com a velocidade com que um bom mágico faz um truque.

Liz pensou na 22 fechada no barracão das máquinas. Será que a arma também teria balas? Ela estava certa que sim. Meia caixa para uma Winchester 22 de canos compridos numa prateleira de cima.

Liz começou a torcer os pulsos para trás e para a frente. Stark entrelaçara os adesivos com muita habilidade e, por alguns momentos, ela não teve sequer a certeza que iria conseguir afrouxá-lo um pouco, quanto mais libertar as mãos.

Contudo, quando começou a sentir que o adesivo estava a dar um pouco

de si, mexeu os pulsos para trás e para a frente com mais rapidez, arquejando.

William engatinhou para cima da cama, pôs as mãozinhas na perna dela e fitou-a com um olhar interrogativo.

— Vai ficar tudo bem — disse ela, sorrindo para ele.

William retribuiu-lhe o sorriso e afastou-se, a gatinhar, indo procurar a irmã. Com um abano rápido da cabeça, Liz afastou uma madeixa de cabelo dos olhos e pôs-se de novo a contorcer os pulsos para trás e para a frente, para trás e para a frente, para trás e para a frente.

Tanto quanto Alan Pangborn podia afirmar, Lake Lane estava totalmente deserto... pelo menos, até ao ponto onde ousara levar o carro. Tratava-se da sexta entrada para automóveis ao longo da estrada. Alan tinha a impressão de que poderia ter levado o carro um pouco mais para a frente em segurança: era impossível que o barulho do motor do carro pudesse ser ouvido na casa dos Beaumont a toda esta distância, ainda por cima com duas colinas de permeio. No entanto, mais valia prevenir do que remediar. Assim, Alan conduziu o carro até ao chalé com estrutura de T que pertencia a família William, residentes de Verão oriundos de Lynn, no estado de Massachusets, estacionou o carro sobre um tapete de agulhas debaixo de um antigo pinheiro venerável, desligou o motor e saiu.

Olhou para cima e viu os pardais.

Estavam empoleirados no beiral do telhado da casa dos William, também os via nos ramos altos das árvores que rodeavam a casa. Encarrapitavam-se nas rochas junto à margem do lago, acotovelavam-se uns aos outros na doca dos William, eram tantos que Alan não conseguia vislumbrar o bosque. Havia centenas e centenas deles.

E todos eles estavam totalmente silenciosos limitando-se a olhar para ele com os seus minúsculos olhos pretos.

— Meu Deus — sussurrou ele.

Alan podia ouvir os grilos a cantar na erva alta que crescia ao longo dos alicerces da casa dos William, o enrolar suave das ondas do lago contra a zona da doca que lhes pertencia, e um avião a zumbir em direção a leste, a New Hampshire. Além disso, tudo o mais estava silencioso. Não se ouvia sequer o ronco desarmonioso de um só motor de popa no lago.

Apenas aqueles pássaros.

Todos aqueles pássaros.

Alan sentiu um pavor profundo e vítreo a deslizar pelos seus ossos. Já tinha visto bandos de pardais a voar em conjunto na Primavera ou no Outono, por vezes cem ou duzentos de uma só vez, mas nunca, em toda a sua vida, vira uma coisa destas.

"Será que vieram por causa de Thad... ou de Stark?"

Alan tornou a olhar de novo para trás, para o microfone do rádio, interrogando-se se, afinal de contas, não deveria pedir reforços. Tudo isto era demasiado esquisito, demasiado incontrolável.

"E se todos eles levantarem vôo ao mesmo tempo? Se ele estiver aqui, e se for tão esperto como Thad diz que ele é, não tenho quaisquer dúvidas de que ouvirá. Ouvirá tudo sem qualquer problema."

Alan começou a caminhar. Os pardais não se mexeram mas um bando novo apareceu, espalhando-se pelas árvores. Neste momento, rodeavam-no por todos os lados fitando-o como um júri de coração empedernido fita um assassino no banco dos réus. Abundavam em todo o lado, exceto junto à estrada que ficara para trás. Os bosques que orlavam Lake Lane estavam ainda vazios. Alan decidiu voltar para trás e tomar esse caminho.

Um pensamento sombrio, que por pouco não passou de uma premonição, veio-lhe à cabeça: que este podia ser o maior erro da sua vida profissional. "Vou

apenas fazer um reconhecimento do lugar", pensou. "Se os pássaros não voarem — e não parecem que o os ossos deles são ocos", pensou. "Eles não devem pesar quase nada. Quantos deles é que serão precisos para partir um ramo como este?" Alan não sabia. Não desejava saber.

Desapertando a tira sobre a coronha da sua 38, Alan tornou a subir a íngreme ladeira da entrada dos William, longe dos pássaros. Quando chegou a Lake Lane, que não passava de um carreiro sujo com uma faixa de relva a crescer por entre os trilhos marcados pelas rodas, o seu rosto estava luzidio e a camisa colada às costas devido à transpiração. Alan olhou à sua volta, conseguindo vislumbrar os pássaros no caminho que acabara de percorrer — agora, cobriam todo o seu carro, empoleirados no capot, no porta-bagagens e nos faróis do tejadilho. Contudo, não havia nenhum ali.

"É como se não se quisessem aproximar demasiado", pensou, "à pelo menos por enquanto. É como se esta fosse a zona de atuação."

Por detrás de um sumagre alto, que esperava ser um lugar protegido dos olhares dos outros, Alan olhou para um lado e para o outro de Lake Lane. Nem vivalma, apenas os pardais, e estes estavam todos recolhidos atrás da encosta onde se situava a casa em forma de T dos William. Nem um só som, exceto os grilos e dois mosquitos a zumbirem-lhe em redor do rosto.

Ótimo.

Alan atravessou a estrada a correr, como um soldado em território inimigo, com a cabeça agachada entre os ombros arqueados. Saltou a vala juncada de ervas daninhas e rochas no ponto mais afastado e desapareceu para dentro dos bosques. Uma vez escondido, concentrou-se em abrir caminho até a casa de Verão dos Beaumont, o mais rápido e silenciosamente possível.

O lado oriental de Castle Lake assentava no sopé de uma colina longa e íngreme.

Lake Lane encontrava-se a meio desta encosta. A maior parte das suas casas situava-se muito para lá de Lake Lane. Desta forma, de onde ele se encontrava, ou seja, a cerca de dezoito metros acima da colina a partir da

estrada, Alan não conseguia vislumbrar mais do que as pontas dos telhados. Em alguns casos, estes estavam totalmente escondidos.

Ainda assim, Alan conseguia ver a estrada e as entradas de automóveis que se ramificavam a partir da estrada e, enquanto não as perdesse totalmente de vista, não haveria problemas.

Ao chegar à quinta curva a contar da casa dos William Alan estacou. Olhou por cima do ombro para ver se os pardais o estariam a seguir. Era uma idéia bizarra, mas, de certa forma, inevitável. Nem sinal deles, tendo-lhe ocorrido que, provavelmente, a sua mente sobrecarregada tivesse imaginado tudo aquilo. "Esquece isso", pensou. "Não imaginaste nada. Eles estavam lá... e ainda estão lá."

Alan olhou para baixo, para a entrada de automóveis dos Beaumont, mas, do local onde se encontrava, não conseguiu ver nada. Começou a descer, caminhando com lentidão e agachado. Alan deslocava-se em silêncio, estando precisamente a congratular-se por esse fato quando George Stark enfiou uma arma no seu ouvido esquerdo e disse:

— Dás mais um passo, amigo, e a maioria dos teus miolos vão parar ao teu ombro direito.

Alan virou a cabeça lentamente.

Aquilo que viu quase que o levou a desejar ter nascido cego.

— Parece-me bem que eles nunca me irão querer na capa da GQ, não achas? — perguntou Stark, com um sorriso aberto nos lábios. O sorriso revelava mais dos seus dentes e gengivas (e das cavidades vazias onde tinham existido outros dentes) do que o sorriso mais largo do mundo alguma vez revelaria. O rosto estava coberto de feridas e a pele parecia estar a separar-se do tecido subjacente. Mas isso nem era o pior, não era isso que fazia o estômago de Alan revolver-se de horror e de nojo. Havia algo que parecia não bater bem com a

estrutura óssea do rosto do homem. Era como se ele não estivesse apenas a decompor-se mas a sofrer uma espécie de mutação horrível. Ainda assim, Alan sabia quem era o homem da arma.

O cabelo, sem brilho, como uma cabeleira antiga colada à cabeça de palha de um espantalho, era louro. Os ombros eram quase tão largos como os de um jogador de futebol americano com os chumaços postos. Estava de pé, com uma espécie de graça arrogante e ligeira mesmo quando não se estava a mexer, e fitava Alan com boa disposição. Era o homem que não podia existir, que nunca existira.

Era o Sr. George Stark, aquele filho da mãe pretensioso de Oxford, Mississipi. Era tudo verdade.

— Bem-vindo ao carnaval, velha carcaça – exclamou Stark de forma branda. — Para um homem tão grande, até que te mexes bastante bem. A principio, quase que me escapaste e tenho andado à tua procura. Vamos descer até a casa. Quero apresentar-te a patroa. e basta dares um único passo em falso para ficares morto, e ela também, e aqueles bebezinhos amorosos também. Não tenho nada de nada neste mundo tão vasto a perder. Acreditas nisto?

Do seu rosto em decomposição e terrivelmente assustador, Stark lançou-lhe um sorriso. Os grilos continuavam a cantar na relva. No lago, um mergulhão soltou um grito penetrante e doce para o ar. Alan desejou do mais fundo do coração ser aquele pássaro porque quando olhava para os globos oculares arregalados de Stark, a única coisa que, para além da morte, conseguia ver dentro deles... a única coisa era nada.

Com uma clareza total e abrupta, Alan apercebeu-se de que nunca mais iria ver de novo a mulher e os filhos.

— Acredito — respondeu ele.

— Então deita a tua arma para o chão e vamos embora.

E Alan assim fez. Stark seguiu atrás dele, tendo os dois descido para a

estrada.

Atravessaram-na, descendo de seguida a rampa da entrada dos Beaumont em direção à casa. Esta avançava para a frente na encosta sobre pesadas estacas de madeira, quase como uma casa de praia em Malibu. Tanto quanto Alan conseguia ver, não havia quaisquer pardais por perto. Nenhum mesmo.

O Toronado estava estacionado à porta, uma tarântula preta e reluzente ao sol do final da tarde. Assemelhava-se a uma bala. Com uma leve sensação de fascínio, Alan leu o autocolante do pára-choques. Todas as suas emoções estavam enfraquecidas, entorpecidas, como se aquilo fosse um sonho do qual acordaria em breve.

“Tu não queres pensar dessa forma”, avisou-se a si próprio. “Pensar assim só fará com que sejas morto.”

Isto até que era uma idéia engraçada porque ele já era um homem morto, ou não? Ali estivera ele, a tentar esgueirar-se pela entrada da casa dos Beaumont acima, a tentar atravessar dissimulado a estrada como o Tonto: “dei uma boa vista de olhos, para ter uma idéia da situação, Kemo Sabe”... e Stark limitara-se a pôr uma pistola no ouvido e a ordenar-lhe para deitar a arma fora e lá se fora tudo por água abaixo.

“Eu não o ouvi” eu nem sequer o pressenti. As pessoas pensam que eu sou discreto, mas, com este tipo ao lado, é como se tivesse dois pés esquerdos.”

— Gostas das minhas quatro rodas? — perguntou Stark.

— Neste preciso momento, creio que todos os agentes de polícia do Maine tem de gostar das suas quatro rodas — respondeu Alan — porque todos eles andam à procura delas. Stark emitiu uma gargalhada bem disposta.

— Porque será que eu não acredito nisso? — O cano da arma aguilhoou Alan nos rins. — Vamos lá a entrar, meu velho e bom amigo. Estamos apenas à espera do Thad. Quando o Thad aqui chegar, penso que estaremos prontos, prontíssimos para dançar o rock'n roll.

Alan olhou para a mão vazia de Stark e reparou numa coisa extremamente peculiar: ele parecia não ter linhas na palma da mão. Nenhuma linha mesmo.

— Alan! — exclamou Liz. — Está bem?

— Ora — respondeu Alan — se é possível para um homem sentir-se como o maior idiota à face da Terra e ainda assim estar bem, penso que estou.

— Não era de esperar que acreditasse — disse Stark com suavidade, apontando para a tesoura que tirara das cuecas de Liz. Stark colocara-a sobre uma das mesinhas-de-cabeceira que flanqueavam a grande cama de casal, longe do alcance dos gêmeos. — Liberte as pernas dela, agente Alan. Não se preocupe com os pulsos, parece que ela já quase os conseguiu libertar sozinha. Ou será que é chefe Alan?

— Xerife Alan — corrigiu Pangborn, e pensou: “Ele sabe isso. Ele conhece-me — o xerife Alan Pangborn do município de Castle — porque Thad conhece-me. Mas mesmo quando é ele quem está na mó de cima, nem assim dá a entender tudo aquilo que sabe. É tão matreiro como a raposa que ganha a vida a atacar capoeiras.”

E, pela segunda vez, foi totalmente invadido pela certeza sombria da sua morte próxima. Alan tentou pensar nos pardais porque estava convencido que os pássaros eram o único elemento deste pesadelo com que George Stark não estava familiarizado.

Mas depois refletiu melhor. O homem era esperto de mais. Se ele se desse ao luxo de ter esperanças, Stark aperceber-se-ia disso nos seus olhos... e interrogar-se-ia sobre o seu significado.

Cumprindo a ordem de Stark, Alan pegou na tesoura e cortou o adesivo que prendia as pernas de Liz, ao mesmo tempo que esta libertava uma mão e começou a desenrolar o adesivo à volta dos pulsos.

— Vais magoar-me? — perguntou ela a Stark de modo apreensivo,

mantendo as mãos levantadas, como se as marcas vermelhas que o adesivo deixara nos pulsos o fossem, de alguma forma, dissuadir desse ato.

— Não — respondeu ele, esboçando um ligeiro sorriso.

— Não te posso culpar por fazeres coisas que fazem parte da tua natureza, pois não, querida Beth?

Perante essa resposta, Liz lançou-lhe um olhar revoltado e assustado e pegou nos gêmeos. Perguntou a Stark se os podia levar para a cozinha e dar-lhes de comer alguma coisa. Dado que ambos tinham dormido durante todo o caminho até Stark estacionar o Volvo roubado dos Clark na área de serviço, estavam agora animados e cheios de boa disposição.

— Claro que sim — respondeu Stark, que parecia estar muito alegre e otimista... embora segurasse a arma numa mão e os olhos se mexessem incessantemente, para trás e para a frente, entre Liz e Alan. — Porque é que não vamos todos? Quero ter dois dedos de conversa aqui com o nosso xerife.

Em grupo, dirigiram-se até à cozinha, onde Liz começou a preparar uma refeição para os gêmeos. Enquanto fazia isso, Alan observava os gêmeos. Eram uns miúdos amorosos: tão amorosos como um par de coelhinhos e observá-los fazia-o recordar-se de uma época em que ele e Annie eram ainda muito mais novos, uma época em que Toby, agora no último ano do liceu, ainda andava de fraldas e Todd vinha ainda a muitos anos de distância.

Os gêmeos engatinhavam alegremente para cá e para lá e, de vez em quando, Alan tinha de redirecionar um deles antes que ele ou ela conseguissem deitar uma cadeira abaixo ou batessem com a cabeça no lado de baixo da mesa de fórmica da cozinha e fizessem um galo.

Enquanto Alan tomava conta dos bebês, Stark ia falando com ele.

— Está convencido que o vou matar — disse. – Escusa de negá-lo, xerife, consigo lê-lo nos seus olhos e trata-se de um olhar com o qual estou familiarizado. Até podia mentir e dizer-lhe que não era verdade, mas não me

parece que acreditasse em mim. O senhor tem uma certa experiência nestes assuntos, não é verdade?

— Suponho que sim — respondeu Alan. — Mas algo como isto está um pouco... bem, fora do processo normal dos assuntos de polícia.

Stark lançou a cabeça para trás e riu-se. Os gêmeos foram atraídos pelo som, juntando-se às suas gargalhadas. Alan olhou de soslaio para Liz e viu terror e ódio no rosto dela. Mas também havia mais qualquer coisa, não havia? Sim. Alan pensou ser ciúme, interrogando-se em vão se não haveria algo mais de que George Stark não estivesse ao corrente. Interrogou-se ainda se Stark faria alguma idéia de quão perigosa esta mulher podia ser.

— E não tenha a mínima dúvida! — disse Stark, ainda a casquinar. De repente, ficou muito sério. Debruçou-se sobre Alan e este conseguia sentir o odor fedorento da sua carne em decomposição. — Mas não tem de ser assim, xerife. Todas as probabilidades apontam para que não saia daqui vivo, isso posso garantir-lhe, xerife. No entanto, essa possibilidade existe. Tenho uma coisa a fazer aqui. Escrever um pouco. Thad vai ajudar-me, ele vai dar a bomba, se é que assim se pode dizer. Penso que, provavelmente, iremos trabalhar durante toda a noite, eu e ele, mas quando, amanhã de manhã, o Sol nascer, já devo ter a minha casa toda em ordem.

— Ele quer que Thad o ensine a escrever por si só — explicou Liz do fogão. — Diz que vão os dois colaborar num livro.

— Não é bem assim — retorquiu Stark. No instante em que olhou de relance para ela, uma ruga de contrariedade aflorou a superfície, anteriormente inquebrável, do seu rosto bem-disposto. — Sabe, ele deve-me isso. Talvez Thad até soubesse escrever antes mesmo de eu ter aparecido, mas fui eu quem o ensinou a escrever as coisas que as pessoas querem realmente ler. E o que é que há de bom em escrever uma coisa se ninguém a quer ler?

— Não, tu não conseguirias compreender isso, pois não? — interrogou Liz.

— O que eu quero dele — disse Stark a Alan — é uma espécie de transfusão. Parece que tenho uma espécie qualquer de... glândula que me está a

faltar. A faltar temporariamente. Creio que Thad sabe como pôr essa glândula a funcionar. Ele deve saber, porque clonou a minha glândula a partir da dele, se é que me entende. Penso que se poder dizer que ele construiu a maior parte do meu equipamento.

"Não, não, meu amigo", pensou Alan. "Estás enganado. Talvez não o saibas, mas isso não é verdade. Vocês os dois fizeram isso em conjunto porque vocês os dois existiram desde sempre. E tu tens sido horrivelmente persistente. Thad tentou dar-te um fim antes mesmo de ter nascido, mas não o conseguiu por completo. Depois, onze anos mais tarde, o Dr. Pritchard tentou dar uma mãozinha e isso funcionou mas apenas por pouco tempo. Por fim, Thad acabou por te convidar a voltar. Fê-lo mas sem ter a consciência do que estava a fazer... porque não tinha consciência de TI. Pritchard nunca lhe contou nada. E tu vieste, não foi? Tu és o fantasma do irmão morto... mas vocês os dois são muito mais e muito menos do que isso."

Alan segurou Wendy, que estava junto à lareira, antes que esta conseguisse cair para trás sobre a caixa da lenha. Stark olhou para William e Wendy e de novo para Alan.

— Sabe, eu e Thad vimos de uma família com muitos gêmeos. E, como é evidente, acabei por aparecer após as mortes dos gêmeos que deveriam ter sido os irmãos ou irmãs mais velhos destes dois miúdos. Se desejar, chame a isso uma espécie de ato de equilíbrio transcendental.

— Eu chamo a isso loucura — retorquiu Alan.

— Na verdade, eu também — riu-se Stark. — Mas foi isso que aconteceu. A palavra transformou-se em matéria, se assim se pode dizer. Como é que isso sucedeu, não interessa muito. O que interessa é que estou aqui.

"Estás enganado", pensou Alan. "Como é que isso aconteceu pode ser tudo aquilo que REALMENTE interessa. Se não para ti, pelo menos para nós... porque pode ser só isso o que nos irá salvar."

— Uma vez as coisas chegadas a um determinado ponto, criei-me a mim próprio — prosseguiu Stark. — E, na verdade, não é assim tão surpreendente que

tenha andado a ter problemas com a minha escrita, pois não? É preciso muita energia para uma pessoa se criar a si própria. Não é todo o dia que acontece este tipo de coisa, não acha?

— Deus te ouça — retorquiu Liz.

Se aquela não foi uma "boca" direta, esteve lá muito perto. A cabeça de Stark cruzou o ar em direção a ela, com a rapidez de uma cobra a atacar. Desta vez, o aborrecimento parecia ser mais do que apenas uma pequena ruga.

— Penso que é melhor manteres esse teu biquinho calado, Beth — ordenou Stark com suavidade — porque ainda és capaz de meteres em sarilhos uma pessoa que não pode falar por ela. Ou por ele.

Liz baixou os olhos para a panela que se encontrava ao lume. Alan teve a impressão que ela empalidecera.

— Importa-se de os trazer até aqui, Alan? — pediu ela serenamente. — Isto já está pronto.

Liz pôs Wendy ao colo para lhe dar de comer e Alan pós William ao seu colo. Era incrível a rapidez com que a técnica vinha de novo à cabeça, pensou ele, enquanto alimentava o rapazinho rechonchudo. Enfia a colher na boquinha, inclina-a e depois da aquela passagem, rápida mas suave, do queixo ao lábio inferior, para evitar o mais possível pingos e salpicos. Will não cessava de tentar agarrar na colher, achando, ao que parecia, que já era suficientemente adulto e que já tinha bastante experiência para guiar a colher sozinho, sem ajuda, muito obrigado. Alan desencorajou-o com cuidado e, pouco tempo depois, o rapaz lá acalmou e dedicou-se a comer a sério.

— O fato é que o posso usar — contou-lhe Stark, encostado ao balcão da cozinha e subindo e descendo, de modo ocioso, à mira da pistola diante do colete acolchoado, fazendo um ruído áspero e sussurrante. — Foi a polícia estadual que o chamou, que lhe pediu para vir até aqui e verificar a casa? É por isso que está aqui?

Alan pesou os prós e os contras de mentir e decidiu que seria mais seguro dizer a verdade, basicamente porque não tinha quaisquer dúvidas de que este homem — se é que ele era um homem — tinha um detector de mentiras incorporado muito eficaz.

— Não propriamente — respondeu, contando a Stark a chamada feita por Fuzzy Martin.

Antes mesmo de ter terminado, Stark estava já a acenar a cabeça.

— Bem me pareceu ter visto um reflexo na janela daquela quinta — disse, soltando um riso abafado. A boa disposição parecia estar totalmente restabelecida. — Bem, bem! As pessoas do campo não conseguem deixar de ser um pouco bisbilhoteiras, pois não, xerife Alan? Tem tão pouco para fazer que até seria de admirar se não fossem bisbilhoteiras! Então, que foi que fez quando desligou o telefone?

Também isto Alan lhe contou e, desta vez, também não lhe mentiu porque tinha a certeza que Stark sabia o que ele fizera: o simples fato de estar aqui sozinho respondia à maioria das perguntas. Alan pensou que aquilo que Stark queria de fato saber era se ele seria suficientemente estúpido para tentar dizer uma mentira. Quando terminou, Stark retorquiu:

— Ora muito bem. Isto aumenta as possibilidades de sobreviver para lutar durante mais um dia antes de ir parar ao Inferno, xerife Alan. Agora, preste muita atenção porque vou dizer-lhe aquilo que iremos fazer mal estes bebês acabem de comer.

— Tem a certeza que sabe o que tem a dizer? – inquiriu Stark de novo. Estavam os dois postados junto ao telefone no átrio de entrada, o único telefone que ainda funcionava naquela casa.

— Sim.

— E não vai tentar enviar nenhuma mensagenzinha secreta à sua telefonista?

— Não.

— Ótimo — exclamou Stark. — Isso é ótimo porque esta seria uma altura péssima para esquecer que é um adulto e começar a brincar aos polícias e ladrões. alguém iria certamente ficar magoado.

— Gostaria que deixasse de fazer essas ameaças por alguns minutos.

O esgar de Stark aumentou e transformou-se em algo esplendorosamente pestilento.

Stark levara William com ele para garantir a continuação do bom comportamento de Liz e, agora, fazia cócegas debaixo de um dos braços do bebê.

— É-me totalmente impossível fazer isso — disse. – Um homem que vai contra a sua natureza acaba por ficar com prisão de ventre, xerife Alan.

O telefone encontrava-se sobre uma mesa junto a uma janela ampla. ao pegar no auscultador, Alan varreu com o olhar a encosta coberta de bosques para lá da alameda de entrada em busca de pardais. Não havia nenhum a vista. Ainda não, pelo menos.

— De que é que estás à procura, velha carcaça?

— Hem? — Alan olhou de relance para Stark. Inexpressivos, os olhos deste fixavam-no a partir das cavidades em decomposição.

— Ouviste o que eu disse. — Stark meneou a cabeça em direção à entrada da casa e ao Toronado. — Não estavas a olhar por essa janela como um homem costuma fazer apenas porque tem uma janela para olhar. Estás com o rosto de um homem que espera ver alguma coisa. Quero saber o que e.

Alan sentiu um frio arrepio de terror descer pelas costas abaixo.

— Thad — ouviu-se a si próprio dizer com serenidade. — Tal como você, estou a ver se consigo ver algum sinal de Thad. Ele deve estar prestes a chegar.

— Espero bem que essa seja toda a verdade, não acha? — perguntou-lhe Stark, erguendo William um pouco mais alto. Lentamente, Stark começou a rolar o cano da pistola para cima e para baixo, na zona agradavelmente rechonchuda entre o tórax e o abdômen de William, fazendo-lhe cócegas. William soltou umas risadinhas e bateu ao de leve numa das faces em decomposição de Stark, como a querer dizer "Pára com isso, estás a brincar... mas ainda não, porque isto até que é engraçado."

— Penso que sim — retorquiu Alan, engolindo em seco.

Stark deslizou suavemente a boca da pistola até ao queixo de William e, aí, fez cócegas na pequena papada do bebê, que desatou a rir-se.

"Se Liz dobrar a esquina e vir o que ele está a fazer, enlouquece", pensou Alan calmamente.

— Tem a certeza que me contou tudo, xerife Alan? Não está a esconder-me nada, ou está?

— Não — respondeu Alan. "Apenas os pardais no bosque em redor da casa dos William." — Não estou a esconder nada.

— Muito bem. Acredito em si. Pelo menos para já. Faça lá agora o que tem a fazer.

Alan marcou o número de telefone do gabinete do xerife do Município de Castel.

Stark aproximou-se dele – tão próximo que o odor deu a Alan a impressão que ia morrer sufocado — e pôs-se à escuta.

Ao primeiro toque, o telefone foi atendido por Sheila Brigham.

— Está, Sheila, daqui Alan. Estou aqui em Castle Lake. Tentei contatar através do rádio mas sabes como é que as transmissões são aqui em baixo.

— Inexistentes — respondeu ela, e riu-se.

Stark sorriu.

Quando desapareceram de vista após dobrar a esquina, Liz abriu a gaveta sob a bancada da cozinha e tirou a maior faca que lá estava. Olhou de soslaio para o canto, sabendo que, a qualquer instante, Stark podia meter a cabeça na porta para ver o que ela andava a fazer. Mas, até agora, não tinha havido problemas. Liz conseguia ouvi-los falar. Stark estava a dizer algo sobre o modo como Alan olhara pela janela.

"Tenho de fazer isto", pensou ela, "e tenho de fazer isto por mim mesma. Ele não tira os olhos de Alan e, mesmo que eu conseguisse dizer alguma coisa a Thad, isso só iria piorar as coisas... porque ele tem acesso à mente de Thad."

Segurando Wendy na curva do braço, Liz descalçou os sapatos e, com passos rápidos e descalça, dirigiu-se para a sala de estar. Aqui, havia um sofá, disposto de forma a que quem se sentasse nele pudesse ter uma vista para o lago. Liz esgueirou a faca por debaixo do folho... mas não para muito fundo. Se ela aqui se sentasse, estaria ao seu alcance.

E se eles se sentassem juntos, ela e o matreiro George Stark, também ele estaria ao seu alcance.

"Talvez o consiga levar a fazer isso", pensou ela, correndo de novo de volta para a cozinha. "Sim, talvez consiga. Ele sente-se atraído por mim. E isso é horrível... mas não demasiado horrível para ser usado."

Liz entrou na cozinha, na expectativa de ver Stark, à sua espera, a lançar-lhe aquele sorriso horrível e esboroado, com os dentes reluzentes que ainda sobravam. Mas a cozinha estava vazia, e ela podia ainda ouvir Alan ao telefone, no vestíbulo. Conseguia imaginar Stark postado mesmo junto a ele, a escutá-lo. Portanto, estava tudo bem. Liz pensou: "Com um pouco de sorte, George Stark estar morto quando Thad aqui chegar."

Ela não queria que os dois se encontrassem. Apesar de não entender todas as razões que a levavam a querer evitar, tão desesperadamente, que isso acontecesse, pelo menos uma delas ela entendia: Liz temia que a colaboração pudesse vir realmente a funcionar e temia ainda mais saber quais seriam os frutos desse êxito.

No fundo, apenas um deles poderia levar a melhor sobre as naturezas duplas de Thad Beaumont e de George Stark. Apenas um ser físico poderia sobreviver a uma divisão tão primitiva. Se Thad pudesse dar a Stark o empurrão de que este precisava, se Stark começasse a escrever sozinho, todas as suas feridas e chagas começariam a desaparecer?

Liz acreditava que sim. Liz acreditava que Stark pudesse mesmo tomar para si o rosto e a forma do seu marido.

E, depois disso, quanto tempo é que levaria (partindo do principio que Stark os deixaria vivos e que se pusesse em fuga) até as primeiras feridas começarem a surgir no rosto de Thad?

Liz estava convencida que não iriam demorar muito tempo. E tinha sérias dúvidas de que Stark estivesse interessado em impedir que, primeiro, Thad se decompusesse e, por fim, apodrecesse e desaparecesse para sempre, juntamente com todos os seus pensamentos felizes.

Ela tornou a calçar os sapatos e começou a arrumar os restos do jantar adiantado dos gêmeos. "Seu grande filho da mãe", pensou ela, primeiro a limpar o balcão e depois a começar a encher o lava-louças com água quente. "TU é que és o pseudônimo, TU é que és o intruso, e não o meu marido." Liz esguichou detergente para dentro do lava-louças e, de seguida, foi até a porta da sala de estar para dar uma vista de olhos a Wendy. Esta estava a gatinhar pelo chão da sala de estar, provavelmente à procura do irmão. Por detrás das portas de vidro

corrediças, o sol do final de tarde lançava uma brilhante faixa dourada sobre a água azul de Castle Lake.

"Tu não pertences aqui. És uma abominação, uma ofensa à vista e à mente." Liz olhou para o sofá com a afiada faca comprida enfiada debaixo dele, bastante à mão.

"Mas eu posso corrigir isso. E se Deus deixar levar a minha avante, CORRIGIREI ISSO."

Apesar de o cheiro de Stark estar mesmo a fazer-lhe confusão — dava-lhe a sensação de que iria sufocar a qualquer momento — Alan tentou não deixar transparecer nada na voz.

— Sheila, o Norris Ridgewick já voltou?

A seu lado, Stark começara a fazer de novo cócegas a William com a 45.

— Ainda não, Alan. Lamento.

— Quando ele aparecer, diz-lhe para ficar a tomar conta. Até lá, Clut continua encarregue.

— O turno dele...

— Sim, eu sei que o turno dele já acabou. A câmara vai ter de pagar horas extraordinárias e o Keeton não me vai largar por causa disso, mas que posso fazer?

Estou para aqui preso, com um rádio estragado e um carro que começa a deitar fumo sempre que acelero um bocadinho mais. Estou a telefonar da casa dos Beaumont. A polícia estadual quis que eu viesse até aqui para dar uma espreitadela mas não valeu de nada.

— Tenho muita pena. Quer que passe a palavra a alguém? A Polícia Estadual?

Alan olhou para Stark, que parecia estar totalmente absorvido a fazer cócegas ao rapazinho sinuoso e alegre aninhado nos seus braços. Perante o olhar de Alan, Stark acenou a cabeça de forma ausente.

— Sim. Telefona para a esquadra de Oxford por mim. Estou a pensar em ir agora mordiscar alguma coisa naquela casa de frangos e, depois, voltar aqui mais uma vez para dar uma nova olhadela. Isto se conseguir pôr o carro a andar. Caso contrário, talvez vá ver o que é que os Beaumont têm guardado na despensa deles. Anotas aí uma coisa por mim, Sheila?

Apesar de não ter olhado, Alan sentiu que Stark se aproximava ligeiramente mais dele. A boca da pistola parou, ficando a apontar para o umbigo de William. Alan sentiu gotas de transpiração lentas e frias escorrerem pelas costas abaixo.

— Claro, Alan.

— É suposto este tipo ser bastante criativo. Penso que devia ter encontrado um sítio melhor do que o capacho de entrada para esconder a chave sobressalente.

Sheila Brigham riu.

— Já está.

A seu lado, a boca da 45 começou a mexer-se de novo e William começou a rir de novo. Alan descontraiu-se um pouco.

— É com o Henry Payton que devo falar, Alan?

— Sim, sim. Ou, se o Henry lá não estiver, com o Danny Eamons.

— Okay!

— Obrigado, Sheila. Mais burocracia, e só isso. Toma cuidado contigo.

— O Alan também.

Com delicadeza, Alan desligou o telefone e virou-se para Stark.

— Tudo bem?

— Tudo muito bem mesmo — respondeu Stark. – Gostei especialmente daquela parte da chave debaixo do capacho de entrada. Acrescentou aquele toque final que dá um sabor especial.

— É mesmo idiota — retorquiu Alan. Nestas circunstâncias, não era uma coisa muito sensata para se dizer mas a sua própria raiva surpreendeu-o.

Também Stark o surpreendeu. Riu-se.

— Ninguém gosta muito de mim, pois não, xerife Alan?

— Não — respondeu.

— Ora, não há problema. Gosto o suficiente de mim para compensar por todos os outros. Nesse aspecto, sou o tipo de homem verdadeiramente moderno. O importante é que acho que está tudo bem por aqui. Acho que vai tudo correr bem. — Stark enredou uma mão em redor do fio do telefone e arrancou-o da ficha da parede.

— Creio que sim — acrescentou Alan, questionando-se.

Era mais sutil, muito mais sutil do que Stark, que provavelmente

acreditava que todos os polícias a norte de Portland não passavam de um punhado de tipos dorminhocos do gênero do Recruta Zero, parecia compreender. Dan Eamons, em Oxford, talvez deixasse passar, a não ser que alguém de Orona ou Augusta acendesse uma fogueira debaixo dele. Mas o Henry Payton? Alan não tinha assim tanta certeza de que o Henry caísse na história de que ele fora dar uma olhadela rápida e fortuita à procura do assassino de Homer Gamache antes de dar meia volta e ir comer um frango à Casa dos Frangos. Henry iria desconfiar de alguma coisa.

Ao observar Stark a fazer cócegas ao bebê com a boca da 45, Alan interrogou-se sobre se quereria que isso acontecesse ou não, acabando por concluir que não.

— E agora? — perguntou ele a Stark.

Este suspirou fundo e olhou para fora, para os bosques banhados pelo sol, com um deleite claro no olhar.

— Vamos perguntar a Bethie se ela não nos pode arranjar um jantarzinho. Estou esfomeado. A vida no campo é maravilhosa, não e, xerife Alan? Caramba!

— Penso que sim — replicou Alan, que começou a dirigir-se para trás em direção à cozinha, sendo agarrado por Stark com uma só mão.

— Aquela piada sobre o fumo do carro — disse. – Não tinha nenhum significado especial, pois não?

— Não — respondeu Alan. — É apenas mais um caso de... como é que chamou? O toque final que dá o sabor especial. No último ano, diversos dos nossos veículos tiveram problemas com o carburador.

— É melhor que isso seja mesmo a verdade – disse Stark, fitando Alan com os seus olhos mortos. Uma espessa camada de pus gotejava dos cantos interiores, escorrendo pelos lados do nariz a descamar como lágrimas pegajosas de crocodilo. — Seria uma pena ter de magoar um destes miúdos porque o xerife não conseguiu deixar de se armar em engraçadinho. Thad não dará nem metade

do rendimento se descobrir que tive de rebentar com um dos filhos dele para manter o xerife na linha. — Stark sorriu e apertou a boca da 45 contra a axila de William. Este riu-se e contorceu-se. — Ele é amoroso como um gatinho acabado de nascer, não é?

Alan engoliu em seco, em redor daquilo que lhe pareceu ser uma grande bola de cotão presa na garganta.

— Meu caro, ao fazer isso põe nervoso como tudo.

— Siga em frente e continue nervoso — ordenou Stark, sorrindo para ele. — Eu sou aquele gênero de pessoa ao lado de quem um homem quer continuar nervoso. Vamos comer, xerife Alan. Está-me cá a parecer que este aqui está a sentir-se sozinho sem a irmã.

No microondas, Liz aqueceu uma tigela de sopa para Stark. Começou por lhe oferecer um jantar frio, mas Stark abanou a cabeça, a sorrir, levando de seguida a mão à boca, onde arrancou um dente. Ele caiu da gengiva com uma facilidade apodrecida.

Ao deitar o dente no cesto dos papéis, Liz virou a cara comprimindo ligeiramente os lábios um contra o outro, num rosto que era uma máscara tensa de nojo.

— Não te preocupes — disse ele serenamente. – Daqui a pouco estarão ótimos. Daqui a pouco, ficará tudo ótimo. O papá deve estar a chegar a qualquer momento.

Stark estava ainda a tomar a sopa quando, dez minutos mais tarde, Thad, sentado atrás do volante do VW de Rawlie, estacionou o carro.

VINTE E CINCO - A MÁQ UINA DE AÇO

A casa de Verão dos Beaumont estava situada em Lake Lane, a um quilômetro e meio da Estrada 5. Todavia, Thad parou o carro a menos de um décimo desse quilômetro, arregalando os olhos de incredulidade. Havia pardais por todo o lado.

Todos os ramos estavam cobertos por pardais empoleirados. O mundo que ele via era grotesco e alucinante: era como se esta região do Maine tivesse germinado penas. A estrada que se estirava à sua frente desaparecera totalmente. Onde em tempos existira, via-se um caminho feito de pardais silenciosos e aos empurrões entre as árvores sobrecarregadas.

Algures, um ramo estalou. O único outro som audível era o VW de Rawlie. Quando Thad iniciara a sua corrida em direção ao oeste, o amortecedor estava em muito mau estado, agora parecia nem sequer executar qualquer tipo de função. O motor roncou e arfou, dando algumas explosões pelo tubo de escape. Ora, este som deveria bastar para levar o bando monstruoso a levantar vôo de imediato. No entanto, os pássaros não se mexeram.

O bando começava a espraiar-se a menos de quatro metros do local onde Thad parara o VW e regulara a alavanca das mudanças para ponto morto. Havia uma linha de demarcação tão nítida que podia muito bem ter sido marcada com uma régua.

“Há anos que ninguém vê um bando de pássaros como este”, pensou ele. “Não desde o extermínio dos pombos passageiros no final do século passado... e mesmo nessa altura, tenho cá as minhas dúvidas. Parece que saíram de uma das histórias de Daphne du Maurier.”

Um pardal esvoaçou até ao capot do VW, parecendo estar a observá-lo. Thad sentiu uma curiosidade assustadora e fria nos olhinhos pretos do pássaro.

“Até onde irão eles?” perguntou. “Até a casa? Nesse caso, George já os

viu... e vai ser o cabo dos trabalhos, se é que ainda não foi. E mesmo que não vão até tão longe, como é que vou conseguir lá chegar? Eles não estão apenas na estrada. Eles são a estrada.”

Claro que, como é evidente, também para essa pergunta ele conhecia a resposta. Se queria chegar a casa, Thad teria de passar com o carro por cima deles.

“Não”, replicou a voz dele, praticamente num lamento. “Não, tu não podes fazer isso.” A imaginação de Thad evocou imagens horríveis: os sons do esmagamento e despedaçamento de milhares de corpos minúsculos, os esguichos de sangue a espirrarem por debaixo das rodas, os grupos empapados de penas presas juntamente com os pneus.

— Mas é isso que vou ter de fazer — sussurrou ele. — Vou ter de fazer porque tenho de fazê-lo. — Um sorriso trêmulo começou a congelar o seu rosto num esgar de concentração feroz e semidemente. Naquele momento, Thad assemelhava-se peculiarmente a George Stark. Thad puxou a alavanca das mudanças para a primeira e começou a cantarolar baixinho John Wesley Harding. O VW de Rawlie moveu-se com barulho, quase foi abaixo e, de seguida, depois de três explosões ruidosas do tubo de escape, começou a rodar para a frente.

O pardal pousado no capot voou e Thad susteve a respiração, esperando que todos eles levantassem vôo, tal como faziam nas visões dos estados de transe: uma grande nuvem escura a subir para o céu, acompanhada por um som semelhante a um furacão numa garrafinha.

Em vez disso, a superfície da estrada diante da ponta do VW começou a contorcer-se e a mexer-se. Os pardais — pelo menos alguns entre eles — estavam a retroceder, revelando duas faixas nuas... faixas que condiziam exatamente com o trilho feito pelos pneus do VW.

— Meu Deus — sussurrou Thad.

De um momento para o outro, via-se no meio deles. Repentinamente, passou do mundo que sempre conhecera para um mundo que lhe era estranho,

povoado apenas por estas sentinelas que guardavam a fronteira entre a terra dos vivos e a dos mortos.

“Que é onde estou agora”, pensou ele ao conduzir lentamente ao longo dos dois trilhos idênticos que os pássaros lhe concediam. “Estou na terra dos mortos-vivos e que Deus me ajude.”

O caminho continuou a abrir-se diante de si. Thad tinha sempre cerca de quatro metros de caminho a percorrer sem obstáculos e, depois de coberta essa distância, outros quatro metros abriam-se diante dele. Apesar de a parte inferior da carroçaria do VW passar por cima de pardais que estavam juntos entre os trilhos das rodas, Thad não tinha a sensação de os estar a matar, pelo menos, através do espelho retrovisor, não via quaisquer pássaros mortos no caminho já percorrido. Mas era difícil ter a certeza absoluta porque, atrás de si, os pardais iam fechando o caminho, refazendo aquele tapete plano e plúmeo.

Thad conseguia sentir-lhes o cheiro — um cheiro leve e esfarelento que parecia cair sobre o peito como uma nuvem de pó de ossos. Uma vez, quando rapazinho, Thad enfiara o nariz num saco de chumbinhos para coelho e inalara profundamente. O cheiro de então era semelhante a este. Não era nauseabundo, mas sim intenso. E era estranho.

Thad começou a ficar perturbado pela idéia de que esta grande massa de pássaros estivesse a roubar todo o oxigênio existente no ar, de que sufocaria antes de chegar onde queria.

Foi então que começou a ouvir, ao de leve, uns sons tac-tac-tac vindos de cima. Thad imaginou os pardais empoleirados no tejadilho do VW a comunicarem de alguma forma com os seus companheiros, a guiarem-nos, a dizerem-lhes para se afastarem e deixarem espaço para os trilhos das rodas, a dizerem-lhes que não havia problema em irem para trás.

Após chegar ao cume da primeira colina em Lake Drive, Thad olhou para o vale de pardais em baixo: pardais por todo o lado, pardais a cobrirem todos os objetos e a revestirem todas as árvores, transformando a paisagem num pesadelo saído de um mundo de pássaros. Tudo isto excedia a sua capacidade de imaginação, bem como a sua capacidade de compreensão.

Thad sentiu que estava prestes a desmaiar e deu uma bofetada na própria face com violência. Comparado com o ronco dissonante do motor do VW, tratou-se de um som ligeiro — spat! — mas Thad viu uma grande onda varrer a extensão dos pássaros amontoados... uma ondulação semelhante a um arrepio.

"Não consigo ir até lá. Não consigo."

"Tens de ir. Tu és aquele que sabe. Tu és aquele que traz. Tu es aquele que possui."

E, alem disso, para onde mais é que poderia ir? Lembrou-se de Rawlie a dizer-lhe: "Tem muito cuidado, Thaddeus. Nenhum homem controla os agentes da vida depois da morte. Não por muito tempo." Suponhamos que ele fizesse marcha atrás e voltasse para a Estrada 5? Os pássaros haviam aberto um caminho diante dele... mas Thad tinha a certeza que não abririam nenhum por detrás dele. Ele acreditava que, neste momento, as conseqüências de tentar mudar de idéias seriam impensáveis.

Thad começou a deslizar lentamente pela colina abaixo... e os pardais abriram um caminho diante de si.

Nunca se recordou com precisão do resto da viagem. Depois de terminada, a mente de Thad correu um cortinado misericordioso sobre ela. Lembrava-se de pensar vezes e vezes sem conta: "Pelo amor de Deus, eles são apenas PARDAIS... não são nem tigres, nem crocodilos, nem piranhas... são apenas PARDAIS!"

E isso era totalmente verdade, mas, ao ver tantos de uma só vez, ao vê-los por todo o lado, amontoados em todos os ramos e acotovelando-se por um lugar em todos os troncos caídos por terra... isso transtornava o espírito de qualquer um. Isso feria o espírito de qualquer um.

Ao aproximar-se da curva apertada em Lake Lane, a cerca de novecentos metros para dentro, a escola Meadow surgia à esquerda... só que não estava lá. A escola Meadow desaparecera. A escola Meadow estava coberta de pardais negros.

Feria o espírito de qualquer um. .

“Quantos? Quantos milhões? Ou seriam milhares de milhões?”

No bosque, um outro ramo estalou e cedeu, caindo com um som semelhante a um relâmpago distante. Thad passou diante da casa dos William. No entanto, a estrutura em T não passava de uma protuberância felpuda debaixo do peso dos pássaros. Thad não imaginou que o carro-patrulha de Alan Pangborn estivesse estacionado na entrada dos William, só lhe era dado ver uma colina plúmea.

Passou a casa dos Saddler. A casa dos Massenburg. A casa dos Payne. De outros que não conhecia ou de quem não se lembrava. E de seguida, ainda a quatrocentos metros da sua casa, os pássaros paravam. Havia um ponto onde o mundo inteiro era composto por pardais. A quinze centímetros de distância desse ponto, não se via nem um único. Mais uma vez, parecia que alguém tinha marcado, com uma régua, uma linha ao longo da estrada. Os pássaros saltaram e esvoaçaram para os lados, revelando trilhos de rodas que agora davam para o caminho nu e sujo de Lake Lane.

Thad guiou até ao descampado, estacou subitamente o carro, abriu a porta e vomitou para o chão. Gemeu e, com o braço, limpou o suor que caía da testa. Diante de si, conseguia ver mato de ambos os lados e reflexos de um azul-claro da luz proveniente do lago à sua esquerda.

Olhou para trás de si e viu um mundo negro, silencioso e expectante.

“Os psicopompos”, pensou ele. “Que Deus me ajude se isto correr mal, se, de alguma forma, ele conseguir controlar estes pardais. Que Deus nos ajude a todos.”

Thad fechou a porta com força e fechou os olhos.

“Thad, tens de dominar-te. Não passaste por tudo isto para, agora, deitar tudo a perder. Domina-te. Esquece os pardais.” – “Não consigo esquecê-los!”, lamentava-se uma parte do seu espírito, num tom apavorado, sentido e vacilante,

a beira da loucura.

“Não consigo. Não CONSIGO!”

Mas ele podia. e iria. Os pardais estavam à espera. Também ele esperaria. Esperaria até a chegada do momento exato. Confiaria em si próprio para saber quando é que esse momento chegará. Se não conseguisse esperar por ele próprio, que o fizesse por Liz e pelos gêmeos.

“Finge que é uma história. Apenas uma história que estás a escrever. Uma história sem quaisquer pássaros.”

— Muito bem — murmurou. — Muito bem, vou tentar.

Thad pôs de novo o carro em movimento. Nessa altura, começou a cantar baixinho John Wesley Harding.

Thad parou o VW — este estancou com uma última explosão triunfante do tubo de escape — e, lentamente, saiu de dentro do carro pequeno. Thad esticou-se. George Stark saiu da porta, desta vez a segurar em Wendy, e avançou para o alpendre, de frente para Thad. Também Stark se esticou.

Liz, postada ao lado de Alan, sentiu um grito a crescer, não na garganta, mas por detrás da testa. Tudo o que desejava fazer era desviar o olhar dos dois homens, mas verificou que não conseguia fazer isso.

Vê-los era como observar um homem a fazer exercícios de alongamento num espelho.

Não eram nada parecidos um com o outro – mesmo depois de a decadência acelerada de Stark ser subtraída do quadro. Thad era franzino e moreno, Stark de ombros largos e claro, apesar do bronzeado (o pouco que ainda restava dele). No entanto, apesar de tudo, eram imagens refletidas um do outro.

A semelhança era peculiarmente precisa porque não havia nada que um olhar aterrorizado e desaprovador pudesse apontar. Tratava-se de algo sub rosa, enterrado bem no fundo entre as linhas, mas tão real que dava arrepios: aquele tique de cruzar os pés enquanto se esticavam, de abrirem os dedos das mãos e mantê-los rijos ao lado de cada coxa, a rugazinha apertada dos olhos.

Os dois descontraíram-se exatamente ao mesmo tempo.

— Olá, Thad. — Stark parecia quase tímido.

— Olá, George — respondeu Thad de modo inexpressivo. – A família?

— Ótima, obrigado. Vamos pôr mãos à obra? Estás preparado?

— Sim.

Por detrás deles, na direção da Estrada 5, um ramo partiu-se. Os olhos de Stark saltaram nessa mesma direção.

— Que foi aquilo?

— O ramo de uma árvore — replicou Thad. — há cerca de quatro anos atrás, houve um tornado por aqui, George. A madeira morta ainda está a cair. Tu sabes isso.

Stark acenou a cabeça.

— Como é que estás, velha carcaça?

— Estou bem.

— Estas com um ar um pouco adoentado. — Os olhos de Stark dardejavam o rosto de Thad, este conseguia senti-los a tentarem espreitar os pensamentos escondidos por detrás do rosto.

— Tu também não estas nos teus melhores dias.

Stark riu-se com isto, embora não houvesse qualquer tom de boa disposição na sua gargalhada.

— Parece que não.

— Vais deixá-los em paz? — perguntou Thad. — Se eu fizer aquilo que tu queres, vais mesmo deixá-los em paz?

— Sim

— Dá-me a tua palavra.

— Muito bem — disse Stark. — Tens a minha palavra. A palavra de um sulista, que não é uma coisa que se dê do pé para a mão. — A sua pronuncia falsa, quase burlesca, de pacóvio do sul desaparecera por completo. Stark falava com uma dignidade simples e aterrorizante. Os dois homens olhavam um para o outro à luz do sol do final da tarde, tão cintilante que parecia irreal.

— Muito bem — disse Thad após um longo momento, pensando: "Ele não sabe. Ele não sabe mesmo. Os pardais... estão ainda a esconder-se dele. Esse é o meu segredo." – Muito bem, vamos lá então.

Enquanto os dois homens se encontravam à porta, Liz apercebeu-se de que tinha tido uma oportunidade perfeita para contar a Alan que colocara uma faca debaixo do sofá... e que a tinha deixado passar. Ou será que realmente a tivera?

Liz virou-se para ele e, nesse momento, Thad chamou-a.

— Liz?

A voz estava severa. Continha um tom de ordem que ele raramente utilizava, dando praticamente a impressão de que sabia o que é que ela andava a preparar... e não queria que o fizesse. Isso era impossível, está claro. Ou não? Liz não sabia. Nesta altura, ela não tinha a certeza de mais nada.

Liz olhou para ele e viu Stark passar o bebê para as mãos de Thad, que a segurou com força contra si. Wendy pôs os braços em redor do pescoço do pai, com tanta intimidade como os tinha colocado em redor do pescoço de Stark.

“Agora!”, gritava a mente de Liz. “Diz-lhe agora! Diz-lhe para fugir! Agora que temos os gêmeos!”

Contudo, como era evidente, Stark tinha uma arma e Liz estava convencida que nenhum dos dois era suficientemente rápido para conseguir escapar a uma bala. E ela conhecia Thad muito bem, embora nunca o fosse dizer em voz alta, ocorreu-lhe subitamente que ele poderia muito bem tropeçar nos próprios pés.

Nesta altura, Thad já se encontrava muito próximo dela e Liz nem podia fingir que não percebia a mensagem que bailava nos olhos dele.

“Deixa lá, Liz”, diziam eles. “Agora é a minha vez de jogar.”

De seguida, colocou o braço livre à volta dela e toda a família pareceu ficar unida num abraço desajeitado, mas ardente, a quatro braços.

— Liz — disse Thad, beijando os seus lábios frios. — Liz, Liz, desculpa-me, desculpa-me por tudo isto. Nunca quis que nada disto acontecesse. Não sabia. Sempre pensei que fosse... inofensivo. Uma piada.

Liz abraçou-o com força, beijou-o e deixou que os lábios dele aquecessem os dela.

— Está tudo bem — replicou. — Vai ficar tudo bem, não vai Thad?

— Sim — respondeu ele, afastando-se dela de forma a poder olhar-lhe nos olhos. — Vai ficar tudo bem. – Depois de a beijar de novo, Thad dirigiu o olhar para Alan:

— Olá, Alan — disse, esboçando um ligeiro sorriso. — Mudou de opinião quanto a alguma coisa?

— Sim. Quanto a bastante coisa. Hoje, falei com um velho conhecido seu. — Olhou para Stark. — e seu também.

Stark arqueou aquilo que ainda sobrava das suas sobrancelhas.

— Não sabia que eu e Thad tínhamos amigos em comum, xerife Alan.

— Ah sim, você teve uma relação muito íntima com este tipo — replicou Alan. — Na verdade, ele já chegou a matá-lo uma vez.

— De que é que está a falar? — perguntou Thad bruscamente.

— Foi com o doutor Pritchard que eu falei. Ele lembra-se muito bem de vocês os dois. Sabe, foi um gênero de operação bastante invulgar. Aquilo que ele tirou de dentro da cabeça de Thad foi ele. — Alan acenou com a cabeça em direção a Stark.

— De que é que está a falar? — perguntou Liz, tendo a voz ido abaixo na última palavra.

Assim, Alan contou-lhes aquilo que Pritchard lhe dissera... mas, no último momento, omitiu a parte sobre os pardais que bombardearam o hospital. Fê-lo porque Thad nada dissera sobre os pardais... e Thad tivera de guiar pela casa dos William para chegar aqui.

Ora, esse fato sugeria duas possibilidades: ou que os pardais já se tinham ido embora quando Thad chegara, ou que Thad não queria que Stark soubesse que eles lá estavam.

Alan perscrutou os olhos de Thad. “Alguma coisa está-se a passar por ali. Alguma idéia. Deus queira que seja uma idéia boa.”

Quando Alan terminou, Liz pareceu atordoada. Thad acenava com a cabeça. Stark — que era de quem Alan esperava a reação mais forte de todas — não pareceu ter ficado muito afetado, quer de um modo quer de outro. Divertimento era a única expressão que Alan conseguia ler naquele rosto em decomposição.

— Isso explica muita coisa — disse Thad. — Muito obrigado, Alan.

— Quanto a mim, não explica o raio de uma só coisa! — exclamou Liz de um modo tão esganiçado que os gêmeos começaram a choramingar.

Thad olhou para George Stark.

— És um fantasma — disse. — Um tipo esquisito de fantasma. Estamos todos aqui a olhar para um fantasma. Não é espantoso? Isto não é apenas um incidente psíquico, isto é épico!

— Não me parece que isto tenha alguma importância — replicou Stark sem hesitar. — Conta-lhes a história de William Burroughs, Thad. Recordo-me muito bem dela. Eu estava dentro de ti, está claro... mas estava a escutar.

Liz e Alan olharam de modo interrogativo para Thad.

— Sabes de que é que ele está a falar? — perguntou Liz.

— Claro que sei — respondeu Thad. — Não te esqueças, as duas metades da mesma laranja.

Stark lançou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Os gêmeos pararam de choramingar e riram-se com Stark.

— Essa é boa, velha carcaça! Essa é muito boa!

— Em mil novecentos e oitenta e um estive, ou talvez deva dizer, estivemos, num encontro com Burroughs. Na New School, em Nova Iorque. Durante a altura das perguntas e respostas, um miúdo perguntou a Burroughs se ele acreditava na vida depois da morte. Burroughs disse que sim, ele achava que nós todos estávamos a viver a vida depois da morte.

— E é um homem esperto — disse Stark a sorrir. — Não diz nada de jeito, mas é esperto. Agora, já percebem? Já percebem como nada disto interessa?

“Mas interessa”, pensou Alan, estudando cuidadosamente o rosto de Thad.

“Interessa e muito. O rosto de Thad assim o diz... e os pardais, de que não sabes nada, também assim o dizem.”

Alan suspeitava que o conhecimento de Thad fosse ainda mais perigoso do que ele próprio se apercebia. Mas podia ser apenas aquilo que tinham. Nessa altura, chegou à conclusão de que fizera bem em manter para si só o final da história de Pritchard... mas, ainda assim, sentia-se como um homem à beira de um precipício a tentar fazer malabarismos com demasiadas tochas em chamas.

— Basta de tagarelice, Thad — ordenou Stark.

Thad acenou a cabeça.

— Sim. Já falamos o suficiente. — Thad olhou para Liz e para Alan: — Não quero que nenhum de vocês tente alguma coisa... bem... fora de ordem. Vou fazer aquilo que ele quer que eu faça.

— Thad! Não! Não podes fazer isso!

— Chiu! — pôs um dedo sobre os lábios dela. — Posso e vou fazer. Sem truques, sem efeitos especiais. Foram as palavras no papel que o criaram e são as palavras no papel as únicas coisas que nos vão livrar dele. — Thad empertigou a cabeça em direção a Stark. — Achas que ele sabe se isto vai resultar? Não sabe.

Ele espera que resulte.

— Exatamente — replicou Stark. — A esperança é a última coisa a morrer. — Riu-se. Era um som louco e bizarro, e Alan apercebeu-se de que também Stark estava a fazer malabarismos com tochas a arder à beira de um precipício.

O canto do olho foi atraído por um movimento repentino. Alan virou ligeiramente a cabeça e viu um pardal a pousar no parapeito que dava para a extensão de relva que delimitava a parede ocidental da sala de estar. A ele reuniu-se um segundo e um terceiro. Alan olhou para trás, para Thad, e viu os olhos do escritor mexerem-se ligeiramente. Será que também ele os vira? Alan tinha a impressão que sim. Nesse caso, procedera bem. Thad sabia... mas não queria que Stark soubesse.

— Nós os dois vamos só escrever um pouco e depois despedimo-nos — disse Thad, cujos olhos se deslocaram para o rosto em decomposição de Stark. — É isso que nós vamos fazer, não é, George?!

— Acertaste, amigo.

— Portanto, tens de me dizer — pediu Thad a Liz. – Estás a esconder alguma coisa? Tens alguma coisa na cabeça? Algum plano?

Liz fitou desesperadamente os olhos do marido, sem notar que entre eles os dois William e Wendy estavam de mãos dadas e a olharem um para o outro encantados, como familiares num encontro-surpresa que há muito não se viam.

“Não estás a falar a sério, pois não, Thad?” perguntavam os olhos dela. “É um truque, não é? Um truque para o sossegar, para deitar as suspeitas por terra?”

“Não”, respondeu o olhar cinzento de Thad. “Não quero enganos de espécie alguma. É isto que quero.”

Mas não havia também mais qualquer coisa? Algo tão fundo e tão escondido que, provavelmente, só ela é que conseguiria ver?

"Vou tratar da saúde dele, amor. Já sei a forma de fazê-lo. Vou conseguir."

"Oh, Thad, espero que não estejas enganado."

— Há uma faca debaixo do sofá — disse ela lentamente, a olhar para o rosto dele. — Trouxe-a da cozinha enquanto Alan e... e ele... estavam no vestíbulo, a utilizar o telefone.

— Pelo amor de Deus, Liz! — quase gritou Alan, fazendo os bebês saltar. De fato, Alan não estava assim tão aborrecido como esperava ter soado. Chegara à conclusão que se tudo isto tinha de acabar de uma forma que não fosse sinônimo de terror total para todos eles, então teria de ser Thad a levar isso a cabo. Fora ele que criara Stark. Teria de ser ele a destruir Stark.

Liz virou o olhar na direção de Stark e viu aquele sorriso odioso a bailar naquilo que ainda restava do seu rosto.

— Eu sei o que é que estou a fazer — disse Thad.

— Confie em mim, Alan. Liz, vai buscar a faca e deita-a lá para fora, na varanda.

"Tenho um papel a desempenhar aqui", pensou Alan. "É um papel pequeno, mas lembra-te do que o tipo costumava dizer nas aulas de teatro do colégio: não há papéis pequenos mas apenas atores pequenos."

— Estás à espera que ele nos deixe ir embora assim sem mais nem menos? — perguntou Alan de modo incrédulo. — Que desapareça de cena, colina afora, com a cauda a abanar como o cordeirinho da Mary? Não deves estar bom da cabeça.

— Claro, não estou bom da cabeça — respondeu Thad, lançando uma gargalhada, peculiarmente parecida ao som produzido por Stark: a gargalhada de um homem que está a dançar à beira da inconsciência. — Ele existe e ele veio de mim, não foi? Como um diabo reles, criado a partir da sobrancelha de um

Zeus de terceira categoria. Mas eu sei como as coisas tem de se passar. — Virou-se e, pela primeira vez, fitou Alan de forma séria e intensa: — Eu sei como as coisas tem de se passar — repetiu lentamente e dando uma grande ênfase. — Vai à frente, Liz.

Alan soltou um som de desagrado e repugnância e virou-se de costas, como que a distanciar-se de todos os outros.

Sentindo-se como uma mulher num sonho, Liz atravessou a sala de estar e tirou a faca de debaixo do sofá.

— Tem cuidado com essa coisa — disse Stark, soando muito alerta e muito sério. — Se os teus filhos pudessem falar, diriam exatamente o mesmo.

Liz olhou à sua volta, afastou o cabelo do rosto e viu que ele estava a apontar a pistola a Thad e William.

— Eu estou a ser muito cuidadosa! — exclamou numa voz trêmula e fria, à beira das lágrimas. Liz fez deslizar a porta de vidro na parede para trás, sobre as calhas, e saiu para fora, para a varanda. Agora, podia ver-se cerca de meia dúzia de pardais empoleirados na balaustrada. Quando Liz se aproximou da balaustrada e da encosta íngreme para lá da varanda, os pardais afastaram-se para os lados em grupos de três, embora não tivessem levantado vôo.

Alan viu que, por um instante, ela estacou, ficando a observá-los, com o cabo da faca preso entre os dedos e a ponta da lâmina a apontar para baixo, para a varanda, como um fio-de-prumo. Alan olhou de soslaio para Thad e viu que este estava a olhar para Liz de forma tensa. Por ultimo, olhou de soslaio para Stark. Este observava cuidadosamente Liz, mas o seu rosto não apresentava nenhum olhar de surpresa ou suspeita. De súbito, um pensamento totalmente louco atravessou o espírito de Alan Pangborn: “Ele não os vê! Ele não se lembra do que escreveu nas paredes do apartamento e, neste momento, ele não os está a ver! Ele não sabe que eles estão ali!”

Foi então que, repentinamente, Alan se apercebeu de que Stark estava a olhar para ele, perscrutando-o com aquele olhar inexpressivo e esfarelado.

— Porque é que está a olhar para mim? — perguntou Stark.

— Quero certificar-me de que não me esqueço de quão realmente feio é — retorquiu Alan. — Talvez, mais tarde, queira contar aos meus netos.

— Se não tem cuidado com o raio dessa sua língua, não terá de se preocupar com os seus netos — replicou Stark.

— Nem um bocadinho. É melhor parar de vez com esse olhar, xerife Alan. Não é lá muito sensato.

Liz atirou a faca sobre a balaustrada da varanda. Foi quando Liz ouviu a faca cair nos arbustos sete metros mais abaixo que começou realmente a chorar.

— Vamos lá para cima — ordenou Stark. — É aí que Thad tem o escritório. Imagino que vais querer a tua máquina de escrever, não vais, velha carcaça?

— Não para este — replicou Thad. — Sabes bem.

Um sorriso aflorou os lábios gretados de Stark.

— Aí sei?

Thad apontou para os lápis alinhados no bolso do casaco.

— Quando quero voltar a entrar em contato com Alexis Machine e Jack Rangely, são estes que eu uso.

Stark parecia estar incongruentemente satisfeito.

— Sim, é verdade, não é? Acho que pensei que, desta vez, ias querer fazer de maneira diferente.

— Sem diferença nenhuma, George.

— Trouxe os meus próprios — afirmou ele. — Três caixas deles. Xerife Alan, importa-se de ser um lindo menino e ir lá fora, ao meu carro, buscá-los? Estão no compartimento das luvas. Nós ficaremos aqui a tomar conta dos bebês. – Stark olhou para Thad, lançou a sua gargalhada irracional e abanou a cabeça: — Seu cão!

— É verdade, George — respondeu Thad, com um ligeiro sorriso. — Sou um cão. E cão velho não aprende truques novos.

— Estás desejoso de meter mãos à obra, não está, velha carcaça? Por muito que digas, uma parte de ti está desejoso de começar. Vejo nos teus olhos. Tu queres fazer.

— Sim — respondeu Thad simplesmente, e Alan teve a impressão de que ele não estava a mentir.

— Alexis Machine — disse Stark, com os olhos amarelos a brilharem.

— Exatamente — retorquiu Thad, agora com os próprios olhos também a brilharem. – "Corta-o enquanto fico aqui e observo".

— Nem mais! — exclamou Stark, começando a rir-se às gargalhadas. – "Quero ver correr sangue. Não me obrigues a dizer-te duas vezes."

Neste momento, começaram os dois a rir às gargalhadas.

Liz passou o olhar de Thad para Stark e depois de novo para o seu marido, tendo ficado pálida como a cal da parede porque não conseguia apontar qualquer diferença.

De repente, à beira do precipício pareceu estar mais próxima do que nunca.

Alan saiu para ir buscar os lápis. A sua cabeça esteve no interior do carro apenas por um breve instante, mas esse instante pareceu-lhe muito mais longo do que isso. Assim, ficou muito satisfeito por sair de lá de dentro. O carro tinha um cheiro sombrio e desagradável que fê-lo sentir-se ligeiramente tonto. Remexer no Toronado de Stark à procura de uma coisa era como enfiar a cabeça num sótão onde alguém despejara uma garrafa de clorofórmio.

“Se é este o odor dos sonhos”, pensou Alan, “nunca mais quero ter nenhum.”

Por um instante, Alan permaneceu postado ao lado do carro preto, com as caixas de lápis Berol nas mãos, a olhar para a entrada.

Os pardais tinham chegado.

A entrada estava a desaparecer por debaixo de um tapete de pardais. Enquanto observava, outros pássaros foram pousando. E os bosques estavam cobertos deles. Os pássaros limitavam-se a pousar e a fitarem-no, num silêncio sinistro, como um autêntico enigma vivo.

“Eles vem à tua procura, George”, pensou, começando a dirigir-se de novo para a casa. A meio caminho, estacou repentinamente quando uma idéia desagradável lhe ocorreu: “Ou será que vem à nossa procura?”

Durante um longo momento, Alan ficou a olhar os pássaros. Porém, estes não contaram segredos, e Alan entrou em casa.

— Lá para cima — ordenou Stark. — Vá à frente, xerife Alan. Vá até ao fundo do quarto dos hóspedes. Aí, encontrará encostado à parede um armário de vidro repleto de fotografias e pisa-papeis de vidro e lembrançazinhas. Quando fizer força contra o lado esquerdo do armário, este rodara para dentro sobre um

eixo central. O escritório de Thad e por detrás dessa parede.

Alan olhou para Thad, que acenou a cabeça.

— Para um homem que nunca aqui esteve – retorquiu Alan — sabe muita coisa sobre esta casa.

— Mas eu já cá estive — respondeu Stark num tom sério. — Já aqui estive muitas vezes, nos meus sonhos.

Dois minutos depois, todos eles estavam reunidos no exterior da porta invulgar do pequeno escritório de Thad. O armário de vidro foi empurrado para dentro, criando duas entradas para o gabinete, separadas pela espessura do armário. Aqui não havia janelas.

“Dá-me uma janela aqui com vista para o lago”, explicara uma vez Thad a Liz, “e não escreverei mais do que duas palavras pois passarei as outras duas horas a contemplar esta vista maravilhosa e a ver os barcos a passar.”

Um candeeiro flexível e uma lâmpada brilhante de halogênio de quartzo lançavam um círculo de luz branca sobre a secretária. Uma cadeira de escritório e uma outra de campismo desdobrável estavam colocadas por detrás da secretária, lado a lado, diante de dois blocos de notas em branco que tinham também sido colocados lado a lado no círculo de luz. Sobre cada um dos blocos de notas, viam-se dois lápis afiados Berol Black Beauty. A máquina de escrever elétrica IBM que, por vezes, Thad aqui utilizara fora desligada da corrente e enfiada a um canto.

O próprio Thad trouxera a cadeira desdobrável do armário do vestíbulo. Neste momento, a sala deixava transparecer uma dualidade que Liz considerava aterradora e extremamente desagradável. De certo modo, tratava-se de uma outra versão da criatura do espelho que ela imaginara ter visto quando, por fim, Thad chegara. Aqui estavam duas cadeiras onde sempre tinha existido apenas uma, aqui estavam dois sítios para escrever, também lado a lado, onde só deveria

existir um. O instrumento de escrita que Liz associava ao ("melhor") eu normal de Thad fora posto de lado e, quando os dois se sentaram, Stark na cadeira de escritório de Thad e Thad na cadeira desdobrável, a desorientação foi total. Liz quase sentiu náuseas.

Cada um segurava um gêmeo no colo.

— Quanto tempo é que ainda temos antes de alguém começar a suspeitar e decidir vir dar uma espreitadela a casa? — perguntou Thad a Alan, que se encontrava postado junto à porta, juntamente com Liz. — Sê honesto e sê o mais exato possível. Tem de acreditar em mim quando vos digo que está é a única oportunidade que temos.

— Thad, olha para ele! — explodiu Liz. — Não consegues ver o que se está a passar com ele? Ele não quer apenas ajuda para escrever um livro! Ele quer roubar-te a vida! Não consegues ver isso?

— Chiu — respondeu. — Eu sei aquilo que ele quer. Creio que o sei desde o início. Esta é a única forma. Eu sei aquilo que estou a fazer. Quanto tempo, Alan?

Alan refletiu com cuidado. Dissera a Sheila que ia tomar um lanchezinho e, como já tinha telefonado, ia levar mais algum tempo até ela começar a ficar nervosa. As coisas talvez tivessem acontecido mais depressa se Norris Ridgewick estivesse por perto.

— Talvez até a minha mulher telefonar a perguntar por mim — respondeu. — Talvez mais. Há muito tempo que ela é mulher de um polícia. Está habituada a esperar durante horas e noites a fio. — Alan não gostou de ouvir-se a si próprio a dizer aquilo. Não era esta a suposta maneira de jogar o jogo, era exatamente da forma oposta.

Os olhos de Thad forçavam-no a isso. Stark não parecia sequer estar a ouvir, pegara no pisa-papeis de ardósia colocado sobre uma pilha desordenada de antigas folhas manuscritas no canto da secretária e estava a brincar com ele.

— Penso que temos ainda umas quatro horas. — De seguida, de modo relutante, acrescentou: — Talvez até toda a noite. Deixei Andy Clutterbuck a secretária e Clut não e propriamente um menino sobredotado. Se alguém desconfiar de alguma coisa, talvez seja aquele Harrison, aquele que o Thad despistou, ou uma outra pessoa que conheço na Esquadra da Polícia Estadual em Oxford. Um tipo chamado Henry Payton.

Thad olhou para Stark.

— Será suficiente?

Os olhos de Stark, jóias cintilantes no cenário em ruínas do seu rosto, estavam distantes, toldados. A mão ligada brincava de forma ausente com o pisa-papeis. Stark pô-lo de volta no lugar e sorriu para Thad.

— O que é que tu achas? Sabes tanto sobre isto quanto eu.

Thad refletiu: "Tanto eu como ele sabemos do que e que estamos a tratar, mas penso que nenhum de nós conseguiria pôr isso em palavras. Escrever não é exatamente aquilo que estamos a fazer aqui. Escrever é apenas um ritual. Estamos aqui a tratar da passagem de uma espécie de testemunho. Uma troca de poder. Ou, mais adequadamente, um negócio: a vida de Liz e dos gêmeos em troca... de quê? De quê, exatamente?"

Todavia, ele sabia de quê, está claro. Seria muito estranho se não soubesse, pois Thad andara a meditar exatamente sobre este assunto há não muitos dias atrás. Era o olho dele que Stark queria — não, exigia. Aquele terceiro olho invulgar que, estando enterrado no seu cérebro, só podia olhar para dentro.

Thad começou a sentir de novo aquela sensação de formigueiro e tentou afastá-la.

"Não vale espreitar, George. Tu tens o poder nas mãos, eu só tenho um bando de pássaros magricelas. Portanto, não vale espreitar."

— Penso que talvez seja — retorquiu Thad. — Só o saberemos quando

acontecer, não e?

— Sim.

— Como um sobe-e-desce, quando uma das extremidades da tábua vai para cima... e a outra extremidade vai para baixo

— Thad, o que é que estás a esconder? O que é que estás a esconder de mim?

Seguiu-se um momento de silêncio elétrico na sala, uma sala que, subitamente, pareceu demasiado pequena para as emoções que giravam dentro dela.

— Posso fazer-te a mesma pergunta — respondeu Thad por fim.

— Não — retorquiu Stark lentamente. — Tenho todas as minhas cartas na mesa. Por isso, diz-me, Thad. — A sua mão fria e apodrecida enroscou-se à volta do pulso de Thad com a força inexorável de uma manápula de aço. — O que é que estás a esconder?

Thad obrigou-se a virar a cabeça e a olhar para dentro dos olhos de Stark. Neste momento, aquela sensação de formigueiro estava espalhada por todo o corpo, embora se mantivesse centrada no buraco na mão.

— Queres fazer este livro ou não? — inquiriu. Pela primeira vez, Liz viu a expressão subjacente do rosto de Stark — não no rosto mas dentro do rosto — alterar-se.

Subitamente, era possível ler-se uma certa incerteza. E medo? Talvez sim, talvez não.

Mas, neste último caso, o medo estava muito próximo, prestes a surgir.

— Não vim até aqui para brincar às casinhas contigo, Thad.

— Então, imagina lá tu — replicou Thad. Liz ouviu um grito sufocado e apercebeu-se de que fora ela própria quem o soltara.

Stark olhou de relance para Liz, virando-se de seguida de novo para Thad.

— Não me provoques, Thad — disse ele severamente. — Não queres de certeza provocar-me, velha carcaça.

Thad soltou uma gargalhada. Era um som frio e desesperado... mas não totalmente desprovido de boa disposição. E isso era o pior de tudo. Não se tratava de um som totalmente desprovido de boa disposição e, nessa gargalhada, Liz ouviu George Stark, tal como vira Thad Beaumont nos olhos de Stark quando este estava a brincar com os bebês.

— Porque não, George? Eu sei aquilo que tenho a perder. Também tudo isso está na mesa. Agora, queres escrever ou queres falar?

Stark refletiu por um longo instante, com o seu olhar inexpressivo e maligno a cobrir o rosto de Thad. De seguida, disse:

— Ah, que se lixe. Vamos lá.

Thad sorriu.

— Porque não?

— Tu e o polícia saiam — ordenou Stark a Liz. — Agora é só entre rapazes. Estamos bastante empenhados.

— Eu levo os bebês — ouviu-se Liz a si própria dizer, tendo Stark rido.

— Isso é muito engraçado, Beth. Sim, sim. Os bebês são o seguro. Como a patilha de proteção numa disquete, não é assim, Thad?

— Mas... — começou Liz.

— Está tudo bem — respondeu Thad. — Eles vão ficar bem. O George toma conta deles enquanto eu começo com isto. Eles gostam dele. Ainda não reparaste?

— Claro que já reparei — respondeu ela numa voz baixa e a transbordar de ódio.

— Não se esqueça de que eles estão aqui conosco — disse Stark para Alan. — Não tire isto da cabeça, xerife Alan. Não se ponha para aí a inventar. Se tentar alguma gracinha, vai ser tal e qual como Jonestown. Vão ter de nos tirar daqui pelos pés. Percebeu?

— Entendido — respondeu Alan.

— E, quando saírem, fechem a porta — Stark virou-se para Thad. — está na hora.

— Exatamente — disse Thad, que agarrou num lápis. Virou-se para Liz e para Alan e, do rosto de Thad Beaumont, os olhos de George Stark fitaram-nos. — Vá lá, vão-se lá embora.

Liz parou a meio das escadas e Alan quase esbarrou com ela. O olhar de Liz atravessava a sala de estar e fixava-se para lá da vidraça na parede.

O mundo era constituído por pássaros. A varanda estava soterrada sob eles, a encosta que descia para o lago tornara-se negra à luz do pôr do Sol, acima do lago, o céu estava escuro, já que mais pássaros se dirigiam em bandos para a casa do lago dos Beaumont, vindos do ocidente.

— Ah, meu Deus — disse Liz.

Alan segurou o braço dela.

— Esteja calada — pediu. — Ele não a pode ouvir.

— Mas o que é...

Alan conduziu-a pelo resto das escadas abaixo, continuando a agarrar com força o braço dela. Quando entraram na cozinha, Alan contou-lhe o resto que o Dr. Pritchard lhe dissera nessa tarde, um pouco mais cedo, há mil anos atrás.

— O que quer isso dizer? — sussurrou ela, com o rosto branco como a cal da parede. — Alan, estou tão assustada.

Pangborn colocou os braços a volta dela e apercebeu-se de que, apesar de ele próprio estar também profundamente assustado, era uma mulher e tanto.

— Não sei — respondeu — mas sei que eles estão aqui ou porque Thad ou porque Stark os chamaram. Tenho a certeza de que foi Thad. Porque ele viu-os de certeza quando aqui chegou. Ele viu-os mas não fez qualquer referência a eles.

— Alan, ele não é o mesmo.

— Eu sei.

— Uma parte dele adora Stark. Uma parte dele adora o lado sombrio de Stark... dele.

— Eu sei.

Juntos, dirigiram-se para a janela junto à mesinha do telefone no vestíbulo e olharam para fora. A entrada estava repleta de pardais, bem como os bosques e o pequeno caminho em redor do barracão onde a 22 continuava trancada. O VW de Rawlie desaparecera debaixo dos pássaros.

No entanto, sobre o Toronado de George Stark, não se via pardal algum. E, em seu redor, havia um círculo nítido de espaço vazio na entrada, como se esta zona estivesse de quarentena.

Com uma pancada suave, um pássaro voou e esbarrou contra a janela. Liz soltou um gritinho. Os outros pássaros mexeram-se com irrequietude — um grande movimento semelhante a uma onda que subiu por toda a colina acima — e, de seguida, ficaram de novo imobilizados.

— Mesmo que eles sejam de Thad — disse ela – ele pode não os utilizar contra Stark.

Alan, uma parte de Thad é louca. Uma parte dele sempre foi louca. Ele... ele gosta disso.

Alan nada respondeu, mas também ele estava ciente desse fato. Ele pressentira isso.

— Tudo isto é tal e qual um pesadelo — continuou Liz.

— Gostava de poder despertar. Gostava de poder despertar e que as coisas continuassem a ser como eram. Não como eram antes de Clawson, como eram antes de Stark.

Alan acenou a cabeça.

Liz olhou para cima, em direção a ele.

— Então, o que é que fazemos agora?

— Fazemos a parte mais difícil — respondeu. — Esperamos.

A tarde pareceu durar para sempre, com a luz a escoar-se lentamente do céu à medida que o Sol se despedia por detrás das montanhas no lado ocidental do lago, as montanhas que se afastavam para ir ao encontro da cordilheira Presidencial da fenda de New Hampshire.

Lá fora, os últimos bandos de pardais chegavam e juntavam-se ao bando principal.

Alan e Liz conseguiam sentir a sua presença sobre o telhado, um túmulo de pardais, embora eles se mantivessem silenciosos. Estavam à espera.

Quando se deslocavam pela sala, as suas cabeças viravam-se à medida que eles andavam, viravam-se como antenas de radar a seguir um sinal. Era ao escritório que eles estavam a prestar atenção e a coisa mais enlouquecedora de todas era que não se ouvia um único som por detrás da porta especial que dava para esse compartimento. Liz não conseguia sequer ouvir os bebês a palrarem e balbuciarem um com o outro. Era sua esperança que eles tivessem adormecido. Contudo, não era possível calar a voz que insistia que Stark tinha morto ambos, e Thad também. Silenciosamente. Com a navalha que transportava consigo.

Liz disse para si mesma que, se algo semelhante a isso acontecesse, os pardais saberiam, os pardais fariam alguma coisa, e isso ajudava, mas só um pouco. Os pardais eram enigma desconhecido a rodear a casa. Só Deus sabia o que eles fariam... ou quando.

Lentamente, o lusco-fusco deu lugar à escuridão total, e foi nessa altura que Alan afirmou, de forma brusca:

— Se isto demorar muito tempo, eles vão trocar de posição, não é? Thad começará a ficar doente... e Stark começará a ficar bem.

Liz ficou tão perplexa que quase deixou cair a chávena de café sem açúcar que estava a segurar.

— Sim, penso que sim.

Um mergulhão chamou desde o lago: um som isolado, dorido e solitário. Alan pensou nos dois no andar de cima, os dois pares de gêmeos, um par descansado, o outro empenhado numa qualquer luta terrível no crepúsculo fundido da sua imaginação una.

Lá fora, os pássaros observavam e esperavam à medida que o crepúsculo avançava.

“A conversa já começou”, pensou Alan. “O fim de Thad está a subir e o fim de Stark está a descer.” Lá em cima, por detrás da porta que criava duas entradas quando estava aberta, a transformação começara.

“Está quase no fim”, pensou Liz. “De uma forma ou de outra.”

E, como se este pensamento tivesse causado o fim, Liz ouviu o vento começar a soprar — um vento estranho e sibilante. Só que o lago permaneceu raso como um prato.

Liz levantou-se, com os olhos arregalados, as mãos a dirigirem-se para a garganta.

Fitou os olhos através da vidraça da parede. “Alan”, tentou ela dizer, mas a voz faltou-lhe.

Não importava.

No andar de cima, ouviu-se um som estranho e peculiarmente sibilante, como uma nota soprada de uma flauta torta. Súbita e estridentemente, Stark gritou:

— Thad? O que é que estás a fazer? O que e que estás a fazer?

Seguiu-se um som curto, semelhante a uma pancada, como a detonação de uma pistola. Um instante depois, Wendy começou a chorar.

E, lá fora, na escuridão profunda, um milhão de pardais começou a agitar as asas, preparando-se para voar.

VINTE E SEIS - OS PARDAIS ESTÃO A VOAR

Quando Liz fechou a porta e deixou os dois homens sozinhos, Thad abriu o bloco de notas e, por um instante, fitou a página em branco. De seguida, pegou num dos lápis Berol afiados.

— Vou começar com o bolo — disse ele a Stark.

— Sim — retorquiu Stark, cujo rosto deixava transparecer uma espécie de ânsia saudosa.

Thad pousou o lápis sobre a página em branco. Este era sempre o melhor instante de todos: exatamente antes do primeiro golpe. Era uma espécie de intervenção cirúrgica e, no final, o doente acabava quase sempre por morrer. Ainda assim, Thad não deixava de o fazer. Thad tinha de o fazer porque ele era feito para isso. E apenas isso.

“Não te esqueças”, pensou ele. “Não te esqueças do que estás a fazer.”

Todavia, uma parte dele — aquela parte que queria realmente escrever Máquina de Aço — protestava.

Thad debruçou-se para a frente e começou a encher o espaço em branco.

MÁQUINA DE AÇO

de George Stark

Primeiro Capítulo: O Casamento

Só muito raramente é que Alexis Machine era excêntrico e, ter um pensamento excêntrico numa situação como esta era algo que nunca lhe acontecera antes. Ainda assim, ocorreu-lhe o seguinte pensamento: De todas as pessoas na Terra — quantas? Cinco mil milhões? — sou a única que, neste preciso momento, se encontra no interior de um bolo de casamento móvel com uma pistola semi-automática Heckler & Koch 223 nas mãos.

Nunca se sentira tão confinado num local. O ar começara a rarear quase logo no início, mas, de qualquer forma, ele não conseguiria respirar mais fundo. A cobertura do Bolo de Tróia era real, mas debaixo dela não existia nada a não ser uma fina camada de um produto de gesso denominado Martex — uma espécie de caixa de cartão de alta categoria. Se enchesse o peito de ar, o noivo e a noiva colocados no topo do terço superior do bolo iriam provavelmente cair. A cobertura iria certamente quebrar-se e...

Thad escreveu durante quase quarenta minutos, aumentando de velocidade à medida que ia avançando, com o seu espírito a encher-se gradualmente dos cheiros e sabores do copo-d'água, que iria terminar com um estampido e tanto. Por fim, pousou o lápis.

Escrevera tudo de uma só vez.

— Dá-me um cigarro — pediu.

Stark franziu o sobrolho.

— Está bem — respondeu.

Havia um maço de Pall Malls na secretária. Com uma sacudidela, Stark

tirou um cigarro para fora e Thad apanhou-o. Após tantos anos, o cigarro causava uma sensação estranha entre os lábios... de alguma forma, parecia demasiado grande. Mas sabia bem. Sabia correto.

Stark acendeu um fósforo e ofereceu-o a Thad, que inalou o fumo bem para dentro.

O fumo corroeu os pulmões na sua antiga forma implacável e absoluta. Apesar de se ter sentido imediatamente tonto, Thad não se importou nada com essa sensação.

"Agora, preciso de uma bebida", pensou. "E se tudo isto terminar comigo ainda vivo e de pé, é a primeira coisa que vou fazer."

— Pensava que tinhas deixado de fumar — afirmou Stark. Thad acenou a cabeça.

— Eu também. O que é que posso dizer, George? Estava enganado.

Thad deu uma outra grande passa no cigarro, lançando o fumo para fora através das narinas. Foi então que virou o bloco de notas em direção a Stark.

— É a tua vez — disse.

Stark debruçou-se sobre o bloco de notas e leu o último parágrafo que Thad escrevera, não havia necessidade alguma de ler mais nada. Os dois sabiam muito bem como continuava a história.

Lá em casa, neste momento, Jack Rangely e Tony Westerman deviam estar na cozinha e Rollick no andar de cima. Todos eles estavam armados com umas Steyr-Aug semiautomáticas, a única metralhadora boa fabricada na América e, mesmo que alguns dos guarda-costas disfarçados de convidados estivessem muito longe, os três seriam capazes de levar a cabo uma tempestade de fogo mais do que adequada para cobrir a sua retirada. "Só quero é sair deste bolo", pensou Machine. "É só isso que peço."

Stark acendeu para si próprio um Pall Mall, pegou num dos seus lápis Berol, abriu o bloco de notas... e fez uma pausa. Olhou para Thad com uma sinceridade desarmada.

— Estou assustado, velha carcaça — confessou.

E, apesar de tudo aquilo que sabia, Thad sentiu uma grande onda de compaixão percorrer o seu corpo. "Assustado. Sim, é evidente que estás", pensou. "Só aqueles que começam da estaca zero — os miúdos — é que não ficam assustados. Os anos passam e as palavras na página não ficam mais escuras... mas o espaço em branco é que fica de certeza mais branco. Assustado? Serias ainda mais louco do que já és se não estivesses assustado."

— Eu sei — retorquiu Thad. — e tu sabes a que é que isso vai dar: a única forma de o fazer é fazê-lo.

Stark assentiu e debruçou-se sobre o bloco de notas. Releu por duas vezes o último parágrafo que Thad escreveu... e foi então que começou a escrever.

As próprias palavras formavam-se com uma lentidão tortuosa no espírito de Thad.

Machine... nunca... imaginara...

Uma pausa longa e, de seguida, numa explosão.

... o que seria sofrer de asma. Contudo, se depois disto, alguém lhe perguntasse...

Uma pausa mais curta.

... ele lembrar-se-ia do trabalho scoretti.

Depois de ler aquilo que acabara de escrever, Stark olhou para Thad de forma incrédula.

Thad acenou a cabeça.

— Faz sentido, George.

Thad passou com os dedos pelo canto da boca, onde sentiu uma ferroada súbita, e verificou que uma ferida nova estava a brotar nesse ponto. Olhou para Stark e viu que uma ferida semelhante desaparecera do canto da boca de Stark. "Está a acontecer. Está mesmo a acontecer."

— Vai em frente, George — disse ele. — Fá-los ver com quantos paus se faz uma canoa.

Mas Stark já se debruçara de novo sobre o bloco de notas e, neste momento, estava a escrever com maior rapidez.

Stark escreveu durante praticamente meia hora e, por fim, com um pequeno grito de satisfação, pousou o lápis.

— Está bom — disse numa voz baixa e triunfante. — está tão bom quanto podia estar.

Thad pegou no bloco de notas e começou a ler — e, ao contrário de Stark, leu tudo.

Aquilo de que estava à procura começou a surgir na terceira página das nove que Stark escrevera.

Machine ouviu o som de alguém a raspar e retesou-se, com as mãos a apertarem a Heckler & Pardal. Foi então que compreendeu o que é que eles estavam a fazer. Os convidados — cerca de duzentos — reunidos em mesas compridas sob a gigantesca tenda de riscas azuis e amarelas, estavam a empurrar os pardais desdobráveis ao longo das tábuas que tinham sido colocadas

para proteger o relvado dos buraquinhos feitos pelos pardais de saltos altos das mulheres. Os convidados estavam a prestar ao bolo de pardais uma maldita homenagem de pé.

"Ele não sabe", pensou Thad. "Escreveu a palavra "pardais" vezes e vezes sem conta e não faz a mais... pequena... idéia."

Por cima da cabeça, Thad escutou-os a mexerem-se, agitados, para a frente e para trás, tendo os gêmeos olhado diversas vezes para cima antes de adormecerem. Portanto, Thad sabia que também eles tinham reparado.

No entanto, George não reparara.

Para George, os pardais não existiam.

Thad voltou ao manuscrito. A palavra começava a insinuar-se com uma freqüência cada vez maior e, no último parágrafo, a expressão inteira começara a aparecer.

Mais tarde, Machine descobriu que os pardais estavam a voar e que Jack Rangely e Lester Rollick eram as únicas pessoas no seu grupo escolhido a dedo que eram realmente pardais de confiança. Todos os outros, pardais com quem voara durante dez anos, estavam metidos naquilo. Pardais. E começaram a voar antes mesmo de Machine ter gritado para dentro do seu pardal-talkie.

— Então? — perguntou Stark quando Thad pousou o manuscrito. — O que é que achas?

— Acho que está bem — respondeu Thad. — Mas já sabias isso, não sabias?

— Sim... mas queria ouvir-te dizê-lo, velha carcaça.

— Acho também que estás com muito melhor aspecto.

O que era verdade. Enquanto estivera perdido no mundo irado e violento de Alexis Machine, George começara a sarar. As feridas estavam a desaparecer. A pele gretada e apodrecida estava a adquirir de novo o tom rosado, as extremidades desta pele nova estavam a passar por cima das feridas saradas, acabando por unirem-se umas com as outras, em certos casos já se tendo fundido. As sobrancelhas, que tinham desaparecido numa amálgama de carne apodrecida, estavam a reaparecer. Os fios de pus que haviam transformado o colarinho da camisa de Stark num empapado feio e amarelado estavam a secar.

Thad levantou a mão esquerda e tocou na ferida que estava a começar a romper na própria têmpora esquerda e, por um instante, manteve as pontas dos dedos diante dos seus olhos. Estavam úmidas. Thad tornou a levantar a mão e a passar os dedos pela testa. A pele estava macia. A pequena cicatriz branca, lembrança da operação a que fora submetido no ano em que a sua verdadeira vida tivera início, desaparecera.

Uma extremidade do sobe-e-desce vai para cima, a outra tem de vir para baixo.

Apenas mais uma lei da natureza, querido. Apenas mais uma lei da natureza.

Será que já estava escuro lá fora? Thad estava convencido que deveria estar — escuro ou muito próximo de escuro. Olhou para o relógio, embora este não lhe tivesse dado qualquer tipo de ajuda. Parara às cinco e quinze. O tempo não tinha qualquer importância. Em breve, teria de avançar com aquilo.

Stark esmagou um cigarro no cinzeiro a transbordar.

— Queres continuar ou fazer um intervalo?

— Porque é que não continuas tu? — perguntou Thad. — Penso que és capaz.

— Sim — retorquiu Stark, sem olhar para Thad. De fato, Stark só tinha olhos para as palavras, as palavras, as palavras. Passou uma mão pelo cabelo

louro, que estava a ficar lustroso de novo. — Sim, também penso que sou capaz. Na verdade, eu sei que sou capaz.

Começou a escrevinhar de novo. Quando Thad se levantou da cadeira e se dirigiu para o afia-lápis Stark levantou a cabeça por breves momentos, baixando-a logo de seguida. Thad afiou um dos Berols até ficar com a ponta extremamente afiada. E, ao voltar para a cadeira, tirou do bolso o apito cujo som atraía pássaros que Rawlie lhe dera. Fechou-o na mão e tornou a sentar-se, olhando para o bloco de notas diante de si.

Já estava, chegara a hora. Thad sabia-o tão bem e com tanta verdade quanto conhecia os traços do próprio rosto debaixo da mão. A única questão que ainda faltava saber era se ele tinha ou não coragem para executar o que decidira.

Uma parte dele não queria, uma parte dele ainda ansiava pelo livro. No entanto, Thad ficou surpreendido ao verificar que esse sentimento já não era tão forte quanto o fora quando Liz e Alan tinham deixado o escritório, e ele supunha conhecer a razão desse sentimento. Estava a ocorrer uma separação. Uma espécie de nascimento obsceno. Este deixara de ser o seu livro. Alexis Machine estava com a pessoa que o possuíra desde o início.

Continuando a segurar com força o apito na mão esquerda, Thad debruçou-se sobre o bloco de notas.

"Eu sou aquele que traz", escreveu.

Lá em cima, a movimentação agitada dos pássaros parou. "Eu sou aquele que conhece", escreveu.

O mundo inteiro parecia estar imobilizado, à escuta.

"Eu sou aquele que possui."

Parou e olhou de relance para os filhos a dormir.

“Mais cinco palavras”, pensou. “Apenas mais cinco palavras.”

E Thad apercebeu-se de que a sua vontade de as escrever era mais forte do que nunca.

Thad queria escrever histórias... mas mais do que isso, mais do que as visões encantadas por vezes proporcionadas por aquele terceiro olho, ele queria ser livre.

“Apenas mais cinco palavras.”

Thad levantou a mão esquerda, tendo enfiado o apito na boca como um cigarro.

“Não olhes agora, George. Não olhes agora, não desvies os olhos do mundo que estás a criar. Agora, não. Por favor, Deus, não permitas que ele olhe agora para o mundo das coisas verdadeiras.”

Na folha em branco diante de si, escreveu a palavra “PSICOPOMPOS” em maiúsculas. Fez um círculo à sua volta. Por baixo, desenhou uma seta sob esta última, escreveu: “OS PARDAIS ESTÃO A VOAR.”

Lá fora, o vento começou a soprar — só que não era vento algum, era o agitar de milhões de penas. E estava no interior da cabeça de Thad. Subitamente, aquele terceiro olho abriu-se na mente, abriu-se mais do que nunca, e Thad viu Bergenfield-New Jersey — as casas vazias, as ruas vazias, o ameno céu primaveril. Viu os pardais espalhados por todo o lado, mais do que alguma vez vira em toda a sua vida. O mundo onde ele crescera tornara-se um vasto aviário.

Só que não era Bergenfield.

Era Endsville.

Stark parou de escrever. Com um toque de alarme repentino e atrasado, arregalou os olhos.

Thad respirou fundo e suspirou. O apito que Rawlie lhe oferecera soltou uma nota invulgar e aguda.

— Thad? O que é que estás a fazer? O que é que estás a fazer?

Stark tentou tirar-lhe o apito. Antes de conseguir tocar nele, ouviu-se uma detonação e o apito partiu-se em dois na boca de Thad, cortando-lhe os lábios. O som acordou os gêmeos. Wendy começou a chorar.

Lá fora, o ruge-ruge dos pássaros transformou-se num fragor.

Eles estavam a voar.

Liz lançara-se para as escadas quando ouviu Wendy começar a chorar. Por um instante, Alan manteve-se no mesmo sítio, petrificado com o que via lá fora. A terra, as árvores, o lago, o céu — tinham todos desaparecido sob uma mancha preta. Os pardais levantaram vôo numa grande cortina oscilante, escurecendo a janela de cima a baixo e de um lado a outro.

Quando os primeiros corpos minúsculos começaram a bater no vidro reforçado, a paralisia de Alan quebrou-se.

— Liz! — gritou. — Liz, para baixo!

Mas ela não se iria baixar, o bebê dela estava a chorar e era só naquilo que conseguia pensar.

A correr, Alan atravessou a sala na direção de Liz, empregando aquela velocidade quase estranha que era um segredo só seu, e foi quando a agarrou que toda a vidraça da parede se estilhaçou sob o peso de vinte mil pássaros. Outros vinte mil pássaros seguiram os primeiros, e mais outros vinte mil e mais outros vinte mil. Num instante, a sala de estar ficou repleta deles. Estavam por todo o lado.

Alan lançou-se por cima de Liz e empurrou-a para debaixo do sofá. O mundo estava repleto do chilrear estridente dos pardais. Agora, conseguiam ouvir as outras janelas a partirem-se, todas as outras janelas. A casa chocalhou com as pancadas de minúsculos bombardeiros suicidas. Alan olhou para fora e confrontou-se com um mundo que não passava de uma agitação preto-acastanhada.

Os detectores de fumo começaram a disparar à medida que os pássaros iam esbarrando contra eles. Algures, ouviu-se um estrépito monstruoso quando o aparelho de tv explodiu. Fragor quando os quadros das paredes caíram. Uma série de pancadas surdas quando os pardais foram de encontro aos tachos pendurados na parede junto ao fogão e os deitaram ao chão.

E, ainda assim, Alan conseguia ouvir os bebês a chorar e Liz a gritar.

— Solta-me! Os meus filhos! Deixa-me! TENHO DE IR BUSCAR OS MEUS FILHOS!

Liz contorceu-se, conseguindo libertar parte do corpo de debaixo dele. De imediato, a parte superior do corpo ficou totalmente coberta de pardais, que agarraram o cabelo dela e começaram a bater as asas desalmadamente. Liz tentou enxotá-los com violência.

Alan agarrou nela e empurrou-a para trás. Através do ar endemoninhado da sala de estar, Alan conseguia ver um amplo cordão de pardais a voar escadas acima — em direção ao escritório.

Quando os primeiros pássaros começaram a bater contra a porta secreta, Stark tentou agarrar Thad. Por detrás da parede, este último conseguia ouvir a pancada abafada de pisa-papeis a caírem e o tilintar de vidros a partirem-se. Agora, os dois gêmeos estavam a gemer. Os seus gritos aumentaram, misturados com o chilrear ensurdecedor dos pardais. Juntos, os dois compunham uma espécie de harmonia infernal.

— Pára com isso! — berrou Stark. — Pára com isso, Thad! O que quer que estejas a fazer, pára com isso!

Stark tentou agarrar na pistola, tendo Thad espetado o lápis que estava a segurar na garganta dele.

Num esguicho, sangue jorrou para fora. Stark virou-se para ele, tentando arrancar o lápis com as mãos. Este andava para cima e para baixo enquanto Stark tentava engolir.

Finalmente, conseguiu pôr uma mão em redor do lápis e puxou-o para fora.

— O que é que estás a fazer? — perguntou numa voz rouca. — O que é isto?

Agora, ele já conseguia ouvir os pássaros, apesar de não os compreender, ouvia-os.

Os olhos giraram em direção à porta fechada e, pela primeira vez, Thad viu um terror genuíno estampado naquele rosto.

— Estou a escrever o final, George — respondeu Thad numa voz tão baixa que nem Liz nem Alan ouviram no andar de baixo. — Estou a escrever o final no mundo real.

— Tudo bem — retorquiu Stark. — Vamos, então, escrever o final para todos nós.

Stark virou-se para os gêmeos com o lápis ensangüentado numa mão e a 45 na outra.

A extremidade do sofá estava coberta por uma manta dobrada. Alan ergueu-se para ir apanhá-la, tendo a sua mão sido imediatamente golpeada por aquilo que lhe pareceu ser uma dúzia de agulhas de costura quentes.

— Raios! — gritou, escondendo a mão no mesmo instante.

Liz estava ainda a tentar libertar-se de debaixo dele. Nesta altura, o monstruoso som ruflante parecia encher todo o universo e Alan deixara de ouvir os bebês... mas Liz Beaumont, não. Ela contorceu-se, torceu-se e empurrou. Com a mão esquerda, Alan agarrou com força o colarinho dela e sentiu o tecido rasgar-se.

— Espera um minuto! — bramiu para ela, mas era inútil. Enquanto os filhos dela estivessem a gritar, não havia nada que pudesse dizer que a fizesse parar. Com Annie seria o mesmo. Mais uma vez, Alan tentou levantar a mão direita, desta vez ignorando os bicos de punhal, e agarrou a manta que, ao cair do sofá, se abriu em dobras enredadas. Do quarto principal, ouviu-se uma pancada enorme quando uma peça de mobiliário — talvez a escrivaninha — caiu ao chão. A mente distante e sobrecarregada de Alan tentou imaginar quantos pardais é que teriam sido necessários para derrubar uma escrivaninha.

“Quantos pardais é que são necessários para atarraxar uma lâmpada?”, perguntou a mente dele, enlouquecida. “Três para segurarem na lâmpada e três mil milhões para virarem a casa!” Alan soltou uma gargalhada demente. Foi então que o grande globo suspenso no centro da sala de estar explodiu como uma bomba. Liz gritou e, por um instante, retrocedeu para trás com medo. Nessa altura, Alan conseguiu lançar a manta sobre a cabeça de Liz. Ele próprio escondeu-se debaixo dela. Porém, nem mesmo ali ficaram sozinhos, meia dúzia de pardais permaneceram junto deles. Alan sentiu umas asas penugentas roçarem a face, sentiu uma dor aguda na têmpora esquerda e deu um soco nele próprio através da manta. O pardal caiu para o ombro e, de seguida, de debaixo da manta para o chão.

Alan puxou Liz contra ele, gritando-lhe ao ouvido:

— Vamos andar! Andar, Liz! Debaixo desta manta. Se tentar correr, dou-lhe um murro! Acene com a cabeça se percebeu!

Mais uma vez, ela tentou afastar-se. A manta esticou-se. Por breves instantes, alguns pardais pousaram nesta superfície, deram uns saltinhos como se de um trampolim se tratasse e começaram a voar de novo. Alan tornou a puxá-la contra ele e abanou-a pelo ombro. Abanou-a com força:

— Raios a partam, acene se percebeu!

Quando Liz abanou a cabeça, ele sentiu o cabelo dela fazer-lhe cócegas nas faces. A rastejar, os dois começaram a sair de baixo do sofá. Alan manteve o braço colocado com força em redor dos ombros dela, com medo que fugisse. E, lentamente, começaram os dois a atravessar a sala invadida, por entre as nuvens ágeis e dementes de pássaros a piarem. Assemelhavam-se a um animal mascarado numa feira: um burro dançarino com o João a fazer de cabeça e a Maria a fazer de traseiro.

A sala de estar da casa dos Beaumont era espaçosa, com um teto de pé alto. No entanto, agora, parecia não haver mais ar. Os dois caminharam através de uma atmosfera moldável, agitada e gelatinosa de pássaros.

A mobília partia-se. Os pássaros iam contra as paredes, os tetos e os eletrodomésticos. O mundo inteiro ficara repleto do cheiro a pássaros e com uma ressonância estranha.

Por fim, chegaram às escadas e começaram a subir lentamente sob a manta, que já se encontrava coberta de penas e cagadelas de pássaros. E, ao iniciarem a subida, um estampido de pistola soou vindo de algures do escritório lá em cima.

Neste momento, Alan já conseguia ouvir os gêmeos de novo. Eles estavam a guinchar.

Às apalpadelas, Thad procurou o pisa-papeis com que Stark tinha andado a brincar pela secretária, enquanto Stark apontava a arma a William. Encontrou-o: era um pedaço pesado de ardósia cinzento-escura, lisa num dos lados. Thad atirou-a sobre o pulso de Stark antes de o grande homem louro atirar, partindo-lhe o osso e empurrando o cano da arma para baixo. Na sala pequena, a detonação foi ensurdecedora. A bala sulcou o chão a dois centímetros do pé esquerdo de William, espalhando lascas pelas pernas do felpudo babygrow azul. Os gêmeos

começaram a guinchar enquanto Thad lutava com Stark, viu os dois com os bracinhos à volta um do outro, num gesto de proteção mutua espontânea.

"João e Maria", pensou Thad, na altura em que Stark espetava um lápis no seu ombro.

Thad gritou com dores e, com força, deu um empurrão a Stark. Este tropeçou na máquina de escrever que fora colocada no canto e caiu para trás, contra a parede.

Tentou passar a pistola para a mão direita... e deixou-a cair.

Nesta altura, o barulho produzido pelos pássaros na porta era semelhante a um trovão... e, lentamente, a porta começou a ceder e a abrir-se sobre o eixo central. Um pardal com uma asa esmagada conseguiu entrar e caiu, em convulsões, no chão.

Stark levou a mão ao bolso de trás... e tirou a navalha. Com os próprios dentes, puxou a lâmina para fora. Os olhos cintilavam de forma demente por cima do aço.

— É isto que queres, velha carcaça? — perguntou, e Thad viu a podridão apossar-se de novo do seu rosto, de uma só vez, como uma carga de tijolos derrubada. — É isto que queres mesmo? Está bem. É isto que vais ter.

A meio das escadas, Liz e Alan estavam parados. Esbarraram contra uma parede de pássaros moldável e suspensa e, pura e simplesmente, não conseguiram avançar mais. O ar estava agitado e sibilante devido aos pardais. Com terror e fúria, Liz gritou.

Os pássaros não se viraram contra eles, não os atacaram, Limitaram-se a atravessar-se no caminho deles. Parecia que todos os pardais no mundo tinham sido atraídos para ali, para o segundo andar da casa dos Beaumont em Castle Rock.

— Baixa-te! — gritou Alan para Liz. — Talvez possamos rastejar por debaixo deles!

Puseram-se os dois de joelhos. A princípio, foi possível avançar, ainda que não fosse muito agradável, deram por si a gatinhar por cima de um tapete de pardais esmagados e ensangüentados com, pelo menos, quarenta e cinco centímetros de altura. No entanto, acabaram por esbarrar de novo contra a mesma parede. Olhando por debaixo da bainha da manta, Alan conseguia vislumbrar uma massa gigantesca e confusa que era impossível de descrever. Os pardais nos degraus superiores estavam a ser esmigalhados.

Camadas e camadas de pardais vivos — mas em breve mortos — permaneciam por cima deles. Mais acima ainda — talvez a um metro de distância das escadas — os pardais voavam numa espécie de zona de trânsito suicida, colidindo e caindo, alguns erguendo-se de novo e voando, outros contorcendo-se sob as massas dos companheiros caídos com patas ou asas partidas. Os pardais não conseguiam planar, recordava-se Alan.

Algures em cima deles, do outro lado desta grotesca barreira viva, um homem gritou.

Liz agarrou Alan, puxando-o para perto de si.

— O que é que podemos fazer? — gritou. — O que é que podemos fazer, Alan?

Ele não lhe deu qualquer resposta. Porque não havia resposta nenhuma a dar. Não havia nada que eles pudessem fazer.

Com a navalha na mão direita, Stark encaminhou-se na direção de Thad. Este recuou em direção à porta do escritório que se ia lentamente deslocando, com os olhos fixos na navalha. Agarrou num outro lápis em cima da secretária.

— Isso não te vai fazer nada bem, velha carcaça — advertiu Stark. —

Não agora. — Foi então que os seus olhos foram atraídos para a porta, que tinha sido totalmente aberta e os pardais desaguavam para dentro do escritório, um rio de pardais... e desaguavam em direção a George Stark.

Num segundo, a sua expressão transformou-se numa expressão de terror... e inteligibilidade.

— Não! — gritou ele, começando a golpear os pardais com a navalha de Alexis Machine. — Não, eu não vou! Eu não vou voltar para trás! Não me podem obrigar!

Com destreza, Stark cortou um dos pardais ao meio, este caiu do ar em dois pedaços esvoaçantes. Stark abriu caminho e rasgou o ar à sua volta.

E foi então que, de repente, Thad compreendeu.

"Eu não vou voltar para trás!"

O que estava a acontecer ali.

Era evidente que os psicopompos tinham ido até ali para servir de escolta a George Stark. A escolta de George Stark de volta a Endsville, de volta para a terra dos mortos.

Thad deixou cair o lápis e recuou, dirigindo-se para junto dos filhos. O ar estava repleto de pardais. Agora, a porta encontrava-se praticamente escancarada, o rio transformara-se numa enchente. Pardais pousaram nos ombros largos de Stark.

Pousaram nos braços, na cabeça. Pardais foram de encontro ao peito, primeiro às dezenas, depois às centenas. Stark tentou abrir caminho por aqui e por ali, numa nuvem de penas caídas e bicos reluzentes e contundentes, tentando retribuir aquilo que lhe estava a acontecer.

Os pássaros cobriram a navalha, o seu perverso brilho prateado

desapareceu, soterrado debaixo das penas que a ela se agarravam.

Thad olhou para os filhos. Estes tinham parado de chorar. Estavam a olhar para cima, para o ar abarrotado e efervescente, com expressões idênticas de espanto e prazer.

Tinham as mãos levantadas, como se quisessem ver se ia chover. Os dedinhos minúsculos estavam esticados. Alguns pardais pousaram sobre eles... e não os picaram.

Mas estavam a picar Stark.

Sangue jorrou do seu rosto em centenas de pontos. Um dos olhos azuis saltou para fora. Um pardal pousou no colarinho da camisa e espetou o bico no buraco feito por Thad com o lápis no pescoço de Stark — o pássaro repetiu a proeza por três vezes, com rapidez, rat-tat-tat, como uma metralhadora, antes da mão às apalpadelas de Stark o agarrar e esmagar como uma peça viva de origami.

Thad agachou-se junto dos gêmeos e, nesse momento, os pássaros começaram também a pousar nele. Não estavam a picar, apenas pousados. E a observarem.

Stark desaparecera. Transformara-se numa estátua viva e contorcida de pássaros. O sangue infiltrava-se por entre as asas e penas aglomeradas. De algures, em baixo, Thad ouviu um som lancinante e esganiçado — era a madeira a ceder.

“Eles conseguiram abrir caminho até a cozinha”, pensou. Por breves instantes, recordou-se dos tubos de gás que alimentavam o fogão, mas esse pensamento era distante e insignificante.

De seguida, Thad começou a ouvir os sons abafados e semelhantes a estalidos da carne fresca de George Stark a ser arrancada dos próprios ossos.

— Eles vieram buscar-te George — ouviu-se a si próprio murmurar. —

Eles vieram buscar-te. Que Deus te ajude .

Alan pressentiu a existência de algum espaço por cima de si e olhou através dos buracos da manta em forma de diamante. Cagadelas de pássaro caíram-lhe sobre as faces, tendo-as ele limpado com as mãos. O poço da escada estava ainda repleto de pássaros, embora o seu número tivesse diminuído. Aparentemente, a maioria daqueles que ainda estavam vivos tinha chegado ao local para onde se dirigia.

— Vamos lá — disse ele para Liz, tendo os dois começado a subir as escadas, de novo sobre o repugnante tapete de pássaros mortos. Tinham conseguido chegar ao patamar do segundo andar quando ouviram Thad gritar:

— Levem-no, então! Levem-no! LEVEM-NO DE VOLTA PARA O INFERNO, QUE É O LUGAR DELE!

E o redemoinho de pássaros transformou-se num furacão.

Stark fez um último esforço para fugir deles. Não havia sítio nenhum para onde ir, sítio nenhum para onde fugir mas, ainda assim, ele tentou. Fazia parte do seu estilo. A coluna de pássaros que o tinha coberto deslocou-se para a frente juntamente com ele, braços gigantescos e tufados cobertos de penas e cabeças e asas levantaram-se, bateram no próprio torso, levantaram-se de novo, e cruzaram-se sobre o peito. Pássaros, alguns feridos, alguns mortos, caíram para o chão e, por um instante, deparou-se a Thad uma visão que o iria assombrar para o resto da vida.

Os pardais estavam a devorar George Stark vivo. Os olhos tinham desaparecido, onde em tempos haviam existido, agora só se viam amplas cavidades escuras. O nariz fora reduzido a uma aba ensangüentada. A testa e a maior parte do cabelo tinham sido arrancados, pondo a descoberto a superfície de muco rameloso da caixa craniana. O colarinho da camisa orlava ainda o

pescoço mas o resto desaparecera. As costelas furavam a pele sob a forma de caroços brancos. Os pássaros tinham-lhe aberto o ventre.

Uma manada de pardais pousou sobre os pés, olhando para cima com uma atenção redobrada, e lutaram pelas tripas à medida que estas iam caindo em pedaços retalhados e gotejantes. E viu ainda mais uma coisa.

Os pardais estavam a tentar levantá-lo no ar. Estavam a tentar... e muito em breve, quando tivessem reduzido o suficiente do seu peso corporal, era exatamente isso que fariam.

— Levem-no, então! — gritou — levem-no! LEVEM-NO DE VOLTA PARA O INFERNO, QUE É O LUGAR DELE!

Os gritos de Stark desapareceram à medida que a garganta se foi desintegrando sob uma centena de bicos perfuradores e cortantes. Pardais aglomeraram-se por debaixo das axilas e, por um segundo, os pés levantaram-se do tapete ensangüentado.

Num gesto selvagem, Stark impeliu os seus braços – o que deles restava — para baixo, para os lados, esmagando dezenas... mas dezenas e dezenas mais vieram preencher os lugares daqueles mortos.

Repentinamente, o som de madeira lascada e estilhaçada à direita de Thad aumentou de volume, tornando-se oco. Olhando nessa direção, viu a madeira da parede leste do escritório desintegrar-se como uma folha de papel. Num segundo, viu milhares e milhares de bicos amarelos a surgirem de uma só vez. Foi então que agarrou os gêmeos e rodou para cima deles, arqueando o corpo para os proteger, deslocando-se com uma graciosidade verdadeira, provavelmente pela única vez na sua vida.

A parede veio abaixo, numa nuvem empoeirada de lascas e serradura. Thad fechou os olhos e apertou os filhos contra si. Não viu mais nada.

Mas Alan Pangborn viu, e Liz também viu.

Quando a nuvem de pássaros sobre eles e em redor deles se dividiu em dois, puxaram a manta para os ombros. Liz começou a caminhar aos tropeções pelo quarto dos hóspedes adentro, em direção à porta aberta do escritório, sendo seguida por Alan.

Por um instante, este último não conseguiu vislumbrar nada do que se estava a passar no interior do escritório, não passava de um borrão castanho-escuro. No entanto, de seguida, distinguiu com clareza uma forma — uma terrível forma almofadada. Era Stark.

Estava coberto de pássaros, a ser comido vivo, e, no entanto, ainda estava vivo.

Mais pássaros surgiram, mais ainda. Alan pensou que o terrível chilrear esganiçado o iria levar à loucura. E foi então que viu o que eles estavam a fazer.

— Alan! — gritou Liz. — Alan, eles estão a levantá-lo!

A coisa que fora George Stark, uma coisa que era agora apenas vagamente humana, foi erguida no ar sobre uma almofada de pardais. Atravessou o escritório, quase caiu e, de seguida, tornou a ser erguida com dificuldade. Aproximou-se do gigantesco buraco orlado de lascas na parede leste do escritório.

Mais pássaros entraram a voar por entre o buraco: aqueles que ainda estavam no quarto de hóspedes precipitaram-se para o escritório.

Carne caiu do esqueleto contorcido de Stark sob a forma de uma chuva macabra. O corpo flutuou através do buraco, com pardais a voarem à sua volta e a arrancarem o último fio de cabelo.

Alan e Liz procuraram libertar-se do tapete de pássaros mortos e entraram no escritório. Thad estava a pôr-se lentamente de pé, com um gêmeo a chorar em cada braço. Liz correu para eles e tirou-os do pai. As mãos

percorreram os corpos deles, em busca de feridas.

— Eles estão bem — assegurou Thad. — Penso que eles estão bem.

Alan dirigiu-se para o buraco irregular na parede do escritório. Olhou lá para fora e viu uma cena saída de um qualquer conto de fadas com bruxas más. O céu estava enegrecido de pássaros e, no entanto, num ponto, estava amarelado, como se um buraco tivesse sido rasgado no tecido da realidade.

Este buraco negro apresentava a forma inconfundível de um homem a debater-se.

Os pássaros levantaram-no mais alto, mais alto, mais alto, até alcançar o topo das árvores, onde pareceu ficar. Alan pensou ter ouvido um grito estridente e inumano proveniente do centro dessa nuvem. De seguida, os pardais começaram a mexer-se de novo. De certa forma, vê-los era como ver um filme visionado de trás para a frente. Fios negros de pardais dispararam para fora de todas as janelas estilhaçadas na casa, afunilaram em direção ao céu, a partir da entrada, das árvores e do tejadilho curvado do Volkswagen de Rawlie.

Todos eles se deslocaram em direção àquela escuridão central.

A mancha em forma de homem começou a mexer-se de novo... sobre as árvores... em direção ao céu negro... e, aí, perdeu-se de vista.

Liz estava sentada a um canto, com os gêmeos ao colo, embalando-os, reconfortando-os, embora nenhum deles parecesse estar particularmente perturbado.

Estavam a olhar alegremente para o seu rosto descomposto e manchado de lágrimas.

Wendy acariciou-a, como que a consolar a mãe. William levantou uma mãozinha, tirou uma pena do cabelo de Liz e observou-a de perto.

— Ele desapareceu — disse Thad, com voz rouca. Reunira-se a Alan junto ao buraco na parede do escritório.

— Sim — confirmou Alan, desatando subitamente a chorar. Alan não se tinha dado conta de que estava à beira das lágrimas, aquilo simplesmente aconteceu.

Thad tentou colocar os braços à sua volta, mas Alan recuou, com as botas a triturarem com um ruído seco uma massa de pássaros mortos.

— Não — disse. — está tudo bem.

Thad pôs-se a olhar de novo pelo buraco irregular, para a noite. Um pardal saiu do escuro e pousou no ombro dele. — Obrigado — disse-lhe Thad. — Obri...

Súbita e traiçoeiramente, o pardal deu-lhe uma bicada, fazendo jorrar um fiozinho de sangue por debaixo do olho.

De seguida, tornou a levantar vôo para se juntar aos seus companheiros.

— Porquê? — inquiriu Liz, a olhar para Thad com perplexidade e admiração. — Porque é que ele fez isso?

Apesar de não ter respondido, Thad acreditava saber a resposta. Acreditava igualmente que Rawlie DeLesseps também a deveria conhecer. Aquilo que acabara de acontecer era suficientemente mágico... mas não fora nenhum conto de fadas. Talvez o último pardal tivesse sido movido por uma força qualquer de que Thad tivesse de ser recordado. Recordado à força.

"Tem cuidado, Thaddeus. Nenhum homem controla os agentes da vida depois da morte. Não por muito tempo — e há sempre um preço a pagar."

— "E que preço é que terei de pagar?", interrogou-se ele de forma fria, rematando de seguida: "E a conta... quando é que vence?"

Mas essa era uma questão para uma outra altura, para um outro dia. E havia este fato — talvez a conta já tivesse sido paga. Talvez ele já estivesse finalmente quite.

— Ele morreu? — perguntou Liz... quase a implorar.

— Sim — respondeu Thad. — Morreu, Liz. à terceira é de vez. O livro fechou-se sobre George Stark. Vamos lá, vamos lá embora daqui.

E foi isso que fizeram.

EPÍLOGO

Nesse dia, apesar de Henry não ter beijado Mary Lou, também não se foi embora sem uma palavra, como o poderia ter feito. Viu-a, suportou a raiva dela e esperou que esta se desvanecesse naquele silêncio paralisante que ele conhecia tão bem. Henry acabara por reconhecer que a maior parte destas mágoas era só dela, não devendo ser partilhada ou até mesmo discutida. Mary Lou sempre dançara melhor quando dançava sozinha.

Por fim, atravessaram o campo e olharam mais uma vez para o teatro onde, há três anos, Evelyn morrera. Não se tratava de uma despedida em grande, mas era o melhor que conseguiam fazer. Henry teve a sensação de que era bastante bom. Henry depositou as bailarinazinhas de papel de Evelyn sobre a erva alta, junto ao alpendre em ruínas, sabendo que, em breve, o vento as levaria. De seguida, ele e Mary Lou, juntos, deixaram o velho sítio pela última vez. Não era bom, mas era o que devia ser feito. O que tinha mesmo de ser feito. Henry não era um homem que acreditava em finais felizes. A pouca serenidade que lhe era dada a conhecer provinha basicamente dessa certeza.

Os Dançarinos Inesperados

de Thaddeus Beaumont

Os sonhos das pessoas — os seus sonhos verdadeiros em oposição àquelas alucinações do sono que podem surgir ou não, conforme a sua vontade — terminam em alturas diferentes. O sonho de Thad Beaumont com George Stark terminou às nove e quinze da noite, em que os psicopompos levaram a sua metade sombria para qualquer que fosse o lugar que lhe tivesse sido destinado.

Terminou com o Toronado preto, aquela tarântula na qual, no seu pesadelo recorrente, ele e George chegavam sempre a esta casa.

Liz e os gêmeos estavam no topo da alameda, onde a casa se fundia com Lake Lane.

Thad e Alan permaneciam junto do carro preto de George Stark, que deixara de ser preto. Agora, com as cagadelas dos pássaros, estava cinzento.

Apesar de não desejar olhar para a casa, Alan não conseguia afastar os olhos dela.

Era um monte de ruínas despedaçadas. A ala leste — o lado do escritório — tivera de suportar o maior peso da destruição, porém, isso não impedia que toda a casa estivesse igualmente em ruínas. Buracos enormes espreitavam por todo o lado. No lado com vistas para o lago, a balaustrada pendia da varanda como uma escada de madeira articulada. Viam-se enormes redemoinhos de pássaros mortos espalhados num círculo à volta da casa. Estavam presos nos rebordos da chaminé, entupiam os algerozes. A Lua já se tinha levantado, produzindo reflexos de luz prateada nos estilhaços de vidro partido. Centelhas daquele mesmo fogo-fátuo bailavam bem fundo nos olhos vidrados dos pardais mortos.

— Tem a certeza que concorda com isto? — perguntou Thad.

Alan acenou a cabeça.

— Estou só a perguntar porque a prova vai ser destruída.

Alan riu-se de forma desabrida:

— Acha que alguém acreditaria que isto constitui uma prova?

— Suponho que não. — Fez uma pausa, dizendo de seguida: — Sabe, houve uma altura em que senti que o Alan gostava mais ou menos de mim. Já

não sinto mais isso. Nada mesmo. Não compreendo. Será que me considera responsável por... tudo isto?

— Estou-me nas tintas — retorquiu Alan. — Acabou. É só isso que me importa, senhor Beaumont. Neste preciso momento, essa e a única coisa no mundo inteiro pela qual dou meio-tostão furado.

Alan viu a mágoa no rosto cansado e atormentado de Thad, e fez um grande esforço.

— Olhe, Thad, foi muita coisa. Muita coisa ao mesmo tempo. Acabei de ver um homem ser levado para o céu por um grupo de pardais. Por favor, está bem?

Thad acenou a cabeça.

— Eu percebo.

"Não, tu não percebes", pensou Alan. "Tu não percebes aquilo que és, e tenho as minhas sérias dúvidas de que alguma vez venhas a perceber. A tua mulher talvez consiga... embora me interrogue se, depois disto tudo, as coisas alguma vez voltarão ao que eram entre os dois, se alguma vez ela irá desejar entender-te, ou ousar amar-te de novo. Os teus filhos, talvez, um dia... mas não tu, Thad. Ficar ao teu lado é como ficar ao lado de uma gruta de onde saiu uma criatura típica de um pesadelo. Agora, apesar de o monstro já ter desaparecido, uma pessoa ainda não gosta de ficar muito próximo do sítio de onde ele surgiu. Porque pode existir um outro. Talvez não, o teu espírito sabe isso, mas as tuas emoções? Elas dançam ao som de uma outra música, não é? Oh, meu Deus. E mesmo que a gruta esteja vazia para sempre, os sonhos estão lá. E as lembranças. Temos, por exemplo, Homer Gamache, espancado até à morte com a prótese do próprio braço. Por causa de ti, Thad. Tudo por causa de ti."

Isto não era justo e uma parte de Alan tinha noção disso. Thad não pedira para ter um gêmeo, ele não destruíra o irmão gêmeo no útero da mãe por pura maldade ("Não estamos aqui a falar de Caim a revoltar-se e a matar Abel com uma pedra", afirmara o Dr. Pritchard). Ele não sabia que gênero de monstro que estava à sua espera quando começou a escrever como George Stark. No entanto,

eles tinham sido gêmeos.

E Alan não conseguia esquecer-se da forma como Stark e Thad tinham rido em conjunto.

Aquela gargalhada louca e demente e o olhar no rosto dos dois. Interrogou-se se Liz iria ser capaz de esquecer.

Levantou-se uma ligeira brisa, levando até ele o mau cheiro do gás LP.

— Vamos deitar fogo a isto — disse de modo abrupto. — Vamos deitar fogo a tudo isto. Não me interessa aquilo que, mais tarde, as pessoas possam vir a pensar. Não há quase vento nenhum, os carros de bombeiros chegarão aqui antes de o fogo se espalhar muito em qualquer direção. Se apanhar parte dos bosques em redor deste lugar, melhor ainda.

— Eu faço-o — disse Thad. — Vá ter lá acima com Liz. Ajude com os gê...

— Vamos fazer isto juntos — corrigiu Alan. — Dê-me as suas meias.

— O quê?

— Ouviu o que eu disse: quero as suas meias.

Alan abriu a porta do Toronado e olhou lá para dentro. Sim, o estratagema habitual, exatamente como pensara. Um tipo machão como George Stark nunca ficaria totalmente satisfeito com uma automática, isso era para os tipos casados e sem coragem, como Thad Beaumont.

Deixando a porta aberta, apoiou-se num só pé e tirou o sapato e meia direitos. Thad observou-o e começou a fazer a mesma coisa. Alan tornou a calçar o sapato e repetiu o processo com o pé esquerdo. Não tinha qualquer intenção de pôr os pés descalços na massa de pássaros mortos, nem por um segundo.

Depois de ter terminado, atou as duas meias de algodão. De seguida, pegou nas de Thad e acrescentou-as à suas. Contornou o carro, dirigindo-se para a traseira do lado do passageiro, esmigalhando ruidosamente os pardais mortos sob os seus sapatos como se estivesse a amarrotar um jornal, e abriu a portinha que resguardava o tanque de combustível do Toronado. Rodou e tirou a tampa, enfiando a possível mecha na garganta do tanque. Quando a tirou de novo cá para fora, estava ensopada. Alan virou-a ao contrário e enfiou a ponta seca no tanque, deixando a ponta úmida a pender contra o lado borrifado de cagadelas do carro. De seguida, virou-se para Thad, que o tinha seguido. Alan rebuscou o bolso da camisa da farda, tirando para fora uma carteira de fósforos. Era o gênero de caixa de fósforos que era oferecida nas tabacarias juntamente com um maço de cigarros. Alan não sabia onde é que tinha arranjado aquela carteira, mas, na capa, tinha um anúncio de um selo para colecionadores. O selo mostrava a imagem de um pássaro.

— Quando o carro começar a andar, pegue fogo às meias — ordenou Alan. — Nem um só momento antes, entendido?

— Sim.

— Vai tudo explodir. A casa vai incendiar-se, seguida pelos tanques de gás nas traseiras. Quando os bombeiros aqui chegarem, vai parecer que o seu amigo perdeu o controle, chocou contra a casa e o carro explodiu. Pelo menos assim espero.

— Está bem.

Alan tornou a andar para trás, contornando o carro

— Que é que se está a passar aí? — perguntou Liz de forma nervosa. — Os bebês estão a ficar com frio!

— Só mais um minuto! — respondeu Thad de volta

Alan penetrou no interior do Toronado de cheiro desagradável, tendo destrancado o travão de mão.

— Espere até começar a andar — relembrou por cima do ombro.

— Sim.

Com o pé, Alan carregou no pedal e regulou a alavancas Harst para ponto morto.

O Toronado começou a andar de imediato.

Alan afastou-se e, por um instante, pensou que Thad não conseguira pôr um fim àquilo... mas foi então que a mecha se incendiou de encontro à traseira do carro no traço brilhante de chama.

O Toronado percorreu lentamente os últimos quatro metros e meio da entrada, saltou sobre a pequena lomba de asfalto que ali havia e, como se estivesse cansado, deslizou até ao pequeno alpendre traseiro. Alan conseguia ainda ler nitidamente o autocolante do pára-choques sob a luz alaranjada da mecha: FILHO DA MÃE PRETENSIOSO.

— Já deixou de ser — murmurou.

— O quê?

— Não interessa. Vamos embora. O carro vai explodir.

Os dois não tinham dado dez passos para trás quando o Toronado se transformou numa bola de fogo. Chamas atingiram a ala leste, picada e estilhaçada, da casa, transformando o buraco na parede do escritório num globo ocular negro e arregalado.

— Vamos embora — disse Alan. — Vamos para o meu carro. Agora que já fizemos o que tínhamos a fazer, temos de dar o alarme. Não há necessidade alguma que toda a gente no lago perca as suas casas por causa disto.

Todavia, Thad deixou-se ficar um pouco mais e Alan deixou-se ficar com

ele. Por debaixo de telhas de cedro, a casa era feita de madeira seca, e estava a pegar fogo rapidamente. As chamas entraram em ebulição no buraco onde se situava o escritório de Thad e, enquanto os dois observavam, algumas folhas de papel foram apanhadas na correnteza que o fogo criara, sendo levadas para cima e para fora.

Com a claridade criada, Alan conseguia ver que as folhas estavam cobertas de palavras escritas à mão. As folhas enrugaram-se, pegaram fogo, queimaram-se e ficaram negras. Voaram para cima, em direção à noite, acima das chamas como um esquadrão enredemoinhado de pássaros negros

Uma vez por cima da correnteza, Alan pensou que brisas mais habituais as iriam apanhar. Apanhá-las e levá-las com elas, talvez até aos antípodas da terra.

"Ótimo", pensou, tendo começado a subir a entrada em direção a Liz e aos bebês, cabisbaixo.

Atrás dele, Thad Beaumont levantou lentamente as mãos e colocou-as sobre o rosto.

E aí permaneceu nessa posição durante muito tempo.

3 de Novembro de 1987 — 1 de Março de 1989

Posfácio

O nome Alexis Machine não é uma criação minha. Os leitores de Dead City, da autoria de Shane Stevens, reconheceram esse nome como sendo o do patrão do crime fictício desse mesmo romance. O nome resumia tão bem a personagem de George Stark e o seu próprio patrão do crime fictício que o adotei para a obra que acabaram de ler... mas também assim procedi como uma homenagem a Stevens, cujos outros romances incluem Rat Pack, By Reason of Insanity e The Anvil Chorus. Estas obras, onde a chamada "mente criminosa" e um estado de psicose irremediável se entrelaçam para criar o seu próprio sistema fechado de mal perfeito, constituem três dos melhores romances já alguma vez escritos sobre o lado sombrio do sonho americano. A sua maneira, são tão notáveis como McTeague, Uma História de São Francisco de Frank Norris ou Sister Carrie de Theodore Dreiser. Recomendo-os sem reservas... mas apenas aos leitores de estômagos fortes e de nervos ainda mais fortes.

O Autor e a Obra

Stephen King, escritor norte-americano, um mestre do suspense, nasceu em 1947, em Portland, no Maine, na costa nordeste dos Estados Unidos da América, o cenário de todas as suas histórias. Apesar da qualificação acadêmica (estudou na Universidade do Maine, Orono), começou por exercer diversas profissões — trabalhava numa lavandaria enquanto escrevia o seu primeiro romance — antes de conseguir um lugar de professor de Inglês, em 1971, na Academia Hampden.

Stephen King é o mais popular autor de literatura do suspense dos EUA, talvez até do mundo, e as suas obras são constantemente adaptadas ao cinema.

O seu primeiro romance, publicado em 1974, Carrie (tradução portuguesa: ... e as Pedras Choveram do Céu) foi adaptado ao cinema dois anos depois por Brian de Palma, com o título original do romance. Da sua já extensa bibliografia, destacamos: “Salem's Lot”. 1975; “The Shining”, 1977 (tradução portuguesa: Shining, a Casa do Horror), romance de onde Stanley Kubriek realizou um filme, Shining em 1980; “Rage”, 1977 (com o nome de Richard Bachman) uma novela; “The Stand”, 1978, romance de onde Nike Garris realizou uma mini-série para a televisão; “O vírus Assassino”, em 1994; “Night Shift”, 1978, contos (tradução portuguesa: Turno da Noite); “The Dead Zone”, 1979 (tradução portuguesa: A Zona Morta), romance de onde David Cronenberg realizou um filme, Zona de Perigo, em 1983; “The Long Walk”, 1979 (com o nome de Richard Bachman); “Firestarter”, 1980 (tradução portuguesa: A Incendiária), romance de onde Mark L. Lester realizou um filme, O Poder do Fogo, em 1983; “Cujo”, 1981, romance de onde Lewis Teague realizou um filme, Cujo, o Novo Símbolo do Terror, em 1985; “Roadwork”, 1981 (com o nome de Richard Bachman), uma novela; “Danse Macabre”, 1981, um ensaio sobre literatura e cinema de terror; “Different Seasons”, 1982, novelas; “The Running Man”, 1982 (com o nome de Richard Bachman), romance de onde Paul-Michael Glaser realizou um filme, O Gladiador, em 1986; “Christine”, 1983, romance de onde John Carpenter realizou um filme, Christine, o Carro Assassino, em 1983; “Pet Sematary”, 1983 (tradução portuguesa: Cemitério das Mascotes), romance de onde Mary Lambert realizou um filme, Cemitério Vivo, em 1989; “Misery” 1983 (tradução portuguesa: Misery), romance de onde Tob Reiner realizou um filme, Misery, o Capítulo Final, em 1990; “The Talisman”, 1984 (com Peter Straub); “Thinner”, 1984 (com o nome de Richard Bachman); “Skeleton Crew”, 1985, contos; “The Eyes of the Dragon”, 1987; “It”, 1987, romance de onde Tommy Lee Wallace realizou um filme, Aquilo, em 1990; “The Tommy knockers”, 1988; “The Dark Tower”, 1988-89; “Dolores Claiborne”, 1992 (tradução portuguesa: Dolores Claiborne), romance de onde Taylor Hackford realizou um filme: Eclipse Total, em 1995.

Stephan King, para além da sua atividade como escritor também escreve argumentos para o cinema, dos quais destacamos: Creepshow, realizado por George A. Romero, em 1982; Children of the Corn, realizado por FritzKiersh, em 1984, com o título Os Filhos da Terra; Cat's Eye, realizado por Lewis Teague, em 1985, com o título A Força do Mal; Silver Bullet, realizado por Daniel Attias, em 1985, com o titulo O Segredo da Bala de Prata; Stand by me, realizado por Bob Reiner, em 198, com o título Conta Comigo; Maximum Overdove, realizado pelo próprio Stephen King, cm 1986, com o título Potência Máxima; Creepshow 2, realizado por Michael Gornick, em 1987; Sleepwalkers, realizado por Maick Garris, em 1942, com o título Sonâmbulos.

FIM

Table of Contents